JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 14 de setembro de 1986 | Ano XCVI — Nº 159 | Preço: Cz$ 6,00

Cordeiro da tortura é o Lobo da psicanálise

O capítulo **Dr Cordeiro** — codinome do médico Amílcar Lobo — faz parte de duas histórias recentes: a da repressão política na ditadura militar e a de duas tradicionais instituições psicanalíticas — a Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Duas histórias com muitas feridas ainda abertas.

Numa entrevista marcada pela emoção — sentida e lembrada —, Amílcar Lobo fala da expiação de um "sentimento de culpa" e tenta explicar sua conivência com a tortura a partir de sua história infantil, admitindo que não estava em perfeitas condições mentais durante seu trabalho na Polícia do Exército (na mesma época, fazia formação na SPRJ).

Enquanto antigos presos políticos confrontam Amílcar Lobo com o sofrimento que tiveram em suas mãos, os psicanalistas Hélio Pellegrino e Helena Besserman Vianna ampliam a história da repressão dentro das duas sociedades que se teriam articulado para conter as denúncias contra o então tenente da PE.

Segundo Hélio Pellegrino, Amílcar Lobo o procurou para um encontro, ocorrido dia 5, com testemunha. No final, o antigo **Dr Cordeiro** contou que, no auge da crise da SPRJ, se encontrou com Leão Cabernite, presidente da entidade e seu ex-analista, que pediu: "Ô Lobo, você não tem algum amigo militar que possa dar uma cana dura nesse Hélio Pellegrino? Esse sujeito é insuportável e anda precisando."

Tempo

No Rio e em Niterói, claro a parcialmente nublado com nevoeiros na região serrana pela manhã. Temperatura estável. **Máx.: 32,6º em Bangu; mín.: 13,7º em Jacarepaguá. Foto do satélite e tempo no mundo, página 34.**

Loteria

Extração 2.285 da Loteria Federal: 1º prêmio — 82.349 (MG); 2º prêmio — 75.882 (SP); 3º — 09.491 (SP); 4º — 69.417 (PR); 5º — 83.241 (SP). **(Pág. 34)**

Sarney nos EUA

Ao fazer um balanço dos cinco dias de viagem, o presidente Sarney previu um aumento dos conflitos internacionais do Brasil, não apenas com os EUA, mas também com outros países desenvolvidos. **(Páginas 38 e 39)**

Greve pára VASP

Comissários de bordo da VASP entraram em greve e provocaram tumulto nos aeroportos do país, sustando viagens e fazendo das estações de embarque salas de longa espera. **(Página 34)**

Dinheiro vivo

Nem mesmo o Plano Cruzado foi capaz de evitar que os clientes de cartões de crédito paguem as mais altas taxas reais de juros cobradas em qualquer parte do mundo. Chegam a 520% por ano. Oficialmente, entretanto, essa taxa não passa dos 5,5% ao mês. **(Página 40)**

DOMINGO

É uma turma capaz de ficar no cinema de meia noite às 6h. Está trazendo de volta à cidade aquela velha mania da Geração Paissandu: assistir ao maior número possível de filmes. Ao contrário do pessoal dos anos 60, porém, os cinéfilos de agora não vêem a arte apenas como fonte de reflexão. Ela pode trazer prazer também. As **gatinhas** adoram François Truffaut e ninguém tem medo de falar mal dos clássicos do Cinema Novo. Basta não gostar deles. É a Geração Estação, Botafogo que se reúne num velho cinema da rua Voluntários da Pátria. Ali, o gosto pelo cinema está sendo redescoberto.

BEspecial

Wagner Carrilho diz em entrevista que continua esperando por Priscila, embora esteja arrasado depois que ela afirmou que não quer mais vê-lo.
De importância crucial na vida do país, os militares são muito pouco estudados, como questiona o norte-americano Alfred Stepan, que procura preencher a lacuna com o livro **Os militares: da abertura à Nova República.**
Cinema: filmes do Festival de Brasília. **Teatro**: mercado cresce no Brasil. **Estante**: a fase gloriosa de Rubem Fonseca. **Música popular**: LP de Madonna dispara nas vendas.

Alemães na favela

Um grupo de técnicos alemães está colaborando com o governo mineiro num projeto de reurbanização das oito favelas mais populosas de Belo Horizonte. **(Página 21)**

Banqueiros duros

O ministro Almir Pazzianotto disse que os banqueiros foram "insaciáveis, no passado recente; muito duros, no presente", ao reconhecer como movimento importante a greve dos bancários, que se defrontou "com um setor muito forte, que são os banqueiros". **(Página 35)**

Pinochet se firma

O atentado contra o general Pinochet não teve êxito, mas liquidou com esperança de uma transição pacífica para a democracia no Chile a curto prazo, fortalecendo a base política do regime. **(Página 28)**

Tecnologia agrícola

Os progressos da tecnologia fizeram com que a produtividade agrícola crescesse mais que a população do planeta, afastando o temor dos especialistas em demografia que diziam na ONU, há sete anos, que os continentes seriam devastados pela fome. **(Página 27**

Foto de Sérgio Pinheiro

Para dar às crianças meios de expressar suas relações familiares, escolas estão abandonando o conceito tradicional dos livros e procurando novas formas de compreensão do mundo. (Pág. 16)

New Gold diz que procura cresceu demais

O diretor-presidente da New Gold Metais Preciosos, Lélis Dutra Moura, confirmou que está com dificuldades para pagar os investidores. Segundo ele, nos últimos tempos, o número de clientes mensais aumentou de 290 para 1 mil e, para atendê-los, a fundidora teve de comprar ouro no mercado e não diretamente nas minas, o que acabou dando um prejuízo de Cz$ 4 milhões.

O dirigente da New Gold, no entanto, promete saldar suas dívidas com os investidores ainda esta semana. Segundo ele, até sexta-feira, chegará um carregamento de 20 quilos de ouro, já encomendado nas regiões de garimpo. Lélis Dutra Moura informou também que pediu um empréstimo ao Banerj para cobrir seus prejuízos.

A New Gold Metais Preciosos Ltda. comercializa, refina e assessora compradores de metais preciosos e semipreciosos. Atua no mercado há cerca de três anos e meio, com escritórios espalhados em vários estados, totalizando 11 filiais. A empresa possui hoje cerca de 3.500 clientes em todo o país. (Página 39)

Sistema financeiro enriquece os "pistolões"

Nenhum empresário punido, dois funcionários do Banco Central demitidos, 41 casos empacados e uma legião de **intermediários** que continua enriquecendo é tudo o que aparece no pantanal das mais de 200 liquidações extrajudiciais de instituições financeiras feitas pelo Banco Central. Um dos casos mais escandalosos, o do Lume, sobrevive há 11 anos.

Nessa trama que enreda dezenas de empresas, quantias assombrosas e manobras de todos os tipos e calibres, sobressaem os **intermediários**, pessoas que valem pelo peso de amigos influentes no governo e que, de fato, lidam com as pendengas. Alguns dos mais conhecidos são os personagens centrais das 28 fitas que o empresário Assis Paim Cunha entregou à Justiça.

Por trás dessas conversas pontilhadas de **jabaculês** e **por foras** está a confusa realidade do sistema financeiro, onde muitas fortunas se multiplicaram no caminho para o buraco final, graças aos meandros da legislação e, principalmente, ao trabalho meticuloso de especialistas no **pistolão** como Maurício Cibulares e Álvaro Armando Leal.

Para o diretor de Fiscalização do Banco Central, José Tupy Caldas de Moura, também personagem das fitas, as irregularidades são difíceis de pilhar, da mesma maneira que é difícil entender por que as liquidações estão povoadas de intermediários. Ele acha, ainda, que o quadro está mudando e dá como exemplo o caso do Banco Auxiliar, que deverá estar resolvido em um ano. (Pág. 36 e **O assassinato da ética**, de Augusto Nunes, no **BEspecial**)

Novo sonho do brasileiro é ser seu patrão

No altar dos sonhos do brasileiro, especialmente da classe média, a casa própria e o carro perderam o lugar de destaque. O maior sonho de 77% dos paulistas e 58% dos cariocas é ter seu próprio negócio. Deixar de ser empregado para se tornar patrão, nem que seja só dele mesmo. Para conseguir isso, quem tem admite até vender a própria casa.

Este é o resultado de uma pesquisa sobre "o sonho do brasileiro", em que foram ouvidas duas mil pessoas de diferentes níveis sociais com mais de 30 anos, no Rio e em São Paulo, concluída na última semana pela Saldiva & Associados Propaganda. E mais: para 8% dos paulistas e 20% dos cariocas, esse sonho já é real.

As motivações dos entrevistados nas duas principais cidades brasileiras são diferentes. Os cariocas buscam principalmente se livrar do relógio e do cartão de ponto. Para os paulistas, é uma questão de poder: eles não querem mais ser mandados por ninguém.

A falência do Estado como empregador, a recessão registrada a partir de 81 e o fato de amigos e parentes dos entrevistados estarem obtendo sucesso nas suas iniciativas são as principais razões apontadas por quem está querendo deixar de ser assalariado. O comércio é a área preferida dessa nova classe: os pré-empresários. (Página 22)

Método japonês tira o medo da matemática

Um método simples, que consta apenas de duas aulas semanais e exercícios servidos em doses homeopáticas, criado há 30 anos em Osaka, no Japão, pelo professor Tooru Kumon, está ajudando a resolver o **trauma matemático** de 1 milhão 400 mil pessoas em todo o mundo e tem 4 mil alunos no Brasil.

A primeira providência dos pais interessados deve ser jogar fora as calculadoras, que estão acabando com o saudável hábito de pensar, recomendam os 100 professores brasileiros do método Kumon. E depois, ter muita paciência. "Não somos um pronto-socorro, mas uma escola de vida", diz o coordenador do método no Brasil, André Korosue. (Pág. 23)

Carioca fica sem proteína de carne e ovo

Os cariocas sofrem com a escassez de proteína animal. Sem carne de boi e de frango, não conseguem consumir ovos, que sumiram do mercado quando se tornaram a melhor e mais barata opção. Cerca de 1 milhão de dúzias de ovos passam por dia pela Ceasa, mas não são suficientes para a demanda do Rio, que só produz 35% dos frangos consumidos no estado.

— Não podemos e nem queremos virar vegetarianos — reclama a fonoaudióloga de escolas do município, Neuza de Oliveira Landgraf, que sexta-feira fazia compras do mês na Sendas-Leblon. Mãe de duas adolescentes e casada com um juiz de direito, dona Neuza diz que acorda às 6h e percorre de quatro a cinco açougues e supermercados para tentar achar carne. (Página 37)

Brasileiro é bom piloto. Por quê?

Por que os brasileiros são ótimos pilotos da Fórmula-1? Para Gordon Murray, o sul-africano projetista da Brabham, "essas coisas não têm lógica". Para Emerson Fittipaldi, Nélson Piquet e Ayrton Senna, isso tem lógica, sim: vem da capacidade de improvisação do próprio povo brasileiro. "O Brasil — dizem eles — tem pilotos de cabeça, de raciocínio rápido." (Pág. 43)

Zico decidiu: pára mas não opera

Zico está bem perto de decidir seu futuro. Se o único caminho para sua volta ao futebol for a cirurgia, vai parar. O golpe, para o torcedor, será grande. Para o clube e as empresas que se reuniram para trazê-lo de volta, será catastrófico. O investimento, de julho do ano passado até agora, foi de Cz$ 17 milhões. O retorno limitou-se a 19 jogos e 10 gols. Cada gol custou mais de dois mil salários mínimos. (Página 44)

Flávio Costa, 80, perdoa erros de 50

Flávio Costa, o primeiro técnico no Brasil a mandar no seu time, atropelando o absolutismo dos antigos diretores de futebol, completa hoje 80 anos. Realizado, ele lembra com alguma saudade o tempo em que os grandes jogadores entravam em campo por prazer e absolve Barbosa e Bigode da derrota na Copa do Mundo de 1950. (Página 45)

Esportes

Coluna do Castello

Nítidas agora as posições de cada um

NÃO se deve presumir que o governo dos Estados Unidos tenha convidado o presidente José Sarney para submetê-lo a pressões ou tentar amaciá-lo com promessas de facilidades com que sair das suas dificuldades atuais. O chefe do governo brasileiro também não deve ser apontado como um estadista ingênuo que fosse a Washington certo de que, falando de potência para potência, impressionasse o governo norte-americano e obtivesse o assentimento dele para suas propostas de tratamento da dívida externa e compreensão para com as medidas que afetam o comércio bilateral.

Aparentemente nada se obteve, de um lado e de outro, nas conversas nos Estados Unidos. Na realidade, porém, o presidente do Brasil não teve constrangimento de usar lá fora a linguagem que usa aqui dentro e dispôs-se a ouvir pessoalmente as restrições e as hipóteses de retaliação que possam decorrer da persistência das posturas brasileiras no relacionamento entre as duas nações. O comportamento sobranceiro do presidente brasileiro pode até não ser realista, mas estimula um certo sentimento de ufania nacionalista e torna explícitos os "riscos políticos" a que aludiu, decorrentes do endurecimento da política norte-americana em relação ao nosso país.

Aparentemente ambos os governos dispõem de condições para manter as respectivas atitudes até que negociações objetivas, a partir das colocações feitas em Washington, abram caminho para um reexame de problemas e de soluções. O governo brasileiro deverá pagar em dia os juros devidos ao Clube de Paris, isto é, os débitos com estabelecimentos oficiais de crédito, e negociar com os bancos privados na medida em que esses tenham interesses em investir no Brasil e confiança no desempenho da atual administração brasileira.

Os Estados Unidos, em compensação, não terão aberta a porta do Gatt para discutir no plano plurinacional definições sobre serviços, que tanta interessam a sua economia, que tem nesse setor a ênfase atual da sua prosperidade. O organismo internacional não será veículo para imposição da implantação de agências bancárias por todo o mundo e de que, vinculado nem disporá de meios para retirar a Índia, o Brasil, a Argentina e até mesmo o MCE da disputa pela prestação de serviços no Terceiro Mundo. A competição continuará a fazer-se em pé de igualdade até que os fatos encaminhem acordos que excluam privilégios decorrentes do status econômico dos senhores do mundo.

Perdura a ameaça norte-americana de retaliar com relação à reserva de mercado da informática e a outras que venham a ser criadas pelo governo brasileiro, como, por exemplo, a da química fina. O presidente José Sarney está convencido, certa ou erradamente, de que pode sustentar a Lei de Informática, aplicando-a sem sectarismo, mas assegurando a incorporação de nova tecnologia ao acervo nacional.

Proveitos houve portanto na visita do presidente Sarney aos Estados Unidos. Suprimidos canais intermediários, Washington e Brasília têm agora noção exata das respectivas posições e farão suas opções de acordo ou de confrontação a partir da capacidade de agressão ou de resistência de que cada um dispõe. Internamente, no Brasil, não foi bom para as relações entre os dois países que se estimulassem aqui sentimentos nacionalistas exacerbados, conseqüência inevitável da transcrição das conversas duras ocorridas em Washington e da frustração brasileira de não encontrar alguma flexibilidade dos Estados Unidos na política de superar a inflação, o subdesenvolvimento e o gravame da dívida externa. Aos problemas continentais do governo do presidente Reagan, podem somar-se outros decorrentes de uma política de dureza que pode ser boa para os Estados Unidos mas que não é boa para o Brasil.

Fazer a cabeça dos juízes

A decisão do TSE de limitar ainda mais a propaganda eleitoral nos veículos de comunicação de massa traduz a persistência de uma mentalidade restritiva, fruto dos vinte anos de ditadura por que passou o país. Os democratas, que comandam o processo de transição, não conseguiram fazer a cabeça dos juízes de modo a que eles passassem a interpretar a lei com mais liberdade e menos apego ao que nelas se contém do espírito autocrático ainda não sufocado.

Resta, no entanto, a esperança de que a verdade eleitoral, como de hábito, suplante as dificuldades de comunicação. A Lei Falcão, feita depois da vitória do MDB em 1974, visando a impedir a repetição do fato, não deteve a erosão do regime e do seu partido, ambos destroçados pela marcha implacável do espírito liberal que reuniu a frustração dos que confiaram inicialmente na luta armada com a mensagem da oposição formal. Dessa confluência resultaram novas vitórias eleitorais por cima da Lei Falcão e a destruição da candidatura do Sr. Paulo Maluf, curiosamente ocorrida com a colaboração do próprio ministro autor da famigerada lei.

Aparentemente, sem que isso importe em agravo aos juízes do TSE, observa-se que a decisão restritiva favoreceu os candidatos do Palácio do Planalto em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Carlos Castello Branco

Carta de eleitor serve de estímulo a Antônio Ermírio

São Paulo — "Senhor. Não tencionava mais votar para as futuras eleições devido aos meus 82 anos. Entretanto, com a sua futura candidatura ao governo do estado, vou substituir o meu velho título de eleitor para votar em Vossa Excelência, último baluarte da democracia e da moral. Respeitosamente, José Namir Sobrinho."

Ao receber, na manhã de 14 de abril desse ano, essa carta de Cafelândia, pequena cidade do interior paulista, o candidato do PTB ao governo de São Paulo, Antônio Ermírio de Moraes, sentiu-se fortalecido para continuar numa campanha que chegou a cogitar de abandonar. "Como posso recuar depois de uma carta como essa?", perguntou a um assessor, que estava em seu escritório, na sede do grupo Votorantim.

O candidato do PTB recebe uma média de 30 cartas por dia, em geral incentivando sua disposição de tornar-se o hóspede do Palacio dos Bandeirantes nos próximos quatro anos. Quando tem tempo, Ermírio lê as cartas de manhã em seu gabinete, entre telefonemas para assessores e funcionários. Muitas vezes, porém, ele precisa deixar essa tarefa para seu assessor Antônio Melchor, que procura responder todas as cartas.

As cartas que chegam a Ermírio são de natureza mais diversa. Homens, mulheres, profissionais liberais, ex-operários, empregados de suas empresas, empresários e religiosos escrevem para dar incentivo, fazer pedidos e propor sugestões para seu programa de governo.

Uma casinha

Gente como Benedito Roberto Ribeiro, da cidade de Dracena, "de uma família humilde", mas de "grandes conhecimentos políticos", que, sem o menor constrangimento, chega a pedir:"Eu queria construir uma casinha para morar. Não estou lhe pedindo para que me dê uma, mas se o senhor puder me ajudar, muito eu lhe agradecerei". Na carta, Benedito manda o número de sua conta no Banco do Brasil.

Há também cartas dramáticas, que começam com "minha mulher está internada no quarto 541 (o autor não identifica o hospital), motivo pelo qual é daqui que escrevo". O engenheiro civil Adolpho Fernandes, de Pindamonhangaba, deseja fazer uma sugestão considerada por ele como inédita:

"Em cinco minutos (cinco minutos mesmo!!!) de contacto pessoal poderei expor os pontos básicos da idéia. Talvez seja possível por telefone. O que não é possível é exposição por meio de intermediários. Não gosto de estática na transmissão de assuntos sérios".

Explosões de entusiasmo com o desempenho do candidato na televisão também fazem parte do rol de bilhetes que Ermírio recebe. O recente incidente com o candidato do PDS, Paulo Maluf, minimizado por assessores como apenas "um destempero verbal", foi motivo de vários incentivos. O de Claudionor Rodrigues de Assis, da capital, é exemplar:

"Foi como se um grito há muito contido na garganta de repente saísse alto e forte, e saiu pela sua boca. Tenho certeza que toda e qualquer pessoa deste estado, que seja honesta e bem informada, apóia integralmente suas declarações, estejam ou não dentro do **script** do **marketing** político. Parabéns, Tonhão".

Mas o que mais sensibiliza o candidato do PTB são as cartas de trabalhadores do tipo da de H.S, que, mesmo aposentado, trabalha como vigia de uma fábrica. Ele procura dar dicas a Ermírio de "pontos quentes" em Guarulhos, na Grande São Paulo, para fazer propaganda eleitoral e termina resumindo de forma clara que, por coincidência, ou não, vem ser o mote da campanha do candidato do PTB:

"Chega dos profissionais, donos dos partidos que, de antemão, já repartem entre si os futuros cargos públicos... Eu e minha família estamos engajados nesta revolução da mentalidade política".

Funaro ajudará Jereissati

Fortaleza — O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, vai ao Ceará prestigiar a candidatura do empresário Tasso Jereissati, do PMDB. Funaro disse que não subiria em palanques, mas garantiu que estará presente a pelo menos uma manifestação promovida pelo PMDB em favor da campanha de Jereissati ao governo do estado.

Além do ministro Dilson Funaro, trabalham no governo federal em defesa do candidato do PMDB os ministros João Sayad, do Planejamento, e José Reinaldo Tavares, dos Transportes, sem contar as manifestações de simpatia que Tasso Jereissati recebe do genro do presidente, Jorge Murad.

Há dois meses, desanimado com o quadro eleitoral, Tasso Jereissati foi falar com o presidente no Palácio do Planalto, disse que estava desiludido, mas recebeu incentivo para permanecer na luta: "Siga em frente", afirmou Sarney. O comitê do candidato, depois disso, inundou Fortaleza com um **poster** gigantesco, exibindo a foto de Tasso abraçado a Sarney.

Darcy, Gabeira e Moreira debatem amanhã na Rádio JB

A Rádio JORNAL DO BRASIL, sempre no horário das 10h, iniciará amanhã sua série de debates com os nove candidatos ao governo do Estado do Rio de Janeiro. Nessa primeira etapa vão se defrontar Darcy Ribeiro (PDT), Fernando Gabeira (PT-PV) e Wellington Moreira Franco (Aliança Popular Democrática). Terça-feira será a vez de Agnaldo Timóteo (PDS), Aarão Steinbruch (Aliança Comunitária) e Sinval Palmeira (PSB). E, na quarta-feira, no fecho das apresentações, Américo Camargo (PL), Wagner Cavalcanti (PND) e Elizabeth Ázaro (PSC).

O diretor de Radiojornalismo da RÁDIO JB, Carlos Drumond, explicou que o programa — uma série especial do **Encontro com a Imprensa** — foi estruturado com a preocupação de conceder aos candidatos tempo suficiente para a exposição de suas idéias, o que não aconteceu com os dois debates já realizados pelas duas principais redes de televisão sediadas na capital do estado.

O ouvinte

Como ocorre habitualmente com a série **Encontro com a Imprensa** — o carro-chefe das entrevistas da Rádio JB, apresentado de segunda a sexta-feira das 13 às 14h —, o debate com os candidatos a governador abrirá grandes espaços às perguntas dos ouvintes. Desde sexta-feira, através do telefone 284-5599, a emissora começou a receber perguntas. Já tinha anotadas até ontem cerca de 200.

O primeiro bloco do debate, com mediação dos jornalistas Rogério Coelho Neto, da Editoria de Política do JORNAL DO BRASIL, e Nery Vitor, da Rádio JORNAL DO BRASIL, permitirá aos candidatos a apresentação das suas plataformas de governo. As exposições serão de quatro minutos. Em seguida, os candidatos poderão se questionar entre si, havendo direito a réplica e tréplica.

No segundo bloco, as perguntas serão exclusivamente dos ouvintes. Um sorteio definirá qual o candidato que responderá em primeiro lugar. Esse sorteio será realizado antes do início do programa e servirá de base para todos os blocos. No terceiro bloco, os moderadores poderão dirigir perguntas aos candidatos, mas o maior tempo será destinado ainda aos ouvintes.

Os candidatos deverão chegar à RÁDIO JB às 9h30min de amanhã para acertar detalhes pendentes. No estúdio, durante a apresentação, só poderá entrar um assessor de cada candidato. Nos intervalos, os assessores poderão sair para trocar idéias com outros integrantes das coordenadorias de campanha dos candidatos.

No auditório do JB, no nono andar, ficarão os jornalistas interessados em fazer a cobertura do debate. Eles receberão o som direto do estúdio. O debate poderá ser acompanhado também no centro da cidade: um carro com sistema de som transmitirá o confronto entre Moreira, Darcy e Gabeira para as pessoas que costumam freqüentar a Cinelândia.

Foto de Chiquito Chaves

Moreira, sem jeito, entrou no pagode. Mas não sambou

Madureira muda e PMDB recebe aplauso na rua

O Governador Leonel Brizola deixou Madureira escapar entre os dedos. Foi o que mostrou a longa caminhada de Moreira Franco, candidato da Aliança Popular Democrática, ao Palácio Guanabara, pelo congestionado **calçadão** de Madureira, o grande centro comercial do subúrbio do Rio de Janeiro, onde Brizola conquistou uma devastadora votação eleições de 1982.

"Madureira mudou. O homem prometeu que ia fazer e acontecer e não se viu nada", exlamou o camelô Walter Palmeira, de 35 anos, referindo-se à torrente de promessas de campanha de Brizola. "Dá um banho no Brizola **pra** gente", pediu a Moreira o professor Rosalvo Pereira, de 50 anos. A julgar pela bem-sucedida caminhada de Moreira, só restaram vestígios da liderança de Brizola em Nadureira. Foram esporádicas as manifestações de hostilidade de eleitores a Moreira, e em contraste com o que ocorreu na semana passada na Zona Oeste, outro reduto do PDT, não se ouviram os gritos de "Brizola, Brizola", que amaldiçoaram o então candidato do PDS em 82. "Esse dois aqui são Darcy", disse um brizolista que não quis se identificar, apontando para os dois filhos pequenos, quando foi cumprimentado por Moreira. O candidato do PMDB não deu atenção, ao contrário do que faz habitualmente, quando esbarra em algum **brizolista**, mas o deputado Jorge Leite, do PMDB, retrucou com um sorriso amarelo. "Ah é? Isso é democracia, né?" Quando Moreira seguiu em frente, o eleitor justificou seu voto no PDT. "O Moreira vive pulando de galho em galho, parece uma galinha. Do PMDB para o PDS, do PDS para o PMDB", resumiu ele, desconfiado da imprensa. "Moreira não **tá** com nada. Viva Darcy", gritou uma mulher, que também não quis dizer o nome. "Cala a boca", ordenou um cabo eleitoral do PMDB. Moreira foi guiado em seus passos por Jorge Leite, o político mais forte de Madureira, na época em que a região era um inexpugnável feudo político controlado pelo Governador Chagas Freitas. "Por aí não", indicava ele para um obediente Moreira. "Dessa vez eu vou buscar todos os votinhos que eles me roubaram em 82", comentou Jorge Leite, que foi arrastado de roldão pelo vendaval brizolista que assolou Madureira.

Apesar de Moreira dizer que só o seu rival Darcy Ribeiro anda pelas ruas sob a proteção de tropas de choque, ele foi acompanhado à distância em todo o percurso de ontem por **Miguelão** e seus homens, que se encarregam de protegê-lo das brigadas do PDT.

No **calçadão** de Madureira, onde se aglomeravam sete pessoas por metro quadrado, o candidato do PMDB despertou entusiásticas manifestações de apoio. Muitos eleitores disputavam um beijo ou um cumprimento de Moreira. E até entre os camelôs, onde Brizola conserva seu prestígio eleitoral, Moreira colheu promessas de muitos votos. Defronte à estação de Madureira, ele ganhou até uma homenagem de uma animada roda de pagode, com sambas do compositor Almir Guineto. "Quando mataram a gibóia, jararaca deita e rola", cantarolavam. Nesse momento, Jorge Leite sugeriu no ouvido de um deles uma mudança na letra. "Quando mataram Brizola...". Não foi acatado.

Moreira também fez sucesso em uma roda de garis da Comlurb. "Não arranque minha propaganda, não, gente", implorou ele. Era uma referência à velada orientação da Comlurb aos garis para arrancar dos postes os galhardetes de campanha de Moreira. Nenhum deles negou as ordens superiores e houve até quem o tranquilizasse: "Deixa comigo. Fica tranquilo".

PDT explora ausência de Brizola

O PDT decidiu conceder o maior tempo dos seus 22 minutos diários na televisão, no espaço da propaganda eleitoral gratuita que será aberto hoje, ao seu candidato a governador, Darcy Ribeiro. Os três primeiros programas do partido — dois hoje e o outro amanhã bem cedo — serão ocupados por um Darcy Ribeiro agressivo, que apontará para uma cadeira vazia, dizendo: "Ele (o governador Leonel Brizola) deveria estar aqui".

Darcy dedicou o dia todo, ontem, à gravação dos três primeiros programas do PDT para o horário da propaganda eleitoral gratuita do TRE. Seus assessores políticos dividiram-se, por sua vez, entre a análise dos programas de TV, e a preparação de uma visita que o candidato fará hoje à feira nordestina de São Cristóvão. Os ex-secretários de Minas e Energia e de Turismo, José Maurício e Trajano Ribeiro, vão ser os primeiros candidatos à Constituinte a ocuparem o espaço pedetista. Eles tiveram que complementar documentos sem importância para obterem o registro de suas candidaturas no TRE e o partido quer mostrar que os dois nada devem à Justiça Eleitoral e estão em plena campanha.

A ALIANÇA

No espaço da Aliança Popular Democrática, as grandes estrelas serão o candidato a governador Moreira Franco e o senador Nélson Carneiro, cabeça de uma vertente do PMDB para o Senado. Nélson falará 78 segundos, pela manhã e à noite, mostrando como carro chefe de sua campanha as leis sociais que conseguiu aprovar em 35 anos de vida pública, entre elas a do divórcio.

A temática de Morèira será a da união do povo do Rio. A Aliança deposita muitas esperanças também no discurso do professor Afonso Arinos de Melo Franco, que encabeça a vertente de candidatos ao Senado do PFL.

Darcy dará suas primeiras estocadas no governo federal durante os programas que gravou para o horário gratuito do TRE. Moreira, por enquanto, não pretende se deter na defesa do presidente José Sarney e de suas medidas econômicas. Mas fará de uma bateria de críticas ao governador Leonel Brizola o seu carro-chefe de campanha.

Ontem, em Vitória, no Espírito Santo, ao chegar para um comício do PMDB, o presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães, criticou de maneira dura a decisão do TSE que impede a apresentação na televisão, nos horários da propaganda eleitoral gratuita, de políticos, personalidades ou artistas, que não estejam disputando cargos eletivos este ano.

Ulysses prometeu recorrer da decisão, amanhã.

PSB vai à Vila mesmo sem Sinval

Numa alegre passeata com bandinha de música, faixas, cartazes e carros de som, os candidatos do PSB alardearam suas propostas políticas e panfletaram à vontade ontem pela manhã, na Av. 28 de Setembro, Vila Isabel. Embora "acéfala" porque o candidato a governador pelo partido, Sinval Palmeira, não conseguiu chegar a tempo da viagem a Campos, a caminhada do PSB foi salva pela popularidade de suas "estrelas" — Sérgio Cabral, Terezinha Monte e Milton Temer —, que atraíram a atenção dos moradores. Cabral e Terezinha são carnavalescos e Temer é apresentador de TV.

Mas se a receptividade nas calçadas foi boa, embora tímida, na rua a pequena caravana de 30 pessoas e 11 carros só conquistou a irritação dos motoristas, presos num engarrafamento que tomou as duas pistas da 28 de Setembro. No meio da caminhada, um toque de improviso: os candidatos foram obrigados a parar para fazer discursos em frente ao Petisco da Vila (parada fora do roteiro) porque a maioria de seus cabos eleitorais decidiu descansar um pouco no bar, tomando um chopinho gelado.

Os candidatos e seus simpatizantes se concentraram na porta do Hospital Pedro Ernesto, às 9h. A passeata estava marcada para 10h e a expectativa era de que Sinval Palmeira, em viagem pelo município de Campos, chegasse para dar início à caminhada. Após uma hora de espera, o grupo decidiu partir sem o candidato principal, com a bandinha de música à frente e uma fila indiana de carros de som que passava de um lado para outro da avenida.

Mulheres dão sugestões à Constituinte

Belo Horizonte — A proteção dos poderes públicos à família, constituída por uniões de direito ou de fato; a igualdade de direitos entre os filhos concebidos dentro ou fora do casamento legal; a criação de uma rede nacional de creches públicas e de equipamentos sociais de apoio à família foram algumas propostas para a nova Constituição brasileira aprovadas ontem por 400 mulheres mineiras que participaram do Encontro Estadual pelos Direitos da Mulher na Constituinte, realizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Elaboradas pelo Conselho Estadual da Mulher, as propostas se basearam em contribuições de entidades femininas e em reuniões com comunidades de periferia, grupos de trabalhadoras e donas-de-casa de Belo Horizonte e do interior de Minas. As propostas aprovadas serão encaminhadas pelo conselho aos candidatos e aos constituintes eleitos no próximo dia 15 de novembro.

QUEREM MAIS

As mineiras querem que conste no texto constitucional a igualdade entre todos os cidadãos; a obrigatoriedade, pelo Estado, de prestação de assistência integral à saúde da mulher; a definição da maternidade como relevante função social e a colaboração do estado na manutenção das crianças; a obrigatoriedade do ensino gratuito pré-escolar e de primeiro grau; a garantia da educação não diferenciada entre os sexos; a igualdade de direitos entre trabalhadores urbanos e rurais, salvo a aposentadoria do trabalhador rural, aos 25 anos de serviço, com salário integral; a obrigatoriedade de criação e manutenção de creches pelos empregadores, para filhos de seus empregados; o abono da falta ao serviço de homens e mulheres, por motivo de doença de filho menor ou dependente; a garantia à integridade física, moral e psicológica da mulher; e a integração da empregada doméstica como assalariada.

O encontro pediu também que a Constituição assegure o direito à terra para os que nela trabalham; o retorno dos impostos em benefício dos municípios; a liberdade e autonomia sindicais; a extensão do direito de greve a todos os trabalhadores; a proibição de manutenção de relações diplomáticas, comerciais e políticas do Brasil com países que tenham regimes fascistas ou raciais e a obrigatoriedade de aprovação, pelo Congresso Nacional, de empréstimos externos. Nas disposições transitórias, as mulheres mineiras defendem a inclusão da suspensão do pagamento da dívida externa.

Itamar vence debate e Newton termina acuado

José Guilherme Araújo

Belo Horizonte — Os candidatos do Movimento Democrático Progressista, senador Itamar Franco, e do Partido Socialista, Onaldo Janotti, podem se considerar os vencedores do primeiro debate entre os seis postulantes ao governo de Minas, realizado na noite de anteontem, durante duas horas e 40 minutos no estúdio da TV Globo, em Belo Horizonte. Ambos, bem informados sobre a situação do estado, souberam desconcertar o candidato do PMDB, Newton Cardoso. Itamar, com perspicácia. Janotti, com muita ironia.

Na verdade, Newton Cardoso não aproveitou o tempo de que dispunha para apresentar suas propostas de governo, preferindo citar exatamente onze vezes o nome do governador Hélio Garcia, seu maior eleitor, e defender a atual administração estadual. Por vezes, embaraçou-se com os números e mostrou dificuldade ao falar. Além disso, teve de enfrentar não só seu principal adversário, Itamar Franco, mas também Janotti e o candidato do Partido Social Cristão, Vitor Nosseis, que anulavam as exaltações de Cardoso a Garcia com críticas ao governo estadual.

Elegância

Embora contando com o apoio de Nosseis e Janotti na sua disputa com Cardoso, Itamar não teve determinação para detalhar suas propostas de governo, e avançar mais sobre o acuado candidato do PMDB. Teve a seu favor, porém, a apresentação de um diagnóstico da realidade mineira, preparado por seus assessores econômicos, mostrando-se um grande conhecedor dos problemas do estado.

Para o apresentador Joelmir Beting, o debate em Minas foi o melhor entre os três realizados pela Rede Globo até o momento — os dois primeiros foram em São Paulo e no Rio. "Foi um debate elegante e muito proveitoso para o eleitor, pois foram discutidos de fato os problemas de Minas Gerais", comentou Beting.

O candidato do PT, professor Fernando Cabral, foi o grande derrotado, detido ao primarismo de suas análises e propostas. Partiu dele a primeira tentativa de apimentar o debate. "Tá devagar, **né**, telespectador? Pois vamos esquentar um pouquinho..." E perguntou a Itamar Franco se não se sentia constrangido de estar sendo apoiado por uma coligação que reúne desde o ex-governador Francelino Pereira e o ex-ministro dos Transportes, Elizeu Resende, até o PCB.

Era esta uma das perguntas que Itamar Franco torcia para ter de responder. "Há determinados momentos na história em que forças antagônicas se unem, em favor das mudanças. Como ocorreu na Segunda Grande Guerra, entre os aliados, e na eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República. Eu, de minha parte, nunca perdi minha autenticidade no combate ao autoritarismo", disse Itamar, que pregou a moralização administrativa em Minas.

Depois, foi a vez de Onaldo Janotti provocar Newton Cardoso: "sr. Paulo Maluf, digo, Newton Cardoso, disse Janotti, fingindo trocar os nomes, ao abrir a proposta em que pediu a opinião de Cardoso sobre a probidade na vida pública. E comentou: "Quem gasta muito em campanha, ou está usando dinheiro que roubou ou ainda vai roubar". Cardoso embaraçou-se e, tentando devolver a provocação começou sua resposta: "Sr. Ronaldo, digo, Onaldo". E continuou:

— Minha probidade na vida pública é a mesma desde a fundação do MDB, com a polícia atrás da gente...

— Ora, minha pergunta sobre a probidade era em tese, mas já que o senhor prefere levá-la para o seu plano pessoal... — aparteou, com ironia, Janotti.

Itamar Franco ainda provocou Newton Cardoso, mais tarde, com o objetivo de caracterizá-lo como desinformado, indagando sua opinião sobre o plano de equalização fiscal discutido no último Congresso Nacional do PMDB. Cardoso ficou desconceituado e começou a falar sobre o ICM. "É surpreendente que você, que está hoje com o PMDB, ainda que um pouco dividido em Minas, não saiba deste plano aprovado pelo seu próprio partido", provocou Itamar. Cardoso, irritou-se com a maneira pela qual Itamar se referia ao seu partido chamando-o de "o nosso PMDB". Aconselhou então Itamar a não retornar ao partido, após as eleições. "Seu lugar é do lado de lá mesmo", disse.

O grande vencedor em matéria de fluência foi o candidato do Movimento Popular Mineiro, senador Murilo Badaró (PDS), que coerente com suas idéias, eximiu os pecuaristas de qualquer culpa pelo tocante da carne. "O grande vilão nesta história é o governo federal, que não paga", disse. Em termos de propostas objetivas, para levantar a economia mineira, houve apenas uma, unânime entre os seis candidatos: o incentivo à agro-indústria e às micro, pequenas e médias empresas. O candidato do PT, Fernando Cabral, escorregou na discussão econômica e trocou a palavra "locaute", ao referir-se à falta de carne, por "blecaute".

Durval luta para recuperar maioria

Salvador — O governador da Bahia, João Durval, está manobrando para conquistar a adesão de um deputado do PMDB, Almir Araújo, tentando recuperar a maioria na Assembléia Legislativa, perdida no último dia 10, quando o ex-líder do governo Nivaldo Fernandes (PFL) — após conversar com os candidatos da oposição a governador e vice, Waldir Pires e Nilo Coelho — deu o voto decisivo para derrubar o projeto do executivo que permitiria o lançamento no mercado de Cz$ 1 bilhão 250 milhões em Letras do Tesouro da Bahia.

Publicamente, Nivaldo Fernandes, descontente com o lançamento em suas bases eleitoriais de um candidato a deputado estadual pela coligação governista, o que inviabilizou sua candidatura à reeleição, ainda não formalizou seu rompimento com o governo e a adesão ao PMDB. Mas tanto uma coisa quanto outra ficaram acertadas no encontro com Waldir Pires, a quem vai apoiar, segundo confirmou a políticos do PMDB.

Expulsão

Para o governo, Nivaldo Fernandes é um caso perdido. A nota oficial da bancada governista na Assembléia, publicada ontem, afirma que Nivaldo "traiu os seus companheiros do PFL e da coligação que forma a Aliança Democrática Progressista, associando-se ao PC do B, ao PCB e ao PMDB". A bancada sugere ainda ao diretório regional do PFL a expulsão de Nivaldo Fernandes.

O governo agora controla 31 das 63 cadeiras da Assembléia, ficando a oposição com 32. O prejuízo causado com o voto de Nivaldo, que assegurou a maioria para a rejeição do projeto que daria ao governo recursos para obras e serviços de repercussão eleitoral no interior, é irreversível.

Informe JB

VIDA dura a da boemia carioca com o sumiço de produtos de primeira necessidade.

O Bar do Arnaldo, reduto da esquerda etílica de Santa Teresa, resolveu abrir suas portas só de quarta a domingo para racionar a pouca carne que recebe. O bar continua resistindo a pagar ágio e deixa isso bem claro num cartaz afixado na parede: "Porco com ágio não dá torresmo."

Também a tradicional Churrascaria Plataforma, ponto de encontro da boemia equipada com cheque especial, não estava servindo na quarta-feira **t-bone, chuleta, cupim, contrafilé e carneiro**.

Sem frango, saiu do cardápio a canja do Luna Bar, um dos templos do Baixo Leblon.

Do outro lado do túnel, a coisa não está melhor. Evaporaram do cardápio do Petisco da Vila os bolinhos de carne, churrasquinhos no espeto e frango a passarinho e outras especialidades à base de carne ou frango.

□

A sorte dos notívagos é que o choppe continua farto e congelado a Cz$ 4,20 a tulipa.

Ágio na política

Custa 50 mil para candidatos a deputado federal e 30 mil para os candidatos à Assembléia Legislativa a chance de aparecer no horário gratuito da TV, destinado ao PFL.

Os candidatos pagam "contribuição" sem direito a recibo.

Não é para valer

O advogado Wagner Cavalcanti, candidato de um tal de PND ao governo do Rio, está na disputa de mentirinha.

Ele quer aproveitar o espaço publicitário para lançar sua plataforma à presidência da OAB.

Carne paca

O governador Leonel Brizola tem conseguido driblar a crise de falta de carne.

Um amigo do Mato Grosso lhe mandou um estoque razoável de carne de paca.

Slogan

"Penso, logo Ermírio". Este é o mais novo slogan da campanha eleitoral do candidato do PTB ao governo de São Paulo, Antônio Ermírio de Moraes, para ser consumido e divulgado nas camadas médias da sociedade paulista.

A idéia partiu da Salles Interamericana, de propriedade do publicitário Mauro Salles, o coordenador de estratégia da campanha.

Pé no freio

Sai eleição, entra eleição, a Volkswagen costuma emprestar durante o período eleitoral carros aos candidatos cujas bandeiras lhe são simpáticas.

Só que dessa vez a Volks está exigindo que o candidato pague o empréstimo compulsório e o seguro durante os dois meses de campanha.

Feitas as contas, o **presente** custa quase Cz$ 30 mil por um espaço de 60 dias, o que já levou muita gente a recusar o regalo.

Arranhões

Não foi tão amigável assim como se noticiou a separação dos cruzados Chico Lopes e Eduardo Modiano na sociedade que mantinham juntos na Macrométrica, a empresa de análises econômicas.

Publicidade

Apesar da redução de 4,64% do IPI do cigarro, as empresas do setor resolveram continuar de fora do mercado de propaganda.

A abstinência publicitária vale até o Natal.

Anticoncepcionais

O que faz a mulher brasileira para evitar filhos?

Esta questão foi incluída na próxima rodada de pesquisas do IBGE, que atende pelo nome técnico de Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio.

A coleta de informações começa na próxima semana.

Insegurança

O governador Franco Montoro, freqüentemente acusado por seus adversários de insegurança, indecisão e falta de firmeza, não gostou dos **outdoors** que mostravam o rosto de Orestes Quercia e a legenda: Decisão-Firmeza.

Os **outdoors** já sumiram das ruas de São Paulo.

Explosão

Mais uma sugestão que pintou na festa Roubaram o meu peixe, realizada na sexta-feira no Clube Federal por partidários do candidato Fernando Gabeira:

Transformar a Usina Nuclear de Angra dos Reis num grande **Ciep atômico**.

Casa própria

O Supremo Tribunal Federal vai julgar nos próximos dias o caso de 600 mil mutuários que entraram na Justiça contra o BNH.

Até agora os mutuários deram de 2 x 0 no BNH. Venceram em primeira instância (Varas Federais) e segunda instância (Tribunal Federal de Recursos).

O novo som

O prefeito de Campos, Zezé Barbosa, o rei dos votos do norte fluminense, acaba de inventar um engenhoso serviço de som.

Trata-se de uma bicicleta, tipo de triciclo, que carrega um sistema de som igual a de um carro de passeio e que pode trafegar em calçadões e praças.

E com mais uma vantagem: está vacinado contra as normas rígidas do TRE.

Com a bola toda

A julgar pelas manifestações em Washington, Pelé parece não só não ter parado de jogar como, ainda, ter vencido a Copa do Mundo. É de longe a figura mais popular do Brasil no exterior.

No Congresso americano, os guardas pediam autógrafos para os filhos que se iniciam no futebol.

No **lobby** do elegante Willard, há permanentemente estacionado um grupo de caçadores de autógrafos esperando a entrada ou a saída de Edson Arantes do Nascimento.

La Brunet

Luisa Brunet vai reunir, na segunda-feira, integrantes de vários partidos, que vão participar da gravação de um curta-metragem inspirado numa cena que teve como protagonista — na vida real — a própria **top-model**. Ela salvou um grupo de jornalistas que ficaram presos no elevador do prédio onde mora, após entrevistá-la.

A história foi transformada em curta por Betse de Paula — neta do candidato Sinval Palmeira —, que integra o comitê do PSB. O filme será gravado nos estúdios da Artplan, de Roberto Medina, que vem a ser um dos coordenadores da campanha de Moreira Franco, do PMDB. O ator principal — que contracena com Brunet — é Antônio Pedro, do PDT. E Hugo Carvana, atualmente no PT, participa da produção.

□

Luisa Brunet é apartidária.

Lance-Livre

• Apesar de o Tribunal Regional Eleitoral ter impugnado a candidatura ao Senado de Múcio Athayde (PMDB-DF), ele continua na ativa. Enquanto aguarda decisão do Supremo, a quem recorreu, Múcio tem inúmeros cabos eleitorais panfletando em favor de sua eleição em toda a extensão da periferia de Brasília.

• **Ainda antes do dia 15 de novembro será lançado um livreto com as 200 proposições da Famerj para a nova Constituição brasileira. Deve ser um grande auxílio para muitos candidatos à Constituinte que andam por aí sem propostas.**

• Finalmente foi liberado o debate entre os candidatos à Constituinte Cesar Maia e Fernando Carvalho. O programa, que será o primeiro de uma série, irá ao ar hoje às 21 horas pela TV Bandeirantes.

• **Uma pomba da paz seguida do slogan "A esperança está de volta" é a base da campanha preparada pelo proponove, de Pernambuco, para o candidato ao Senado pelo PMDB de Alagoas, Teotônio Vilela Filho, filho do falecido senador da abertura.**

• A Fiocruz vai abrir suas portas hoje para as crianças. Os cientistas de Manguinhos — alguns recentemente reintegrados à Fundação depois de 20 anos de ditadura — foram acionados para ensinar às crianças como se usa um microscópio, como se faz soro de vacinas e o funcionamento através da Física, da ótica e imagem.

• O Perfume — História de um assassino, **de Patrick Suskind, recorde de vendas em 15 países da Europa, será lançado em outubro pela editora Record. Há um mês do seu lançamento já está com 100 mil exemplares vendidos para as livrarias.**

• O Cinema I, na Rua Prado Júnior, foi tomado pelo mofo.

• **Dentro do seu objetivo de fortalecer a campanha do candidato da coligação PDT/PDS no Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola voltará ao Sul no próximo dia 28, quando participará de um congresso estadual de vereadores pedetistas e de um comício conjunto da chamada Aliança Popular.**

• O diretor da Coppe-UFRJ, professor Luiz Pinguelli Rosa, encaminhou um ofício ao reitor Horácio Macedo pedindo a reintegração dos sete professores do Programa de Planejamento Urbano e Regional demitidos em 76 da universidade por razões políticas.

• A questão agrária brasileira **é o tema do seminário que estará acontecendo até o dia 2 de outubro no auditório da secretaria de planejamento do Estado, das 18h30min às 20h30min. A promoção é do Núcleo de Estudos Rurais e da Fundrem.**

• O deputado Alexandre Farah (PDT) apresentou na Assembléia Legislativa indicação do governador Brizola, para que seja mudado o nome do Batalhão da PM, em Barra do Piraí, **de 31 de Março para 1 de Maio**. Argumenta o parlamentar que "31 de Março evoca recordações que não são gratas à imensa maioria do povo brasileiro".

• **É o verdadeiro caos percorrer a Rua Garcia D'Ávila, no seu trecho que vai da Lagoa até a Visconde de Pirajá. Os motoristas estacionam seus carros com a maior tranqüilidade em ambos os lados da rua (já estreita por si) e os opalas e kombis que estão a serviço da H. Stern para carregar clientes param quase no meio da rua.**

• O cientista político Hélio Jaguaribe é o convidado especial do **Debate em Manchete**, às 23h de hoje, com Carlos Alberto Direito e Eurico Figueiredo.

• **Faltam 182 dias para o governador Leonel Brizola deixar o cargo.**

Ancelmo Gois

Para bispo, voto nulo vai crescer

Porto Alegre — O bispo de Cruz Alta, dom Jacob Hilgert, afirmou que a "incidência de votos em branco será fantástica nas eleições de novembro", ao constatar o desinteresse político do povo. Ressaltou que não acredita na intenção do governo em chegar à concretização da reforma agrária, "nem mesmo para a solução dos conflitos de terra".

Ao participar da 9ª Assembléia Regional de Pastoral, que será encerrada hoje em Vila Betânia, na capital gaúcha, reunindo a maioria dos bispos do estado, dom Jacob lembrou a nova estratégia da Igreja, salientando a ação dos leigos na conscientização do povo em questões como reforma agrária, constituinte e planejamento familiar.

Para Werci Nascimento, da Pastoral da Família de Passo Fundo, continuam surgindo entraves jurídicos, políticos e econômicos para a concretização da reforma agrária, apesar de o governo ter posição favorável à sua realização.

No trabalho das pastorais de conscientização da população, são elaboradas cartilhas específicas, como a "Constituinte na Roça", e realizados seminários, que reúnem candidatos à Constituinte de todos os partidos, inclusive do Partido Comunista. Segundo Ana Fagundes, da Pastoral Popular de Novo Hamburgo, a intenção é "orientar o eleitor a discernir e escolher seu candidato de forma consciente".

JORNAL DO BRASIL S A

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949
Caixa Postal 23100 — S. Cristóvão — CEP 20922 — Rio de Janeiro
Telefone — (021) 264-4422
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

Vice-Presidência de Marketing

Vice-Presidente:
Sergio Rego Monteiro

Áreas de Comercialização

Superintendente Comercial:
José Carlos Rodrigues
Superintendente de Vendas:
Luiz Fernando Pinto Veiga
Superintendente Comercial (São Paulo)
Sylvian Mifano
Telefone — (011) 284-8133
Gerente de Vendas (Classificados)
Nelson Souto Maior
Telefone — (021) 264-3714
Classificados por telefone (021) 580-5522

Outras Praças — 8(021) 800-4613 (DDG — Discagem Direta Grátis)

Sucursais:

Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone: (061) 223-5888 — telex: (061) 1 011

São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 15º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone: (011) 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038

Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30000 — B. Horizonte, MG — telefone: (031) 222-3955 — telex: (031) 1 262

R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1 960/Morro Sta. Teresa — CEP 90000 — Porto Alegre, RS — telefone: (0512) 33-3711 (PBX) — telex: (0512) 1 017

Nordeste — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — telex 1 095 — CEP 40000 — Pernambués — Salvador — telefone: (071) 244-3133

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Santa Catarina

Correspondentes no exterior
Buenos Aires, Paris, Roma, Washington, DC

Serviços noticiosos
AFP, Airpress, Ansa, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI.

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times.

Superintendência de Circulação:
Superintendente: Luiz Antonio Caldeira

Atendimento a Assinantes:
Coordenação: Maria Alice Rodrigues
Telefone: (021) 264-5262

Preços das Assinaturas

Rio de Janeiro		
Mensal	Cz$	121,60
Trimestral	Cz$	345,60
Semestral	Cz$	652,80
Minas Gerais — Espírito Santo — São Paulo		
Mensal	Cz$	125,40
Trimestral	Cz$	356,40
Semestral	Cz$	673,20
Brasília		
Trimestral	Cz$	437,40
Semestral	Cz$	826,20
Trimestral (Somente sábado e domingo)	Cz$	156,00
Semestral (Somente sábado e domingo)	Cz$	312,00
Goiânia — Salvador — Florianópolis — Maceió — Curitiba — Porto Alegre — Mato Grosso — Mato Grosso do Sul		
Mensal	Cz$	153,90
Trimestral	Cz$	437,40
Semestral	Cz$	826,20
Recife — Fortaleza — Natal — João Pessoa — São Luís		
Mensal	Cz$	210,00
Trimestral	Cz$	599,40
Semestral	Cz$	1 132,20
Rondônia — Amazonas — Pará		
Mensal	Cz$	292,60
Trimestral	Cz$	831,60
Semestral	Cz$	1 698,30
Entrega postal em todo o território nacional		
Trimestral	Cz$	525,00
Semestral	Cz$	975,00

Atendimento a Bancas e Agentes
Telefone: (021) 264-4740

Preços de Venda Avulsa em Banca

Rio de Janeiro		
Dias úteis	Cz$	4,00
Domingos	Cz$	6,00
M. Gerais/ Espírito Santo/ São Paulo		
Dias úteis	Cz$	4,00
Domingos	Cz$	7,00
DF, GO, SE, AL, BA, MT, MS, PR, SC, RS		
Dias úteis	Cz$	5,00
Domingos	Cz$	8,00
* Com Classificados		
Distrito Federal		
Dias úteis	Cz$	6,00
Domingos	Cz$	9,00
Mato Grosso e Mato Grosso do Sul		
Dias úteis	Cz$	6,00
Domingos	Cz$	10,00
MA, CE, PI, RN, PB, PE		
Dias úteis	Cz$	7,00
Domingos	Cz$	10,00
* Com Classificados		
Pernambuco		
Dias úteis	Cz$	8,00
Domingos	Cz$	12,00
Demais Estados		
Dias úteis	Cz$	10,00
Domingos	Cz$	12,00
Remessa Postal		
Dias úteis	Cz$	4,00
Domingos	Cz$	6,00

Associação de militares não anistiados pede lei que restitua benefícios

Militares não beneficiados, ou beneficiados apenas parcialmente, pelas anistias de 1945, 1961 e 1979 reivindicam a inclusão na próxima Constituição de artigo que repare tal situação, garantindo-lhes "a reintegração no serviço ativo, observadas as normas que tratam de idade-limite ou tempo de permanência no serviço ativo, com direito às promoções, vantagens e recebimentos dos salários, soldos e vencimentos atrasados".

A reivindicação, que inclui a extensão dos direitos aos dependentes dos servidores civis e militares já falecidos, figura em nota distribuída pela Amina (Associação dos Militares Incompletamente e Não Anistiados) e assinada por Sócrates Gonçalves da Silva, José Gutman e Moacyr de Carvalho, respectivamente presidente, secretário e tesoureiro da entidade.

Discriminação

A nota da Amina lembra que os militares que congrega foram contemplados com as anistias de 1945 e de 1961, mas tiveram seus direitos totalmente negados quando da aplicação da primeira e só atendidos parcialmente, e apenas alguns, em 1961.

Segundo a nota da associação, "quando da aplicação da primeira anistia, do Decreto-Lei nº 7474/45, logo após a vitória da democracia na Segunda Guerra Mundial, foram premiados com anistia ampla, geral e irrestrita, com reversão à ativa e promoções aos mais altos postos, todos os participantes do levante integralista de 1938, exatamente os aliados do nazi-fascismo, derrotado em escala mundial, enquanto eram discriminados os militares antifascistas de 1935".

Igual discriminação sofreram, por ocasião da anistia de 1961, segundo a nota, os militares que de 1951 a 1953 foram punidos com exclusão por terem participado de atos públicos e outros em defesa do monopólio estatal do petróleo (campanha do **petróleo é nosso**) e em defesa dos minerais radioativos.

Destaca ainda a Amina que mesmo os militares punidos e não plenamente anistiados, mas que de alguma forma foram contemplados pela anistia de 1961, acabaram prejudicados pelo Decreto-Lei nº 864, de 12 de setembro de 1969, pelo qual os três ministros militares que compuseram a junta que substituiu o presidente Costa e Silva, doente, sustaram os efeitos da anistia de 1961 com base nos Atos Institucionais 5 e 12.

Governador Leonel Brizola (59)

Contradição insanável

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na última quinta-feira, em Brasília, tomou a seguinte decisão, normativa para a presente campanha política, respondendo a uma consulta proveniente de Sergipe:

1). Os partidos políticos não podem, nos programas de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão, incluir outras pessoas que não os candidatos registrados, indicados pela comissão especial como representantes dos respectivos partidos.

2). Em consequência, as autoridades públicas — porque não são candidatos — não podem participar dessa propaganda eleitoral gratuita.

Falcão às gargalhadas: "Meu espírito paira..."

A propósito, transcrevo a seguir, esta matéria publicada na edição de anteontem pelo "Jornal do Brasil", sob a responsabilidade do jornalista Lima de Amorim, contendo declarações do Sr. Armando Falcão, o inconfundível Ministro da Justiça da Ditadura. É oportuno e necessário difundir, amplamente, junto à população brasileira, estes insólitos comentários de um dos maiores energúmenos do autoritarismo, a fim de que a opinião pública do País não esqueça nunca a forma deprimente com que os agentes do mandonismo consideravam o Poder Judiciário, reduzindo juízes e tribunais a simples instrumentos de um Poder, cuja preocupação central era a de manter-se a qualquer preço.

Verifiquem os leitores a sem-cerimônia deste serviçal da Ditadura:

"O espírito da Lei Falcão está mais vivo do que nunca. Paira sobre o TSE."

Depois de dizer isso, o ex-Ministro da Justiça Armando Falcão deu uma estrondosa gargalhada. Ele ficou eufórico com a decisão do tribunal.

"Fez muito bem, porque o Governo não pode perder esta eleição".

Falcão não ficou preocupado com os prejuízos que as normas do TSE vão causar a governadores do PMDB, como Hélio Garcia, ou a ministros influentes, como Antônio Carlos Magalhães, que tenta a todo custo ganhar a eleição na Bahia.

"O governo federal pode perder em todo canto. Só não pode perder aqui no Rio. A eleição do Rio é a mais importante de todas. Aqui é que se esboça a sucessão presidencial".

— O senhor tem algum agente infiltrado no TSE?

Diante da pergunta, Armando Falcão explodiu com outra gargalhada, bem solta.

"Não, mas proibir Leonel Brizola de falar está dentro do meu espírito. Hoje todos vêem que eu agi com eficácia no meu tempo. Que eficácia? O importante era não deixar a oposição falar, mesmo que os nossos também fossem prejudicados. Por que? Porque o governo não pode perder o poder. Se perde é porque não o merece".

"O governo é um conjunto. Deve agir politicamente. Se não estiver agindo, é um omisso. E numa guerra, quem é omisso perde".

"Com todo o devido respeito, não se pode comparar a influência do Dr. Ulysses na campanha de Moreira com a de Brizola em relação à de Darcy Ribeiro. Brizola não pode falar na TV. Que vá para os palanques. Vá subir em caixão de querosene. O governo federal está jogando certíssimo. Não faz mal perder em São Paulo para o Maluf nem em outros estados. Não pode é perder a eleição para o Brizola aqui no Rio".

Frequentemente citado pelo Governador do Rio como integrante de uma "frente perversa" (candidatura Moreira) contra o PDT, junto com o ex-Presidente Geisel, o empresário Roberto Marinho e o "partidão do Giocondo" (PCB), Armando Falcão pediu que sua entrevista terminasse com uma exaltação mais veemente ao TSE.

"Viva o Tribunal Superior Eleitoral", gritou.

* * * * *

Estas declarações contêm um fundo de perversão e de falta de decoro, sem limites. Não surpreendem, vindas de quem vem. O que causa estupor e escandaliza, o que não se pode entender, e muito menos admitir, é que estes conceitos aviltantes, formulados despudoradamente pelo Sr. Armando Falcão, se destinam a aplaudir uma decisão da mais alta Corte da Justiça Eleitoral.

Estamos frente a uma contradição insanável, considerados os fins e objetivos daquela nobre instituição, ainda mais, quando vivemos uma época de reconstrução democrática. Algo nos parece tragicamente equivocado em tudo isso. A impressão que se tem é a mesma que sentiríamos ao ver um ditador invocar a democracia para justificar os seus atos.

Ora, o Sr. Armando Falcão tornou-se, em consequência de seus antecedentes, uma espécie de símbolo da direita, do arbítrio e da opressão; alguém que prestou-se, servilmente, a propor e a executar toda a espécie de medidas cerceadoras dos direitos e liberdades do povo brasileiro. Conquistou, por isso mesmo, um dos lugares mais deprimentes no julgamento de todos os cidadãos honrados e dignos desse País. O que surpreende e causa espanto é que uma decisão do mais alto Tribunal da Justiça Eleitoral, precisamente aquela instituição incumbida de zelar pela realização plena da própria democracia, venha a ser motivo de tão eufóricos aplausos do ex-Ministro da Ditadura.

O que é certo, sem sombra de quaisquer dúvidas, é que não há e não pode haver identificação alguma entre a vida pregressa e a natureza do Sr. Armando Falcão e os elevados propósitos e fins que fundamentam a própria existência da Justiça Eleitoral, como instituição básica do regime democrático.

O parecer do Procurador-Geral Eleitoral, Sr. Sepúlveda Pertence, representante da confiança do Governo Federal junto àquela alta Corte, fornece-nos os indícios que irão nos permitir elucidar e compreender as razões da euforia do ex-Ministro do regime discricionário. Em verdade, suas manifestações festejam as atividades que vêm se desenvolvendo nos meandros e escaninhos do situacionismo que controla o Poder Central.

Os rumores destas últimas semanas vinham anunciando estas e outras medidas casuísticas e cerceadoras da liberdade, que ainda estão por vir. É possível até que intentem uma outra Proconsult, naturalmente mais sofisticada que a sua antecessora, de triste memória.

Agoniza, a chamada Nova República. Torna-se cada vez mais semelhante à sua antecessora.

Como proceder diante desses cerceamentos e restrições gerados, cavilosamente, no ventre do oficialismo federal e acolhidos que foram, numa primeira impressão, pelos juízes integrantes do TSE? Antes de tudo, o acatamento; o respeitável acatamento que todos devemos ao Poder Judiciário e a todas as suas decisões, sem que isto signifique, necessariamente, convencimento e conformidade. Quando nos deparamos com a injustiça, todos os caminhos legais, possíveis e admissíveis, são coerentes e legítimos.

A Justiça Eleitoral é uma justiça política. Os seus fins essenciais não são outros se não os de garantir as franquias democráticas, atuando sempre, como preceitua a boa doutrina, no sentido do alargamento dos espaços democráticos, jamais procurando cerceá-los ou restringi-los.

Mais que como simples cidadão, é na condição de governante eleito que me sinto chocado e perplexo diante desta surpreendente decisão que ameaça impedir os Governadores de ter acesso ao rádio e à televisão. Não me conformo em ver o Poder Público e suas autoridades legítimas, achincalhados, todos os dias, por candidatos ensandecidos e irresponsáveis. Muitos deles, faltando com a verdade de forma despudorada, e outros, até mesmo insultando, impunes, sem que se possa oferecer aquele mínimo de contestação e esclarecimentos que a população necessita para votar conscientemente. Um governante que preza a dignidade de seu cargo, não pode conformar-se em ver a sua autoridade legítima atingida injustamente, sem a correspondente oportunidade de, ao menos, justificar e defender seus atos e posições. Do contrário, perderá as condições que, indispensavelmente, necessita para zelar e defender o interesse público, como é de seu irrecusável dever.

Governador Leonel Brizola

Lei imperfeita dá margem às restrições da propaganda

A lei eleitoral aprovada pelo Congresso em julho passado é ruim, omissa em vários pontos, permite uma série de interpretações e deixa muitas brechas. O julgamento, de certo modo severo, mas real, é do procurador-geral da República, Sepúlveda Pertence, que o emitiu quando o PMDB, em julho, solicitou ao TSE que reconsiderasse a decisão de limitar o número de candidatos por partidos, mesmo em caso de coligações.

Que a lei é omissa não há dúvidas. O próprio Pertence se aproveitou dessa evidência ao recomendar ao TSE providências que deram origem à esdrúxula resolução da última quarta-feira, que só permite a candidatos registrados a utilização dos espaços da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão. Senadores e deputados, de olho na reeleição em grande maioria, não tinham realmente o menor interesse em produzir uma legislação aberta e democrática. Mas a Justiça Eleitoral, se quisesse, poderia abrandar em vez de ampliar as restrições contidas na lei.

As punições

Brandindo resoluções do TSE e leis imperfeitas que saíram do Congresso, este ano, os juízes eleitorais, país afora, interpretam de mil maneiras o que pode e o que não pode na presente campanha política. A margem para que os candidatos driblem as restrições é mínima, porque tudo depende do humor do juiz em determinado dia.

Em São Paulo, o próprio prefeito Jânio Quadros, dentro do seu exotismo, se arvora de juiz. Até o início deste mês ele já aplicou 3 mil 100 multas a políticos que picharam muros, postes, viadutos e paredes de próprios estaduais. O deputado Jair Andreoni, ex-PMDB, ex-PDT — hoje PDS —, candidato à reeleição, é o campeão em número de autuações: já recebeu 378 citações pelo crime de pintar seu nome na cidade inteira.

Na corrida pela sucessão do governador Franco Montoro, o deputado Paulo Maluf, da coligação União Popular que o PDS lidera, é o que maior número de infrações já cometeu. Jânio, que tem na limpeza da capital paulista uma das suas mais obsessivas preocupações, recomendou ao seu secretário Welson Barbosa uma atuação rigorosa contra os pichadores.

Cada inscrição eleitoral que fira as posturas municipais em São Paulo custa Cz$ 3 mil 159. No total, a campanha já rendeu, em multas, um orçamento extra de Cz$ 10 milhões a Jânio.

Em vitória, apenas 10 inquéritos e seis queixas, além de outras seis representações formalizadas pelo TRE, mostram que o político capixaba, de certa forma, vem cumprindo a lei. A mulher do ex-governador Gerson Camata, Rita Camata, que tentará mandato de deputada constituinte, foi alvo de uma representação por abuso do poder econômico. A queixa partiu do pequenino Partido Democrata Cristão (PDC). Rita foi acusada de ter pago propaganda de um quarto de página, proibida por lei, em **A Gazeta**, o principal jornal do Espírito Santo.

A imaginação

Dez inquéritos por violações diversas da lei eleitoral foram abertos no Rio Grande do Sul, enquanto a Secretaria Municipal do Meio Ambiente já puniu candidatos gaúchos, aos mais diferentes cargos, com multas que variam de Cz$ 300,00 a Cz$ 30 mil. Em Salvador, o jornal **Correio da Bahia**, do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, imaginou uma fórmula original para promover a candidatura a governador de Josaphat Marinho: espalhou **outdoors** por toda a cidade, com uma inscrição aparentemente inocente: "O jornal da vitória."

Embutido na mensagem, o **outdoor** baiano mostra um exemplar enrolado do **Correio da Bahia**, com a cobertura da convenção conjunta do PFL-PDS-PTB, os partidos que apóiam Josaphat. No final da notícia, depois de uma foto dos trabalhos convencionais, aparece, de maneira nítida, o nome do candidato de Antônio Carlos.

Em Curitiba, a Polícia Federal já instaurou 30 inquéritos contra candidatos infratores. O PMDB é o recordista de punições no Paraná, aparecendo o PDT em segundo e o PT em terceiro. Em Brasília, que viverá a primeira eleição de sua história, para eleger senadores, deputados federais e deputados estaduais, só quatro inquéritos foram abertos.

Minas aparece com seis inquéritos, todos referentes ao período anterior às convenções partidárias que indicaram os candidatos. Entre os indiciados pela Polícia Federal mineira está o candidato homologado pelo PMDB, Newton Cardoso. O empresário José Geraldo Ribeiro, ex-secretário de Assuntos Especiais do governador Hélio Garcia, candidato à Constituinte, foi indiciado duas vezes.

O casamenteiro

No dia 19 de outubro, em Manaus, 500 namorados vão casar sob a proteção de um único padrinho, o vereador Bianor Garcia, que resolveu se candidatar a deputado estadual pelo PFL. Os casais só terão depois um compromisso com o padrinho: votar nele no dia 15 de novembro. Garcia paga, naturalmente, as custas do casamento: Cz$ 540,00 por casal.

Por infração à legislação em vigor quem sofreu a maior punição até agora foi o empresário Samy Paskin, que teve sua candidatura a deputado estadual suspensa pelo juiz Roberto Wider, em decisão mantida pelo TRE, por colocar faixas em locais proibidos. Paskin foi ainda condenado — ele que se formou em advogado, mas nunca exerceu a profissão — a prestar assistência jurídica gratuita nos presídios do Rio, durante quatro meses, inclusive aos sábados, domingos e feriados.

Em Brasília, desde quinta-feira passada, Paskin espera o julgamento de um recurso que impetrou junto ao TSE. Se perder, começará, então, a trabalhar como advogado, mesmo a contragosto.

Salvador — Foto de Gildo Lima

O prefeito de Salvador, Mário Kertesz, pôs em outdoors *uma campanha para evitar que a propaganda suje demais a cidade*

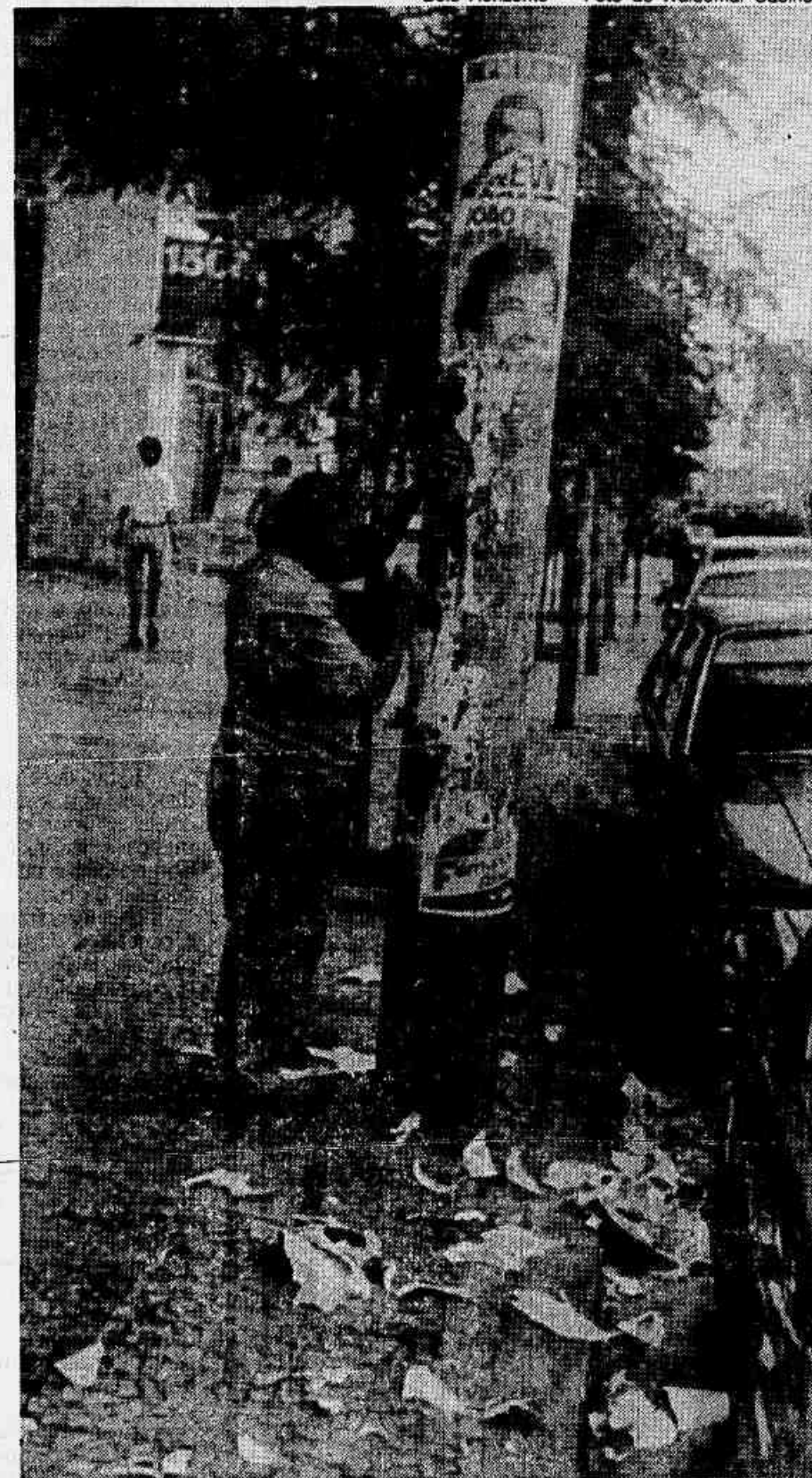
Belo Horizonte — Foto de Waldemar Sabino

João Pinto Ribeiro, o "João do Poste", dá trabalho em Minas

Foto de Dilmar Cavalher

Cartaz de César Maia é retirado. Galhardete de Miro fica

Wider tira placas de César Maia

O ex-secretário de Fazenda do Estado do Rio, César Maia, foi o primeiro candidato fluminense a sair em campnha. No dia 16 de novembro de 1985, confirmada a vitória do senador Roberto Saturnino Braga para a Prefeitura do Rio, Maia inundou a capital e os 64 municípios do interior com placas que chamavam a atenção para o seu nome e o do partido que integra: o PDT.

As placas, que foram afixadas, de preferência, à beira de estradas ou de ruas e avenidas movimentadas, resistiram ao tempo e só saíram de circulação há cinco dias. O juiz eleitoral Roberto Wider, responsável pela propaganda eleitoral no Rio, providenciou a retirada de todas elas na capital. No interior, algumas ainda resistem e isso tem uma explicação: nem todo juiz próibe placas em sua jurisdição.

Processo

Maia era, à época em que as suas placas dominaram a paisagem fluminense e davam a impressão de que o estado poderia viver uma campanha eleitoral aberta, se intitulava candidato a governador pelo PDT, com a ressalva de que só não disputaria a convenção do seu partido, se o vice-governador Darcy Ribeiro se apresentasse como postulante.

Darcy, convidado pelo governador Leonel Brizola, acabou candidato. E Maia, para não perder as placas, anunciou que concorreria a uma cadeira de deputado à Assembléia Nacional Constituinte. Entre a mudança da candidatura de governador para constituinte, o ex-secretário de Fazenda acabou processado pelo TRE por abuso de propaganda. Diante do Tribunal Regional Eleitoral, Maia conseguiu, no entanto, provar que não tinha nada a ver com as placas. Não tinha, em resumo — segundo testemunho que o presidente do TRE, desembargador Fonseca Passos, aceitou — providenciado a confecção ou a colocação delas.

No Estado do Rio, a Justiça Eleitoral age com mais rigor na capital e na cidade de Campos. Na Baixada Fluminense muita coisa proibida no Rio é permitida, como os trios elétricos. O juiz Roberto Wider, do Rio, age sem nenhuma contemplação. Ele é autor de 20 inquéritos diversos que tramitam na Polícia Federal.

O grande caso de Campos teve como vítima o deputado federal Alair Ferreira, dono de uma emissora de televisão e seis de rádio. Acolhendo um recurso do PDT, o juiz da cidade proibiu o deputado de usar, nos intervalos das programações de suas emissoras, a marca de fantasia denominada Organizações Alair Ferreira.

O deputado recorreu ao TSE, depois de assistir à confirmação da decisão campista no TRE, e ganhou a causa. Aumentou com a vitória o número de inserções da sua marca de fantasia na programação da televisão e das rádios, que era de três minutos e agora é vista ou ouvida de dois em dois minutos.

A Justiça Eleitoral de Niterói e São Gonçalo vem admitindo alguma liberalidade na campanha, enquanto a situação nas pequenas cidades do interior apresenta alguns atos de ousadia dos candidatos. Em Teresópolis não existem maiores restrições à colocação de placas e cartazes, o mesmo acontecendo em Nova Friburgo e Petrópolis. A lei, omissa em alguns itens e confusa em outros, permite, como se vê, que juízes de um mesmo estado possam agir com dois pesos e duas medidas.

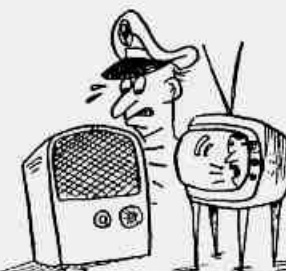
Normas tornam campanha um desafio

É proibida a colocação de faixas em lugares públicos. Mas a legislação não proíbe que os candidatos aluguem aviões para passar com suas faixas pela cidade. Esse tipo de propaganda, entretanto, é caro e pode acabar provocando punição por abuso do poder econômico.

É permitida a utilização de carros de som para a propaganda eleitoral, mas apenas no horário entre 14h e 22h. Os carros não podem ficar estacionados — devem estar sempre circulando — e o som deve ser desligado nas proximidades de escolas, hospitais e quartéis.

A pichação é a forma de propaganda mais combatida pela Justiça Eleitoral. Não é permitido aos candidatos pichar muros, monumentos, paredes de casas ou mesmo o asfalto das ruas. A pichação é responsável pelo maior número de inquéritos e punições a infratores da legislação.

A Justiça Eleitoral permite os debates entre candidatos no rádio e na televisão. Mas exige que todos participem em igualdade de condições. Para resolver problemas técnicos das emissoras, desde que haja acordo, é permitida a divisão dos candidatos em grupos.

É expressamente proibida a colagem de cartazes nos muros e postes da cidade. Para substituir esse tipo de propaganda, a Justiça Eleitoral permite a colocação de galhardetes, que não podem ser colados. Devem ser amarrados com arame, para facilitar a retirada após as eleições.

A propaganda, mesmo subliminar, no rádio e na televisão, é expressamente proibida. Este é um dos itens da legislação mais fiscalizados pela Justiça Eleitoral que, recentemente, tirou do ar duas emissoras de rádio do interior da Bahia por fazerem propaganda de candidato.

O que é permitido

- □ Afixar cartazes ou qualquer tipo de propaganda eleitoral em carros e residências.
- □ Inscrever nome dos candidatos na fachada das sedes partidárias.
- □ Realização de ato político em recinto fechado, sem licença da polícia.
- □ Propaganda paga em jornal, restrita à foto, currículo, partido e número do candidato, no tamanho máximo de 6 X 9 centímetros.
- □ Direito de resposta a quem foi injuriado.
- □ Debates entre os candidatos. Os candidatos majoritários, todos, devem ser convidados; os candidatos proporcionais deverão ser indicados pelos partidos.
- □ Programas gratuitos podem ir ao ar sem censura prévia, mas os responsáveis terão que responder por excessos.

O que é proibido

- □ Utilização de meios publicitários que criem estados mentais, emocionais ou passionais nos eleitores.
- □ Propaganda paga em rádio e televisão
- □ Divulgação de prévia eleitoral ou pesquisas a partir de 25 de outubro. Antes disso as empresas são obrigadas a distribuir os resultados a todos os partidos.
- □ Propaganda paga de órgãos da administração pública que possa ser caracterizada como eleitoral, desde 15 de agosto.
- □ Transmissão de programas — inclusive com a presença de autoridades — que impliquem, direta ou indiretamente, propaganda eleitoral.
- □ Nenhum candidato pode utilizar recursos próprios com despesas eleitorais. Os gastos com propaganda devem ser feitos através dos partidos e comitês.
- □ Despesas com propaganda não podem exceder a quantia previamente comunicada à Justiça Eleitoral pelos partidos, que deverão prestar contas no final da campanha.
- □ Propaganda por alto-falantes em distância inferior a 500 metros das sedes dos executivos dos estados, câmaras legislativas, tribunais, hospitais, escolas, bibliotecas, igrejas e teatros (quando em funcionamento).
- □ Comícios sem comunicação prévia de 24 horas à polícia.
- □ Fixação de cartazes, faixas, luminosos em vias públicas e rodovias, assim como em locais de acesso do público como cinemas, teatros, clubes, lojas, restaurantes, bares, mercados, exposições, estações rodoviárias, estações ferroviárias, metrôs, ginásios, estádios e aeroportos, ou ainda por meio de circuito fechado de som ou imagem. As únicas exceções são os locais previamente destinados a essa finalidade.
- □ Programas de radiodifusão não podem ser ao vivo. Terão que ser gravados e a fita mantida por 20 dias pela emissora.

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Presidente

BERNARD DA COSTA CAMPOS — Diretor

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Executivo

MAURO GUIMARÃES — Diretor

FERNANDO PEDREIRA — Redator Chefe

MARCOS SÁ CORRÊA — Editor

FLÁVIO PINHEIRO — Editor Assistente

JOSÉ SILVEIRA — Secretário Executivo

Comércio sem Ilusões

ENTRE as ondas de choque e as reverberações da visita do Presidente José Sarney a Washington foi possível detectar reações tímidas, assustadas ou até mesmo perplexas com a rude franqueza com que os americanos colocaram seus pontos de vista na mesa. Isso faz parte, sem dúvida alguma, da postura antiga de cliente com que o Brasil se colocava no cenário mundial, mais à procura de um sócio para resolver seus problemas internos de subdesenvolvimento que de concorrência leal, jogo aberto e franco debate dos temas sujeitos a negociações no **trade** ou nas relações financeiras entre nações de primeira linha.

Optar com franqueza pelo jogo pesado de concorrência leal é a única opção inteligente e adulta para o Brasil contemporâneo, ainda quando isso lhe custe a perda de algumas benesses que as nações mais ricas distribuem às mais pobres como sobras dos seus banquetes, ou como honesta contribuição para erradicar a miséria.

A opção pela concorrência é o que deve nortear a posição do Brasil na rodada de negociações do GATT, que se iniciará esta semana em Punta Del Este, no Uruguai. É preciso reconhecer que convivemos com um mundo imperfeito, e que o GATT não solucionará todos os problemas do comércio e do crescente protecionismo. Vivemos em uma época na qual as nações do Mercado Comum Europeu, sem dúvida alguma de forma imoral, subsidiam o açúcar para exportação, em aberta concorrência com regiões tropicais produtoras, de baixos níveis de renda. Onde o Japão, mediante decisões burocráticas internas, resolve que sua neve é **diferente** só para criar um padrão de consumo de esquis que impossibilita as importações de fabricantes europeus e americanos. Onde coreanos adotam um fecho ecler nas mangas de um suéter para burlar as restrições e cotas de importação impostas pelos americanos. Ou onde os próprios americanos, sob pressão de seus fazendeiros, resolvem subsidiar a venda de grãos aos russos para ira e raiva de argentinos ou da Comunidade Econômica Européia.

Em termos comerciais, o mundo é o que ele é, e não tem espaço para atitudes adolescentes, em particular se partirem de uma nação como o Brasil, que está conquistanto terreno para um comércio exterior de 40 bilhões de dólares anuais nas duas mãos. É nessa condição que o Brasil deve comparecer ao GATT, e é nesse contexto que terá de encarar também a questão da prestação de serviços, que toca não só nas áreas de informática mas ainda de seguros, bancária, consultoria, **engineering** e correlatas.

Qual a grande defesa que o Brasil tem para suas indústrias? O seu próprio mercado interno. É esse mercado que deve ser desenvolvido, com o Estado fomentanto as indústrias nacionais e abrindo espaço para a sua maioridade tecnológica. As grandes empresas brasileiras de capital privado já cresceram, igualmente, o suficiente para orientarem suas encomendas para os segmentos domésticos que desejarem desenvolver, até porque também têm interesses diretos ou indiretos nos seus fornecedores. É possível claramente detectar essa tendência no sistema bancário, na área do petróleo e da petroquímica, nas indústrias de seguros, transportes, telecomunicações, aeronáutica e defesa. Infelizmente, os focos de jacobinismo que se instalaram nas nossas gestões diplomáticas envolvendo o GATT contribuem para confundir patriotismo e patriotada, disso tudo resultando os embaraços no diálogo adulto que o país deveria estar mantendo com seus melhores parceiros comerciais e investidores, como no caso americano. Já é tempo de recuperarmos o sentido real do que significa **trade, not aid.**

Cumprir a Lei

A hipótese de que uma completa investigação do caso Rubens Paiva implicaria revanchismo não tem nenhum cabimento e resulta, certamente, de interpretação maliciosa da lei. A hipótese de que as autoridades encarregadas da apuração dos fatos seriam alvo de constrangimentos ou pressões não tem qualquer sentido e decorre, provavelmente, de interpretação ingênua da lei.

Desaparecido desde 1971, depois de ter sido preso por uma patrulha do Exército, o ex-deputado, cassado em 1964, sucumbira vítima de tortura. A Justiça Militar investiga essa evidência, a partir de procedimentos formais, como a tomada de depoimentos, entre os quais o de um médico que declara tê-lo visto agonizante, o que contradiz a versão oficial de que Paiva fora resgatado por comando subversivo.

A nação deseja, há muito tempo, a total elucidação desse assunto. O dilema contrapondo revanchismo a pressões é falso e apenas contribui para perturbar o significado do correto papel que tem a desempenhar o Poder Judiciário. Não só a família de Rubens Paiva, mas todos têm o direito de saber em que condições ele morreu. As circunstâncias desse caso, quanto menos esclarecidas, mais penetram na História.

A mancha moral que envolve o episódio não se apagará e muito menos se diluirá na mentira, como jamais se acomodou no escamoteamento. Nada mais se espera da justiça, senão a investigação capaz de devolver ao país a verdade em toda a sua inteireza. É a expectativa da sociedade, fundada na crença do pleno respeito à lei e do desembaraçado funcionamento das instituições.

A apuração rigorosa dos fatos que a família Paiva acompanha é o caminho adequado para levar a termo responsabilidades latentes, como, por exemplo, as obrigações civis para a reparação a que estará obrigada a União em face de eventual culpa. A identificação do que, em técnica judicial, se chama de instrumento separatório só será possível mediante a realização de todas as etapas do processo.

Muito embora seja certo que o caso Paiva limita as aplicações penais ao que estabelece de completo perdão a Lei da Anistia, não é menos certo que, para situar eventuais obrigações civis de reparação e para dissipar as dúvidas que a História registra, será indispensável investigar tudo, inclusive a tortura, inapagável na memória nacional. Ainda mais não fosse, porque o caso Paiva se inclui no rol dos crimes de sangue.

A nota do Ministério do Exército a respeito é positiva, por se basear em fontes do Direito e por reconhecer a oportunidade de uma apuração que não se restringe aos efeitos da anistia. Mesmo porque, quaisquer iniciativas adulteradoras das leis em vigor não encontrariam guarida na intangibilidade do que prescreve a Constituição, em favor da pacificação nacional.

Não pode ser, portanto, um desafio à anistia a investigação do caso Paiva. Conduzida ao seu termo, o que ela pode fazer é fortalecer as nossas instituições democráticas, sob as garantias legais que devem proteger todos os cidadãos. Basta que se cumpra a lei.

Sentença de Morte

A julgar pelos dados de uma pesquisa que acaba de ser feita em São Paulo, a mortandade automobilística no Brasil é muito maior do que até agora se supôs. Os 25 mil mortos anuais admitidos pelas autoridades do trânsito seriam, para dizer o mínimo, uma estimativa conservadora. Os cálculos, refeitos em novas bases, indicam um resultado cerca de 60% maior, ou seja, 40 mil mortos por ano.

O que leva a esse novo patamar de cálculo é a constatação de que as estatísticas atuais consideram apenas as pessoas já mortas no momento de fazer-se o registro dos acidentes. Sucede, porém, que um número elevado de feridos acaba morrendo nos hospitais, sem que se atribuam tais mortes aos desastres viários.

A nova soma impressiona. A ser verdadeira — como tudo indica que é —, confere ao Brasil, em definitivo, o macabro troféu de campeão mundial de vítimas fatais em acidentes rodoviários. Este fato, que entristece e faz corar, deveria tocar também a corda sensível das autoridades, que até agora vêm observando a hecatombe com olímpica indiferença.

Para ser justo, convém acrescentar que tal indiferença não é monopólio das autoridades; a maioria da população também não costuma se mostrar comovida pelo montante de perdas humanas e prejuízos materiais causados pelo automóvel. Omissão de uns e indiferença de outros andam há muito de mãos dadas. Já é hora de desfazer essa aliança. Algo tem de acontecer para despertar consciências enferrujadas e mobilizar a sociedade contra a guerra não declarada do tráfego.

Nem tudo o que é necessário fazer para tornar menos mortífero o trânsito pode ser feito de uma vez e a curto prazo. Não há como, da noite para o dia, tornar mais seguros dezenas de milhares de quilômetros de rodovias que há anos não vêem uma gota de asfalto. E certamente faltam recursos em quantidades suficientes para reverter a deterioração dos sistemas viários das grandes cidades. Nada disso, porém, justifica a atitude letárgica da maioria dos que são responsáveis pelo trânsito, do plano federal ao municipal.

Não se pode recuperar estradas com passes de mágica, mas podem-se intensificar a fiscalização e o controle do trânsito com os recursos humanos e materiais de que já se dispõe. Não é necessário muito dinheiro para tirar os Detrans do estado de catalepsia em que geralmente se encontram, nem para tornar a polícia mais presente nas ruas e nas margens das estradas de rodagem.

Não é necessário multiplicar verbas orçamentárias para adotar providências relativamente simples com objetivo de obrigar os proprietários de veículos de transportes coletivos a regular os seus motores, para que cessem de causar poluição. Nem de exigir táxis com um mínimo de conforto para o passageiro. Nem de fazer com que motociclistas usem capacetes a fim de poupar as próprias vidas.

Reassumir o controle do trânsito (hoje por quase toda parte uma terra de ninguém onde manda o infrator), eis o que se necessita fazer, como ponto de partida para uma ação mais prolongada e mais profunda, que incluirá, por certo, a educação permanente. A fiscalização intensiva do automóvel não deveria ser vista primariamente pelo seu lado repressor, mas pelo aspecto positivo. Deveria ser pensada antes de tudo como uma ação destinada a salvar vidas. Principalmente as dos jovens, hoje os que contribuem com a parcela maior para o vergonhoso morticínio automobilístico brasileiro.

Ique

Cartas

Apreensão de armas

Informo a esse jornal, a bem da verdade, que a Agropecuário Lugomes Ltda., a Fazenda Clotilda, UDR — União Democrática Ruralista e Luis Eduardo Gomes (o subscritor desta) nada têm a ver com a apreensão de armas do rebocador **Nobistor**.

Cumpre salientar, que conheci o senhor Oscar em um cruzeiro que fiz em 1984, no período de carnaval, no navio **Eugenio C**, com rota Rio de Janeiro, Salvador, Buenos Aires, Santos e Rio. Nessa oportunidade, participou ele de um grupo formado para brincar o carnaval no navio, daí originando a amizade que nos une.

Em Buenos Aires, participamos de um jantar onde se reuniram várias pessoas que conosco fizeram o citado cruzeiro. Na ocasião, todos forneceram seus endereços uns aos outros, para o caso de eventual visita, quando da passagem pelos países de cada um.

A ligação telefônica veiculada pelos jornais entre mim e o senhor Oscar foi iniciativa apenas deste para me cumprimentar, na demonstração da amizade que nos uniu durante o cruzeiro.

É necessário que se diga, pois, que nenhum envolvimento há de minha parte, de Agropecuária Lugomes Ltda., da qual sou sócio, e da União Democrática Ruralista no que tange às armas porventura contidas no navio **Nobistor**. Finalmente, tomei conhecimento da existência destas armas somente através de jornais. **Luis Eduardo Gomes de Azevedo Ribeiro — Rio de Janeiro.**

Coroa-Brastel

Acabo de ler a reportagem de Marcos Sá Corrêa sobre o caso **Coroa-Brastel**, publicada nas edições de domingo, dia 7/9/86 pág. 45 e 9/9/86 pág. 16, caso no qual jamais tive qualquer atuação direta ou indireta.

Por lamentável equívoco, o jornalista afirma que a pessoa chamada pelo apelido de "Kunta-Kim-Tê" ou "crioulo", mencionada em diálogo telefônico gravado, que teria havido entre os srs. Álvaro Leal e Maurício Cibulares, em fevereiro de 1981, é "José Pais Rangel, ex-diretor do Banco Central".

Gostaria de esclarecer que jamais tive esse apelido ou fui "chamado dessa forma pelos amigos" e não conheço pessoalmente o sr. Álvaro Leal nem o sr. Cibulares nem jamais tive oportunidade de falar com esses senhores, nem por telefone. Ainda para as necessárias retificações, devo esclarecer também que, desde julho de 1980, não exerço quaisquer funções ligadas às atividades do Banco Central do Brasil, do qual nunca tive a honra de ser diretor, como o jornalista afirma.

É necessário também registrar que me encontro atualmente em licença, após mais de 25 anos de trabalho, e que exerci desde julho de 1980 até maio de 1986, os seguintes cargos: — coordenador da privatização da Companhia América Fabril, da Cia. Fábrica de Tecidos Dona Isabel e da Editora José Olympio S/A. — Presidente do Conselho de Administração da Cia. América Fabril e do Conselho Administrativo da Cia. Dona Isabel. — Gerente da Massa falida da Cia. de Tecidos Nova América. — Diretor presidente da Cia. Nacional de Tecidos Nova América. — Liquidante das empresas estatais: Digibrás — Empresa Digital Brasileira S/A; — Digidata — Indústria Eletrônica S/A e Proel — Processos Eletrônicos Ltda.

Todas essas difíceis e complexas missões públicas foram desempenhadas e concluídas com total transparência, inclusive com a presença do JORNAL DO BRASIL, que sempre foi por mim convidado para cobrir esses significativos fatos da história do nosso país. **José Pais Rangel — Rio de Janeiro.**

Honra militar

Se uma autoridade afirma dever a democracia ser construída sobre crimes acobertados, ela é tão imoral e desqualificada quanto quem os praticou. As Forças Armadas não são escolas de criminosos e não ensinam aos seus homens práticas imorais. A subversão deve ser combatida enquanto empunha armas, jamais enquanto prisioneiros indefesos, como sempre deu exemplos durante toda a sua vida o próprio Duque de Caxias. Se essa autoridade diz que a apuração de indícios de crimes do passado "abalaria as Forças Armadas e a democracia", dá provas de fraqueza de caráter, hipocrisia e desconhecimento do que vem a ser honra militar. Durante mais de 15 anos no Exército, jamais recebi ordens de torturar e matar prisioneiros (e, se as tivesse recebido, desobrigar-me-ia de cumpri-las, pois teriam partido de canalhas, e não de chefes militares). As prisões por mim executadas, no pleno exercício legal do dever, foram cercadas de todos os aspectos legais e rigorosas recomendações sobre a integridade física e moral dos prisioneiros, preocupação constante dos chefes honrados sob o comando dos quais servi. Regras na realidade fiscalizadas pela esmagadora maioria dos comandantes que já tiveram ou têm prisioneiros sob sua responsabilidade. Mas se uma autoridade militar ou civil arranca, por suas próprias mãos, a vida de uma pessoa, ainda mais mediante tortura, sem ser o carrasco que cumpre uma sentença judicial de morte, sem ser no campo de batalha ou no combate de rua, mas numa cela de prisão, ela deve ser rigorosamente

punida, arrastando também aos tribunais aqueles que participaram, ordenaram ou consentiram. Portanto, cabe às autoridades militares e judiciais prosseguirem até o fim em qualquer denúncia sobre indícios de crime, e ainda mais nesse caso, enfumaçado em suspeitas que fazem, estas sim, de cada militar um criminoso e das Forças Armadas uma escola de assassinos, o que absolutamente não é verdade. Persista, sra Eunice Paiva, até o fim. Tenha certeza de que a totalidade das Forças Armadas não compactua com criminosos e psicopatas que, por um aborto da natureza, porventura um dia envergaram estrelas ou divisas nos ombros. E muito menos compactua com autoridades coniventes ou frouxas na apuração de indícios de crimes, estas, sim, tão ou mais indignas e covardes que aqueles. **Dante Ignacchitti, ex-capitão do Exército — Rio de Janeiro.**

Confisco

Desde 1970 leciono na Universidade Federal Fluminense, após concurso público em que obtive 1º ligar. Neste período realizei meu curso de Mestrado no Brasil, sem bolsa de estudos, e obtive meu doutorado na Bélgica, em 1980, com grande distinção. Após meu retorno, continuei a servir o país, lecionando e coordenando o Curso de Mestrado em Educação da UFF. Em 1986, solicitei e obtive autorização oficial para realizar curso de pós-doutoramento na Universidade de Londres. Decidi iniciá-lo sem bolsa de estudos, recorrendo apenas a meu salário de professor adjunto IV para pagar minhas despesas de matrícula e mensalidades na Universidade (as mais altas da Europa), aluguel, alimentação, transporte, compra de livros e impressão de relatório de pesquisa. Subitamente vejo-me surpreendido por arbitrária decisão de nossas novas(?) autoridades econômicas, "confiscando-me" 25% do meu salário, todos os meses quando o mesmo me é enviado, para manutenção, no exterior. Surpeendeu-me, ainda, a declaração de S. Ex. o ministro de que "esta de acordo que o próprio bolsista pague este novo ônus" (O Globo; 29/7/86). Ora, já arco com um alto ônus e nunca pensei ser uma vez mais "bitributado". Continuamos a ter no Brasil uma administração financeira do tipo "almoxarife" (ou tipo dona-de-casa, como chamam alguns). Caso tivesse sabido que tal decidão seria tomada no exercício do mesmo ano fiscal, certamente não teria arcado com o ônus de buscar aperfeiçoamento no exterior. Aos inúmeros professores que se encontram no exterior, na mesma situação, só resta um caminho: o do retorno sem concluir os cursos que estão realizando. Para o país fica uma vez mais sua imagem denegrida no exterior e o prejuízo de um investimento sem retorno. Uma vez mais em nossa História, preferem nossas autoridades aumentar a arrecadação e não diminuir as despesas. Frize-se ainda, que outros servidores públicos (civis e militares) e autárquicos, servindo no exterior, não tiveram idêntico confisco, como no caso dos funcionários do Banco do Brasil. Que se podia esperar de uma Nova(?) República, cujos novos(?) dirigentes por nós não foram eleitos? **Dr. Alfredo G. de Faria Junior — Londres.**

O crime de estupro

Os estragos promovidos pelo crime do estupro são devastadores. Em poucos casos, a alma humana se sente mais humilhada e por tanto tempo. A prova disso foi estampada recentemente em nossos jornais, no horror e ódio nas expressões faciais e declarações de mulheres que faziam reconhecimento do homem que as estuprava havia meses, ou mesmo anos. A punição para o estupro deve, pois, estar em razão direta dos malefícios produzidos por este crime, é o que exige a nossa sociedade. Pai de família preocupado com a sobrevivência digna, apelo aos juízes, promotores de justiça e aos policiais para que apliquem a lei com todo o rigor necessário contra esses que não merecem viver em liberdade.

Junto mais minha voz às dos que louvam a atitude corajosa daquela que por primeiro sacudiu a poeira, levantou a cabeça, pisou o preconceito nojento, e levou para o público a sua revolta. Ana Maria Duarte, secundada pela altivez de seu marido, Jander, trouxe conforto para as outras vítimas que sentiam suas vidas se destruírem gradualmente no silêncio, sem que mesmo o passar do tempo, que muitas coisas apaga, pudesse servir de remédio. Sua atitude repercutiu também no discurso dos políticos que disputam a governança do Rio de Janeiro: junto com o assalto, o estupro tem sido colocado entre os crimes que merecem prioridade no combate. Parece que, assim, avançamos para a diminuição desses casos. **Cesar A. Barroso — Rio de Janeiro.**

Cães nas praias

Caminho diariamente na orla das praias do Leblon e Ipanema e, ao contrário do que diz a presidente da Associação Protetora dos Animais, Lya Cavalcanti, em carta publicada nesse jornal, não são "pouquíssimos" os cães que ainda freqüentam essas praias. Muito pelo contrário, toda atenção é pouca para não pisar nas fezes dos cachorros, que "enfeitam" o calçadão. Não tenho nada contra os cães. Os pobrezinhos não têm culpa que os seus acomodados donos não os ensinem a fazer as necessidades nos lugares devidos. As praias do Rio cheiram a cocô. É lastimável. A praia de Nice, na França, tem um calçadão três vezes mais largo que o nosso, onde a população circula com seus cãezinhos em número muito maior do que aqui. Entretanto, não se vê no chão uma única sujeira feita pelos animais. Não creio que o cão francês seja mais inteligente do que o brasileiro. Mas seu dono, inegavelmente, é bem mais civilizado. Será que um dia chegaremos lá? **Selma Chvidchenko — Rio de Janeiro.**

Greve da Light

O JORNAL DO BRASIL, em sua edição de 6 do corrente, em manchete interna da página 5, declara com estardalhaço que a greve de 48 horas dá à Light um prejuízo de Cz$ 50 milhões: Ora, esta notícia provinda do Sindicato dos Urbanitários só pode ser falsa. Faltou luz? Faltou força? Os relógios deixaram de marcar o consumo? Como é possível falarem em prejuízo neste caso, exceto se a intenção for de confundir ou pressionar?

Que o sindicato diga o que bem entende é aceitável. Mas não é razoável que o jornalista aceite passivamente afirmações, no mínimo, duvidosas. A outra afirmação também não é clara. Que o "prejuízo" seria suficiente para pagar o abono. Durante quanto tempo? Um mês, um ano, eternamente? Esta greve poderia ter afetado a vida do povo. Parece que este tem direito a ser bem informado. **Alberto Cumplido de Sant'Anna — Rio de Janeiro.**

Intérprete no futebol

A propósito do falecimento recente de Janos Lengyel, cumpre-me aduzir uma informação acerca de mais uma atividade que entre nós exerceu esse grande jornalista. Em certa época — não me recordo exatamente quando — a Federação Carioca de Futebol houve por bem contratar quatro ou cinco juízes ingleses, para elevar-se o nível das arbitragens do nosso futebol. Só me lembro do nome de um deles, Mr. Ford, famoso pela facilidade com que marcava penalidades máximas. Era o rei do **penalty**.

Janos Lengyel, esse "monstro" da reportagem, capaz de escrever sozinho um jornal inteiro, serviu de intérprete desses árbitros, que, como bons ingleses, só falavam o seu idioma. Vi-o, muitas vezes, no campo do Fluminense, entrar em campo para traduzir para os jogadores as advertências que mereciam. Tal deve ter ocorrido nos primórdios da atividade de Lengyel no Rio de Janeiro, onde, a pouco e pouco, foi revelando a multiplicidade do seu talento. **Perilo Galvão Peixoto — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Olho por olho

Fernando Pedreira

"ACREDITO que as ditaduras totalitárias estão condenadas. Já agora, ninguém dá crédito às suas promessas mendazes. Elas têm ainda o poder de prender e matar, mas quase nenhum outro poder além deste. E digo "quase" porque (infelizmente) permanece viva a sua capacidade de nos infectar com o seu próprio ódio e seu menosprezo. É preciso resistir a essa infecção com todas as nossas forças porque, de todos os desafios que enfrentamos, este é o mais difícil."

Adam Michnik está hoje numa cela de prisão de um regime totalitário e, entretanto, seu primeiro cuidado (e aí reside uma das chaves do seu pensamento e do seu caráter) é com a atitude moral que deve ditar sua conduta e a de seus compatriotas, pois essa atitude é determinante e decisiva não só para o presente mas, sobretudo, para o futuro da Polônia.

Os poloneses não querem substituir uma ditadura por outra. Formado na oposição ao poder totalitário, seu movimento resistiu à tentação de assemelhar-se a ele. Sua resposta à violência e ao engodo do regime não é mais violência e mais engodo, embora sob alguma nova coloração política. Em vez disso, Michnik e seus amigos foram buscar forças em outras fontes rigorosamente originais, novas. Romperam não só com as práticas autoritárias usuais, mas com a violência e a impaciência características da maioria das revoluções.

Há quem negue que o movimento dos opositores poloneses possa ser chamado de revolução, uma vez que ele não derrubou, nem sequer tentou derrubar, o poder político do Estado, garantido pelos soviéticos. Mas, em contrapartida, o movimento tem sido extremamente presente e efetivo em todas as áreas da atividade e da vida dos poloneses.

É como se o governo governasse o Estado e a oposição governasse, conduzisse e inspirasse, cada vez mais, a sociedade civil, o dia-a-dia dos cidadãos. Nesse sentido — diz Jonathan Schell na revista **New Yorker** — o movimento de Solidariedade polonês não é apenas uma revolução mas uma revolução na revolução.

Michnik, que é talvez a mais interessante figura intelectual do movimento, não é certamente um "cientista político", nem o profeta de qualquer nova ideologia ou doutrina política. Seus escritos, como os de Madison e Hamilton na Revolução Americana, ou os artigos e cartas de Gandhi na Índia, são não só meditações sobre a ação política, mas uma forma de ação em si mesmos.

A atividade do escritor, por sua natureza, requer solidão, enquanto a ação política exige contínua associação com outros. No caso de Michnik, esse dilema parece ter sido resolvido pelas próprias autoridades de Varsóvia, que o mantêm preso quase todo o tempo. Ele próprio, na sua **Carta da Prisão de Gdansk**, registra o fato com ironia e humor. Depois de reconhecer que, durante seis meses de liberdade (e de febril atividade política), ele nada havia escrito, Michnik agradece ao "general" sua "atenção" mandando-o prender outra vez e assim obrigando-o a retomar o fio de suas meditações na direção correta...

"Creio que o que distingue a atual oposição (dos esforços reformadores que a antecederam) é a convicção de que seu programa de evolução deve ser dirigido à opinião pública independente, e não ao poder totalitário. Esse programa deve oferecer ao povo uma linha (uma perspectiva) de conduta, e não conselhos ao governo de como deveria reformar-se."

Em outras palavras, o movimento de Solidariedade dirige-se **primeiro** aos trabalhadores e aos cidadãos, para com eles reformar (melhorar) o estado de coisas nas fábricas ou nas universidades, e só depois disso é que se dirige ao governo para **negociar** a aceitação das reformas e melhorias, já alcançadas por meio da ação solidária dos cidadãos em seu trabalho ou em suas vidas.

* * *

Não há dois países iguais e, certamente, a situação peculiar da Polônia é dificilmente comparável à da América Latina. Entretanto, o que me fez lembrar agora o ensaio de Jonathan Schell sobre Michnik, publicado em fevereiro pela **New Yorker**, foram os acontecimentos desta semana no Chile: o brutal atentado contra o ditador Pinochet e o feroz recrudescimento da repressão policial-militar contra as oposições chilenas.

Olho por olho, dente por dente. Na medida da sua força crescente, uma parte considerável dos adversários da ditadura combate cada vez mais o terror e a violência de cima para baixo, com a violência e o terror de baixo para cima. Os atentados e as atrocidades multiplicam-se — e uns justificam os outros, ao menos do ponto de vista dos que os praticam. A conseqüência é que aquilo que ainda podia haver no Chile de culto, civilizado ou pacífico, vai sendo crescentemente **infectado**, envenenado e isolado dentro da própria terra chilena.

É possível que a violência dos extremos se esgote, um dia, como se esgotou no Uruguai e na Argentina, e a paz volte à nação exaurida e exangue. Mas, a julgar pela força do ódio que parece queimar agora os chilenos, é muito de temer que o Chile tome o rumo de Cuba ou da Nicarágua, e outra ditadura (outro ditador) substitua Pinochet e seu horrendo regime. Por quantos anos mais?

O Chile não é uma republiqueta caribenha e isso, sem dúvida, aumenta as dimensões da sua tragédia, embora nos dê também alguns motivos de esperança. Nós mesmos, brasileiros, livramo-nos dessa espécie de guerra civil moderna, à nossa maneira peculiar, há tempos. Os grupos terroristas que surgiram na época do AI-5, para combater pela violência a ditadura militar, não encontraram apoio na opinião civil, isolaram-se e foram esmagados rapidamente pelo governo, ainda que com a selvageria e a covardia características dos regimes ditatoriais autocráticos.

Os próprios militares, com muita relutância, abriram caminho para a restauração democrática, até que o sentimento popular eclodisse na extraordinária festa de solidariedade cívica que foi o movimento pelas eleições diretas, em 1984. Hoje, os germens da violência totalitária certamente sobrevivem e parecem mesmo muito vivos entre os grupos radicais que animam os conflitos agrários e o grevismo da CUT. Mas, não há motivos para duvidar que, na medida mesma em que se extremarem e radicalizarem esses grupos, serão outra vez isolados e neutralizados — ainda que desta vez (esperemos) pelos meios da lei.

Polônia, Chile, Brasil. Não temos nenhum Michnik, nenhum Lech Walesa. Em troca também não estamos sob a ocupação do Exército soviético. (Embora, às vezes, o nosso próprio Exército nos ocupe...) Dizia Marx que a história, quando se repete, repete-se como farsa. No Chile ela parece a caminho de repetir-se como tragédia.

MILLÔR

Depois que foi amplamente fotografado fotografando os fotógrafos **no Dia** dos mesmos, Sir Ney se entusiasmou pela arte da fotografia. E, claro, durante sua viagem aos patrões (eles bronquearam! "Pô, cara, depois desses anos todos! Que é que você are thinking?"), não perdeu nenhum momento disponível para exercer sua nova paixão. Acima alguns dos flagrantes sacados pela objetiva do vosso Presidente. A crítica é unânime; Sir Ney fotografa ainda melhor do que escreve.

Uma conversa com Mitterrand

James Reston

O presidente da França, François Mitterrand, outro dia, sentado numa poltrona de costas altas, falava tranqüilamente sobre o que chamou de "o cavalo galopante da história".

Eu havia lhe perguntado se os líderes políticos realmente fazem uma diferença nos acontecimentos mundiais ou se são apenas prisioneiros de filosofias do passado e de acontecimentos do presente. Encarou a questão com um silêncio eloqüente e depois respondeu que sim, que realmente fazem uma diferença. Na União Soviética e em outras partes do mundo, acrescentou.

"Posso me lembrar", disse Mitterrand, "de que uma vez falei sobre os acontecimentos da história como se estivesse falando de um cavalo galopando, um cavalo correndo. Alguns dos cavaleiros que alcançam a sela do cavalo galopante da história conseguem domá-lo. Outros não têm êxito, mas, mesmo sem domá-lo completamente, pelo menos conseguem levá-lo numa direção diferente".

Mitterrand manifestava uma cautelosa esperança de que talvez Mikhail Gorbachev, em Moscou, estivesse tentando explorar novos caminhos para o futuro. "Os acontecimentos dos últimos meses", observou, "dão maiores motivos para otimismo do que os do início deste ano. Diria que, obviamente, é do interesse de Gorbachev e de seu país não continuar indefinidamente com esta obsessão de obter cada vez mais armas. Ele precisa de um sucesso em termos da elevação dos padrões de vida de seu país. Acho que é um homem suficientemente moderno para poder reconhecer que o êxito econômico é um componente do poder".

Mitterrand também acrescentou que acha positivas as mais recentes declarações do presidente Ronald Reagan sobre as relações Leste-Oeste. Assim, considera que, por enquanto, parece haver uma melhor convergência de interesses e de intenções em Washington e Moscou, o que poderá levar a alguma forma de acordo.

Falando sobre a Iniciativa de Defesa Estratégica, o projeto "guerra nas estrelas", do presidente Reagan, Mitterrand traçou uma distinção entre os meios e os fins. Está convencido, explicou, de que o espaço será a nova fronteira do faroeste, o local a ser conquistado nos próximos anos. Eventualmente previu, os sonhos do homem serão realizados, mas não acha que o objetivo mais imediato deva estar no campo da tecnologia militar.

Discutiu suas diferenças com Washington em termos muito corteses, mas o fato é que as diferenças existem. Reagan tem mantido Mitterrand informado sobre o programa da guerra nas estrelas mas, comenta o presidente francês, "temos uma visão diferente das coisas".

François Mitterrand não está contente com as diferenças que surgiram entre Paris e Washington quanto à ação militar norte-americana contra a Líbia, e não é um grande admirador da fascinação que o governo Reagan tem pela "diplomacia pública".

"Logicamente", prosseguiu, "à minha maneira sou um liberal no sentido europeu do termo, e os Estados Unidos vão fazer o que bem entenderem. Não posso dizer o que eles devem achar justo ou necessário para se defenderem".

Mitterrand testemunhou em seu livro, **O trigo e o joio**, que gosta de ler e de conversar — "esses prazeres esquecidos", como os chamou — mas não é um homem fácil de entrevistar. Em uma hora e meia comigo e minha mulher, ele pouco se moveu ou gesticulou, e tem aquele antigo hábito de fazer uma pausa e pensar antes de falar.

Não estava animado quanto a um progresso na questão do Oriente Médio, e mantinha-se sombrio e desanimado quanto à situação na África do Sul. Nenhum método de conciliação foi bem-sucedido naquela região, comentou; é um emaranhado e sempre foi, mas acha que a melhor possibilidade de conseguir a paz está no contato direto entre as partes em conflito, inclusive a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

Alguma esperança quanto à questão da África do Sul? "Não", respondeu. "Estou temeroso de que as coisas ainda fiquem pior do que já estão, a não ser que aconteça uma mudança política ou algum milagre de boa vontade".

Na África do Sul, refletiu, estamos falando sobre uma questão de vida ou morte — a questão é esta. Se você não escolher a morte, então é preciso adotar uma posição pela vida. Toda a sociedade internacional, insiste Mitterrand, — os homens de boa vontade de todos os lugares — precisa pressionar de forma que a escolha seja pela vida, e não pelo diário banho de sangue que parece estar começando.

Entretanto, Mitterrand rejeita o ponto de vista pessimista de que pode haver no mundo alguns problemas que podem estar além da solução e da esperança. Lembra que durante gerações muitos norte-americanos não conseguiriam imaginar uma reconciliação entre as raças. Contudo, desde a Guerra Civil, os Estados Unidos se tornaram um país muito mais unido.

Da mesma forma, prossegue, a França e a Alemanha lutaram três guerras da maior crueldade no espaço de um século, e muitos não poderiam imaginar um futuro, exceto uma constante hostilidade entre os dois países: "Mas nos tornamos bons amigos".

Sugeri que, apesar de todos os seus problemas domésticos e de tantas complicações no exterior, ele é, no fim das contas, um otimista.

"Em última análise, suponho que sim. O preço do otimismo, imagino, sempre será o 'sangue, suor e lágrimas', de Churchill, mas, basicamente, acredito que a humanidade está avançando para uma vida melhor".

Lembrou, para apoiar seu otimismo, um livro que escreveu, **A abelha e o arquiteto**. O título veio de uma citação de Karl Marx, na qual observa que a abelha faz favos simples e perfeitos, sempre iguais; o homem não consegue fazer isto, mas sua vantagem é que é um arquiteto e pode criar favos diferentes, se em sua mente souber o que quer fazer.

Mitterrand, em nossa conversa, só fez um pedido: que eu expressasse sua gratidão pela recepção que teve nos Estados Unidos quando esteve em Nova Iorque, em 4 de julho, para celebrar o centenário da Estátua da Liberdade.

"Com os dirigentes norte-americanos", concluiu, "nosso diálogo sempre foi muito bom. Somos capazes de concordar e de discordar e ao mesmo tempo manter a mente aberta".

*James Reston é colunista do **The New York Times**.*

A liberdade de imprensa no estado de guerra

Barbosa Lima Sobrinho

HOUVE quem estranhasse o fato de que me não tornasse eco da Sociedade Interamerina de Periodistas, no condenar as medidas tomadas pelo governo da Nicarágua, para o fechamento do jornal **La Prensa**, de Manágua. Também é certo que não as aplaudi, faltando-me elementos para julgar esse atentado contra a liberdade da imprensa, num país que vivia um estado de guerra não declarada, e não sabendo que influência poderia ter **La Prensa** nas operações militares, com que aquele país defendia a sua integridade, sob a ameaça de forças que os Estados Unidos armavam e treinavam no território de Honduras. Minha opinião se firmava em duas premissas essenciais.

A primeira era a existência de um estado de guerra, embora não declarado pelo país agressor, no caso os Estados Unidos. Qualquer autoridade em Direito Internacional sabe, de sobra, que o estado de guerra pode existir de fato, sem precisar de declaração expressa. Pearl Harbour sucedeu a uma conferência pacífica entre o embaixador do Japão e o Departamento de Estado da nação americana. E aí estão, para a necessária comprovação, a conquista de Granada e o bombardeio da Líbia, como atos independentes de qualquer declaração prévia de beligerância. É quem sustenta que existem atos de guerra praticados pelos Estados Unidos contra a Nicarágua e, nada mais, nada menos, que a autoridade suprema da Corte Internacional de Haia, num julgamento que envolveu diversas atitudes, que só o estado de guerra explicaria, como seja colocar minas em portos da Nicarágua, e tantos outros que foram objeto de condenação categórica daquele tribunal internacional. Creio que não é preciso mais para o apoio da primeira premissa, qual seja a da presença de um estado de guerra, como ameaça permanente à soberania da Nicarágua. Se ainda assim surgirem contestações, seria o caso de reler os diversos itens da sentença da Corte Internacional de Haia, condenando os Estados Unidos que não encontraram outra resposta do que a de um veto sumário, e não justificado, no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Passemos, pois, à segunda premissa, para conhecer os limites da liberdade de imprensa no estado de guerra, em que prevalece a suprema do **salus populi suprema lex esto**, com o predomínio das necessidades ditadas pelas operações militares em ação. Cícero inscrevia, entre as regras fundamentais do Império Romano, essa faculdade que se poderia dizer que datava do primeiro confronto de forças, entre as tribos rivais ou entre criaturas humanas. O que predomina, em todas as guerras, é a necessidade, com a utilização de todos os meios que assegurem a vitória. Não tenho condições de saber se o jornal apreendido era, ou não, indispensável à defesa da Nicarágua, no momento em que a Câmara dos Estados Unidos aprovava crédito de 100 milhões de dólares, para ajudar os que estavam combatendo o governo de Manágua, reconhecido como legal pela própria Organização das Nações Unidas.

Quando estudava Direito na Faculdade do Recife, meu mestre no Direito das Gentes era o excelente Manual de Bonfils, com quem aprendi que "a violência em que se consubstancia a guerra é, em virtude de seus fins, ilimitada. O beligerante deve vencer, ou ser vencido. Toda a violência necessária para a obtenção desse resultado é permitida". Mais do que permitida, é indispensável. Isso me levou a publicar um volume em que, analisando os atos praticados pelos beligerantes de 1914, chegava à conclusão de que o Direito de Guerra, isto é, as limitações existentes para o uso da força, não passavam de ilusão. Esse, aliás, o título de meu livro, **A Ilusão do Direito de Guerra** publicado em 1922. Os sessenta e quatro anos decorridos desde a publicação desse livro, e as experiências das lutas que desde então se travaram, inclusive a utilização da bomba atômica, não fizeram mais do que confirmar minhas conclusões da juventude.

Na grande guerra de 1914, os jornais pacifistas, da corrente de Hervé, viram-se forçados a exaltar a mobilização do exército francês, e não demorou a aprovação de uma lei, sancionada pelo presidente da República, Raymond Poincaré, alterando a lei de imprensa francesa de 1881, e autorizando a censura em quaisquer meios de comunicação, para que não transmitissem informações "outras do que aquelas que fossem aprovadas pelo Governo e pelo comandante do Exército". Era um regime de censura, que não se limitou à França, pois que também prevaleceu na Alemanha, na Inglaterra, e até nos Estados Unidos, depois de haver sido declarado o estado de guerra pelo Presidente Roosevelt.

Por sinal que, neste último país, na obra largamente divulgada de Mott e outros autores, sob o título **New Outline Survey of Jornalism** editado numa série para a utilização dos colégios, dizia-se que a censura era ilegal, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, mas observando de imediato, "**except in time of war**". Exceto em estado de guerra, como se pode ler na página 179 da edição de 1950 da referida obra. O livro de Mott conta com a colaboração de 12 outros autores, quase todos professores em Escolas de Jornalismo de diferentes Universidades americanas, quando não militantes na própria imprensa daquele país.

Robert Dumas, autor de um **Droit de l'Information**, também nos ensina que "em período excepcional, a imprensa pode ser objeto de medidas restringindo a liberdade ou regulamentando sua ação". Diz ele, numa tradução literal: "Em caso de guerra, o Governo é conduzido a tomar medidas de estrito controle da imprensa, por imposição das circunstâncias e das necessidades de segurança e de sustentação moral da nação em guerra. Tratando-se de períodos excepcionais na vida de uma nação, uma legislação de circunstância é indispensável (**est de riguer**). Em verdade, não há texto que possa abranger todas as medidas necessárias, no caso de guerra, em relação à imprensa." Reporta-se o autor à legislação adotada em 1959, na França (páginas 116-117). Conclui dizendo que se trata de poderes amplos, conferidos ao Governo, e implicando "necessariamente restrições à imprensa". Internacionalista com a autoridade de Hildebrando Accioly já nos prevenia que a guerra, na sua essência, era "a negação do próprio direito, pois é o domínio da força".

Essa legislação excepcional poderia até ser útil ao próprio jornalista. No estado de guerra, informações que fossem julgadas inconvenientes incidiriam nas penalidades impostas na legislação militar. Dariam margem a que se pudesse falar de espionagem e até de traição, com sanções severíssimas, incluindo a pena de morte.

Se queremos preservar a liberdade de imprensa, precisamos defender a paz. Defender, por exemplo, a liberdade de circulação de **La Prensa**, em Manágua, poderia transformar-se em apoio às medidas das guerra adotadas pelo governo do Sr. Reagan. Ou limitação das providências de defesa tomadas pela Nicarágua. Quando o dever do Brasil é ser fiel aos seus compromissos internacionais, em apoio da não-intervenção e do respeito à autodeterminação dos povos. Uma neutralidade estrita nos levaria, em concordância com as sentenças da Corte de Haia, a condenar os atos de guerra de iniciativa dos Estados Unidos, e não a restringir os direitos de defesa da Nicarágua, sob a vigência do estado de guerra que lhe está sendo imposto pelo governo de Washington. A coerência, que procuro resguardar, é com a verdade. E já me basta.

Cadeia também dá voto

Ricardo A. Setti

O calendário é uma das criações mais implacáveis do homem, e quem se der ao trabalho de consultá-lo amanhã perceberá que estaremos a precisos dois meses das eleições. Tão certo como o verão ou as finais do campeonato brasileiro de futebol, chegará também o dia 15 de novembro, e se existisse um termômetro capaz de medir o frio que atravessa o estômago do PMDB, ele baixaria sua coluna de mercúrio a índices siberianos.

Coisas da política

Não é para menos. Um ano e meio de Nova República, completados por sinal amanhã, reduziriam dramaticamente o **sex appeal** do PMDB. De uma espécie de projeto brasileiro de PSOE (o Partido Socialista Operário Espanhol), um partido cuja capacidade de usar os talheres certos à mesa não o impede de ter e executar um projeto de gradual mudança da sociedade, o PMDB tornou-se um frankenstein político cevado pelo fisiologismo, inchado por uma avalanche de adesistas e descaracterizado em seu perfil ideológico com o fim do maniqueísmo fácil que a frente de oposição à ditadura militar permitia.

É assim que o PMDB caminha para as urnas. A grande bandeira que o maior partido brasileiro poderia desfraldar — o Plano Cruzado — não vai ajudar muito, na medida em que se esfarrapa entre a incompetência dos burocratas que não conseguem fazer nem a carne importada chegar à mesa do consumidor sem ágio e a feiúra da briga que separa a cada dia a equipe econômica do governo.

Não há dúvida de que o cruzado vem sendo alvo de boicotes, incompreensões e preconceitos de parte de muitos setores que, nos primeiros e gloriosos tempos da reforma, faziam fila à porta do ministro Dilson Funaro para ver quem conseguia a primazia na bajulação. Mas é igualmente verdadeiro que os jovens economistas gestadores do cruzado já trocam pontapés por debaixo das mesas de reunião de Brasília. Enquanto isso, a classe média abre latas de sardinha para substituir a carne, o frango, as salsichas, o peixe e os ovos nebulizados no país em que o boi magro, que existe, custa mais caro do que o gordo, que sumiu. Isso dá voto?

É nesse quadro que o partido se debate, como diria Nélson Rodrigues, com arrancos de cachorro atropelado. Não está se falando, aqui, de resultados quantitativos. Esses, Deus sabe que o PMDB terá. Mas há uma valiosa penca de líderes importantes ameaçados de **perder a vaga na Constituinte** e, sobretudo, existe no **horizonte** o fantasma cada vez mais materializado em **carne** e osso da derrota eleitoral para os governos de São Paulo e Minas Gerais.

E, no entanto, o governo mantém enrolada no armário uma bandeira que, tirada do escuro pelo PMDB e esticada à vista da nação, poderia ter o efeito de um Plano Cruzado instantâneo. Trata-se de vistosa, gigantesca bandeira, tão vasta quanto aquela que abrigou o povo da chuva no dia da eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral: o combate à safadeza do colarinho branco. Mas combate real, que não se perdesse na floresta de sindicâncias, inquéritos, investigações e processos que são tão mais volumosos quanto inócuos e que, na Nova República, guardam espantosa semelhança com os da Velha.

Pois a verdade é que, na Nova República, foi-se o sr Fernando Lyra do Ministério da Justiça, queixando-se de dificuldades para agir e até de preconceitos contra seu diploma de advogado de Caruaru, e nada aconteceu; veio o sr Paulo Brossard, com seu vernáculo e seus chapéus, e tudo continua na mesma, num país onde a escandalosa e invariável impunidade dos poderosos continua de fazer inveja até aos mexicanos. Está aí, para não deixar ninguém mentir — e só para pinçar um caso — a indecorosa "fitalhada" do caso Coroa-Brastel, divulgada com exclusividade pelo JORNAL DO BRASIL. Se, em si, as fitas não contêm crimes, encerram uma vasta coleção de indícios e sugestões mais do que claras da existência de grossa bandalheira, além da propriamente dita, que foi o próprio estouro do grupo.

Certamente é estarrecedor constatar que nenhuma das falcatruas financeiras dos últimos 10 anos tenha terminado com a punição dos responsáveis. Mas talvez seja ainda mais surpreendente verificar a falta de sensibilidade do PMDB para o fato de que, ao primeiro criminoso de colarinho branco colocado atrás do xadrez — xadrez mesmo, desses com barras de ferro na janela — , este país viveria um clima de vitória na Copa do Mundo. Nesse sentido, nada dá mais voto do que a cadeia. Fica a sugestão.

Ricardo A. Setti é editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo

Evangélicos descobrem caminho das urnas

□ "Quantos estão orando, trabalhando e falando com amigos e parentes sobre os nossos candidatos à Constituinte?", pergunta num tom de voz forte e claro o pastor Nasser Bandeira — ele mesmo candidato pelo PMDB — da igreja do Evangelho Quadrangular de Porto Alegre, especialista em sessões de exorcismo. As mais de 100 pessoas que participam do culto levantam o braço e ouvem do pastor: "Isto nos entusiasma e os evangélicos terão, desta vez, seu deputado na Assembléia Nacional Constituinte".

□ "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo", Romanos 1.16. A citação bíblica é o carro-chefe da campanha de Fausto Rocha, candidato à Constituinte pelo PFL paulista, e está estampada em um enorme **outdoor** localizado estrategicamente no Vale do Anhangabaú, no ponto mais fervilhante do centro da Cidade, por onde transitam diariamente 5 milhões de paulistanos.

□ "Querido pastor e demais irmãos. Saudações cristãs. Venho por meio desta convocar você a votar em nossos candidatos Sotero Cunha e Carlos Pontes no próximo dia 15 de novembro. Caro irmão, não deixe de participar desta eleição, só às forças retrógradas e reacionárias interessa sua descrença e não valorização de seu voto". Este é o trecho de uma carta que o pastor Valdis de Souza, da Assembléia de Deus de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, está enviando aos milhares de fiéis classificados no cadastro da igreja pelas zonas eleitorais a que pertencem.

Nos cultos, nas ruas ou por correspondência, os 25 milhões de evangélicos que as igrejas estimam existirem no Brasil estão sendo alvo de uma pregação política cuja meta é fazer com que 10% dos 550 constituintes que tomam posse em 1º de fevereiro de 1987 tenham o compromisso de levar para o Congresso Nacional os princípios do evangelho de Cristo.

Nunca como agora presbiterianos, batistas, metodistas, luteranos, congregacionais e pentecostais — cuja principal denominação é a Assembléia de Deus — trabalharam tanto e tão abertamente para eleger seus candidatos. Só no Rio de Janeiro, são 66 candidatos a deputado federal e estadual, que disputarão cerca de 500 mil votos espalhados em 4 mil templos.

Eles estão em quase todos os partidos, do PDS ao PT. Só não têm vez nos partidos comunistas. O perfil do candidato e do eleitor evangélico é, na grande maioria, conservador, muito embora candidatos como Lysâneas Maciel (PDT-RJ) tenham seus redutos eleitorais na esquerda militante em movimentos de favelados e associações de moradores.

A pretexto de impedir que os comunistas saiam a campo para acabar com as liberdades religiosas, as igrejas evangelistas recomendam que os fiéis não votem em candidatos comunistas. "O Partido Comunista é antideus. Evitem votar em comunistas", é o conselho dado durante os cultos pelo pastor Sebastião Rodrigues, que lidera cerca de 100 templos da Assembléia de Deus em Mato Grosso. O reverendo Guilhermino Cunha, líder da catedral presbiteriana do Rio de Janeiro, representante dos evangélicos na Comissão Arinos de estudos constitucionais, defende a liberdade de ideologia entre os evangélicos com uma ressalva: Como pastor, não recomendo votar em partidos comunistas."

Comunicação evangélica

Com uma emissora de televisão em fase de instalação — o canal 13, antiga TV-Rio —, jornais com tiragens muitas vezes superiores às da grande imprensa, incontáveis emissoras de rádio (só no Rio, quatro delas apresentam exclusivamente programas religiosos) espalhados pelo país, a doutrinação evangélica conta com uma rede de comunicação de fazer inveja a poderosos grupos comerciais.

O comunicador-símbolo é o pastor Nílson do Amaral Fanini, líder máximo dos batistas, considerado o Billy Graham do Terceiro Mundo. Em dezembro de 1983, ele conseguiu derrotar dez grupos concorrentes, entre eles os grupos Abril, Capital e Visão, e ganhar do presidente João Figueiredo a concessão do último canal de televisão disponível no Rio. Proprietário da empresa Radiodifusão Ebenezer Ltda. e da entidade de assistencia social Reencontro (mesmo nome do programa religioso que Fanini apresenta em 100 emissoras de TV e mais de duas mil de rádio no país), na época o pastor contou com a ajuda de Aroldo de Oliveira, então deputado federal pelo PDS, ex-diretor do Dentel.

Hoje, sócio de Fanini na Ebenezer, Aroldo, candidato pelo PFL, conta com oapoio e a força do pastor na sua eleição. Nilson do Amaral Fanini, atarefado com a instalação de sua TV, que tem prazo até maio do ano que vem para entrar no ar e cujos estúdios estão sendo construídos na Avenida Presidente Vargas, não recebe jornalistas, muito menos para falar sobre política. Mas líderes de outras igrejas, como a Congregacional, dizem que pelo amigo o pastor está fazendo propaganda eleitoral durante os cultos, o que até hoje sempre havia procurado evitar.

A organização dos evangélicos em torno das eleições de novembro levou à criação, em Brasília, de um Grupo Evangélico de Ação Política (Geap), que desde fevereiro dedica-se a fazer pesquisas para tentar delinear o perfil do eleitor evangélico. A primeira descoberta: de cada 10 eleitores no Distrito Federal, um é evangélico. Descoberto o potencial eleitoral, a pesquisa constatou que o índice de politização não é pequeno. Da lista de 10 candidatos apresentados aos fiéis à saída dos cultos, três eram conhecidos por mais da metade dos entrevistados. As preferências partidárias recaíram sobre o PFL, PMB (Partido Municipalista Brasileiro) e PMDB.

Agora, em setembro uma terceira pesquisa vai conferir quais são os candidatos mais populares entre os evangélicos. "A partir daí começaremos a realizar um trabalho político para convencer a comunidade a votar nos que têm mais chances. "Se não agirmos assim, não elegeremos ninguém", diz Euler Moraes, presidente do Geap.

A pulverização dos votos entre os numerosos candidatos da comunidade que se apresentaram nestas eleições é a preocupação do deputado federal Daso Coimbra (PMDB-RJ), há 32 anos representante parlamentar dos evangélicos. "Temos 10 deputados federais na Câmara e, se os votos não forem concentrados, corremos o risco de ficar sem nenhum", afirma ele, dono de um invejável cadastro, guardado em computador, de 178 mil nomes, 102 mil dos quais de evangélicos.

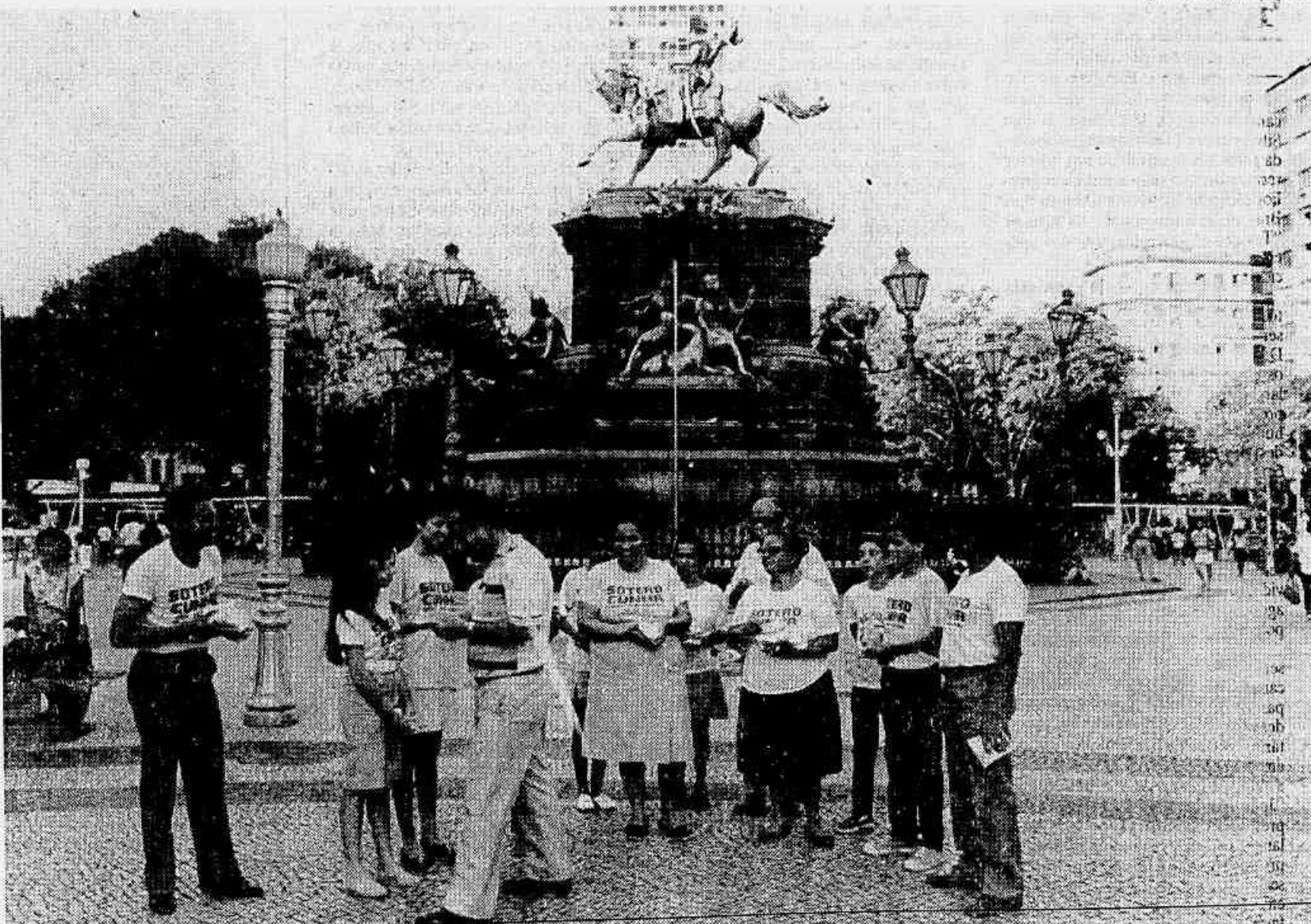
Candidato pela primeira vez, Sotero Cunha, do pequeno PDC e oficialmente apoiado pela Assembléia de Deus, está adotando o mesmo sistema de cadastramento. Já tem 50 mil nomes cadastrados em seu microcomputador e pretende chegar aos 200 mil até o final de outubro. Rico empresário, dono das lojas Paraibanas, Bicho da Seda, de uma fábrica de confecções, uma empresa de transportes, outra de material plástico, Sotero tem uma assessoria que se orgulha de conseguir mobilizar mil evangélicos em poucas horas para uma panfletagem. Ao preço de Cz$ 50 por pessoa, todas as sextas-feiras seu pessoal ocupa uma praça do Centro do Rio para divulgar o nome do candidato.

Outro político incansável é o paulista Alfredo Reikdal, presidente da Assembléia de Deus do ministério do bairro do Ipiranga, comandante do 900 templos e 70 mil fiéis em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Ele tenta eleger-se deputado estadual desde 1970, passando por vários partidos. Filiado ao PTB de Antônio Ermírio de Moraes, aos 71 anos de idade, tenta de novo obter mais que os 15 mil votos — sua marca máxima nos últimos 16 anos. Como pastor ele agrada tanto a seus fiéis que eles preferem mantê-lo na igreja a elegê-lo para a Assembléia Legislativa. Com a mobilização em torno da Constituinte, tem esperança de conseguir realizar o velho sonho: transformar seu gabinete de deputado em gabinete pastoral. Ele justifica: "É para atender as reivindicações de meu rebanho, com a ajuda de servidores que não serão pagos por mim, mas por toda a população".

Dora Tavares de Lima (texto final) Ana Maria Tahan (São Paulo) Teresa Cardoso (Cuiabá) Rodolfo Fernandes (Recife) José Mitchell (Porto Alegre) Luis Faustino (Salvador) Marcos Magalhães (Brasília) e Dora Guedes (Belo Horizonte)

São Paulo — Foto de Isaías Feitosa

Candidato vai ao templo em carro de propaganda

Foto de Gilson Barreto

O local de pregação, na Praça Tiradentes, é agora ponto de concentração para a distribuição de panfletos

Porto Alegre — Foto de Marcos Fernandez

Nasser Bandeira mistura preces com pregação política

São Paulo — Foto de Júlio Bernardes

Manoel Moreira (PMDB) defende a liberdade religiosa

Candidato faz sessão de exorcismo no Sul

Nasser Bandeira, candidato a deputado federal pelo PMDB do Rio Grande do Sul, o pastor da igreja Universo Quadrangular, está preparando uma grande concentração para o mês de outubro, no ponto mais central de Porto Alegre, onde haverá uma sessão de exorcismo — a especialidade de sua igreja — "mas também de política, para divulgar a minha candidatura". Conhecido por promover reuniões de até 15 mil pessoas para "arrancar-lhes o diabo do corpo", Nasser mistura orações e preces em sua campanha e tem um lema: "Evangélico vota em evangélico".

Com sua candidatura, Nasser Bandeira pretende quebrar um tabu no Rio Grande do Sul e ser o primeiro pastor a vencer uma eleição no estado, pois conta ter o apoio de 400 mil fiéis em todas as denominações evangélicas. Em sua igreja mesmo, que tem sede internacional em Los Angeles, Nasser disputa os votos de 100 mil fiéis gaúchos, com apoio de 350 templos, 150 capelas e 150 programas de rádio em diversas emissoras.

Voto está disperso no rebanho paulista

Em São Paulo, diante da grande quantidade de candidatos e partidos, a Igreja Evangélica não conseguiu concentrar forças em poucos nomes e garantir a eleição de pelo menos alguns representantes. "Somos um grande rebanho disperso, temos muitos candidatos para pouco eleitor", constata o deputado estadual Manuel Moreira, líder do PMDB na Assembléia Legislativa e candidato à Constituinte com o apoio da Assembléia de Deus da cidade de Campinas. Ele considera-se "um progressista" e, se eleito, pretende defender "a liberdade religiosa" e uma Constituição simplificada.

Apaixonado pela política, Virtuoso Nascimento não hesita em misturar política e religião nos cultos de sua igreja no bairro do Belém. Cabo eleitoral infiel, já fez campanha para Adhemar de Barros, Jânio Quadros, defendeu Paulo Maluf e agora trabalha por Antônio Ermírio, "um dos homens mais dignos deste país", junto aos fiéis. Seguindo seu exemplo de infidelidade política, o crente Francelino Pereira concorda com ele mas espera apenas Virtuoso se afastar para comentar: "Aqui, cada um vota em quem quer. Eu, por exemplo, vou mesmo é malufar".

Política não é mais uma coisa do diabo

Diferentes na prática religiosa, as várias denominações da Igreja Evangélica, ou protestante, concordam num ponto: chegou a hora de parar de considerar política coisa do diabo e arregaçar as mangas para conter o avanço da CNBB — Confederação Nacional dos Bispos do Brasil — como grupo de influência na sociedade e até no governo. O reverendo Guilhermino Cunha, representante dos evangélicos na Comissão de Estudos Constitucionais presidida por Afonso Arinos e nomeada pelo presidente José Sarney, considera a CNBB "o maior partido político do Brasil". São os seguintes os principais pontos do documento "Princípios Bíblicos Que Devem Transparecer na Nova Constituição", apresentado pelo reverendo à Comissão Arinos:

JOSUÉ SYLVESTRE
Irmão Vota em Irmão
OS EVANGÉLICOS, A CONSTITUINTE E A BÍBLIA

Igreja e Estado — "Que se reafirme o princípio de separação entre as esferas de poder e ação do Estado e da Igreja Cristã."

Liberdade Religiosa — "Considerando a liberdade religiosa que emanará da nova Constituição, as comemorações e datas religiosas de cada credo terão amparo e privatização no âmbito de cada comunidade religiosa."

Educação e Cultura — "A educação é direito de todos e dever do Estado. O ensino religioso deve ser feito nos lares e nas igrejas. Nas escolas pode-se admitir a leitura da Bíblia e a oração espontânea."

Família — O divórcio é admitido, mas como cláusula de exceção, "pois não atinge os bem casados e inibe uniões ilícitas".

Propriedade — "O acesso de todos à propriedade é imperativo na democracia: não todos proletários, mas todos proprietários. A função social da propriedade deve ser enfatizada."

Todos esses princípios estão também citados no livro **Irmão vota em irmão**, de autoria de Josué Sylvestre, chefe de gabinete do senador Humberto Lucena, e adepto da Assembléia de Deus. É um livro doutrinário que agora começa a ser distribuído entre todos os líderes da igreja.

"Católicos votam em católicos. Espíritas votam em espíritas. Umbandistas votam em umbandistas. Comunistas votam em comunistas. Radicais de direita votam em radicais de direita. Por que somente crente não vota em crente?", assim, Josué inicia o capítulo 5 do livro intitulado "Amai-vos uns aos outros".

Na página 79, o autor do livro mostra aos fiéis "como **não** deve ser um líder cristão": a) Demagogo e capcioso como Absalão; b) Fraco e incoerente como Arão; c) Desobediente como Saul; d) Fácil de ser envolvido como Acab; e) Subornado como Balaão; f) Envolvido por questões alheias como Josias.

Salvador — Foto de Gildo Lima

O pastor Wenceslau anuncia seu apoio a Josaphat

Bandeiras vermelhas assustam no palanque

Pastor da igreja do Evangelho Quadrangular, Wenceslau Guimarães apóia a campanha de Átila Brandão — da Igreja Batista da Graça — candidato à Constituinte pelo PFL baiano. Junto com o candidato, o pastor esteve na última semana no comitê de Josaphat Marinho, que concorre ao governo da Bahia pela coligação PFL/PDS/PTB, para hipotecar solidariedade à campanha, afirmando que estava ali para lutar "contra a ameaça comunista que representa o candidato do PMDB, Waldir Pires".

Mesmo concorrendo pelo PMDB, o candidato a deputado federal Milton Barbosa, representante da Assembléia de Deus, não quer se comprometer com a campanha de Waldir Pires. Não sobe em palanques do partido "para não aparecer em fotografias com aquelas famosas bandeirinhas vermelhas por trás". A única exceção aberta por ele — cujo nome está em praticamente todas as placas de sinalização da Bahia — até hoje foi comparecer a um comício de Waldir em Itaberaba, sua terra natal e seu segundo maior reduto eleitoral, depois de Salvador.

Pioneiros de Brasília querem ser senadores

Marcos Magalhães

Brasília — Entre ternos e gravatas, o candidato ao Senado Sebastião Gomes da Silva promete uma novidade para o dia da posse, ser for eleito a 15 de novembro: receberá o diploma vestido de padeiro. Foi assim que ele começou a vida em Brasília há 29 anos e é assim — como "Tião Padeiro" — que ele se apresenta em **outdoors** e cartazes espalhados pela cidade.

Como Sebastião, 68 outros candidatos estão na corrida pelas três vagas de senador, em disputa pela primeira vez no Distrito Federal. Ao contrário de todos os estados, porém, não são políticos de larga experiência e aparência austera que predominam na disputa. São, às vezes, humildes pioneiros, que vêem no título de senador uma recompensa por sua contribuição à criação da nova capital.

"Ninguém possui uma folha de serviços prestados a Brasília tão grande quanto eu", garante o rico empresário Newton Rossi, há 26 anos na cidade, candidato ao senado pelo PDC. "Já fiz de tudo na vida, fui faxineiro, padeiro, por que é que agora não posso ser senador?", diz empolgado Sebastião Gomes.

Se os votos do Distrito Federal fossem divididos igualmente entre os 68 candidatos, não sobrariam mais de 10 mil para cada um deles. Mas é raro ver algum deles desanimado, mesmo que seus solitários gestos políticos tenham resultado em fracasso.

Foi o caso da adocicada campanha "João no coração", que Newton Rossi, presidente da Federação de Comércio, lançou para receber de volta ao país o ex-presidente João Figueiredo, quando ele se submeteu a uma operação no coração em Cleveland, nos Estados Unidos. A farta distribuição de faixas e camisetas pelas ruas não contagiou a população, mas os poucos adultos e muitas crianças que foram receber o presidente deixaram Rossi satisfeito.

"Eu repetiria tudo hoje, se fosse preciso" — diz o empresário, lembrando que arrancou lágrimas de Figueiredo com a homenagem. "Ele teve de modificar sua opinião a respeito de Brasília, que acusava de não ter calor humano".

Discos voadores

Na legião dos candidatos ao senado pelo Distrito Federal, nem todos apreciaram a idéia de Rossi. Sebastião Bortone, do desconhecido Partido Municipalista Comunitário, acredita, por exemplo, que Figueiredo nunca passou de um amante de cavalos e não merecia o título de presidente. Maldosamente apelidado de Bortone E.T., por suas ligações com a ufologia, o candidato tem razões pouco ortodoxas para não gostar do ex-presidente.

"Quando Ernesto Geisel transmitiu o cargo a Figueiredo, ele foi acompanhado de uma grande, linda e maravilhosa esquadrilha de discos voadores de Brasília até o Rio de Janeiro, o que não ocorreu na saída de Figueiredo", garante Bortone. "Eu estava na Esplanada dos Ministérios e vi tudo isto, mas procuro sempre ficar calado, pois quem ouve a história acha que eu sou maluco", diz ele.

Bortone conta, para eleger-se, com os 50 mil livros que já vendeu em sua carreira de escritor e editor. "Quem lê meus livros também pode votar em mim", acredita. A julgar por "Dez dias que abalaram a Rússia" — crônica de uma viagem à União Soviética que escreveu há dois anos —, o candidato pode amealhar alguns votos à esquerda. "Quando voltei ao Brasil, percebi que a Cortina de Ferro é aqui e que os soviéticos estão mil anos na nossa frente", afirma.

Pouco afeitos aos livros, boa parte dos outros candidatos prefere divulgar, sempre que possível, supostas amizades com o fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek. Newton Rossi diz que se mudou para a cidade com o ex-presidente e se tornou seu assessor parlamentar. **Tião Padeiro** garante que chegou a Brasília ainda mais cedo, igualmente pelas mãos de Juscelino, para quem construiu o primeiro hospital da Cidade-Livre.

Também candidato ao Senado, Manoel Oséas orgulha-se de ter trabalhado como auxiliar de gabinete de Juscelino, para quem levava e trazia documentos. Filiado ao Partido Municipalista Brasileiro, onde despontam, como postulantes à Câmara o **Doutor Favela** é Otacílio Norberto, o "candidato certo", Oséas tomou gosto pela política durante a permanência no Palácio do Planalto. Mudou-se para Goías, onde conquistou o apelido de **Oséas 107**.

Após três tentativa de chegar à câmara, sempre usando esse número, ele finalmente chegou a uma das primeiras suplências em 1978. Três anos mais tarde conseguiu assumir o mandato, mas apenas por 107 dias.

O amor por Juscelino e a idolatria pelo Senado, como símbolo de ascensão alimentado pelos pioneiros, já existem há bastante tempo em Brasília. Durante almoço em comemoração dos 15 anos do Iate Clube, em 1976, um rico empreiteiro conhecido por Marinho revoltou-se porque o avião de Juscelino, que seria homenageado, não pode posar na capital, por proibição dos militares. Embriagado, subiu à mesa e ensaiou um comício:

"Quando cheguei a Brasília, pobre, só entendia de tipografia" disse na ocasião, o empreiteiro, que já morreu. "Mas quando fui procurar emprego, um funcionário do governo trocou as letras por engano e eu me tornei topógrafo, sem querer. Acabei enriquecendo com a construção da cidade, mas hoje eu gastaria toda a minha fortuna para me eleger senador".

Brasília — Foto de Luciano Andrade

Sebastião promete romper tradição e tomar posse vestido de padeiro

PMDB quer dar logo aposentadoria menor a motorista de táxi

O líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Pimenta da Veiga, convocou o deputado Jorge Cury (RJ) para uma reunião, amanhã à tarde, em Brasília, com o objetivo de acertar a aprovação de projetos de autoria do parlamentar fluminense que beneficiam os motoristas de táxi.

Cury tem dois projetos: um deles concede aposentadoria aos motoristas aos 25 anos de serviço e o outro amplia, de quatro para 12 meses, o prazo para que os representantes da categoria possam pagar o financiamento de carros novos.

Apoio de Ulysses

A aprovação de projetos do interesse dos motoristas de táxi foi defendida pelo próprio presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, em encontros com o sindicato da classe, em São Paulo, em princípios de julho.

Na oportunidade, com o deputado Jorge Cury presente, o presidente nacional do PMDB afirmou que eram de representantes do seu partido os projetos de maior impacto social junto à categoria. Os representantes do sindicato paulista cobraram, então, de Ulysses — que não escondia sua irritação pelo fato de o deputado Paulo Maluf, candidato do PDS à sucessão do governador Franco Montoro —, uma pronta aprovação dos projetos que tramitam na Câmara dos Deputados.

Cury explicou que as dificuldades para a aprovação dos projetos resultaram, inicialmente, do envolvimento do líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, na sucessão de Minas. Pimenta lançou-se candidato à convenção regional do PMDB e passou praticamente todo o mês de agosto trabalhando seu nome junto às bases partidárias. Sem a presença constante do líder, em Brasília, todas as iniciativas que exigiam negociação com os representantes de outras bancadas foram paralisadas.

Além de Jorge Cury, um outro deputado fluminense, o vice-presidente regional do PMDB, Jorge Leite, é autor de projetos que interessam aos motoristas de táxi e que aguardam aprovação na Câmara. Leite vem tentando ainda levar o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, a se empenhar junto às fábricas de automóveis para que elas concedam prioridade aos motoristas de praça na aquisição de veículos novos.

A preocupação de Leite tem uma razão de ser: ele conseguiu prorrogar até fevereiro do ano que vem o prazo para que os motoristas de táxi, uma massa importante de eleitores, possa adquirir carros novos com isenção do IPI e do ICM. A prorrogação corre o risco de se tornar inócua porque não existe carro no mercado para o motorista comprar.

Manilha — Foto de Carlos Mesquita

O trecho de 16 quilômetros até Duques vira um engarrafamento só nos fins de semana

Região dos Lagos terá verão com engarrafamento na BR-101

Niterói — Os engarrafamentos na BR-101, no trecho Manilha-Duques (Itaboraí), nos fins de semana, continuarão até março de 87, quando a empreiteira Ferreira Guedes concluirá as obras de duplicação das pistas. O subchefe do 7º DRF-DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), Maciste Melo, revelou que existe projeto para que, após a inauguração desse trecho de 15 quilômetros, o governo federal invista em obras de melhoria da BR-101 até Rio Bonito.

Por isso os veranistas que se dirijam à Região dos Lagos precisarão de paciência. Os congestionamentos são freqüentes a partir de sexta-feira e só terminam às 13h de sábado para quem segue até Rio Bonito. Na volta, a situação piora, principalmente nas tardes de domingo quando ocorrem retenções em trecho de 16 quilômetros.

Comerciantes, borracheiros, mecânicos, vendedores ambulantes e proprietários de firmas de reboque se beneficiam com os engarrafamentos. Na estrada, os veranistas podem fazer lanches rápidos, comprar peças de artesanato, ou até mesmo picolé, fruta e biscoito. Mas existe solução alternativa para fugir do engarrafamento: basta que, na ida, o motorista pegue a estrada Manilha-Magé em direção a Itambi; depois, siga por Visconde de Morais e Porto das Caixas até Venda das Pedras. Na volta, apenas inverta o trajeto.

Quem foi para a Região dos Lagos de manhã enfrentou congestionamento em trecho de quatro quilômetros, de Manilha até a Cantina Gaúcha. Da passarela do trevo de Manilha, o motorista Pedro Gomes, 42, fitava os demais veículos. Ele permaneceu no mesmo ponto uma hora.

Pedro Gomes tem um caminhão Ford, F-350, e transformou-o em reboque. Disse que chega a prestar socorro a três carros a cada dia de engarrafamento intenso e cobra entre Cz$ 1 mil 500 a Cz$ 2 mil para rebocar um veículo de passeio até o Rio de Janeiro.

— Isso aqui hoje (ontem) não está muito bom. Geralmente, o engarrafamento começa às 8h e cinco horas depois tudo fica normal. Só posso trabalhar quando algum carro apresenta defeito e o motorista necessita de reboque. Mas nos fins de semana prolongados, a gente consegue bom dinheiro — conta Pedro Gomes.

Fora o caminhão de Pedro, outros cinco atuam na área. No trecho existe também oficina mecânica e borracharia. Além disso, os veranistas encontram vendedores ambulantes — geralmente crianças e mulheres — que vendem de picolé a biscoito.

Paciência

Quem tem casa de veraneio na Região dos Lagos, enfrenta os engarrafamentos como rotina.

— Isso acontece porque todos preferem viajar no mesmo horário, e a situação piora nas tardes de domingo. Houve dias em que pensei que não chegaria à casa. Fiquei mais de cinco horas na estrada — contou José Carlos Bastos Toledo, que tem casa em Cabo Frio.

Ele viajou para a Região dos Lagos com a mulher e dois filhos — Anderson, 2, e Emerson, sete meses. José Carlos ficou uma hora no trevo de Manilha, sob forte calor: "Se fôssemos só eu e minha mulher, dava para suportar melhor — disse ele.

Até Rio Bonito

As obras de duplicação do trecho Manilha-Duques, são feitas pela Ferreira Guedes. O custo inicial era de Cr$ 11 bilhões 700 milhões, revelou o subchefe do 7º DRF-DNER, Maciste Melo. Mas o governo federal deverá investir muito mais: "Esse era o custo das obras quando começaram. Até fevereiro houve reajustes que ainda não sabemos precisar."

No próximo ano, o DNER destinará mais recursos para garantir a continuidade da duplicação até Rio Bonito. Maciste Melo garantiu que o projeto consta do orçamento do DNER para 1987. No entanto, com a política de obras do governo, o DNER aguardará o término da duplicação de Manilha a Duques, antes de pensar no trecho até Rio Bonito.

Editorial **Sentença de Morte**

Delegado critica Brizola

— Às vésperas das eleições, asseguro que a medida é política e demagógica. O governador dá com uma das mãos e tira com a outra. Espero que a Assembléia rejeite a mensagem — disse Thiers Montebelo, presidente da Associação dos Delegados de Polícia, sobre a mensagem complementar enviada à Assembléia Legislativa, na qual o governador Leonel Brizola reajusta em 49,79% os vencimentos de todos os policiais civis do Estado e aumenta de 40 para 48 horas semanais o regime de trabalho.

— Mais uma vez fomos relegados pelo Governador. Ele não foi bem intencionado ao encaminhar a mensagem sem que ela nos fosse mostrada antes. O que a opinião pública vai achar? Vai achar que o policial ganha muito bem, o que não é verdade. Esse reajuste é insatisfatório porque na verdade não é de 49,79%, mas de 15% — disse Montebelo.

E explicou:

— O aumento está prometido desde agosto do ano passado. Em junho, Brizola reajustou os policiais em duas parcelas: 16% e qualquer coisa (não tenho a tabela em mãos) em junho e mais 16% e uns quebrados, que seriam dados em dezembro. Agora ele anuncia esse novo rajuste e não explica à opinião pública que, dos 49,79% deduzirá 33 e pouco por cento que já deu. Na verdade, o reajuste será em torno de 15%, o que não é satisfatório, e a categoria terá de trabalhar mais oito horas semanais.

— É um absurdo. O policial trabalha 40 horas semanais sem condições e agora sua carga horária vai aumentar em mais oito horas, em troca de irrisório aumento de 15%. A Associação dos Delegados de Polícia enviará, segunda-feira, uma carta ao governador manifestando sua indignação, a insatisfação da categoria — disse Thiers Montebelo.

Montebelo revelou que há meses enviou ao governador um projeto que cria gratificações para os delegados e estabelece o referencial 1000 da tabela de escalonamento vertical em Cz$ 9 mil. Na mensagem do governador, contudo, o mesmo referencial é de Cz$ 7 mil 601,95, que corresponde ao vencimento básico de delegado de primeira categoria, que tem direito a mais 50%, por pertencer ao grupo Pol.

Livro didático mostra família irreal

Luciana Villas-Bôas

Nos livros didáticos, as famílias são sempre iguais: muito brancas, muito felizes, o pai bem empregado, a mãe de eterno bom humor, duas ou três crianças sem problemas de qualquer espécie. Como se sabe, a realidade é outra tanto na classe média como nas classes populares. Com uma população entre 40% e 50% de filhos de pais separados, as escolas da zona sul do Rio, para tratar e ensinar a noção de família, estão progressivamente abandonando os livros didáticos e descobrindo métodos menos dissociados da realidade dos alunos.

Unidade curricular do 1º grau, a família nuclear tradicional normalmente aparece como "célula base da sociedade" nos livros de estudos sociais. A escola piagetiana A Chave do Tamanho, porém, prefere tratar a família como uma estrutura matemática, que não deve ser ensinada, mas construída pela criança, desenvolvendo seu raciocínio lógico.

Na Chave, a criança trabalha com uma árvore para representar a família, onde ela determina quem vai entrar. As figuras de avós e irmãos, por exemplo, servem para desenvolver as noções de simetria e duplificação. "Partimos da experiência da criança para construir o conhecimento, e não o contrário", explica Ana Elizabeth Oliveira Lima, diretora pedagógica da escola.

Além disso, de dois em dois meses, o aluno da Chave desenha a sua família para que os professores percebam como está, na cabeça dele, a configuração familiar. "O desenho nos orienta porque, quando a criança está sofrendo com a separação dos pais, ajuda a expressar problemas normalmente difíceis de verbalizar", diz Ana Elizabeth.

Rede de relações

Outras escolas trabalham com a noção de família ampliada, em oposição à nuclear, para cobrir a extensa e complexa rede de relações que compõe os lares dos dias de hoje: pai, mãe, namorada de pai, namorado de mãe, irmãos, meio-irmãos e irmãos de irmãos que não são irmãos. Na Escola Senador Correa, em Laranjeiras, costuma-se pedir aos alunos que desenhem quem mora em casa com eles. Em seguida, pergunta-se se a família se reduz àquilo, dando oportunidade para que falem de outras casas e relações.

Para Marisa Duarte, diretora de ensino da Senador Correa, o problema dos livros didáticos não está, certamente, no tipo de família que apresentam, mas no fato de mostrarem um único padrão familiar. "Há famílias de todo tipo, de pais divorciados, de mães solteiras, de pais solteiros, de crianças criadas por avós. O problema da família nuclear no livro didático é que, acima de tudo, ela é irreal", diz Marisa, que calcula que metade dos alunos de sua escola vem de famílias que não se encaixam no padrão tradicional.

Na Senador Correa, a família aparece principalmente quando são desenvolvidas as noções de tempo e espaço. Nessas ocasiões, pede-se às crianças que escrevam a história de suas vidas e, freqüentemente, as separações dos pais são um marco. Na creche escola Pequeno Trabalhador (Petra), que recebe crianças só até as classes de alfabetização, a preocupação é, como na Chave do Tamanho, trabalhar com a realidade da criança. Também lá, onde é seguido o método montessoriano, usa-se a árvore para a construção da família e, segundo a diretora Dayse Canano, os problemas que surgem têm muito mais origem nos pais do que nos filhos.

Foto de Sérgio Pinheiro

Na nova escola, a criança brinca e constrói sua noção de família

"Algumas mães gostam que os filhos chamem seus segundos maridos de tios", queixa-se Dayse. "Isso pode causar confusão na cabeça das crianças simplesmente porque tio representa irmão da mãe ou do pai, e não há razão para não chamar uma pessoa pelo próprio nome, mas por uma coisa que ela não é", explica. Para a atriz Nica Bonfim, mãe solteira de Bebel, um ano e meio, os métodos da Petra são em grande parte responsáveis pela tranqüilidade com que a menina passou a se relacionar com o pai.

Fim do estigma

Em todas as escolas há o sentimento de que as crianças de hoje em dia transam bem a separação dos pais. As exceções só aparecem quando a ansiedade dos pais é tão grande que acaba sendo transmitida ao filho: "Nenhuma criança, hoje, ainda se sente diferente ou estigmatizada porque é filha de pais separados", diz Patrícia Lins e Silva, coordenadora das classes de alfabetização da escola Parque, que, apesar dos contatos freqüentes com os pais dos alunos, prefere ignorar a noção de família como ponto curricular.

No entanto, ainda é comum, segundo contam professoras e diretoras, mães chegarem às escolas angustiadas, sem saber se contam aos filhos que "aquele amigo" é, na verdade, namorado. "Em geral, a essa altura, os filhos já contaram há muito tempo aos amiguinhos que a mãe está de namorado novo", diz Ana Elizabeth Oliveira Lima. Na Petra, uma vez em que foi pedido às crianças que levassem uma foto da família, a mãe de um menino, complexada por não ter uma fotografia com todos unidos, fez uma colagem com um três-por-quatro do pai junto a ela e o filho. "Mas há o outro lado", aponta Ana Elizabeth. "Volta e meia vemos as crianças que vêm de famílias unidas se queixarem porque não têm dois quartos ou duas casas".

Fazenda em Parati tenta enganar Incra

Israel Tabak

Umas 150 cabeças de gado, recém-chegadas, um trator, terra arada pronta para o plantio, uma cultura jovem de milho. A **maquiagem** de parte da fazenda Barra Grande, em Parati, está apta a funcionar como prova de uma pretensa produtividade, evitando sua desapropriação para reforma agrária. Só que o Incra está documentando todo o processo de **maquiagem**, para provar a farsa na Justiça, se for necessário.

Classificada como latifúndio pelo Incra, em razão do baixo nível de exploração de suas terras, a área conhecida como Serraria, na Fazenda Barra Grande, está na lista das que deverão ser desapropriadas. E se é possível fazer **maquiagem** para tentar sustar a reforma agrária, não há disfarce que dê jeito nos males que a sua ausência provoca: a população urbana de Parati triplicou e surgiram favelas povoadas por gente expulsa do campo. A cidade, antes tranqüila, hoje se apavora com a violência cotidiana.

Um aviso

"Não compre nem ocupe terras nesta área sem autorização do Incra." A placa está no km 169 da Rio-Santos, junto à entrada da Fazenda Barra Grande. A maior parte da fazenda (596 hectares) na área conhecida como Colônia foi desapropriada por decreto de 1983, mas a medida veio tarde para muitos dos 50 colonos e suas famílias, que viveram décadas ameaçados de despejo e expulsão:

— Toda hora o pessoal da fazenda **botava briga** com os colonos e destruía a sua plantação. Alguns não agüentaram e foram embora — conta João Cícero da Silva, 74, "nascido e criado" em Barra Grande. "Agora, depois do decreto, a situação ficou mais calma. Mas cadê braço pra fazer roça de mandioca e feijão? Já estou muito velho."

Se Cícero não tem mais forças, seu companheiro Benedito Gomes — 60 anos de idade e de fazenda — ainda tem esperança de, com a ajuda da família, plantar muito feijão, milho, mandioca e banana. Afinal, há décadas os colonos são responsáveis por 95% da produção da fazenda, conforme comprova o prefeito de Parati, Édson Didimo Lacerda, estudioso da questão agrária.

Os colonos, velhos ou novos, pelo menos agora têm paz em Colônia. Mas os 100 moradores de outra parte de Barra Grande, a Serraria (470 hectares), vivem momentos de inquietação, desde que o Incra iniciou o seu "processo de desapropriação", em outubro de 1985.

— Esse processo abrange o conjunto de medidas técnicas e jurídicas necessárias para se fazer um bom levantamento da área que se pretende desapropriar por interesse social — explica Agostinho Guerreiro, superintendente regional do Incra.

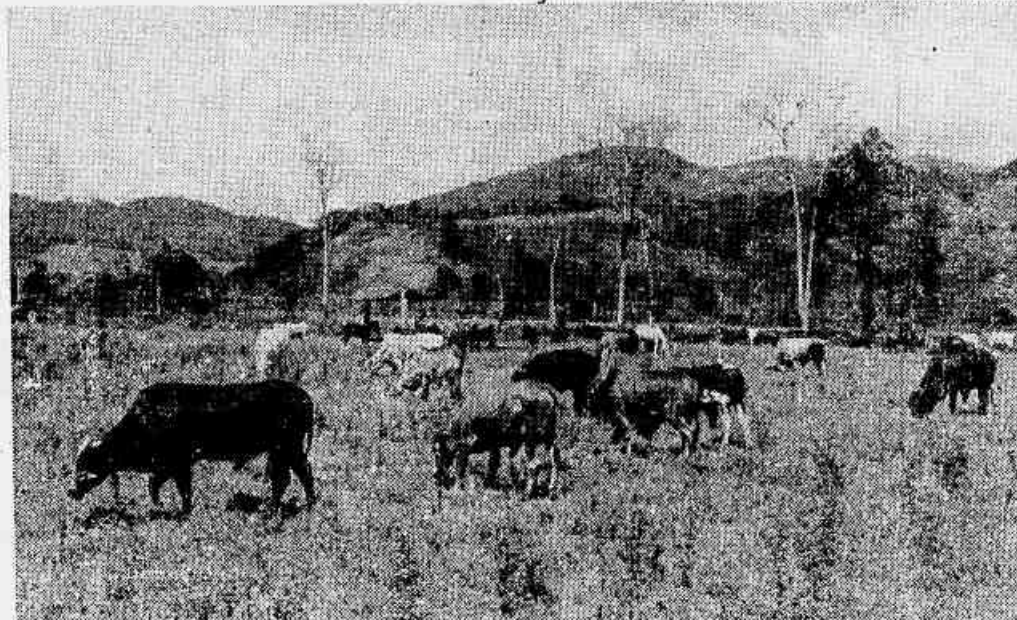
E foi por esse caminho que a **maquiagem** começou a ser documentada, ao mesmo tempo em que os colonos se inquietavam com medidas restritivas, impostas pela fazenda. Em outubro de 1985 foi feito o primeiro laudo de vistoria: "Ainda não havia gado nessa época", constata Josimar de Oliveira, representante do Incra na região.

— Mas com as outras medidas, como o mapeamento da região e as entrevistas com os colonos, deixando clara a nossa intenção de desapropriar a área, o gado começou a chegar. Isso ficou claro com uma outra vistoria que fizemos posteriormente. E o próprio administrador da fazenda assinou o laudo, indicando até as datas em que os bois chegaram — revela Josimar.

Depois da última vistoria, em agosto, chegaram mais carretas de bois. A última, segunda-feira, e a penúltima, na semana passada: "Nunca vi tanto gado nesta fazenda. A gente, no máximo, via uma ou outra cabeça espalhada por aí" — admira-se Amauri Lara, que nasceu em Serraria há 30 anos.

Também há terra nova sendo preparada para o plantio e para pasto, além de uma semeadura de milho: "É muita atividade", ironiza de novo Lara, preocupado com a proibição — feita pela administração da fazenda — de novas plantações, pelos colonos.

— Boi e plantação sempe teve por aqui — defende-se Ertes Beatti, administrador da fazenda e empregado da Companhia Industrial e Agrícola Barra Grande, dono das terras. — E quanto às benfeitorias dos colonos, eles serão indenizados, quando deixarem a área, pelo valor já estimado em perícia judicial — diz o administrador, confirmando que a intenção da Companhia é retirar os posseiros.

Parati, RJ — Foto de Vidal da Trindade

A Fazenda Barra Grande pôs boi no pasto para evitar desapropriação

Louro e forte, Ertes Beatti veio do Paraná, onde administrava fazendas de café: "O projeto da companhia é plantar 500 mil pés de café aqui em Barra Grande, além de reservar área para o gado. Só que o Incra quer desapropriar as melhores terras, planas, deixando-nos só as encostas. Assim não vai dar.

Êxodo e violência

Na opinião de Amauri Lara — representante dos colonos de Serraria junto ao Sindicado dos Trabalhadores Rurais de Parati —, a solução é o Incra apressar o processo de desapropriação, para evitar as pressões sobre os posseiros.

Há dias, o posseiro Gumercindo Nunes, sua mulher e seus três filhos foram despejados do seu barraco, e a sua pequena lavoura, de cana, mandioca e banana, arrasada. A família vai engrossar a população da favela da Ilha das Cobras, que, juntamente com a favela de Mangueira, abrigam, no coração do centro urbano de Parati, cerca de 6 mil pessoas, em sua grande maioria expulsas do campo. Na área onde a família vivia hoje são vistos, quase diariamente, dois soldados da PM, em patrulha.

No início da década de 70, Parati tinha 5 mil pessoas na área urbana e 15 mil no campo: "Hoje temos 18 mil no perímetro urbano, enquanto a população rural não passa de 10 mil", revela o prefeito Édson Lacerda (PMDB). "Naquela época" — prossegue — "nem havia favelas em Parati. Elas começaram a aparecer depois da construção da Rio—Santos".

— Os tratores da Rio—Santos jogavam barro nas casas pobres das áreas rurais, que depois eram destruídas. A estrada mudou tudo na região. A valorização imobiliária atraiu a atenção dos especuladores para as terras não exploradas pelos donos e que eram apenas cultivadas por posseiros. Agricultores, nas terras acima do leito da estrada, e pescadores, abaixo, começaram a ser despejados e expulsos, para possibilitar o surgimento de novos loteamentos.

Joaquim Afonso Filho, velho morador de Colônia, já viu muita gente saindo do campo e indo para a favela: "O pessoal está mesmo é ligado à terra. Não sabe fazer outra coisa e não se adapta à cidade. Sem emprego, vivendo de pequenos biscates, muita gente acaba afundando na miséria. Alguns começam a roubar, assaltar e até matar. Já vi até colono ficar doido depois que saiu daqui. E a garotada, lá em Parati, acaba mesmo sendo pombo-correio de traficante de tóxico" — desabafa.

— A Justiça, que é lenta para fazer a reforma agrária, é muito rápida na hora de despejar os posseiros — comenta, de novo, o prefeito. — Já vi gente com mais de três anos de posse sendo despejada por liminar, o que só poderia ocorrer com menos de um ano de ocupação. A verdade é que os donos dos grandes latifúndios conseguem ótimos advogados, que fazem andar os processos.

O prefeito não poupa nem o Incra, mesmo falando diante do seu representante na cidade, Josimar Oliveira: "Os funcionários de baixo escalão são bem intencionados. Mas a cúpula continua lenta e quem se aproveita é o latifundiário, fazendo a tal **maquiagem**, que não é nenhuma novidade por aqui.

Na realidade as **maquiagens** anteriormente conhecidas ocorreram após a decreto de desapropriação, nos casos em que o Judiciário concedeu liminar de mandado de segurança contra o decreto do Governo Federal. No prazo em que é julgado o mérito da questão, o proprietário aproveita para simular o aproveitamento da terra.

Em Barra Grande, o Incra antecipou-se à desapropriação — recomendada quarta-feira à direção nacional do Instituto — depois de concluída a análise técnica. A superintendência regional fiscalizou e documentou a simulação de uso produtivo da terra, prevenindo-se contra alguma manobra jurídica dos proprietários. "Mesmo assim, antes ou depois da desapropriação, o Incra precisa ser mais rápido. Como está, só ajuda o latifundiário", insiste o prefeito Édson Lacerda.

No Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Parati, seu presidente, Valdevino Cláudio dos Remédios, e o advogado do sindicato, Artur Marwell, lembram que a demora para a execução da reforma agrária contribui para aumentar a tensão social na região. Citam alguns casos, como o da Fazenda São Gonçalo, onde, segundo Valdevino, "de 175 famílias restam pouco mais de 20, ameaçadas de despejo. Na Fazenda Pedra Branca, outras 15 famílias estão ameaçadas".

— Tem sido comum a contratação de jagunços de outros estados para virem ameaçar posseiros da região, sem esquecer de mandar **recadinhos** para os dirigentes dos sindicatos. E não entendo também a velha prática da polícia, de envolver posseiros em supostos crimes que eles não cometeram. É uma situação de constante ameaça e desespero — comenta o sindicalista.

Para o advogado Artur Marwell, pouco se conseguirá "sem uma profunda reformulação do poder judiciário, cuja atuação apenas reflete o sistema sócio-econômico em que vivemos. Enquanto os proprietários conseguem uma liminar em 24 horas, os posseiros, por seus representantes, já são mal-vindos ao entrar no cartório".

Delegado critica presença de advogados em delegacia

Hilka Telles

A presença de advogados durante depoimentos em delegacias — direito constitucional cada vez mais efetivado com a redemocratização do país — está desgostando muitos delegados, que alegam favorecimento a possíveis criminosos. "Na presença de advogados", comentou o delegado Altair Delamare, "eles ganham confiança e repetem histórias previamente decoradas, buscando o apoio do defensor cada vez que se sentem acuados com as perguntas.".

Os advogados repudiam tal questionamento e lembram que uma confissão não prova nada, se não estiver calçada em fatos e evidências. Para Virgílio Donnici, ex-presidente da OAB, o centro da questão é a adequada formação dos policiais. "Estamos num regime democrático e pressão psicológica também é tortura", comentou.

Nos negros tempos da ditadura militar, quando a prisão de um cidadão muitas vezes não era comunicada à família, o acesso dos advogados aos interrogatórios nas delegacias não era uma prática costumeira. Por conseqüência, em diversos casos, o acusado, na Justiça, afirmava ter confessado sob tortura física ou psicológica. Hoje, quando o país respira ares menos densos e caminha para a democracia, a figura do defensor nos interrogatórios inibe abusos de poder, mas, por outro lado, dificultam a atuação da polícia.

Essa é a opinião de alguns delegados de polícia do Rio de Janeiro, para os quais os acusados, na maioria das vezes, confessam o crime quando não estão acompanhados por defensores durante a tomada de depoimento. Segundo o delegado Altair Delamare, nesses casos "a pressão dos interrogatórios não é quebrada e o suspeito sente-se desamparado ao tentar mentir. Na presença de advogados, eles ganham confiança e repetem histórias previamente decoradas, buscando o apoio do defensor cada vez que se sentem acuados com as sucessivas perguntas".

Advogados rebatem veementemente essas afirmações, e a indignação de Virgílio Donnici, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, se resume em uma frase: "Esses **macacos** estão dizendo isso?" O criminalista João Carlos Austregésilo de Athayde foi menos impetuoso, porém mais taxativo: "Os delegados só poderão avaliar o papel do advogado, a importância dele durante um interrogatório, quando eles estiverem sendo acusados de alguma coisa".

Laura e Russa

Dois crimes recentes — os assassínios do neurologista Jorge Amorim e da advogada Lucília Marques —, afirmam os delegados Altair Delamare e Verter Losso, responsáveis pelas investigações, poderiam ter sido solucionados rapidamente não fosse a presença de advogados dos suspeitos durante os interrogatórios. Após os depoimentos de Laura Fernandes Amorim, suspeita da morte de Jorge, e de Glória Russo, tida como a mandante do assassinato de Lucília, os policiais observaram que só não confessaram por estarem na companhia dos advogados.

Segundo Delamare, a presença do advogado durante o interrogatório é constitucional, "mas a figura do advogado no Brasil está colocada como mais uma dificuldade para o aparecimento da verdade". O delegado tentou impedir Laura Amorim ficasse de frente para os advogados durante o depoimento em seu gabinete, colocando três cadeiras para eles atrás dela. Mas não deu certo.

— Os advogados sentiram que Laura estava na iminência de sucumbir ao interrogatório e trataram de se locomover na sala, de maneira que pudessem ficar de frente para ela, fazendo sinais. Nesses casos, os advogados atrabalham o andamento do inquérito, à medida que o acusado se sente garantido, protegido e corajoso para prosseguir num depoimento previamente armado. A presença do defensor, enfim, dá confiança para que o suspeito dê um depoimento mentiroso, sem vacilar — conta o delegado da 6ª. DP.

Verter Losso, da 27a. DP, afirma que "os advogados atrapalham bastante, porque proporcionam absoluta segurança emocional e psicológica ao cliente". E garante que, se Glória Russo tivesse sido ouvida sem a presença do advogado no último interrogatório, "teria confessado o crime antes da décima pergunta" (num questionário de 106). Losso frisa, ainda, que Glória Russo sentiu um baque com uma das perguntas, "mas não abriu o jogo porque estava garantida por um **cobrão**", referindo-se ao advogado José Mauro Couto de Assis.

— É um direito do cliente ser acompanhado pelo advogado, mas eles impedem a elucidação do crime, de imediato. A figura do advogado é uma muralha entre cliente e delegado — saliente Losso, enquanto Delamare e o delegado Hélio Vígio concordam em que "o Estado acaba sendo onerado por causa disso".

— Se a polícia pode solucionar um crime em três dias e gasta três meses, é evidente que o Estado é onerado. Sem contar que os nossos policiais ficam sobrecarregados, por terem de investigar três ou mais casos ao mesmo tempo — relata Hélio Vígio, que atualmente está à frente da Divisão de Roubos e Furtos.

Apologia da mentira

Para Altair Delamare, "as nossas leis fazem apologia da mentira e estimulam o criminoso nesse sentido, tendo em vista que aquele que confessar, está roubado". Ele cita o exemplo das leis dos Estados Unidos, pelas quais a polícia e criminoso fazem acordos: "Lá, se o criminoso ajuda a desvendar de imediato o crime, ele recebe atenuantes, menos anos de pena. Nos Estados Unidos, eles depõem sob juramento e, se mentirem, pagarão pelo erro, enquanto no Brasil nada acontece".

Hélio Vígio relembra um episódio em que um suspeito depôs sem a presença do advogado e depois "levou uma bronca do defensor": "Quando o advogado chegou e soube que seu cliente havia confessado, ficou uma fera e, sem o menor escrúpulo ou ética, disse ao rapaz: Mas eu não havia avisado para você não falar coisa nenhuma, não confessar nada? Os advogados de renome não agem assim, mas, ao apresentarem seus clientes, já vão com um depoimento previamente decorado."

— Se a gente coloca qualquer obstáculo para a entrada dos advogados durante os interrogatórios, eles correm e telefonam para a OAB. E quando o interrogado está sendo pressionado e prestes a confessar, eles (os advogados) interrompem o depoimento e dizem: "Doutor, o senhor está constrangendo o meu cliente", ou então "meu cliente está sob forte tensão emocional e não convém pressioná-lo".

Para Vígio, "a presença do advogado na fase preliminar do inquérito atrapalha a investigação", embora afirme respeitar o exercício do direito. "É preciso que o advogado entenda que a polícia interroga com intuito maior que o dele. O defensor vê apenas o bem do indivíduo, enquanto a polícia vê o da sociedade. É preciso que a população saiba que, nesses casos, o advogado está contra a população" — salienta o diretor da DRF.

Vígio vai mais além: "A atuação dos advogados deveria ser mais disciplinada pela própria OAB". E completa: "Eles querem que o processo vá **mole** para a Justiça (tenha menos subsídios), para a absolvição do acusado ser mais fácil." Hélio Vígio salienta que continua trabalhando da mesma forma que sempre trabalhou, dentro da lei:

— Claro que sofro algumas representações de advogados, quando eles acreditam que estou cerceando o direito deles exercerem a profissão. Mas faço os interrogatórios longe dos advogados e o resto respondo depois. E se eu exorbitar das minhas funções, pago por isso.

O diretor da DRF concorda com Delamare a respeito da necessidade de se modificar as leis e garante: "O preso que confessar o crime, na minha delegacia, tem regalia. Deixo entrar cigarro, café, leite e açúcar". Vígio considera a postura da OAB "corretíssima", mas ressalta: não permitirá que o advogado, "no direito dele, cerceie o meu. Até porque, os direitos de um terminam quando começam os dos outros".

Macacos

A primeira reação do advogado Virgílio Donnici, ao tomar conhecimento da posição dos delegados, foi o impulso de chamá-los de **macacos**. Depois, disse que não se surpreendia que os policiais não gostassem de advogados durante os inquéritos, pois, "com raras exceções, são todos educados num sistema repressivo, inquisitorial, não tratando do que é importante na polícia, que é a investigação".

— Esta, quando bem feita, não há autoria que não seja descoberta. Já era tempo do policial carioca conhecer a famosa decisão da Suprema Corte Americana, no caso Miranda versus Estado do Arizona, quando todo suspeito ou acusado tem o direito de ter advogado ao seu lado. E por que o advogado? Porque a polícia no Brasil não é a condição da liberdade, a guardiã da paz. E com policiais sem formação sócio-psicológica, sem ensinamentos plenos de direito penal e de criminologia, e sem exame psicométrico para policial, a polícia é despreparada e, por conseguinte, perigosa.

— Quando teremos no Brasil uma polícia preparada? — indaga Virgílio Donnici, para em seguida afirmar: "O que não se pode é voltar aos tempos passados, quando os interrogatórios eram feitos no silêncio, na penumbra. Estamos num regime democrático e pressão psicológica também é tortura".

O criminalista João Carlos Austregésilo de Athayde resumiu sua opinião sobre a posição dos delegados: "É mais cômodo para o delegado a confissão do suspeito ou acusado, porque a presença do advogado incomoda. O advogado representa a liberdade. Já se foi o tempo em que a confissão era prova plena. Hoje em dia, não existe mais hierarquia de provas, e cabe às investigações com fundo científico determinar, com apanhado de provas, a culpabilidade do acusado".

Arquivo-1982

Delegado Verter Losso

Arquivo — 1981

Advogado Virgílio Donnici

Acidente em Resende mata cadete

Um acidente com o carro anfíbio blindado Urutu no Campo de Instrução da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, na madrugada de ontem, matou o cadete Henrique Moreira Burnier Júnior, do quarto ano do curso de Infantaria, e o cabo Antônio Carlos Frontarolli, do Batalhão de Comando e Serviços da AMAN, que lotava o carro de combate. Segundo informações, houve uma capotagem devido a buracos na estrada ao final de um exercício de campanha.

Mais quatro cadetes — David Ronço, Igor Fillietaz, Ricardo Luís Ribeiro Evangelista e Sílvio Loureiro Souza Junior — permanecem em observação no Hospital Escolar da AMAN, em Resende. Todos integram o quarto ano do curso de Infantaria. O cadete Henrique Moreira Burnier, Júnior era carioca, tinha 23 anos, e estava há três meses de sua formatura. O pai Henrique Moreira Burnier a mãe Luísa Ferreira Burnier e irmãs Roberta e Renata moravam em Niterói.

O Comando da Academia Militar das Agulhas Negras se responsabilizou pelas despesas dos sepultamentos. O cadete foi enterrado ontem no Cemitário São João Batista e o cabo Frontarolli, em Resende, onde residia sua família. O Comando da AMAN informou que foi aberta uma investigação militar de ordem técnica para apurar as causas do acidente. O Urutu é uma das mais recentes aquisições do Exército Brasileiro, capaz de trafegar por rios e mares sem prejuízo de sua capacidade de combate.

Foto de Viviane Rocha

Homens e mulheres, de preto, cavaram sepulturas nas areias da Praia de Ipanema

Polícia impede grupo de invadir Fazenda União e apreende facas e facões

Uma operação montada pela Polícia Federal, com apoio das polícias Civil e Militar, conseguiu impedir que mais de 200 pessoas invadissem, na madrugada de ontem, a Fazenda União, em Casemiro de Abreu, de propriedade da Rede Ferroviária Federal. Cerca de 100 facões, facas e ferramentas foram apreendidos com os invasores — procedentes, em sua maioria, de Nova Iguaçu e Miguel Pereira — que, revoltados, acamparam em frente à sede da Polícia Federal de Macaé.

Agentes federais asseguraram que o movimento foi organizado por subversivos ligados à CUT (Central Única dos Trabalhadores), e apontaram o padre Fernando Orjanas Freitas Morgado Moura, de Nova Iguaçu, e o vereador do PDT de Casemiro de Abreu, Gérson Absolo, como seus principais líderes. Segundo a Polícia Federal, do grupo também faziam parte algumas freiras.

Surpresa

Os invasores começaram a chegar à Fazenda União — na BR-101, localidade de Rocha Leão — logo no início da madrugada, e muitos ocupavam um ônibus fretado, mas, para surpresa de todos, foram recebidos por 100 homens das polícias Federal, Rodoviária, Civil e Militar, além de agentes ferroviários. Sem resistência, foram levados para o prédio da Polícia Federal, em Macaé, onde os policiais os desarmaram para, em seguida, liberá-los.

Em protesto contra a apreensão de suas facas e ferramentas, muitas das quais aparentando nunca terem sido usadas, cerca de 50 dos 200 invasores, que levavam 20 barracas de lona e mantimentos suficientes para seis dias, acamparam em frente à sede da Polícia Federal, que está de prontidão junto com a Polícia Rodoviária.

Grupo de "pacifistas" agita praia de Ipanema com surpresa no final

A praia de Ipanema era uma festa só, ontem, com sol e temperatura de 27 graus, quando o inusitado aconteceu: de uma kombi, estacionada em frente ao posto nove, desceram cinco moças e cinco rapazes vestidos de preto e caminharam em direção à areia. Os homens carregavam pás e as mulheres cruzes, no mais absoluto silêncio, enquanto a multidão curiosa começava a cercá-los e indagar o que era aquilo.

Uma jovem de macacão que acompanhava o grupo explicou: "Isso é um protesto contra as usinas nucleares". As moças, com véu preto encobrindo o rosto, se perfilaram de costas para o mar e os rapazes, de frente para elas, começaram a cavar sepulturas. As viúvas, como logo foram apelidadas, cantavam uma música fúnebre e o povo passou a vaiar. Com pessoas se manifestando contrárias e outras a favor, e o tumulto generalizou-se.

Com os cabelos presos em rabo de cavalo, óculos escuros, uma **gatinha** ipanemense, acompanhada por uma amiga não menos bonita e com um sumaríssimo biquini, partiu para a ignorância: "Que mal gosto, cara, um sol desse **pra** gente curtir e vocês aí cavando sepulturas. Vão baixar em outro terreiro" — gritou, enquanto sacudia os quadris.

Foi o início do bate-boca. Do meio da multidão pulou uma moça pequena, mas com muita disposição para a briga, que não hesitou em por o dedo na cara da jovem opositora, chamando-a de **reaça**:

— Então você nunca ouviu falar em Chernobyl? Em Angra I? A gente pode morrer por causa de usinas atômicas e você aí interessada em que eles não perturbem o seu sossego de sábado?

A amiga defendeu: "Um dia desses, cheio de sol, e essa gente de negro, de mau agouro na praia. Que baixo astral".

A discussão se generalizou, pessoas pediam pancadaria e quando a **briga** estava no auge, a surpresa foi maior do que a chegada do grupo de preto. Opositores e adeptos do protesto confraternizaram, entraram na Kombi e partiram.

Condomínio quer expulsão do namorado de Priscila

Condôminos do edifício (Rua Nereu Ramos, 211, Recreio dos Bandeirantes) em que mora Wagner Fiúza de Lima Carrilho — o namorado de Priscila — decidiram em assembléia pedir ao dono do apartamento 102, Mário Mesquita Peixoto, que expulse o professor de educação física, por transgressões do regulamento. Eles afirmam que o prédio "virou motivo de chacota com os sucessivos escândalos".

Em reunião iniciada às 10 h e só encerrada às 15 h, com a chegada de repórter do JORNAL DO BRASIL, os condôminos decidiram apelar até para o secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, se o dono do apartamento — ele não compareceu à assembléia — não expulsar o rapaz, que mora com a mãe.

O síndico Jorge Bold mostrou carta, de fevereiro, com três queixas contra Wagner: uso de traje de banho na portaria social; festas de **embalo** no apartamento "com a presença de mulheres de vida fácil"; e solicitação ao porteiro, durante o expediente, para consertar cortina no apartamento.

Prédio do Congresso passa pela 25ª reforma em 26 anos

Ney Flávio Meirelles

Brasília — Apesar de jovem, em seus 26 anos de vida — a idade da capital federal — o prédio do Congresso Nacional já está na sua 25ª obra de ampliação, reforma ou restauração. A maioria delas considerada desnecessária por algumas das 20 mil pessoas, entre funcionários e parlamentares, que por ali circulam diariamente. Nenhuma das obras, contudo, tem visado à segurança eficaz dessa pequena cidade contra o perigo de incêndio.

— As obras de Oscar Niemeyer são verdadeiras churrasqueiras — condena o deputado Amaral Netto, líder do PDS na Câmara, e hoje um dos mais intransigentes **fiscais da oposição**. "São plasticamente bonitas, mas desprezam totalmente a funcionalidade."

Canteiro permanente

Na verdade, são tantas e tão sistemáticas as obras realizadas tanto na Câmara quanto no Senado que o Congresso Nacional transformou-se numa espécie de canteiro de obras desde a sua inauguração. A primeira foi logo em 1963, apenas dois anos após sua construção. Decidiu-se erguer o Anexo 2, para abrigar em um só local as comissões técnicas com instalações próprias para a secretaria, gabinetes para os presidentes e vices, copa e banheiros. Desde então não se parou mais de mexer na estrutura interna e externa dos prédios.

O deputado José Genoíno (PT-SP), membro da comissão que estudou as reformas do Congresso, acredita que, enquanto a maior parte delas é inútil, o essencial ficou em segundo plano:

— Quase todas as obras realizadas no Congresso não têm nenhum sentido prático. A questão da segurança sempre foi relegada. Eu tenho medo do que possa ocorrer se pegar fogo — afirmou.

Planejadas, e sucessivas, foram as construções dos Anexos 3 e 4 da Câmara e do Anexo 2 e atualmente do 3 do Senado. Em 1980, o Anexo 1 da Câmara foi construído com projeto de Niemeyer numa área de 57 mil metros quadrados, para abrigar, além dos gabinetes para 470 deputados, serviços de passagens aéreas, novo restaurante, uma lanchonete, barbearia e criação de um ambiente de estar para os parlamentares descansarem após as refeições, adjacente ao 10º andar, junto ao restaurante.

Essa construção, apelidada de **serra pelada**, em virtude da cor amarela predominante e do luxo de suas instalações, foi iniciada no período em que o atual ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, presidiu a Câmara. Mas coube ao deputado Flávio Marcílio, três vezes eleito para esse cargo, entregar a obra a seus colegas, cumprindo um compromisso de sua campanha eleitoral.

Além das obras, também as reformas têm-se repetido: adaptações no prédio principal para acomodar o contínuo aumento de funcionários; alterações nos anexos para abrigar mais gabinetes; transferência do Serviço Médico do 2º andar do Anexo 1 para o Anexo 3; construção do complexo de restaurantes; instalação do centro telefônico no subsolo do Anexo 3 e reforma da Taquigrafia. Sem falar nas reformas da churrasqueira e da piscina da residência oficial do presidente da Casa.

Senado

— No Senado a situação é semelhante: são trocas de pisos, divisórias, remanejamento constante e ampliação de arquivo, bibioteca, serviço médico, barbearia e redecoração de gabinetes. Seja por contratos com empreiteiras ou por execução direta, através do Departamento de Engenharia, tantos investimentos, jamais incluíram um sistema eficiente de combate a incêndios, principalmente no anexos 1 da Câmara e do Senado — os dois edifícios de 26 andares cada — e nos plenários.

— Hoje o prédio do Congresso é o mais perigoso da cidade — diz o chefe de operações do Estado-Maior do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, coronel Megale.

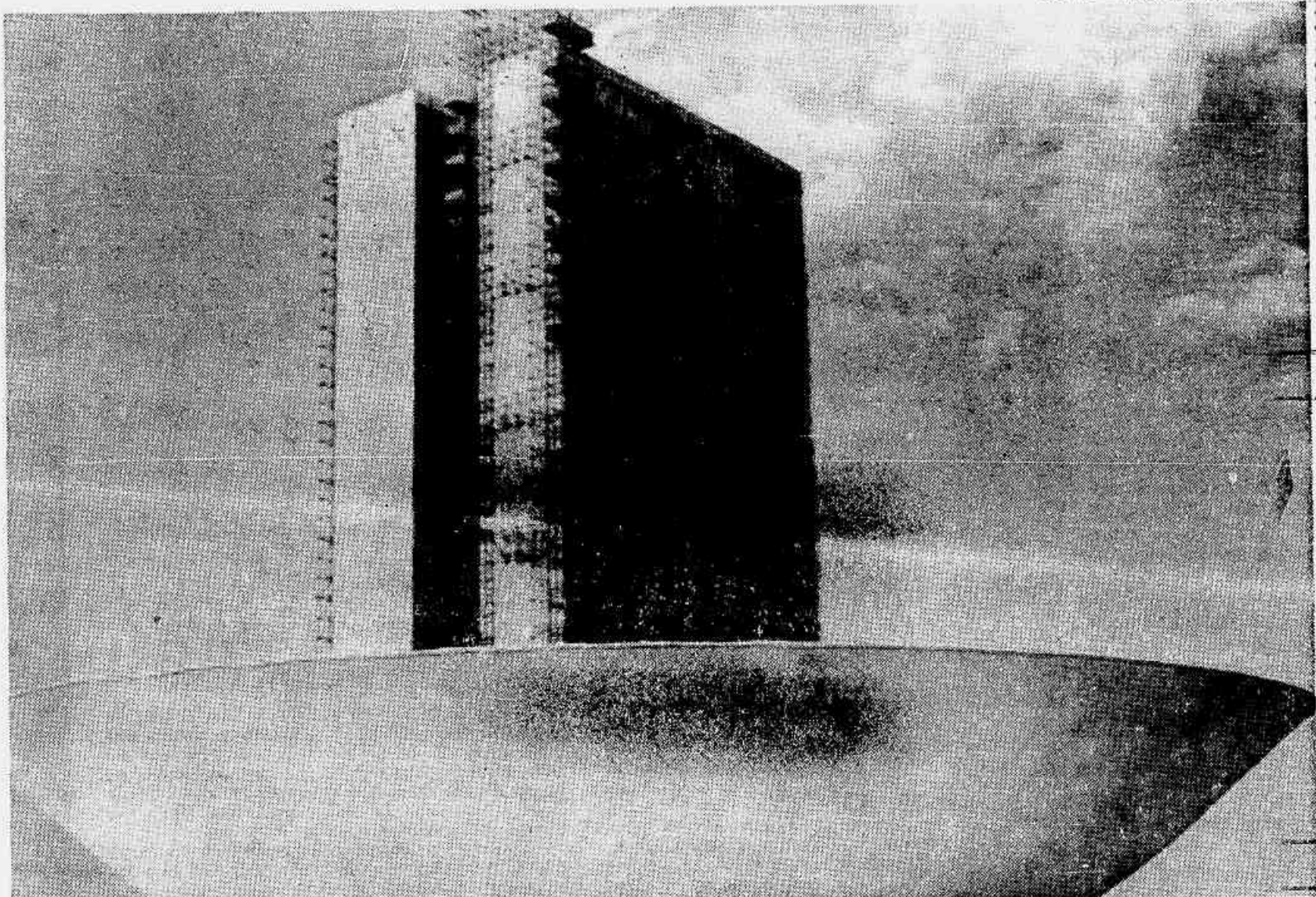
Segundo ele, num dia de grande concentração, como as grandes votações, por exemplo, um pequeno incêndio poderia ser catastrófico, e a evacuação das pessoas dependeria da ajuda dos que estivessem nas dependências do prédio, porque o acesso a ele é dificílimo: "As obras que eles vivem fazendo, tirando divisórias de lugar, trocando paredes sem sentido, só dificultam a fixação das partes internas do prédio por parte dos bombeiros" — diz Megale. "Em caso de emergência seria muito difícil uma operação bem-sucedida com rapidez" prevê ele.

— Seria uma tragédia — concorda Amaral Netto. — No Plenário só existem duas saídas.

Saudades

Para o deputado Bocayuva Cunha (PDT-RJ), se fossem utilizados os recursos despendidos em algumas reformas, o problema da segurança contra incêndio já estaria resolvido: "Tenho saudades do Palácio T·-adentes" (a antiga sede da Câmara dos Deputados).

A solução para o risco de incêndio nos edifícios dos anexos, considerados "dois barris de pólvora", é uma obra que a Câmara já iniciou, mas que tem o prazo de dois anos para ser entregue. Trata-se da troca de todas as madeiras entre uma laje e outra dos andares e que com 26 anos de uso tornaram-se material altamente combustível. Está prevista também a troca das instalações elétricas, colocação dos **sprinklers** (chuveiros rotativos colocados no teto, acionados como esguichos automáticos sempre que a temperatura aumenta além do normal) e construção de um heliporto de salvamento.

Brasília — Foto de Wilson Pedrosa

Andaimes em torno do conjunto do Congresso Nacional já não causam estranheza à população de Brasília

Novo anexo do Senado terá 13 andares

Brasília — O Senado não pára. No próximo ano, começará a ser construído, em frente à gráfica, o seu terceiro anexo, um edifício de 13 andares, 45 mil metros quadrados, com preço previsto de Cz$ 300 milhões e que os próprios funcionários comparam, desde agora, a um "trem da central cheio de pingentes". O projeto é de Oscar Niemeyer.

Além de abrigar as assessorias parlamentares, do executivo e a secretaria de divulgação, o prédio terá também dois restaurantes, um para os senadores e outro para os funcionários, uma agência do Banco do Brasil e outra dos Correios e Telégrafos. Consultado sobre a utilidade da obra, o presidente do Congresso Nacional, senador José Fragelli, reagiu negativamente:

— Se todos fizessem como eu, que não coloquei ninguém aqui dentro, não precisaríamos construir este prédio.

Mas a compulsão pelas obras não pára por aí. Novidade bastante significativa são as termo-brises (lâminas de alumínio, recheiadas com espuma de poliuretano, que oferecem conforto térmico), que serão colocadas no Anexo 1 do Senado, ao custo de Cz$ 5 milhões. Se alguém achar caro, o Senado justifica que este tipo de persianas, dotadas de motores, além de dispensar o manuseio pessoal — pois movimentam-se automaticamente de acordo com a inclinação do sol — em caso de incêndio rompem-se, facilitando a circulação de ar e evitando o enclausuramento dos ocupantes do prédio.

A mais polêmica obra a ser realizada, a ampliação do Plenário para abrigar os constituintes, e com 600 lugares — suficientes, segundo Niemeyer, para servir como o plenário do Século 21 — pode, contudo, não sair do papel. Através da Resolução nº 32 da Câmara dos Deputados, de 1972, todo o edifício da Câmara, o Plenário, área de circulação e salões foram tombados, e como esta resolução nunca foi revogada, fica totalmente proibido qualquer tipo de obra.

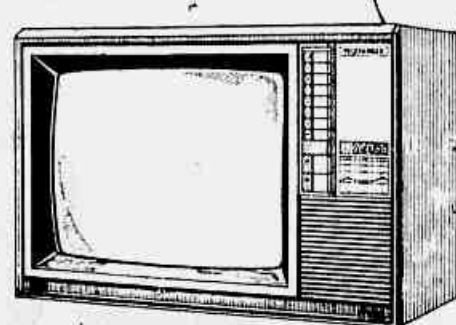
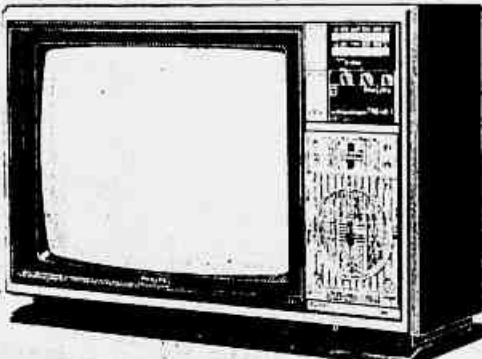
Para que seja concretizada a obra, seria necessária a aprovação da maioria absoluta de deputados, ou seja, 240 dos 479. O deputado Ulisses Guimarães defende a obra com a justificativa de que ela não modificará as linhas arquitetônicas do recinto e, por isso, entende que, a exemplo do que ocorreu em 1977, quando o prédio sofreu sua primeira reforma interna, não precisaria ser apreciada pelo Plenário.

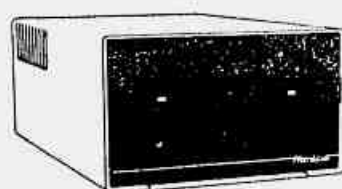
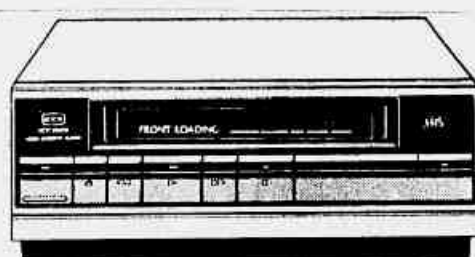
No entanto, tudo indica que será muito difícil a realização da reforma do plenário, pelo menos para a Assembléia Constituinte, pois para a execução da obra seriam necessários, no mínimo, quatro meses, o que significa que as obras teriam que ter início em outubro. Como ainda não foram abertas as licitações, tudo faz crer que irá para a gaveta.

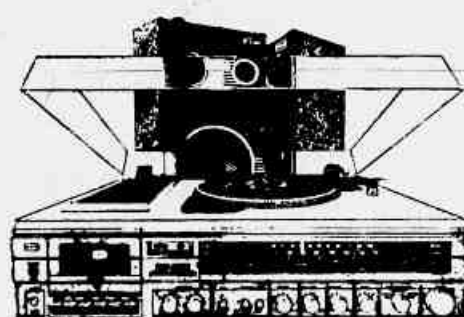
A GARSON É TUDO QUE VOCÊ QUER!

EM TEMPO DE PRIMAVERA!

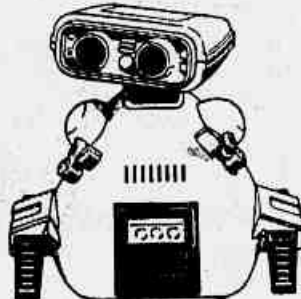
PRANCHA PARA BODY-BOARD
Com strepp.
À vista 2.350,00
ou
5 de 522,00 = 2.610,00

MICRO HOTIBIT SHARP
80 kb de RAM. 32 kb de ROM. Resolução gráfica com 16 cores. Teclado semi profissional, tipo máquina de escrever com acentuação em português. Compatível com MSX e CP/M. Grátis fita com manual de instruções do teclado.
À vista 4.800,00
ou
5 de 1.067,00 = 5.335,00

TV A CORES TELEFUNKEN 16C 2010
41cm. (16"). Baixo consumo de energia. proteção contra avarias. Ajuste de cores automático.
À vista 7.350,00
ou
5 de 1.634,00 = 8.170,00

TV A CORES PHILIPS 20 TREND 1
Seletor de canais Seletronic con teclas Short-Travel. Sintonia de canais com indicação na tela por barras coloridas. 4 watts de potência de saída de áudio. Sistema de supressão de ruídos na troca de canais.
À vista 7.840,00
ou
5 de 1.743,00 = 8.715,00

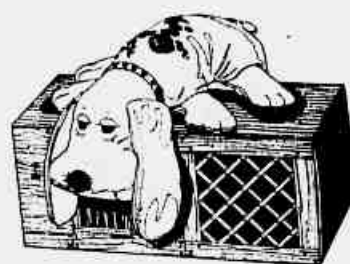
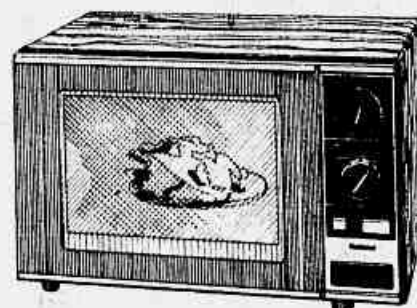
SYSTEM CCE OSAKA SS-200
Receiver estéreo com 3 faixas. MW.SW e FM. 120W. Loudness. Mixagem com som e voz. Saída para fone de ouvido. Tape-Deck Auto-Stop. Fitas normal, cromo e metal. Counter. Toca-discos Belt-Drive. caixas Bass-Reflex c/Rack.
À vista 9.220,00
ou
5 de 2.050,00 = 10.250,00

DRIVE HORÁRIO ELEBRA F500-AP
À vista 4.850,00
ou
5 de 1.078,00 = 5.390,00

VIDEO CASSETE PLAYER CCE
Reprodução automática em três velocidades. Fitas NTSC e PAL-M. Eliminador de chuviscos na imagem. Led indicador de umidade no aparelho.
À vista 9.330,00
ou
5 de 2.074,00 = 10.370,00

RÁDIO PORTÁTIL SANYO RP-5040
2 faixas AM/FM. Alta sensibilidade. Tomada para fone de ouvido.
355,00
À vista

STEREO MUSIC CENTER CCE SHI 9200
Receiver AM/FM estéreo. 100W. Loudness. Indicadores Led's. Deck com pause e Auto-Stop. Toca-discos Belt-Drive com Lift. Caixas Bass-Reflex.
À vista 4.990,00
ou
5 de 1.109,00 = 5.545,00

É ALEGRIA DAS CRIANÇAS

ÁS DA AVIAÇÃO ESPORTISTA CAPITÃO DOS MARES
SNOOPY ESTRELA PARA COLECIONAR
199,00 À vista

ROBOT DING-BÔ ESTRELA
230,00 À vista

BOMBEIRO
POLÍCIA

VOLKSWAGEM BATE-VOLTA ESTRELA
Com sirene e pisca-pisca.
À vista 535,00
ou
4 de 144,00 = 576,00

SNIF-SNIF ESTRELA
O cachorrinho tristonho.
295,00 À vista

FORNO DE MICROONDAS NATIONAL
Prato giratório exclusivo. Maior capacidade interna.
À vista 8.980,00
ou
5 de 1.997,00 = 9.985,00

FREEZER WHITE-WESTINGHOUSE
280 litros. Gavetas removíveis. Porta fichas. Portas reversíveis. Painel luminoso, chave de segurança e iluminação interna.
Na cor marrom.
À vista 5.325,00
ou
5 de 1.184,00 = 5.920,00

FOGÃO BRASTEMP INOX SUPER LUXO
Tampa de vidro balanceada. Novos queimadores. Acendimento automático total. Exclusivo sistema de isolamento térmico total.
À vista 2.970,00
ou
5 de 660,00 = 3.300,00

É CULTURA

A Garson, sempre na vanguarda e acompanhando o desenvolvimento cultural do país, oferece agora a Você a facilidade de adquirir, financiados, os melhores e mais recentes best-sellers da literatura mundial.

À VENDAS NAS SEGUINTES LOJAS: RIO SUL - NORTESHOPPING - BARRA SHOPPING - VOLTA REDONDA - BANGU - TIJUCA - ALFÂNDEGA - URUGUAIANA - OUVIDOR - COPACABANA - IPANEMA - ILHA - MADUREIRA - CAXIAS - PETRÓPOLIS - NITERÓI - BARRA MANSA

REFRIGERADOR CONSUL BIPLEX GRAN LUXO CB-1363
Congelador de ação rápida. Degelo automático. Puxadores horizontais.
A vista 5.650,00
ou
5 de 1.256,00 = 6.280,00

665/86

Garson

CENTRO - IPANEMA - COPACABANA - RIO SUL - CATETE - TIJUCA - MEIER - NORTE SHOPPING
MADUREIRA - BONSUCESSO - RAMOS - PENHA - ILHA DO GOVERNADOR - CAMPO GRANDE
BARRA SHOPPING - BANGU - SANTA CRUZ - CAXIAS - S.J. DE MERITI - NOVA IGUAÇU
NILOPOLIS - NITERÓI - S. GONÇALO - PETRÓPOLIS - VOLTA REDONDA - BARRA MANSA

Promoções válidas até 20/9 ou enquanto durar nossos estoques.

Associação que planeja a família quer atenção oficial a seu trabalho

Elizabeth Marins

Organizada há cinco anos para fazer planejamento familiar, a Abepf (Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar) se queixa de que nunca teve apoio do governo — e quer ser ouvida, para evitar que, nesse campo, empreguem-se métodos inadequados e massificados, prejudiciais à saúde das mulheres. Para isso, a Abepf imprimiu 5 mil exemplares de relatório sobre suas atividades, em papel de ótima qualidade, e os enviou a todas as autoridades do país, a começar pelo presidente da República.

Em 1985, a Abepf diz ter subsidiado o atendimento clínico e cirúrgico de 55 mil pessoas em 47 das 137 clínicas com as quais trabalhava. Agora, a Associação quer colocar essa rede à disposição do governo, bem como seu **know-how** e os cursos de treinamento de pessoal. O presidente da entidade, o médico baiano Elsimar Coutinho, diz que as 142 clínicas atualmente associadas "poderão atender à população enquanto o governo não tem suas clínicas de planejamento familiar". Ele defende um planejamento familiar personalizado, como é feito nas clínicas ligadas à Abepf.

Inchação

Mas não é só o governo que a Associação pretende atingir. A iniciativa privada é convidada a contribuir, patrocinando a prestação de serviços ou contratando o planejamento familiar para seus funcionários, contribuição essa que a entidade faz questão de alardear em um encarte do relatório que é dedutível do Imposto de Renda.

Contrariamente às previsões do IBGE, que constatou queda da taxa de fecundidade da mulher brasileira a partir de 1969, o médico Elsimar Coutinho diz que o Brasil poderá ter 1 bilhão de habitantes no ano 2.050, caso o governo não aplique o planejamento familiar. Há, no Ministério da Previdência, desde a gestão de Waldir Pires, um projeto nesse sentido.

Diz Elsimar Coutinho que nascem 4 milhões de pessoas no Brasil a cada ano — população correspondente ao do Uruguai e, como no Conselho Nacional de Reprodução Humana há, segundo Coutinho, predominância de pessoas contra planejamento familiar, ele teme que os projetos — apesar do advento da Nova República — continuem engavetados.

"Mais de 40% dos recursos do Inamps na área de obstetrícia são absorvidos no tratamento de complicações do aborto provocado, que são 3 milhões anualmente. A morte materna por causas obstetrícias aumentou 300% na última década. O aborto clandestino responde por 34 a 50% das mortes no estado puerperal", diz documento que apresentou as metas da Abepf para 86/87.

Internacional

A Associação apresenta-se como representante de um setor da iniciativa privada, apartidária e laica, que "se organizou para responder a uma realidade concreta da sociedade brasileira" e que pretende somar seus esforços e recursos aos do poder público, "na busca de um atendimento que não discrimine nenhuma parcela da população, privilegiando as classes de baixa renda".

O relatório, que a Abepf diz ter custado Cz$ 60 mil — mas que pode ter custado o triplo, devido ao seu padrão gráfico —, foi também enviado a entidades internacionais de planejamento familiar nos Estados Unidos, Europa e América Latina, mas, segundo Elsimar Coutinho, o governo brasileiro "dificulta ao máximo" a obtenção de recursos junto à Organização Mundial de Saúde. Segundo ele, a entidade se mantém com as anuidades pagas pelas entidades associadas, venda de material, taxa de inscrição de cursos de treinamento, doações de particulares, governo e instituições internacionais dos Estados Unidos, Canadá e Japão.

Cada clínica associada conta também com suas fontes de recursos próprios. Em Salvador, 90% deles provêm de convênios com indústrias e empresas comerciais que contribuem com um salário mínimo por mês para que seus empregados recebam aconselhamento ou assistência sobre planejamento familiar. As contribuições são dedutíveis no imposto de renda: com 250 OTN, fornece material educativo para 10 mil clientes e com 2 mil 500 OTN expande programas em duas clínicas durante um ano.

O orçamento da Associação em 1985 foi de Cr$ 5 bilhões 968 milhões 879 mil, dos quais Cr$ 5 bilhões 432 milhões 947 mil 990 vinculados a projetos. O deste ano, segundo a coordenadora-geral da entidade, dra Denise das Chagas Leite, está previsto em Cz$ 16 milhões 500 mil.

A associação

A Abepf, sediada em Botafogo, no Rio, não cria serviços. Eles é que se associam à entidade que lhes dá orientação e supervisão. A condição básica para se associar é ter um médico responsável pelo serviço especialmente treinado em planejamento familiar.

Além disso, todo o atendimento terá de ser feito por equipes de saúde habilitadas. Esta restrição é que diferencia a Abepf da Benfam, que usa leigos e, portanto, não a integra. Uma comissão de ética, legislação e novos sócios julga os pedidos de filiação e já expulsou sócios por terem descumprido suas determinações.

As clínicas são orientadas a dar uma palestra à sua clientela sobre fisiologia, noções de fertilidade e todos métodos de planejamento familiar. A pessoa escolhe o que lhe agrada e é submetida ao exame clínico para constatar se sua opção é a mais adequada do ponto-de-vista médico para seu caso, porque 30% das mulheres não podem tomar pílulas por serem hipertensas ou terem outros problemas. Esterilização, só em último caso. Em mulheres, o presidente da entidade só a recomenda a partir dos 35 anos.

Todos os serviços são pagos "para caracterizar bem que o planejamento familiar é uma atividade voluntária", segundo a coordenadora-geral da Abepf. De acordo com levantamento sócio-econômico, cada um paga o que pode. Mas, na impossibilidade de contribuir, dá um serviço em troca, como lavar roupa da clínica. No Centro de Pesquisa de Assistência Integrada à Mulher e à Criança, no Rio, uma consulta marcada com exame ginecológico e preventivo do câncer custa Cz$ 30.

Atendimentos

Em 1985, cerca de 110 mil pessoas receberam atendimentos médicos prestados por associados da Abepf, com custo subsidiado pelos programas que ela administra. O de serviços clínicos, que visa a aumentar o atendimento à população de baixa renda, foi feito por 18 das 137 entidades que na época eram associadas. Elas prestaram 30 mil 934 atendimentos.

Alemães ajudam a urbanizar favelas em Minas

Fernando Lacerda

Belo Horizonte — A GTZ — Sociedade alemã de cooperação técnica, entidade do governo da Alemanha Ocidental — participa há dois anos, em convênio com a Secretaria de Trabalho e ação social de Minas, do Programa de Integração Urbana, que prevê a urbanização de oito das 128 favelas desta capital, onde moram cerca de 100 mil pessoas, quase 20% da população favelada da cidade. Os alemães estão documentando, com moderno equipamento fotográfico e de filmagem, todo o processo de urbanização, visando à formação de um banco de dados.

O arquiteto e urbanista Peter Schmitter, um dos quatro técnicos alemães que participam do programa, explica que a idéia é usar o banco de dados para a formação de uma metodologia nova, de qualidade técnica e adaptada à realidade das favelas mineiras, permitindo a elaboração de projetos de urbanização a longo prazo, que poderão ser utilizados nas demais favelas da cidade. Por isso, a documentação engloba os problemas e reivindicações dos favelados, além de recomendações de normas técnicas específicas para cada caso e de acompanhamento social.

Belo Horizonte — Foto de Henrique Tamas

Comunidade favelada aprovou escadaria antes de construí-la

"Resgatar a cidadania"

O embrião do Programa de Integração Urbana pode ser localizado no Prodecon (Programa de Desenvolvimento de Comunidades), iniciado durante o governo Francelino Pereira, em 1979, subordinado à Secretaria Estadual de Planejamento. Após a eleição de Tancredo Neves para o governo do estado, o Programa foi transferido, em 1983, para a esfera da Secretaria de Trabalho e Ação Social, quando o então secretário, Ronan Tito, criou a superintendência de Infra-estrutura Social, cuja clientela básica são as comunidades organizadas.

No final de 1984, a GTZ — entidade autônoma encarregada pelo governo alemão de fazer o planejamento e realização técnica dos projetos de cooperação — viabilizou a execução do projeto. Sua primeira fase deve ser encerrada em janeiro próximo. A segunda parte prevê a urbanização de duas outras favelas de Belo Horizonte e duas nas cidades de Betim e Ibirité, na região metropolitana.

Esse projeto é uma tentativa de se resgatar a cidadania do favelado, explica o diretor de Serviços Comunitários da Secretaria, Roberto Giudugli Filho.

Segundo ele, o programa integra diversas atividades e vários órgãos estaduais. Promove a legalização e titulação de terras. A criação de infra-estrutura urbana, inclui a edificação de muros de arrimo para contenção de encostas, a construção de sistemas de drenagem pluvial, de redes de água e esgoto, além de sistemas complementares, como coleta de lixo, sistema de transporte, eletrificação, telefonia, escolas e postos de saúde.

Por um plano inicial de 30 meses, a GTZ se comprometeu a investir no programa — um dos 30 em que a organização participa no Brasil — um total de 2 milhões de marcos, cerca de Cz$ 14 milhões. A Secretaria de Trabalho gastará o equivalente a outros 3 milhões de marcos, aproximadamente Cz$ 21 milhões. Envolvendo o trabalho de cerca de 300 pessoas, estão sendo realizadas as obras de urbanização e instalação de equipamentos sociais, como creches, lavanderias comunitárias, postos de saúde e pequenas fábricas e oficinas, nas favelas do Cafezal, Vila Marçola, Barragem Santa Lúcia, Santa Rita de Cássia, Conceição, Fátima, Pedreira Prado Lopes e Senhor dos Passos.

— "Todas as oito áreas pertencem ao estado e foram escolhidas para a primeira fase do projeto, para evitar problemas com proprietários" —, afirmou Peter Schmitter.

Mãos à obra

O técnico alemão acha que a chave do sucesso do projeto está na participação da comunidade, que discute e decide, em assembléias, quais são os maiores problemas de cada favela e as obras que devem ser realizadas, prioritariamente, além dos equipamentos sociais a serem implantados.

Responsável pelo gerenciamento dos empregos em todas as oito áreas, a administradora de empresas, Olga Benario Garcia de Mattos, afirma que o reaquecimento da construção civil gerou um grave problema de falta de mão-do-obra para a realização das obras de infra-estrutura nas favelas.

"Para tentar resolver o problema, decidimos iniciar cursos de treinamento de mão-de-obra para jovens com menos de 18 anos, em convênio com a Utramig — Fundação de Educação para o Trabalho de Minas Gerais —, e registrar em carteira os quase 300 empregados, que recebem salário mínimo, através de convênio firmado recentemente com o Ceaps — Consórcio de Entidade de Assistência e Promoção Social, para substituir a ajuda financeira do início do projeto, que tinha um caráter emergencial, feito no sistema de frentes temporárias de trabalho.

Para documentar os trabalhos sociais e de infra-estrutura urbana que estão sendo desenvolvidos nas favelas, a GTZ adquiriu dois projetores de **slides**, cinco máquinas fotográficas e equipamentos complementares para elaboração de audio-visuais. Contratou também um fotógrafo, Henrique Tavares Maior Soares, para registrar o andamento do projeto e organizar o banco de dados. Ele explica que a documentação do trabalho parte de dois níveis: um institucional e outro com a comunidade.

— A documentação institucional permite a elaboração de relatórios ilustrados, que ajudam na divulgação do projeto e nas negociações para obtenção de recursos. Por outro lado, tem uma função educativa, no que se refere ao contato com a comunidade", disse Henrique Soares.

Em poucos meses de trabalho, já montou um arquivo com cerca de 1 mil 800 **slides** das oito favelas, além de aproximadamente 500 negativos. Segundo ele, as equipes (cada uma constituída por um engenheiro, um arquiteto e um sociólogo) levantam os problemas das favelas.

Para Henrique Soares, o uso de **slides** e fotos, para explicar aos moradores as dificuldades para se fazer uma obra ou as normas técnicas recomendadas, faz com que a comunidade se integre mais ao projeto, acreditando em seu sucesso. Também Peter Schmitter percebeu uma melhoria na comunicação interna da comunidade e entre os moradores das favelas e o pessoal do projeto.

Ser patrão

O sonho brasileiro

Com que estarão sonhando os brasileiros? Casa própria? Carro novo? Nada disso. Pesquisa revela que o maior sonho de 77% dos paulistas e de 58% dos cariocas hoje é deixar de ser empregado e abrir seu próprio negócio

Ricardo Kotscho

Raildo, 34 anos, médio comerciante, interior de São Paulo: "Patrão não me pega mais. Emprego, jamais..."

José, 32 anos, pré-empresário carioca: "Eu abro uma portinha e vendo qualquer coisa. Sempre tem quem compra."

Mariza, 27 anos, representante comercial paulista: "Começo representando outras marcas, vou ganhando campo, até abrir a minha própria confecção."

Caito, 31 anos, pré-empresário carioca: "Doces, salgadinhos, cerveja e refrigerantes. Não preciso de mais nada para fazer sucesso."

Léo, 33 anos, pré-empresário paulista: "Meu negócio vai ser pequeno, mas muito bem aparelhado."

■ ■ ■

Variam as razões e os meios, o tempo do sonho, o tamanho e o tipo das empresas. Mas o objetivo é o mesmo: não ter mais patrão, ser dono do seu nariz e do seu tempo. Uma pesquisa concluída esta semana pela Saldiva & Associados Propaganda, que ouviu 2 mil pessoas de diferentes níveis sociais no Rio e em São Paulo, constatou que o grande sonho do brasileiro neste momento é ter seu negócio próprio.

Em São Paulo, ser seu patrão é o maior sonho de 77% dos entrevistados; no Rio, de 58%. Para 8% dos entrevistados em São Paulo e 20% dos cariocas, esse sonho já se tornou realidade.

O que está se passando com a cabeça do brasileiro? Quem imaginar que esta é apenas mais uma conseqüência passageira da euforia provocada pelo Plano Cruzado não está na pista certa. A maioria pensa nisso há mais de cinco anos (49% em São Paulo e 51% no Rio). Apenas 18% em São Paulo e 5% no Rio começaram a sonhar em ter um negócio próprio no último ano. Os demais já sonham com isso há mais de 10 anos.

A falência do Estado como empregador, a recessão registrada a partir de 81 e o fato de amigos e parentes dos entrevistados estarem obtendo sucesso nas suas iniciativas são as principais razões apontadas por quem está querendo deixar de ser assalariado.

Nem sempre a primeira tentativa dá certo. No momento da ruptura que motiva a ousadia de cada um, a primeira idéia desse novo empresário é abrir um negócio na sua área de atuação profissional. Se essa área está muito congestionada e por algum motivo o negócio não dá certo, o segundo caminho é procurar algo que nada tem a ver com a profissão do sonhador. Assim, "o engenheiro que virou suco" — nome de um bar na avenida Paulista, em São Paulo, tirado de uma história real — já deixou de ser folclore para se transformar em símbolo dessa safra de empresários. A partir do momento da ruptura o ex-assalariado tenta, quantas vezes for necessário, abrir seu próprio negócio.

São diferentes as motivações de paulistas e cariocas. No Rio, eles querem principalmente a liberdade de não ter horário. Já em São Paulo, não querem mais ser mandados por ninguém. O carioca é mais modesto e pensa logo em "abrir uma portinha para vender qualquer coisa", mesmo sem ter um grande capital inicial. No caso dos paulistas, ter seu próprio negócio é também uma questão de **status** e isso exige um capital inicial maior.

Uns e outros, porém, estão de acordo na hora de escolher o ramo de atividade mais atraente: o comércio. Esta é a área sonhada por 53% da amostra em São Paulo e 57% no Rio. E por um motivo simples: "quem não tem uma especialização profissional muito grande pensa automaticamente em comércio, pois todo mundo é capaz de vender alguma coisa", diz a pesquisa nas suas conclusões.

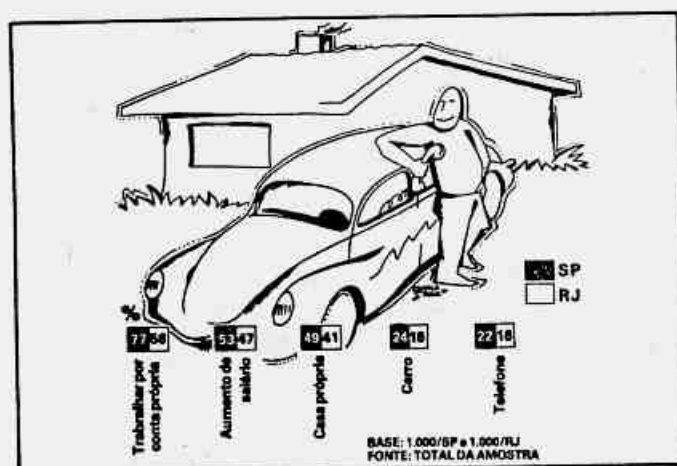
A prosseguir essa tendência, acrescenta Rose Saldiva, a coordenadora da pesquisa, "o Brasil vai ficar cada vez mais parecido com a Itália, onde a multiplicação de micro e pequenas empresas se acentuou na última década". Lá como cá, as grandes indústrias, com o tempo, se transformariam em fornecedoras dos pequenos negócios. "Não pode haver nada mais capitalista".

Nas ramificações do comércio, a pesquisa encontra outra diferença entre os sonhadores das duas maiores cidades brasileiras. O que mais se compra — e, portanto, se pensa em vender — em São Paulo é comida, enquanto no Rio o setor de roupas concorre com o da alimentação. Seja qual for o negócio, tanto paulistas como cariocas sonham em começar pequenos e crescer é uma verdadeira obsessão. Ter muitos funcionários, a meta.

Depois do comércio, vem a área de prestação de serviços, eleita por 28% dos paulistas e 32% dos cariocas. "A Maria da Conceição Tavares disse que o Brasil é o país da economia terciária. Eu entrei por aí", justifica Serginho, 34 anos, consultor de marketing, um dos 10 microempresários que a pesquisa entrevistou em profundidade.

Administrador de terceiros — gente que pensa em gerenciar mão-de-obra para serviços específicos e temporários — é outro tipo de iniciativa que apareceu bastante na pesquisa. Carlos Armando, 40 anos, decorador paulista, afirma: "Eu tenho o gosto. Pego o trabalho e contrato terceiros para realizar. Mas o toque sou eu que dou".

Poupanças, fundos de garantia, indenizações e aposentadorias são os recursos que a maioria dos entrevistados indica como disponíveis para a abertura do negócio. De preferência, sem sócios. Se a sociedade é imprescindível, então que se faça com parentes. Os 30 pré-empresários entrevistados em profundidade, falavam como se já o fossem, como declarou Heraldo, 30 anos, pré-empresário paulista: "Eu ainda não tenho empresa, mas eu já sou empresário".

Os sinais externos do novo empresário também são importantes. Notas fiscais, cartões de visita e, principalmente, um número de telefone comercial — sem esses apetrechos, como saber que o ex-assalariado se tornou empresário? Foi a partir destes sinais singelos que a Saldiva descobriu um tipo de empresário que, até agora, era descrito apenas como "uma entidade misteriosa e impessoal através da expressão economia informal". Trata-se do mínimo ou minúsculo empresário, candidato a micro.

É a dona de casa ou ex-empregada doméstica que começou a fazer congelados, vender roupas. Ou o assalariado que agora vende sapatos e roupas na porta da fábrica onde trabalhava. Não se trata de **um bico**, mas do primeiro passo para montar um estrutura de empresa mais à frente.

O tamanho do sonho, quer dizer, da empresa, já não se baseia no faturamento, mas no número de funcionários: "Alguém é tanto mais empresário quanto maior é o número de destinos (funcionários) que ele tem nas mãos". Até a linguagem muda, conforme a empresa vai crescendo. Na minúscula, a mão-de-obra de qualidade é a do próprio dono e ele tem, no máximo, **ajudantes**. Os micro e pequenos empresários chamam seus funcionários de **empregados** e procuram manter com eles uma relação de igual para igual. No patamar seguinte, o do médio empresário, já se localiza uma clara noção de hierarquia e ele conta com **funcionários e gerentes**. Já no topo da pirâmide, aumenta a distância entre o dono e seus funcionários, a quem ele se refere diplomaticamente como **colaboradores**.

Os depoimentos de empresários destas quatro categorias ilustram as diferenças de relações de trabalho conforme o tamanho do seu empreendimento:

%	SP	RJ
Trabalhar por conta própria	77	58
Aumento de salário	53	47
Casa própria	49	41
Carro	24	16
Telefone	22	16

BASE: 1.000/SP e 1.000/RJ
FONTE: TOTAL DA AMOSTRA

"Eu conheço 50% da minha fábrica pelo nome. Sei do motorista que faz **bico** à noite com táxi e da telefonista que vem com a sacola de produtos da Natura para vender" (Lúcio, 42 anos, grande industrial paulista).

"Se deixar, todo mundo entra na minha sala. Às vezes, preciso amarrar a cara para poder trabalhar" (Yvonne, 49 anos, média empresária paulista).

"O meu **staff** não tem medida. Dei ordem categórica para se dirigirem aos gerentes. Comigo, só em último caso. **The last bust not the least** (Sérgio, 43 anos, médio empresário carioca).

"Estou é junto... Eu vejo tudo. Eu boto a mão na massa mesmo" (Mário, 39 anos, pequeno empresário paulista).

Diante disso, a pesquisa apresenta três definições para as empresas de acordo com o tamanho e a fiscalização sobre os funcionários: o **olho** do dono (grande empresa); a **voz** do dono (média empresa) e a **mão** do dono (micro e pequena empresa). E crescer é a palavra de ordem de todos, seja qual for o tamanho do sonho. "Eu me orgulho dos meus 300 funcionários, de saber que todos estão nos lugares certos, numa empresa bonita, apesar de toda a angústia que isto possa significar. Mas vale a pena", proclama David, 45 anos, médio empresário paulista.

"O desafio do empresário é provar (fazer) e comprovar (ser reconhecido)", uma vez que "o empresário e sua empresa acabam formando uma única entidade, são membros da mesma figura", revela a pesquisa da Saldiva ao traçar o perfil de quem já realizou o sonho. É na maioria das vezes uma figura solitária, que não conversa com ninguém sobre as suas dúvidas existenciais. "No fundo, os empresários são órfãos. Nem a sociedade nem o governo o protegem. Falar das suas dúvidas não é comum, pois colocam a empresa na frente de tudo". Um exemplo: "Da empresa e da minha vida só falo com Deus. Mesmo com ele, às vezes, eu brigo", confidencia Paquito, 32 anos, médio empresário carioca.

Como tornar o sonho realidade?

%	São Paulo	Rio de Janeiro
Por esforço próprio	22	14
Indenização/FGTS/Aposentadoria	7	14
Me associando a amigos/parentes	13	5
Fazendo poupança ou empréstimo	7	12
Vendendo imóvel e carro	4	14
Com o que já tenho	10	5
Ganhando na loteria		10

Quanto maior, mais importante ele vai ficando, mais cultiva a modéstia para evitar a ostentação que provoca a ira alheia. Rose Saldiva lembra: para arrancar alguma coisa deles nas entrevistas, eram necessários alguns estímulos, uns drinques para relaxar a tensão. Há os que procuram o lenitivo de esportes e **hobbies**, mas quase todos vão buscar na religiosidade, em alguma entidade superior, o apoio que não encontram no seu círculo mais próximo.

Aí vale tudo, como relata a pesquisa: "Sempre que se encontram em dificuldades ou estão prestes a fazer algum negócio, buscam na entidade superior as certezas que lhes faltam, o amigo que não têm". Cida, 40 anos, mínima empresária paulista: "Deus é meu machão". Rogério, 30 anos, pré-empresário carioca, prefere os terreiros: "O meu pai-de-santo garantiu que eu vou fazer o meu negócio antes do final do ano". Werner, 51 anos, grande empresário paulista, até confunde os santos: "Quando me desespero, eu me apego com Santa Edwiges, o santo dos empresários". Santa Edwiges é a santa protetora dos endividados.

Minúsculo, micro, pequeno, médio ou grande, para ser reconhecido não basta ser um bom empresário. Ele sabe que para isso precisa exercer um papel que vá além da sua condição de empresário bem sucedido. "A partir daí, de acordo com a sua ideologia e postura pública, torna-se admirado ou criticado. Normalmente admirado, pois só pelo fato de tornar-se famoso já lhe atribuem algum mérito", observa a pesquisa a partir dos depoimentos de 90 empresários de todos os tamanhos, em que foram citados com maior freqüência nomes como os de Antonio Ermírio de Moraes, José Mindlin e José Vitor Oliva. Do outro lado da ponta, dispara um médio empresário paulista: "Odeio o Assis Paim, o Ronald Levinsohn e todos esses empresários que a imprensa fala. A imprensa me deixa muito agressivo".

Mas as críticas geralmente apontam para o último patrão, o que não significa necessariamente que os novos patrões sejam o inverso dos antigos. Um pequeno empresário paulista confessa: "Quando eu era empregado, eu ficava vendo tanta coisa errada que acontecia na empresa... Pensava: ah, se fosse minha, seria tão diferente... Agora, na minha empresa, mudei muita coisa. Mas tem coisas que não dá pra mudar..."

O que mudou radicalmente foi o papel da mulher nesta história. A pesquisa localiza o momento exato em que isso se deu: a partir da crise de 81, quando os seus maridos perderam os chamados **superempregos**. As mulheres se tornaram mais atuantes no mercado de trabalho e também sonham hoje com um negócio próprio: 49% em São Paulo e 41% no Rio de Janeiro.

Elas constituem o universo maior das empresas qualificadas como minúsculas. Hoje, 15% das pessoas que já trabalham por conta própria em São Paulo são mulheres. No Rio, esta participação é ainda maior: 35%. Por tabela, a pesquisa garimpou outra diferença entre paulistas e cariocas. A inquietação das donas-de-casa em colaborar na renda familiar é maior (17%) em São Paulo. Apenas 7% das cariocas não estão conformadas com o status que o marido pode oferecer à família. "Pode-se inferir que, no Rio, as mulheres que se encaminham para trabalhar por conta própria não são ex-donas-de-casa, mas, ao que tudo indica, já tinham outra ocupação anterior".

De toda forma, mesmo quando não está disposta a abrir o negócio, é fundamental o papel da mulher na iniciativa dos maridos nesse sentido. Mas ele varia conforme o tamanho da empresa. Na pequena, ela trabalha junto com o marido.

A coisa muda de figura na média empresa, em que a mulher, muitas vezes, tem o papel de "assegurar o **status** da família, rebaixado, a princípio, com o desligamento do marido de seu alto cargo e salário de executivo. Neste caso, ela tem a função de contornar as frustrações familiares."

Quando o marido é grande empresário, a mulher passa a ser uma espécie de relações-públicas, "organizando e participando de jantares e festas, planejados em função de objetivos profissionais dele".

E quando quem faz sucesso é a mulher? São os casos em que ela abre o caminho, quase sem compromisso e sem grandes pretensões. De repente, o negócio dá certo e o marido vai atrás, largando o que fazia e embarcando na canoa dela. É o caso de Lédio, 40 anos, médio empresário paulista: "As mulheres sabem fazer sucesso, mas não sabem organizar este sucesso. Tenho muitos amigos que ajudam a mulher a administrar o seu sucesso. Eu mesmo faço isso..."

Homens e mulheres, entretanto, têm reações diferentes quando o outro faz sucesso ou fracassa. Se a iniciativa do homem não dá certo, a mulher começa a ridicularizá-lo e culpar sua falta de competência por não ter dinheiro suficiente em casa. Já o homem, reparou Rose Saldiva, quando a mulher resolve abrir seu próprio negócio, a princípio reage com desdém, "achando que é uma bobagem, uma terapia ocupacional para ela se divertir um pouco." Quando dá certo, fica com inveja.

A pesquisa conclui: "Os empresários ouvidos, independentemente do porte e do ramo de sua atividade, sentem-se muito mais reconhecidos hoje do que há tempos atrás. É **chic** ser empresário". Bem diferente de quando Rose Saldiva, a autora de "O sonho do brasileiro", que deve ser lançado em livro até o final do ano, era ameaçada pela mãe quando não queria fazer a lição. "Se você não estudar, vai vender bananas quando crescer". Pois, hoje, o brasileiro até prefere vender bananas do que ser empregado.

Esta agência foi um sonho

Na hora de contar ao **Jornal do Brasil** os resultados da pesquisa sobre "O sonho brasileiro", Rose Saldiva, 40 anos, jornalista de formação e publicitária há 23, lembrou de passagens da sua própria vida e acabou descobrindo que uma história tem muito a ver com a outra. Com seu irmão Vanderley, 46 anos, solteiro como ela, em 75 ela decidiu não trabalhar mais para os outros e abriu a sua agência. Este ano, a Saldiva & Associados Propaganda, com um faturamento estimado em Cz$ 180 milhões , foi eleita a "Agência do Ano" em São Paulo, ganhando o Premio Colunistas: o sonho de Rose e Vanderley deu certo.

Eram só os dois há 10 anos e hoje eles têm 55 funcionários. Mas o grande orgulho de Rose são as pesquisas institucionais de comportamento, não encomendadas por qualquer cliente, que a agência começou a fazer há cinco anos. "O rei do lar" foi a primeira, em 82, revelando um importante e desprezado seguimento de marketing: os homens solteiros e descasados. Em 83, a Saldiva fez "As abelhas" , a primeira e até hoje única pesquisa sobre as empregadas domésticas. "Os sete pecados capitais revisitados" contou, em 84, como estavam reagindo as mulheres "viúvas do milagre econômico" depois da recessão. No ano passado, com "Eu sou normal", descobriu-se que os jovens dos anos 80 são mais conservadores do que a geração dos seus pais.

Ao falar das diferenças existentes entre pequenos e grandes empresários, Rose acabou misturando "O sonho do brasileiro" com sua autobiografia, embora ela possa hoje ser considerada m'edia empresária.

— Os pequenos não perdem nunca a emoção. E eu me envolvo muito com o trabalho. Digo sempre que casei com a empresa. Para mim, meus entrevistados não são meros números de uma pesquisa. Tenho ódio de números.

Para fazer "O sonho do brasileiro", a Saldiva mobilizou 10 funcionários durante quatro meses, contratou 60 pesquisadores de campo no Rio e em São Paulo e gastou cerca de Cz$ 800 mil. A idéia era testar uma antiga afirmação de que o maior sonho do brasileiro era a casa própria. No fim, ela descobriu que isso não só não é mais verdade como agora o brasileiro est'a disposto até a vender a casa própria para abrir seu próprio negócio.

Como foi feita a pesquisa

O estudo da Saldiva combinou técnicas qualitativas (90 entrevistas individuais em profundidade e quatro discussões em grupo) e quantitativas (2 mil entrevistas individuais, metade no Rio e outra em São Paulo, com base em questionário previamente estruturado, contendo perguntas abertas e fechadas).

Cada questionário foi avaliado quanto à sua qualidade e 20 por cento dos casos foram submetidos à checagem para verificar a confiabilidade da amostra nas duas praças estudadas. O universo definido para a pesquisa foi o de homens e mulheres, com idade igual ou superior a 30 anos, residentes nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro.

A amostra foi definida aleatoriamente e não por cotas. Foram estabelecidos cinco pontos característicos das diferentes classes sociais em cada cidade onde foram feitas as entrevistas.

Caracterização da amostra %

Classe sócio-econômica	A	B	C	D
São Paulo	16	41	29	14
Rio de Janeiro	10	40	35	15
Faixa etária	30/35	36/45	46/55	56 ou mais
São Paulo	34	50	14	2
Rio de Janeiro	31	55	13	1
Sexo	Homens			Mulheres
São Paulo	51			49
Rio de Janeiro	50			50
Posse de casa própria	Sim			Não
São Paulo	67			33
Rio de Janeiro	51			49

Método simples do Japão tira medo da matemática no Brasil

Ricardo Kotscho

São Paulo — Seu filho vai mal em matemática? Não gosta de estudar? Calma, já tem remédio para essa dor de cabeça que atormenta as crianças há gerações. Um método simples, que consta apenas de duas aulas semanais e exercícios servidos em doses homeopáticas, criado há 30 anos em Osaka, no Japão, pelo professor Tooru Kumon, está ajudando a resolver o **trauma matemático** de 1 milhão 400 mil pessoas em todo o mundo e tem mais de 4 mil alunos no Brasil.

O método Kumon, desenvolvido a partir das dificuldades encontradas pelo próprio filho do professor na escola, chegou a São Paulo em 1977 e, até há dois anos, era ministrado exclusivamente a imigrantes japoneses e seus descendentes. Agora, aberto ao público em geral, espalhou 65 unidades de ensino só em São Paulo. Há mais nove no Rio, oito no Paraná, uma em Minas e outra no Espírito Santo.

Muita paciência

A primeira providência dos pais interessados deve ser jogar fora as calculadoras, que estão acabando com o saudável hábito de pensar, recomendam os 100 professores brasileiros do método Kumon. E, depois, ter muita paciência. "Se for para tentar resolver o problema em três meses, então é melhor nem matricular a criança no Kumon, porque não somos um pronto-socorro de matemática, mas uma escola de vida", diz o coordenador do método no Brasil, Andre Korosue, 34 anos, ex-professor de física e matemática do curso Objetivo, o maior pré-vestibular do Brasil.

Os objetivos dos seguidores de Kumon não se limitam a ensinar matemática para o aluno passar de ano. Eles querem, com seu método, despertar o gosto da criança pelo estudo não só de matemática mas de outras matérias, tornando-a autodidata, "para, quando ingressar na sociedade competitiva, encarar os problemas com mais naturalidade".

Os pais têm um papel fundamental nessa tarefa. Por isso, antes de fazerem a matrícula dos seus filhos, junto com eles são entrevistados pelos professores do Kumon, que explicam toda a filosofia oriental existente por trás do método.

É que no Kumon os professores não ensinam. "Para nós, o verbo ensinar é sinônimo de ser descortês, porque achamos que toda criança tem capacidade para aprender sozinha. E tudo que ela aprende sozinha não esquece mais", justifica Korosue. Os professores se limitam a acompanhar a evolução dos seus alunos, corrigindo e contando o tempo que levam para fazer os exercícios, desde os mais simples de coordenação motora, o primeiro dos 19 estágios, do aprendizado da matemática, até cálculo integral de nível 3 dos cursos de Engenharia, o último.

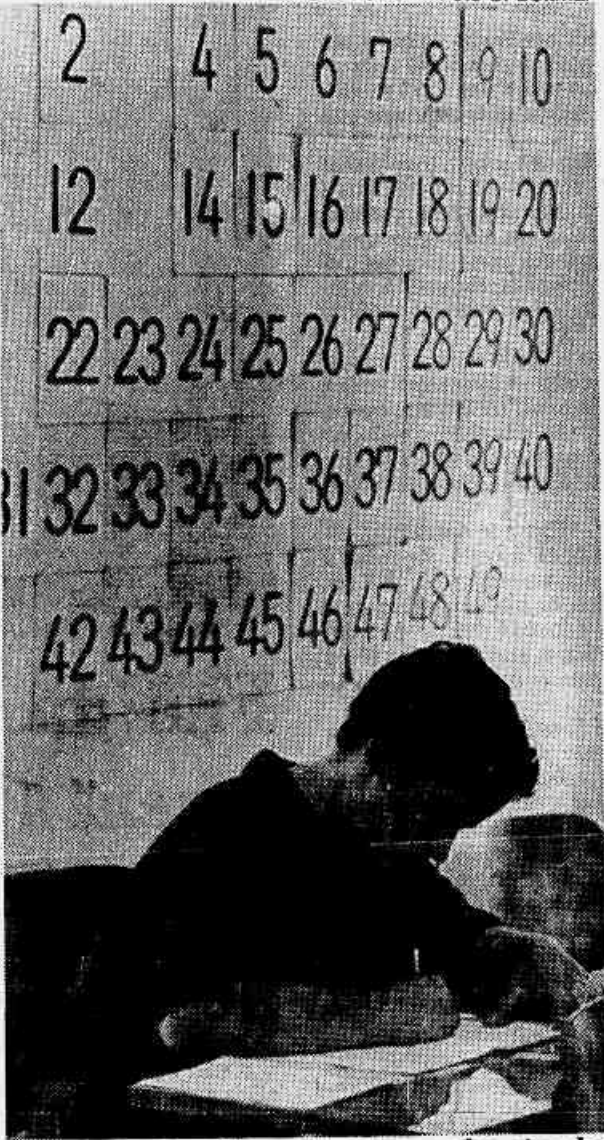
Todo o curso é baseado em cálculos, e não há um tempo fixo de duração nem para as aulas nem para a conclusão dos estágios. Depende do aluno. A duração de uma aula pode variar de cinco minutos a duas horas. Antes de mais nada, é feito um teste de avaliação para localizar onde "arrebentou o elo da matemática" e começaram as dificuldades que se acumularam de um ano escolar para outro.

Isso quer dizer que um aluno de 5ª série não receberá necessariamente exercícios correspondentes ao seu ano escolar, mas aqueles de um período anterior ao surgimento das suas dificuldades. O curso é totalmente individualizado, isto é, cada aluno segue um programa de acordo com seu ritmo e nível de raciocínio.

A função do professor e dos pais é mais de incentivar o aluno, elogiando-o à medida que evolui, o que não é difícil. Como o Kumon respeita o grau de dificuldade de cada aluno, tudo é feito para que ele tire nota 100 nos exercícios.

Mulher tem preferência

O material didático, quase todo importado do Japão, é auto-instrutivo, dispensando maiores explicações do professor. Não tem teorias e, do começo ao fim, procura levar o aluno a raciocinar, a ponto de poder descobrir ele próprio o erro, apenas assinalado pelo professor que corrige os exercícios.

São Paulo — Foto U. Dettmar

Trauma matemático *some com aulas simples*

Como os resultados não aparecem de um dia para outro, alguns pais ficam impacientes ao ver a simplicidade dos exercícios que seus filhos estão fazendo, com comentários do tipo "mas isso é uma brincadeira, até teu irmãozinho faz..." A maioria dos alunos do Kumon está cursando da 2ª à 7ª série, mas há também 87 adultos matriculados, embora não exista ainda um curso especial para eles.

Os exercícios devem ser feitos todos os dias, de domingo a domingo, para criar o hábito. Nem que sejam só 15 minutos por dia. Boa parte dos professores dá aulas em suas próprias casas e, no recrutamento, as mulheres têm preferência, por revelarem mais que os homens uma virtude fundamental para o êxito do método Kumon, segundo o coordenador André Korosque: a paciência.

Os professores não têm salários fixos. Ganham de acordo com o número de alunos que têm e há casos, como o do arquiteto Wagner Kubota, que em menos de um ano conseguiu mais de 100 alunos e decidiu abandonar a Arquitetura, porque ganha mais dando aulas.

Militar reclama, mas ganha mais do que servidor civil

João Alberto Ferreira

Brasília — "Abaixo o Funaro, viva o Bolsonaro!". A saudação trocada entre um coronel do Estado-Maior e um major do Ministério do Exército inicia uma discussão sobre o artigo do capitão pára-quedista Jair Messias Bolsonaro na revista **Veja**, que além da notoriedade lhe valeu 15 dias de prisão por ter afirmado que os militares ganham mal.

A brincadeira irônica não vai além da saudação. Logo o coronel retoma a postura militar que caracteriza os servidores do Ministério do Exército e arremata: "Funcionários federais, civis e militares, ganham salários baixos, mas congelados pela lei, à qual cabe a nós, das Forças Armadas, proteger. Portanto, Bolsonaro foi indisciplinado".

Civil é pior

Quando lembra os civis, o coronel acerta o alvo. Muito mais baixos do que os salários dos militares estão os de seus colegas civis. Há exceções: funcionários de empresas que atuam em setores economicamente estratégicos, como a Petrobrás ou a Embrapa, que produz tecnologia internacionalizada, ou órgãos como o Ipea — Instituto de Planejamento Econômico e Social, do Ministério do Planejamento. Nos ministérios palacianos, artifícios como os **elementos de despesa** 33.31 e 33.32 podem levar o salário de uma secretária, normalmente nos Cz$ 2 mil, para Cz$ 6 mil.

O mais comum na adminstração pública, entretanto, é o salário baixo. Se o capitão Bolsonaro, 31 anos, ganhá líquidos Cz$ 10 mil 433 por mês para sustentar mulher e três filhos, o engenheiro mecânico Leonardo Cummings, 32 anos, mulher e dois filhos, assistente técnico especializado no CNPq — Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — ganha líquidos exatos Cz$ 8 mil 725. "Bolsonaro ganha mal, mas meu marido, muito pior", diz Beatriz, a mulher de Cummings: "Os dois deviam ter maiores salários", defende ela.

"O capitão ganha mal, mas tem alta chance de morar em uma casa funcional em troca de uma taxa irrisória", arremata a mestre em engenharia de produtos, Maria de Fátima Faria dos Santos, 35 anos, analista de desenvolvimento científico do CNPQ. De sua renda líquida (Cz$ 11 mil), Cz$ 6 mil 5OO vão direto para o apartamento de dois quartos que aluga na 707 Norte. Com os Cz$ 4 mil 500 que sobram, faz malabarismos.

No Exército, a lei de promoções certamente levará o capitão Bolsonaro a coronel, se até lá ele não trocar a caserna pela iniciativa privada, que tanto pode levá-lo à falência como à fortuna. Se optar pela caserna, chegará ao posto de coronel, ganhando, em média, Cz$ 18 mil líquidos. Quando passar para a reserva, a lei lhe dará um soldo de general de brigada (a patente seguinte) mais as vantagens que aumentam seu salário — o fato de ser pára-quedista lhe dá 40% a mais — e que continuarão incidindo sobre o vencimento do seu último posto no Exército. Um civil se aposentará com o salário calculado pela média dos últimos 36 meses, o que certamente reduzirá seus ganhos.

Ministros e generais

Os baixos salários que tiram os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, estado do Rio de Janeiro, são também uma constante no serviço público. Há 3 anos, por exemplo, o Instituto de Pesquisas da Amazônia tinha 35 doutores. Hoje, tem 20. "Perdemos 15 para os altos salários pagos pelas madeireiras da região", informa o presidente da Associação dos Servidores do CNPQ, Ronaldo Conde Aguiar, 43 anos, um livro publicado no Brasil, dezenas de artigos no país e no exterior, pós-graduado em sociologia no estrangeiro, cursando doutorado na mesma área, na Universidade de Brasília — Cz$ 14 mil líquidos por mês, para sustentar mulher e três filhos.

A administradora de empresa Rejane Weitzel, 30 anos, assessora da chefia de gabinete do Ministério da Administração, passou para o serviço público, por concurso, na referência NS (nível superior) 5, com um salário de Cz$ 2 mil 157. Hoje, na referência NS 15, seu salário é de Cz$ 3 mil 379. No topo da carreira, referência NS 25, o limite será Cz$ 5 mil 442.

É verdade que, sobre as referências salariais, sempre vão incidir mais 20% de gratificação por nível superior, outros 80% por se tratar de atividade técnico-administrativa, o que na prática dobra o seu limite salarial. Além disso, se conseguir o que poucos conseguem, chegará a um cargo de confiança — um DAS (direção e assessoramento superior). Nesse caso, que é o caso de Rejane, os Cz$ 3 mil 379 viram Cz$ 10 mil 884.

Rejane nunca chegará a ministro exclusivamente pelo seu trabaho, mas Bolsonaro sempre poderá sonhar com o generalato, embora depois do posto de general as vagas se estreitem muito, a ponto de só existirem 14 para general-de-exército, o posto máximo em uma carreira brilhante. Se chegar lá, o mundo se abrirá para ele: salário de Cz$ 32 mil, uma bela e bem situada casa, um cozinheiro e um copeiro do quadro de taifeiros do Exército, um motorista, um ordenança, um automóvel Opala trocado anualmente, que ele receberá quando sair general-de-brigada e só devolverá quando for para reserva, além de uma cota trimestral, no caso de general-de-brigada, de 800 litros de gasolina.

Gratificações e isenções compensam baixos soldos

Brasília — Os mais altos soldos nas Forças Armadas são pagos aos almirantes-de-esquadra, generais-de-exército e tenentes- brigadeiros, os postos máximos nas três Armas: Cz$ 8 mil 458. Muito baixos, mas as gratificações e indenizações aumentam esse soldo em mais de 300%.

Um general-de-exército, que vá para a reserva com 45 anos de serviços, ganha Cz$ 32 mil sem se preocupar com o imposto de renda e o INPS. O imposto de renda incide apenas sobre o soldo e não há desconto para o INPS. O Exército tem seu próprio serviço médico. Os menores soldos são pagos aos recrutas, exatos Cz$ 245. Mas eles apenas cumprem o serviço militar obrigatório. Além deles, só cadetes e aspirantes, militares em início de carreira, ganham apenas o soldo: Cz$ 845.

O aspirante logo é promovido a segundo-tenente e passa a receber Cz$ 3 mil 425. Começam então os cursos que podem aumentar até três vezes seu salário. Se passar por um duro estágio e conseguir ser pára-quedista, terá 40% a mais sobre o soldo, no fim do mês. São indenizações por compensaçõ orgânica, que também recebem os submarinistas, na Marinha, os tripulantes de aeronaves, na Aeronáutica.

Os cursos de habilitação militar — Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Estado-Maior do Exército, por exemplo — também representam, cada um deles, um aumento de 10% nos salários. A cada cinco anos de serviço, os militares ganham mais 5%. Um coronel da ativa do Estado-Maior do Exército, com todos os cursos, à exceção do de pará-quedismo, ganha hoje Cz$ 18 mil 064. A média dos salários líquidos para os coronéis é de Cz$ 18 mil.

Boa parte dos militares — em Brasília, todos — têm uma residência funcional por um desconto de 25% em seu soldo. Quando o militar vai para uma cidade na qual faltam as residências, recebe um auxílio moradia também equivalente a 25% de seu soldo. Ele e sua família têm assistência médica nos 22 hospitais e policlínicas do Exército espalhados pelo país.

Toda a unidade tem seu médico, que invariavelmente atende militares e seus familiares, embora não seja sua obrigação, que é cuidar da tropa. Os militares descontam 3% de seu soldo todo o mês para ter essa assistência médica, que sai quase de graça. O desconto segue para o Fundo de Saúde do Exército, uma sociedade dos servidores, bem organizada, da qual a instituição não coloca nem tira dinheiro.

A Escola de Oficiais tem uma tradição de rebeldia

Brasília — Quando os pára-quedistas ameaçaram uma greve no desfile militar de 7 de setembro de 1969, revoltados porque o governo liberou presos políticos em troca de embaixadores seqüestrados, o primeiro apoio à sua ameaça veio da Esao — Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), na Vila Militar, no Rio, de onde marcharam as mulheres de oficiais que manifestaram seu apoio ao capitão Bolsonaro. "Tradicionalmente, a Esao é um templo de fofoca. Quer soltar uma bomba? É só ir lá", afirma um coronel do estado-maior do Exército, ex-aluno da escola. "São 400 capitães com a única responsabilidade de estudar, que se reencontram 10 anos depois das farras e pileques e da Academia Militar", arremata.

A Vila tem tradição. Foi de lá que saiu um dos mais violentos manifestos em favor do movimento de 1964. "Aquele tempo era difícil", lembra um coronel pára-quedista, hoje na reserva. "Tinha um companheiro que, nas horas vagas, era bombeiro hidráulico para poder viver", completa o militar.

Fotos de Carlos Rosa

Os salários contam mais que a segurança da carreira militar

Fim da crise desestimula jovens a se tornarem cadetes

Luciana Villas-Bôas

Os jovens não querem mais saber da Marinha. De 1981 a 1986, despencou de 3 mil 540 para 2 mil 619 o número de candidatos ao **puxado** vestibular da Escola Naval, que forma os oficiais da Marinha de Guerra. Espera-se que, para o próximo concurso, o número caia ainda mais, numa tendência que, quando terminarem as inscrições para os vestibulares equivalentes do Exército e da Aeronáutica, deverá revelar-se comum a todas as Forças Armadas.

Para o diretor de ensino da Marinha, vice-almirante Mário Cesar Flores, o fenômeno não tem nada a ver com uma antipatia crescente pelas Forças Armadas, como pode parecer à primeira vista. O vice-almirante só vê uma explicação: o fim da crise econômica.

"Durante o governo Figueiredo, quando chegou ao ápice a antipatia popular pelas Forças Armadas, o número de candidatos disputando entre 20 e 30 vagas da Escola Naval passou muito de 3 mil" — analisa o vice-almirante, 55 anos, há cinco meses no cargo de diretor de ensino. "Isso só se explica porque os anos entre 1980 e 1983 foram os de mais funda crise econômica", conclui.

O diagnóstico de Mário Cesar Flores fica ainda mais nítido quando se analisa, ano a ano, o número de candidatos ao chamado quadro complementar da Marinha: profissionais civis — engenheiros, analistas de sistemas, químicos e outros — que prestam concurso direto como segundos-tenentes, sem cursar a Escola Naval. No final de 1982, 1 mil 454 profissionais se candidataram a 51 vagas. Este ano os candidatos não chegaram a 700.

Mário Cesar Flores avalia que não mais do que 5% dos candidatos civis à Escola Naval (isto é, os que não cursaram o secundário no Colégio Naval, que têm entrada automática na Escola) são movidos por uma genuína vocação militar. Para os candidatos ao quadro complementar, calcula uma porcentagem ainda mais baixa. A grande maioria encara a carreira como mais uma opção do mercado de trabalho, cujo maior atrativo é, certamente, a segurança. Só que este chamariz funciona com bem menos intensidade em épocas de animação no mercado de trabalho civil.

"O salário bruto de um segundo-tenente da marinha é de Cz$ 6.680,00 e o de um primeiro-tenente, Cz$ 8.213,00", revela Mário Cesar Flores. "Um bom profissional consegue coisa melhor no mercado civil", diz ele, certo de que, em tempos de crise, até o fato de a Marinha pagar pelos uniformes de seus cadetes contava como atrativo para a carreira.

Preocupação

Os altos escalões da Marinha estão preocupados com a diminuição do interesse pela carreira militar. Afinal, nos últimos anos, eles se acostumaram a recrutar seus quadros entre os melhores alunos de cada geração. Agora, os melhores não valorizam tanto a segurança da carreira porque estão seguros de que seus talentos serão valorizados no mercado de trabalho.

"É inegável que esses dados preocupam", confirma Mário Cesar Flores. "Mas se eles são um sinal da prosperidade do país, tanto melhor. Nós é que temos de nos virar para voltar a atrair para a Marinha os melhores quadros."

Para o almirante Flores o problema é dinheiro, não antipatia

Recife — Fotos de Natanael Guedes

Grávida de cinco meses, Nilze Vieira da Silva lava roupa no mesmo lago, em frente ao tradicional teatro Santa Isabel, que os lavradores usam como banheiro

Acampamento de lavradores muda cartão-postal de Recife

Recife — Seus bem cuidados jardins servem, agora, de cama e banheiro. Suas estátuas vêm sendo utilizadas como varais, onde as crianças se divertem o dia inteiro. Elas brincam e tomam banho nas águas sujas das fontes, que já foram ocupadas por pequenos peixes. Esta é hoje a paisagem da praça da República, no centro do Recife, um dos tradicionais cartões-postais da capital que há quase um mês se transformou num grande acampamento, onde cerca de 400 pessoas, vindas de todas as áreas de conflitos de terra do estado, aguardam uma decisão das autoridades sobre a terra prometida.

As condições de vida dos acampados são precárias, com crianças e adultos dormindo na grama, se molhando na chuva, pois as tendas de lona e plástico não agüentam muita água, e a situação da praça não é melhor: os jardins, por falta de outra opção, são sujos já que são usados como banheiro pelos acampados; em frente ao teatro Santa Isabel, funciona a cozinha coletiva do acampamento; diante do palácio da Justiça, os bancos são utilizados como lavanderias, onde as mulheres se apóiam para ensaboar roupas e panelas, e quem sai do palácio do Campo das Princesas, onde o governador Gustavo Krause despacha, se depara com as tendas dos acampados.

Com o apoio da Federação dos Trabalhadores na Agricultura — Fetape, no dia 18 de agosto 20 famílias de áreas de conflitos de terra acamparam ali, protestando pela demora na execução da reforma agrária. Hoje, mais de 50 famílias se mudaram para a praça com a promessa de só sair de lá quando a reforma agrária começar para valer.

No início, o governador Gustavo Krause se preocupou muito com o problema. Agora, diz que busca uma forma de convivência. No começo, a segurança na própria praça foi aumentada, atualmente o palácio continua sendo guardado como era antes e há como que um acordo tácito entre os que trabalham no campo das Princesas e os que "moram" na praça da República.

O secretário extraordinário de Articulação Municipal, Romário Dias Pereira é o porta-voz do governador junto aos sem terra. Quase toda semana conversa com eles, discute um ou outro processo, orienta, mas respeita a decisão deles de permanecer acampados. Na semana passada, o governador liberou uma verba de Cz$ 306 mil para que o secretário comprasse colchões, lençóis, filtros, cobertores que serão distribuídos nos acampamentos nas áreas de conflitos — A Fetape informa que são 66 em todo o estado, com uma ressalva: os sem terra somente receberão esse benefício nas áreas, o que afasta de imediato a possibilidade de distribuição desse material entre os que estão na praça da República.

Depois do acampamento, o ministro do Trabalho, Almyr Pazzianotto e o da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães estiveram no Recife. Foram recebidos por Gustavo Krause mas em nenhum momento falaram dos acampados e, segundo um dos assessores do governador, eles foram discretos porque provavelmente já sabiam, do acampamento pelos jornais. O governador Gustavo Krause, criticado por muitos e elogiado por outros, decidiu não expulsar, argumentando: "Claro que a situação dos acampados é difícil, não vejo como eles podem solucionar seus problemas ocupando a praça, mas respeito a decisão deles e estou tentando ajudar no que posso, junto ao Ministério da Reforma Agrária."

Por sua vez, o prefeito Jarbas Vasconcelos, do PMDB, diante das denúncias de que os acampados estavam com problemas de saúde, enviou uma equipe médica à praça, que providenciou a vacinação contra sarampo para as crianças, a maioria delas desnutridas.

Para que os acampados não passem fome a Fetape e as comunidades de bases, arrecadando dinheiro por todo o estado, está gastando uma média de 3,5 mil cruzados na compra de feijão, farinha, inhame, macaxeira, café, açúcar, batata e farinha de milho, além de carne ou galinha, quando é possível. Tudo é preparado coletivamente.

O responsável pela cozinha, Luís Antônio da Silva, trabalhador de Iati, informa que os adultos comem duas vezes por dia e, quando é possível, as crianças também tem um lanche, além das refeições. Pela manhã, todos tomam café com inhame ou macaxeira e, quando a situação está mais difícil, "uma porção de 40", que é como eles chamam farinha de milho aferventada, temperada com sal, cebola e coentro.

Os meninos, como os adultos, tomam banho na fonte da praça e também utilizam os jardins para suas necessidades. O governador autorizou que os flagelados utilizassem os banheiros do Liceu de Artes e Ofícios, que fica bem perto da praça, mas nem sempre eles fazem isso, como explica José Nunes da Silva, do engenho Pitanga: "O liceu é bom, tem até **chuvisco**, mas a gente só pode ir lá no fim da tarde, porque logo cedo e até as 5 horas da tarde mais ou menos, tem os alunos. Então, o que fazer quando temos uma vontade de ir ao banheiro?"

A praça é parte da história da cidade

Recife — A praça da República é uma parte da história de Pernambuco. Do lado do Rio, onde está a estátua do conde da Boa Vista, em 1649 foi erguido o palácio de Friburgo, residência oficial do príncipe holandês Maurício de Nassau e em todo o resto da praça, Nassau plantou um imenso pomar e ali instalou um zoológico particular.

Com a volta de Nassau para a Holanda, o velho palácio foi desaparecendo. Hoje, o que se chama praça era chamado de **campo**. Em 1817 ele era campo de Honra por conta da revolução Libertária; em 1850, quando o arquiteto francês Louis Leger Vauthier começou a construir o teatro Santa Isabel, por recomendação do então governador conde da Boa Vista, ele se chamava campo do Teatro; em 1859, com a vinda do imperador Dom Pedro II ele tomou o nome de campo das Princesas, em homenagem às filhas do imperador; e em 1889, com a República, virou praça da República.

Além da estátua do conde da Boa Vista, a praça tem também uma pequena estátua de Louis Leger Vauthier, na frente do teatro Santa Isabel e mais 17 pequenas estátuas, de artistas pernambucanos encomendadas para enfeitá-la.

Sede do governo de Pernambuco — nela está o palácio do Campo das Princesas —, a praça da República é um dos pontos mais movimentados da cidade e foi a partir dela que surgiu e cresceu o bairro de Santo Antônio, um dos mais antigos do Recife. Até o começo deste século a praça era toda cercada por um gradil de ferro que a protegia, mas hoje é aberta e para ela convergem todos os movimentos reivindicatórios que acontecem na cidade.

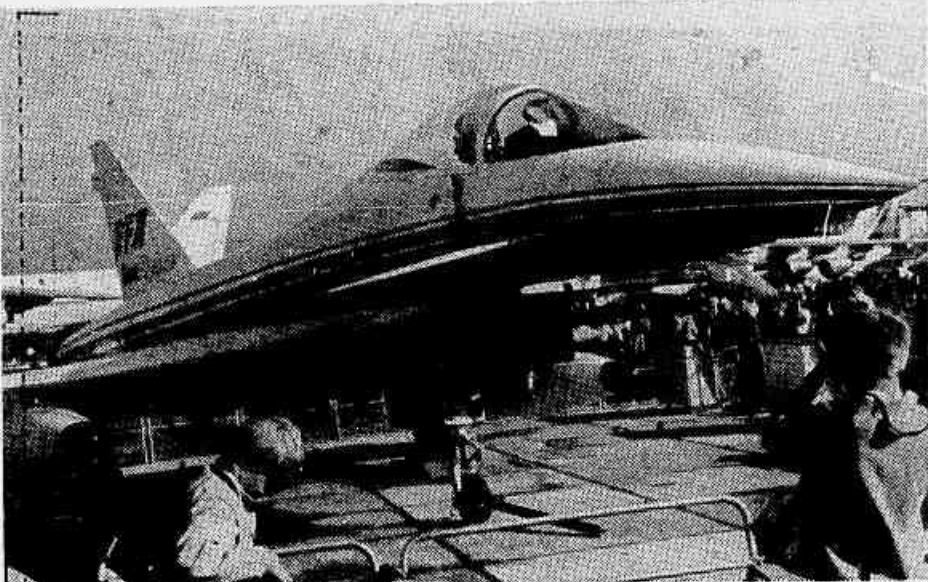
Foto de Jorge Luiz Calife

O Eurofighter, um caça para o século 21, atraiu até crianças

Foto British Aerospace

O ATP é a principal novidade entre os aviões civis

Aviões do futuro só obedecem ao computador

Jorge Luiz Calife

Londres — O Salão Aeroespacial Europeu, que se alterna a cada ano entre Farnborough na Inglaterra e Le Bourget na França, costuma oferecer uma visão de conjunto da mais avançada tecnologia aeronaútica existente. Há mais de três décadas a história da aviação pode ser acompanhada pelo que é exibido em Farnborough e Le Bourget, lugares onde americanos, russos e, principalmente, europeus exibem suas conquistas tecnológicas e disputam as fatias do mercado mundial para aviões civis e militares.

As novidades deste ano na mostra encerrada em Faranborough no último domingo evidenciaram a importância dos computadores nos projetos de aeronaves de alto desempenho e na segurança do vôo. A idéia de um computador controlando a estabilidade de uma aeronave soaria como ficção científica há alguns anos. Hoje, os sistemas "**fly by wire**" que equipam tanto o avião comercial Airbus 320 quanto os caças Rafale (francês) e EAP (inglês), apresentados em Farnborough, apontam no sentido de uma união irreversível entre a informática e a aeronáutica.

Nos aviões convencionais, o piloto controla os movimentos e a direção de vôo através de um manche ligado por sistemas hidráulicos às superfícies de controle, nas asas e na cauda (lemes e **flaps**). No **fly by wire**, o manche, aquele volante de controle em forma de "U" dos aviões convencionais, transformou-se num **stickm**, espécie de empunhadouro como o usado nos jogos de videogame. Através dele os comandos transmitidos pela mãe do piloto convertem-se em sinais eletrônicos que movimentam os lemes da aeronave.

Correção automática

Além disso, o sistema eletrônico é inteligente e corrige automaticamente qualquer manobra perigosa, impedindo (no caso de Airbus) que o avião seja colocado numa situação crítica para sua estabilidade em vôo. Isso foi bem evidenciado no show de encerramento de Farnborough 86, quando o piloto de um Airbus ergueu propositadamente o nariz de seu avião em vôo baixo sobre a pista, colocando-o próximo de uma condição que os aviadores chamam de estol (ponto em que as forças aerodinâmicas atuando sobre as asas se tornam incapazes de sustentar a aeronave no ar). Imediatamente, o sistema eletrônico pressentiu a condição perigosa e recolocou o avião numa atitude segura de vôo.

Corrigindo automaticamente qualquer desvio perigoso no vôo das aeronaves, esse sistema garante um vôo estável e mais seguro mesmo durante turbulências. Pode-se prever que na próxima década todos os aviões comerciais estarão fazendo uso dele.

Sem o **fly by wire**, os novos modelos de caças não poderiam se manter no ar. Para conseguirem maior capacidade de manobra, incluindo bruscas mudanças de direção durante um combate aéreo, os projetistas estão fazendo seus aviões naturalmente instáveis. Ou seja, o piloto humano não conseguiria manter o avião em vôo se não fossem os comandos instantâneos, de correção, emitidos constantemente pelo computador de bordo. Qual a vantagem disso? Maior facilidade de manobra. Num avião de caça convencional, como os Mirage e os F-5 usados pela FAB, a estabilidade proporcionada pelo desenho do avião impede mudanças muito bruscas de direção.

Ao contrário do Mirage com sua forma de dardo, o EAP e o Rafale têm fuselagens curtas, com linhas curvas que lembram peixes. As asas são em forma de delta, com pequenas aletas junto à cabine do piloto. Essas **asinhas** substituem os lemes traseiros dos antigos jatos e são chamadas de canardes pelos especialistas em aviação. Graças a elas e ao sistema inteligente de controle, esses aviões podem realizar piruetas inacreditáveis, mudando de direção bruscamente para subirem na vertical, como foguetes, ou avançar de nariz erguido, como focas à espera de um aplauso da multidão que lotou Farnberough. Num combate aéreo, o Rafale e o EAP teriam maior capacidade de se esquivarem dos mísseis inimigos e de se colocarem atrás dos aviões adversários para abatê-los com suas armas.

Limite de resistência

O maior obstáculo ao desempenho do avião de caça do futuro é a resistência física dos pilotos. O Eurofighter, o Rafale francês e o EAP inglês fazem curvas tão apertadas que o piloto perderia os sentidos, pressionado pelas forças de aceleração, se não fossem tomadas medidas especiais para protegê-lo. Nos Mirage convencionais, o piloto fica sentado, controlando o avião através de um manche em forma de barra e olhando para o painel de instrumentos diante dele. Nos novos jatos, ele fica em posição reclinada, quase deitado, como os corredores de Fórmula-1, para resistir melhor às forças de aceleração. Com a mão esquerda o piloto segura um pequeno **stick**, através do qual envia suas ordens ao sistema eletrônico de controle do avião. Equipamentos de vídeo substituem os antigos mostradores por telas luminosas que indicam os dados básicos como velocidade, altitude, consumo de combustível e situação das armas levadas pelo caça. No futuro, estes sistemas vão projetar na própria cobertura transparente da cabine os dados essenciais para o piloto.

Os americanos ainda fazem segredo quanto aos seus novos aviões invisíveis ao radar e vieram a Farnborough com o SR-71 Blackbird, projetado na década de 60. Apesar da antiguidade, esse enorme avião negro detém o recorde mundial de velocidade e altitude — 3.350 km/hora a mais de 24 mil metros de altura. Por voarem mais rápido e mais alto que qualquer avião existente, os SR-71 são usados pelos americanos para missões de espionagem sobre o território russo. Em Farnborough, os tripulantes do Blackbird revelaram-se espiões muito amáveis. Conversaram com o público, deram autógrafos e emblemas para as crianças inglesas que, fascinadas, cercavam a aeronave.

No mundo mais pacífico da aviação civil, a novidade maior ficou por conta do ATP, avião turbo-hélice avançado, e o jato 146 da British Aerospace, um avião que os ingleses apontam como o substituto ideal para os velhos Electras que até hoje trafegam entre Rio e São Paulo. O 146 transporta até 110 passageiros com a segurança de quatro turbinas, decola e pousa em pistas curtas e é o avião mais silencioso do mundo.

União européia

O futuro pode estar no espaço exterior e lá ingleses e franceses revelam-se rivais na disputa pelo lugar deixado com a saída do ônibus espacial americano da área dos vôos comerciais para lançamento de satélites. Os franceses, que hoje lançam satélites com seu foguete Ariano, sonham com um miniônibus espacial, o Hermes. Os ingleses, depois da construção da sonda espacial Giotto, que fotografou o cometa de Halley, planejam o Hotol, mistura de avião supersônico e nave espacial, que pousará e decolará horizontalmente das pistas de aeroportos comuns.

David Pattison, executivo da British Aerospace, acha que cada um desses projetos é ambicioso demais para ser desenvolvido por um país sozinho. Acredita que apenas um dos projetos terá que ser escolhido e transformado em aventura conjunta de vários países, como foi o caso da vitoriosa missão Giotto, produto de um consórcio europeu. No campo espacial, assim como no desenvolvimento de grandes aviões comerciais, apenas uma divisão de despesas entre vários países europeus seria capaz de reunir recursos capazes de enfrentar a concorrência norte-americana. A Giotto não é o único exemplo. Foi assim também com o Concorde, projeto conjunto da Inglaterra e França; com o Airbus, criado por Alemanha, França, Espanha e Inglaterra e será assim com o módulo espacial que a Europa espera instalar na estação espacial Columbus da NASA. Isto em 1992, ou seja, daqui a três Farnboroughs.

Modelo pequeno atrai pela forma arrojada

Londres — Não obstante os sofisticados sistemas de controle eletrônico dos jatos militares, os aviões de desenho mais arrojado em Farnboroug eram de um grupo de pequenas aeronaves para executivos que estão fazendo seus primeiros vôos experimentais. Alguns estavam lá apenas em forma de maquetes nos estandes, mas suas linhas fantásticas captavam a atenção dos visitantes. Pareciam criações saídas diretamente das páginas de uma história em quadrinhos.

Esses pequenos aviões, que dentro de alguns anos poderão estar transportando homens de negócios ou fazendo linhas de táxis aéreo, têm forma de ponta de flecha e se destacam pela ausência de cauda e por terem hélices propulsoras voltadas para a parte de trás, além de asinhas, ou canardes, no nariz. Há o Avanti italiano, o Beech Starship (literalmente, nave estelar) e o Omaci americanos.

A moda de projetar aviões com formas aerodinâmicas incomuns foi lançada pelo engenheiro americano Burt Rutan, cujos aviões **feitos em casa** foram atração dos **shows** aéreos da década de 70. Hoje, as idéias de Rutan começam a ser aplicadas em projetos comerciais, com vantagens e desvantagens que animam uma grande polêmica entre os engenheiros aeronáuticos.

Um avião com hélices na cauda, apontando para trás, é muito mais silencioso para os passageiros. Se as asas também são colocadas a ré, dando à aeronave a aparência de uma asa delta ou bumerangue, o teto da cabine de passageiros pode ser mais alto, liberando mais espaço para os ocupantes. No entanto, a obrigação de uso dos canardes no bico da aeronave produz desvantagens que, dependendo do projeto, podem arruinar a novidade.

O primeiro inconveniente é que o canarde atrapalha a visão do piloto na cabine. A asa na cauda também carrega para trás o peso do combustível, alterando o centro de gravidade do avião à medida que os tanques vão ficando vazios durante uma turbulência, fazendo-o balançar mais.

É claro que sistemas eletrônicos e truques de desenho podem compensar estas desvantagens. Só a experiência prática, no entanto, é que vai determinar se esses aviões vão entrar no nosso dia-a-dia ou acabar como simples curiosidades em exposições como Farnborough.

Foto British Aerospace

O EAP é mais ágil para escapar de mísseis inimigos do que os caças convencionais

Pesquisa em Minas acha novas espécies vegetais para alimentar o gado

Belo Horizonte — Após dois anos de intenso trabalho de campo, dois pesquisadores da Epamig-Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Mitzi Brandão e Nuno Maria Souza Costa, descobriram nove espécies novas da leguminosa nativa do gênero **Stylosanthes**, que estão sendo agora cultivadas numa das fazendas experimentais da estatal, visando a sua utilização como alimento para o gado. Com as descobertas, elevam-se hoje a 19 as espécies conhecidas em Minas daquela leguminosa.

Todas elas fazem parte do acervo do mais completo herbário mineiro, criado por Mitzi Brandão há 13 anos e que, dois anos depois, já estava registrado no **Index Herbariorum**, órgão que controla todos os herbários do mundo. Único herbário mineiro especializado no setor agropecuário, em seu acervo existem cerca de 20 mil exemplares, utilizados em pesquisas sobre plantas forrageiras nativas, sobre o uso de ervas nativas na alimentação humana e na indústria de medicamentos. Parte importante dele é o setor de plantas melíferas e frutíferas do cerrado.

Acervo rico

Definida pelo dicionário de Aurélio Buarque de Holanda como uma coleção de plantas secas destinadas a estudos ou guardados como comprovantes das classificações estabelecidas, a palavra herbário, para a bioquímica Mitzi Brandão, especializada em botânica, tem significado mais amplo. Não é apenas coleção estática, porque deve ser complementada por pesquisas no **habitat** das plantas e em cultivos experimentais.

Segundo a curadora do herbário, 70% do acervo são compostos por plantas do cerrado, coerente com o fato de que o cerrado ocupa aproximadamente 53% da superfície do estado (308 mil quilômetros quadrados). Outros 10% são formados por plantas daninhas, e 10% por leguminosas.

Trazidas do campo embrulhadas em papel de jornal, as plantas são colocadas em folhas de papel, depois de secas em estufas, e guardadas de acordo com as famílias e por ordem alfabética do gênero e espécie. Em pastas, as plantas coletadas são cadastradas, com os nomes de espécie, família, coletor, local e data da coleta. O herbário está aberto a consultas por pesquisadores de fora da Epamig.

Forrageiras

Um dos projetos desenvolvidos pela Epamig, com participação do herbário, é o que estuda o comportamento das forrageiras nativas. Mitzi Brandão e Nuno Costa já concluíram a coleta das espécies do gênero **stylosanthes** (19 espécies) e também as do gênero **zornia** (17 espécie). Duas delas foram descobertas pelos pesquisadores da Epamig, incluindo a **zornia Mitzi**, uma referência óbvia à descobridora. Ainda em fase de levantamento, está o gênero **aeschynomene**, com 10 espécies, nenhuma inédita.

No caso do gênero **stylosanthes**, concluída a fase de identificação e com os resultados já publicados pela Epamig, o trabalho encontra-se na fase de cultivo na fazenda experimental Santa Rita, em Prudente de Morais, onde o pesquisador Nuno Costa está avaliando o comportamento das espécies do gênero, com o objetivo de se chegar às espécies brasileiras palatáveis que possam ser utilizadas, como forrageiras. Isso implicaria numa redução de custos, pois não haveria mais necessidade da importação de sementes, com a vantagem adicional de serem bem adaptadas ao solo e até ao clima brasileiro.

Na fase de testes, nove espécies de **stylosanthes** — **linearifolia, macrocephala, pilosa, debilis, campestris, acuminata, aurea, grandifolia, tomentosa** — são submetidas a experimentos com adubação, sem adubação e análises da quantidade de proteínas que contêm.

— Essa fase de produção e testes — disse Mitzi Brandão — inclui também o plantio consorciado com gramíneas e teste de pisoteio do gado, para verificar a resistência. Caso essas espécies sejam aprovadas, elas serão recomendadas pela Epamig e passarão a ser difundidas entre os pecuaristas pelos técnicos da Emater-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais.

Plantas daninhas

Trabalhando com técnicos do setor de controle de plantas daninhas com herbicidas, Mitzi Brandão e outros cinco pesquisadores das universidades federais de Lavras e Ouro Preto concluíram que muitas plantas consideradas daninhas podem ser incluídas na alimentação humana, como novas fontes opcionais de vitaminas, sais minerais, amido e outros nutrientes.

— Observando essas plantas — que se comportam como daninhas — em seu **habitat**, percebemos que algumas são utilizadas como comestíveis, outras como medicinais e outras ainda são usadas pelas abelhas — contou.

Como exemplos, Mitzi Brandão citou o picão, cujas folhas novas são refogadas e substituem a couve, no sul de Minas e no vale do Jequitinhonha, tem bom valor protéico e boa taxa de ferro, podendo ainda ser usado como chá diurético. Já as plantinhas mais novas do dente-de-leão podem ser ingeridas cruas. E as mais velhas podem ser comidas depois de refogadas. O dente-de-leão revelou também alto valor medicinal, com ativa função biliar, recomendado para moléstias do aparelho digestivo.

Para organizar todas as informações coletadas desde 1973, através de observações, dados bibliográficos e conversas com os moradores do interior do estado, a Epamig está elaborando projetos a serem executados, a partir do ano que vem. Inicialmente, serão analisadas 25 espécies de plantas daninhas que têm potencial comestível.

— Vamos coletar e avaliar as sementes e mudas dessas plantas, realizando também a análise química e testes de paladar, além de verificação do sistema produtivo, através do cultivo racional das ervas daninhas comestíveis — afirmou Mitzi Brandão, que terá a companhia, nesse projeto, de Julio Pedro Lacca-Buendia e Maria Helena Mascarenhas.

As 25 espoécies que serão primeiro estudadas: caruru (seis espécies), picão, serralhas (duas), dente-de-leão, chagas, serralhinha, beldroegas (três), major-gomes, labaça, mastruço, mostarda, tanchagem (três), tomatinho e amora-do-campo.

Outro projeto envolvendo a utilização de ervas daninhas, segundo Mitzi Brandão, é o que prevê o cultivo racional das plantas que têm possibilidades de uso para a produção de mel.

— Pretendemos realizar um levantamento da época de floração dessas plantas, o que nos possibilitará fazer o plantio de acordo com a floração de cada uma, de modo a intercalar a floração, fazendo com que as abelhas tenham um pasto à disposição durante todo o ano.

Esse projeto vai complementar as descobertas dos pesquisadores de que algumas plantas daninhas podem ser cultivadas economicamente pelos apicultores, para fornecimento de néctar ou pólen para as abelhas, nos períodos de escassez das plantas notoriamente apícolas, como as laranjeiras. Já foram listadas cerca de 164 espécies de apícolas, que incluem 84 plantas nectaríferas e 127 poliníferas. E muitas acumulam as duas funções.

Por causa da variação da cobertura vegetal no estado de Minas, com matas, cerrados, campos e caatinga, há uma grande proliferação de ervas daninhas, que são plantas normalmente bastante rústicas e adaptadas, que acompanham o homem no seu processo de desenvolvimento. Entra aí outro trabalho realizado pelo herbário da Epamig.

— O setor de controle de herbicidas envia ao herbário a planta daninha que ataca determinada cultura. Nós fazemos a identificação e o doutor Julio Pedro Lacca-Buendia, após análises, dará a receita do herbicida ou da mistura a ser utilizada para conter a praga — explicou Mitzi.

Complementando o herbário da Epamig, há uma carpoteca — coleção de frutos preservados para fins de pesquisa — onde é desenvolvido o trabalho de germinação. Podem ser encontrados, nessa carpoteca, frutos comestíveis do cerrado, como a **pouteria torta**, conhecida popularmente como bacupari de árvore; outras tóxicas para o gado, como as do gênero **ormosia**, utilizadas para fazer brincos e colares, ou a embaré, cuja madeira é usada, no vale do São Francisco, como bóia.

Avanços técnicos dão às safras agrícolas crescimento inédito

Keith Schneider
The New York Times

Apenas sete anos depois que especialistas em questões populacionais e agrícolas especularam, numa conferência da ONU em Roma, sobre qual o continente que primeiro morreria de fome, os progressos técnicos e científicos na agricultura estão fazendo as colheitas superarem o crescimento populacional, resultando numa abundância de alimentos sem precedentes.

De 1960 a 1986, a quantidade de terras em que eram plantados grãos cresceu menos de 11%. No mesmo período, contudo, a melhoria nas colheitas e nas práticas de plantação mais do que duplicou a produção de grãos. Este ano, a produção de grãos totalizará aproximadamente 1,66 bilhão de toneladas, segundo o Departamento de Agricultura dos EUA.

Fome ainda

Isso não quer dizer que todas as pessoas estejam bem alimentadas. A África é um lembrete implacável de que o mundo não resolveu o problema da fome. Distribuição ineficiente de alimentos e desigualdades na distribuição de renda deixam ainda muita gente sem o bastante para comer. Mas hoje a fome é menos o resultado de falta absoluta de alimentos do que de situações e decisões políticas.

Além disso, muitos especialistas afirmam que a era de abundância produziu ampla ruptura econômica entre agricultores nos EUA e em outras nações dependentes de exportações agrícolas. Mas Robert Paalberg, cientista político da Universidade de Harvard, está entre os que acreditam que essa ruptura deve-se mais a problemas de distribuição de alimentos e lento crescimento da renda nos países subdesenvolvidos do que à produção abundante.

Desde 1950, a produção de arroz na Ásia duplicou, os agricultores europeus podem produzir três vezes mais trigo por hectare e a produção de milho nos EUA quase triplicou.

A produção de alimentos nos países em desenvolvimento vem crescendo 4,4% anualmente, de acordo com o Departamento de Estado, um ritmo mais veloz do que no mundo desenvolvido e mais de duas vezes a taxa do crescimento populacional. Dezenas de países, que já estiveram à beira da fome, hoje são auto-suficientes em produção de grãos.

Até mesmo Bangladesh, que outrora parecia condenada à eterna subnutrição, tornou-se auto-suficiente em alimentos. A Índia, que sofreu uma onda de fome em 1965-67, está exportando comida.

Terceira revolução

Os especialistas afirmam que a agricultura mundial encontra-se em meio a uma terceira revolução produtiva. A primeira foi a mudança da energia animal para a mecânica, ocorrida nas primeiras décadas do século nos países desenvolvidos e que ainda continua nas terras subdesenvolvidas. A segunda foi a criação e amplo uso de pesticidas, fertilizantes e outros elementos químicos depois da II Guerra Mundial.

A terceira revolução, dizem esses especialistas, está na melhoria genética das plantas. Os agricultores têm usado grande variedade de técnicas — e agora começam a utilizar a engenharia genética — para produzir sementes que crescem mais depressa, são de plantio mais barato e dispõem de melhores defesas contra insetos, doenças e condições adversas de clima. Como as manipulações genéticas são realizadas nas células da planta e assim controladas mais facilmente, as experiências não provocam o tipo de oposição que têm enfrentado experiências que liberam no meio ambiente micróbios alterados geneticamente.

— Esta revolução pode ser bem mais vigorosa do que a anterior — diz Dennis T. Avery, analista de agricultura do Departamento de Estado. — As duas primeiras atingiram principalmente os países mais desenvolvidos, talvez 40% das terras aráveis do mundo e um quarto de sua população. A revolução da genética está afetando 90% das terras e 4,5 bilhões de pessoas. As sementes estão melhores, têm desenvolvimento mais fácil e os agricultores têm poucos problemas com o seu uso. Na verdade, os países em desenvolvimento estão colhendo, mais do que os ricos, os efeitos na nova revolução.

À medida que cresce o emprego dessas e de outras novas técnicas de biotecnologia, espera-se uma expansão ainda mais rápida da capacidade de produção.

Resistência

Os plantadores de milho, por exemplo, estão usando técnicas de cultura de tecido recentemente desenvolvidas em que submetem células de grãos não maduros e agentes tóxicos como herbicidas. Se a célula se altera, tornando-se resistente ao herbicida, continuará se reproduzindo, e pode finalmente ser cultivada, gerando plantas que produzirão mais grãos, ou sementes, com aquela resistência.

— Você pode selecionar um evento em um milhão e recuperar uma planta — disse o Dr. Nicholas M. Frey, diretor de pesquisas biológicas na Pioneer Hi-Bred International, o maior produtor de sementes de milho do mundo.

Ele informou que os pesquisadores também já introduziram em tomates e outras plantas genes de bactérias que produzem uma proteína tóxica para os insetos. A técnica envolve a inserção do gene desejado nas células das plantas. As folhas da planta passam a produzir proteína e os insetos que as comem, morrem.

Os cientistas também estão conquistando uma grande compreensão da biologia dos solos, particularmente em regiões tropicais e semitropicais. E trabalham com agricultores para projetar sementes e colheitas para áreas específicas.

Nos últimos oito anos, por exemplo, o Brasil preparou para produção de soja e grãos mais de 400 mil hectares no cerrado do planalto central, segundo o Departamento de Estado. Os agricultores estão trabalhando para criar trigo e outras variedades de grãos que dêm melhor aí, apesar da grande quantidade de alumínio, que é tóxico para as plantas.

Variedades de milho desenvolvidas para resistir ao tempo frio e amadurecer três semanas mais cedo do que os híbridos convencionais permitiram aos agricultores da Argentina iniciar o plantio de grandes campos de milho mais perto do Pólo Sul. Essas mesmas variedades ampliaram o cinturão verde do milho norte-americano mais 400 km para o norte, na última década. Os plantadores de milho do Meio-Oeste conseguirão este ano uma média de 1,2 tonelada por hectare, aproximadamente cinco vezes a média dos anos 30. Alguns agricultores conseguirão a média de 3 toneladas por hectare.

A Alemanha Oriental e a União Soviética estão fazendo experiências com variedades de milho de produção rápida, na esperança de aliviar a necessidade de importação para alimentação dos seus rebanhos.

Cevada e trigo

Os agricultores britânicos começaram, em 1979, a plantar uma nova variedade de cevada de inverno que, por volta de 1983, estava aumentando a produção anual em um milhão de toneladas, o equivalente a 2,1% de toda a colheita européia de cevada.

Fazendeiros da Comunidade Econômica Européia recentemente começaram a plantar nova variedade de trigo de inverno que tem produzido safras 20% maiores do que a variedade tradicional.

E várias firmas americanas têm introduzido novas variedades de trigo híbrido nos últimos três anos: O Dr. Brett Carver, especialista em trigo da Universidade do Oklahoma em Stillwater, afirma que os híbridos aumentam a produção em cerca de 30% em certas áreas. Espera-se que os agricultores de Oklahoma plantem as novas variedades em 100 mil hectares de terra, 5% das terras próprias para trigo no Estado. "Estas sementes podiam ser mais populares, mas custam cerca de três vezes o preço das sementes convencionais", disse Carver. "Se o preço do trigo subir, porém, vamos ver muito mais agricultores dispostos a pagar a diferença para conseguir maior produção."

Aproximadamente 55% das terras para cultivo de arroz do mundo estão agora plantadas com variedades de alta produção desenvolvidas pelo Instituto Internacional de Pesquisas do Arroz nas Filipinas e introduzidas primeiro na Ásia em meados da década de 60. As novas variedades ajudaram a aumentar em 50% a produção agrícola da China.

"Façanha impressionante"

A Indonésia, o maior importador de arroz do mundo há cinco anos, agora espera o terceiro superávit consecutivo. Suas autoridades, cientes da existência de três mil toneladas de arroz nas áreas de estocagem do governo, estão estimulando os agricultores a mudarem para a produção de milho a fim de alimentar os rebanhos.

Junto com as novas variedades de arroz, os agricultores indianos cultivam variedades de trigo de alta produtividade desenvolvidas no México pelo cientista americano e prêmio Nobel, Norman Borlaug, considerado o pai do que é comumente conhecido como a **revolução verde**. Borlaug cruzou variedades americanas e centro-americanas de trigo com linhagens japonesas para produzir plantas que concentrassem suas energias biológicas na produção de sementes, ao invés de crescerem muito.

Aproximadamente a metada das terras para cultivo de trigo do planeta está plantada com variedades de alta produtividade. Bangladesh, por exemplo, atualmente cultiva mais de 400 mil hectares de trigo, 10 vezes mais do que antes do advento das novas variedades. Os agricultores em Bangladesh produzem trigo em rotatividade com o arroz, e o país, nos últimos anos, tem conseguido produzir os grãos de que necessita.

A abundância chega apenas sete anos depois que especialistas em questões populacionais e agrícolas, numa conferência da ONU em Roma, especularam sobre qual o continente que primeiro morreria de fome. Um dos poucos especialistas que viu que essas preocupações não tinham fundamento foi o economista Alan M. Strout, especialista em agricultura do Instituto de Tecnologia do Massachusetts .

Em um documento preparado para a conferência, realizada em 1979 pela FAO, Strout predisse corretamente que os agricultores, em breve, produziriam mais alimentos do que o necessário.

— Enquanto eu trabalhava na preparação do documento, verifiquei uma tendência tão forte que não poderia ser ignorada — disse Strout. — Estávamos para ingressar numa era de excedentes. Agora atingimos este ponto. É uma façanha impressionante.

Ainda assim, talvez 35 milhões de pessoas, na maioria crianças, morrem de doenças relacionadas com a fome, e 700 milhões de pessoas são subnutridas, segundo estudos do Banco Mundial e de outros grupos. Muitas dessas encontram-se na África, em regiões assoladas pela seca e pela guerra civil.

Autoridades em assuntos agrícolas manifestam uma preocupação: os excedentes de alimentos do planeta poderiam sumir em questão de meses se houvesse condições atmosféricas adversas durante muito tempo ou safras insuficientes numa das regiões agrícolas importantes do mundo. "A abundância de alimentos é um conceito escorregadio", disse G. Edward Schuh, diretor de Agricultura e Desenvolvimento do Banco Mundial. "Vai ser difícil me convencer de que esta é uma situação permanente. Minha principal preocupação é que, de repente, todos nós fiquemos com a idéia de que o problema está resolvido."

Atentado a Pinochet mata chance de transição pacífica

Rosental Calmon Alves
Correspondente

Santiago — Os guerrilheiros apontaram seus fuzis automáticos e bazucas leves para os carros da comitiva presidencial e abriram fogo. O general Pinochet, no entanto, conseguiu escapar graças à sua sorte e aos fiéis guarda-costas policiais e militares mortos e feridos. Mas o alvo que os guerrilheiros acertaram em cheio, deliberadamente ou não, foram as tênues esperanças de uma transição pacífica a curto prazo, no Chile, que ainda eram alimentadas pelos setores mais otimistas da oposição moderada.

O atentado demonstrou uma impressionante capacidade dos extremistas que se levantaram em armas contra o regime militar, fortaleceu taticamente o general Pinochet, despertou a ultradireita chilena, permitiu o avanço dos setores mais duros do regime e deu o pretexto para a declaração do estado de sítio. Os poderes excepcionais que o governo adquiriu para prender, confinar, expulsar do país e aplicar outras punições sem ter de dar explicações fizeram os políticos opositores recuar, enquanto os assassínios de esquerdistas se sucediam, espalhando um virtual pânico entre os mais comprometidos.

Linha dura

O governo já vinha advertindo a população para a tentativa de início de uma insurreição armada no país, promovida por extremistas de esquerda. Mas o atentado surpreendeu até mesmo os atuantes serviços secretos que costumavam se infiltrar entre as organizações subversivas. A alta cúpula do regime ficou atônita e até hoje ainda está se recuperando do susto, enquanto se une em torno da necessidade de aplicar uma linha mais dura na repressão aos opositores, especialmente os marxistas.

A manifestação de dezenas de milhares de pessoas, que desfilaram terça-feira passada em apoio a Pinochet, foi uma evidente demonstração de que o governo conta com algum apoio civil importante, ainda que esteja longe de ser majoritário, segundo todas as pesquisas e estimativas. O Gallup, por exemplo, revelou, em julho, que somente 8% da população dão "apoio total" ao governo Pinochet, mas descobriu que a popularidade do presidente é de 20%.

A passeata, que durou pouco mais de sete horas, foi realizada, inegavelmente, graças à máquina administrativa do governo e a uma verba milionária. Direta ou indiretamente, os funcionários públicos foram induzidos a participar e há, inclusive, circulares internas das repartições que evidenciam isso. As delegações que vieram de regiões mais remotas ou mais próximas à capital tiveram transporte e alimentação grátis.

Mesmo assim, também é inegável que havia um forte conteúdo de espontaneidade em muitos dos participantes dessa multidão que homenageou o presidente. E parece válido deduzir que o atentado serviu para aumentar a simpatia por Pinochet.

Base política

O sistema de apoio civil a Pinochet é baseado nas municipalidades, que depois do golpe de 1973 se multiplicaram por todo o país, especialmente nos últimos anos. As verbas e os cargos públicos que os prefeitos manejam também foram aumentando, criando de Norte a Sul pequenos caciques locais, nomeados pelo governo central, que fazem um permanente trabalho político de direita e pró-regime.

O mais grave, porém, é que agora o governo sabe que não está mais tratando com um inimigo puramente ideológico, mas com uma organização guerrilheira invisível e com elevado poder de fogo. Há um consenso de que o atentado ao general Pinochet foi feito pela Frente Patriótica Manuel Rodriguez (FPMR), mas nem mesmo os especialistas do governo calculavam que essa misteriosa organização tivesse capacidade logística e bélica para tamanha ousadia.

A descoberta de nove arsenais com mais de 3 mil 200 fuzis e outras armas suficientes para dar início a uma guerra civil no Chile já tinha alarmado o governo do general Pinochet. Mas a opinião pública e especialmente os dirigentes políticos tinham dúvidas sobre a veracidade dessa descoberta ou, pelo menos, sobre as verdadeiras dimensões dos arsenais. O atentado serviu para tirar as dúvidas de muita gente, convencendo numerosos chilenos sobre o perigo real de uma guerra civil de enormes proporções.

Esse clima de guerra era justamente o que o governo estava procurando. Afinal, trata-se de um governo de Forças Armadas que sempre deram a impressão de serem as mais disciplinadas e profissionais da região, e que, obviamente, se sentem mais à vontade fazendo guerra do que fazendo política. No entanto, esse clima ajudou também o regime a fortalecer sua frente política interna, construída sobre pequenos grupos de ultradireita e de direita.

A estruturação dessa base política de direita se tornou ainda mais intensa a partir de 1983, quando as jornadas de protesto em todo o país exibiam ao mundo inteiro a força da resistência civil ao regime militar. Mesmo alguns grupos de direita que apoiavam o regime passaram a se inclinar um pouco para o lado das organizações opositoras e, rapidamente, perderam as prefeituras que lhes tinham sido entregues e outros movimentos pró-governamentais tomaram esses lugares.

Na alta cúpula do governo militar, um tenente-coronel dirige uma secretaria especialmente dedicada a organizações civis e que apóia a formação de movimentos ou grupos que estejam dispostos a dar respaldo político ao governo. O próprio regime tem a sua Secretaria Nacional da Juventude, com ramificações em todos os municípios, reunindo jovens dispostos a ir à praça pública gritar vivas a Pinochet ou frases do tipo "a junta unida jamais será vencida".

Desde o atentado, grupos de jovens pinochetistas, que integram o movimento de ultradireita Avançada Nacional, passaram a sair às ruas dos bairros mais ricos da cidade, ou mesmo no centro, em passeatas de carro, tocando as buzinas, exibindo bandeiras e insígnias e gritando vivas ao seu líder.

Arquivo, 9/9/86

Na manifestação de apoio a Pinochet, alguém chegou a oferecer-lhe a vida

Ilustração. Manfredo

"EUA nunca venceram uma guerra"

Nova Iorque — O general Pinochet afirmou, em entrevista ao **The New York Times**, que os Estados Unidos não estão em condições de aconselhar o Chile sobre como lidar com o marxismo-leninismo porque "nunca ganharam uma guerra".

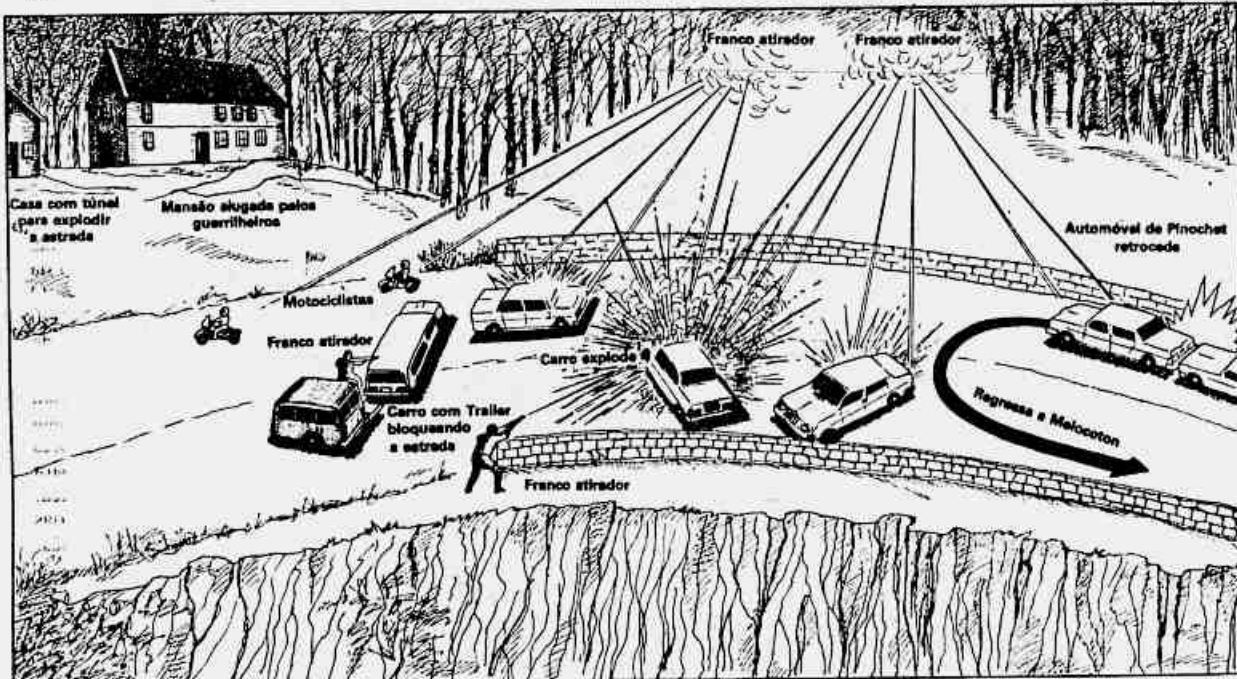
"A II Guerra Mundial foi ganha pelos russos, a Guerra da Coréia foi ganha pelos russos e também a do Vietnam. A Rússia ganhou na Nicarágua. E no Irã? Quem ganhou no Irã?", disse o presidente chileno, numa conversa de 10 minutos com a correspondente, do **Times**, Shirley Christian, no Palacio de La Moneda. Pinochet também respondeu a perguntas feitas por escrito e garantiu que "todo o povo chileno" está com ele.

O general acusou o governo americano de "miopia econômica e política" e criticou principalmente a ameaça feita por Washington de obstruir a concessão de novos empréstimos ao Chile se ele não melhorar a situação dos direitos humanos no país. Segundo Pinochet, esse é um "inquietante precedente de politização dos organismos financeiros internacionais".

"Às vezes", continuou o general, "pergunto se um país que deseja relações melhores com os Estados Unidos e também sua assistência deva ter problemas com drogas, terrorismo, movimentos marxistas incontrolados e uma atitude antiamericana".

Pinochet não esclareceu se realmente pretende se candidatar a um novo mandato em 1986, afirmando: "Não tive e não tenho ambições pessoais... se cheguei à Presidência, foi por causa da reação chilena contra um governo marxista".

Em Santiago, cinco homens armados tentaram arrombar de madrugada a casa do advogado Luis Toro, do Vicariato da Solidariedade — organismo católico de defesa dos direitos humanos. "As portas e janelas suportaram a pressão e eles se retiraram. Minutos depois apareceu um jipe com outros seis homens. Comecei a gritar e os vizinhos acenderam as luzes. Isso nos salvou", contou Toro, que estava com a mulher e suas três filhas. Quatro dirigentes oposicionistas já foram seqüestrados e mortos a tiros desde a decretação do estado de sítio, segunda-feira passada.

O governo anunciou que o cinegrafista australiano David Knaus, detido anteontem, terá que abandonar o país voluntariamente ou será expulso. Ele foi acusado de usar duas identidades diferentes.

Ataque foi planejado em 3 meses

Santiago — (Do correspondente) — "Cuidado"! O grito do cabo Carrasco Espinoza ecoou como uma bomba nos rádios dos cinco automóveis da comitiva presidencial. Os motoristas pisaram com força no freio, enquanto o cabo caía de sua motocicleta um pouco mais adiante do carro com **trailer** que bloqueava a estrada. Em segundos se iniciou o cerrado tiroteio, entremeado pelas explosões de granadas caseiras de fragmentação. Culminava assim o minucioso plano de emboscada que vinha sendo preparado há pelo menos três meses com o objetivo de matar o general Augusto Pinochet.

Desde junho, os primeiros guerrilheiros chegaram ao povoado La Obra, na zona de Cajon del Maipo, espetado na subida da cordilheira dos Andes. Eram apenas quatro: dois rapazes amáveis, uma jovem que evitava mostrar o rosto para os vizinhos, e uma senhora, que o grupo tratava como tia. Durante cerca de três meses, eles usavam como fachada uma pequena casa para vender pastéis e refrigerantes, enquanto de noite trabalhavam intensamente na construção de um túnel que ia dos fundos até o meio da estrada, sem saída.

O general Pinochet costumava passar por ali todos os domingos, sempre em torno das 18h30min, ao regressar da residência de fim de semana, localizada a poucos quilômetros, em El Melocoton. O túnel tinha sistema de ventilação elétrica, estava protegido por estruturas metálicas e repleto de explosivos. O suficiente para derrubar um prédio de concreto armado, segundo a polícia.

O plano da explosão do túnel deve ter sido a primeira alternativa estudada pelos guerrilheiros, mas acabou ficando como uma reserva, enquanto o plano da emboscada ganhava prioridade.

No início de agosto, Cesar Bunster Ariztia, 28 anos, filho de um embaixador do governo Allende em Londres, deu início à sua participação no plano de assassinar o presidente Pinochet. Procurou emprego na embaixada do Canadá, arranjando um posto de porteiro da residência do embaixador. Trabalhou somente de 11 a 20 de agosto, mas obteve o que precisava: uma carta de apresentação, que o dava como empregado da embaixada.

A operação não poderia se realizar com carros roubados para não despertar suspeita. Cesar Bunster, que tinha regressado do México, e uma companheira bonita, que apresentava como esposa, ou um amigo, passaram a preparar a logística para a emboscada. Primeiro, alugou uma mansão de cinco quartos com piscina e quadra de tênis, localizada na beira da estrada, a uns 300 metros do local de ataque. O dono da casa aceitou as referências e cobrou um aluguel mensal de 600 dólares.

Em meados de agosto, como a mesma documentação e a referência da embaixada, Cesar alugou um Nissan azul, no dia 25 alugou um Toyota Lan Cruiser (jipe) e no dia 28 a camionete Peugeot 504 com um **trailer**. Finalmente, no dia 6 de setembro, alugou um Toyota azul, sempre pagando altos depósitos em dólares, já que não tinha cartão de crédito para deixar em garantia.

Pouco antes do atentado, esses carros foram colocados em posições ideais para a fuga, enquanto os guerrilheiros ocupavam locais previamente assinalados. O presidente passou na hora de rotina e um olheiro alertou, pelo rádio, os demais comandos sobre a saída da comitiva da residência. A primeira providência foi balear dois policiais de trânsito que se encontravam numa ponte próxima ao ponto da emboscada.

Os carros da comitiva presidencial frearam violentamente e um segundo motociclista conseguiu passar pelo **trailer**, mas, ao sentir o tiroteio cerrado, desistiu de voltar. Seguiu até um posto policial, alguns quilômetros abaixo, para pedir ajuda. Como estavam a alta velocidade, os carros frearam de maneira descontrolada e chegaram a chocar-se uns com os outros. O primeiro da fila era um Opala cinza, cujo motorista foi a primeira vítima a cair. O ajudante de ordens naval que estava no carro com o presidente ainda pegou o microfone do seu rádio e deu uma ordem, enquanto o tiroteio crescia.

O tenente Jordan Trava arrancou o sargento Córdoba do Opala e se atirou no chão, junto com o ferido. Ele se feriu também, mas pôde continuar atirando. O problema era para onde atirar, pois o fogo vinha de pelo menos três frentes. Logo explodiram as primeiras granadas de fragmentação, feitas com explosivo gelatinoso colocado dentro de uma latinha de conserva junto com porcas e parafusos pequenos.

O carro seguinte era um Ford, parecido com o Del Rey brasileiro. Um dos atacantes acertou esse carro com um lança-foguetes, tipo bazuca leve, chamado Law (iniciais em inglês de arma leve antitanque), desenvolvido pelos americanos durante a guerra do Vietnam. Na primeira explosão, seguida de incêndio, um dos ocupantes do carro ficou desfigurado. Os outros saíram, mas um deles também foi despedaçado por uma granada.

Não se via bem o que estava acontecendo atrás, mas o cabo Silva, que estava no Opala, resolveu voltar ao carro para pedir ajuda pelo rádio, que continuava fucionando. Ele estava ileso, mas antes de alcançar o rádio levou um tiro na cabeça e morreu instantaneamente. O terceiro carro da comitiva era um Mercedes-Benz azul blindado. A primeira impressão dos guerrilheiros deve ter sido a de que ali se encontrava o presidente e por isso para lá voltaram os Law, mas houve um erro de operação, pois o foguete, lançado de uma bazuca descartável, só alcança a temperatura (1 mil 200 graus) capaz de varar a blindagem de for disparado de longe.

Os ocupantes desse Mercedes acabaram saindo para lutar e um deles morreu. No segundo Mercedes, o ajudante de ordens tinha trancado eletricamente as quatro portas. Não fosse por essa providência e o presidente Pinochet teria saído do carro, pois seu primeiro impulso foi sair para brigar. O oficial da Marinha chegou a segurar o presidente, que se lembrou então do netinho e se abaixou, cobrindo com seu corpo o garoto, Rodrigo, de 11 anos.

Foi o ajudante-de-ordens, ao perceber que a maior concentração de fogo parecia vir da frente, que determinou a retirada do carro do presidente. Os guerrilheiros, contudo, tinham escolhido um lugar estreito com muros de pedra de cada lado. Além dos muros, um precipício de uns 70 metros de um lado e um ribanceira do outro. O general Pinochet chegou a ver um dos atacantes, que se aproximou do seu carro e disparou um Law, que também não funcionou.

O motorista do presidente começou, então, a tentar desesperadamente a manobra de fuga. Primeiro deu marcha à ré e se chocou com o quinto carro da comitiva, outro Ford, que fechava a caravana. Chegou a empurrar alguns metros esse carro, enquanto pelo rádio o ajudante-de-ordens presidencial dava ordens para que o Ford também se retirasse. Nesse carro estavam **boinas negras** do Exército (uma tropa de elite), que se retiraram, cobrindo a fuga do presidente.

As munições estavam acabando quando o tenente Tavra percebeu que o líder dos guerrilheiros, "um rapaz de uns 25 anos, com uma bem cuidada barba universitária, casaco de couro de cor café e jeans", começava a gritar ordens de retirada. Tavra descarregou sua escopeta e teve a impressão de que feriu um dos atacantes, mas ele também estava sangrando muito. No meio dos arbustos, onde se escondera, ele ficou aliviado ao ouvir em palavras codificadas que saíam do rádio ligado do Opala a notícia de que Pinochet escapara.

Os guerrilheiros cumpriram com rigor o plano de fuga. Subiram em três dos carros alugados por Bunster, colocaram as luzes intermitentes portáteis sobre os veículos e saíram em disparada no sentido de Santiago. Já estava montado um esquema para bloquear as saídas, mas as luzes confundiram os policiais, que foram retirando as barreiras, pensando que se tratava de veículos de segurança. Os carros foram encontrados pela polícia com as armas ainda quentes. O plano de fuga funcionara perfeitamente, embora os extremistas não tivessem alcançado seu objetivo.

A direita e suas organizações

Santiago (do correspondente) — São os seguintes os movimentos ou partidos de direita mais importantes do Chile:

■ **Avançada Nacional** — Um grupo de extrema direita, fundado pelo major do Exército Julio Corvalan, chefe de operações da Central Nacional de Informações (a principal polícia política) e pelo ex-dirigente do mais popular clube de futebol do Chile, o Colo-Colo, Patrício Vildosa. Trata-se do único movimento de apoio absoluto e incondicional ao presidente Augusto Pinochet. Foi fundado em 1983, após as oposições terem chegado ao auge em suas jornadas de protesto, e conseguiu reunir mais de 5 mil pessoas num teatro de Santiago. Depois disso cresceu e foi brindado com prefeituras, criando regionais por todo o país. Alguns de seus jovens militantes gritavam "nacionalismo, presente, agora e sempre" e faziam a tradicional saudação fascista durante uma manifestação na última quinta-feira, dia do aniversário do golpe de 73.

● **Partido Nacional** — A direita histórica do Chile, que chegou ao poder através de eleições, com o presidente Alessandri, recentemente falecido. Fez forte oposição ao governo de Allende, apoiou o golpe de 11 de setembro de 1973 e acatou tanto as ordens do novo regime que se dissolveu completamente, por ordem do seu então presidente Sérgio Onofre Jarpa, depois convidado pelo general Pinochet para ocupar o estratégico Ministério do Interior. Quando surgiram os protestos de 1983, contudo, o partido foi reorganizado por Carmem Saenz e chegou a integrar uma coalizão opositora moderada, o Acordo Nacional, patrocinado pela igreja, com o objetivo de criar condições para um diálogo que o regime não aceitou.

● **União Democrática Independente** — Um partido ou movimento muito atuante, que procura e consegue criar algumas bases nos bairros mais pobres, onde geralmente quem mais se move é a esquerda. Um de seus militantes dessas bases foi assassinado. o bastião da UDI é a faculdade de Direito da Universidade Católica e, ideologicamente, pode-se dizer que se trata do braço político dos monetaristas, os **Chicago boys**. A UDI detém muitas prefeituras, onde se trabalha intensamente na criação de uma base cuja força é desconhecida, e entre seus militantes encontram-se vários integrantes ou ex-integrantes da cúpula do governo Pinochet, como o ex-ministro do Interior Sergio Fernandez.

● **Movimento de União Nacional**— Grupo de ex-militantes do Partido Nacional, mais pró-regime que o novo PN. O líder é um jovem, Andres Allamad, que entrou no Acordo Nacional, situando-se como o representante mais à direita que protagonizou muitas divergências com os outros partidos. Logo na manhã de segunda-feira, após o atentado a Pinochet, Allamad e outros dirigentes do MUN foram recebidos pelo ministro do Interior, no Palácio La Moneda, onde foram apresentar sua solidariedade ao general Pinochet.

● **Movimento de Ação Nacional** — Trata-se de outro grupo com raízes claramente de ultradireita, pois foi fundado por ex-militante da organização denominada Pátria e Liberdade, que chegou a realizar ações violentas contra o governo socialista de Salvador Allende. No entanto, esse pequeno movimento não tem dado sinais de posições muito extremas e entre seus líderes destaca-se Federico Willoby, ex-porta-voz e amigo pessoal do presidente Augusto Pinochet.

Outros grupos religiosos de direita muito atuantes e influentes no Chile, contando com o apoio de altos funcionários do governo. Também são importantes várias organizações assistenciais femininas, que, à parte seu intenso trabalho humanitário, apóiam politicamente o governo e são lideradas pela primeira-dama, dona Lucia de Pinochet.

Jovem ideólogo admira a TFP

Santiago (do correspondente) — Disparada assim de sopetão, no meio de uma entrevista ao vivo, pela TV, a pergunta tinha tudo para desconcertar o entrevistado, pois se referia à possibilidade de que grupos que apóiam o governo tenham assassinado um jornalista, pouco depois do atentado contra o general Pinochet. Francisco Javier Cuadra, porém, se manteve imperturbável. Sem mover um músculo do rosto, respondeu que o caso estava sendo investigado "com a maior atenção", mas que sua impressão é a de que "se trata de procedimentos típicos de purga dentro dos grupos marxistas".

O jornalista José Carrasco fora arrancado de sua casa por homens armados que se diziam policiais e que circulavam pela cidade em plena vigência do toque de recolher. A viúva acusou diretamente o governo de estar envolvido no assassínio, semelhante aos de outros três esquerdistas. O ministro, contudo, explicou em detalhes que "esta é uma forma em que normalmente atuam os grupos marxistas quando estão em inconvenientes sérios", como, segundo ele, ocorre atualmente no Chile.

Cuadra, de apenas 32 anos, é um especialista em anticomunismo e, para muitos, tornou-se, nos últimos dois anos, uma espécie de ideólogo do regime chefiado pelo general Augusto Pinochet. Quem olha para este jovem de óculos tipo Clark Kent e cabelo sempre cuidadosamente penteado e fixado com Gumex ou brilhantina, não vê nada que possa indicar que ali está um dos homens mais fortes do gabinete chileno. Mas, como ministro secretário-geral de governo, Francisco Javier Cuadra deve ser o membro do gabinete mais próximo ao presidente.

Foto da AP

Francisco Javier Cuadra

Um intelectual com um discurso sempre muito bem articulado, Cuadra é um admirador da organização Tradição Família e Propriedade (TFP) e, principalmente, de seu líder Plínio Corrêa de Oliveira. Quando a Igreja chilena patrocinou o acordo nacional, reunindo políticos moderados dispostos a criar um marco de diálogo com o regime, certamente foi o ministro Cuadra quem inspirou a resposta do presidente Pinochet aos setores de dentro do próprio governo que poderiam estar pensando que valia a pena dialogar com a oposição.

O general Pinochet convocou uma reunião do gabinete e cada ministro recebeu um exemplar em espanhol de um livro de Plínio Corrêa de Oliveira, intitulado "Diálogo: Transbordo Ideológico". Ali estava a tese de que o simples diálogo com os marxistas ou seus simpatizantes pode levar a um perigoso contágio ideológico. A resposta do governo ao acordo nacional foi um redondo **não**. Um **não** ideologicamente sustentado.

A carreira política do ministro Cuadra foi meteórica. Ele começou como dirigente estudantil na Faculdade de Direito em Rancágua, depois fez um doutorado em comunicação social na Universidade Católica, em Santiago, e se especializou em textos medievais e em temas ligados ao direito canônico da era medieval. Quando o governo começou a enfrentar problemas com a Igreja Católica, criou uma secretaria especial para cuidar de suas relações com o clero. O secretário, Sérgio Rillon, convidou o jovem Cuadra como assessor e ele se destacou tanto que dali saltou direto, em novembro de 1984, para a Secretaria Geral de Governo, uam espécie de Casa Civil, que lhe dá status de ministro.

Quando o presidente Pinochet sofreu o atentado, na noite de domingo, foi o ministro Cuadra quem apareceu na televisão para dar os detalhes e dizer que o seu chefe estava bem. Para ele, "o presidente Pinochet deu as inspirações gerais ao processo de renovação institucional" "no Chile, enquanto a oposição política se atola com as próprias contradições, usando métodos abandonados pelos esquerdistas de outros países.

Cuadra leva uma vida muito discreta, junto à sua família, preservada de maior publicidade, e aos livros, mas trabalha muito. Seu dia sempre se inicia com a missa, todas as manhãs bem cedo, na capela do Palácio La Moneda.

Guerra nas Estrelas provoca revolução tecnológica

Sílvio Ferraz
Correspondente

Washington — O estrondo num galpão do tamanho de um hangar de aviões, nas instalações da Maxwell Laboratories, na Califórnia, é uma eloqüente resposta do governo americano aos críticos do programa de iniciativa de Defesa Estratégica (SDI), por todos conhecido como Guerra nas Estrelas. O autor do disparo é o Checmate — uma sigla que denomina o mais potente canhão do mundo, capaz de atingir mísseis em pleno ar ou mesmo lançar projéteis em outros planetas.

O que poderia ser ficção torna-se realidade com uma velocidade superior à esperada pelos militares no Pentágono e pelo complexo de empresas e universidades empenhado num programa militar que, só no ano passado, consumiu 3 bilhões de dólares e cujo custo total poderá ultrapassar a 20 bilhões. De qualquer forma, quer os críticos queiram ou não, o fato inegável é que as novas tecnologias necessárias ao desenvolvimento do projeto serão revolucionárias e aplicadas também às atividades pacíficas. A exemplo do que criaram na II Guerra Mundial — como a energia nuclear ou novos produtos químicos —, os cientistas de hoje dedicados à Guerra nas Estrelas poderão lançar o conhecimento humano para muitos anos à frente.

Uma nova revolução

De fato, o canhão que age por força eletromagnética está transformando os campos de batalha, da mesma forma que a pólvora na Idade Média. Ele, até agora, é a estrela do mais custoso e mais ambicioso programa militar americano. Sua potência já está mais que comprovada: um projétil de aço, atirado numa experiência, foi capaz de varar com facilidade a dupla blindagem de um dos mais modernos tanques americanos. No entanto, a comunidade científica olha para a Guerra nas Estrelas como um programa capaz de gerar benefícios e avanços tecnológicos para uma infinidade de campos da atividade humana, como a produção de energia, transportes, comunicações, processamento de dados e medicina.

Seus opositores não deixam de frisar que estes avanços poderiam ser conseguidos independentemente do desenvolvimento de um projeto militar que muitos não hesitam em chamar de megalômano. Seus defensores contestam e exibem o passado como a melhor argumentação. Afirmam que quase todos os avanços científicos ocorreram na esteira do desenvolvimento bélico. Assim como na II Guerra surgiram o radar, plásticos, tecidos sintéticos, antibióticos e a energia nuclear, a Guerra nas Estrelas poderá ter o mesmo papel desbravador. Isso porque, para sua efetivação como arma estratégica, artefatos e materiais só existentes atualmente na imaginação de seus cientistas terão que ser descobertos.

Assim, em San Diego, Boston e em várias universidades beneficiadas com verbas milionárias para levar à frente a empreitada, a discussão sobre a Guerra nas Estrelas já deixou de ser um ponto de referência. Trata-se de colocar o projeto para frente. Em Washington, um general da Força Aérea americana, James Abrahamson, veterano líder de empreitadas gigantescas — como a construção do bombardeiro F-16 ou da nave espacial Challenger — está confiante nos rumos de seu projeto. Ele estima a distribuição de 6 bilhões de dólares às quase 1 mil 300 empresas envolvidas no projeto, o que supera o ultra-secreto projeto Manhattan, que criou a bomba atômica. O outro lado da moeda é igualmente impressionante: as estimativas são de que adaptações das tecnologias gerarão para o setor privado vendas que poderão ir de 5 trilhões de dólares a 20 trilhões.

Abrahamson, ao tomar seu lugar de comandante dessa empreitada, optou de saída por criar um clima de debate permanente entre as várias equipes que desenvolvem partes do projeto. Os programas britânico e alemão para a descoberta da bomba atômica estavam fundamentalmente corretos. Sucede que a estrutura hierárquica era tão rígida que os erros ou desvios não eram discutidos de forma ágil, afirma. Para ele, uma das fontes de aprendizado são os erros do passado. E Abrahamson está disposto a não deixar que se repitam.

Tiro certo

O programa Guerra nas Estrelas é concebido como um sistema de canhões laser e mísseis que possam atingir e destruir no espaço um míssil soviético antes que os Estados Unidos sejam atingidos. Para tanto, o canhão eletromagnético é uma peça fundamental. Essencialmente, ele é um motor elétrico no qual dois fachos impulsionam um projétil através da criação de uma força eletromagnética. Um dos maiores problemas ainda é a necessidade de uma potente e grande unidade geradora de energia para que este canhão não se transforme num **Belo Antônio** num campo de batalha. O professor Jon Faber, um chefe de divisão da Agência Nuclear de Defesa, acredita que o desenvolvimento desses geradores acontecerá antes de que se possa imaginar. Serão, segundo ele, geradores tão pequenos e tão potentes, que poderão ser instalados até mesmo dentro de tanques ou de satélites no espaço.

Uma outra área-chave do campo científico a ser enormemente beneficiada com os progressos da Guerra nas Estrelas é a informática. No momento, os cientistas enfrentam o problema de ter que processar milhões de dados e organizá-los de tal forma que estejam disponíveis para utilização no menor espaço de tempo possível. Num futuro conflito militar de larga escala, onde os cenários da guerra se alternarão entre a atmosfera, o mar e a terra, uma quantidade enorme de dados será necessária para conduzir a uma correta decisão.

Assim, as empresas encarregadas de desenvolver esta parte estão trabalhando num tipo inteiramente novo de chave de computador. Seu princípio é ótico, ao invés de eletrônico, e ele funcionará bloqueando ou transmitindo um facho de luz. Assim, este novo computador se beneficiará da velocidade da luz. Outra extraordinária descoberta é um cristal sintético denominado Galio Arsenieto. Esse material transmite elétrons muitas vezes mais depressa que o silício utilizado nos computadores de hoje. Outra maravilha é um novo plástico chamado polidiacetileno — desenvolvido pela General Telephone and Eletronics Laboratories —, que pode encarregar-se de um trilhão de operações por segundo, enquanto o silício fica limitado à milésima parte disso no mesmo espaço de tempo.

Com estes novos materiais e esta concepção — denominada processamento paralelo — a Universidade Carnegie Mellon e a Connection Machine desenvolveram o Warp — um fantástico supercomputador. Seu teste não poderia ter sido menos fantástico: o Warp levou apenas três minutos para processar uma quantidade de dados que o mais poderoso computador da IBM levou nada menos que seis horas.

Na área de laser, as descobertas não são menos promissoras. No laboratório de Livermore, está em funcionamento um superequipamento. É o Nova, construído ao longo dos últimos oito anos a um custo de 187 milhões de dólares. O Nova está propiciando uma série de novas descobertas no campo da geração de eletricidade através da fusão do hidrogênio.

Apesar de todo este acervo de descobertas e sua carga potencial de gerar avanços inimagináveis nas ciências, a Guerra nas Estrelas não tem poucos críticos. Sua motivação militar lhe vale um estigma de peso na comunidade científica. A Federação Americana dos Cientistas, assim como outros 6.500 cientistas, já a denunciaram.

No espaço, o vigor do samurai

Tóquio — Com o mesmo vigor milenar que caracterizava os samurais e que transformou o derrotado Japão num terrível aspecto tecnológico para as nações vencedoras da Segunda Guerra, os japoneses lançam-se agora na indústria aeroespacial, seguindo a mesma estratégia: está iniciando a fabricação de satélites, foguetes e aviões sob licença de firmas ocidentais, depois absorverá esta tecnologia até acabar ultrapassando os seus criadores que, a essa altura, não deviam estar incorrendo no mesmo erro.

Na terça-feira, o governo japonês anunciou sua decisão de participar das pesquisas do programa Guerra nas Estrelas, de olho nas novas tecnologias a serem descobertas nesse imenso esforço para construir um utópico escudo espacial de raios laser capaz de destruir mísseis atacantes. Além disso, os japoneses estão atacando a questão aeroespacial em todas as frentes: aviões comerciais, **design** e construção de aviões militares e lançamento de satélites comerciais.

Os principais projetos são:

- No dia 13 de agosto, a Agência Nacional de Desenvolvimento Espacial lançou o foguete H-1 de dois estágios, que colocou dois satélites pequenos em órbita. Todas as partes vitais do foguete de 39 metros foram fabricadas no Japão, mas muitos elementos ainda são de fabricação americana e seu uso comercial é proibido. O H-1 tem um motor movido a oxigênio e hidrogênio líquidos, um importante avanço necessário para colocar grandes satélites em órbitas geoestacionárias de 36 mil quilômetros de altura. O H-1 também tinha um sistema de navegação inercial desenvolvido no Japão, enquanto foguetes anteriores levavam um sistema da empresa americana Genetal Dynamics;
- Desde outubro de 1985, um jato de quatro turbinas realizou 29 testes de vôo bem-sucedidos. Asuka (Pássaro Voador) é o primeiro protótipo de avião japonês desde a Segunda Guerra;
- A agência espacial japonesa está projetando um laboratório espacial de 1 bilhão 500 milhões de dólares para ser acoplado à futura estação espacial americana no próximo decênio;

Cientistas japoneses reagiram com entusiasmo ao chamado do presidente Reagan para o desenvolvimento de um avião hipersônico ou um avião capaz de entrar em órbita. O Laboratório Nacional Aeroespecial japonês acredita que pode ter um protótipo pronto no ano 2010 mas, para abrir o caminho, será necessário desenvolver uma nave recuperável pequena, com capacidade para três pessoas. Custo total só para o projeto: 3 bilhões de dólares.

"Cada vez que o governo japonês aponta para uma indústria, deve-se ficar bastante atento", afirmou Willard Huges, vice-presidente da Boeing Japan.

O Japão se aventurou nas águas da produção comercial de aviões no final dos anos 50, com o YS-11, um fracasso desativado em 1974 com 187 unidades vendidas. Huges atribui boa parte da falha à falta de experiência dos japoneses com a comercialização e a manutenção, deficiências fortes até hoje, na opinião dele.

De qualquer maneira, o YS-11 abriu caminho para que grandes indústrias japonesas passassem a desenvolver projetos aeroespaciais através de **joint ventures**, incluindo as indústrias pesadas Mitsubishi, Kawasaki, Fuji e Ishikawajima-Harima. Há indicações bastante seguras de que os japoneses não ficarão muito tempo construindo aviões segundo termos ditados por empresas estrangeiras.

Os japoneses adquiriam conhecimento tecnológico considerável construindo partes do avião comercial Boeing 767 e são sócios da Boeing no desenvolvimento do 7J7, um jato avançado que deve entrar em serviço daqui a seis anos. Ao contrário do 767, os japoneses serão sócios do 7J7 (o J é de Japão) com investimentos de 25% dos 4 bilhões de dólares do projeto, que deverá ajudá-los a vencer os pontos fracos da indústria aeroespacial: comercialização e manutenção.

Washington incentiva rearmamento japonês

Jamari França

A dura derrota, a golpes nucleares, das ambições militaristas japonesas na Segunda Guerra, fez do pacifismo uma das características mais marcantes da nova sociedade japonesa. Não chegou a ser propriamente uma opção: os vencedores bloquearam uma nova escalada militar através de dois artigos na Constituição. Hoje, a situação começa a se inverter, graças às pressões de um dos vencedores, os Estados Unidos, empenhados há 10 anos em convencer o Japão a assumir seu papel na defesa do Extremo Oriente, como representante mais avançado na região da aliança ocidental, o eufemístico **mundo livre**.

O governo Reagan conseguiu arrancar dos dois últimos governantes japoneses, o ex-primeiro ministro Senzo Suzuki e o atual, Yasuhiro Nakasone, a promessa de a Marinha japonesa patrulhar as rotas marítimas do Pacífico até 1 mil milhas náuticas (1 mil 853km), o que iria até as Filipinas. Suzuki assumiu o compromisso em 81 mas até hoje nenhuma providência foi tomada para concretizá-lo.

Um programa de rearmamento previsto para o período de abril de 1983 a março de 1988 está bastante atrasado e sua conclusão ficou para 1991. Apenas para dar um exemplo, a Marinha tem, até agora, 145 aviões, quando já deveria estar com 220.

Especialistas militares calculam o tempo de sobrevivência da aviação japonesa a um ataque convencional soviético em 10 minutos e a capacidade total de resistência do Japão em dois dias. A doutrina japonesa não prevê nenhum ataque de grande escala, apenas a possibilidade de uma agressão indireta ou incursões localizadas de pequena monta.

Essa doutrina, alinhada num **Livro Branco** de 1976, mantém a confiança num tratado de assistência mútua com os Estados Unidos para a segurança territorial japonesa e rejeita uma escalada militar do Japão. Dois anos depois, em 1978, uma revisão da política de defesa manifestou, pela primeira vez, dúvidas sobre a capacidade da 7ª Frota americana de proteger as rotas marítimas japonesas e garantir o suprimento de itens vitais, como o petróleo.

Na verdade, nem o Buda Todo Poderoso poderia proteger o Japão de um ataque soviético. O Urso Vermelho está a 40 quilômetros do litoral japonês, bem ali nas ilhas Kurilas, tomadas pelos soviéticos na Segunda Guerra.

Logo abaixo das Kurilas, fica a ilha de Hokkaido, onde estão 50 mil soldados japoneses, contra 10 mil russos nas Kurilas. Essa pretensa superioridade nada significaa diante dos outros números soviéticos na Ásia: 392 navios, incluindo dois porta-aviões, contra 63 navios japoneses, 1 mil 75 aviões contra 354, 22 divisões de infantaria blindada contra 12, sem contar 207 mísseis nucleares SS-20, de três ogivas cada, e mais 150 bombardeios pesados.

De qualquer maneira, o primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, é comprometido com a teoria estratégica do atual governo dos Estados Unidos e vem lutando com o destemor de um samurai para derrubar um sério obstáculo.

A doutrina de 1976 limitou a 1% do Produto Nacional Bruto o gasto militar anual máximo do Japão, bem abaixo da média de 3,5% registrada nos demais países da OTAN. O programa militar adotado ano passado prevê gastos de 120 bilhões de dólares em cinco anos, com uma elevação anual de 5,4% do orçamento para a defesa.

Na apresentação desse programa, as autoridades disseram que haveria um aumento "ligeiramente acima" de 1%, numa cautela justificada pela imediata grita da oposição e de setores pacifistas. Tudo isso por despesas militares insuficientes para garantir os compromissos mínimos da nova estratégia soviética: defender as rotas marítimas nas 1 mil milhas náuticas acertadas com os Estados Unidos e proteger o próprio território japonês.

Para sua proteção, o Japão confia nos 16 mil 600 aeronautas e 100 aviões de combate americanos em seu território, mais os efetivos da 7º Frota dos Estados Unidos, com 150 aviões estacionados na Coréia do Sul, um estado-tampão vital contra os interesses comunistas.

A presença de duas potências comunistas potencialmente hostis, China e União Soviética, obriga o Japão a fazer uma escolha, não por coincidência a mesma dos Estados Unidos. Japão e China discutem regularmente seus problemas e ensaiam uma aproximação e mesmo as relações com a União Soviética são regulares, apesar da questão em suspenso das ilhas ocupadas na Segunda Guerra.

A principal tarefa estratégica japonesa é de natureza naval, como guardião dos **portões** de acesso ao Pacífico Norte. A poderosa fronta soviética sediada em Vladivostok, a 480 quilômetros de distância de Hokkaido, tem que passar por estreitos nos dois lados do arquipélago em caso de crise e aí entraria em cena o papel japonês de dificultar ao máximo essa passagem.

A questão militar provoca grandes implicações industriais. Um dos argumentos usados por setores do governo americano para exigir um maior compromisso estratégico japonês é que o país nunca teve que se preocupar com segurança, concentrando-se na indústria e no comércio, tornando-se um pesadelo na medida em que fazia automóveis melhores que os americanos, relógios melhores que os suíços, etc. etc.

Mas agora que os japoneses fizeram tudo que tinham a fazer, a fabricação de armas é um campo bastane sedutor e, graças a isso, um outro artigo da Constituição que proíbe a exportação de armas está sitiado pelas pressões de uma mudança na Carta Magna, permitindo a escalada militar e as vendas ao exterior.

Boa parte dos armamentos necessários às Forças de Autodefesa do Japão, o nome local das Forças Armadas, está sendo fabricada no próprio Japão, sob licença de estrangeiros. É o caso dos caças F-15 da empresa americana McDonnel Douglas e os aviões de Patrulha anti-submarina Orion P-3C, da Lockheed, entregues aos grupos Mitsubishi, Kawasaki, Ishikawajima-Harima e Fufi.

O esfacelado império japonês deu uma lição ao mundo no pós-Guerra. A derrota militar de 1945 converteu-se em vitória na guerra tecnológica declarada ao mundo pelo milagre japonês. Eles só ficaram para trás em alguns campos por imposição das nações aliadas vencedoras que fizeram do Japão o único país a conhecer na pele a guerra nuclear. O Japão abriu uma nova frente, armas e espaço. Defenda-se dele quem puder.

Inglês, uma língua que une o mundo

Fred M. Hechinger
The New York Times

Nova Iorque — Quando há cerca de 100 anos Mark Twain publicou **As Aventuras de Huckleberry Finn**, o livro se tornou um escândalo imediato. Escrito em inglês vernacular, transformou em herói o negro Jim, um escravo fugitivo, e chocou mentes delicadas. À exceção de uma pequena, mas estridente minoria, desde então o mundo de língua inglesa adotou Huck como um tesouro literário e lingüístico.

Tudo isso é recontado graficamente como parte de **A História da Língua Inglesa**, uma série de televisão com nove capítulos produzida por MacNeil-Lehrer Productions e a BBC, que será exibida em toda a América em estações de televisão públicas.

Essa viagem pelo mundo anglófono bem poderá se transformar num guia-padrão para os que já são ou querem se tornar professores, ou apenas consumidores, do idioma inglês e de sua história. Cerca de 60 faculdades americanas já incluíram o programa no seu curso de outono.

Ernest L. Boyer, presidente da Fundação Carnegie para o Progresso do Ensino, declarou em seu livro **High School** (Escola Secundária) que a linguagem era vital à educação. **A História da Língua Inglesa** mostra que é vital a muito mais: à História, política, à vida da mente e à vida das nações.

O que torna a série tão notável é o fato de uma língua — que há menos de 400 anos, na época de Shakespeare, era falada por menos de 7 milhões de pessoas — ser agora utilizada por quase 1 bilhão de pessoas, para a metade das quais não é sua língua nativa.

Quando pilotos italianos voando em aviões italianos, entre cidades italianas, conversam com controladores de tráfego italianos, eles falam em inglês. O mesmo acontece com todos os pilotos do mundo. Mais da metade dos 10 mil jornais do mundo e 80% de todos os dados de computadores são em inglês. Para Mac Neil, é uma "língua sem fronteiras".

O inglês conquistou o mundo na esteira do poder econômico, militar e literário do império britânico, mas a influência da língua cresceu enquanto o império desmoronava. Na Índia, jovens procuraram ser fluentes em inglês porque os solteiros só queriam casar com mulheres que falassem inglês. No Irã, manifestantes antiamericanos protestam em inglês. Quando a independência de Gana foi proclamada, uma vibrante oração destacou a ocasião — em inglês.

O olho da câmara devassa a História e percorre as ilhas britânicas, os Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, o oeste africano, as Antilhas, Índia e Cingapura. Grande parte do que **A História da Língua Inglesa** revela não é acadêmico: seu fascínio é mostrar que o inglês é ao mesmo tempo unificador e aberto — eternamente flexível. Depois de unificar o império britânico, fez o mesmo pelo rebelde Estados Unidos da América.

Benjamin Franklin percebeu seu poder quando lutou com vigor contra os enclaves de línguas européias na nova nação. Noah Webster viu a relação entre independência e unidade quanto criou o primeiro dicionário do inglês americano, com pronúncias americanas. Depois da derrota, os leais ao rei inglês fugiram para o Canadá levando consigo sua língua, a que rapidamente deram um novo sabor, diferente da mãe-pátria e da América.

A irrefreável liberdade da língua inglesa tem poderosas conotações sociais e políticas. Tem resistido vigorosamente ao policiamento de pedantes, por mais que eles periodicamente voltem à carga. Ao contrárioo do francês, regularmente submetido à purificação por comissões oficiais, o inglês tem continuamente absorvido contribuições de outras línguas. Está em permanente mudança, e os agentes da mudança não estão ligados entre si por classe, riqueza ou etnia. Vão de Shakespeare e Walt Whitman, de escravos anônimos a exuberantes músicos de jazz. Todos eles são vistos e ouvidos nesta série, que poderá ter um lugar permanente na história da televisão ao lado de **Civilização**, de Kenneth Clark, e **A Ascensão do Homem**, de Jacob Bronowski.

Shakespeare, naturalmente, é o milagre da língua inglesa. "Suas peças — diz MacNeil — têm amostras de todo o tipo de inglês falado. Ele criou novas palavras e reformulou outras, antigas (o inglês, hoje, tem cerca de 500 mil palavras, cinco vezes mais do que o francês e quatro vezes mais do que o alemão). Palavras como assassínio, pedante, obsceno e premeditado aparecem pela primeira vez em obras de Shakespeare, que transformou substantivos em verbos, como em **he dukes it well** (ele se comporta bem), e criou imagens como **more in sorrow than in anger** (mais na tristeza do que na cólera) ou **lend me your ears** (emprestem-me seus ouvidos). Ele transformou o inglês e, ao fazê-lo, as sensibilidades culturais, sociais e políticas. O amor e a beleza fluem como mágica dos lábios de uma atriz; a vulgariade, do linguajar de idiotas.

Posteriormente, língua e ideais políticos se misturaram nas palavras de Thomas Jefferson. (Ele também criou novas palavras — **belittle** (depreciar), por exemplo, que Londres ridicularizou). Sentimos a vitalidade do inglês na História: no discurso de Lincoln em Gettysburg, no **nothing to fear but fear itself** (nada a temer, exceto o medo), de Roosevelt, nos discursos de Churchil durante a Segunda Guerra Mundial e no **sonho** de Martin Luther King.

Se existe uma falha em **A História**, talvez seja a de ter tocado de leve no risco da poluição da língua pelos modernos meios de comunicação de massa. Mais grave, talvez, é a falha das atuais tendências na América de fazer do espanhol uma língua co-igual do inglês, com o risco de solapar o poder unificador do idioma de Shakespeare. Contudo, MacNeil talvez esteja certo ao pressentir que as novas gerações de hispano-americanos estão adotando o inglês quase que no mesmo ritmo que os imigrantes anteriores.

Mas isso não acontece apenas na América. Em Cingapura, o primeiro-ministro diz aos jovens que o inglês é a chave para bons empregos. Na África pós-colonial, com suas centenas de línguas, o inglês é a força unificadora que ignora as ideologias. **Follow me** (Siga-me), um programa que ensina inglês, é o mais popular da televisão chinesa com uma audiência estimada em mais de 100 milhões de pessoas.

O inglês, diz **A História da Língua Inglesa**, é "o idioma da aldeia global", uma força unificadora num mundo perigosamente dividido.

"Racismo lingüístico" cresce nos EUA

O número cada vez maior de imigrantes — legais e ilegais — que entram nos Estados Unidos está despertando entre os americanos uma nova forma de intolerância étnica: o racismo lingüístico. Um exemplo típico dessa situação, conta a revista **Time**, é a próspera cidade de Monterey Park, com cerca de 60 mil habitantes, próxima de Los Angeles. Nos últimos 25 anos, sua população asiática cresceu de 4% para 40%, o que leva alguns residentes a chamá-la, sarcasticamente, de a Beverly Hills asiática.

A cidade está agora dividida ao longo de linhas étnicas. Uma parte defende a adoção do inglês como língua oficial de Monterey Park, o que desperta na outra parte acusações de racismo e xenofobia. Na verdade, o problema é de âmbito nacional, e a própria Califórnia se prepara para votar, em novembro, a Proposição 63, uma resolução que visa a fazer do inglês a língua oficial do estado. Ela recomenda que a legislatura e as autoridades estaduais "tomem as medidas necessárias para assegurar que o papel do inglês, como língua comum do estado da Califórnia, seja preservado e realçado" e que nenhuma lei "diminua ou ignore o papel do idioma inglês".

Em Washington, informa **Time**, um grupo chamado U.S. English, que diz possuir 200 mil membros e tem como presidente honorário um lingüista e ex-senador pela Califórnia, S.I. Hayakawa, iniciou uma campanha de mala-direta para levantar fundos e criar um **lobby**, visando a aprovar uma emenda constitucional que reze ser o inglês a única língua oficial do país.

Os que defendem a língua inglesa argumentam que o bilingüismo é uma barreira a uma nação unificada. Permite que os imigrantes se esquivem a aprender o inglês e formem guetos lingüísticos indissolúveis. O presidente da campanha na Califórnia, Stanley Diamond, diz que "o inglês, nosso elo comum, nossa força unificadora, está sofrendo erosão contínua".

Os que se opõem à cruzada xenofóbica, conta a revista **Time**, dizem que ela só gerará intolerância, divisões e fanatismo. Eles receiam que a aprovação de nova legislação ponha em risco eleições bilíngües, programas educacionais, serviços de emergência e programas de televisão, os quais ajudam os imigrantes, especialmente os mais velhos, a se adaptar a uma sociedade de língua inglesa. O prefeito de Los Angeles, Tom Bradley, diz que a medida "despertará ódios e animosidades e poderá mesmo dividir-nos como nação".

Os defensores da Proposição 63, na Califórnia, já levantaram 500 mil dólares e conseguiram a assinatura de mais de 1 milhão de residentes, havendo boa possibilidade de a resolução ser aprovada. Se isso ocorrer, a Califórnia se juntará a outros seis estados (Nebraska, Illinois, Virgínia, Indiana, Kentucky e Geórgia) que fizeram do inglês sua língua oficial.

Khashoggi, ou a arte de esbanjar 4 bilhões

Adnan Khashoggi pode não ser o homem mais rico do mundo, mas vive como se fosse. São três aviões particulares (DC-8), 12 residências suntuosas espalhadas pelo mundo, planos para um iate com metade do tamanho do **Queen Elizabeth II**, caprichos milionários de toda espécie e o convívio dos grandes desse mundo, do rei Juan Carlos de Espanha a Richard Nixon, Ronald Reagan ou Jimmy Carter ou Lee Jacocca, sem esquecer estrelinhas como Brooke Shields ou as beldades de **Playboy** que manda vir a sua cama a qualquer hora.

Adnan Khashoggi

Khashoggi é personagem freqüente de colunas sociais, mas poucos saberão de onde vem sua fortuna, e como tudo começou. Ronald Kessler, repórter no **Washington Post**, encarregou-se de detalhar sua movimentada biografia em **The Richest Man in the World: The Story of Adnan Khashoggi**, recém-lançado nos Estados Unidos pela Warner Books. São 274 páginas de muita mudança pelos quatro cantos do planeta — ou antes pelos lugares onde estão o dinheiro, o poder, os prazeres e as armas — para chegar à conclusão, 17 páginas antes do fim, que o focalizado é um homem solitário.

Adnan Khashoggi, hoje com 51 anos, começou favorecido pelos laços de família: filho do médico de um rei da Arábia Saudita, seu país, e sobrinho de um importante funcionário do Ministério da Defesa. Estavam dados os contatos, e o herói soube aproveitá-los para servir de intermediário a empresas como Northrop, Lockheed o Raytheon na venda de aviões e outros equipamentos militares ao governo saudita. Corriam os anos 60, e os clientes acreditaram tanto em sua capacidade de abrir as portas que em certas ocasiões ele chegou a representar dois concorrentes num mesmo pacote de encomendas.

Saiu-se sempre muito bem: já em 1970, encaminhava 80% das armas compradas pela Arábia Saudita, com comissões de 5% a 15% que, para citar um exemplo, renderam-lhe de uma vez 45 milhões de dólares, pagos pela França para conseguir uma venda de tanques. Se as comissões eram altas demais e os clientes reclamavam, Khashoggi as passava ao comprador na forma de preços mais altos. Os encarregados da compra não têm reclamado, provavelmente porque o agente é altamente generoso, na boa tradição árabe. Suborno, nunca: Khashoggi ficou tão indignado quando a Northrop certa vez lhe entregou 450 mil dólares para passar a generais sauditas, que puniu a empresa guardando a quantia para si mesmo.

Ainda assim, as suspeitas sobre suas atividades produziram um escândalo que, envolvendo a Lockheed, levou à demissão de dois de seus executivos e a novas leis antisuborno nos Estados Unidos. Há também quem enuncie reservas morais em outros terrenos, percorrendo a biografia. Não são apenas os encontros com 10 prostitutas de uma vez, ao preço de 1 mil dólares cada, a oferta de amigos a amigos, como um conhaque depois do jantar, ou gastos de 500 mil dólares com este tipo de entretenimento para si e para amigos, num período de 10 meses. Stewart Toy, que o conheceu e parece simpático ao personagem humano, comenta em resenha para **Business Week** que poucas pessoas poderiam ajudar o próximo como Khashoggi:

"Mas apenas uma vez o vemos demonstrar preocupação — no papel — com os necessitados. Ele escreve a seu pai: 'Somos, de repente, as pessoas mais ricas do mundo, cercadas por um mar de miséria'." Khashoggi, comenta Toy, "alivia a miséria distribuindo festas ao jet-set".

Ou apostando 1 milhão de dólares de uma vez na roleta. Pode perder, mas muitos mais milhões já tem perdido entrando e saindo de negócios como a criação de gado ou os bancos financeiros nos Estados Unidos, onde investe a maior parte de seu dinheiro e onte tem projetos de enormes prédios de escritórios em Houston e Salt Lake City. Mas Khashoggi — também um protagonista de missões diplomáticas no Oriente Médio, ou como no seqüestro do navio **Achille Lauro** — parece acima dessas flutuações, solitário com seus 4 bilhões de dólares.

Arquivo

Wyman: vítima do caos administrativo

Arquivo

Paley: pai da CBS, ex-líder de audiência

Tisch assume CBS em meio à crise na televisão americana

A demissão, na semana passada, de Thomas Wyman da presidência do grupo CBS, que controla a maior rede de televisão do mundo, teve ingredientes dignos de uma novela. Wyman resistiu durante dois anos a intensas pressões para que renunciasse a seu cargo e, finalmente, só foi apeado graças a uma estratégica aliança, materializada em encontro do conselho diretor da empresa na última quarta-feira, entre dois de seus membros que, até pouco tempo atrás, podiam ser considerados pelo ex-presidente como seus aliados: William Paley, 84 anos, fundador da CBS e Lawrence Tisch, 64, maior acionista do grupo.

Fora graças à intervenção pessoal de Paley, que se aposentou da direção executiva da companhia em 1980, que Wyman ascendera à presidência. Tisch, um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, surgiu cinco anos mais tarde, com as bênçãos do próprio Wyman, como parte integrante de um esquema de compra de ações da CBS, imaginado por seus executivos, para evitar que a empresa caísse nas mãos de Ted Turner, magnata da televisão por cabo americana e iatista de classe internacional.

O resultado do plano foi ambíguo: Turner não concretizou a transação, mas a compra de ações, que permitiu a Tisch abocanhar 25% da CBS, deixou a empresa afogada em dívidas. Paley, gradualmente alijado do processo decisório na CBS por Wyman, foi quem insistiu com Tisch para que ele se envolvesse com a companhia e foram os dois juntos que, na última reunião do conselho diretor, investiram contra o presidente que, enfraquecido pelo caos administrativo em que

a empresa vive e cinco tentativas de compra, resistidas pelos seus executivos, feitas a partir de 1984 por diferentes grupos — um deles liderado pelo arquiconservador republicano Jesse Helms, que acusa a CBS de ser tendenciosamente liberal em seus noticiários — teve a sua sorte selada depois que a CBS perdeu o primeiro lugar na audiência de televisão e se descobriu que Wyman havia tentado vender a empresa para a Coca-Cola sem avisar a seus acionistas.

Tisch, cujo passado lhe recomenda apenas como um excelente investidor, pode virar a falta de experiência no ramo de comunicação — além da televisão, a CBS possui também uma gravadora e uma divisão de revistas — a seu favor, quebrando algumas tradições da indústria nos Estados Unidos e impondo novas regras para controlar os custos de programação. Contudo, alguns dos problemas que estão diante de Tisch não são exclusivos da CBS. A receita de anúncios para as três grandes redes de televisão americanas (CBS, ABC e NBC) vem caindo dramaticamente, e, no ano passado, atingiram seu volume mais baixo desde 1971.

Aparentemente, as dores de cabeça das redes de televisão são resultado de seu próprio sucesso comercial, que transformaram a indústria de TV, que antes gerava lucros fáceis, num pesado negócio que agora requer estritos controles financeiros. Desde 1975, o número médio de anúncios por semana nas três redes subiu de 3500 para 5.100. Os anunciantes, preocupados diante da possibilidade de verem seus produtos perderem-se no meio de tantos comerciais, estão procurando outros lugares para colocarem suas propagandas.

Nos Estados Unidos pelo menos, eles podem fazer isto. Além das três redes, a indústria de televisão americana inclui ainda a TV por cabo e um número crescente de estações independentes que podem ser responsabilizadas pela queda gradual na percentagem de audiência dominada pela CBS, ABC e NBC. O total de dinheiro gasto com anúncios também diminuiu: 8,3 bilhões de dólares em 1985 contra 8,5 há dois anos.

Por tudo isso, as redes americanas entraram numa guerra para cortar seus custos de operação. A CBS demitiu 700 pessoas este ano, mas, por causa de seu tamanho, segundo analistas financeiros de Wall Street ouvidos pelo **The New York Times**, é das três redes a que está mais sujeita a sofrer com o atual período de turbulência.

Tisch, reconhecido como um empresário que gosta de tocar seus negócios com o menor número possível de pessoal, pode ser o homem indicado para colocar a CBS novamente nos trilhos. A sua permanência na presidência, porém, é temporária e ainda é cedo para dizer se ele terá tempo suficiente para fazer as modificações necessárias.

Em jogo, o "espírito" da empresa

Na manhã de quinta-feira, logo depois de assumir a presidência da CBS, Lawrence Tisch enviou o diretor executivo de rádio e televisão do grupo, Gene Jankowski, para uma missão especial: pedir a demissão de Van Gordon Sauter da direção do departamento de jornalismo. Não foi por mero acidente que a cabeça de Sauter rolou junto com a de Thomas Wyman.

Sauter, que voltara à direção do jornalismo da CBS em dezembro, tomara uma série de medidas, como demissões e a busca de formato mais populares para "empacotar" as notícias que, apesar de desejados pelos executivos do grupo, encontraram resistências entre os jornalistas. Editores e produtores que já há algum tempo faziam críticas veladas aos rumos tomados pela empresa, passaram à revolta aberta.

Na verdade, a conexão entre as demissões de Wyman e Sauter deixaram claro que na luta pelo controle executivo do grupo havia algo mais em disputa além dos problemas financeiros da companhia. Estava em jogo a própria credibilidade do seu venerando departamento de jornalismo, que teve em sua direção nomes como o de Edward Murrow e Walter Crokite, ou o "espírito da CBS", como a imprensa americana prefere chamar a uma concepção, firmemente arraigada entre os repórteres e produtores, de que jornais de rádio e televisão prestam serviços públicos e que, portanto, seu primeiro dever é com a qualidade da informação que é divulgada.

Na batalha pelo "espírito", o perfil dos grupos adversários definiu-se desde cedo. De um lado, Wyman e Sauter, que também ocupava uma vice-presidência executiva do grupo CBS, tentando transformar os programas de notícias em **shows**, investindo na tecnologia de computação gráfica para torná-los mais palatáveis ao público, dando mais espaço para reportagens sobre assuntos mais leves e, teoricamente, mais acessíveis à mentalidade do telespectador americano. Dentro desta linha de pensamento, Sauter, por exemplo, contratou a ex-**miss** América, Phylls George, para apresentar o noticiário matinal, o **CBS Morning News**. A experiência não deu certo e Sauter, para desespero de seus comandados, acabou entregando o programa para a divisão de **Shows** da CBS produzi-lo no começo de agosto.

Do outro lado, dando apoio público às investidas de Paley e Tisch contra Wyman, ficaram Walter Cronkite, ex-apresentador do noticiário de televisão da CBS, o seu substituto, Dan Rather, e o produtor de **60 Minutes**, o programa de maior audiência da TV americana, Don Hewitt. Ironicamente, foi durante a presença de Sauter à frente do departamento de jornalismo que a CBS viu a sua liderança neste setor ser arranhada pelo crescimento da audiência dos noticiários de suas rivais, a ABC e a NBC.

"Existe um certo valor na credibilidade de uma organização jornalística que não pode ser definido em dólares", afirmou um exultante Don Hewitt depois de receber a notícia da demissão de Sauter. "Larry Tisch sabe disso." Ainda é cedo, porém, para se especular se Tisch vai de fato responder aos apelos de seus jornalistas que, no ano passado, desesperados com a situação, fizeram uma tentativa para comprar o departamento de jornalismo da CBS.

Mas Tisch parece ciente de que é preciso cultivar uma reaproximação dos executivos da CBS com seus jornalistas e, na quarta-feira, logo após a reunião do conselho diretor da qual saiu como presidente, ele resolveu começar a curar as feridas. Dirigiu-se à festa de casamento de Mike Wallace, um dos mais famosos repórteres da CBS.

Arquivo

Tisch: investidor milionário, tem 25% das ações do grupo

Afeganistão obriga Exército soviético a se modernizar

Jim Stewart
The New York Times

Washington — Para compreender o Exército soviético de hoje, é preciso ter uma noção do impacto causado no país pelos **tfinkoviye groby**, os caixões de zinco — metal abundante na União Soviética e que não enferruja — nos quais os soldados mortos no Afeganistão são mandados de volta para casa, com uma pequEna abertura na altura do rosto quando não estão muito desfigurados.

No sétimo ano de luta contra os resistentes mujahedin no Afeganistão, o Exército Vermelho já exibe um novo estilo. Dos mais altos escalões do Ministério da Defesa às simples táticas de campo, mudanças revolucionárias vão lentamente se impondo. Desde 1984, quase 50% dos altos comandos das Forças Armadas soviéticas foram substituídos por gente mais jovem e agressiva.

Auto-crítica

Outro indício claro de mudança: a publicação na imprensa de textos de severa auto-crítica. E os problemas apontados por desertores e emigrados: virtual impotência do corpo de sargentos e subtenentes, que nos exércitos ocidentais constituem o núcleo das tropas; práticas de convívio que já eram tradicionalmente violentas e se agravaram no Afeganistão, com o lançamento de granadas de mão no interior das tendas sendo considerado quase comum; média anual de apenas 1% de reengajamentos; elevado consumo de álcool, apesar das campanhas para combatê-lo.

Embora em termos relativos poucos soldados tenham vivido a guerra no Afeganistão (três por cento contra 20% da participação de tropas americanas no Vietnam), o fato é que já sobe a entre 20 mil e 30 mil o número de **tfinkoviye groby** embarcados para casa. A par da competição tecnológica com os Estados Unidos, as lições desta guerra estão levando a um perturbador auto-exame o maior exército do planeta.

O modo de seleção é democrático: acima de 18, todos — sejam membros do partido, dissidentes, judeus ou camponeses — devem servir dois anos no Exército ou três na Marinha. A exceção são as mulheres, desencorajadas a se alistar: são menos de 10 mil, telefonistas e enfermeiras sobretudo. É possível livrar-se (autorização especial do partido, doenças, arrimo de família, dedicação integral a estudos universitários), mas difícil; a especialista Ellen Jones estima que 90% dos capacitados servem.

A vida dos recrutas é dura. Richard Gabriel, que entrevistou pelo mundo mais de 130 emigrados soviéticos que serviram nas Forças Armadas, ouviu de 96% queixas quanto à comida. Folga só 10 dias por ano, mas para os que se destacarem na missão, de modo que há quem passe os dois anos sem voltar em casa. Por este serviço à **rodina**, ou mãe pátria, o soldo mínimo mensal é de 3,50 rublos ou 6,50 dólares, contra 590 para os recrutas americanos. E além de fazerem os serviços pesados na limpeza das tendas e mesmo nas batalhas, os recrutas sofrem freqüentemente espancamentos os mais graduados.

"O Afeganistão apenas exacerbou o que já era um problema sério", comenta Alex Alexiev, funcionário da Rand Corporation que realizou dois estudos sobre o Exército soviético. "O sistema de privilégios da hierarquia não dá sinais de melhorar, pelo contrário, piorando à medida que a guerra se arrasta."

O que se espera em termos de liderança pode vir do corpo profissional, que é quase três vezes superior ao do Exército americano, com 950 mil oficiais, provenientes das 140 academias militares soviéticas (contra três nos Estados Unidos). Eles dispõem de lojas especiais, rinques de patinação no gelo e **dachas** nos casos dos mais graduados.

Lições da guerra

As lições do Afeganistão começaram logo depois da invasão em dezembro de 1979. Cada divisão levou seus próprios mísseis terra-ar de curto e longo alcance, além de baterias antiaéreas, mas em breve todas se dariam conta de que os resistentes afegãos não dispunham de aviões. Mas os mujahedin aprenderiam muito mais depressa que os mísseis Sam e as baterias apreendidas funcionavam maravilhosamente contra helicópteros e posições fixas de defesa dos soviéticos.

Os observadores ocidentais, que muitas vezes foram convidados a acompanhar colunas de blindados soviéticos no Afeganistão, acreditam que sua capacidade de reagir com mobilidade aos ataques da guerrilha melhorou. "O aperfeiçoamento se deu em operações com pequenas unidades", comenta Alexiev. "Os soviéticos incorporaram uma nova doutrina de mobilidade a seus planos táticos, e as unidades de reconhecimento são agora muito mais eficientes. Além disso, aprenderam que é importante treinar os oficiais mais jovens a tomar a iniciativa. Antes, os comandantes de pelotão, de companhia e até de batalhão, dependiam da estrutura centralizada de comando e ficavam freqüentemente perdidos."

Estima-se em 600 mil o número de militares soviéticos que têm passado pelo Afeganistão. Entre eles, segundo o depoimento dos desertores, persistem os problemas dos pequenos furtos e do consumo freqüente de álcool, muitas vezes sob a forma de colônia ou refrigeradores de motores no lugar da vodca, mas diferente de alcoolismo — observa o mesmo Alexiev — porque não se pode falar de dependência aos 19 ou 20 anos de idade.

Problema sério

Mas o problema mais sério parece ser o dos equipamentos muito abaixo dos padrões ocidentais. O propulsor automático de bombas do tanque T-62 às vezes erra a mira e em vez de emitir os cartuchos pelo orifício apropriado projeta-os no interior do tanque, o que tem obrigado os comandantes a usar capacetes de metal. Segundo **Jane's Weapons and Tactics of the Soviet Army**, o caso do tanque T-72 é mais grave: seu carregador automático de obuses tem "o péssimo costume de castrar o operador".

No próximo 7 de novembro, o palanque sobre o túmulo de Lênin deverá acolher muitas caras novas para o desfile militar do aniversário da revolução. Fala-se de uma "modernização" das lideranças militares, e sabe-se que se aproxima de 75% o índice de oficiais que estão fazendo cursos de aperfeiçoamento ou alta especialização, contra 25% há alguns anos.

"Os novos líderes têm exigido maneiras de pensar atualizadas, para acompanhar a tecnologia da guerra moderna, mas muitos dos velhos marechais eram simplesmente incapazes disso", comenta Alexiev. "O que está havendo é uma mudança de guarda da velha geração de guerreiros da II Guerra Mundial para uma era de liderança mais jovem, mais sofisticada e moderna, e certamente mais perigosa."

Arquivo

Despreparada para a guerra de guerrilha, a infantaria teve de incorporar novos tanques e armas

Desertor recorda maus-tratos

Nova Iorque — Nikolai Movchan é filho de um camponês da aldeia de Ozeryanka, perto de Kiev, na Ucrânia soviética. Em março de 1982, ao completar 18 anos, foi alistado no Exército, e seis meses depois servia como sargento num pelotão de lançamento de granadas do 198º regimento motorizado antitanque. Desertou em maio de 1983, e depois de viver um ano entre os rebeldes afegãos foi trazido para os Estados Unidos por uma organização de defesa dos direitos humanos, Freedom House.

Hoje, Movchan vive em Nova Jérsei e trabalha numa editora ucraniana em Manhattan, cada vez mais aficcionado de sorvetes e cigarros americanos, de luta livre e filmes de Kung-fu pela TV, desesperançado de voltar a seu país: ele sequer aceita os convites que vez por outra lhe fazem funcionários da embaixada soviética, para telefonar a seus pais.

O que Movchan conta sobre sua aventura militar é, antes de tudo, uma história de despreparo: "Antes de embarcar, numa estação de recepção perto da fronteira polonesa, os oficiais fizeram discursos pomposos, agindo como se algo muito importante fosse acontecer e advertindo que não os deixássemos mal. Disseram que íamos para o Afeganistão lutar contra mercenários chineses e americanos. É claro que já tínhamos ouvido falar do Afeganistão, mas não no noticiário. Para dizer a verdade, eu achava que a coisa toda já tinha acabado".

No Afeganistão ele não encontraria mercenários americanos ou chineses. "Perguntei contra quem estávamos lutando, e me mostraram um bando de velhos. Todo mundo ficou decepcionado. Muitas vezes eu ouvia oficiais discutindo entre si, perguntando que diabos estavam fazendo lá".

As queixas de Movchan são as que sempre se ouvem dos desertores soviéticos. Falta de disciplina na tropa, exceto quando se tratava de obrigar os novatos a enfrentarem as tarefas desagradáveis ou perigosas. "Um mês antes de eu fugir, um recruta matou um mais velho. Não sei por que o fez, mas não via como poderíamos continuar desse jeito".

Outras queixas: comida ruim, furtos de objetos pessoais, "confisco" dos uniformes dos recém-chegados pelos que queriam voltar para casa com boa aparência.

À chegada a Kabul, tudo ainda parecia "romântico", como num filme ou numa canção patriótica. Movchan não sabe ao certo porque desertou: talvez o desejo de viajar, de aprender por si próprio. A decisão, conta, foi tomada cinco minutos antes da ação. Ele aproveitou o momento pouco antes do nascer do Sol em que deveria passar a guarda, saiu correndo pelo campo minado e atravessou uma ponte: ouviu gritos para que voltasse, helicópteros começaram a persegui-lo, mas ele conseguiu driblá-los:

— Um velho de aldeia estava me observando desde o início. Ele sabia. Balançou a cabeça e me deu algumas roupas suas para cobrir o uniforme. E me levou embora.

Polônia liberta todos os presos políticos

Varsóvia — Todos os 225 presos políticos poloneses, beneficiados com a anistia decretada na quinta-feira, já foram libertados, informou-se extra-oficialmente em Varsóvia. Entre os libertados ontem estão Bogdan Borusewicz e Wlasyniuk, ambos da direção clandestina do sindicato Solidariedade. Como Zbigniew Bujak na véspera, Frasyniuk fez restrições à medida, afirmando tratar-se de "um ato espetacular para impressionar o Ocidente" e conseguir créditos econômicos.

A imprensa oficial, à frente os jornais **Trybuna Ludu** e **Rzeczpospolita**, considera a anistia um ato de boa vontade para com a oposição e de busca do consenso nacional, que demonstraria o vigor do governo e nada teria a ver com pressões ocidentais. Bujak, como antes Lech Walesa, considerou no entanto que "a anistia perde seu significado enquanto a oposição política não puder atuar legalmente". Ele se colocou novamente à disposição do comitê provisório de coordenação do Solidariedade, no qual atuou por quatro anos na clandestinidade antes de ser preso em maio.

Wladyslaw Frasyniuk, que havia sido condenado a três anos e meio de prisão por instigar uma greve contra aumentos de preços em 1984, foi libertado em Wroclaw. Borusewicz, que foi preso em janeiro por liderar o Solidariedade clandestino em Gdansk e ainda aguardava julgamento, foi para casa nesta mesma cidade. Fontes da oposição disseram que a maioria dos 25 beneficiados já havia sido libertada ontem. Outras anistias foram decretadas na Polônia em 1983 e 1984, mas muitos oposicionistas voltaram a ser presos em seguida.

Aquino consegue trégua com outro grupo armado

Manila — A presidente filipina, Corazón (**Cory**) Aquino, assinou ontem com um chefe tribal dissidente, no nordeste do país, uma trégua que prevê a suspensão temporária das hostilidades para permitir a realização de negociações de paz. Acompanhada de oito ministros e militares, **Cory** se dirigiu de helicóptero, em segredo, ao refúgio dos rebeldes nas montanhas de Benaware — rica zona de arrozais — e reuniu-se num hotel com o líder dos rebeldes, missionário Conrado Balweg.

O missionário, que desde 1979 combatia o governo de Manila, exigindo maior autonomia para a região, na ilha de Luzón, rompeu em abril com o Novo Exército do Povo, de orientação comunista, e formou o Exército de Libertação do Povo da Cordilheira. Balweg e dois generais do Exército assinaram o documento de trégua, e posteriormente **Cory** e ele trocaram presentes numa cerimônia simbólica de paz.

A presidenta, que parte amanhã para uma visita oficial de oito dias aos Estados Unidos, prometeu suspender a construção de uma represa iniciada pelo deposto presidente Ferdinand Marcos, na década passada, bem como outros projetos industriais rejeitados pelo povo da cordilheira, cerca de 1 milhão 400 pessoas integrantes de oito tribos que ainda são governadas por velhos costumes. A represa iniciada por Marcos inundou um local ancestral onde enterravam seus mortos, ofendendo assim os sentimentos religiosos dos habitantes da zona.

Semana passada, **Cory** também assinou uma trégua com o líder separatista muçulmano Nur Misuari, chefe da Frente de Libertação Nacional Moro, que há mais de 14 anos vinha travando uma guerra de guerrilha na ilha de Mindano, no sul das Filipinas.

França expulsa 12 libaneses e caça suspeitos

Paris — A polícia francesa intensificou a caça aos terroristas responsáveis pelos dois atentados a bomba em Paris, esta semana, e expulsou 12 libaneses detidos para interrogatório depois dos ataques à agência dos correios na Prefeitura (segunda-feira, um morto e 19 feridos) e a um restaurante do bairro La Défense (sexta-feira, 42 feridos).

O governo do **Premier** Jacques Chirac — respaldado pela opinião pública e pelas forças políticas, que lhe recomendaram firmeza contra os extremistas — deverá anunciar hoje seu plano de luta contra o terrorismo. "Agora é a guerra", afirmaram vários jornais, que divulgaram as fotos das vítimas dos dois atentados.

A responsabilidade pelos dois atentados foi assumida em Beirute pelo até então desconhecido grupo Defensores do Direito e da Liberdade. Um outro grupo, Comitê de Solidariedade aos Prisioneiros Árabes e do Oriente Médio, reivindicou também o atentado de segunda-feira. Este grupo está exigindo do governo francês libertação de três árabes extremistas.

O jornal **Le Monde** informou que a polícia acredita que os dois grupos estão atuando juntos para conseguir a libertação dos árabes.

Mais 2 franceses feridos no Líbano

Beirute — Dois soldados franceses integrantes da Força da ONU para a Manutenção da Paz no Líbano ficaram feridos com a explosão de uma bomba acionada por controle remoto. A detonação ocorreu quando eles passavam de jipe por uma estrada perto da aldeia de Raflay, no sul do Líbano. Os soldados foram levados para um hospital em Haifa, Israel.

A Força de Manutenção de Paz, com 5 mil 800 soldados de vários países, já perdeu 130 homens desde que passou a atuar no sul do Líbano, em 1978, para supervisionar a retirada das tropas israelenses e ajudar a restaurar a autoridade libanesa naquela conturbada região.

Moscou — Foto da AP

Daniloff e a mulher em frente à embaixada dos EUA

Daniloff promete dizer o que sabe ao voltar

Moscou — Nicholas Daniloff, o jornalista americano posto sob custódia da embaixada em Moscou depois de passar 13 dias preso sob acusação de espionagem, disse ontem que só contará detalhes sobre o que sabe de sua prisão ao retornar aos Estados Unidos. Ele reiterou que seu caso "não é de modo algum equivalente" ao de Guenadi Zakharov, o cientista soviético detido e libertado em Nova Iorque sob a mesma acusação, e que nunca teve "relação oficial ou secreta" com os serviços de espionagem.

As declarações de Daniloff, que deixou para falar diretamente aos colegas hoje, foram lidas em frente à embaixada americana por sua mulher, Ruth. Daniloff foi detido a 30 de agosto num parque de Moscou pouco depois de receber de um conhecido um pacote onde julgava encontrar apenas recortes de imprensa, mas onde as autoridades acharam documentos secretos.

Ele disse após deixar a prisão de Lefortovo que sua detenção foi "montada", para dar às autoridades soviéticas a possibilidade de trocá-lo por Zakharov. Manifestou, ainda, a esperança de que as negociações diplomáticas continuem, à margem de decisões judiciais, para que seja finalmente autorizado a voltar aos Estados Unidos, para onde se destinava antes de ser preso, já que concluiu período de cinco anos e meio como correspondente da revista **US News and World Report** na União Soviética.

O porta-voz do Ministério de Relações Exteriores soviético, Guenadi Guerassimov, disse que a prisão e as acusações de espionagem levantada nos Estados Unidos contra Zakharov são "uma provocação" do Federal Bureau of Investigations (FBI). Guerassimov servia na ONU quando foi detido a 23 de agosto em Nova Iorque, supostamente por receber segredos militares.

Divergências prejudicam paz em El Salvador

Cidade do Panamá — A dificuldade para se chegar a um acordo sobre as questões preliminares poderá adiar a terceira rodada de negociações entre a guerrilha e o governo de El Salvador, prevista para o próximo dia 19 na cidade de Sesori, departamento de San Miguel. Foi o que admitiram as delegações dos dois lados, reunidas em local secreto do Panamá e acusando-se mutuamente de intransigência ou falta de desejo real de negociar a paz para a luta armada que já dura sete anos.

Esses entendimentos preliminares, iniciados na sexta-feira, esbarram sobretudo na falta de disposição dos delegados oficiais de aceitar três condições prévias apresentadas pelos representantes da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional e da Frente Democrática Revolucionária. São elas: desmilitarização total da região de Sesori na ocasião do encontro, trégua provisória também para coincidir com a reunião e a presença de representantes de setores da sociedade civil (sindicatos, grupos de defesa dos direitos humanos, universidades etc.).

O governo não aceita a desmilitarização de Sesori nem a presença de terceiros, e quanto ao cessar-fogo propõe que seja definitivo, com a deposição de armas por parte da guerrilha, o que esta considera inaceitável por redundar "numa rendição", disse Salvador Samayoa, um dos representantes dos rebeldes.

Ideologia dos verdes assusta católico alemão

Aquisgran, Alemanha Ocidental — As posições do Partido Verde sobre aborto, família, casamento e homossexualidade vão de encontro às crenças e costumes dos católicos, e enquanto não forem alteradas os eleitores católicos não deverão votar nos verdes, reiterou o cardeal-primaz da Alemanha Ocidental, Josef Höffner, em nova manifestação da campanha da hierarquia da Igreja contra o partido.

À medida que se aproxima a eleição geral de janeiro, intensificam-se as investidas. A advertência do cardeal de Colônia já havia sido feita há 15 dias, com intervenção direta na campanha eleitoral, e foi repetida para cerca de 40 mil delegados que participam, nesta pequena cidade, das Jornadas Católicas.

O tema tornou-se o principal do encontro. Ao contrário das igrejas protestantes, onde são numerosos os militantes pacifistas e ecológicos, a Igreja católica, mais conservadora na Alemanha, conta com uma corrente verde muito minoritária.

Polônia liberta todos os presos políticos

Varsóvia — Todos os 225 presos políticos poloneses, beneficiados com a anistia decretada na quinta-feira, já foram libertados, informou-se extra-oficialmente em Varsóvia. Entre os libertados ontem estão Bogdan Borusewicz e Wlasyniuk, ambos da direção clandestina do sindicato Solidariedade. Como Zbigniew Bujak na véspera, Frasyniuk fez restrições à medida, afirmando tratar-se de "um ato espetacular para impressionar o Ocidente" e conseguir créditos econômicos.

A imprensa oficial, à frente os jornais **Trybuna Ludu** e **Rzeczpospolita**, considera a anistia um ato de boa vontade para com a oposição e de busca do consenso nacional, que demonstraria o vigor do governo e nada teria a ver com pressões ocidentais. Bujak, como antes Lech Walesa, considerou no entanto que "a anistia perde seu significado enquanto a oposição política não puder atuar legalmente". Ele se colocou novamente à disposição do comitê provisório de coordenação do Solidariedade, no qual atuou por quatro anos na clandestinidade antes de ser preso em maio.

Wladyslaw Frasyniuk, que havia sido condenado a três anos e meio de prisão por instigar uma greve contra aumentos de preços em 1984, foi libertado em Wroclaw. Borusewicz, que foi preso em janeiro por liderar o Solidariedade clandestino em Gdansk e ainda aguardava julgamento, foi para casa nesta mesma cidade. Fontes da oposição disseram que a maioria dos 25 beneficiados já havia sido libertada ontem. Outras anistias foram decretadas na Polônia em 1983 e 1984, mas muitos oposicionistas voltaram a ser presos em seguida.

Aquino consegue trégua com outro grupo armado

Manila — A presidente filipina, Corazón (**Cory**) Aquino, assinou ontem com um chefe tribal dissidente, no nordeste do país, uma trégua que prevê a suspensão temporária das hostilidades para permitir a realização de negociações de paz. Acompanhada de oito ministros e militares, **Cory** se dirigiu de helicóptero, em segredo, ao refúgio dos rebeldes nas montanhas de Benaware — rica zona de arrozais — e reuniu-se num hotel com o líder dos rebeldes, missionário Conrado Balweg.

O missionário, que desde 1979 combatia o governo de Manila, exigindo maior autonomia para a região, na ilha de Luzón, rompeu em abril com o Novo Exército do Povo, de orientação comunista, e formou o Exército de Libertação do Povo da Cordilheira. Balweg e dois generais do Exército assinaram o documento de trégua, e posteriormente **Cory** e ele trocaram presentes numa cerimônia simbólica de paz.

A presidenta, que parte amanhã para uma visita oficial de oito dias aos Estados Unidos, prometeu suspender a construção de uma represa iniciada pelo deposto presidente Ferdinand Marcos, na década passada, bem como outros projetos industriais rejeitados pelo povo da cordilheira, cerca de 1 milhão 400 pessoas integrantes de oito tribos que ainda são governadas por velhos costumes. A represa iniciada por Marcos inundou um local ancestral onde enterravam seus mortos, ofendendo assim os sentimentos religiosos dos habitantes da zona.

Semana passada, **Cory** também assinou uma trégua com o líder separatista muçulmano Nur Misuari, chefe da Frente de Libertação Nacional Moro, que há mais de 14 anos vinha travando uma guerra de guerrilha na ilha de Mindano, no sul das Filipinas.

França expulsa 12 libaneses e caça suspeitos

Paris — A polícia francesa intensificou a caça aos terroristas responsáveis pelos dois atentados a bomba em Paris, esta semana, e expulsou 12 libaneses detidos para interrogatório depois dos ataques à agência dos correios na Prefeitura (segunda-feira, um morto e 19 feridos) e a um restaurante do bairro La Défense (sexta-feira, 42 feridos).

O governo do **Premier** Jacques Chirac — respaldado pela opinião pública e pelas forças políticas, que lhe recomendaram firmeza contra os extremistas — deverá anunciar hoje seu plano de luta contra o terrorismo. "Agora é a guerra", afirmaram vários jornais, que divulgaram as fotos das vítimas dos dois atentados.

A responsabilidade pelos dois atentados foi assumida em Beirute pelo até então desconhecido grupo Defensores do Direito e da Liberdade. Um outro grupo, Comitê de Solidariedade aos Prisioneiros Árabes e do Oriente Médio, reivindicou também o atentado de segunda-feira. Este grupo está exigindo do governo francês libertação de três árabes extremistas.

O jornal **Le Monde** informou que a polícia acredita que os dois grupos estão atuando juntos para conseguir a libertação dos árabes.

Mais 2 franceses feridos no Líbano

Beirute — Dois soldados franceses integrantes da Força da ONU para a Manutenção da Paz no Líbano ficaram feridos com a explosão de uma bomba acionada por controle remoto. A detonação ocorreu quando eles passavam de jipe por uma estrada perto da aldeia de Raflay, no sul do Líbano. Os soldados foram levados para um hospital em Haifa, Israel.

A Força de Manutenção de Paz, com 5 mil 800 soldados de vários países, já perdeu 130 homens desde que passou a atuar no sul do Líbano, em 1978, para supervisionar a retirada das tropas israelenses e ajudar a restaurar a autoridade libanesa naquela conturbada região.

Moscou — Foto da AP

Daniloff e a mulher em frente à embaixada dos EUA

Daniloff promete dizer o que sabe ao voltar

Moscou — Nicholas Daniloff, o jornalista americano posto sob custódia da embaixada em Moscou depois de passar 13 dias preso sob acusação de espionagem, disse ontem que só contará detalhes sobre o que sabe de sua prisão ao retornar aos Estados Unidos. Ele reiterou que seu caso "não é de modo algum equivalente" ao de Guenadi Zakharov, o cientista soviético detido e libertado em Nova Iorque sob a mesma acusação, e que nunca teve "relação oficial ou secreta" com os serviços de espionagem.

As declarações de Daniloff, que deixou para falar diretamente aos colegas hoje, foram lidas em frente à embaixada americana por sua mulher, Ruth. Daniloff foi detido a 30 de agosto num parque de Moscou pouco depois de receber de um conhecido um pacote onde julgava encontrar apenas recortes de imprensa, mas onde as autoridades acharam documentos secretos.

Ele disse após deixar a prisão de Lefortovo que sua detenção foi "montada", para dar às autoridades soviéticas a possibilidade de trocá-lo por Zakharov. Manifestou, ainda, a esperança de que as negociações diplomáticas continuem, à margem de decisões judiciais, para que seja finalmente autorizado a voltar aos Estados Unidos, para onde se destinava antes de ser preso, já que concluiu período de cinco anos e meio como correspondente da revista **US News and World Report** na União Soviética.

O porta-voz do Ministério de Relações Exteriores soviético, Guenadi Guerassimov, disse que a prisão e as acusações de espionagem levantada nos Estados Unidos contra Zakharov são "uma provocação" do Federal Bureau of Investigations (FBI). Guerassimov servia na ONU quando foi detido a 23 de agosto em Nova Iorque, supostamente por receber segredos militares.

Divergências prejudicam paz em El Salvador

Cidade do Panamá — A dificuldade para se chegar a um acordo sobre as questões preliminares poderá adiar a terceira rodada de negociações entre a guerrilha e o governo de El Salvador, prevista para o próximo dia 19 na cidade de Sesori, departamento de San Miguel. Foi o que admitiram as delegações dos dois lados, reunidas em local secreto do Panamá e acusando-se mutuamente de intransigência.

Esses entendimentos preliminares, iniciados na sexta-feira, esbarram sobretudo na falta de disposição dos delegados oficiais de aceitar três condições prévias apresentadas pelos representantes da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional e da Frente Democrática Revolucionária. São elas: desmilitarização total da região de Sesori na ocasião do encontro, trégua provisória também para coincidir com a reunião e a presença de representantes de setores da sociedade civil (sindicatos, grupos de defesa dos direitos humanos, universidades etc.).

Ideologia dos verdes assusta católico alemão

Aquisgran, Alemanha Ocidental — As posições do Partido Verde sobre aborto, família, casamento e homossexualidade vão de encontro às crenças e costumes dos católicos, e enquanto não forem alteradas os eleitores católicos não deverão votar nos verdes, reiterou o cardeal-primaz da Alemanha Ocidental, Josef Höffner, em nova manifestação da campanha da hierarquia da Igreja contra o partido.

À medida que se aproxima a eleição geral de janeiro, intensificam-se as investidas. A advertência do cardeal de Colônia já havia sido feita há 15 dias, com intervenção direta na campanha eleitoral, e foi repetida para cerca de 40 mil delegados que participam, nesta pequena cidade, das Jornadas Católicas.

Tremor na Grécia mata 6 e fere 200

Atenas — Um terremoto que atingiu 6,2 pontos na escala Richter (de nove pontos) matou pelo menos seis pessoas e feriu cerca de 200 na cidade de Kalamata, Sul da Grécia. A polícia informou que muitas construções antigas e um edifício de cinco andares desabaram. Vários outros prédios ficaram avariados. As autoridades enviaram remédios e médicos para a cidade, de 80 mil habitantes, e os feridos mais graves estão sendo removidos para Atenas.

Obituário

Rio de Janeiro

Nelson Gonçalves, 60, de infarto, em sua casa no bairro Laranjal, em Volta Redonda. Médico, casado com Geny Gonçalves, tinha quatro filhos. Foi prefeito de Volta Redonda em duas ocasiões: de março de 60 a janeiro de 63, em substituição ao jornalista César Lemos, e de novembro de 72 a 75, eleito por 20 mil 961 votos pela extinta Arena. Em 73, quando Volta Redonda foi transformado em município de segurança nacional, Nelson Gonçalves permaneceu no cargo. Em sua administração fez construir o Estádio Raulino de Oliveira, o Pronto-Socorro Municipal, viadutos e pontes na cidade. Foi candidato derrotado, pela margem mínima de 1 mil 400 votos, na eleição para prefeito em 85. O atual prefeito Marino Klinger (PDT) decretou luto oficial de três dias. Nelson Gonçalves foi sepultado ontem à tarde no Cemitério Municipal.

Stanford P. Wilson, 52, de infarto, em casa no Leblon. Americano, empresário. Casado com Lilian Souto Wilson, tinha duas filhas: Sabrina e Cristina. Era diretor-presidente da empresa Part-time Serviços Temporários e da Snelling & Snelling Consultores de Pessoal.

Rosélia de Lima Castro, 84, de insuficiência respiratória, no Núcleo Integrado Geriátrico. Carioca, viúva. Tinha um filho, José Paulo, dois netos e três bisnetos. Morava em Copacabana.

Maria Rodrigues de Mello, 81, de insuficiência respiratória, no Hospital da Beneficência Portuguesa. Carioca, viúva. Tinha quatro filhos: Wilson, Moacir, Maria José e Waldir, netos e bisnetos. Morava na Muda.

Leandra Medeiros da Fonseca, 87, de infarto, Hospital Clinerj. Carioca, viúva. Tinha duas filhas, Maria da Glória e Margarida, cinco netos e um bisneto. Morava em Botafogo.

José Teixeira da Silva, 76, de embolia pulmonar, em casa, na Rua Anita Garibaldi. Português, comerciante. Casado com Margarida da Silva Teixeira, tinha um filho.

Orlando Dourado Lopes, 81, de insuficiência cardíaca, em casa, em Copacabana. Carioca, securitário. Casado com Anakair Mayrink Dourado Lopes, tinha um filho.

Luiz Jorge Ferreira dos Reis, 40, anemia aguda, na Empresa Brasileira de Assistência Médica. Carioca, supervisor de mergulho. Casado com Dalva Mattos dos Reis, tinha três filhos. Morava em Ramos.

Alzira Maria da Conceição Silva, 54, de insuficiência cardíaca, no Hospital do Andaraí. Carioca, casada com Raimundo Machado Ferreira da Silva. Tinha dois filhos, morava na Tijuca.

José da Silva Soares, 77, de pneumonia, no Hospital de Ipanema. Piauiense, casada com Estephania Filgueira Soares. Tinha uma filha. Morava no Engenho Novo.

Etiennette Jane Schweitzer, 72, de insuficiência respiratória, em casa em Copacabana. Francesa, casada com Joseph Schweitzer. Tinha um filho.

Armando da Penha Veloso, 56, de câncer, no Hospital Evangélico. Carioca, estofador. Casado, morava no Centro.

Ruth Ferreira de Almeida, 83, de infarto, na Casa de Saúde São Luiz para Velhice. Carioca, professora, solteira, morava em Copacabana.

Osvaldina Santiago de Assis, 81, de edema pulmonar, no Hospital Miguel Couto. Carioca, viúva. Tinha três filhos, morava em Copacabana.

Heliette Covas Pereira Mendes da Silva, 67, de insuficiência cardíaca, no Hospital Israelita. Carioca, professora, casada. morava na Tijuca.

Arapoty Xavier de Brito, 82, de câncer, no Hospital Gafreé Guinle. Paranaense, viúvo, morava em Jacarepaguá.

Clotilde Nogueira Perroni, 86, de insuficiência respiratória, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, viúva.

Etelvina Antonia de Jesus, 67, de diabetes, no Hospital Souza Aguiar. Mineira, viúva.

Foto de Olavo Rufino

Márcia, que fugia dos pais, teve de ficar sentada no carrinho por falta de avião

Greve de comissários da Vasp pára aviões e tumultua viagens

São Paulo — A greve dos 914 comissários da Vasp tumultuou ontem o Aeroporto de Cumbica. Cerca de 40 vôos deixaram de sair e mais de 4 mil passageiros tiveram dificuldades para embarcar por outras companhias. Até às 11h, a Transbrasil registrava 429 passageiros na fila de espera.

A partir da zero hora de ontem, nenhum avião da Vasp decolou do Rio e de São Paulo. No início da tarde, apenas 20% da frota da empresa — 33 aeronaves — continuavam operando, mas devem aterrissar até as primeiras horas de hoje. "A adesão ao movimento é total", garantiu o diretor do Sindicato Nacional dos Aeronautas, João Francisco Gentina.

Em assembléia realizada na sexta-feira, os comissários resolveram manter o movimento até o atendimento de suas reivindicações. A pauta de 69 reivindicações é encabeçada pelos seguintes itens: equiparação ao nível salarial do mercado (o que levará a um aumento de 40%); salário garantia de 51,7 horas; plano de carreira; um fim de semana mensal de folga; férias de 46 dias e garantia de emprego. Amanhã, o Tribunal Regional do Trabalho, julga o movimento.

Tumulto carioca

No Rio, os aviões da Vasp acumularam-se no pátio do Aeroporto Internacional que concentrou quase 1 mil passageiros no saguão aguardando embarque. Bagagens espalhadas pelo chão, crianças dormindo sobre sacos plásticos após horas de espera, cartazes de protesto como "Vasp, queremos voltar para a Bahia", exemplificam o tumulto em que se converteu o Aeroporto.

Cerca de 60 grevistas desceram no Rio e se recusaram a prosseguir viagem, cumprindo as determinações do comando de greve, que não teve trabalho nos aeroportos porque a adesão foi de 100%, conforme explicou a diretora do Sindicato dos Aeronautas do Rio, Andréa Aguiar. No Santos Dumont os vôos da Ponte Aérea foram supridos com a cessão de comissários da Varig, e desde ontem a Vasp suspendeu as reservas para seus vôos interestaduais saindo do Aeroporto Internacional: a central de reservas da empresa só voltará a marcar passagens para terça-feira, com a confirmação do embarque amanhã — segundo informou a Vasp.

O movimento diário da Vasp partindo do Rio ou em vôos de conexão atinge 2 mil 400 passageiros, totalizando 22 vôos (são 65 diariamente em todo o país). Ontem, a empresa viu-se obrigada a despachar aviões vazios para buscar comissários em outros estados.

Cerca de 500 passageiros foram obrigados a inscrever-se em quatro listas de espera nos vôos de outras empresas, sendo que 250 deles chegaram a ser embarcados pela Varig e Transbrasil, a maior parte para o Norte de Nordeste, até o final da tarde. A empresa acomodou dezenas de passageiros nos hotéis Glória e Ambassador (este na Cinelândia), e pagou o almoço dos que preferiram esperar no saguão uma vaga em vôo de outra companhia.

Fuga frustrada

A greve dos comissários de bordo da Vasp estragou os planos de uma fugitiva — a menina Márcia, que diz ter 22 anos, mas parece muito mais nova — de encontrar-se com seu namorado, professor de educação física em Curitiba, escondida dos seus pais. Ontem, no final da tarde, ela estava sem acompanhamentos no Aeroporto Internacional do Rio, esperando uma solução, agarrada á bagagem e enfrentando o interesse de companheiros de viagem que se dispunham a protegê-la, como o diretor de um laboratório homeopático da capital paranaense, César Caram, 40 anos, que igualmente esperava há cinco horas para embarcar no mesmo vôo.

Não é a primeira vez que Márcia foge, diz para os pais que vai passar o fim de semana na casa da família em Teresópolis e segue para o sul, para a casa do namorado, que vive numa comunidade em Curitiba: "Eles são conservadores e não aceitam que uma moça solteira fique na casa do namorado. Então eu fujo e vou" — disse ela, com á maior simplicidade.

Avibrás diz que não foi processada

**São Paulo — A diretoria da Avibrás S/A Indústria Aero Espacial esclareceu ontem que José Carlos de Souza — condenado a um ano de prisão por desmatar um hectare na serra do Mar, no município de Ubatuba — não é diretor da empresa, e sim "um funcionário administrativo". Ele fora flagrado, em 1982, por um guarda florestal, quando cortava árvores em área de preservação permanente, com o objetivo de alargar a estrada de acesso à Avibrás.

Tempo

Satélite GOES—INPE—Cachoeira Paulista, SP 12-9-86 18h

A frente fria que se intensifica no Sul da Argentina poderá, no decorrer da semana, atingir o Sul do país e provocar aumento de nebulosidade e chuvas. A temperatura continuará em elevação.

No Sudeste, o tempo deve continuar bom neste fim de semana com a temperatura subindo gradativamente. O restante do país segue com o tempo variando de claro a nublado com chuvas ocasionais no Amazonas e algumas áreas do litoral do Nordeste.

No Rio e em Niterói

Claro a parcialmente nublado. Nevoeiros esparsos ao amanhecer principalmente nas regiões serranas e Vale do Paraíba nevoeiros à tarde. Temperatura estável. Ventos: quadrantes Este a Norte fracos a moderados. Visibilidade, boa a ocasionalmente moderada. Máxima, 30,0º Santa Cruz, mínima, 13,2º, Realengo.

Precipitação das chuvas em mm	
Últimas 24 horas	0.0
Acumulada no mês	2.1
Normal mensal	53.2

O Sol		
	Nascerá às	05h52min
	Ocaso às	17h45min

O Mar	Preamar	Baixamar
Rio	12h59min/1.2m	05h50min/0.3m
	—	18h38min/0.5m
Angra	12h20min/1.2m	04h51min/0.3m
	20h16min/0.7m	17h52min/0.5m
Cabo Frio	12h59min/1.1m	04h49min/0.3m
	23h28min/0.9m	18h35min/0.6m

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 18 graus. Banhos liberados.

A Lua

Crescente Até 17/09 — Cheia 18/09 — Minguante 26/09 — Nova 03/10

Nos Estados

	Condições	Máx.	Mín.
	Condições	Máx.	Mín.
RR:	nub pte nub	33.2	22.7
AM:	enc nub	32.8	23.4
AP:	pte nub/nub	32.6	23.4
PA:	nub p/nub	31.0	22.4
MA:	nub pte nub	31.1	24.6
PI:	nub a pte nub	34.1	20.7
CE:	nub a pte nub	30.6	23.1
RN:	nub c/chvs	25.8	21.2
PB:	nub c/chvs esp	28.6	21.8
PE:	nub c/chvs esp	27.4	21.5
AL:	nub c/chvs esp	22.7	21.2
SE:	nub c/chvs ocs	26.4	—
BA:	nub a pte nub	24.7	22.7
ES:	claro a pte nub	25.2	18.2
MG:	claro a pte nub	24.2	12.9
DF:	claro c/nvs	26.8	12.9
SP:	—	26.6	12.5
PR:	—	26.1	8.5
SC:	claro a pte nub	24.7	15.1
RS:	clr a pte nub	31.8	15.6
AC:	nub/pte nub	—	20.4
RO:	nub a pte nub	32.0	21.6
GO:	claro c/nvs	29.8	14.2
MT:	claro c/nvs	36.1	17.4
MS:	—	31.4	15.6

No Mundo

Amsterdã	nublado	15	05
Atenas	claro	30	18
Berlim	nublado	17	09
Bruxelas	nublado	19	10
Buenos Aires	claro	31	18
Caracas	nublado	26	19
Chicago	claro	24	20
Frankfurt	claro	19	09
Genebra	nublado	21	07
Lima	nublado	19	15
Lisboa	nublado	24	20
Londres	nublado	16	09
Los Angeles	nublado	26	17
Madri	nublado	28	15
México	claro	26	13
Miami	nublado	31	28
Montevidéu	claro	29	18
Moscou	nublado	19	13
Nova Iorque	claro	30	20
Paris	chuvoso	21	11
Pequim	claro	27	14
Roma	claro	28	15
São Francisco	nublado	22	14
Santiago	nublado	16	05
Tóquio	chuvoso	26	23
Viena	nublado	13	08

PROFESSOR

WILSON LISBOA MARQUES

(Falecimento)

✝ A família pesarosa comunica seu falecimento. O sepultamento sairá às 12:00 horas de HOJE, da Capela nº 7 da Real Grandeza, para o Cemitério São João Batista.

DOUGLAS LOWNDES HARGREAVES

MISSA DE 7º DIA

✝ Lucilla, Allan, espôsa e filhos, e sua irmã Enid (Baby) agradecem o carinho recebido e convidam para a Missa que se realizará, amanhã, 2ª feira, dia 15 às 18h30min na Paróquia de Santa Mônica, a Rua José Linhares (Leblon).

DR. MARIO MAGALHÃES DA SILVEIRA

(Médico Sanitarista do Ministério da Saúde)

(MISSA DE 7º DIA)

✝ A família, agradecendo as manifestações de pesar recebidas por ocasião do seu sepultamento, convida os parentes, colegas e amigos para a Missa de 7º Dia que será celebrada às 18:00 horas do dia 16 do corrente (Terça-Feira), na Igreja N.Sª da Piedade dos Poloneses, à Rua Marques de Abrantes nº 215.

LAURA NOGUEIRA SAVIO

7º DIA

✝ JORGE SAVIO, ALEXANDRE SAVIO, VERA, DENISE, RODRIGO, SILVIA, RICARDO, DOMINGOS, MARTINHA e MAIRA convidam para a Missa de 7º Dia de sua mãe, sogra e avó LAURA, às 8:00 h do dia 15 de setembro na Igreja de São João Batista, na Rua Voluntários da Pátria, 287 - Botafogo.

PAULO JORGE BREVES DA SILVA

MISSA DE 7º DIA

✝ Seus pais, irmã, cunhado e sobrinhos agradecem as manifestações de pesar e carinho recebidas e convidam parentes e amigos para a Missa de 7º Dia de seu querido PAULINHO, a ser celebrada, dia 16 de setembro, terça-feira às 18:30 horas, na Paróquia de Santa Mônica, no Leblon.

SALOMÃO POCHACZEVSKY

(DESCOBERTA DA MATZEIVA)

A família convida a todos os parentes e amigos para a Descoberta da Matzeiva que se realizará, às 10:30h de domingo dia 21/9, no Cemitério Israelita de São Gonçalo.

Pede-se não enviar flores.

LIVIA MONTAUBAN CARDOSO

(MISSA DE 7º DIA)

✝ A Família agradece sensibilizada as manifestações de pesar e convida parentes e amigos para a Missa que será celebrada terça-feira, dia 16, às 9:30 horas, no Santuário Carioca de N.S. da Conceição, à Rua Monsenhor Amorim — Engenho Novo.

ENGENHEIRO

IVAN CARVALHO DO AMARAL

✝ Irmãos, cunhados e sobrinhos participam o falecimento de IVAN, dia 8 do corrente em Belo Horizonte onde residia e convidam os demais parentes e amigos para a missa em sufrágio de sua alma a ser celebrada às 18 horas do dia 15 de setembro na Igreja da Ressurreição, a Rua Francisco Otaviano. Copacabana.

MARCOS DE ALMEIDA COSTA

(MARQUINHOS)

✝ Os funcionários da Planalto Empreendimentos Imobiliários, profundamente consternados com a perda do seu querido Diretor, convidam para á Missa de 7º Dia que será celebrada terça-feira dia 16 às 8:00 h na Capela do Colégio São José da Tijuca à Rua Conde de Bonfim 1067

Esposa, filhos, genros, noras e netos do

GENERAL ISNARD DE ALBUQUERQUE CÂMARA,

✝ Falecido dia 11/09/86, agradecem sensibilizados as manifestações de apoio e carinho recebidas por ocasião do seu sepultamento.

MARCOS DE ALMEIDA COSTA

(MARQUINHOS)

✝ Seus país Amaro e Yeda sua filha Michelle, sua irmã Márcia, avós, cunhado sobrinho, tios e primos, neste momento de grande dor pela perda irreparável, agradecem as manifestações de pesar recebidas pelo seu falecimento e convidam para a Missa de 7º dia que será realizada em sua memória, terça-feira, dia 16 às 8:00 h na Capela do Colegio São José da Tijuca à Rua Conde de Bonfim, 1067

PEDRO BARCIELA MARCONDES

7º DIA

✝ A família agradece o carinho e a atenção e convida para a Missa de 7º Dia a realizar-se no dia 16 de setembro, ás 18h30min na Capela do Colégio São Vicente de Paulo, à Rua Cosme Velho, 241.

ALMIRANTE DE ESQUADRA

NEWTON BRAGA DE FARIA

(5 anos de saudades)

✝ Yara Prado Maia de Faria, filhos, genro e netos convidam amigos e parentes para assistirem a Missa que mandam celebrar por sua boníssima alma, Segunda-feira, dia 15 de setembro, às 11:00 horas, na Igreja de Santa Cruz dos Militares, à Rua 1º de Março.

TURANO SANTO SALVATORE

(SALVADOR TURANO)

1 ANO

✝ Sua FAMÍLIA convida parentes e amigos, para a Missa de 1 ano de falecimento do saudoso e inesquecível SALVADOR TURANO, a realizar-se, 2ª Feira dia 15/09/86, às 10:00h na Igreja de N.S. do CARMO, na Rua 1º de Março.

NORMA BANDEIRA

10 ANOS

✝ Cecy, Carmem, Meg, Júlio, Luiz Roberto, Eduardo e Gustavo, convidam para a Missa em memória de sua neta, filha, sogra e mãe, dia 15 de setembro às 10h na Igreja da Irm. do SS.S. da Candelária.

Obituário

Rio de Janeiro

Nélson Gonçalves, 60, de infarto, em sua casa no bairro Laranjal, em Volta Redonda. Médico, casado com Geny Gonçalves, tinha quatro filhos. Foi prefeito de Volta Redonda em duas ocasiões: de março de 60 a janeiro de 63, em substituição ao jornalista César Lemos, e de novembro de 72 a 75, eleito por 20 mil 961 votos pela extinta Arena. Em 73, quando Volta Redonda foi transformado em município de segurança nacional, Nelson Gonçalves permaneceu no cargo. Em sua administração fez construir o Estádio Raulino de Oliveira, o Pronto-Socorro Municipal, viadutos e pontes na cidade. Foi candidato derrotado, pela margem mínima de 1 mil 400 votos, na eleição para prefeito em 85. O atual prefeito Marino Klinger (PDT) decretou luto oficial de três dias. Nelson Gonçalves foi sepultado ontem à tarde no Cemitério Municipal.

Stanford P. Wilson, 52, de infarto, em casa no Leblon. Americano, empresário. Casado com Lilian Souto Wilson, tinha duas filhas: Sabrina e Cristina. Era diretor-presidente da empresa Part-time Serviços Temporários e da Snelling & Snelling Consultores de Pessoal.

Rosélia de Lima Castro, 84, de insuficiência respiratória, no Núcleo Integrado Geriátrico. Carioca, viúva. Tinha um filho, José Paulo, dois netos e três bisnetos. Morava em Copacabana.

Maria Rodrigues de Mello, 81, de insuficiência respiratória, no Hospital da Beneficência Portuguesa. Carioca, viúva. Tinha quatro filhos: Wilson, Moacir, Maria José e Waldir, netos e bisnetos. Morava na Muda.

Leandra Medeiros da Fonseca, 87, de infarto, Hospital Clinerj. Carioca, viúva. Tinha duas filhas, Maria da Glória e Margarida, cinco netos e um bisneto. Morava em Botafogo.

José Teixeira da Silva, 76, de embolia pulmonar, em casa, na Rua Anita Garibaldi. Português, comerciante. Casado com Margarida da Silva Teixeira, tinha um filho.

Orlando Dourado Lopes, 81, de insuficiência cardíaca, em casa, em Copacabana. Carioca, securitário. Casado com Anakair Mayrink Dourado Lopes, tinha um filho.

Luiz Jorge Ferreira dos Reis, 40, anemia aguda, na Empresa Brasileira de Assistência Médica. Carioca, supervisor de mergulho. Casado com Dalva Mattos dos Reis, tinha três filhos. Morava em Ramos.

Alzira Maria da Conceição Silva, 54, de insuficiência cardíaca, no Hospital do Andaraí. Carioca, casada com Raimundo Machado Ferreira da Silva. Tinha dois filhos, morava na Tijuca.

José da Silva Soares, 77, de pneumonia, no Hospital de Ipanema. Piauiense, casada com Estephania Filgueira Soares. Tinha uma filha. Morava no Engenho Novo.

Etiennette Jane Schweitzer, 72, de insuficiência respiratória, em casa em Copacabana. Francesa, casada com Joseph Schweitzer. Tinha um filho.

Armando da Penha Veloso, 56, de câncer, no Hospital Evangélico. Carioca, estofador. Casado, morava no Centro.

Ruth Ferreira de Almeida, 83, de infarto, na Casa de Saúde São Luiz para Velhice. Carioca, professora, solteira, morava em Copacabana.

Osvaldina Santiago de Assis, 81, de edema pulmonar, no Hospital Miguel Couto. Carioca, viúva. Tinha três filhos, morava em Copacabana.

Heliette Covas Pereira Mendes da Silva, 67, de insuficiência cardíaca, no Hospital Israelita. Carioca, professora, casada. morava na Tijuca.

Arapoty Xavier de Brito, 82, de câncer, no Hospital Gafreé Guinle. Paranaense, viúvo, morava em Jacarepaguá.

Clotilde Nogueira Perroni, 86, de insuficiência respiratória, no Hospital Souza Aguiar. Carioca, viúva.

Etelvina Antonia de Jesus, 67, de diabetes, no Hospital Souza Aguiar. Mineira, viúva.

Foto de Olavo Rufino

Márcia, que fugia dos pais, teve de ficar sentada no carrinho por falta de avião

Greve de comissários da Vasp pára aviões e tumultua viagens

São Paulo — A greve dos 914 comissários da Vasp tumultuou ontem o Aeroporto de Cumbica. Cerca de 40 vôos deixaram de sair e mais de 4 mil passageiros tiveram dificuldades para embarcar por outras companhias. Até às 11h, a Transbrasil registrava 429 passageiros na fila de espera.

A partir da zero hora de ontem, nenhum avião da Vasp decolou do Rio e de São Paulo. No início da tarde, apenas 20% da frota da empresa — 33 aeronaves — continuavam operando, mas devem aterrissar até as primeiras horas de hoje. "A adesão ao movimento é total", garantiu o diretor do Sindicato Nacional dos Aeronautas, João Francisco Gentina.

Em assembléia realizada na sexta-feira, os comissários resolveram manter o movimento até o atendimento de suas reivindicações. A pauta de 69 reivindicações é encabeçada pelos seguintes itens: equiparação ao nível salarial do mercado (o que levará a um aumento de 40%); salário garantia de 51,7 horas; plano de carreira; um fim de semana mensal de folga; férias de 46 dias e garantia de emprego. Amanhã, o Tribunal Regional do Trabalho, julga o movimento.

Tumulto carioca

No Rio, os aviões da Vasp acumularam-se no pátio do Aeroporto Internacional que concentrou quase 1 mil passageiros no saguão aguardando embarque. Bagagens espalhadas pelo chão, crianças dormindo sobre sacos plásticos após horas de espera, cartazes de protesto como "Vasp, queremos voltar para a Bahia", exemplificam o tumulto em que se converteu o Aeroporto.

Cerca de 60 grevistas desceram no Rio e se recusaram a prosseguir viagem, cumprindo as determinações do comando de greve, que não teve trabalho nos aeroportos porque a adesão foi de 100%, conforme explicou a diretora do Sindicato dos Aeronautas do Rio, Andréa Aguiar. No Santos Dumont os vôos da Ponte Aérea foram supridos com a cessão de comissários da Varig, e desde ontem a Vasp suspendeu as reservas para seus vôos interestaduais saindo do Aeroporto Internacional: a central de reservas da empresa só voltará a marcar passagens para terça-feira, com a confirmação do embarque amanhã — segundo informou a Vasp.

O movimento diário da Vasp partindo do Rio ou em vôos de conexão atinge 2 mil 400 passageiros, totalizando 22 vôos (são 65 diariamente em todo o país). Ontem, a empresa viu-se obrigada a despachar aviões vazios para buscar comissários em outros estados.

Cerca de 500 passageiros foram obrigados a inscrever-se em quatro listas de espera nos vôos de outras empresas, sendo que 250 deles chegaram a ser embarcados pela Varig e Transbrasil, a maior parte para o Norte de Nordeste, até o final da tarde. A empresa acomodou dezenas de passageiros nos hotéis Glória e Ambassador (este na Cinelândia), e pagou o almoço dos que preferiram esperar no saguão uma vaga em vôo de outra companhia.

Fuga frustrada

A greve dos comissários de bordo da Vasp estragou os planos de uma fugitiva — a menina Márcia, que diz ter 22 anos, mas parece muito mais nova — de encontrar-se com seu namorado, professor de educação física em Curitiba, escondida dos seus pais. Ontem, no final da tarde, ela estava sem acompanhamentos no Aeroporto Internacional do Rio, esperando uma solução, agarrada à bagagem e enfrentando o interesse de companheiros de viagem que se dispunham a protegê-la, como o diretor de um laboratório homeopático da capital paranaense, César Caram, 40 anos, que igualmente esperava há cinco horas para embarcar no mesmo vôo.

Não é a primeira vez que Márcia foge, diz para os pais que vai passar o fim de semana na casa da família em Teresópolis e segue para o sul, para a casa do namorado, que vive numa comunidade em Curitiba: "Eles são conservadores e não aceitam que uma moça solteira fique na casa do namorado. Então eu fujo e vou" — disse ela, com a maior simplicidade.

Avibrás diz que não foi processada

São Paulo — A diretoria da Avibrás S/A Indústria Aero Espacial esclareceu ontem que José Carlos de Souza — condenado a um ano de prisão por desmatar um hectare na serra do Mar, no município de Ubatuba — não é diretor da empresa, e sim "um funcionário administrativo". Ele fora flagrado, em 1982, por um guarda florestal, quando cortava árvores em área de preservação permanente, com o objetivo de alargar a estrada de acesso à Avibrás.

Loteria Federal

Saiu para o bilhete 82.349 vendido em Minas Gerais o primeiro prêmio da extração 2285 no valor de Cz$ 600 mil. Demais prêmios: 75.882 (SP) — Cz$ 25 mil, 09.491 (SP) — Cz$ 10 mil, 69.417 (PR) — Cz$ 8 mil, 83.241 (SP) — Cz$ 5 mil. Prêmios secundários no valor de Cz$ 2 mil para os bilhetes 59.353 (SP), 55.628 (SP), 19.505 (RJ), 46.965 (PA) e 89.428 (RS).

Tempo

Satélite GOES — INPE — Cachoeira Paulista, SP 13-09-86 18h

A frente fria que se intensifica no Uruguai deve influenciar o tempo no Sul do país, causando nebulosidade, chuvas e trovoadas.

O Sudeste permanece com bom tempo e elevação de temperatura. No restante do país, o tempo varia de claro a nublado com chuvas no Amazonas e litoral do Nordeste.

No Rio e em Niterói

Claro a parcialmente nublado com nevoeiros na região serrana pela manhã. Temperatura estável. Ventos de quadrante Norte fracos. Visibilidade boa. Máxima de 32.6 em Bangu e mínima de 13.7 em Jacarepaguá.

Precipitação das chuvas em mm	
Últimas 24 horas	0.0
Acumulada no mês	2.1
Normal mensal	53.2
Acumulada no ano	751.8
Normal anual	1075.8

O Sol		
	Nascerá às	05h55min
	Ocaso às	17h45min

O Mar	Preamar	Baixamar
Rio	00h20min/1.0m	06h35min/0.2m
	13h20min/1.2m	19h05min/0.4m
Angra	00h26min/0.9m	05h52min/0.2m
	13h04min/1.2m	18h44min/0.4m
Cabo Frio	13h26min/1.2m	05h53min/0.2m
	—	19h11min/0.5m

O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 18 graus. Banhos liberados.

A Lua

Crescente Até 17/09 — Cheia 18/09 — Minguante 26/09 — Nova 03/10

Nos Estados

	Condições	Máx.	Mín.
RR:		32.0	23.6
AM:		32.4	24.4
AP:		32.0	21.6
PA:			21.6
MA:		31.6	23.9
PI:			21.0
CE:			22.3
RN:			21.3
PB:			
PE:			21.7
AL:		28.6	21.4
SE:			22.3
BA:		24.6	21.3
ES:	pte nub. nvu	26.7	18.6
MG:	clr, nvo p/manhã	27.6	13.7
DF:	clr pte nub	27.0	14.4
SP:	clr c/perds de pte nub	28.0	13.2
PR:		26.3	11.3
SC:		24.2	15.0
RS:		32.2	16.0
AC:		32.0	20.2
RO:	nub c/chvs isol	31.6	21.4
GO:	pte nub c/ovs	31.4	16.2
MT:	pte nub c/ovs	36.0	20.2
MS:		32.2	19.9

No Mundo

Amsterdã	claro	17	15
Atenas	nublado	28	20
Berlim	nublado	17	10
Bogotá	nublado	17	03
Bruxelas	nublado	16	08
Buenos Aires	nublado	20	13
Caracas	nublado	29	19
Genebra	nublado	23	12
La Paz	claro	16	06
Lima	nublado	20	16
Lisboa	nublado	25	20
Londres	claro	15	06
Madri	claro	28	15
Manágua	claro	31	24
México	claro	22	13
Miami	nublado	31	26
Montevidéu	claro	25	16
Moscou	nublado	15	08
Nova Iorque	claro	29	24
Panamá	nublado	32	23
Paris	nublado	18	09
Quito	claro	22	07
Roma	nublado	29	17
Tóquio	nublado	28	21
Viena	nublado	21	14
Washington	claro	28	26

PROFESSOR
WILSON LISBOA MARQUES
(Falecimento)

A família pesarosa comunica seu falecimento. O sepultamento sairá às 12:00 horas de HOJE, da Capela nº 7 da Real Grandeza, para o Cemitério São João Batista.

DOUGLAS LOWNDES HARGREAVES
MISSA DE 7º DIA

Lucilla, Allan, espôsa e filhos, e sua irmã Enid (Baby) agradecem o carinho recebido e convidam para a Missa que se realizará, amanhã, 2ª feira, dia 15 às 18h30min na Paróquia de Santa Mônica, a Rua José Linhares (Leblon).

SALOMÃO POCHACZEVSKY
(DESCOBERTA DA MATZEIVA)

A família convida a todos os parentes e amigos para a Descoberta da Matzeiva que se realizará, às 10:30h de domingo dia 21/9, no Cemitério Israelita de São Gonçalo.
Pede-se não enviar flores.

MARCOS DE ALMEIDA COSTA
(MARQUINHOS)

Os funcionários da Planalto Empreendimentos Imobiliários, profundamente consternados com a perda do seu querido Diretor, convidam para a Missa de 7º Dia que será celebrada terça-feira dia 16 às 8:00 h na Capela do Colégio São José da Tijuca a Rua Conde de Bonfim 1067

MARCOS DE ALMEIDA COSTA
(MARQUINHOS)

Seus pais Amaro e Yeda sua filha Michelle, sua irmã Márcia, avós, cunhado sobrinho, tios e primos, neste momento de grande dor pela perda irreparável, agradecem as manifestações de pesar recebidas pelo seu falecimento e convidam para a Missa de 7º dia que será realizada em sua memória, terça-feira, dia 16 às 8:00 h na Capela do Colegio São José da Tijuca à Rua Conde de Bonfim, 1067

DR. MARIO MAGALHÃES DA SILVEIRA
(Médico Sanitarista do Ministério da Saúde)
(MISSA DE 7º DIA)

A família, agradecendo as manifestações de pesar recebidas por ocasião do seu sepultamento, convida os parentes, colegas e amigos para a Missa de 7º Dia que será celebrada às 18:00 horas do dia 16 do corrente (Terça-Feira), na Igreja N.Sª da Piedade dos Poloneses, à Rua Marques de Abrantes nº 215.

LAURA NOGUEIRA SAVIO
7º DIA

JORGE SAVIO, ALEXANDRE SAVIO, VERA, DENISE, RODRIGO, SILVIA, RICARDO, DOMINGOS, MARTINHA e MAIRA convidam para a Missa de 7º Dia de sua mãe, sogra e avó LAURA, às 8:00 h do dia 15 de setembro na Igreja de São João Batista, na Rua Voluntários da Pátria, 287 - Botafogo.

LIVIA MONTAUBAN CARDOSO
(MISSA DE 7º DIA)

A Família agradece sensibilizada as manifestações de pesar e convida parentes e amigos para a Missa que será celebrada terça-feira, dia 16, às 9:30 horas, no Santuário Carioca de N.S. da Conceição, à Rua Monsenhor Amorim — Engenho Novo.

Esposa, filhos, genros, noras e netos do
GENERAL ISNARD DE ALBUQUERQUE CÂMARA,

Falecido dia 11/09/86, agradecem sensibilizados as manifestações de apoio e carinho recebidas por ocasião do seu sepultamento.

PAULO JORGE BREVES DA SILVA
MISSA DE 7º DIA

Seus pais, irmã, cunhado e sobrinhos agradecem as manifestações de pesar e carinho recebidas e convidam parentes e amigos para a Missa de 7º Dia de seu querido PAULINHO, a ser celebrada, dia 16 de setembro, terça-feira às 18:30 horas, na Paróquia de Santa Mônica, no Leblon.

ENGENHEIRO
IVAN CARVALHO DO AMARAL

Irmãos, cunhados e sobrinhos participam o falecimento de IVAN, dia 8 do corrente em Belo Horizonte onde residia e convidam os demais parentes e amigos para a missa em sufrágio de sua alma a ser celebrada às 18 horas do dia 15 de setembro na Igreja da Ressurreição, a Rua Francisco Otaviano. Copacabana.

PEDRO BARCIELA MARCONDES
7º DIA

A família agradece o carinho e a atenção e convida para a Missa de 7º Dia a realizar-se no dia 16 de setembro, às 18h30min na Capela do Colégio São Vicente de Paulo, à Rua Cosme Velho, 241.

ALMIRANTE DE ESQUADRA
NEWTON BRAGA DE FARIA
(5 anos de saudades)

Yara Prado Maia de Faria, filhos, genro e netos convidam amigos e parentes para assistirem a Missa que mandam celebrar por sua bonissima alma, Segunda-feira, dia 15 de setembro, às 11:00 horas, na Igreja de Santa Cruz dos Militares, à Rua 1º de Março.

TURANO SANTO SALVATORE
(SALVADOR TURANO)
1 ANO

Sua FAMÍLIA convida parentes e amigos, para a Missa de 1 ano de falecimento do saudoso e inesquecivel SALVADOR TURANO, a realizar-se, 2ª Feira dia 15/09/86, às 10:00h na Igreja de N.S. do CARMO, na Rua 1º de Março.

NORMA BANDEIRA
10 ANOS

Cecy, Carmem, Meg, Júlio, Luiz Roberto, Eduardo e Gustavo, convidam para a Missa em memória de sua neta, filha, sogra e mãe, dia 15 de setembro às 10h na Igreja da Irm. do SS.S. da Candelária.

Informe Econômico

COMO nos velhos tempos, o Ministério da Fazenda está de novo com o papel de vilão da área econômica, dado pelos outros ministérios e órgãos do Governo. A queixa é a mesma, apesar de ter mudado o governo. Os técnicos da Fazenda são acusados de se preocupar unicamente em "conter a base monetária". A animosidade já tem criado alguns episódios de troca de farpas entre os economistas paulistas que antes compartilhavam do mesmo espaço de oposição. Recentemente ao se encontrar na mesma sala com dois economistas da Fazenda, um alto funcionário do Ministério do Planejamento saiu batendo a porta, não sem antes dizer que temia se contagiar com "monetarite".

□

O Banco do Brasil e o Ministério da Agricultura tem um bom exemplo de como se manifesta, na sua nova versão, a síndrome fazendária. Apesar do anúncio pirotécnico do Plano Agrícola, o Ministério negou-se durante semanas a liberar financiamento para custeio até que as queixas chegaram ao Presidente da República. Antes de viajar, como se sabe, o próprio Funaro garantiu ao ministro Íris Rezende que liberaria 5,4 bilhões que se somariam a recursos próprios do Banco do Brasil, para atender à demanda de crédito prevista, para este mês de setembro, de 10 bilhões.

Mas, na verdade, do cofre do Tesouro não saiu sequer um centavo. Ou melhor, saiu, com data para voltar. O Banco do Brasil foi informado de que deverá usar para financiamento agrícola os 3,3 bilhões que terá de retorno de subsídio ao trigo, um bilhão de retorno de EGF, um bilhão e meio de AGF e um bilhão de pagamento de financiamento anterior de café. Como este dinheiro não está disponível, o Ministério avisou ao Banco do Brasil que o Banco Central adiantará dois bilhões para serem devolvidos quando forem pagos os financiamentos antigos:

— De dinheiro novo, nem um centavo! Desespera-se um funcionário.

□

O presidente José Sarney levou para os Estados Unidos um documento sobre o Plano de Estabilização Econômica que informa, a certa altura, que o BNDES aumentou nos ultimos oito meses, em relação ao mesmo período do ano passado, em 412,4% os pedidos de financiamento aprovados. Na verdade, o Banco aprovou 11 mil e 200 operações, significando uma previsão de desembolso de 4 bilhões.

O futuro desse desembolso no entanto é uma incógnita. No que dependesse do ministério da Fazenda, os cofres do BNDES estariam, há meses, a zero. Segundo se conta no banco, a Fazenda estaria segurando, inclusive a receita prevista em orçamento aprovado no Congresso.

Charutos

Hugo Carvalho, diretor da Suerdieck, embarca amanhã para Cuba, onde vai passar uma semana negociando na área agrícola, e manufatureira de tabaco. Carvalho vai a convite do Ministro do Comércio Exterior de Cuba e deverá acertar a importação de alguns tipos de tabaco cubano para adicionar aos charutos fabricados no Brasil. Vai estabelecer uma forma de intercâmbio na área técnica e tentará o licenciamento para produção no Brasil de algumas marcas cubanas.

Teto baixo

O mercado automobilístico que vai crescer este ano 14%, terá sua expansão limitada nos próximos anos a uma taxa de 5% anual por absoluta incapacidade da indústria de atender ao crescimento da demanda. Este teto de aumento anual foi fixado pelas montadoras baseadas nos próximos dados de investimento, e previsão de oferta de matéria-prima.

Erro de cálculo

Os técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cometeram ontem um erro de cálculo significativo: ao acumularem a inflação oficial no trimestre de junho a agosto, chegaram a uma taxa de 4,93%, quando na realidade a variação trimestral era de 4,2%.

Felizmente, a falha foi corrigida a tempo, por meio de uma errata, evitando que a imprensa divulgasse o cálculo errado. Com a correção, saíram perdendo, no entanto, os poupadores de caderneta de poupança, já que a variação trimestral de 4,93% indicava um rendimento a ser depositado agora em setembro de 6,5%, quando efetivamente essa remuneração será de 5,76%.

Fura-greve

O plano antigreve do Banco do Brasil começou a ser colocado em prática há um mês depois de ter sido despachado para o Palácio do Planalto com parada final do SNI. Incluia locais alternativos para funcionamento de setores mais importantes — a Cacex por exemplo esteve em local incerto e não sabido na quinta-feira — e trabalho de convencimento junto a todos os funcionários em cargos de confiança. Funcionou tão bem que recebeu elogios entusiasmados do SNI e será reprisado no próximo ano. Será o plano oficial do Banco do Brasil contra as greves.

Negócio de ocasião

O agricultor Nestor Jost, ex-presidente do Banco do Brasil e ex-Ministro da Agricultura, gosta de colecionar — e exibir — exemplos de decisões erradas do atual governo. Um da coleção: há alguns meses o Governo abriu licitação e comprou milho no mercado interno a 130 cruzados a saca e agora vende seus estoques aos mesmos produtores a 85 cruzados a saca. Bom negociante, Jost garantiu para si a partida de 60 mil sacas.

Miriam Leitão

Entrevista/Almir Pazzianotto

"Greve importante esbarrou num setor muito organizado"

Brasília — Bem-humorado, satisfeito com o desempenho do governo durante a curta greve dos bancários, o ministro Almir Pazzianotto fez, sexta-feira, duas constatações aparentemente contraditórias. Primeira: "Os bancários têm salários muito baixos". Segunda: "Uma greve por aumento real de salário de 26,5%, numa economia estável, é montada sobre um objetivo claramente inalcançável".

Pazzianotto reconhece que são ridiculamente baixos os pisos salariais dos bancários, mas argumenta que, nas atuais circunstâncias, aumentos de salários não podem se dar aos saltos. Ataca firme os banqueiros: "Insaciáveis, no passado recente; muito duros, no presente". Mas observa que isso não é justificativa suficiente para que os trabalhadores desenvolvam campanhas salariais mal estruturadas e irrealistas.

Ele garante que o governo Sarney encara todas as greves como absolutamente normais, apesar dos esquemas de segurança que tem montado para enfrentá-las, cobra dos parlamentares a aprovação da nova lei de greve que está no Congresso e anuncia que, na próxima semana, o Ministério do Trabalho terá concluído o projeto de lei de participação dos trabalhadores nos lucros das empresas.

Pelo projeto, a participação vai ocorrer somente nos anos em que a empresa apresentar resultados favoráveis. Além disso, as parcelas pagas aos trabalhadores a esse título não serão incorporadas aos salários e sobre elas não vão incidir encargos sociais. Tudo será obtido pela via da negociação, "valorizando os sindicatos mais aptos". A seguir, a entrevista concedida a Mariluce Moura.

Pazzianotto atacou os banqueiros: "insaciáveis e muito duros"

JB — Ministro, na sua avaliação por que a greve dos bancários e outras que estavam marcadas para o dia 11 foram menores do que se esperava e, além disso, rapidamente se esvaziaram?

Almir Pazzianotto — Eu penso que a greve de setembro foi do tamanho que deveria ser e teve a duração possível, talvez até necessária. Há um certo peso, um certo cacoete, melhor dizendo, de superestimar, nas avaliações antecedentes e depois subestimar, nas aferições posteriores, a dimensão das greves.

JB — Seriam 23 greves diferentes?

Pazzianotto — Para se chegar a tanto seria necessário um estado maior unificado com uma estratégia e um plano bem montados. Parece que isso não existiu. Entretanto, não vamos desvalorizar o movimento: foi uma greve importante. Que se defrontou por outro lado com um setor muito forte, muito organizado, que são os banqueiros.

JB — O senhor atribuiu a dimensão menor desta greve à organização incipiente dos bancários, ou ao esquema de prevenção e repressão articulado contra ela pelo governo? O pronunciamento do ministro Paulo Brossard, por exemplo, em cadeia de televisão, ajudou a reduzi-la?

Pazzianotto — O pronunciamento do ministro certamente contribuiu para refrigerar um pouco os ânimos e é preciso lembrar também que a pauta de reivindicações, numerosa como de hábito, foi em grande parte atendida. Entretanto, os objetivos colocados pelos bancários, na parte econômica desta pauta — no seu item mais importante, ou seja, aquele que se refere a aumento real — eram incalcançáveis. De fato, 26,5% de aumento real era demais e eu acredito que isso também contribuiu bastante para que o movimento não ganhasse a expressão que se esperava.

JB — O que o senhor está dizendo é que a própria categoria não considerava factível esse reajuste e por isso não se mobilizou tanto?

Pazzianotto — Considero muito difícil o trabalhador, especialmente o de banco, cuja ferramenta de trabalho é o dinheiro, não compreender que 26,5% de aumento real, hoje, dada as circunstâncias, é um objetivo excessivamente ambicioso e até pretencioso. Se isto fosse pedido numa economia de inflação acelerada, não haveria dúvida de que os bancários obteriam o reajuste. Ora, quando as pessoas sabem que marcham para uma campanha cujos resultados não podem ser aqueles que teoricamente buscam, partem com menor força. Depois, há um outro detalhe, que é o fato de a Justiça do Trabalho ter julgado os dissídios mais ou menos rapidamente. Em São Paulo foi assim, onde, aliás, os resultados foram considerados satisfatórios pelos trabalhadores.

JB — Mas justamente em São Paulo a assembléia reunida na noite de quinta-feira, na Praça da Sé, decidiu continuar a greve.

Pazzianotto — O que causa uma certa perplexidade. Primeiro, porque a diretoria do sindicato não tinha esta posição e o comando nacional propunha a suspensão da greve e, em segundo lugar, porque os resultados foram considerados satisfatórios pelos bancários e insatisfatórios pelos empresários. Então, qual o objetivo desta continuidade?

JB — O senhor concluiu que outros interesses, além dos salariais, moveram a decisão da continuidade? Interesses eleitorais, de lideranças que se candidataram à Constituinte, por exemplo.

Pazzianotto — Eu prefiro me ater às reivindicações econômicas da greve. E devo dizer que os bancários têm salários baixos. O que se observa no setor e, em razão disso, é uma desprofissionalização.

JB — Como assim?

Pazzianotto — Os funcionários hoje raramente ingressam no banco para permanecer ou para fazer carreira, porque não existe estímulo salarial, nem estímulo de ascensão de carreira. Isso os torna alheios aos interesses da instituição. Os banqueiros cometeram um erro grave, adotando uma política de recursos humanos que não visa à formação profissional e à estabilidade da mão-de-obra. E, diante disso, ocorre que dentro de um movimento como este, como o do ano passado, ao bancário torna-se indiferente ficar ou sair do banco onde trabalha. Daí porque o nível de adesão ao movimento grevista não é de estranhar. Quando observo que os salários dos bancários são baixos, quero aproveitar para lembrar a insistência da categoria quanto aos pisos salariais. Numa cidade como São Paulo, um salário de Cz$ 2 mil, que é o piso do pessoal de portaria, realmente não é de fazer inveja. O mesmo vale com relação aos Cz$ 2 mil 500 para escriturários e tesoureiros e a Cz$ 3 mil para de cargos mais elevados.

JB — Reconhecendo isto e, ao mesmo tempo, considerando que um reajuste de 26,5% não é factível, na sua avaliação, que percentual de reposição os bancários deveriam ter pedido?

Pazzianotto — Eu não sei. Mas numa economia que pretende ser estável, os aumentos reais de salários efetivamente não se dão aos saltos. E é aqui que muitas vezes as direções sindicais cometem alguns equívocos. Elas confiam demais na negociação coletiva, por isso colocam toda a sua força sobre isto. Aumentos de salários, contudo, decorrem de três fatores. Primeiro de tudo, dependem do crescimento real da economia, com uma ampliação do mercado de trabalho, capaz de determinar que o aumento maior da procura beneficie o trabalhador. Segundo: aumentos salariais resultam da negociação coletiva. Mas aqui os limites, de certa maneira, são restritos, porque a negociação se refere a grandes conjuntos. E terceiro, os aumentos se dão também no plano individual, em virtude da expansão do mercado, da qualificação e da ascensão profissional do trabalhador. Hoje, nós temos as três coisas funcionando simultaneamente: o mercado, as negociações e as promoções. No entanto, a categoria está muito fixada nas negociações e coloca uma pretensão desta ordem — os 26,5% — para bancos privados e estatais, grandes, médio e pequenos. Indistintamente.

JB — O presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, teria dito que a reposição de 26,5% seria mais facilmente obtida logo depois da implantação do Plano Cruzado, quando só bancos ainda não tinham sofrido perdas de rentabilidade. Como o senhor avalia isto?

Pazzianotto — Não avalio. E eu acredito na reposição gradativa, que será feita com os lucros que virão e não com os lucros passados, que já foram realizados. Eu não quero exonerar das suas responsabilidades os banqueiros. Considero que eles foram insaciáveis, no passado recente. Continuam sendo muito duros, no presente, mas também não é por isso que as campanhas salariais devem deixar de ser bem estruturadas. Até porque, ainda que dirigidas aos bancos privados, em grande parte elas se refletem nos bancos estatais. E os bancos estatais, que têm uma finalidade social muito pronunciada, não têm recursos inesgotáveis.

JB — Em relação a esta greve, parece que o presidente Sarney definiu os papéis que alguns ministros teriam que cumprir. Paulo Brossard se encarregaria de fazer cumprir a lei de modo inflexível e o senhor seria o negociador, encarregado de conduzir as coisas a bom termo. Como o senhor se desincumbiu desta tarefa, a partir do momento em que os sindicalistas lhe apresentaram uma proposta para a suspensão do movimento?

Pazzianotto — Não houve nenhuma mudança no governo, quanto a papéis e esferas de competência. Mais que qualquer outro, o ministro Brossard é o guardião da lei. Todos nós, de certo modo, somos; ele é o executor e governo algum prescinde de um ministro da Justiça com essa disposição firme de fazer cumprir a lei. E eu tenho sido, tenho procurado ser, o canal de comunicação entre os lados que se defrontam nos movimentos trabalhistas. Quando os dois bancários me procuraram, na quinta-feira (José Sampaio Lacerda Júnior, presidente do Sindicato de Brasília, e Carlos Augusto Vidoti, diretor do Sindicato de São Paulo), tomei como primeira providência ouvir o ministro da Fazenda e o presidente do Banco do Brasil. Neste governo, ninguém tem vocação retaliatória, daí a disposição de ouvir as propostas. Agora, toda greve por outro lado é um investimento.

JB — Como um investimento?

Pazzianotto — Uma greve implica riscos: pode-se ganhar, empatar ou perder. É impossível se cogitar da realização de uma operação da envergadura da greve dos bancários, com risco zero. A posição do governo, quando os sindicalistas propuseram a suspensão da greve, em troca da reabertura de negociações e do pagamento do dia parado, foi essa: vamos esperar o desfecho da greve, formar uma visão bem nítida do que aconteceu, do que está acontecendo e ainda pode acontecer e só a partir daí voltar a este assunto. Isto não significa que entre o Banco do Brasil e os seus funcionários, os sindicatos, a Confederação, através do Wilson Moura, ficam interrompidos os canais de comunicação.

JB — O ministro Dilson Funaro considerou um desastre a concessão de 100% de aumento para o pagamento de horas extras. E o senhor?

Pazzianotto — Vou lhe contar uma coisa. A supertaxação das horas extras foi imaginada por um certo advogado trabalhista de São Paulo, como uma forma de evitar sua utilização abusiva. Esse advogado se bateu durante muitos anos para que a jurisprudência neste sentido se alterasse.

JB — Esse advogado era o senhor?

Pazzianotto — Esse dado não tem a menor importância para a reportagem. O importante é saber que a supertaxação das horas extras foi imaginada como uma fórmula para evitá-las. A hora extra deve ser usada de acordo com o espírito da lei, em caráter excepcional. Por que ela se chama extraordinária? Porque não pode ser ordinariamente trabalhada, comumente trabalhada.

JB — Como o senhor avalia o saldo da greve para os bancários? E que perspectiva traça para outras greves, este ano?

Pazzianotto — Seria pretensiosa uma avaliação definitiva agora, mas acredito que a fase mais difícil para bancários, banqueiros e governo foi superada, me reservo o direito de fazer uma avaliação melhor mais para frente. Agora, as perspectivas: nós sabemos que novembro, em geral, é um mês quente — até porque é a entrada do verão. Mas, num país democrático, negociação coletiva é um acontecimento absolutamente normal. E ela pode sempre chegar a um impasse e desembocar na greve. Eu quero registrar através do jornal que o governo não tem preocupação alguma com greves trabalhistas. Encara-se como um fato rigorosamente normal na vida do país. O que evidentemente traz prejuízos ao governo é se determinadas pessoas passam a articular greves contra o programa de estabilização.

JB — O senhor acha que foi isso que aconteceu com a última greve?

Pazzianotto — Não acho nada, estou apenas falando dos movimentos que virão. O governo não pode e não vai admitir que se articule contra um regime democrático, ou contra o desenvolvimento, fruto de uma economia estabilizada. O que termina se transformando numa articulação contra a própria classe trabalhadora, que precisa, depende e exige uma economia estável. É aos interesses dos trabalhadores que a inflação não atende.

JB — Se o governo encara as greves como absolutamente normais, porque o esquema preventivo envolvendo polícias militares, polícia federal e até Exército na greve da última semana? Este aparato todo não mostra exatamente o contrário?

Pazzianotto — O governo tem realmente amplos poderes. Este é um ponto, e outro: o que diziam as manchetes dos jornais? Que estava em articulação um amplo movimento de 2 ou 3 milhões de trabalhadores. É normal, diante disso, que o presidente acione os seus auxiliares, inclusive para ler as manchetes. Mas a preocupação nem foi tão profunda assim, porque o presidente viajou normalmente para os Estados Unidos, levou os ministros mais importantes da área econômica e apenas ao sair, disse: "Olha, cuidem bem do país para eu encontrá-lo tal como o deixei". E foi apenas isso o que fizemos. O que o governo fez — e eu nunca ouvi falar que colocou tropa do exército de prontidão — foi dizer: vamos prestar atenção para ver se tem alguma coisa aí que pode acontecer. Até para depois não sermos acusados de omissos.

JB — O senhor não acha que, com a taxa de democracia e o nível de desenvolvimento que o país já tem, não é hora de sepultar de vez a autoritária lei de greve em vigor?

Pazzianotto — É esta a cobrança que eu faço ao Congresso Nacional. E aproveito para dizer que está prestes a ser concluído, pelo Ministério do Trabalho, um projeto de lei de participação dos trabalhadores no lucro das empresas. É a primeira tentativa prática, mais consistente, de um direito previsto na Constituição de 1946.

JB — O senhor pode adiantar as linhas gerais do projeto?

Pazzianotto — A concessão de participação nos resultados operacionais deve ser feita sem que sobre esta parcela incidam encargos sociais. E, além disso, os empregadores ficam à vontade para negociar, sabendo que essa negociação só será possível nos anos em que registrarem resultados favoráveis. A Justiça do Trabalho não terá poder de interferência nesta questão. Além disso, a participação não se incorporará ao salário, à remuneração regular do trabalhador. Com isso, estamos tentando exaltar o processo de negociação e valorizar os sindicatos mais aptos. É um estímulo à competência.

O mundo "mágico" das liquidações extra-judiciais

Das mais de 200 liquidações extrajudiciais de instituições financeiras decretadas até hoje pelo Banco Central, 41 (envolvendo 121 empresas) continuam empacadas na justiça ou nos gabinetes do banco e não têm desfecho previsível. Uma delas — o caso Lume — perambula neste labirinto há 11 anos. Neste tempo todo, nenhum dos empresários falidos foi parar na cadeia, dois funcionários do Banco Central foram demitidos e indiciados e uma legião de "intermediários" enriqueceu e continua enriquecendo.

Alguns destes intermediários são as grandes estrelas das 28 fitas que Assis Paim Cunha entregou à justiça e que o JORNAL DO BRASIL reproduziu na sua edição de domingo passado. Com amigos influentes, estrategicamente bem colocados dentro do governo, são eles que desempatam pendengas deixando à sombra seus clientes.

Diretor de Fisc lização do Banco Central, José Tupy Caldas de Moura lida diariamente com dezenas destes intermediários. Em 1979, tratando da liquidação da financeira paulista Creditum, um caso que sete anos depois continua onde sempre esteve, Tupy Caldas conversou diversas vezes com Maurício Cibulares, um intermediário que é o campeão da clientela dos falidos. Mal conheceu Jorge Kalil, principal acionista da Creditum.

Certamente por esta razão Tupy Caldas desponta na "fitalhada" de Assis Paim. Aparece num único telefonema, citado por Cibulares numa conversa enigmática com Álvaro Armando Leal, sucedâneo paulista de Cibulares que gozava da intimidade de Flávio Pécora, secretário-geral da Secretaria de Planejamento no governo Figueiredo. A conversa deixa no ar um caso de propina:

Cibulares — Você conseguiu o milagre de parar a operação e, até onde eu sei, com o jabaculê já pago.

Leal — Vão ter que devolver tudo.

Cibulares — Tupy (Caldas) me disse que o Kunta-Kim-Te (alcunha dada a partir do seriado de TV **Raízes** presumivelmente a José Paes Rangel) quase morreu.

Leal — Ele vai morrer quando souber quem é.

Cibulares — Tupy me disse que ele quase morreu. "Mas como?" Aí eu disse: "Você não disse que não tinha nenhum compromisso irreversível com ninguém, nem podia ter."

Leal — Ele está bravo porque perdeu o PF (de **Por Fora**, a propina).

Confusão

"Acho este diálogo indecifrável", reage Tupy Caldas. Ele supõe que a operação que foi travada teria sido a da Creditum, a única sobre a qual conversava com Cibulares. "Se já pagou o jabaculê, como é que o outro (a pessoa a que se referem) não vai receber. O diálogo é todo louco, não tem nenhuma coerência", alega.

Nesta conversa, Tupy Caldas acha que não é possível nem inferir que ele era, no mínimo, testemunha de um caso de propina."Isso não tem cabimento. Não tenho a menor idéia de quem é **Kunta-Kim-Te**. Acho impossível que seja o José Paes Rangel. Ele é louro, alto e magro, e o personagem do tal seriado é negro. Além disso, Rangel era de outra área do Banco. Não participou em nada do caso Creditum e eu não tinha nenhuma razão para conversar com ele sobre o caso", explica sem desvendar o mistério.

Tupy Caldas lembra apenas que o caso Creditum é de fato confuso e devolve a farpa para Assis Paim. Lembra que em 1981 Paim queria comprar a Creditum assumindo todo o passivo e ficando dono do ativo. "A proposta era formal e dentro do procedimento normal foram dados pareceres. A coisa, porém, parou e talvez por isso Cibulares tenha dito a Leal que ele havia conseguido parar a operação. Mas dois anos depois, em 1983, as negociações continuavam tanto que há um documento da Coroa (financeira de Assis Paim) endereçado ao Banco Central só então dizendo que os entendimentos tinham sido inócuos."

Segundo Tupy Caldas, isso aconteceu no dia 8 de março de 1983, e Assis Paim pedia mais prazo para negociar, o que foi indeferido. Menos de três meses depois, a Coroa explodia. Contando o caso, Tupy Caldas quer mostrar que Assis Paim ainda se dispunha a engolir o passivo da Creditum às vésperas da quebra quando já estava inundando o mercado com letras de câmbio frias da Coroa. Se ele estava atolado porque o governo lhe enfiara goela abaixo a Corretora Laureano e seu cacho de dívidas, por que se dispunha a comprar a Creditum?

É claro que se trata de uma conversa de terceiros — Cibulares e Leal — que nem sempre merecem fé. Mas é verdade que Cibulares conta a Leal que teria ouvido de Tupy Caldas a história de alguém que "quase morreu" porque teria que devolver um **jabaculê** já pago. Tupy Caldas acha a hipótese absurda por acreditar que o **jabaculê** em jogo era mais provavelmente da contabilidade dos intermediários e seus clientes e restrita a este circuito.

Na sua longa experiência na área de fiscalização, Tupy Caldas diz que já ouviu muitas histórias de **por fora**, envolvendo os intermediários e seus clientes. "É o famoso caixa dois", diz. Ele exemplifica didaticamente: consta do ativo de uma empresa um edifício. Para saldar suas dívidas, ela quer se desfazer do edifício. Vende-se por 100, mas registra a venda por 80 e escorre para o caixa dois os outros 20.

Segundo o diretor do Banco Central, operações deste gênero são difíceis de pilhar, da mesma maneira que é difícil entender por que as liquidações estão tão povoados de intermediários."Existe um temor injustificado de muitas pessoas de virem ao Banco Central. Isso cria um espaço para o intermediário que acaba negociando até o acesso que ele tem ao Banco Central."

Certamente as razões para a existência de tantos intermediários podem ser encontrados em outras frentes. A teia de leis que rege as liquidações é complexa e variou nos últimos anos ao sabor de cada governo. No longo período em que é feita a liquidação corrigia-se o ativo com correção monetária e o passivo ficava intacto, medido pelo preço da época da liquidação, e interessava a empresários falidos e seu exército de intermediários que o caso se prolongasse indefinidamente. As chances de sair de uma liquidação mais rico do que antes eram muito grandes e o prontuário das liquidações está cheio destes exemplos nada edificantes.

Além disso, os intermediários eram o símbolo de um vício secular. Nada como um pistolão para desobstruir caminhos e facilitar as coisas. Numa das fitas que Assis Paim entregou à justiça, Maurício Cibulares gaba-se de falar com Herman Wey (diretor de mercado de capitais do Banco Central alvejado pelo caso Coroa) 12 vezes por dia. Tupy Caldas conta que Cibulares não fazia economia nas citações ao general Golbery do Couto e Silva nas muitas conversas que tiveram. "O intermediário sempre diz que o acesso é difícil mas que eles tem no governo um amigo", conta.

Outra dupla de intermediários — Gabriel Richaid e Ciro Cury — também debita nas gravações sua desenvoltura para circular em gabinetes oficiais às amizades com Golbery, Flávio Pécora e Dilfom Neto. Cibulares também relata conversas diárias com o então ministro da Fazenda Ernane Galveas, de quem se diz amigo há muitos anos desde que sua biografia de oficial do Exército e diretor da extinta Cofap (antecessora da Sunab) enveredou pelo mercado financeiro.

Mas finalmente vem a lentidão da justiça. Apesar do que a expressão aparenta, a liquidação extrajudicial está muito longe de significar para o mercado financeiro o que o AI-5 foi para o resto do país. Extrajudicial não significa a exclusão da justiça como parece à primeira vista. Prescinde-se da justiça apenas para o ato de liquidar mas, feita a liquidação, os acionistas das empresas têm direito a recorrer à justiça sempre que consideram seus interesses lesados.

Liturgia

Nesta liturgia judicial transitam processos obesos como o do Lume, grupo financeiro liderado por Lynaldo Uchoa de Medeiros e nela continuam enredadas as 40 outras liquidações sem solução à vista. Tupy Caldas culpa esta morosidade pelo invariável rastro de impunidade que escândalos financeiros deixam em sua volta. Segundo ele, quase sempre o Banco Central, terminada a apuração da liquidação, envia ao ministério público os indícios de "ilícitos penais" que colheu nas apurações.

Dentro do Banco Central conhece apenas um caso que envolveu a participação de um funcionário. Trata-se da financeira Ideal de São Paulo que por volta de 1978 sofreu liquidação. O liquidante, Hamilton Biancardini de Tarquino, que não era funcionário do Banco Central, praticou uma trapaça elementar. Como liquidante deu preferência primeiro às pessoas físicas detentoras de letras de câmbio da Ideal. Com os recursos que apurava liquidava estes débitos.

Através de notas de venda falsas muitas empresas (pessoas jurídicas) transformaram-se em pessoas físicas para fazer jus ao pagamento. "Esses pagamentos foram feitos com a cumplicidade do liquidante", conta Tupy Caldas. O total dos créditos era na ocasião de Cz$ 1 bilhão 700 milhões. Um funcionário do Banco Central, assistente do liquidante, de sobrenome Chaves fazia parte da manobra. Foi apenas demitido como Deli Borges, o complacente fiscal que não percebeu que a Coroa estava para explodir e inundara o mercado de letras de câmbio frias.

Foram constatadas irregularidades na Ideal mas até hoje nada pesou na Justiça contra Salim Chamma e seus filhos, donos da financeira."O Banco Central não é autor de nenhuma ação na Justiça. Ele constata o crime e comunica ao ministério público", insiste Tupy Caldas.

Arquivo

O diretor de fiscalização do Banco Central, Tupy Caldas, espera que a nova legislação consiga dar fim à "indústria" das liquidações extrajudiciais.

Um escândalo dentro do escândalo

Fátima Turci

Entre as 20 maiores instituições financeiras do país, o Sul Brasileiro passou, no ano passado, para a lista de mais um escândalo financeiro, com um rombo de quase Cr$ 40 bilhões. Apuradas irregularidades, envolvendo também uma das maiores construtoras do país, o grupo Edel, o processo parecia ter um desfecho favorável ao principal credor da massa falida, o BNH. No mês passado, porém, foi firmado um acordo, fora dos autos do processo, e, como "as partes chegaram a uma composição amigável", o próprio processo foi extinto. Com isso, não só os ex-administradores, julgados culpados em inquéritos internos do BNH e do Banco Central, ficam totalmente imunes, como os credores receberão apenas uma insignificante parcela da dívida, já que somente uma das três empresas do grupo Edel — a Comasa — assumiu o débito.

Dentro do escândalo financeiro desponta um outro escândalo ainda maior. Agora estão envolvidos desde parlamentares até o diretor de fiscalização do Banco Central, José Tupy Caldas de Moura. Ele é apontado como responsável pelo afastamento do liquidante e do advogado do Sul Brasileiro, que estavam contra o acerto. Por "ordens superiores", no entanto, todas as acusações foram extintas junto com o fim da ação. Os cofres públicos um pouco mais esvaziados, mas ninguém responsabilizado.

A assinatura do acordo entre o Sul Brasileiro e o grupo Edel de São Paulo no último dia 10 de de agosto, fora dos autos e com o pedido de desistência do processo, não encerra a verdadeira novela policial de mais este escândalo financeiro "neste infeliz país onde o direito" fica relegado a segundo plano "diante de uma invensível influência política", segundo recente depoimento do advogado Walter do Amaral, na CPI do Sistema Bancário.

O primeiro capítulo, em sete de fevereiro de 1985, começa com a liquidação extrajudicial da Sul Brasileiro SP Crédito Imobiliário S.A. Como inspetor do Banco Nacional de Habitação, Lucas Pirajá de Oliveira Rosa é designado pelo Banco Central para liquidante. Ao assumir, recebe carta do grupo Edel, informando ter um negócio fiduciário com o Sul Brasileiro, ou seja, que administrava seus bens.

Num **feedback**, a história retrocede cinco anos, quando a Edel compra a falida Comasa — Construtora Comercial e Industrial — que pertencia ao Sul Brasileiro. Pirajá apura a primeira irregularidade: o banco estava financiando a venda de uma empresa (falida) coligada. Com o financiamento, a Edel concluiria três empreendimentos (Edel Trade Center, Louvre et Versailles, Place Vendome) e, ainda em 1980, obteve empréstimo para construção do São Paulo Suite Service.

A partir da absorção da Comasa o grupo Edel (Edel Empresa de Engenharia, Edel Engenharia e Incorporações) começou a receber os financiamentos, mas Pirajá verificou que haviam liberações indevidas, ou superiores às necessidades para a construção. Além disso, o grupo começou a vender os empreendimentos fora do sistema de habitação, ou seja, o interessado comprava sem a anuência da Sul Brasileiro por instrumentos particulares não levados ao registro de imóveis.

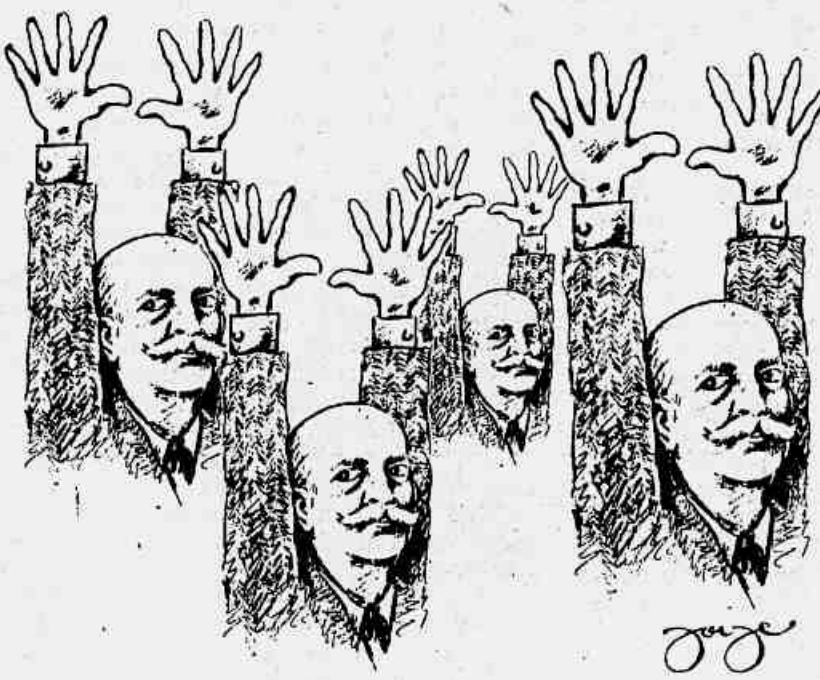
— Portanto, a Edel não pagava à Sul Brasileiro na medida em que vendia e recebia — concluiu o liquidante ao constatar que, em fevereiro de 1985, a Edel tinha garantias que representavam apenas 30% do seu débito. A dívida era de 2.246.238,8 UPC para garantias de 654.383,9 UPC, resultando em insuficiência de 1.591.854,9 UPC.

Em depoimento na CPI, em 8 de outubro de 1985, Lucas Pirajá apontou o desvio de recursos do sistema para empresas ligadas a Arnaldo Gueller, o principal controlador do Sul Brasileiro, a liberação de hipotecas sem repasse dos créditos, o recimento de imóveis em pagamento com dívidas superiores, pagamento de rendimento de poupança acima do SFH, prorrogação da dívida sem garantias adicionais, resultando num déficit, na liquidação, de 283 bilhões de cruzeiros (valores de 1985). "Como o ânimo era fraudar o patrimônio da Sul Brasileiro foram inseridas cláusulas contratuais mediante as quais as execuções de empresários far-se-iam de acordo com a lei Buzaid, de uso específico para mutuários, que apenas as garantias hipotecárias responderiam pelo débito, ficando o executado exonerado da obrigação de pagar o restante da dívida".

O liquidante acusou o conclúio entre a Edel/Comasa, dirigidas por Hélio da Conceição Fernandes Costa, Flávio Lúcio Scaf e Ruy França Neto, responsável por 14% da dívida total do Sul Brasileiro, sendo cerca de 70% sem garantias, mas que se declarava credor não devedor, devido ao negócio fiduciário. Pirajá e o próprio BNH enviaram relatório ao diretor da área de fiscalização do BC, José Tupy Caldas de Moura. A resposta foi o silêncio.

Entra em cena o poder legislativo. Cópias do depoimento na CPI, presidida por Paulo Mincarone, começam a ser distribuídas entre os empresários da construção civil, enquanto o advogado Walter do Amaral, contratado pelo liquidante da Sul Brasileiro, impetra medida cautelar de protesto contra a alienação de bens da Edel, que estava vendendo seus bens a terceiros em vez de saldar as dívidas.

"Lobby" político

Segundo o próprio deputado Paulo Mincarone, a Edel conseguiu montar um forte **lobby** do PMDB do Rio Grande do Sul para derrubar o liquidante. Com a assinatura de Siegfried Heuser (já falecido) como coordenador da bancada gaúcha do PMDB, no dia 4 de dezembro de 1985, foi endereçada carta ao presidente do BC e vários ministros acusando Pirajá de tornar público o relatório do BC, — inquérito administrativo que acaba concluindo "atos lesinos dos ex-administradores" — de abuso de autoridade, de contratação de advogado, de alugar imóveis, de não estar cobrando, de não reconhecer contratos anteriores, não aceitar negociação e criticar as gestões parlamentares. Numa interpelação ao Supremo Tribunal Federal, nove dos onze parlamentares responderam não ter conhecimento do teor da carta, exceto seu signatário e o deputado Jorge Uequed, que já havia telefonado duas vezes a Pirajá pedindo a liberação das garantias a favor da Edel.

— Fui testemunha de que o diretor de fiscalização do BC, José Tupy Caldas de Moura, e o chefe do Depad — Departamento de Controle de Processos Administrativos de Regimes Especiais — Francisco Flávio Sales Barbosa, queixaram-se a Lucas Pirajá e a mim de que o BC vinha sendo pressionado politicamente pelo deputado Jorge Uequed e pelo vereador Werner Becker, de Porto Alegre, para retirar processo conta a Edel — relatou Walter do Amaral na CPI.

Mincarone e um alto funcionário do Banco Central confirmam essas pressões, inclusive em uma reunião entre os parlamentares, representantes da Edel na sala do próprio diretor de fiscalização, Tupy Caldas, que solicitou uma solução para o caso. A única solução coube ao departamento jurídico do órgão, que se manifestou contra a existência do tal "negócio judiciário", ou seja, a Edel não era credora e sim devedora do Sul Brasileiro. Não só o parecer foi descartado — e o assunto ficou diretamente nas mãos de Caldas — como o chefe do Departamento Flávio Ramos foi destituído.

Coincidência ou não, esse mesmo personagem vetou o nome de Saulo Ramos como advogado no caso Comind, com base no caso Ideal Financeira, de desvio de 490 milhões de cruzeiros, onde houve uma notificação ao Ministério Público contra Saulo por "falsidade na habilitão de crédito". O processo foi arquivado como outros posteriores.

Além da atuação dos parlamentares, o grupo Edel criou uma Associação das Empresas Financiadas pelos grupos Habitasul e Sul Brasileiro, com o objetivo de acabar com as liquidações ou obter o perdão das dívidas, que também enviou carta às autoridades, no mesmo teor da bancada do PMDB, acusando o liquidante da Sul Brasileiro de irregularidades.

Ao mesmo tempo, surgiam artigos em jornais denunciando a máfia das liquidações e aí Lucas Pirajá encontra um velho inimigo, Ronald Levinsohn, que o acusa de ter sido afastado na liquidação de suas empresas. "Estive na Delfin Crédito Imobiliário, de São Paulo, na condição de relator da Comissão de Inquérito do Banco Central, fato que ele omite por ser de seu interesse." Da defesa, Pirajá parte ao ataque, afirmando que Levinsohn mente quando nega ser proprietário da União das Construtoras S.A., pois ela era controlada pela empresa APX — Participações e Empreendimentos que, por sua vez, pertencia às empresas Mercator Investiment Company Ltd, com sede nas Bahamas (99,9% do capital) e Mercator Administração e Serviços. A administração da APX era partilhada entre Paulo Eduardo Carneiro Ribeiro e Analice Azevedo Espínola, diretor e acionista da Delfim S.A.

Levinsohn/Delfim acabam se ligando ao consultor geral da República, pois Saulo Ramos advogou para a União das Construtoras, conforme cópia em poder da CPI do Sistema Financeiro de uma procuraçao do controlador da Delfim para o advogado Saulo Ramos.

Diante das infindáveis pressões, o ministro do Desenvolvimento Urbano, Flávio Peixoto, solicitou ao presidente do BNH, José Maria do Aragão a substituição dos liquidantes da Sul Brasileiro. O BNH remete ao BC dizendo que não lhe competia exonerar mas, à sua revelia, a decisão foi tomada. Em março deste ano, Pirajá é afastado. Nem por isso se cala.

Em carta ao deputado Mincarone, de 25 de junho último, acusa Tupy Caldas de mentir quanto a sua substituição, de promover "acordos danosos ao erário público em proveito de grupo empresarial inidôneo" e lamenta a sua permanência na diretoria do BC. Com a mesma ênfase, em seu depoimento de 13 de maio deste ano, na CPI, acusa a "flagrante adesão de Sérgio Paulo e José Tupy Caldas aos interesses do grupo Edel".

O novo personagem em cena: Sérgio Paulo Teixeira de Oliveira, liquidante nomeado pelo BC, é, no mínimo, suspeito, segundo depoimento de 19 de março na CPI do 4º curador de massas falidas do Ministério Público, Edson Edimir Velho. No dia em que a 10ª Vara Cível decidiu o protesto contra alienação de bens da Comasa e outros, o novo liquidante ingressa com petição "tendo em vista a possibilidade de se concluir um acordo entre as partes", requerendo a sustação da expedição e publicação dos editais. No dia anterior, diz o processo, o ex-liquidante "tinha caído ou sido derrubado", porque desde que "começou a incomodar, nuvens negras surgiram".

O novo liquidante, conforme afirmou em petição, não tinha tomado ciência do caso, mas, prossegue o curador, falou em acordo no dia que assumiu. "Este para ser ultimado, precisaria ter começado e, pelo que se vislumbra, seu início fulminante". O curador constata "com clareza que a situação começou a mudar, girando 180 graus". No dia 14 de março firma-se o acordo e o curador conclui: "Coitado dos credores. Que belo Negócio".

Devido a "condutas delituosas" existentes e apontadas pela comissão de inquérito do BC, o Ministério Público do Estado de São Paulo já havia ajuizado medida cautelar de arresto, ação ordinária de responsabilidade contra os ex-administradores da Sul Brasileiro e ainda requisitou instauração de inquérito policial.

A análise preliminar do acordo demonstrou, segundo o curador, que o novo liquidante, que "tacitamente renunciou, direitos da massa, tem interesses contrários devendo ser destituído pelo presidente do BC que não deve estar sabendo o que ocorre no caso Sul Brasileiro".

Belo Negócio

Das três empresas da medida cautelar só a Comasa assumiu a dívida, dizendo que pagará em 240 dias, mas sem especificar se em cruzado, UPC ou OTN. A própria Comasa admite insuficiência de garantia; mas diversas unidades foram negociadas fora do sistema e o curador indaga se ela tem outros bens para cobrir a dívida. "O novo liquidante muda de rumo e aceita todos os termos da Edel. Enquanto o BC posicionou-se contra o tal negócio fiduciário, o novo liquidante concorda". A cláusula cinco diz que se o acordo não for para os autos, a proposta será homologada prevalecendo como "coisa julgada" as três primeiras cláusulas. "É muita ousadia", diz o curador, pois como ficariam os detalhes operacionais e as garantias suplementares? A última cláusula, ainda segundo Edimir Velho, só pode ter saído do "cérebro privilegiado" porque diz que caberia à Justiça decidir a co-responsabilidade das demais empresas. Mas como o Sul Brasileiro faz acordo só com a Comasa "engolindo, não sei de que forma a tese da Edel, no futuro qual o louco que vai reconhecer a co-responsabilidade?" O acordo mais "parece contrato de adesão. Foi feito pela parte que pretende se beneficiar, enquanto a outra, a liquidanda, apenas aderiu sem choro nem vela". A curadoria tenta evitar o acordo de "cláusulas dúbias, vagas, imprecisas que prejudicará os credores".

Na verdade, segundo carta do liquidante ao advogado Walter do Amaral, de 18 de março, o acordo seguia "instruções superiores", mostrando que foi "urdido intra muros do BC ou na diretoria de fiscalização ou no Departamento de Controle de Processos". Durante esse depoimento na CPI, o presidente da Comissão, Paulo Mincarone, interrompeu a declaração para indagar do liquidante de quem eram as ordens superiores, e ele apontou o Francisco Salles Barbosa e Tupy Caldas. Mais uma vez, segundo Amaral, demitido do BNDES após apuração das fraudes que culminaram com a decretação do confisco dos bens do grupo Lutfalla, o "tráfico de influência política prevaleceu sobre a moralidade administrativa" com prejuízos sobre o patrimônio público.

Prejuízo geral à parte, no mês passado, o acordo foi feito e os envolvidos requereram a desistência da medida cautelar e do processo, uma vez efetuada "composição amigável". O curador pediu para que o acordo fosse juntado aos autos e recebeu cópia no último dia 28, exatamente no dia em que sobre sua mesa, do 16º andar, do Fórum João Mendes em São Paulo, eram empilhados mais dossiês sobre o novo escândalo Comind/Auxiliar. No prazo de 30 dias, o curador de massa falida ainda pode recorrer. O processo terminou. Mas alguém pode tentar anular o acordo.

O acordo poderia ser facilmente anulado se o BNH, em vez do mero pedido para revisá-lo, já que anteriormente havia solicitado fazer parte como assistente, tivesse entrado com uma ação contra o liquidante, com base no artigo 33 da Lei 6024, segundo Amaral. O liquidante deve responder civil e criminalmente por seus atos e se o BNH entrasse com essa ação e o liquidante alegasse responsabilidade do Banco Central, ocorreria o fato único na história judicial de o BNH responsabilizar o BC.

De qualquer forma, pelo fato de o BNH adotar a posição de inconformidade, considerando o acordo prejudicial e lesivo, qualquer cidadão brasileiro pode ainda entrar com uma ação popular de lesão do patrimônio público, na opinião de Amaral.

Rio só produz 5% dos ovos que consome

Atenéia Feijó

A falta de proteína animal na alimentação dos cariocas está chegando a um ponto crítico. Os ovos somem como por encanto sem frigirem na mais leve refeição improvisada. Afinal, com a falta de carne bovina e a escassez do frango, nem a entrada de 920 mil a um milhão de dúzias de ovos por dia (exceto aos domingos) no Rio de Janeiro, pela CEASA, é suficiente para a demanda alucinada.

Na melhor das hipóteses esse volume de ovos corresponderia a uma unidade para cada habitante carioca. Sem considerar as indústrias de massas, padarias, confeitarias, restaurantes e casas especializadas em doces e salgados.

Para agravar a situação, o Estado do Rio produz apenas 5% dos ovos que consome, principalmente em Petrópolis e São José do Rio Preto. O grosso vem de São Paulo e alguma coisa do Sul de Minas.

— Não dá. Desde fevereiro o fornecimento de ovos aumentou. A demanda está insuportável. Além do problema da carne, os ovos foram tabelados 25% mais baratos do que eram comercializados. Então, tornou-se a opção de valor protéico de origem animal mais econômica na praça. O que aparece some imediatamente. É inevitável. Daí os cambistas.

Quem garante essa versão é o presidente da Associação Fluminense de Avicultura, Dario Antônio de Castro. O fato se confirma no interior do estado, onde o produto era encontrado com facilidade. Não se acha mais. O mesmo começa a acontecer com os frangos — cada vez mais difíceis de serem encontrados à venda.

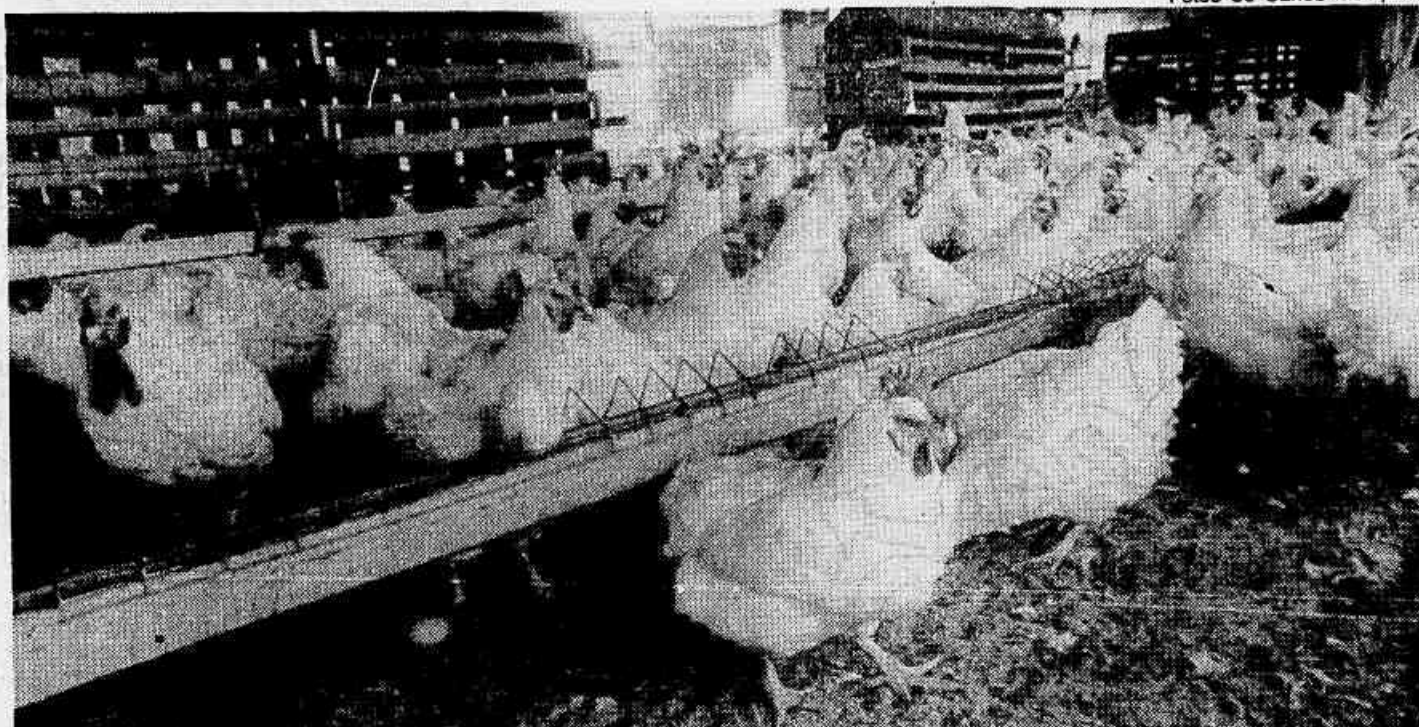
O pescoço subiu

Produtor de 35% dos frangos consumidos por sua população, o Estado do Rio de Janeiro possui um plantel de 10 milhões e 675 mil aves. Seu maior pólo produtor fica na região de Resende, Quatis e Barra Mansa — no sul fluminense. Ou seja, são 2 milhões e 390 mil frangos alvoroçando os galinheiros e os avicultores regionais.

Exatamente em Resende, com cerca de 100 mil habitantes, uma fila inédita toma conta da metade de um quarteirão da parte antiga da cidade: são pessoas aflitas para ser atendidas na lojinha de venda da granja Três Pinheiros. Mesmo com os 70 mil frangos semanais criados por essa empresa, um dos maiores complexos avícolas do Estado, os moradores de Resende têm dificuldade para obter galináceos para a panela do dia-a-dia.

"Não há sonegação do produto", diz Iaci de Carvalho, à frente do negócio. Mesmo porque, se o boi pode ficar mais um ano no pasto, o frango não pode passar de 50 dias no galpão: A partir dessa idade passa a comer muito mais do que converte em carne.

Aos 37 anos, auxiliada pelos dois filhos (de 20 e 21 anos), Iaci comanda o complexo de 15 granjas espalhadas desde a divisa em São Paulo até Itaguaí. Em Floriano, encostado a Resende, ficam o abatedouro e o escritório. De lá informa que a Três Pinheiros passou a concentrar suas vendas para os restaurantes, padarias, hotéis e bares do Rio.

Com o arrocho do ágio na compra da carne bovina, esses estabelecimentos aumentaram sua dependência aos galináceos, transformando-se nos compradores em melhores condições de absorver os frangos mais caros. E, ao contrário do que se imagina, não são em pedaços. Ao ser tabelado em três espécies (extra, especial e cortado) ficou mais vantajosa a venda do frango inteiro para os abatedores. É por um motivo muito simples. O especial, sem miúdos, é vendido a Cz$ 18,00. O extra, com pé, pescoço, fígado, moela e coração, está fixado em Cz$ 15,00. Daí por que só se encontram miúdos nos supermercados. O tradicional "frango recheado" desapareceu.

"Para nós não é vantagem vender frango cortado. Dá mais trabalho e menor lucro. Quem faz isso é o varejista" — afirma Iaci. E aproveita para observar os "absurdos" cometidos pelos "tecnocratas".

— O pescoço era vendido a Cz$ 4,00. Foi tabelado em Cz$ 7,30. O fígado que estava a Cz$ 16,00, passou para Cz$ 7,00. Mais barato que o pescoço...

Para a população regional o absurdo é outro. Desfalcada de carnes, tem de se contentar com algumas migalhas dos 98 mil quilos de frangos abatidos semanalmente no Três Pinheiros, embalados diretamente para o Grande Rio. Uma outra migalha no abastecimento dos consumidores cariocas.

Mas por isso mesmo o clima é de euforia entre os avicultores. Depois de terem passado por uma crise durante três anos consecutivos (o preço do milho em 1983 chegou a aumentar 400%), eles retornam ao mercado. Com 22 anos de existência, a Três Pinheiros manteve-se de pé por honra da firma, embora só conseguisse pagar o 13º salário de 1984 dos seus 400 empregados, em abril do ano passado. Iaci não tem papas na língua.

— Quem ficou com o controle da avicultura no país foram as multinacionais. E a Sadia que teve o milho subsidiado pelo Governo. Nós sobrevivemos **matando cachorro a grito** e da desgraça dos que foram quebrando.

Assim, quando começou a faltar frango, no final de 1985, quem conseguiu resistir obteve preço melhor. A Três Pinheiros, de 40 mil passou a criar 70 mil. Com o Plano Cruzado, baixou de novo a produção. "Era tudo uma incógnita, estávamos escaldados e com medo de qualquer aventura". Só a partir de maio voltaram à produção máxima. E apesar da brecha no mercado, os dez abatedouros do Rio de Janeiro não estavam estruturados para a explosão da demanda.

A parcela dos avicultores fluminenses no abastecimento do Rio é de frango fresco. O consumo maior, entretanto, corresponde ao frango congelado que vem de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo". Com a euforia atual, os grandes criadores tradicionais queixam-se dos que entram no salão na hora da festa. Dos criadores de fundo de quintal, com galinheiros de cinco mil frangos e um só empregado. "Eles só tem a ganhar e entram pagando ágio aos produtores de pintos e ração."

Nesse ponto, Iaci confessa seu "egoísmo" antidemocrático, procurando justificá-lo através dos custos: "O fornecedor não tem condições de me cobrar ágio, mas me tira o desconto da ração, atrasa a entrega dos pintos e vende os que antes eram eliminados".

Um pintinho custa Cz$ 2,42. Um frango durante seu tempo de vida (50 dias) come quatro quilos e meio de ração (a Cz$ 2,40, o quilo). Ou seja, somando-se o preço do pinto à sua alimentação, um frango sai por Cz$ 7,34 o quilo. Acrescentando os gastos com serragem, luz, gás, medicamento, mão-de-obra e transporte, o custo médio acaba em torno de Cz$ 10,00. Pelos cálculos declarados, de uma Iaci enfurecida.

Num outro extremo, a Rocha Klotz, responsável por dois terços da produção de pintos do estado, continua a atender também São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e até o Paraná. Instalados em Resende, à beira da estrada Penedo—Mauá, pai e filho, Orlandino e João Luiz Klotz, se queixam do tabelamento do preço do pintinho de um dia: Cz$ 2,53. (Lembram que seria reajustado em 10 de março). Nem por isso, vão mal. Estão construindo um abatedouro (próximo ao Riocentro) e 15 galpões para frangos de corte a fim de ampliar a produção já existente, com vistas para o abate próprio.

Fornecedora da Três Pinheiros, a Rocha Klotz produz o premix (vitaminas e sais minerais), a ração e os ovos para incubar. Dispõe de um plantel de mais de 220 mil matrizes. Dessa forma, até o final do ano estarão nascendo no incubatório da empresa dois milhões de pintinhos, por mês.

Eles são netos das matrizes (macho e fêmea) importadas, geralmente dos Estados Unidos, pelas granjas reprodutoras no Brasil. As filhas dessas "avós" americanas são adquiridas pelos produtores de pintos a Cz$ 22,00 cada uma, que as criam desde um dia de idade até o início da postura. Ela acontece na vigésima sétima semana, quando se inicia então o ciclo de produção até o final da vida útil da galinha: entre 68 e 70 semanas.

Uma matriz bota em torno de 150 a 160 ovos durante sua vida, que correspondem a 135, 137 pintinhos. Depois de cumprir seus papéis reprodutores, galo e galinha são descartados. Ela chega a pesar três quilos e meio e ele cinco a seis quilos — ao serem abatidos.

Empolgados com a demanda no mercado, os Klotz estão alocando suas matrizes por maior tempo. "Para aumentar o número de pintos deixamos passar além do tempo para o abate, mesmo com um pouco de perda na eficiência" — afirma João Luiz.

João Luiz faz um protesto contra o Governo, por se deixar levar pelo **lobby** dos grandes abatedores do Sul do país. Da primeira para a segunda tabela, foi aumentado o preço do frango congelado e baixado o frango resfriado — o que se comercializa mais no Rio de Janeiro e São Paulo.

— O frango congelado é produzido pelas empresas de porte muito grande. O resfriado, mais ao gosto da população, tem um custo maior porque não tem condições de ser estocado. Além disso, a entrega aos consumidores é em número pequeno (20 a 30 peças), aumentando o custo da comercialização.

Não bastassem esses argumentos para mostrar um "Rio injustiçado" em matéria de frangos, ainda há o fato de o território fluminense não se caracterizar como produtor de milho. "Aqui nos defrontamos com o problema de taxação de ICM para o milho de nossas rações. Os estados produtores do grão isentam os seus avicultores".

Há um outro aspecto lembrado no centro do Rio, por Dario Antônio de Castro — o presidente da Associação Fluminense de Avicultura. Para aumentar o plantel é necessário comprar mais "avós" (matrizes americanas). O primeiro ovo comercial só entraria no mercado daqui a 16 meses e o primeiro frango, daqui a um ano e um mês.

Hoje nascem 109 milhões de pintinhos para frangos de abate, por dia, no Brasil, batendo um recorde absoluto de produção. Para um período normal, com o mercado abastecido de carne bovina, a produção de frangos e ovos atendia razoavelmente o mercado. Se ela aumentar demais agora — alertam os avicultores — quando a situação se normalizar haverá uma sobra exagerada desses produtos.

Fotos de Carlos Mesquita

Os criadores de frango, após três anos de crise, estão ganhando mercado no Estado do Rio

Juíza chama a polícia e carne some

Na semana passada ainda se encontrava carne de boi com certa facilidade nos açougues de Resende. Com ágio. Até que a denúncia chegou ao fórum da cidade: o produto estava sendo vendido a Cz$ 56,00 o quilo. A juíza Maria Tereza Rodrigues Camilo, 42 anos, mãe de três filhos, e a promotora Maria Dionísio Golçalves de Almeida, 26 anos e grávida, resolveram entrar na fila de um deles — como donas-de-casa comuns.

Ao chegar a vez de serem atendidas ouviram do comerciante: "Não tem carne bovina". Estava configurada a recusa da venda. A juíza foi à delegacia e voltou com os policiais que revistaram o estabelecimento. Nada. Como em cidade pequena tudo se sabe, marcharam para a casa do açougueiro. Nos fundos da residência encontraram escondidos 80 quilos de carne.

Constatado o crime contra a economia popular o infrator foi obrigado a vender tudo dentro do preço tabelado e teve o açougue fechado. Um escândalo mantido em dia nos comentários das pracinhas locais, fomentado pela animação do delegado da cidade que autuou mais três açougues. Resultado: a carne bovina sumiu de Resende.

"Além do problema da sonegação, não sabíamos a origem dessa carne" — afirma Maria Tereza, paulista de nascimento e juíza experimentada com passagens por várias comarcas do Estado do Rio de Janeiro.

— No interior fluminense é muito comum o furto de boi no pasto. Matam o animal e vendem a carne. Ela chega à população sem qualquer inspeção sanitária.

A boca pequena fala-se de fazendeiros — Resende é uma região leiteira — que aproveitam a crise para aliviar seus apertos financeiros vendendo garrotes a preço de ouro. Abatidos no mato, a carne é comercializada em fundos de quintal. Negócio mafioso. Só tem acesso quem tem prestígio ou conhecimento da senha.

Na fila do frango, às 11 horas, outra Maria Tereza (da Silva) 29 anos, dedicada apenas às atividades domésticas, não se conforma com a situação:

— Já viu gente no interior enfrentando fila desde às sete e meia da manhã para poder fazer o almoço? Isso é coisa para cidade grande. Com superpopulação... Aqui não!

Um senhor que não quis se identificar dava um recado em voz baixa."Só sábado. Mas no Paraíso, lá no Lemos, se encontra carne de boi. Mais cara... É da região mesmo".

Na verdade, a novidade maior no abastecimento interiorano é o rigor (que era praticamente desconhecido) da fiscalização. Se no início do Plano Cruzado, conforme conta a própria juíza de Resende, foi um "verdadeiro rebu", com a população delirando no desempenho de "fiscais de Sarney" — choviam denúncias e as autuações se sucediam, facilitadas pela presença de quatro inspetores da Sunab na área — agora há um clima de amargura no ar. Aliviado por uma notícia surpreendente: o supermercado Floresta estava vendendo carne **bovina** dentro da tabela. E não era congelada.

O próprio gerente da loja, Luciano, não sabia explicar. Só em Volta Redonda, na sede administrativa da rede Floresta, com 24 lojas distribuídas no interior do Estado do Rio, uma em Vila Kosmos (subúrbio carioca) e outra em Juiz de Fora (Minas Gerais), foi desvendado o mistério: a carne fora importada do Paraguai.

Informado e convencido que a carne importada pelo Governo atenderia prioritariamente os supermercados das capitais e áreas metropolitanas, o diretor de comercialização do Floresta, Eduardo Abrantes, passou 30 dias viajando por Montevidéu e Buenos Aires. Na Argentina encontrou o mesmo preço oferecido (com ágio) pelos fornecedores brasileiros. No Uruguai, mais caro ainda — "está na época da entressafra, só a partir de 15 de outubro". Acabou fechando o negócio no Paraguai: 120 toneladas para experiência.

Maria Tereza Rodrigues Camilo

Consumidor faz das tripas coração para não virar vegetariano

Vera Saavedra Durão

A falta de carne já está levando o consumidor a reclamar que não quer virar vegetariano.

— Se o governo quer que o Cruzado dê certo, tem de agir nas fontes de produção. O consumidor não pode abdicar de tudo. Eu e minha família vamos nos adaptando à situação. Mas, de repente, não podemos e nem queremos virar vegetarianos.

O comentário de Neuza de Oliveira Landgraf, que sexta-feira à tarde fazia compras do mês na Sendas-Leblon, retrata bem a situação atual da dona-de-casa, cuja tarefa de suprir diariamente a mesa familiar vem se complicando nos últimos três meses. Ela relatou que, para ter carne, acorda às 6 horas da manhã e percorre 4 a 5 açougues e supermercados. Na última terça-feira, depois dessa maratona, consegue levar para casa uma galinha congelada, coxa de peru, dobradinha e peito (carne de segunda).

Casada com um juiz de direito, mãe de duas adolescentes, moradora no Humaitá (zona sul), fonoaudióloga trabalhando em escolas do município, casa própria e renda familiar superior a 10 salários mínimos, Neuza se enquadra no perfil da dona-de-casa da classe média alta carioca.

Apesar do tabelamento de preços, nunca abandonou o hábito de fazer compras mensais no supermercado. Antes do Cruzado, era cliente do Carrefour da Barra, que abandonou "porque faltavam algumas coisas". Agora freqüenta a Sendas-Leblon, onde considera ter uma variedade maior de mercadorias. Metódica e organizada, como confessou, tem o costume de anotar seus gastos em uma cadernetinha, desde os tempos da inflação disparada. Assim, baseada em suas próprias estatísticas, ela garante que os preços estão mais estáveis nos últimos quatro meses. E lembra com seus números as épocas de altas alucinadas.

Foto de Carlos Rosa

D. Neuza se esforça para encher o carrinho

— Em março de 1984, para comprar os produtos que compro hoje, gastava Cz$ 128.925,00, que pularam para Cz$ 540.549,00 em março de 1985. Em dezembro de 1985, meus gastos chegavam a Cz$ 1.437.130,00. Em janeiro deste ano, minhas compras mensais somavam mais de Cz$ 1.500.000,00. Já, em abril, atingiram Cz$ 1.495,86. Em maio, deram em Cz$ 2.412,00 porque comprei alguns supérfluos (vasilhames de plásticos), beirando em maio Cz$ 1.873,25. Em junho, gastei Cz$ 1.932,00 e, em agosto, Cz$ 1.893,00. Este mês, acho que não vai mudar muito, a lista é a mesma. Os preços se estabilizaram — considerou Neuza.

Sua lista de compras é grande. Mas, para encher dois carrinhos com alimentos e material de limpeza, na sexta-feira, teve de variar algumas marcas de mercadorias enlatadas, como a ervilha. Comprou a ETTI porque não encontrou a Coração de Manteiga, de sua preferência. E deixou de adquirir ovos, carne seca, frango e paio, porque não os encontrou. Sem muita esperança, deu uma olhada no açougue da Sendas, mas a vitrina só exibia magras peças de carne de segunda e um resto de carne moída.

— Deixei de incluir a carne na minha lista de supermercado. Para conseguí-la e também os ovos, tenho que sair bem cedo de casa, tipo 6 horas da manhã e percorrer 4 a 5 lugares. Na terça-feira, acabei conseguindo uma galinha congelada, coxa de peru, dobradinha e peito.

A falta de alguns produtos básicos, como a carne e os ovos, é no entender da fonoaudióloga a principal falha do Plano Cruzado. Na sua opinião, não está havendo um excesso de consumo. Para ela, os produtores e industriais têm mercadorias, mas não querem deixar de ganhar o que ganhavam antes do plano.

— Ouvi dizer que vai faltar café, porque os torrefadores estão comprando o produto com ágio. Garanto que, se o governo liberar o preço do produto no varejo, ele aparece na hora — comentou desconfiada.

Neuza não compra com ágio e acha que as pessoas fazem isto porque querem. Não vê dificuldades no combate a esta prática e ao sumiço de alimentos, desde que o governo haja com maior rigor nas fontes de produção.

— Se querem que o Cruzado dê certo, têm de agir com mais rigor com aqueles que não querem perder. O governo tem que ser firme com eles, concluiu, enquanto terminava sua romaria pelas prateleiras do supermercado.

Roupas e sapatos puxam vendas do comércio com alta de 41% em 7 meses

O consumo deverá se manter aquecido mas nada indica que haverá um recrudescimento da demanda além dos níveis atuais, mesmo no final do ano. De acordo com análise do secretário executivo do Conselho de Desenvolvimento Comercial, Rui Coutinho, as vendas do comércio continuam impulsionadas pelo crescimento da massa salarial, mas a restrição ao crédito, o aumento das taxas de juros e a reativação dos depósitos em poupança deverão funcionar como inibidores do consumo.

As vendas do comércio varejista nos sete primeiros meses do ano apresentaram um aumento real de 23,6% em comparação com o mesmo período do ano passado, conforme levantamento realizado pelo CDC em 13 mil estabelecimentos de 14 capitais. Os bens de consumo semiduráveis (roupas, calçados) registraram a maior taxa de crescimento (41,4%), enquanto os supermercados ficaram com o menor índice, de 5,6%. Segundo o CDC, este último dado pode ser explicado pelo desestímulo do consumidor à formação de estoques domésticos, devido ao congelamento de preços, além da falta de diversos produtos, como carne e leite, que têm grande representatividade no faturamento dos supermercados.

As vendas dos bens de consumo duráveis cresceram 31,8% nos sete primeiros meses do ano. As lojas de utilidades domésticas registraram crescimento das vendas de 39,7%, seguidas das do ramo de móveis e decoração, com 38,5%. As concessionárias de veículos aumentaram as vendas em 36,4%, taxa inferior ao nível de crescimento até junho de 1986 que era de 40,7%. Dados da Anfavea indicam queda de 3,8% nas vendas industriais de veículos no mês de julho para o mercado interno, em parte devido à falta de peças e matérias-primas.

Sarney teve quatro dias de duro confronto nos EUA

Metas governamentais já não são cumpridas

Simone Salles

Brasília — A merenda escolar deverá alimentar, em 1989, 34 milhões 100 mil crianças — apenas 2 milhões a mais que o número atendido hoje; o presidente José Sarney promete, só para o Nordeste, a irrigação de 1 milhão de hectares — mas o programa encarregado dessa tarefa prevê somente 700 mil hectares nos próximos três anos; e a reforma agrária, conhecida por seus entraves políticos e lentidão burocrática, neste mesmo prazo terá que assentar 1 milhão 400 mil famílias — porém só dispõe de recursos para pouco mais de 62 mil, em 1987.

Três das mais importantes e acalentadas prioridades sociais do governo encabeçam a lista de distorções e erros do Plano de Metas, que se tornaram mais evidentes com o anúncio do orçamento fiscal para o próximo ano. Encalhado no Congresso à espera de aprovação, o orçamento já é alvo de uma bateria de afiadas críticas, disparadas de quase todos os ministérios. Comparando metas e recursos destinados, técnicos do 1º escalão da área social já apelidaram o Plano de Metas de "pseudopolítica" — ou seja: promete-se, mas não se cumpre.

Conflitos

Para o superintendente do Instituto de Planejamento da Seplan, Ricardo Santiago — que orientou os estudos para o plano — as críticas são injustas e precipitadas, e os erros não passam de deslizes do redator.

— Reconheço que há alguns erros no texto final da síntese do Plano, mas já estamos fazendo uma revisão cuidadosa de todo o documento — diz ele. "Agora, quanto a orçamento, posso garantir que os recursos previstos para 1987 foram baseados nas metas a serem cumpridas", justifica Santiago.

Mas a verdade é que as distorções são muitas. Quando há recursos suficientes, a meta já foi, praticamente, cumprida; em outros casos, como o da saúde, nem o próprio ministério sabe a quem caberá a onerosa tarefa de construir 3 mil 200 ambulatórios; ou então, onde recursos não é problema, falta uma máquina burocrática azeitada para deslançar o programa.

Em uma mesma área, duas situações conflitantes. Enquanto o Programa Nacional de Alimentação (merenda escolar) recebeu uma meta aquém da realidade, o Programa de Suplementação Alimentar, do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), segundo seu presidente, não tem recursos sequer para atender à população do nordeste.

— Verba nunca foi problema. Sempre recebemos o dinheiro religiosamente. Só não entendo o porquê de uma meta tão defasada, pois envio mensalmente à Seplan boletins com os dados atualizados de demanda de alunos e crianças — diz o diretor do PNAE, Paulo Miranda, maranhense, que tem acesso direto ao presidente.

Mas, para o baiano e irrequieto presidente do INAN, Eduardo Kertesz — irmão do prefeito de Salvador, Mário Kertesz — a generosidade orçamentária da Seplan não é tão grande. Dos Cz$ 7 bilhões pedidos para atender 12 milhões de pessoas no próximo ano, recebeu somente Cz$ 2 bilhões 500 milhões. "Com isso, não dá sequer para atender o nordeste. Estamos em um impasse. Ou se reduz a meta do presidente, que é de atender, em 1989, a 15 milhões 900 mil pessoas, ou aumentam-se os recursos", contra-ataca Kertsz.

Ricardo Santiago, no entanto, não vê o problema pelo mesmo prisma. Segundo ele, a meta do PNAE foi formulada a partir de dados de 1985 (cerca de 22 milhões de crianças), levando-se em consideração o crescimento de 7 milhões em 86. "Esperávamos, para este ano, 29 milhões 700 mil alunos, e serão conseguidos 32 milhões até dezembro. Por isso, ficou defasada", explica. No caso do Inan, entretanto, a explicação não é tão tranqüila. Ele não acredita na precisão dos números fornecidos por Eduardo Kertesz:

— O fato de o INAN alegar que atingiu 8 milhões 600 mil pessoas este ano é discutível. Parece que este número se refere à população credenciada, mas não atendida sistematicamente como determina o plano. Além disso, nos baseamos também nos dados de 1985, que são 3 milhões 900 mil pessoas, entre gestantes nutrizes e crianças de até quatro anos.

Palavra de presidente

Mais delicada é a situação da tumultuada — e até agora emperrada — reforma agrária. Questão de honra para o presidente, além dos percalços políticos e morosidade burocrática, ela enfrenta mais um ameaçador problema: o estreito orçamento. Com um acúmulo de, no mínimo, 70 mil assentamentos irrealizados em 86, o diretor de planejamento do Incra, Ronaldo Garcia, carrega o peso para o próximo ano de mais 300 mil assentamentos, para dar início à meta de 1 milhão 400 mil famílias.

— Dos 150 mil assentamentos previstos para este ano, só conseguimos realizar 15 mil até agora. Não posso calcular com precisão quanto sobrará para 1987, mas certamente a metade da previsão. Para o próximo ano, recebemos um acréscimo de Cz$ 2 bilhões em nosso orçamento. É um aumento significativo, mas não dá — diz ele. Basta fazer as contas, dividindo o número de assentamento da meta de 87 pelo custo de cada um, que é de Cz$ 50 mil. Mas, como a reforma agrária é palavra empenhada pelo presidente, o Incra acredita que verbas suplementares serão liberadas no decorrer do ano.

Essa esperança, no entanto, tem vida curta, se depender do secretário de Orçamento e Finanças da Seplan, Teófilo de Oliveira — econômico, inclusive, nas palavras: "Duvido muito que recursos extras sejam liberados. Fizemos o orçamento dentro das possibilidades financeiras da União". E acrescentou, desiludindo os que esperavam uma fatia do Fundo Nacional de Desenvolvimento: "O FND não será aplicado em gastos correntes do governo, mas nas empresas estatais".

Erro de revisão

No dia 22 de julho passado, às 20h30min, a nação parou para assistir ao pronunciamento do presidente José Sarney. Ao menos, 30 milhões de brasileiros ouviram-no prometer, em alto, articulado e bom som, a irrigação de 1 milhão de hectares no Nordeste. Engano do presidente, ou de seus assessores. Pelos cálculos do programa de irrigação do nordeste — incumbido de realizar a promessa — são apenas 700 mil hectares até 1989. E os cálculos já eram do conhecimento do Iplan, com bastante antecedência. Os 300 mil restantes, só em 1990.

O mesmo redator descuidado cometeu outra falha. Desta vez, na meta referente à educação. Onde se lê construção de 200 escolas técnicas, entenda-se a conservação e ampliação das 94 existentes e mais algumas a serem construídas. Nem a Secretaria Executiva do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico do Ministério da Educação, Zeli Isabel Roesler, ou o superintendente do Iplan sabem, ao certo, qual o número de novos prédios. "Trocamos construir, por apoiar e expandir as já existentes. Com Cz$ 1 bilhão para 87, não podemos pensar em construir tantas escolas", diz Zeli Roesler. O "erro de revisão" é admitido, constrangidamente, por Ricardo Santiago.

William Waack

Washington — Para uma viagem que não ia mesmo mudar nada, a de Sarney aos Estados Unidos foi um sucesso. Brasileiros e americanos terminaram uma tensa maratona de conversas — algumas cercadas de honras e pompas — apenas com uma certeza: aparentemente chegaram a um beco sem saída.

"Não tenho dúvidas de que valeu a pena vir até aqui", comentava um importante diplomata brasileiro, em meio ao barulho de pessoas disputando rosbife, **croissants** e framboesas na suntuosa recepção com que a embaixada brasileira despediu o presidente de Washington, na quinta-feira. Assim, pelo menos, nosso pessoal ficou conhecendo como é o mundo real aqui fora.

Ele é frio, agressivo e inóspito, apesar das aparências, se depender apenas dos americanos. "**The business of America is business**, repetia um dos seus lendários presidentes (Franklin Roosevelt), e isto ficou claro aos brasileiros já no momento em que Sarney sorria, embevecido, com os tiros de canhão em sua homenagem nos jardins da Casa Branca. O presidente Reagan foi direto ao assunto — criticou o Brasil por práticas protecionistas, por crescer à custa de outros — dando o tom de uma visita na qual os salamaleques protocolares caíram logo em esquecimento.

Curioso é que o próprio Reagan atrapalhava as coisas. No seu encontro com Sarney, queixariam-se mais tarde os brasileiros, o presidente americano parecia mal preparado para discuitir algumas questões e até mesmo um pouco ausente. O Secretário de Estado George Shultz foi obrigado a intervir e dar um peso americano à conversa, dominada por Sarney, devido à absoluta falta de ressonância do lado de Reagan.

Entregues apenas aos ministros americanos, na quinta-feira cedo, os brasileiros enterraram qualquer ilusão que algum deles porventura tivesse mantido sobre a atitude do governo dos EUA em relação aos principais argumentos defendidos pelo Brasil sobre temas como comércio internacional e dívida externa. Os EUA permanecem inflexíveis e intransigentes.

"Os brasileiros também", afirma um destacado funcionário da Casa Branca. "Vocês estão se mostrando duros. O país cresceu e tem outra importância no mundo. Mas, quando vocês são tratados da mesma maneira ficam ofendidos pela rispidez de Reagan. Vocês querem ser tratados como crianças?"

Surpresos com a repercussão extremamente negativa do discurso inicial de Reagan no meio da delegação brasileira, diplomatas e funcionários americanos passaram pelo menos três dias mostrando que entre os EUA e alguns de seus principais aliados (a CEE e o Japão) questões comerciais são tratandos de maneira às vezes brutal. Ameaças de retaliações e represálias ocorrem com freqüência, coisa que os americanos parecem considerar como parte do jogo.

No caso brasileiro, porém, as proporções são completamente diferentes, comentava o ministro João Sayad, um espectador privilegiado da difícil troca de queixas e acusações entre americanos e brasileiros quando Bush, Shultz e o Secretário do Tesouro, James Baker, entre outros, encontraram-se com Sarney, Funaro e Sodré para um café da manhã, em Washington.

Os argumentos brasileiros podem ser resumidos a um raciocínio simples. O Brasil entrou no buraco da crise econômica principalmente por fatores externos (preço do petróleo e alta das taxas de juros) e fez comparativamente esforços muito mais duros. Para estabilizar a economia e conseguir volumosos saldos comerciais, essenciais para pagar corretamente a dívida externa, como vem fazendo. Ocorre que a estratégia do crescimento, se quiser ser mantida, precisa agora de fortes investimentos nos campos social e de infra-estrutura. Para isso, é necessário reduzir a transferência líquida de recursos para o exterior.

A chave do argumento, contudo, está numa frase que Sarney colocou em público ao discursar no Congresso: "O Brasil tem menos para importar mais." Os formuladores da política externa brasileira e, principalmente, o pessoal da área econômica —'os responsáveis por esse trecho do discurso — acreditam ter conseguido introduzir uma cunha na frente interna americana e entre os americanos e os outros países ricos.

"Eles precisam vender desesperadamente para reduzir seu déficit comercial. Nós queremos comprar mais, mas não podemos pagar sem reduzir o pagamento da dívida. Não é fácil agora explicar a situação para o Congresso. Se eles apóiam essas soluções ortodoxas, estão prejudicando seus fabricantes", dizia, cheio de esperanças, um dos cérebros da política econômica brasileira, também visitando Washington com o presidente Sarney.

Por enquanto, essas palavras não parecem ter surtido o menor efeito. Ao contrário: tudo o que os brasileiros ouviram do lado americano indica que as coisas estão exatamente como estavam, isto é, sem a menor perspectiva de que alguns pontos fundamentais defendidos pelo governo brasileiro — como a recusa em assinar um acordo com o FMI, por exemplo — sejam considerados sequer com benevolência. "Precedentes e princípios são importantes e têm de ser mantidas, reiterava um graduado diplomata americano, com longa experiência em negociações financeiras.

No caso, isto significa que o governo americano continua insistindo em que o Brasil necessita recorrer ao Fundo, mesmo que não seja para pedir empréstimos, antes de acertar sua vida com o Clube de Paris (que congrega os governos credores e suas agências de crédito oficiais). O ministro Funaro, porém, voltou confiante de um longo encontro com o Secretário do Tesouro, James Baker: o ministro da Fazenda brasileiro acha que os americanos pelo menos se mostram mais compreensíveis diante das razões que ele apresentou para justificar a forma como o Brasil vem saldando compromissos atrasados com o Clube de Paris, com a qual os EUA até agora não concordavam. Mas Baker continua insistindo na ida ao FMI.

Essa questão, porém, tanto brasileiros como americanos tratam em perspectiva de prazo longo. Premente, até urgente, é chegar a um consenso sobre a lei de informática. Já que Sarney não tinha vindo mesmo aos EUA para resolver nenhum problema concreto (diplomatas de ambos os países fizeram questão de afastar essa possibilidade com grande veemência), a falta de acordo sobre informática não impressionou ninguém. Mas os diplomatas saíram de Washington confiantes.

"Minha impressão pessoal, dizia um dos mais importante deles, é a de que não haverá retaliações por parte do governo americano. Mesmo que os assessores e órgãos especializados da Casa Branca recomendem ao presidente a adoção de medida punitivas contra o Brasil, nós temos quase total certeza de que elas não seriam adotadas. É que eles sabem que isso não adiantaria nada para ninguém. Seríamos obrigados a adotar sanções também e acho que eles seriam muito prejudicados, embora nosso sofrimento seja maior".

Importante a ser observado no rescaldo da viagem de Sarney é o fato de que, pelo menos do lado brasileiro, ninguém parece preocupado em buscar, imediatamente, pontes para superar o fosso de divergências entre Brasil e Estados Unidos. São duas as razões principais:

A) Os formuladores da política econômica brasileira ainda não encontraram a receita com a qual querem obter aquilo que para os americanos é a quadratura do círculo, isto é, o acordo de renegociação da dívida sem ir ao FMI. Ou, que encontraram a fórmula, ainda não disseram qual é. A minha impressão é de que ainda estão procurando, confidenciou o diplomata.

E) Eles não esperam qualquer mudança substancial de atitudes americanas sob a presente administração.

O dilema da economia mundial

Altair Thury

A economia mundial se encontra em um momento de encruzilhada. Podemos estar às vésperas ou de uma aceleração da atividade econômica, com a conseqüente elevação das taxas de juros, ou resvalando para um nível de atividade econômica bastante medíocre. Essa, pelo menos, é a visão que salta das conclusões de um simpósio internacional realizado na semana retrasada em Veneza, Itália, com o patrocínio do Aspen Institute, dos Estados Unidos. Dele participaram, nomes de expressão internacional, como Paul Volcker, do Federal Reserve, dos Estados Unidos, Robert MacNamara, ex-presidente do Banco Mundial, Arthur Dunkel, diretor-geral de Gatt, Giovani Agneli, presidente da Fiat, Claude Chesson, da Comunidade Econômica Européia, e, como convidado representando a América Latina, o brasileiro Marcílio Marques Moreira, vice-presidente do Unibanco.

O encontro, que se propõe a fazer uma avaliação da economia mundial, se realiza todos os anos em lugares diferentes escolhidos pelo Aspen Institute. O deste ano foi dividido em vários temas, e o que contou com a participação direta do vice-presidente do Unibanco foi o que discutiu a dívida externa. Marcílio Marques Moreira foi o apresentador deste painel, fazendo uma exposição sobre os rumos que o Brasil poderá trilhar nas negociações de sua dívida externa que se iniciam agora.

Independente das colocações do único latino americano presente ao encontro, ficou patente nas posições estrangeiras que o Brasil, do bloco de países devedores, é o que se apresenta com melhor desempenho e potencial para enfrentar a questão da dívida nos próximos anos. O Brasil, de acordo com o Marcílio Marques Moreira pôde perceber, é tido como o paradigma do país que se recuperou, e fez isso com suas próprias pernas. O México, ao contrário, sempre foi referido como o país que não conseguiu operar sua própria transformação com o produto dos empréstimos tomados no exterior.

O Brasil estaria, mesmo, assumindo um papel que sempre tem sido atribuído à Coréia. O exemplo do país que passou por dois choques de petróleo e soube se modernizar. O Brasil teria como vantagem adicional, sobre a Coréia, o fato de que já passou pela fase da transição democrática, enquanto a Coréia ainda vive um período autoritário de sua história política. Por isso, o nosso país está sendo muito mais presente na economia mundial.

De uma maneira geral, em relação ao países devedores, ficou marcado nesse encontro de Veneza a preocupação de que esses países venham a introduzir nas suas renegociações a chamada cláusula de contingência. Como havia o entendimento de que a economia mundial está sujeita às flutuações das taxas de juros, os presentes ao encontro sugeriram que os países devedores incluam essa cláusula em suas negociações como forma de se protegerem contra essas próprias flutuações.

Além disso, o simpósio promovido pelo Aspen Institute refletiu com alguma nitidez uma tendência cada vez maior no pensamento econômico internacional. A de que é necessário inverter os termos do fluxo atual de recursos dos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos. "Houve recomendações e apelos para que o Banco Mundial mude sua postura com relação aos países em desenvolvimento, dinamizando o sistema de concessão de créditos", revelou Marcílio Marques Moreira.

Em sua exposição no painel sobre dívida externa, o vice-presidente do Unibanco alinhou cinco pontos básicos que, no seu entender, devem permear as próximas negociações brasileiras. A primeira observação é a de que o cenário internacional, com o declínio das taxas de juros, é favorável para uma negociação de mais longo prazo. A segunda proposição de Marcílio é para que o Brasil busque uma negociação realmente plurianual, refinanciando os investimentos do ano próximo e dos cinco anos seguintes, permitindo a mudança do perfil da dívida externa brasileira. O que o vice-presidente do Unibanco está propondo em última análise é um período de carência entre seis e sete anos e um período de refinanciamento de 15 a 20 anos."Isso é algo que os bancos aceitam. Eles não estão esperando que o Brasil pague o principal da dívida. Isso nem as grandes empresas fazem", afirma Marcílio Moreira.

Arquivo

Marcilio Marques Moreira era o único brasileiro no simpósio em Veneza

O terceiro ponto defendido por ele no simpósio internacional de Veneza foi o da redução drástica do custo da dívida. Nesse sentido, Marcílio Moreira acha que o Brasil deve reivindicar menores **spreads**, a transformação de empréstimos que estão em **prime para libor**. Em quarto lugar, o Brasil deve marchar para a inclusão das cláusulas contingentes. "Essa é uma idéia que começa a ser aceita", observa Marcílio Moreira. Mas o que o vice-presidente do Unibanco considera de máxima importância para o país neste momento é assegurar a sua volta à comunidade financeira internacional. "Em vez de nos concentrarmos exclusivamente na dívida passada, devemos dar ênfase ao crédito futuro. Porque o Brasil mal ou bem administra a sua dívida passada, e hoje nós estamos no limiar de uma nova etapa de desenvolvimento e vamos precisar muito de crédito para sustentar o crescimento de 7% ao ano", sustenta Marcílio.

Ficou claro, de certa forma, que as condições brasileiras para a renegociação da dívida estão favorecidas pelo atual cenário da economia mundial. Mas, como este próprio cenário é bastante volátil, como demonstrou a queda acentuada da Bolsa de Valores de Nova Iorque esta semana, é preciso estar atento e realizar um acompanhamento em sintonia fina da economia mundial. Mais uma vez, os rumos dessa renegociação dependem da direção da economia mundial. Depende da encruzilhada.

Governo já disputa dinheiro do FND

Wilson Thimóteo

O Ministério do Planejamento "não sentiu nem o cheiro" dos Cz$ 5 bilhões já arrecadados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND), criado através do decreto-lei, em 23 de julho último, com o objetivo de financiar os investimentos necessários ao desenvolvimento nacional e apoiar a iniciativa privada na organização e ampliação de suas atividades econômicas.

Segundo o texto do decreto-lei, os recursos arrecadados com base nos empréstimos compulsórios e nos demais mecanismos introduzidos pelo pacote de medidas que acabou batizado como Plano Cruzado II não poderiam ser aplicados em custeio de despesas correntes, isto é, para cobertura de déficit público — uma conta que retrata a diferença entre o que o governo gasta e o que ele arrecada.

Segundo um alto funcionário do governo da área do Ministério do Planejamento, o atraso na regulamentação do Fundo, que permitiria sua aplicação dentro dos objetivos para os quais foi criado, está diretamente relacionado com o aprofundamento das divergências entre as assessorias dos ministros do Planejamento, João Sayad, e da Fazenda, Dilson Funaro, nas últimas semanas.

A regulamentação teria que estar concluída antes da viagem ao exterior do ministro. Não foi. Mais uma vez ficou adiada para a volta, provocando a irritação dos assessores mais diretos de Sayad.

Não são poucos os problemas para colocar o FND em ação. Como pano de fundo há uma divergência sobre as prioridades para distribuição dos recursos gerados. A equipe do Ministério da Fazenda tem dado prioridade aos problemas de curto prazo relacionados com a cobertura do déficit público. A assessoria de Sayad, por sua vez, tem destacado a necessidade de atender à demanda de dinheiro existente para o financiamento dos projetos previstos pelo Plano de Metas, especialmente nas áreas de energia e transporte.

Por trás da divergência de estratégias e de concepção sobre o manejo da economia existe, obviamente, a disputa pela administração de um bolo suculento. A arrecadação do Fundo Nacional de Desenvolvimento está avaliada em cerca de Cz$ 40 bilhões anuais. Outros Cz$ 40 bilhões serão provenientes da arrecadação anual do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e incorporados ao fluxo de recursos para financiamento do Plano de Metas.

Pelo decreto-lei do presidente José Sarney, o Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE) — que se tornou famoso no período do governo do general Ernesto Geisel por sua atuação em defesa da empresa nacional — ficará encarregado de fixar os princípios gerais de aplicação do dinheiro.

O poder de decisão sobre a partilha dos recursos estará, no entanto, nas mãos de um conselho com características essencialmente executivas. Esse conselho terá uma representação paritária, podendo chegar a cinco representantes do setor público e outros cinco do setor privado. Já está praticamente certo que os titulares da Secretaria do Tesouro, Andréa Calabi, e da Secretaria Especial de Controle das Estatais (Sest), Antoninho Marmo Trevisan, estarão com assento assegurado. Lugar garantido tem também o secretário-geral do Ministério da Fazenda, Luis Gonzaga Belluzzo.

Na composição geral dos nomes do setor público poderão entrar também o diretor da área de mercado de capitais do Banco Central, Luis Carlos Mendonça de Barros, e o diretor do BNDES, Francisco Gros.

A decisão final sobre o número de integrantes do conselho executivo do Fundo Nacional de Desenvolvimento está ainda dependendo da sua regulamentação.

Na área do Ministério do Planejamento o modelo mais difundido para colocar em prática os projetos previstos no Plano de Metas, dentro do espírito consagrado no decreto-lei que criou o Fundo, se baseia na utilização da capacidade de planejamento de uma rede de bancos oficiais.

Após a aprovação do financiamento, nas esferas superiores dos dois conselhos, os recursos seriam aplicados através do BNDES, do Banco do Brasil (área agrícola), do BNH (área de saneamento), do Banco da Amazônia e do Banco do Nordeste, entre outros.

Financiamento escasso

A solução dos estrangulamentos existentes para o financiamento dos projetos do setor público deverá passar também por novas medidas no sistema tributário do país, segundo um destacado funcionário do Ministério do Planejamento.

— Não se trata de novos impostos ou de um aumento da carga tributária, mas de elevar a arrecadação através de um melhor sistema de cobrança e da extinção de alguns privilégios — resumiu a fonte.

— É preciso investir com antecedência para não ter que enfrentar os gargalos lá na frente. Esta é, aliás, a função básica do planejamento econômico — adverte a fonte, que apresenta como alto risco para a administração pública o que chama de "fobia do déficit".

No jargão dos economistas do Planejamento, a assessoria do Ministério da Fazenda estaria padecendo de um mal antigo entre seus executivos nos governos passados: a "monetarite" ou "basite" — uma distorção de cunho monetarista na análise dos problemas econômicos e sociais do país.

No fim, presidente prevê um aumento dos conflitos

Teodomiro Braga

Nova Iorque — Ao fazer um balanço de sua viagem de cinco dias aos Estados Unidos, encerrada ontem, o presidente Sarney afirmou de forma categórica que o Brasil não mudará suas posições em relação à negociação da dívida externa e previu o crescimento dos conflitos internacionais do país não apenas com os Estados Unidos mas também com outros países desenvolvidos. "Acho que cumpri o meu dever", disse o presidente ao comentar a firmeza com que defendeu as posições do Brasil em seus encontros com as autoridades norte-americanas.

O presidente Sarney também advertiu que os países devedores da América Latina, reunidos no chamado "grupo de Cartagena", poderão adotar uma reação em conjunto se forem prejudicados por mudanças significativas na economia mundial, como uma nova elevação das taxas de juros internacionais. As últimas declarações do presidente Sarney antes de embarcar de volta ao Brasil demonstram que a falta de receptividade dos Estados Unidos em nada modificou a estratégia brasileira de renegociar a dívida externa diretamente com os bancos credores, sem a participação do FMI.

"O Brasil vai manter o seu próprio caminho e não fará qualquer tipo de acordo com o FMI", garantiu Sarney, insistindo que não haverá "mudança de rota" do país nessa questão.

Demonstrando cansaço mas visivelmente satisfeito, o presidente Sarney recebeu os representantes dos quatro jornais principais do país (JORNAL DO BRASIL, o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e o Globo) e mais o correspondente em Brasília da agência UPI, para uma conversa em seu apartamento no Hotel Intercontinental sobre os resultados de sua agitada viagem aos Estados Unidos.

Embora sem se referir diretamente aos desentendimentos com os Estados Unidos sobre a questão, Sarney chegou a usar um tom veemente ao reafirmar a posição brasileira de tentar fazer uma renegociação global de sua dívida sem se submeter a um acordo com o FMI, como querem as autoridades governamentais americanas. "Nós temos que renegociar a dívida externa agora e precisamos sensibilizar os credores para ter uma conversa séria. A posição do Brasil em relação ao FMI é muito clara: o país já escolheu o seu próprio caminho e recusamos a ortodoxia em favor do crescimento econômico."

Lembrou que, quando assumiu a presidência, encontrou pronto o esquema deixado pelo governo anterior para fazer o acordo com o FMI, contando que o próprio presidente Tancredo Neves foi submetido a uma série de pressões em sua viagem aos Estados Unidos, realizada algumas semanas antes da data da mudança de governo. "Mas a nossa opção foi em favor do crescimento pois a fórmula ortodoxa para solucionar os problemas do país havia jogado o Brasil na maior recessão de sua história. Achamos que este caminho está certo."

"Não podemos fazer uma avaliação da viagem como se fôssemos dar notas", queixou-se o presidente.

Ele não se mostrou preocupado com a dimensão dada pela imprensa aos desencontros entre o Brasil e os Estados Unidos. Ao contrário, previu uma ampliação dos conflitos internacionais do país daqui para a frente. "Agora, à proporção que o Brasil cresce, ocupa maior espaço no contexto mundial, aumentando as áreas de conflito não apenas com os Estados Unidos mas também com a Europa e o Japão", admitiu Sarney, assinalando que os interesses do Brasil não se limitam apenas aos Estados Unidos. Apenas um terço da dívida brasileira é com os Estados Unidos. Os dois terços restantes são com a Europa e o Japão", observou.

O aumento dos conflitos do Brasil com os grandes países do Ocidente, porém, não deverá alterar sua posição no panorama mundial, segundo o presidente: "Estes conflitos, que são localizados, não prejudicam as relações globais do país."

Em entrevista à emissoras brasileiras de televisão, Sarney negou que o Brasil esteja desenvolvendo esforços para fabricar a bomba atômica.

Nova Iorque — foto de Wilson Pedrosa

Um casamento impediu que o Presidente Sarney e D. Marly fizessem suas orações na Igreja de S. Patrício.

Orações frustradas

Nova Iorque — Um casamento impediu que o presidente Sarney rezasse na conhecida catedral de São Patrício, no último dia de sua viagem de cinco dias aos Estados Unidos. Sarney e Dona Marly ajoelharam, fizeram o sinal da cruz mas tiveram de se retirar segundos depois, quando a noiva despontou no portão principal da igreja e o coral começou a cantar, dando início à cerimônia do casamento. Nem o padre nem os convidados e muito menos os noivos perceberam a presença do presidente brasileiro, que saiu discretamente pela mesma porta lateral por onde havia entrado.

O presidente Sarney e a maior parte da comitiva oficial viajaram ontem à noite de volta ao Brasil, devendo desembarcar em Brasília às 9h30min. Acompanhado de alguns assessores, o ministro da Fazenda Dilson Funaro, permaneceu em Nova Iorque e viaja hoje para Londres, primeira etapa de seu giro pela Europa, onde pretende lançar as bases para a renegociação da dívida brasileira com o Clube de Paris, organização que reúne os bancos oficiais de financiamento do comércio exterior dos países desenvolvidos.

Depois de quatro dias de intensa programação oficial, a delegação brasileira passou um sábado descontraído em Nova Iorque. De calção e camiseta, o ministro do Planejamento, João Sayad, saiu cedo do hotel para um prolongado cooper em plena Quinta Avenida.

O presidente Sarney aproveitou a folga para visitar a biblioteca pública de Nova iorque, onde teve a grata surpresa de constatar que o arquivo da biblioteca registrava a existência em seu acervo de quatro de suas obras: os livros "Norte das Águas", "Marimbondos de Fogo", "Parlamento Necessário" e "Governo do Povo". Ele presenteou a biblioteca com seus discursos de posse na Presidência na Assembléia da ONU do ano passado e a edição em inglês de seu livro de contos recém-publicados na Inglaterra.

Greve dos bancários ainda prossegue em 13 Estados

São Paulo — A greve dos bancários prossegue em treze estados. Em pelo menos três deles — Pernambuco, Alagoas e Paraná — os sindicalistas identificam "uma forte disposição" no sentido de continuar com o movimento, em avaliação preliminar feita, ontem, pelo comando nacional dos bancários que reuniu, ontem, trinta entidades sindicais em São Paulo.

Até o início da tarde, o comando nacional ainda não havia decidido qual o encaminhamento que irá transmitir aos bancários que realizam assembléias entre hoje e amanha nos municípios em greve. Em São Paulo, por exemplo, a continuidade do movimento ficou prejudicada pela decisão dos 23 mil funcionários do Banespa de retornar ao trabalho. Hoje, na praça da Sé, será realizada a assembléia decisiva.

O vice-presidente do sindicato dos bancários do Rio, Cyro Garcia adiantou que será antecipada a assembléia da categoria para o início da semana. "Vamos aguardar a deliberação do comando e decidir o que fazer", observou Garcia. No Rio, o movimento foi suspenso.

Em Alagoas e Pernambuco, a disposição é de prosseguir com o movimento, independente da decisão do comando nacional, segundo informou João Bandeira, presidente da Federação de Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte. A situação dos 15 mil bancários de Alagoas e 25 mil de Pernambuco é peculiar: mais de 50% da categoria ganham menos de dois salários mínimos.

No Paraná, a greve foi suspensa nos municípios de Curitiba, Cascavel, Guarapuava, Pato Branco e Paranaguá —, que prosseguem, no entanto, em estado de greve. Nas demais cidades de porte médio do estado, a greve tende a prosseguir, segundo Roberto Pinto Ribeiro, presidente da Federação dos Bancários do Paraná, que reúne 17 sindicatos. "De qualquer forma, vamos seguir a orientação do comando".

Ainda não há data marcada para a reabertura das negociações entre a Confederação Nacional dos Trabalhores nas Empresas de Crédito (Contec) e a Federação Nacional dos Bancos. "Está certo que as negociações serão retomadas e vamos chegar a um acordo", apostou Eribelto Manoel Reino, presidente da Federação dos Bancários de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul,

Os bancários de Cuiabá e Várzea Grande decidiram, em assembléia geral, encerrar o movimento grevista que paralisou 95% da categoria no primeiro dia e quase 70% no segundo. Todavia, na mesma reunião encerrada aos primeiros minutos de sábado, com número reduzido de participantes, optaram pelo "estado de greve". Com isso, segundo explicou o secretário-geral do Sindicato dos Bancários, Berardo Gomes, espera-se a posição dos banqueiros paulistas, em acatar ou não as decisões do Tribunal Regional do Trabalho daquele estado.

Os bancários mato-grossenses, que pararam o funcionamento de 56 unidades em Cuiabá e Várzea Grande, e outras 30 em municípios do interior, conseguiram 60% do IPC, 20% de adicional por horas-extras e a elevação do piso salarial de Cz$ 1 mil 497 para o mínimo de Cz$ 2 mil 330 e máximo de Cz$ 2 mil 550.

No fim, presidente prevê um aumento dos conflitos

Teodomiro Braga

Nova Iorque — Ao fazer um balanço de sua viagem de cinco dias aos Estados Unidos, encerrada ontem, o presidente Sarney afirmou de forma categórica que o Brasil não mudará suas posições em relação à negociação da dívida externa e previu o crescimento dos conflitos internacionais do país não apenas com os Estados Unidos mas também com outros países desenvolvidos. "Acho que cumpri o meu dever", disse o presidente ao comentar a firmeza com que defendeu as posições do Brasil em seus encontros com as autoridades norte-americanas.

O presidente Sarney também advertiu que os países devedores da América Latina, reunidos no chamado "grupo de Cartagena", poderão adotar uma reação em conjunto se forem prejudicados por mudanças significativas na economia mundial, como uma nova elevação das taxas de juros internacionais. As últimas declarações do presidente Sarney antes de embarcar de volta ao Brasil demonstram que a falta de receptividade dos Estados Unidos em nada modificou a estratégia brasileira de renegociar a dívida externa diretamente com os bancos credores, sem a participação do FMI.

"O Brasil vai manter o seu próprio caminho e não fará qualquer tipo de acordo com o FMI", garantiu Sarney, insistindo que não haverá "mudança de rota" do país nessa questão.

Demonstrando cansaço mas visivelmente satisfeito, o presidente Sarney recebeu os representantes dos quatro jornais principais do país (JORNAL DO BRASIL, o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e o Globo) e mais o correspondente em Brasília da agência UPI, para uma conversa em seu apartamento no Hotel Intercontinental sobre os resultados de sua agitada viagem aos Estados Unidos.

Embora sem se referir diretamente aos desentendimentos com os Estados Unidos sobre a questão, Sarney chegou a usar um tom veemente ao reafirmar a posição brasileira de tentar fazer uma renegociação global de sua dívida sem se submeter a um acordo com o FMI, como querem as autoridades governamentais americanas. "Nós temos que renegociar a dívida externa agora e precisamos sensibilizar os credores para ter uma conversa séria. A posição do Brasil em relação ao FMI é muito clara: o país já escolheu o seu próprio caminho e recusamos a ortodoxia em favor do crescimento econômico."

Lembrou que, quando assumiu a presidência, encontrou pronto o esquema deixado pelo governo anterior para fazer o acordo com o FMI, contando que o próprio presidente Tancredo Neves foi submetido a uma série de pressões em sua viagem aos Estados Unidos, realizada algumas semanas antes da data da mudança de governo. "Mas a nossa opção foi em favor do crescimento pois a fórmula ortodoxa para solucionar os problemas do país havia jogado o Brasil na maior recessão de sua história. Achamos que este caminho está certo."

"Não podemos fazer uma avaliação da viagem como se fôssemos dar notas", queixou-se o presidente.

Ele não se mostrou preocupado com a dimensão dada pela imprensa aos desencontros entre o Brasil e os Estados Unidos. Ao contrário, previu uma ampliação dos conflitos internacionais do país daqui para a frente. "Agora, à proporção que o Brasil cresce, ocupa maior espaço no contexto mundial, aumentando as áreas de conflito não apenas com os Estados Unidos mas também com a Europa e o Japão", admitiu Sarney, assinalando que os interesses do Brasil não se limitam apenas aos Estados Unidos. Apenas um terço da dívida brasileira é com os Estados Unidos. Os dois terços restantes são com a Europa e o Japão", observou.

O aumento dos conflitos do Brasil com os grandes países do Ocidente, porém, não deverá alterar sua posição no panorama mundial, segundo o presidente: "Estes conflitos, que são localizados, não prejudicam as relações globais do país."

Em entrevista à emissoras brasileiras de televisão, Sarney negou que o Brasil esteja desenvolvendo esforços para fabricar a bomba atômica.

Orações frustradas

Nova Iorque — Um casamento impediu que o presidente Sarney rezasse na conhecida catedral de São Patrício, no último dia de sua viagem de cinco dias aos Estados Unidos. Sarney e Dona Marly ajoelharam, fizeram o sinal da cruz mas tiveram de se retirar segundos depois, quando a noiva despontou no portão principal da igreja e o coral começou a cantar, dando início à cerimônia do casamento. Nem o padre nem os convidados e muito menos os noivos perceberam a presença do presidente brasileiro, que saiu discretamente pela mesma porta lateral por onde havia entrado.

O presidente Sarney e a maior parte da comitiva oficial viajaram ontem à noite de volta ao Brasil, devendo desembarcar em Brasília às 9h30min. Acompanhado de alguns assessores, o ministro da Fazenda Dilson Funaro, permanece em Nova Iorque e viaja hoje para Londres, primeira etapa de seu giro pela Europa, onde pretende lançar as bases para a renegociação da dívida brasileira com o Clube de Paris, organização que reúne os bancos oficiais de financiamento do comércio exterior dos países desenvolvidos.

Depois de quatro dias de intensa programação oficial, a delegação brasileira passou um sábado descontraído em Nova Iorque. De calção e camiseta, o ministro do Planejamento, João Sayad, saiu cedo do hotel para um prolongado cooper em plena Quinta Avenida.

O presidente Sarney aproveitou a folga para visitar a biblioteca pública de Nova iorque, onde teve a grata surpresa de constatar que o arquivo da biblioteca registrava a existência em seu acervo de quatro de suas obras: os livros "Norte das Águas", "Marimbondos de Fogo", "Parlamento Necessário" e "Governo do Povo". Ele presenteou a biblioteca com seus discursos de posse na Presidência na Assembléia da ONU do ano passado e a edição em inglês de seu livro de contos recém-publicados na Inglaterra.

Nova Iorque — foto de Wilson Pedrosa

Um casamento impediu que o Presidente Sarney e D. Marly fizessem suas orações na Igreja de S. Patrício

New Gold confirma que está difícil pagar os clientes

O diretor-executivo da New Gold Metais Preciosos, Lélis Dutra Moura, admitiu, ontem, que sua empresa realmente está em dificuldades. De acordo com suas explicações os problemas surgiram em função de pesados investimentos feitos pela firma em publicidade. Isso contribuiu para que o número médio de clientes pulasse de 290 por mês para mais de mil.

"A nossa demanda foi acima da nossa capacidade. Não tínhamos mercadorias para atender", justifica Moura. Até na última sexta-feira as informações fornecidas pelos funcionários da New Gold eram de que Lélis Moura e sua mulher Solange Alves de Lima teriam fugido para os Estados Unidos. Ele negou tal informações e esclareceu que Solange está na região do garimpo no interior do Brasil tentando resolver os problemas da empresa.

O aumento da clientela acima do esperado obrigou a fundidora carioca a comprar ouro no mercado convencional e não diretamente das minas, como estava acostumada a fazer. Esta alteração, segundo Moura, acabou provocando um prejuízo de cerca de Cz$ 4 milhões, o correspondente a 13,4 quilos de ouro.

Apesar disso, o diretor-executivo da New Gold em entrevista, no seu escritório no Cassino Atlântico em Copacabana, se comprometeu em saldar seus débitos até o final da semana. Está aguardando a chegada, até sexta-feira, de um carregamento já encomendado de 20 quilos de ouro nas regiões de garimpo. Além disso, pleiteou, junto ao Banerj, um empréstimo (cujo valor não quis revelar) para cobrir seus prejuízos.

Moura também queixou-se de ter recebido, nos últimos dias, muitas ameaças de morte. Contou que um dos telefonemas mais recentes um de seus clientes foi bastante claro: "Você me deve cinco quilos de ouro, mas também tem cinco filhos". Mesmo assim disse que por enquanto não pretende pedir proteção policial.

Greve dos bancários ainda prossegue em 13 Estados

São Paulo — A greve dos bancários prossegue em treze estados. Em pelo menos três deles — Pernambuco, Alagoas e Paraná — os sindicalistas identificam "uma forte disposição" no sentido de continuar com o movimento, em avaliação preliminar feita, ontem, pelo comando nacional dos bancários que reuniu, ontem, trinta entidades sindicais em São Paulo.

Até o início da tarde, o comando nacional ainda não havia decidido qual o encaminhamento que irá transmitir aos bancários que realizam assembléias entre hoje e amanhã nos municípios em greve. Em São Paulo, por exemplo, a continuidade do movimento ficou prejudicada pela decisão dos 23 mil funcionários do Banespa de retornar ao trabalho. Hoje, na praça da Sé, será realizada a assembléia decisiva.

O vice-presidente do sindicato dos bancários do Rio, Cyro Garcia adiantou que será antecipada a assembléia da categoria para o início da semana. "Vamos aguardar a deliberação do comando e decidir o que fazer", observou Garcia. No Rio, o movimento foi suspenso.

Dinheiro Vivo

Um inconveniente da compra de imóvel fora do SFH é a falta de seguro no caso de morte do mutuário

Luís Nassif

Telefone

Com a proibição das transferências de assinatura ou venda de telefones, surgiram muitas dúvidas entre os usuários. Entre elas, como ficariam os casos de sucessão, ou seja, quando o proprietário de um aparelho morre, o que os herdeiros devem fazer?

Através da portaria 209, do Ministério das Comunicações, a transferência de assinatura por motivo de sucessão hereditária foi regulamentada. Quem tiver um telefone pode morrer sossegado que os herdeiros tomarão posse dele. Mas é claro que o processo não é assim tão simples.

Em caso de morte do titular de um telefone, a transferência de assinatura pode ser solicitada antes mesmo da partilha de bens (divisão das propriedades do falecido entre os herdeiros), mediante a apresentação de um alvará judicial (uma ordem do juiz). Neste alvará, deverá estar indicado o cônjuge ou outro herdeiro-filho, irmão etc., conforme a linha de sucessão prevista por lei. Se a família do falecido necessitar de dinheiro para pagamento, inclusive das custas processuais do inventário dos bens, não poderá vender o telefone, pois mesmo nesses casos obedece-se à proibição do governo.

Quem é o herdeiro

Após a partilha dos bens, a transferência somente será concedida com a apresentação do formal de partilha (documento emitido pela Justiça, onde consta a divisão dos bens), no qual deve estar indicado o nome do herdeiro beneficiário, ou seja, aquele que ficou com o telefone.

Durante o processo de inventário, o alvará só é concedico a partir do momento em que se conheçam as primeiras declarações (quando forem conhecidos os bens e os herdeiros). Se houver mais de um herdeiro, sugere-se que seja feita uma partilha de tal maneira que a assinatura seja entregue a apenas um deles.

Se estes não entrarem em acordo a respeito de quem fica com o telefone, é conveniente que os próprios herdeiros indiquem um, entre eles, para ficar com o aparelho e se responsabilizar por ele até a decisão final do inventário.

Caso se consiga um alvará judicial para a transferência, o beneficiário deve comparecer à concessionária munido do alvará, documento de identidade e comprovação de endereço, se a transferência implicar mudança de endereço. Nessa ocasião, o beneficiário preenche um formulário, o mesmo exigido para qualquer caso de transferência — pelo menos enquanto durar a proibição.

Caso o herdeiro da assinatura não more no mesmo Estado do falecido, certamente ficará sem o telefone por um bom tempo, pois até o momento não existe disposição legal que permita a mudança de endereço da assinatura de um Estado para outro, e assim continuar recebendo os serviços telefônicos de outra concessionária que não seja a de origem da assinatura.

Extensões externas

As instalações de extensões externas também estão suspensas, com base na Portaria 209. A extensão era um serviço oferecido pelas concessionárias, através do qual o proprietário poderia solicitar a instalação de outro aparelho em local diferente, utilizando para isso a mesma linha, ou seja, na mesma central telefônica.

O procedimento era simples: o usuário assinava um termo de compromisso, no qual se obrigava a adquirir outra linha logo que existisse disponibilidade de venda por parte da concessionária. No momento, está sendo elaborado um formulário, que deverá ser preenchido pelos assinantes que solicita esse serviço.

Por enquanto, ainda não se sabe a partir de quando os usuários poderão contar novamente com o serviço. Ele foi cancelado porque a concessionária temia que ao pedir a instalação de uma extensão externa, na prática, estivesse sendo efetuada uma venda camuflada. Em todo caso, aqueles que já contam com esse tipo de extensão podem ficar tranqüilos, pois não será baixada nova portaria cancelando as que já estão em uso.

Cartões de crédito cobram os juros mais altos do mundo

DÉCADAS de inflação permitiram ao sistema financeiro, em geral, desenvolver uma série de subterfúgios destinados a mascarar a verdadeira dimensão das taxas de juros pagas ou cobradas. Com o fim da inflação elevada, esperava-se que essa prática tivesse sido erradicada. Foi engano.

No momento, por exemplo, os clientes de cartões de crédito que ousam parcelar sua dívida estão pagando as mais altas taxas reais de juros encontradas em qualquer sistema financeiro organizado, em qualquer parte do mundo: para dois pagamentos, as taxas nominais cobradas estão próximas dos 650% ano — o equivalente a 520% de taxa real (descontada a inflação) por ano. No entanto, oficialmente as taxas não passam dos 5,5% ao mês.

Entenda como se dá esse pulo do gato:

Suponha que você faça uma compra de Cz$ 10 mil, com vencimento no dia 10 do próximo mês. A taxa de juros cobrada é de 5,5% ao mês. Há duas espécies de crediário nos cartões: o crédito rotativo é o crédito parcelado. No crédito rotativo, você paga 40% no dia do vencimento. Restam 60% que serão acrescidos de 5,5% de juros no vencimento seguinte. Essa linha não oferece riscos aparentes.

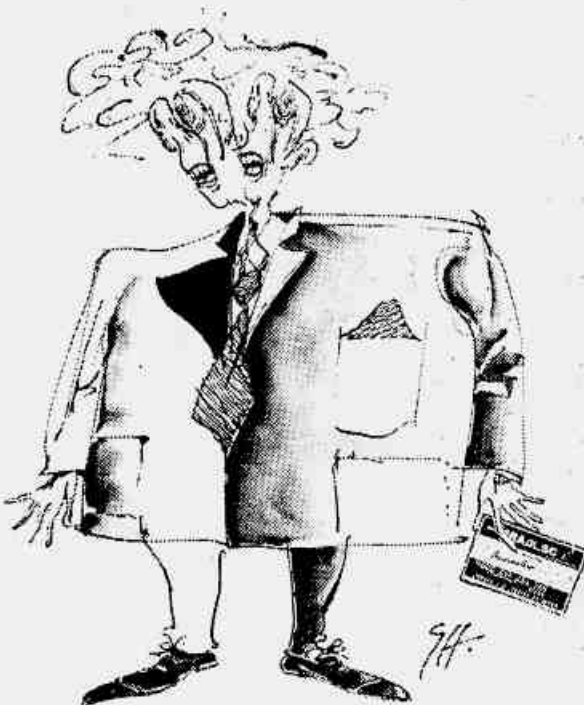
O problema surge com o crédito parcelado. No dia do vencimento, você tem duas alternativas: ou paga tudo à vista, ou parcela. Se for parcelar em duas vezes, terá de pagar Cz$ 5.416,20 à vista e Cz$ 5.416,20 trinta dias depois.

Ora, juros correspondem ao aluguel que você paga por um dinheiro que tomou emprestado por um determinado período. Assim, os juros só começam a contar a partir do dia seguinte ao dia do vencimento. No dia do vencimento, obviamente, o taxímetro dos juros ainda não começou a rodar, pela relevante razão de que o dinheiro ainda não foi emprestado. Logo, os Cz$ 5.416,20 pagos serviram integralmente para amortizar a dívida.

Restou um saldo devedor de Cz$ 4.583,80 — que corresponde ao valor efetivamente financiado. Sobre esse empréstimo, você pagará, trinta dias depois, a segunda prestação de Cz$ 5.426,80. Nela, Cz$ 4.583,80 corresponderão ao dinheiro financiado; e os Cz$ 833,00 restantes aos juros. Ora, juros de Cz$ 833,00 sobre um empréstimo de Cz$ 4.583,80 representam uma taxa de 18,17% ao mês, ou 642% ao ano.

A essa maneira de mascarar os juros o mercado denomina de "taxa antecipada". À maneira correta de se calcular os juros chama-se de "taxa efetiva". Quando se indaga a taxa de juros cobrada, os administradores de cartões de crédito informam que é 5,5%. Mas "esquecem-se" de informar que é 5,5% pelo cálculo de taxa antecipada. E como o cliente não sabe distinguir uma da outra, come gato por lebre, e paga as mais altas taxas de juros do mundo.

Na semana passada, os cartões estavam cobrando as seguintes taxas de juros: Credicard, 5,5%; American Express, 4,95%; Diners, 5,5%; Elo, 4,1%.

Independentemente desse aspecto, os cartões continuam se constituindo em uma boa alternativa para você adiar o pagamento das compras por trinta dias ou mais. Desde que não caia na tentação do parcelamento.

Móveis

Depois do plano cruzado, a procura por mobílias para salas de jantar e estar, quartos, copas e cozinhas cresceu muito num curto espaço de tempo, literalmente entupindo as lojas de pedidos. Os problemas, para os consumidores, também cresceram em igual proporção: prazos de entrega não estão sendo cumpridos, consumidores recebem produtos de qualidade inferior à que haviam escolhido nos mostruários, cores são trocadas, objetos de madeira chegam com cupins etc.

Nesse sentido, o Grupo Executivo de Proteção ao Consumidor de São Paulo (Procon) recebeu, de janeiro a agosto, 468 reclamações, sendo 210 por problemas com entrega, 128 por defeitos nos produtos e 78 por causa da montagem. As lojas que encabeçam essa lista de reclamações dos consumidores são: Casas Bahia, 41; Móveis Dominó, 32; Clamooi e Casas Bandeirantes, ambas com 29; e Móveis Taurus, com 27. No Rio de Janeiro, a situação não é diferente. O setor de móveis lidera as reclamações ao CDC (Conselho de Defesa do Consumidor), entre todos os outros bens de consumo, duráveis ou não.

Independentemente do aumento da procura, o consumidor sempre deve tomar alguns cuidados na escolha de móveis, pois não existe nenhuma regulamentação sobre sua produção, nem órgãos de fiscalização específicos para o setor, ou qualquer tipo de controle de qualidade feito pelo governo.

Assim, se você pretende comprar móveis, observe algumas dicas elaboradas pelo Procon, que podem ajudá-lo a fazer uma boa escolha:

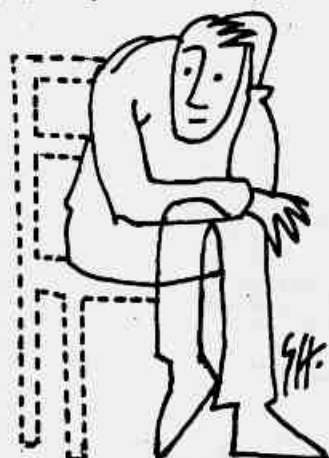
1) Não se deixe levar apenas pela aparência do móvel e procure saber se os materiais empregados em sua confecção e em seu acabamento são de boa qualidade.

2) Teste sua resistência, dependendo da finalidade do móvel (deite-se, se for uma cama; sente-se, se for uma cadeira, etc.).

3) Analise cuidadosamente as cláusulas do pedido e veja se contém discriminação detalhada de cada produto, com o nome do fabricante; o prazo de entrega; o preço e a forma de pagamento; a data do vencimento das prestações; o valor do sinal e o saldo restante; se a loja possui os móveis em estoque; data da montagem e quem a fará (a loja ou a fábrica); o prazo de garantia dada pelo fabricante e os itens cobertos por essa garantia.

4) Se a loja não cumprir o prazo de entrega, você pode tentar descobrir a causa do atraso e fazer um acordo com a loja ou o fabricante (por exemplo, só pagar depois de receber o móvel). Caso persista o problema, você tem o direito de cancelar o pedido, notificando a loja através do cartório de registro de títulos e documentos, suspendendo os pagamentos e solicitando devolução do valor já pago.

5) Quando o produto for entregue, verifique se todas as peças dis-

criminadas na nota de pedido constam da nota fiscal. Lembre-se de que ela é a sua garantia. Se, após a entrega, você perceber que o produto está com defeito, solicite imediatamente sua troca. Caso a loja recuse seu pedido, recorra novamente ao cartório de registro de títulos e documentos. Isso vale também para móveis de madeira com cupins.

6) Se a empresa não mandar os montadores no prazo previsto, ligue para a loja pedindo providências. No caso de os montadores danificarem o móvel durante a montagem, suspenda o serviço imediatamente e exija que a loja troque o produto.

Essas dicas podem não lhe dar muitas garantias legais, que praticamente inexistem, mas com certeza diminuirão muito os riscos de fazer uma péssima compra.

Aposentadoria

Para os trabalhadores das chamadas atividades comuns, concede-se aposentadoria a partir dos 30 anos de contribuição (80% do que têm direito), até os 35 anos (95%). Mas existem as categorias especiais, para as quais a lei permite aposentar-se com tempos que variam de 15 a 25 anos de serviço.

Suponha que você exerça uma dessas atividades de alto risco, mas, anteriormente, tenha exercido uma atividade considerada comum. Como se fará o cálculo para a aposentadoria?

Tome o exemplo de alguém que trabalhou 12 anos em uma atividade especial e 13 anos em atividade comum. A legislação permite a soma desses períodos. Obviamente, um ano trabalhado em atividade especial deve contar mais do que um ano em atividade comum. Efetuada a conversão, se o segurado trabalhou maior tempo em atividade insalubre, esta é que será levada em conta. Se trabalhou maior tempo em atividade normal, aposenta-se com aquele prazo de 30 a 35 anos.

Remeta-se à "tabela de conversão". Para uma profissão que permite aposentar-se aos 25 anos, vá à coluna "atividade a converter" e desça até chegar na linha 25 anos. Em seguida, percorra o trajeto horizontal dessa linha até chegar ao prazo de 35 anos. Lá, você encontrará o fator 1,40. Multiplique esse fator pelo tempo em que você contribuiu na chamada atividade insalubre (12 anos). O resultado será 16,80.

Em seguida, você deve comparar esse valor (16,80) com o tempo em que você contribuiu na atividade comum (13). Como o maior valor foi aquele referente à atividade insalubre, esta é que conta para o cálculo da aposentadoria.

O passo seguinte consiste em efetuar a conversão daqueles anos em que você trabalhou em atividade comum, para efeito de contagem de tempo na atividade insalubre.

O processo é o seguinte:

Passo 1 — Calcule o número de dias em que você trabalhou na atividade normal, multiplicando o número de anos (13) por 365. O resultado será 4.745.

Passo 2 — Retorne à "tabela de conversão" e encontre o fator de conversão de 30 para 25 anos (já que você necessita converter o prazo da atividade comum em prazo de atividade especial). Seguindo o mesmo processo, o fator será de 0,83.

Passo 3 — Multiplique aqueles 4.745 pelo fator 0,83. O resultado será 3.938,35 dias. Você despreza os 0,35.

Passo 4 — Divida esses 3.938,35 por 365, e despreze os quebrados, para encontrar o número de anos. Vai dar 10 anos.

Passo 5 — 10 anos equivalem a 3.650 dias. Subtraia esse resultado dos 3.938,35 dias da atividade comum. Vão sobrar 288,35 dias. Divida por 30, e despreze os quebrados para encontrar o número de meses. Vai dar 9.

Passo 6 — Nove meses equivalem a 270 dias. Subtraia esse valor daqueles 288,35. Vão sobrar 18,35 dias.

Terminada a conta, o tempo de contribuição em atividade normal entrará nas contas para atividade insalubre com 10 anos, 9 meses e 18 dias.

Seguro

Um dos grandes inconvenientes de se adquirir imóveis fora do sistema financeiro da habitação (SFH) é a falta de seguro que garanta a quitação da dívida, no caso do mutuário vir a falecer ou ficar inválido. Suponha que você adquira um apartamento a preço fechado, por Cz$ 2.000.000,00, financiado em 24 parcelas mensais de igual valor e sucessivas. Se quiser ter essa dívida segurada, terá que recorrer ao planos de seguro de vida existentes.

Em primeiro lugar, você terá que encontrar uma corretora que disponha de planos cujo capital atinja o valor que quer segurar. Isso feito, é preciso analisar, entre as diversas alternativas, qual a mais vantajosa para seu caso.

No exemplo acima você teria, a princípio, três opções para segurar a dívida, conforme a tabela "quadro comparativo — planos de seguro de vida". No plano 1, você faria um seguro de vida no valor de Cz$ 2.000.000,00, por um prazo de dois anos, que é quando sua dívida para com a construtora estaria quitada. Seu custo total, levando-se em conta que é um seguro que prevê apenas morte natural, seria de Cz$ 29.635,00. Para calcular o valor da prestação, multiplique o total da dívida por 0.0008285%, que foi a taxa de custo mensal utilizada na tabela.

Repare que sua dívida decresce mensalmente. Como não existe no mercado nenhum plano de prêmios descrescentes, você é obrigado a fazer um seguro no valor integral inicial da dívida. Assim, no 24º mês, sua dívida será de apenas 1/24 avos da dívida inicial, mas o valor do seguro corresponderá à dívida total.

No plano 2, você faria, na realidade, dois seguros. O primeiro, pelo prazo de um ano, no valor de Cz$ 2.000.000,00. Quando terminasse de pagá-lo, sua dívida para com a construtora estaria em Cz$ 1.000.000,00. Você faria então um segundo seguro, também por um ano, mas no valor atual de sua dívida. Esses dois seguros sairiam por Cz$ 23.316,00, um preço 21,4% inferior ao do plano 1.

Finalmente, no plano 3, você faria quatro seguros sucessivos, todos com prazo de seis meses e obedecendo sempre o valor de sua dívida para com a construtora. Eles teriam um custo final de Cz$ 19.928,00, ou seja, 14,6% inferior ao do plano 2 e 32,8% mais barato que o plano 1. Sem dúvida, essa seria a alternativa mais vantajosa, compensando o trabalho de fazer um novo seguro a cada seis meses.

Quanto menor for o prazo do seguro que você conseguir, maior será sua vantagem financeira e, obviamente, menor será o valor da indenização. Entretanto, dificilmente alguma corretora aceitaria fazer um plano de seguro de vida por um prazo inferior a seis meses.

Seguro prestamista

Existe também o seguro prestamista, instituído em 1972, mas extremamente limitado, embora ele seja o único seguro que prevê dívidas decrescentes, o beneficiário da apólice tem que ser, por lei, uma pessoa jurídica e ele só poderá ser feito por um grupo de, no mínimo, 100 pessoas.

Além disso, o capital máximo segurado para cada participante é fixado em 400 salários mínimos, ou Cz$ 321.600,00, que hoje é o preço de um automóvel zero quilômetro.

Hoje, na Gávea

1º PÁREO — Às 14h00 — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 81s2 (AP.GBAT) — Dotação: Cz$ 14.000,00 Animais de 5 anos e mais, ganhadores até Cz$ 14.000,00 em 1º lugar no País — Peso: 58 quilos, com descarga

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Hot Bog	58	1 M. Ferreira	3º-11 Gran Dorato	1.3 GL	78s
2	Fair Fox	58	5 I. Lanes	8º-9 Alcídia	1.3 NL	81s4
2—3	Gustavo	57	7 P. Cardoso	4º-6 Don Ojigo	1.3 MU	82s1
4	Seguro	58	6 G. F. Silva	6º-6 Don Ojigo	1.3 MU	82s1
3—5	Atreta	55	3 J. Ricardo	3º-8 Allience *	1.3 MM	82s2
6	Club House	58	2 J. F. Reis	5º-6 Acunhado	1.4 GL	83s3
4—7	Acerto	58	4 C. Bittencourt	5º-7 Sucarno	1.3 NL	80s4
8	Estólio	56	8 J. Freire	1º-6 Galeon Du Roi	1.3 MM	83s2

2º PÁREO — Às 14h30min — 1.000 metros — GRAMA — Éguas de 5 anos e mais, ganhadoras até Cz$ 1.200,00 em 1º lugar no País

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Côte D'Or	58	3 J. Ricardo	3º-6 Gold Mar	1.0 GL	60s
2	Agilá	58	1 W. Gonçalves	5º-5 Mea La Belle	1.3 NL	83s2
2—3	Flor do Rio	58	2 P. Cardoso	4º-6 Gold Mar	1.0 GL	60s
3—4	Untreue	58	4 R. Freire	3º-5 Ilha da Fantasia	1.3 AP	84s
4—5	Princeza Vianna	58	5 J. C. Castillo	5º-8 Gaindra	1.1 MU	70s1

3º PÁREO — Às 15h00 — 1.000 metros — GRAMA — Cavalos de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Atoll	57	3 G. F. Almeida	7º-12 Xalimum	1.4 GU	84s3
2—2	Dhar	57	6 J. L. Marins	4º-7 Dadur	1.1 MU	69s2
3	Darnach	57	4 G. Guimarães	7º-7 Dadur -I-	1.1 MU	69s2
3—4	Great Incredulous	57	7 E. S. Gomes Ap.1	4º-7 Ras-Ellabal	1.8 GL	59s3
5	Burton	57	5 J. Ricardo	4º-7 Leams	1.3 GM	79s2
4—6	Lebrão	57	2 M. A. Nunes	8º-7 So Shy	1.0 GL	58s1
7	Pompom	57	1 W. Guimarães Ap.4	7º-7 Leams	1.3 GM	79s2

4º PÁREO - Às 15h30min - 1.000 metros - GRAMA - Éguas de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Layza Real	57	4 J. Ricardo	9º-12 Doreson	1.1 MU	68s3
2	So Fiber	57	9 J. Freire	9º-11 Bint-El-Saad	1.1 NL	68s3
2—3	High Girl	57	2 F. Pereira Fº	7º-11 Bint-El-Saad	1.1 NL	68s3
4	Lambarige	57	1 U. Meireles	7º-12 Doreson -I-	1.1 MU	68s3
3—5	Braveness	57	7 J. F. Reis	4º-10 Disc	1.0 GL	59s
6	Film Star	57	8 G. Guimarães	8º-9 Dencel -d-	1.0 GL	59s2
4—7	Duas Lágrimas	57	6 C. Pensabem	4º-12 Doreson	1.1 NU	68s3
8	De Lore	57	5 E. R. Ferreira	8º-12 Doreson	1.1 MU	68s3
9	La Blache	57	3 E. S. Gomes Ap.1	8º-11 Bint-El-Saad	1.1 NL	68s3

5º PÁREO — Às 16h00min — 1.000 metros — GRAMA — Cavalos de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Bardek	57	2 R.Freire	2º-7 So Shy	1.0 GL	58s1
2—2	Zoff	57	1 C.Bittencourt	2º-6 Tono	1.1 NL	69s3
3—3	Furious	57	4 I.Lanes	7º-9 Esp. de Ferro	1.1 NL	69s4
4	Red White	57	3 P.Cardoso	ESTREANTE	—	—
4—5	Lourenço Flores	57	6 J.F.Reis	5º-7 Dadur	1.1 MU	67s2
6	Red Thunder	57	5 J.Ricardo	3º-7 Dadur	1.1 MU	69s2

6º PÁREO — Às 16h30min — 2.000 metros — GRAMA — Potros de 3 anos

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	For Merit	56	5 J.Aurélio	3º-10 Rimmel	1.6 GL	96s1
2	Headstrong	56	2 G.F.Almeida	1º-7 Constelação	1.6 AU	104s1
2—3	Casmurro	56	1 A.Oliveira	2º-10 Rimmel * -d-	1.6 GL	96s1
"	Campione D'Oro	56	6 J.Ricardo	1º-9 Edredon	1.5 AP	94s4
3—4	Ive	56	3 E.Ferreira	6º-10 Rimmel *	1.6 GL	96s1
"	Eddy-Wind	56	7 J.Pinto	1º-11 Consular	1.4 AP	87s1
4—5	Shelter	56	4 J.F.Reis	5º-10 Rimmel *	1.6 GL	96s1
"	Single	56	8 A.Machado Fº	1º-8 Papyrette	1.5 GL	89s3

7º Páreo — Às 17h00 — 1.000 metros — GRAMA — Potrancas de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Assembléia Geral	56	5 J.Ricardo	—Estreante	—	—
2	NEC PLUS ULTA	56	6 C.Lavor	6º 6-Rage of Angels	1.1 AP	63s
2—3	Adorman	56	4 J.Aurélio	4º 10-La Musardière	1.1 MM	69s4
4	Hannelore	56	2 J.F.Reis	4º 6-Ismaelita*	1.0 GL	59s
3—5	Malena	56	3 E.Ferreira	4º- 11-Cásima*	1.1 MM	71s
6	Shimmer	56	7 M.Andrade	11º- 13-Marna	1.0 GL	59s1
7	Rain's Melody	56	10 E.S.Gomes Ap.1	9º- 10-La Musardière	1.1 MM	69s4
4—8	Kelinda Girl	56	9 E.R.Ferreira	6º- 7-A.Du Barry (SP)	1.4 GL	86s5
9	Via Carola	56	8 G.F.Almeida	ESTREANTE	—	—
10	Espichada	56	1 F.Pereira Fº	6º 6-Capelle Belle	1.0 GL	59s3

8º PÁREO — Às 17h30min — 1.400 metros — GRAMA — Animais de 5 anos e mais, ganhadores até Cz$ 7.000,00 em 1º lugar no País

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Serrão	57	6 E.S.Gomes Ap.1	5º- 7 Epic Jet (CP)	1.3 NL	81s3
2	Caravour	58	2 C.A.Martins	6º- 8 Paracambi	1.1 NL	69s1
2—3	Piranucu	58	5 E.Marinho	6º- 9 Julio Final	1.3 MM	82s2
4	Danger Paddy	58	1 J.Malta	5º- 9 Apocalipse Now	1.2 NL	75s2
3—5	Puiggros	58	4 J.F.Reis	9º-10 Guadamur (SP)	1.3 GLn	79s3
4—6	Cameraman	56	7 C.Lavor	5º- 7 G.Guerreira	1.3 MP	82s4
7	Regtime	57	3 J.Pinto	4º- 9 Julio Final	1.3 MM	82s2

9º PÁREO — Às 18h00min — 1.300 metros — AREIA — VARIANTE — Animais de 4 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Jody	57	6 L. Esteves	2º-8 Easy Runner	1.2 NL	76s
2	Lutador	57	2 E. R. Ferreira	7º-8 Easy Runner	1.2 NL	76s
2—3	Renias	55	7 J. Ricardo	2º-10 Graviana	1.2 NL	76s
4	Hydarnes	57	5 J. F. Reis	5º-12 Xalimum	1.4 GU	84s3
3—5	Leaves	57	1 R. Antônio	1º-7 So Ruled	1.3 GM	79s2
6	Tucuri	57	4 J. B. Fonseca	5º-6 Hamilton	1.5 GM	91s3
4—7	Quorovision	57	9 J. L. Marins	3º-7 So Shy	1.0 GL	58s1
8	Jetless	57	8 G. F. Silva	5º-8 Easy Runner	1.2 NL	76s
9	Mezzohead	57	3 I. Lanes	11º-13 Balthazar	1.2 MU	76s1

10º Páreo — Às 18h30 — 1.700 metros — Areia — Cavalos de 5 anos e mais, ganhadores até Cz$ 3.500,00 em 1º lugar no País

Nº	Animal	Peso	Jóquei	Última	Dist.	Tempo
1—1	Abaetuba	58	4 R.Freire	3º-11 Orbita	1.3 MP	82s4
2	Champion Boy	58	1 R.Marques	4º-7 Verbal	1.3 NL	83s3
2—3	Merel	58	6 J.Garcia	3º-12 Oeheaven	1.3 NL	81s
4	Bonner	58	8 E.Barbosa	6º-8 United Desert	1.3 MP	79s
3—5	Segredo	57	2 I.Brasiliense	8º-8 C.Vitória (SP)	1.2 NL	77s2
6	Darbillon	58	5 D.F.Graça	9º-10 Aníbal	1.3 MP	82s2
4—7	Goren	58	3 M.B.Santos Ap.3	3º-8 Paracambi	1.1 NL	69s1
8	Golden Bird	58	9 E.S.Gomes Ap.1	9º-8 Paracambi	1.1 NL	69s1
"	Explorer	58	7 W.P.Silva Ap.4	5º-7 Verbal	1.3 NL	83s3

Foto de José Camilo da Silva

For Merit, acima superado por Rimmel, é força no clássico

Potros definem liderança da geração (sem Rimmel)

Com a ausência do líder Rimmel, vítima de fratura num dos joelhos, oito potros disputam o Grande Prêmio Linneo de Paula Machado, o Grande Criterium da geração, de três anos, em 2 mil metros, na grama, com cotação de Cz$ 125 mil para o proprietário do ganhador. Sem Rimmel — o único que mostrou na campanha sinais de classe — o campo apresenta ligeiro destaque para For Merit e Casmurro, escoltantes do líder no Grande Prêmio Conde de Herzberg, porém há animais em progressos que podem surpreender os favoritos.

For Merit (Depressa em Babulinka), de criação e propriedade Rio Agro-Pastoril e propriedade do Stud Grumser, treinado por Oraci Cardoso, é o melhor nome. Por duas vezes arrematou perto de Rimmel sendo que, em sua última apresentação, seu piloto reconheceu tê-lo corrido equivocadamente. Se mostrar adaptação a distância maior — não correu ainda acima da milha — pode assumir hoje a liderança da turma.

Casmurro (Mogambo em Eldia), criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, aos cuidados de seu jóquei Adail Oliveira, surpreendeu com ótima exibição frente a Rimmel e For Merit embora — ao contrário deste último — tenha recebido direção maliciosa e inteligente. Normalmente, portanto, não deverá superar o filho de Depressa esta tarde.

Dos demais, Campione D'Oro e Eddy Wind apresentaram progressos nos exercícios. Mas foi Shelter (Arnaldo em She Cat), de criação e propriedade do Haras São José da Serra, treinamento de Luciano Previatti Neto, que além de chegar em quinto lugar na sua primeira incursão clássica — GP Conde de Herzbeg — produziu três ótimos trabalhos na volta fechada. Previatti está confiante na vitória e, realmente se confirmar seus exercícios, Shelter, por certo, chegará brigando pela primeira posição.

Resultado

Grumser Vale, tordilho de quatro anos, filho de Quenoir e Saltitante, venceu de ponta a ponta o Grande Prêmio Adhemar de Faria, igualando o recorde dos mil metros na grama, assinalando 55s4/5. Vida Mansa, que tentava o tricampeonato na prova, terminou na segunda colocação.

1º páreo — 1 mil 400 metros — grama — 1º Vic Day (G. Guimarães) 2º Alcatrão (J. Pinto) 3º First Attack (J.L. Marins) V.(5) 2,30; D.(23) 3,00; P.(5) 1,40 e (3) 1,40. Tempo: 1m25s. Exata (05 — 03) 8,40.
2º páreo — 1 mil 400 metros — areia — **1º Last** Man (F. Pereira Fº) 2º Caballero (J.Ricardo) 3º Vitorino (R. Freire) V.(5) 2,10; D. (24) 2,00; P.(5) 1,20 e (2) 1,10. Tempo: 1m26s1/5. Exata (05 — O2) 3,90.
3º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Gavião de Ouro (M. Ferreira) 2º Costamar (J.Malta) 3º Nykanen (J.Ricardo) V.(4) 5,40; D.(23) 6,2O; P.(4) 3,90 e (5) 4,90. Tempo: 58s1/5. Exata (04 — 05) 46,00. Triexata: 114,00.
4º páreo — 1 mil 300 metros — grama — 1º Hijo Lindo (J. Ricardo) 2º Sweet Pop (C.Lavor) 3º Charbel (J. Pinto) V.(1) 2,80; D.(14) 4,60; P.(1) 1,60 e (7) 2,10. Tempo: 1m17s3/5. Exata (01 — 07) 6,60.
5º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Eta Della Pietra (G. Guimarães) 2º Ordilla (J.Freire) 3º Hundalee (M. Ferreira) V.(4) 33,40; D.(23) 14,90; P.(4) 16,20 e (5) 5,10. Tempo: 58s2/5. Exata (04 — 05) 2.263,80. Triexata: 1.685,00.
6º páreo — 1 mil 300 metros — grama — 1º Hagada (F. Pereira Fº) 2º Hanlu (E.S.Gomes) 3º Peace Pipe (J.Aurélio) V.(7) 3,60; D.(14) 4,20; P.(7) 2,20 e (2) 3,30. Tempo: 1m16s4/ 5. Exata (07 — 02) 14,80.
7º páreo — 1 mil metros — grama — Grande Prêmio Adhemar de Faria — 1º Grumser Vale (G.F.Almeida) 2º Vida Mansa (J.Ricardo) 3º Agropyron (J.C.Castillo) V.(3) 1,70; D.(23) 2,60; P.(3) 1,30 e (6) 1,60. Tempo: 55s4/ 5 (igual ao recorde) Exata (03 — 06) 5,10. Não correu: Vida Mansa.
8º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Hyao-King (G.Guimarães) 2º Ivory Bird (J.Pinto) 3º El Panchito (F.Lemos) V.(2) 2,00; D.(11) 2,70; P.(2) 1,40 e (1) 1,40. Tempo: 59s. Exata (02 — 01) 4,30. Triexata: 23,00.
9º páreo — 1 mil 300metros — areia — 1º Balthazar (G.F.Almeida) 2º Vole Vite (P.Cardoso) 3º Old Share (J.Pinto) V.(5) 2,10; D.(24) 2,00; P.(5) 1,30 e (2) 1,30. Tempo: 1m20s3/ 5. Exata (05 — 02) 6,90.
10º páreo — 1 mil 600 metros — areia — 1º High Worth (J.Aurélio) 2º Ofuscante (C.Lavor) 3º Quadrige (F.Pereira Fº) V.(6) 3,00; D.(33) 20,00; P. (6) 2,00 e (5) 3,80. Tempo: 1m39s3/ 5. Exata (06 — 05) 69,20.
Movimento de apostas: Cz$ 4.686.086,00.

Indicações

Mauro de Faria

1º páreo — Club House • Acerto • Hot Bog — Club House caiu de turma. Acerto surge como principal rival. Hot Bog corre muito na grama.

2º páreo — Princeza Vianna • Flor do Rio • Untreue — Princeza Vianna nunca enfrentou turma tão fraca — é a única que tem vitória na turma — e normalmente deve ganhar. Flor do Rio é veloz. Untreue também aprecia o gramado.

3º páreo — Atoll • Lebrão • Great Incredulous — Por exclusão, acreditamos que Atoll deva vencer. Lebrão tem vitória na grama do Hipódromo do Cristal. Great Incredulous correu melhor merecendo atenção.

4º páreo — High Girl • Layza Real • La Blache — High Girl fracassou na areia mas é na grama onde corre mais. Layza Real é outra que rendeu menos na areia. La Blache tem vitória na relva por vários corpos lá no Sul.

5º páreo — Bardek • Red Thunder • Zoff — Bardek é de uma regularidade elogiável nesses dias que o turfe carioca vive. Deve vencer sem problemas. Red Thunder vem de bom terceiro. Zoff perdeu por pequena diferença.

6º páreo — For Merit • Casmurro • Shelter

7º páreo — Via Carola • Assembléia Geral • Rain's Melody — **Via Carola tem bons exercícios e na grama deve render o máximo. Assembléia Geral tem ótimos trabalhos. Rain's Melody mostrou velocidade.**

8º páreo — Serrão • Regtime • Puiggros — **Serrão é veloz, gosta da grama e vem de bom segundo lugar em sua última corrida na Gávea. Regtime vem de atuações regulares na areia e rende mais no gramado. Puiggros já enfrentou turmas mais fortes.**

9º páreo — Quorovision • Jetless • Renias — **Vítima de um percurso extremamente confuso em sua última atuacão — seu piloto inclusive ficou meio enrolado com o chicote — Quorovision deve vencer. Jetless está melhorando. Renias perdeu por pequena diferença.**

10º páreo — Goren • Abaetuba • Golden Bird — **Goren vem de ótima exibição. Abaetuba tem chegado perto. Golden Bird é perigoso.**

Brasil derrota URSS e traz quinto lugar do mundial de vôlei

Praga — O vôlei brasileiro está em festa. Numa partida em que sempre dominou, a Seleção Brasileira feminina venceu a União Soviética por 3 a 0 (15/5, 15/8 e 15/10) e assegurou o quinto lugar no Campeonato Mundial, que terminou ontem. Esta foi a melhor colocação do Brasil em competições internacionais do vôlei feminino nos últimos 20 anos.

Na disputa pela medalha de ouro, a China derrotou a Seleção de Cuba. Com um bom bloqueio e aproveitando bem os saques, as chinesas venceram a partida por 3 a 1 (15/6, 15/7, 10/15 e 15/9). O resultado foi comemorado intensamente pela Seleção da China.

As cubanas não conseguiram repetir exibições anteriores. Foi uma equipe sem agressividade e com muitos erros, tanto no bloqueio como nos saques. Apenas no terceiro **set** Cuba conseguiu encontrar o seu melhor ritmo de jogo. No entanto, não foi o suficiente para impedir a conquista da medalha de ouro pela China.

Medalha de prata no último Mundial, em 1982, a Seleção do Peru teve que se contentar desta vez com a de bronze. Num jogo bem disputado em que a Alemanha Oriental surpreendeu pela determinação e aplicação, as peruanas venceram por 3 a 1 (13/15, 16/14, 15/9 e 15/8). O jogo foi um dos mais longos do Mundial — levou 110 minutos — e as duas equipes deixaram a quadra sob aplausos dos torcedores.

A classificação geral do Mundial ficou assim: 1) China; 2) Cuba; 3) Peru; 4) Alemanha Oriental; 5) Brasil; 6) União Soviética; 7) Japão; 8) Coréia do Sul; 9) Itália; 10) Estados Unidos; 11) Tcheco-Eslováquia; 12) Bulgária; 13) Alemanha Ocidental; 14) Coréia do Norte; 15) Canadá; e 16) Tunísia.

Lustosa vence série nacional do hipismo em Belo Horizonte

Belo Horizonte — O cavaleiro brasiliense Almir Lustosa Vieira, montando **King Turco**, foi o vencedor da série nacional do II Concurso Internacional de Hipismo de Belo Horizonte. Almir, que não teve boa classificação na terceira e última prova, realizada na manhã de ontem, completou 235 pontos e recebeu o Troféu Confederação Brasileira de Hipismo. Com 227 pontos, montando **Moreninha**, Jorge Dornelles, outro cavaleiro de Brasília, foi o vice-campeão da série.

A terceira prova da série nacional foi vencida pela amazona mineira Marina Oliveira Azevedo. Montando **Gran Abdan**, ela fechou em 31s51 a prova, realizada em pista de areia, em duas fases e obstáculos de 1m20cm a 1m60cm. Em segundo lugar ficou Ismar Ribeiro Neto (SP), montando **S.W. Blue Moon**, com 32s74, e em terceiro outra mineira, Andrea Pinheiro de Oliveira, com tempo de 32s93, montando **Promissor**.

A terceira prova internacional, realizada na noite de anteontem, em pista de grama, foi dominada por cavaleiros estrangeiros. O vencedor foi o americano naturalizado espanhol Rutherford de Lathan, que, montando **Melissa**, zerou a pista em 31s87. Em segundo lugar ficou o francês Jean Marc Nicolas, com **Mio Way Saint Paez**, em 32s72, também sem faltas, e, em terceiro, o belga Axel Verlcoy zerou a pista em 36s20, montando **One Eleven Marcolas**.

O cavaleiro mineiro Vitor Alves Teixeira, que montando **Zurkis** tinha vencido as duas primeiras das sete provas da série internacional, ficou em quinto lugar, montando **Larramy**.

Recordista Domingues é a atração da milha na Avenida Paulista

São Paulo — Recordista sul-americano dos 3 mil metros com obstáculos, o brasileiro Adauto Domingues, do Sesi-Quimbrasil, é a maior atração da Milha Ford-Sears, marcada para esta manhã, na Avenida Paulista, em várias séries.

Mas há outros destaques como o campeão mundial universitário Chris McGeorge e a japonesa Akemi Masuda. A milha Ford-Sears é uma preliminar do **meeting** de atletismo do próximo domingo, no conjunto esportivo Constâncio Vaz Guimarães, no Ibirapuera.

O **meeting** vai reunir grandes nomes do atletismo mundial, como o norte-americano Mike Conley, medalha de prata no salto triplo da Olimpíada de Los Angeles; a romena Doina Nelinte, medalha de ouro no mesmo torneio, nos 800 metros; os búlgaros, recordistas mundiais, Stefka Kostadinova (2 metros e 8 centimetros no salto em altura) e Yordanka Donkova (12 s 26 nos 100 metros com barreiras); a recordista mundial do heptatlo, a norte-americana Jackie Joyner; e o campeão olímpico do arremesso de peso, o italiano Alessandro Andrei.

Stuttgart — Um jovem sueco de 17 anos eliminou ontem um dos jogadores mais cotados para a conquista do título do Grand Prix de Stuttgart, Alemanha Ocidental. Com um jogo digno dos veteranos e uma calma desconcertante, Jonas Svensson derrotou o equatoriano Andres Gomez por 6/3 e 7/6, numa partida que durou 94 minutos e foi uma das mais longas da competição até agora. Svensson está classificado para a semifinal.

Novo campeão — O americano John Kosteni venceu o Campeonato Mundial de Vela, classe Soling, ao ganhar a sétima e última etapa da competição que terminou ontem em La Trinite, na França. O também americano David Curtis, ganhador do ano passado e favorito para o título desta temporada, ficou em terceiro lugar, enquanto o alemão Jochen Schumann foi o segundo colocado.

Medalhas — Favorita e defendendo uma hegemonia de sete anos, a equipe juvenil de atletismo do Brasil conquistou ontem a sua primeira medalha de ouro no Campeonato Sul-Americano da categoria, que começou em Quito. Gladis Kun ficou em primeiro lugar na prova de salto em altura, com a marca de 1,75m, enquanto a colombiana Fernanda Moran, com 1,72m, obteve a de prata e Nanci Pila, da Argentina, a de bronze com a mesma marca de Moran. No lançamento de martelo, os argentinos dominaram. Adrian Marzo conquistou a medalha de ouro e Leonardo Scherone a de prata.

Recorde — A equipe feminina de tiro da Bulgária conquistou ontem a medalha de ouro do Campeonato Mundial, disputado em Sulil, na Alemanha Oriental. As búlgaras marcaram 1.746 pontos, estabelecendo um novo recorde mundial para a prova por equipes. Este foi o segundo recorde em 24 horas na competição. O primeiro ficou em poder da equipe masculina da União Soviética.

Sala — O fim da chuva acabou com a participação do brasileiro Maurízio Sala na corrida de Fórmula-3 disputada ontem na pista de Spa, na Bélgica. Enquanto a pista estava molhada, Sala conseguiu ter um bom desempenho. Era um dos poucos participantes com pneus especiais para chuva. No entanto, a poucas voltas do final da corrida, a chuva parou e Sala teve de desistir, porque os pneus não suportaram. Na classificação geral, ele terminou em 9º lugar, enquanto o vencedor foi o inglês Andy Walace, com o tempo de 35.45.20, Perry McCarthy, também da Inglaterra, ficou em segundo com 38.08.54.

Em Goiás — A obrigação de defender a liderança nas categorias 125 e 250cc do Campeonato Brasileiro de Motocross hoje, inaugurando a pista de Caldas Novas, em Goiás, ficou mais fácil para o norte-americano Rodney Smith, da equipe Hollywood. Seu principal adversário, Kenny Keylon, também dos EUA, não competirá, porque na última prova do Campeonato Paulista machucou a mão ao sofrer uma queda e ainda não se recuperou. A primeira largada, às 13 horas, será a de 125cc; a de 250cc será às 15 horas.

Minimoscas — O coreano Chang Chong Gu, 24 anos, manteve o seu título de campeão mundial dos pesos minimoscas (versão do Conselho Mundial de Boxe), ao derrotar por pontos, ontem em Seul, o desafiante Francisco Maciel, mexicano. A decisão dos jurados foi unânime e a luta teve 12 assaltos. Foi a 10ª defesa do título do campeão, que conquistou a coroa em março de 1984, ao nocautear o panamenho Ailario Zapata.

Hoje, na Gávea

1º PÁREO — Às 14h00 — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 81s2 (ARABAT) — Dotação: Cz$ 14.000,00 Animais de 5 anos e mais, ganhadores até Cz$ 14.000,00 em 1º lugar no País — Peso: 58 quilos, com descarga

1—1 Hot Bog	58	1 M. Ferreira	3º-11 Gran Dorato	1.3 GL	78s
2 Fair Fax	58	5 I. Lanes	8º-9 Alcidia	1.3 NL	81s4
2—3 [illegible]	57	7 P. Cardoso	4º-6 Don Oygo	1.3 MU	82s1
4 Seguro	58	6 G. F. Silva	6º-6 Don Oygo	1.3 MU	82s1
3—5 [illegible]	55	3 J. Ricardo	3º-8 Alliance *	1.3 NM	82s2
6 Club House	58	2 J. F. Reis	5º-6 Acentuado	1.4 GL	83s3
4—7 Acerto	58	4 C. Bittencourt	5º-7 Sucarmo	1.3 NL	80s4
8 Estábua	56	8 J. Freire	1º-6 Galeon Du Roi	1.3 NM	83s2

2º PÁREO — Às 14h30min — 1.000 metros — GRAMA — Éguas de 5 anos e mais, ganhadoras até Cz$ 1.200,00 em 1º lugar no País

1—1 Côte D'Or	58	3 J. Ricardo	3º-6 Gold Mar	1.0 GL	60s
2 Agolá	58	1 W. Gonçalves	5º-5 Nice La Belle	1.3 NL	83s2
2—3 Flor do Rio	58	2 P. Cardoso	4º-6 Gold Mar	1.0 GL	60s
3—4 Untreue	58	4 R. Freire	3º-5 Ilha da Fantasia	1.3 AP	84s
4—5 Princeza Vianna	58	5 J. C. Castillo	5º-8 Gainidra	1.1 MU	70s1

3º PÁREO — Às 15h00 — 1.000 metros — GRAMA
Cavalos de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

1—1 Atoll	57	3 G. F. Almeida	7º-12 Kalinium	1.4 GU	84s3
2—2 Dear	57	6 J. L. Marins	4º-7 Dadur	1.1 MU	69s2
3 Darnock	57	4 G. Guimarães	7º-7 Dadur -I-	1.1 MU	69s2
3—4 Great Incredulous	57	7 E. S. Gomes Ap.1	4º-7 Ras-Elibal	1.0 GL	58s3
5 [illegible]	57	5 J. Ricardo	4º-7 Leares	1.3 GM	79s2
4—6 Lebrão	57	2 M. A. Nunes	6º-7 So Shy	1.0 GL	58s1
7 [illegible]	57	1 W. Guimarães Ap.4	7º-7 Leares	1.3 GM	79s2

4º PÁREO - Às 15h30min - 1.000 metros - GRAMA - Éguas de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

1—1 Layza Real	57	4 J. Ricardo	9º-12 Doreson	1.1 MU	68s3
2 So Fiber	57	9 J. Freire	9º-11 Bint-El-Saad	1.1 NL	68s3
2—3 High Girl	57	2 F. Pereira Fº	7º-11 Bint-El-Saad	1.1 NL	68s3
4 Lamborgi	57	1 U. Meireles	7º-12 Doreson -I-	1.1 MU	68s3
3—5 Braveness	57	7 J. F. Reis	4º-10 Disc	1.0 GL	59s
6 Film Star	57	8 G. Guimarães	8º-9 Dencel -d-	1.0 GL	59s2
4—7 Duas Lágrimas	57	6 C. Pensalem	4º-12 Doreson	1.1 MU	68s3
8 De Love	57	5 E. R. Ferreira	8º-12 Doreson	1.1 MU	68s3
9 La Blache	57	3 E. S. Gomes Ap.1	8º-11 Bint-El-Saad	1.1 NL	68s3

5º PÁREO — Às 16h00min — 1.000 metros — GRAMA — Cavalos de 4 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

1—1 Bardek	57	2 R.Freire	2º-7 So Shy	1.0 GL	58s1
2—2 Zoff	57	1C.Bittencourt	2º-6 Tona	1.1 NL	69s3
3—3 [illegible]	57	4 I.Lanes	7º-9 Esp. de Ferro	1.1 NL	69s4
4 Red White	57	3 P.Cardoso	ESTREANTE	—	—
4—5 [illegible]	57	6J.F.Reis	5º-7 Dadur	1.1 MU	69s2
6 Red Thunder	57	5 J.Ricardo	3º-7 Dadur	1.1 MU	69s2

6º PÁREO — Às 16h30min — 2.000 metros — GRAMA — Potros de 3 anos

1—1 For Merit	56	5 J.Aurélio	3º-10 Rimmel	1.6 GL	96s1
2 [illegible]	56	2 G.F.Almeida	1º-7 Constelação	1.6 AU	104s1
2—3 Casmurro	56	1 A.Oliveira	2º-10 Rimmel * -I-	1.6 GL	96s1
* Campione D'Oro	56	6 J.Ricardo	1º-9 Edredon	1.5 AP	94s4
3—4 [illegible]	56	3 E.Ferreira	6º-10 Rimmel *	1.6 GL	96s1
* Eddy Wind	56	7 J.Pinto	1º-11 Consular	1.4 AP	87s1
4—5 Shelter	56	4 J.F.Reis	5º-10 Rimmel *	1.6 GL	96s1
* [illegible]	56	8 A.Machado Fº	1º-8 [illegible]	1.5 GL	89s3

7º Páreo — Às 17h00 — 1.000 metros — GRAMA — Potrancas de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo

1—1 Assembléia Geral	56	5 J.Ricardo	—Estreante	—	—
2 NEC PLUS ULTA	56	6 Claver	6º 6-Rage of Angels	1.1 AP	69s
2—3 [illegible]	56	4 J.Aurélio	4º 10-La Musardière	1.1 NM	69s4
4 [illegible]	56	2 J.F.Reis	4º 6-Iamaelita*	1.0 GL	59s
3—5 [illegible]	56	3 E.Ferreira	4º- 11-CAsima*	1.1 NM	71s
6 Shimmer	56	7 M.Andrade	11º- 13-Marna	1.0 GL	59s1
7 Rain's Melody	56	10 E.S.Gomes Ap.1	9º- 10-La Musardière	1.1 NM	69s4
4—8 [illegible] Girl	56	9 E.R.Ferreira	6º- 7-A.Du Barry (SP)	1.4 GL	86s5
9 Via Carola	56	8 G.F.Almeida	ESTREANTE	—	—
10 [illegible]	56	1 F.Pereira Fº	6º 6-Capella Bella	1.0 GL	59s3

8º PÁREO — Às 17h30min — 1.400 metros — GRAMA — Animais de 5 anos e mais, ganhadores até Cz$ 7.000,00 em 1º lugar no País

1—1 Serrão	57	6 E.S.Gomes Ap.1	5º- 7 Epic Jet (SP)	1.3 NL	81s3
2 [illegible]	58	2 C.A.Martins	6º- 8 Paracambi	1.1 NL	69s1
2—3 [illegible]	58	5 E.Marinho	6º- 9 Juizo Final	1.3 NM	82s2
4 Danger Paddy	58	1 J.Malta	5º- 9 Apocalipse Now	1.2 NL	75s2
3—5 Puiggros	58	4 J.F.Reis	9º-10 Guadamur (SP)	1.3 GLx	79s3
4—6 [illegible]	56	7 C.Lavor	5º- 7 G.Guerreiro	1.3 NP	82s4
7 Regtime	57	3 J.Pinto	4º- 9 Juizo Final	1.3 NM	82s2

9º PÁREO — Às 18h00min — 1.300 metros — AREIA — VARIANTE — Animais de 4 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo

1—1 Indy	57	6 L. Esteves	2º-8 Easy Runner	1.2 NL	76s
2 Lutador	57	2 E. R. Ferreira	7º-8 Easy Runner	1.2 NL	76s
2—3 Renias	55	7 J. Ricardo	2º-10 Graviana	1.2 NL	76s
4 [illegible]	57	5 J. F. Reis	5º-12 Kalinium	1.4 GU	84s3
3—5 Leares	57	1 R. Antônio	1º-7 So Ruled	1.3 GM	79s2
6 [illegible]	57	4 J. B. Fonseca	5º-6 Hamilton	1.5 GM	91s3
4—7 Quorovision	57	9 J. L. Marins	3º-7 So Shy	1.0 GL	58s1
8 Jetless	57	8 G. F. Silva	5º-8 Easy Runner	1.2 NL	76s
9 [illegible]	57	3 L. Lanes	11º-13 Balthazar	1.2 MU	76s1

10º Páreo — Às 18h30 — 1.200 metros — Areia — Cavalos de 5 anos e mais, ganhadores até Cz$ 3.500,00 em 1º lugar no País

1—1 Abaetuba	58	4 R.Freire	3º-11 Orbita	1.3 NP	82s4
2 Champion Boy	58	1 R.Marques	4º-7 Verbal	1.3 NL	83s3
2—3 [illegible]	58	6 J.Garcia	3º-12 Dehaven	1.3 NL	81s
4 [illegible]	58	8 E.Barbosa	6º-8 United Desert	1.3 NP	79s
3—5 [illegible]	57	2 I.Brasileiro	8º-8 C.Vittorio (SP)	1.2 NL	77s2
6 [illegible]	58	5 D.F.Graça	9º-10 Asdrubal	1.3 NP	82s2
4—7 Goren	58	3 M.B.Santos Ap.3	3º-8 Paracambi	1.1 NL	69s1
8 Golden Bird	58	9 E.S.Gomes Ap.1	5º-8 Paracambi	1.1 NL	69s1
* [illegible]	58	7 W.P.Silva Ap. 4	5º-7 Verbal	1.3 NL	83s3

Foto de José Camilo da Silva

For Merit, acima superado por Rimmel, é força no clássico

Potros definem liderança da geração (sem Rimmel)

Com a ausência do líder Rimmel, vítima de fratura num dos joelhos, oito potros disputam o Grande Prêmio Linneo de Paula Machado, o Grande Criterium da geração, de três anos, em 2 mil metros, na grama, com cotação de Cz$ 125 mil para o proprietário do ganhador. Sem Rimmel — o único que mostrou na campanha sinais de classe — o campo apresenta ligeiro destaque para For Merit e Casmurro, escoltantes do líder no Grande Prêmio Conde de Herzbeg, porém há animais em progressos que podem surpreender os favoritos.

For Merit (Depressa em Babulinka), de criação e propriedade Rio Agro-Pastoril e propriedade do Stud Grumser, treinado por Oraci Cardoso, é o melhor nome. Por duas vezes arrematou perto de Rimmel sendo que, em sua última apresentação, seu piloto reconheceu tê-lo corrido equivocadamente. Se mostrar adaptação a distância maior — não correu ainda acima da milha — pode assumir hoje a liderança da turma.

Casmurro (Mogambo em Eldia), criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, aos cuidados de seu jóquei Adail Oliveira, surpreendeu com ótima exibição frente a Rimmel e For Merit embora — ao contrário deste último — tenha recebido direção maliciosa e inteligente. Normalmente, portanto, não deverá superar o filho de Depressa esta tarde.

Dos demais, Campione D'Oro e Eddy Wind apresentaram progressos nos exercícios. Mas foi Shelter (Arnaldo em She Cat), de criação e propriedade do Haras São José da Serra, treinamento de Luciano Previatti Neto, que além de chegar em quinto lugar na sua primeira incursão clássica — GP Conde de Herzbeg — produziu três ótimos trabalhos na volta fechada. Previatti está confiante na vitória e, realmente se confirmar seus exercícios, Shelter, por certo, chegará brigando pela primeira posição.

Resultado

Grumser Vale, tordilho de quatro anos, filho de Quenoir e Saltitante, venceu de ponta a ponta o Grande Prêmio Adhemar de Faria, igualando o recorde dos mil metros na grama, assinalando 55s4/5. Vida Mansa, que tentava o tricampeonato na prova, terminou na segunda colocação.

1º páreo — 1 mil 400 metros — grama — 1º Vic Day (G. Guimarães) 2º Alcatrão (J. Pinto) 3º First Attack (J.L. Marins) V.(5) 2,30; D.(23) 3,00; P.(5) 1,40 e (3) 1,40. Tempo: 1m25s. Exata (05 — 03) 8,40.
2º páreo — 1 mil 400 metros — areia — 1º Last Man (F. Pereira Fº) 2º Caballero (J.Ricardo) 3º Vitorino (R. Freire) V.(5) 2,10; D. (24) 2,00; P.(5) 1,20 e (2) 1,10. Tempo: 1m26s1/5. Exata (05 — O2) 3,90.
3º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Gavião de Ouro (M. Ferreira) 2º Costamar (J.Malta) 3º Nykanen (J.Ricardo) V.(4) 5,40; D.(23) 6,2O; P.(4) 3,90 e (5) 4,90. Tempo: 58s1/5. Exata (04 — 05) 46,00. Triexata: 114,00.
4º páreo — 1 mil 300 metros — grama — 1º Hijo Lindo (J. Ricardo) 2º Sweet Pop (C.Lavor) 3º Charbel (J. Pinto) V.(1) 2,80; D.(14) 4,60; P.(1) 1,60 e (7) 2,10. Tempo: 1m17s3/5. Exata (01 — 07) 6,60.
5º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Eta Della Pietra (G. Guimarães) 2º Ordilla (J.Freire) 3º Hundalee (M. Ferreira) V.(4) 33,40; D.(23) 14,90; P.(4) 16,20 e (5) 5,10. Tempo: 58s2/5. Exata (04 — 05) 2.263,80. Triexata: 1.685,00.
6º páreo — 1 mil 300 metros — grama — 1º Hagada (F. Pereira Fº) 2º Hanlu (E.S.Gomes) 3º Peace Pipe (J.Aurélio) V.(7) 3,60; D.(14) 4,20; P.(7) 2,20 e (2) 3,30. Tempo: 1m16s4/ 5. Exata (07 — 02) 14,80.
7º páreo — 1 mil metros — grama — Grande Prêmio Adhemar de Faria — 1º Grumser Vale (G.F.Almeida) 2º Vida Mansa (J.Ricardo) 3º Agropyron (J.C.Castillo) V.(3) 1,70; D.(23) 2,60; P.(3) 1,30 e (6) 1,60. Tempo: 55s4/ 5 (igual ao recorde) Exata (03 — 06) 5,10. Não correu: Vida Mansa.
8º páreo — 1 mil metros — grama — 1º Hyao-King (G.Guimarães) 2º Ivory Bird (J.Pinto) 3º El Panchito (F.Lemos) V.(2) 2,00; D.(11) 2,70; P.(2) 1,40 e (1) 1,40. Tempo: 59s. Exata (02 — 01) 4,30. Triexata: 23,00.
9º páreo — 1 mil 300metros — areia — 1º Balthazar (G.F.Almeida) 2º Vole Vite (P.Cardoso) 3º Old Share (J.Pinto) V.(5) 2,10; D.(24) 2,00; P.(5) 1,30 e (2) 1,30. Tempo: 1m20s3/ 5. Exata (05 — 02) 6,90.
10º páreo — 1 mil 600 metros — areia — 1º High Worth (J.Aurélio) 2º Ofuscante (C.Lavor) 3º Quadrige (F.Pereira Fº) V.(6) 3,00; D.(33) 20,00; P. (6) 2,00 e (5) 3,80. Tempo: 1m39s3/ 5. Exata (06 — 05) 69,20.
Movimento de apostas: Cz$ 4.686.086,00.

Indicações

Mauro de Faria

1º páreo — Club House • Acerto • Hot Bog — Club House caiu de turma. Acerto surge como principal rival. Hot Bog corre muito na grama.
2º páreo — Princeza Vianna • Flor do Rio • Untreue — Princeza Vianna nunca enfrentou turma tão fraca — é a única que tem vitória na turma — e normalmente deve ganhar. Flor do Rio é veloz. Untreue também aprecia o gramado.
3º páreo — Atoll • Lebrão • Great Incredulous — Por exclusão, acreditamos que Atoll deva vencer. Lebrão tem vitória na grama do Hipódromo do Cristal. Great Incredulous correu melhor merecendo atenção.
4º páreo — High Girl • Layza Real • La Blache — High Girl fracassou na areia mas é na grama onde corre mais. Layza Real é outra que rendeu menos na areia. La Blache tem vitória na relva por vários corpos lá no Sul.
5º páreo — Bardek • Red Thunder • Zoff — Bardek é de uma regularidade elogiável nesses dias que o turfe carioca vive. Deve vencer sem problemas. Red Thunder vem de bom terceiro. Zoff perdeu por pequena diferença.
6º páreo — For Merit • Casmurro • Shelter
7º páreo — Via Carola • Assembléia Geral • Rain's Melody — **Via Carola tem bons exercícios e na grama deve render o máximo. Assembléia Geral tem ótimos trabalhos. Rain's Melody mostrou velocidade.**
8º páreo — Serrão • Regtime • Puiggros — **Serrão é veloz, gosta da grama e vem de bom segundo lugar em sua última corrida na Gávea. Regtime vem de atuações regulares na areia e rende mais no gramado. Puiggros já enfrentou turmas mais fortes.**
9º páreo — Quorovision • Jetless • Renias — **Vítima de um percurso extremamente confuso em sua última atuação — seu piloto inclusive ficou meio enrolado com o chicote — Quorovision deve vencer. Jetless está melhorando. Renias perdeu por pequena diferença.**
10º páreo — Goren • Abaetuba • Golden Bird — **Goren vem de ótima exibição. Abaetuba tem chegado perto. Golden Bird é perigoso.**

Brasil derrota URSS e traz quinto lugar do mundial de vôlei

Praga — O vôlei brasileiro está em festa. Numa partida em que sempre dominou, a Seleção Brasileira feminina venceu a União Soviética por 3 a 0 (15/5, 15/8 e 15/10) e assegurou o quinto lugar no Campeonato Mundial, que terminou ontem. Esta foi a melhor colocação do Brasil em competições internacionais do vôlei feminino nos últimos 20 anos.

Na disputa pela medalha de ouro, a China derrotou a Seleção de Cuba. Com um bom bloqueio e aproveitando bem os saques, as chinesas venceram a partida por 3 a 1 (15/6, 15/7, 10/15 e 15/9). O resultado foi comemorado intensamente pela Seleção da China.

As cubanas não conseguiram repetir exibições anteriores. Foi uma equipe sem agressividade e com muitos erros, tanto no bloqueio como nos saques. Apenas no terceiro **set** Cuba conseguiu encontrar o seu melhor ritmo de jogo. No entanto, não foi o suficiente para impedir a conquista da medalha de ouro pela China.

Medalha de prata no último Mundial, em 1982, a Seleção do Peru teve que se contentar desta vez com a de bronze. Num jogo bem disputado em que a Alemanha Oriental surpreendeu pela determinação e aplicação, as peruanas venceram por 3 a 1 (13/15, 16/14, 15/9 e 15/8). O jogo foi um dos mais longos do Mundial — levou 110 minutos — e as duas equipes deixaram a quadra sob aplausos dos torcedores.

A classificação geral do Mundial ficou assim: 1) China; 2) Cuba; 3) Peru; 4) Alemanha Oriental; 5) Brasil; 6) União Soviética; 7) Japão; 8) Coréia do Sul; 9) Itália; 10) Estados Unidos; 11) Tcheco-Eslováquia; 12) Bulgária; 13) Alemanha Ocidental; 14) Coréia do Norte; 15) Canadá; e 16) Tunísia.

Final do Hang Loose é hoje e não terá surfista brasileiro

Mair Pena Neto

Florianópolis — Os surfistas brasileiros vão ter de assistir da areia à final do Hang Loose Pro Contest, etapa do circuito mundial da Associação dos Surfistas Profissionais (ASP). O último representante do país, o carioca Sérgio Noronha, 19 anos, foi eliminado ontem pelo australiano Dave Macaulay, 22 anos, em apenas duas das três baterias previstas.

Sérgio Noronha já chegou à Praia da Joaquina decidido a continuar como amador, desistindo de se profissionalizar, como anunciara sexta-feira, segundo ele, precipitadamente, "no entusiasmo da vitória". Assim, por seu quinto lugar no Hang Loose Pro Contest, o brasileiro não receberá o prêmio de Cz$ 20 mil, que irá para o fundo da ASP, mas terá garantido os 610 pontos no **ranking** mundial.

A primeira bateria da série de melhor de três entre Sérgio Noronha e Dave Macaulay começou com uma maior iniciativa do brasileiro, que no entanto caiu em suas duas primeiras ondas, talvez as melhores no mar baixo de ontem na Joaquina. Noronha só conseguiu completar sua terceira onda, bem inferior em qualidade às que perdera.

Dave Macaulay, por sua vez, era mais prudente, e não perdeu uma só das ondas em que se lançou, mostrando firmeza em seu estilo **Goofy** (pé direito na frente), que o deixava de costas para as "esquerdas" da Joaquina. Noronha ainda conseguiu um tubo (atravessar a onda por dentro), mas perdeu a bateria por unanimidade dos juízes: 5 a 0.

O brasileiro começou mais seguro na segunda bateria, mas continuava não finalizando bem as ondas, apesar de boas manobras, como o **snapback**, criado pelo australiano Ian Cairns, hoje diretor da ASP, que consiste em jogar o corpo para trás logo depois da batida, já no **cutback** (troca de direção na onda). Assim, Macaulay voltou a ser mais consistente e ganhou a bateria por 5 a 0, não precisando voltar mais à água para um eventual desempate.

Na semifinal de hoje, que também se disputará em melhor de três baterias, Macalay terá como adversário o havaiano Hans Hedeman, 27 anos, sétimo colocado no circuito deste ano, e que tem uma forma de surfar oposta à sua: é regular, isto é, usa o pé esquerdo à frente. Macaulay diz jamais ter enfrentado o havaiano numa bateria homem a homem, mas acha que estão em igualdade de condições.

Na outra semifinal, se enfrentarão o sul-africano Shaun Tomson, 30 anos, campeão mundial em 1977, e o jovem australiano Mark Occhilupo, 19 anos. Tomson, um veterano do circuito, assegurou sua presença na semifinal com uma convincente vitória em duas baterias sobre o australiano Glen Winton, atual terceiro colocado no **ranking** mundial. Occhilupo, precisou de três baterias para superar seu compatriota Glen Winto, que está em terceiro lugar no **ranking** mundial, uma posição à sua frente.

Brasil — O Brasil conquistou dificílima vitória na sua estréia no Mundial de hóquei, ontem em Sertãozinho (SP): 1 a 0 sobre Angola, gol marcado a 30 segundos do final da partida, por Vítor Santos. Em outro jogo, a Argentina, atual campeã mundial, foi derrotada pela Espanha por 6 a 4. Hoje o Brasil joga contra o Chile. (Mais hóquei na página 42)

Novo campeão — O americano John Kosteni venceu o Campeonato Mundial de Vela, classe Soling, ao ganhar a sétima e última etapa da competição que terminou ontem em La Trinite, na França. O também americano David Curtis, ganhador do ano passado e favorito para o título desta temporada, ficou em terceiro lugar, enquanto o alemão Jochen Schumann foi o segundo colocado.

Medalhas— Favorita e defendendo uma hegemonia de sete anos, a equipe juvenil de atletismo do Brasil conquistou ontem sua primeira medalha de ouro no Campeonato Sul-Americano da categoria, que começou em Quito. Gladis Kun ficou em primeiro lugar na prova de salto em altura, com a marca de 1,75m, enquanto a colombiana Fernanda Moran, com 1,72m, obteve a de prata e Nanci Pila, da Argentina, a de bronze com a mesma marca de Moran. No lançamento de martelo, os argentinos dominaram. Adrian Marzo conquistou a medalha de ouro e Leonardo Scherone a de prata.

Recorde — A equipe feminina de tiro da Bulgária conquistou ontem a medalha de ouro do Campeonato Mundial, disputado em Sulil, na Alemanha Oriental. As búlgaras marcaram 1.746 pontos, estabelecendo um novo recorde mundial para a prova por equipes. Este foi o segundo recorde em 24 horas na competição. O primeiro ficou em poder da equipe masculina da União Soviética.

Sala — O fim da chuva acabou com a participação do brasileiro Maurízio Sala na corrida de Fórmula-3 disputada ontem na pista de Spa, na Bélgica. Enquanto a pista estava molhada, Sala conseguiu ter um bom desempenho. Era um dos poucos participantes com pneus especiais para chuva. No entanto, a poucas voltas do final da corrida, a chuva parou e Sala teve de desistir, porque os pneus não suportaram. Na classificação geral, ele terminou em 9º lugar, enquanto o vencedor foi o inglês Andy Walace, com o tempo de 35.45.20, Perry McCarthy, também da Inglaterra, ficou em segundo com 38.08.54.

Em Goiás— A obrigação de defender a liderança nas categorias 125 e 250cc do Campeonato Brasileiro de Motocross hoje, inaugurando a pista de Caldas Novas, em Goiás, ficou mais fácil para o norte-americano Rodney Smith, da equipe Hollywood. Seu principal adversário, Kenny Keylon, também dos EUA, não competirá, porque na última prova do Campeonato Paulista machucou a mão ao sofrer uma queda e ainda não se recuperou. A primeira largada, às 13 horas, será a de 125cc; a de 250cc será às 15 horas.

Minimoscas — O coreano Chang Chong Gu, 24 anos, manteve o seu título de campeão mundial dos pesos minimoscas (versão do Conselho Mundial de Boxe), ao derrotar por pontos, ontem em Seul, o desafiante Francisco Maciel, mexicano. A decisão dos jurados foi unânime e a luta teve 12 assaltos. Foi a 10ª defesa do título do campeão, que conquistou a coroa em março de 1984, ao nocautear o panamenho Ailario Zapata.

Sertãozinho, SP/Fotos de Fernando Pereira

O hóquei é uma mania em Sertãozinho, onde proliferam as escolinhas de formação de jogadores e há um florescente comércio de material para a prática do esporte.

O mundo vem jogar em Sertãozinho

A capital nacional do hóquei

Ouhydes Fonseca

Sertãozinho (SP) — "Antigamente, as pessoas diziam que Sertãozinho ficava perto de Ribeirão Preto. Hoje, Ribeirão Preto é que fica perto de Sertãozinho". Não se deve ver nada além de um fundo orgulho no exagero do prefeito de Sertãozinho, Joaquim Ademar Marques, filiado ao PMDB. Afinal, como comparar cidades tão diferentes como Ribeirão Preto, 700 mil habitantes e toda a infra-estrutura de uma metrópole, com a Sertãozinho de menos de 80 mil habitantes, um único e pobre cinema, dois hotéizinhos sem uma única estrela e nenhuma vida noturna?

Apesar disso, não há como negar a sensação de grandeza que os sertanienses (naturais de Sertãozinho) vivem desde que o pequeno município encravado em terras férteis do Noroeste paulista ganhou fartos espaços no nóticiário esportivo com as vitórias do Sertãozinho Hóquei Clube. E que chega ao máximo nesta semana, com a realização do Campeonato Mundial de Hóquei sobre patins, enchendo a cidade de cartazes, muros pintados e grande variedade de **souvenirs** tendo como figura-símbolo o caipirinha Chico Bento, criado por Maurício de Souza, sobre patins e empunhando um **stick**.

É uma cidade vestida de jogador de hóquei que verão os 2 mil turistas e 200 jornalistas estrangeiros esperados para acompanhar os jogos no ginásio de esportes Pedro Ferreira dos Reis, o **Docão**, com capacidade para 7 mil pessoas. Sertãozinho, uma das cidades do interior paulista que se enriqueceram com o Proálcool, com algumas das maiores usinas do país, vive a euforia de um esporte ainda sem tradição no Brasil, mas que virou mania de cidade.

A história dessa mania é recente. Começa em 1979, quando o ex-capitão da Seleção e do Palmeiras, Haroldo Requena, pretendendo fixar-se na cidade, propôs formar uma equipe de hóquei sobre patins, esporte até então desconhecido de todos. Promoveu-se, então, um torneio-exibição com as presenças de Flamengo, Palmeiras, Portuguesa e uma equipe local. A semente que se plantava nem mesmo a morte de Requena, meses depois, num acidente de carro, impediu de vingar. Depois, vieram dois campeonatos brasileiros e dois mundialitos interclubes, o investimento da prefeitura na melhoria das quadras e na **adoção** de atletas e, como resultado, não só Sertãozinho passou a ter a principal equipe de hóquei do país como proliferaram na cidade as escolinhas de formação de jogadores. Hoje, a cidade conta com 22 equipes de hóquei, das quais seis participaram do Campeonato Paulista e oito são federadas. Nada mais natural, portanto, que a cidade banque o Mundial.

Mesmo considerando que se trata de um esporte de elite — um equipamento razoável para um jogador de linha fica em mais ou menos Cz$ 3 mil e, para o goleiro, Cz$ 8 mil —, a cidade aumenta sua demanda pelos equipamentos esportivos. Tanto que em março último ganhou uma loja, a Patins Esporte, já apresentando retorno financeiro, segundo seu gerente. A média de vendas é de 50 pares novos e patins por mês, mais serviços de manutenção de 25 a 30 pares em média. O material, em sua maioria, é importado, especialmente os **sticks** (bastões especiais para praticar o hóquei) e as bolas, só fabricados no exterior. Um par de patins da marca Skater, portuguesa, não fica por menos de Cz$ 7 mil. E a bola custa entre Cz$ 250,00 e Cz$ 350,00, dependendo da marca.

Para equipar-se, um jogador de linha necessita de patins, joelheira, cotoveleira, luvas, caneleira, **stick** e coquilha (proteção para os órgãos genitais), enquanto um goleiro usa ainda perneira, peitilho e máscara. Os jogadores não gostam de que se compare o hóquei ao **roller-ball**, devido à semelhança de vestimenta, mas reconhecem que se trata de um esporte por vezes violento. Alegam, porém, que quase não há acidentes graves, devido à proteção que o uniforme lhes dá.

O jogo é disputado numa quadra com medida máxima de 20x40 metros e mínima de 17x34 metros e tem dois tempos de 20 minutos, cronometrados como no basquete. O goleiro defende uma meta igual à do futebol, mas muito menor, 1m55 de largura e 1m05 de altura, o que o obriga a jogar abaixado. À sua frente, quatro jogadores: normalmente, um zagueiro, um meio-armador e dois atacantes, que no entanto circulam por toda a quadra, pois a bola pode ser disputada mesmo atrás das balisas. Há poucos anos, para evitar a "cera", instituiu-se uma linha de "antijogo", que deve ser ultrapassada pela defesa em no máximo cinco segundos e a partir da qual a bola não pode ser recuada para o goleiro. A arbitragem é feita por um juiz e dois bandeirinhas, um atrás de cada balisa, para verificar a linha de gol e as faltas. A bola é conduzida com uso dos **sticks**, e o jogador não pode utilizar-se dos patins como esse fim. Os cartões são amarelo para advertência, azul para exclusão do jogo por dois minutos e vermelho para expulsão pelo restante da partida.

José Aprígio Batista de Oliveira, presidente da Comissão Municipal de Esportes, informa que o Mundial custará cerca de Cz$ 3 milhões, a maior parte oferecida pela prefeitura e aplicada nas reformas do ginásio. O restante virá através de contribuições das empresas, da venda de ingressos, publicidade, direitos de tevê e venda de brindes. "Tudo isso compensa, porque acreditamos que, a partir deste Mundial, o hóquei brasileiro não será o mesmo, vai crescer muito, e Sertãozinho confirmará seu título de capital nacional do hóquei" — diz Aprígio.

Atletismo internacional começa em SP com a milha

São Paulo — O recordista Sul-Americano dos 3 mil metros com obstáculos, o brasileiro Adauto Domingues, será uma das atrações da milha Ford-Sears, hoje na Avenida Paulista. Ao lado do campeão mundial universitário, Chris McGeorge, da Inglaterra, ele é um dos favoritos da prova masculina, que terá ainda Wilson Parreiras e Amilcar Alves da Silva.

Na categoria feminina, os destaques serão Soraya Vieira, a japonesa Akemi Masuda, Rosamaria Leal e Evany Dulcinéia de Souza. Soraya é recordista Sul-Americana dos 800 metros rasos; Masuda é recordista de seu país nos 3,5 e 10 mil metros. A prova faz parte da programação do II Torneio Internacional Ford-Sears de Atletismo que será disputado dia 21 no Ibirapuera, com a presença de alguns dos maiores atletas internacionais.

A norte-americana Jackie Joyner, que neste ano já superou duas vezes o recorde mundial do heptatlo, confirmou presença no Meeting de São Paulo, além de outros três compatriotas: os barreiristas Andre Phillips e David Patrick e o triplista Al Joyner, irmão de Jackie, que vai disputar os 100 metros com barreiras e os 200 metros rasos. No heptatlo, ela bateu seu primeiro recorde em julho, nos Jogos da Amizade, em Moscou, ao vencer cinco das sete provas e conseguir 7.148 pontos, 202 a mais que o recorde anterior da alemã oriental Sabine Paetz. Em agosto, no Festival de Atletismo dos Estados Unidos, Jackie elevou o recorde para 7.161 pontos.

O II Torneio Internacional Ford-Sears de Atletismo, a ser realizado dia 21, contará também com a participação dos melhores atletas da Alemanha Ocidental, Espanha e Chile, segundo confirmação dos dirigentes esportivos daqueles países à comissão organizadora da competição.

A Alemanha enviará Volker Nitsche, Jurgen Neigen Finde, Dietmar Schulte e Ulgich Dietmar (100 e 200 metros rasos); Mathias Franke e Axell Paul (400 metros rasos e 400 com barreiras); Stephan Blatzer e Marcus Struppek (800 e 1.500m); Petra Oppermann (100 rasos e 100 com barreiras); e Heike Huneke (400m rasos, feminino).

A Espanha mandará José Arques (100m, tempo de 10s21); Juan J. Prado (200m, 21s10); Andres Vera (1.500m, 3min35s86); Alberto Ruiz (salto com vara, 5 metros 61 centímetros); Jose Alonso (400 com barreiras, 49s45); Coloman Trabado (800m, 1min45s15); Carlos Sala (110 com barreiras, 13s50); Montserrat Cujo (400 metros). O Chile será representado pelos recordistas sul-americanos Gerd Weill (arremesso de peso, 20,69 metros); Monica Regonesi (3 mil, 5 mil e 10 mil metros, feminino); Omar Aguillar (5 mil e 10 mil metros); Manuel Balmaceda (vice-campeão mundial junior de 86, 1 mil 500 metros); Paulo Squeda (400 com barreira) e A. Kraus (400 metros rasos).

Sertãozinho, SP/Fotos de Fernando Pereira

O hóquei é uma mania em Sertãozinho, onde proliferam as escolinhas de formação de jogadores e há um florescente comércio de material para a prática do esporte

O mundo vem jogar em Sertãozinho

A capital nacional do hóquei

Ouhydes Fonseca

Sertãozinho (SP) — "Antigamente, as pessoas diziam que Sertãozinho ficava perto de Ribeirão Preto. Hoje, Ribeirão Preto é que fica perto de Sertãozinho". Não se deve ver nada além de um fundo orgulho no exagero do prefeito de Sertãozinho, Joaquim Ademar Marques, filiado ao PMDB. Afinal, como comparar cidades tão diferentes como Ribeirão Preto, 700 mil habitantes e toda a infra-estrutura de uma metrópole, com a Sertãozinho de menos de 80 mil habitantes, um único e pobre cinema, dois hotéizinhos sem uma única estrela e nenhuma vida noturna?

Apesar disso, não há como negar a sensação de grandeza que os sertanienses (naturais de Sertãozinho) vivem desde que o pequeno município encravado em terras férteis do Noroeste paulista ganhou fartos espaços no noticiário esportivo com as vitórias do Sertãozinho Hóquei Clube. E que chega ao máximo nesta semana, com a realização do Campeonato Mundial de Hóquei sobre patins, enchendo a cidade de cartazes, muros pintados e grande variedade de **souvenirs** tendo como figura-símbolo o caipirinha Chico Bento, criado por Maurício de Souza, sobre patins e empunhando um **stick**.

É uma cidade vestida de jogador de hóquei que verão os 2 mil turistas e 200 jornalistas estrangeiros esperados para acompanhar os jogos no ginásio de esportes Pedro Ferreira dos Reis, o **Docão**, com capacidade para 7 mil pessoas. Sertãozinho, uma das cidades do interior paulista que se enriqueceram com o Proálcool, com algumas das maiores usinas do país, vive a euforia de um esporte ainda sem tradição no Brasil, mas que virou mania de cidade.

A história dessa mania é recente. Começa em 1979, quando o ex-capitão da Seleção e do Palmeiras, Haroldo Requena, pretendendo fixar-se na cidade, propôs formar uma equipe de hóquei sobre patins, esporte até então desconhecido de todos. Promoveu-se, então, um torneio-exibição com as presenças de Flamengo, Palmeiras, Portuguesa e uma equipe local. A semente que se plantava nem mesmo a morte de Requena, meses depois, num acidente de carro, impediu de vingar. Depois, vieram dois campeonatos brasileiros e dois mundialitos interclubes, o investimento da prefeitura na melhoria das quadras e na **adoção** de atletas e, como resultado, não só Sertãozinho passou a ter a principal equipe de hóquei do país como proliferaram na cidade as escolinhas de formação de jogadores. Hoje, a cidade conta com 22 equipes de hóquei, das quais seis participaram do Campeonato Paulista e oito são federadas. Nada mais natural, portanto, que a cidade banque o Mundial.

Mesmo considerando que se trata de um esporte de elite — um equipamento razoável para um jogador de linha fica em mais ou menos Cz$ 3 mil e, para o goleiro, Cz$ 8 mil —, a cidade aumenta sua demanda pelos equipamentos esportivos. Tanto que em março último ganhou uma loja, a Patins Esporte, já apresentando retorno financeiro, segundo seu gerente. A média de vendas é de 50 pares novos e patins por mês, mais serviços de manutenção de 25 a 30 pares em média. O material, em sua maioria, é importado, especialmente os **sticks** (bastões especiais para praticar o hóquei) e as bolas, só fabricados no exterior. Um par de patins da marca Skater, portuguesa, não fica por menos de Cz$ 7 mil. E a bola custa entre Cz$ 250,00 e Cz$ 350,00, dependendo da marca.

Para equipar-se, um jogador de linha necessita de patins, joelheira, cotoveleira, luvas, caneleira, **stick** e coquilha (proteção para os órgãos genitais), enquanto um goleiro usa ainda perneira, peitilho e máscara. Os jogadores não gostam de que se compare o hóquei ao **roller-ball**, devido à semelhança de vestimenta, mas reconhecem que se trata de um esporte por vezes violento. Alegam, porém, que quase não há acidentes graves, devido à proteção que o uniforme lhes dá.

O jogo é disputado numa quadra com medida máxima de 20x40 metros e mínima de 17x34 metros e tem dois tempos de 20 minutos, cronometrados como no basquete. O goleiro defende uma meta igual à do futebol, mas muito menor, 1m55 de largura e 1m05 de altura, o que o obriga a jogar abaixado. À sua frente, quatro jogadores: normalmente, um zagueiro, um meio-armador e dois atacantes, que no entanto circulam por toda a quadra, pois a bola pode ser disputada mesmo atrás das balisas. Há poucos anos, para evitar a "cera", instituiu-se uma linha de "antijogo", que deve ser ultrapassada pela defesa em no máximo cinco segundos e a partir da qual a bola não pode ser recuada para o goleiro. A arbitragem é feita por um juiz e dois bandeirinhas, um atrás de cada balisa, para verificar a linha de gol e as faltas. A bola é conduzida com uso dos **sticks**, e o jogador não pode utilizar-se dos patins como esse fim. Os cartões são amarelo para advertência, azul para exclusão do jogo por dois minutos e vermelho para expulsão pelo restante da partida.

José Aprígio Batista de Oliveira, presidente da Comissão Municipal de Esportes, informa que o Mundial custará cerca de Cz$ 3 milhões, a maior parte oferecida pela prefeitura e aplicada nas reformas do ginásio. O restante virá através de contribuições das empresas, da venda de ingressos, publicidade, direitos de tevê e venda de brindes. "Tudo isso compensa, porque acreditamos que, a partir deste Mundial, o hóquei brasileiro não será o mesmo, vai crescer muito, e Sertãozinho confirmará seu título de capital nacional do hóquei" — diz Aprígio.

Corrida deu a vitória ao alemão Dirk no triathlon

O alemão Dirk Aschmoneit, da equipe Vogler, foi o grande vencedor do III Campeonato Brasileiro de Triathlon/Company/Cerveja Malt 90, disputado da Barra de Guaratiba à Praia do Leme. Com o tempo de 3:34:30, Dirk teve um desempenho razoável na natação, melhorou no ciclismo e arrancou para a vitória na corrida.

Antes de começar a prova, em Barra de Guaratiba, Dirk traçou a sua trajetória para a competição. Afirmou que pretendia terminar a natação, que abriu a série, com pouca diferença para o brasileiro Djan Madruga, apontado como um dos favoritos e que buscava o seu terceiro título consecutivo.

A estratégia de Dirk, no entanto, não funcionou na prática. Como todos esperavam, Djan abriu uma grande vantagem na natação e a aumentou no ciclismo, chegando a ter uma vantagem de cinco minutos sobre Dirk, que mantinha-se firme na segunda colocação. O resultado da prova só começou a ser modificado na última série do triathlon: a corrida, iniciada na Estrada do Joá e que terminou na Praia do Leme.

Djan Madruga sentiu uma inesperada dor no joelho, começou a diminuir o seu ritmo e a perder a vantagem que obtivera nas duas séries anteriores. Foi o suficiente para que Dirk arrancasse para o primeiro lugar. Passadas firmes, o alemão assumiu a liderança, enquanto Djan caía para o 16º lugar, posição em que terminou a prova.

Roger Morais, outro integrante da equipe Vogler, foi o segundo colocado, ao marcar 3:38:59, enquanto o alemão Rupp Gernot foi o terceiro com 3:39:43. O americano Ken Souza, patrocinado pela Oxigênio, terminou em quarto, marcando 3:40:54. Entre as mulheres, a brasileira Fernanda Keller, patrocinada pelo Armazém do Esporte, foi a vencedora (4:15:44).

Alessandra Kraemer, da Alemanha, que liderou a maior parte do triathlon, a exemplo do que aconteceu com Djan na categoria masculina, sentiu o joelho e terminou nas últimas colocações.

Foto de Carlos Rosa

O alemão Dirk cruza a linha de chegada, absoluto

Por que os brasileiros são bons pilotos?

Sérgio Rodrigues

A primeira explicação encontrada pelo chefe de equipe da Lotus, o inglês Peter Warr, seria perfeita se não fosse falsa: ele imagina que o automobilismo no Brasil "é praticado dentro de uma estrutura profissional em que os jovens valores são apoiados e incentivados pelas empresas a migrar para a Europa". Posição oposta é a do projetista da Brabham, o sul-africano Gordon Murray, para quem "essas coisas não têm lógica". Entre as duas opiniões, fugindo das duas, deve trabalhar quem busca explicação para o fato gritante: os pilotos brasileiros são excelentes. Mas por quê?

Por trás de quatro títulos mundiais de Fórmula-1 — três a mais que a França e quatro à frente da Alemanha — o automobilismo brasileiro, com seus escassos sete auto-dromos, não explica nada. Pelo contrário, confunde. O Campeonato Brasileiro de Marcas e Pilotos, a categoria mais profissional, conta apenas com a Volkswagen dando apoio oficial a suas equipes, enquanto Ford e Fiat oferecem alguma assistência extra-oficial aos pilotos e a General Motors caiu fora da competição. Isso obriga um veterano como Ingo Hoffman, ex-Fórmula-1 na equipe Copersucar, 33 anos, a complementar a renda mensal com os lucros de sua oficina de preparação de motores.

A história também não ajuda. Tudo o que vem dela é o lendário circuito do Trampolim do Diabo, na Gávea, de onde saiu Chico Landi, primeiro brasileiro a forçar passagem na F-1, em 52, e escrever sozinho a fase pré-histórica do sucesso brasileiro na categoria.

"Se você for contar os pilotos que foram lá fora e não se deram bem, enche um Jumbo", diz o paulista Djalma Fogaça, 23 anos, vice-líder do Brasileiro de Fórmula Ford, que se prepara para uma invertida internacional.

A lembrança é boa: só na Fórmula-1 depois de Landi, estiveram por lá Hernando da Silva Ramos e Fritz d'Orey, na década de 50, abrindo uma lista de nomes apagados que depois de Emerson Fittipaldi seria ampliada por seu irmão Wilson, Luís Pereira Bueno, Ingo Hoffman, Alex Dias Ribeiro, Chico Serra e Raul Boesel. Todos sem vitórias. Mas quantos franceses, ingleses e italianos também passaram pela F-1 sem deixar marcas?

Se é assim, deve haver uma explicação. Emerson e Ayrton Senna gostam de apelar para o famoso "jeitinho" e falam em capacidade de improvisação, concordando com o tricampeão carioca de kart Augusto Ribas, 22 anos, que também já planeja seu salto no Exterior: "Nosso material aqui é tão ruim que precisamos fazer milagre para o carro funcionar. Aí você acaba se aprimorando tecnicamente. O que era o Emerson senão o próprio piloto de cabeça?", raciocina ele. O argumento pode ser válido, mas permanece vago: como colocar na mesma categoria de improvisadores o calculista Emerson e o **fominha** Senna?

Nélson Piquet vai por outro caminho. Primeiro sorri, dizendo que não acredita haver uma resposta que explique todos os casos de pilotos brasileiros vitoriosos, mas em seguida arrisca um caminho. "No meu primeiro ano na F-3, em 77, só comia sanduíche para não carregar o orçamento e sobrar mais para a equipe", lembra. "Ganhei uma gastrite." Mas ganhou também a certeza de que a dedicação dos brasileiros à carreira está voltas à frente dos pilotos da terra. Sem domínio da língua, sem amigos, o piloto brasileiro que tenta a sorte na Inglaterra mora geralmente nos povoados perto de Silverstone ou Snetterton, onde não há opções de lazer, e passa o dia na oficina aprimorando seu carro. "A vida toda do cara está jogada ali", diz Piquet. "Ele simplesmente tem que vencer."

Outro nome disso é "determinação", chave de todo o problema na opinião de um dos profissionais mais experientes da F-1, o mecânico Bob Dance, da Lotus. Com 27 anos de trabalho na categoria, Dance conheceu de perto Wilson Fittipaldi, José Carlos Pace, Roberto Pupo Moreno e Ayrton Senna. E afirma: "Não pode ser outra coisa senão muita determinação para fazer o cara ir morar numa pensão ou num pequeno hotel do interior da Inglaterra, longe da família e da praia. Eles são o que vocês chamam de cuca-fresca, sem deixar de ser sérios. Acabam sempre criando um bom ambiente de trabalho nas equipes por onde passam".

Para o atual campeão brasileiro de Fórmula Ford, o gaúcho Serge Buchrieser, 18 anos, que em vão percorreu algumas equipes inglesas na esperança de uma vaga na Fórmula Ford 1.600, este ano, o segredo dos brasileiros é exatamente este. "Estamos acostumados a nos dar mal", diz ele. "Não temos apoio das fábricas e somos obrigados a aprender, por exemplo, a fazer do ferro bruto uma obra de arte, só usando a talhadeira. Na Inglaterra a estrutura existe: piloto corre, mecânico mexe no carro. Essa é nossa vantagem."

Buchrieser nos põe diante de um paradoxo: da indigência nasce a riqueza. Talvez por isso mesmo seja o que mais se aproxima de esclarecer o mistério. Mais do que Peter Warr, que, após ser informado do verdadeiro estágio profissional do esporte no Brasil, apela para o humor: "Quem aprende a dirigir no trânsito das capitais brasileiras tem tudo para ser um grande piloto". O mistério permanece. Se em uma semana de reflexão você não conseguir solucioná-lo, relaxe: domingo que vem, em Estoril, Piquet e Senna não vão lhe deixar muito fôlego para essas especulações.

Emerson abre o caminho americano

Emerson Fittipaldi descobriu o mapa da mina em 69, quando vendeu seus carros de competição e de passeio para arriscar uma carreira na Inglaterra. Foi o primeiro brasileiro a vencer o Campeonato Inglês de Fórmula-3 e deixou a porta aberta: depois vieram José Carlos Pace, Nélson Piquet, Chico Serra, Ayrton Senna e, ano passado, Maurício Gugelmin — totalizando seis títulos ingleses para brasileiros em 16 anos de disputa. O paranaense Gugelmin não conseguiu, como seus predecessores, pular deste título para a Fórmula-1 — este ano milita, sem sorte, na F-3.000 — mas deixou em seu lugar na F-3 inglesa o paulista Maurízio Sala, que vem se alternando na liderança da competição com o inglês Andy Wallace. Outro que provavelmente correrá na categoria, ano que vem, é Paulo Carcasci, campeão europeu de Ford 1.600, ano passado, e hoje terceiro colocado no Campeonato Inglês de Ford 2.000.

Aos 39 anos, cabe a Emerson mais uma vez apontar o caminho da mina, outra mina: o automobilismo norte-americano, que já substitui a tradicional via inglesa nos planos dos pilotos brasileiros que pensam em tentar a sorte no exterior, como o paulista Djalma Fogaça, o gaúcho Serge Buchrieser e o carioca Augusto Ribas. Mas a que se deve a decadência do sonho britânico, exatamente quando a imprensa inglesa aprendeu a olhar com respeito para qualquer piloto vindo do Brasil? A resposta é simples: dinheiro.

O caminho europeu

Fórmula Ford 2.000	Paulo Carcasci
Fórmula-3	Maurízio Sala
Fórmula 3.000	Maurício Gugelmin
Fórmula-1	Ayrton Senna e Piquet

O caminho americano

Fórmula Super-Vê	Mauro Fauza
Fórmula Indy	Emerson Fittipaldi
	Raul Boesel
	e Roberto Moreno

"Vou atrás da grana", sintetiza Fogaça, que já entrou em contato com Giupponi França, paulista de 35 anos que, seguindo conselho de Emerson, montou este ano sua própria equipe de Fórmula Super-Vê, a GF Racing. Fogaça espera estar lá ano que vem, de olho na Fórmula Indy. A maioria das provas de Super-Vê é preliminar das corridas de Indy — ou Fórmula Cart — a categoria máxima do automobilismo de lá. Giupponi já tenta dar esse pulo e deixou em seu lugar na Super-Vê o também paulista Mauro Fauza. "Lá, você faz uma **pole** e já garante o pé de meia", diz Fogaça. Nem precisa tanto: há prêmio em dinheiro até para o último colocado no **grid** de largada.

"A Fórmula Indy não perde em prestígio para a F-1", exagera Augusto Ribas, que está na Flórida para disputar o Campeonato Mudial de Kart e, quem sabe, preparar o terreno para uma investida no automobilismo norte-americano na próxima temporada. Se é verdade que a Indy atualmente mostra mais vitalidade, num momento em que fábricas como Pirelli, BMW, Porsche e Renault deixam ou ameaçam deixar a F-1, o problema de Ribas e do gaúcho Serge Buchrieser, campeão brasileiro de Fórmula Ford, não é exatamente esse: suas dificuldades começaram num degrau mais baixo da escadinha européia que conduz à F-1. Os dois estiveram este ano na Inglaterra para tentar uma vaga no campeonato local de Fórmula Ford 1.600 e foram direto conversar com Ralph Firman, diretor da Van Diemen. Foram bem recebidos e só no fim da conversa o inglês revelou o preço do sonho: 80 mil dólares (cerca de Cz$ 1 milhão) por uma temporada.

"Eu até poderia batalhar o dinheiro e ir, mas será que vale a pena fazer todo o caminho inglês?", reconsiderou o gaúcho, que prefere lutar pela criação de uma categoria de Ford 2.000 no Brasil e depois embarcar para os Estados Unidos. Aos 18 anos, não tem pressa. Augusto Ribas, aos 22, não está tão tranqüilo e espera decidir seu futuro ainda este mês, confirmando as informações recebidas de um amigo de que um kartista bem-sucedido nos Estados Uidos pode ganhar até 80 mil dólares por ano.

A prova de que o sonho inglês ainda não foi totalmente engolido pelo americano é dada pelo próprio Ribas, que de repente parece cair em si e descobrir que a cifra com que o kart americano lhe acena é exatamente a exigida pela Van Diemen. Ele abre um sorriso: "Fico um ano nos Estados Unidos e aí vou para a Inglaterra", planeja.

Participaram Martin Peinado, de Londres, e Carlos Pereira de Souza, de São Paulo.

Bahia

A volta do velho "Esquadrão"

Vítor Hugo Soares

Salvador — Ao entrar no Estádio da Fonte Nova para enfrentar o Santos, em seu quinto compromisso pela Copa Brasil, o Bahia não será apenas o time com melhor desempenho entre os 44 participantes, tendo vencido todos os quatro adversários que enfrEntou, até agora — três deles em partidas fora de casa. Hoje, à tarde, o campeão baiano estará defendendo, também, uma invencibilidade de 19 vitórias seguidas.

O ressurgimento do "Esquadrão de Aço", como ficou conhecida a equipe que conquistou o primeiro Campeonato Brasileiro, em 58, batendo o poderoso Santos com Pelé, e dentro da Vila Belmiro, já conseguiu empolgar os antigos e velhos torcedores. Esta semana, ao retornar a Salvador depois de vencer o Vasco, no Rio, o Piauí, em Teresina, e o Tuna Luso, em Belém, o Bahia foi recebido por sua torcida no aeroporto Dois de Julho com a euforia dos velhos tempos. A ponto de se prever para hoje a ida à Fonte Nova de um público de 80 mil torcedores para entoar em coro o grito de guerra do time: "Mais um, Bahia".

A primeira explicação para o desempenho que coloca o campeão baiano na liderança disparada da Copa Brasil está no trabalho de recuperação feito pelo técnico Orlando Fantoni e no espírito competitivo e a garra do time, que no passado foram as marcas características do "Esquadrão de Aço". Para isso, porém, a equipe teve de passar por uma reformulação completa, desde a perda do Campeonato Estadual em 85 para o Vitória, seu maior rival.

Cláudio Adão, o artilheiro sempre festejado

O trabalho do "Titio Fantoni", como preferem chamar os jogadores, foi facilitado por alguns fatores. O principal deles foi a eficiente combinação dentro de campo da experiência com o talento de alguns dos principais jogadores. Essa simbiose se expressa, principalmente, nas atuações do veterano atacante Cláudio Adão, que tem assinalado os gols decisivos (26 no Campeonato Estadual e 6, até agora, na Copa Brasil) e do jovem ponta-de-lança Bobô.

Ao lado deles, atuam também jogadores de bom nível técnico e de importância tática fundamentais para a equipe, a exemplo do goleiro Rogério, do lateral-direito Zanatta, do meia Paulo Martins e de outra jovem revelação do time: o ponta-esquerda Sandro, autor do gol da vitória sobre o Vasco em São Januário.

As atuações do Bahia, que têm espantado seus adversários no Campeonato Brasileiro, não surpreendem mais os torcedores baianos, embora os deixem cada vez mais entusiasmados. Desde que o técnico Orlando Fantoni promoveu a reformulação da equipe e conseguiu fazê-la adquirir ritmo de jogo e uma estruturação tática definida, o "Esquadrão de Aço" praticamente não parou mais de ganhar. Conquistou disparado à frente dos demais concorrentes, o Campeonato Estadual passado, vencendo todos os turnos. Além disso, teve em Cláudio Adão o artilheiro, com a marca invejável de 26 gols.

Na fase preparatória para a Copa Brasil, o time dirigido por Orlando Fantoni manteve-se no mesmo ritmo demolidor apresentado no Campeonato Regional. Disputou 15 amistosos e ganhou todos. É verdade que bateu alguns adversários fáceis, times do interior formados de última hora para ajudar na campanha política do presidente do clube, o deputado Paulo Maracajá, que disputará a reeleição dia 15 de novembro.

Mas no rol de suas vitórias, enquanto se preparava para a Copa Brasil, o Bahia incluiu times de expressão nacional do porte do Fluminense, Flamengo, Vasco, Botafogo da Paraíba e CRB de Alagoas, entre outros. No campeonato Brasileiro, o campeão baiano não saiu do compasso: bateu todos os seus adversários. E hoje reapresenta-se diante de sua fanática torcida, que certamente lotará a Fonte Nova para ver a nova sensação da Copa Brasil enfrentar outro rival histórico: o Santos, que há muito deixou de ser a "Academia de Futebol" comandada por Pelé.

Por que os brasileiros são bons pilotos?

Sérgio Rodrigues

A primeira explicação encontrada pelo chefe de equipe da Lotus, o inglês Peter Warr, seria perfeita se não fosse falsa: ele imagina que o automobilismo no Brasil "é praticado dentro de uma estrutura profissional em que os jovens valores são apoiados e incentivados pelas empresas a migrar para a Europa". Posição oposta é a do projetista da Brabham, o sul-africano Gordon Murray, para quem "essas coisas não têm lógica". Entre as duas opiniões, fugindo das duas, deve trabalhar quem busca explicação para o fato gritante: os pilotos brasileiros são excelentes. Mas por quê?

Por trás de quatro títulos mundiais de Fórmula-1 — três a mais que a França e quatro à frente da Alemanha — o automobilismo brasileiro, com seus escassos sete auto-dromos, não explica nada. Pelo contrário, confunde. O Campeonato Brasileiro de Marcas e Pilotos, a categoria mais profissional, conta apenas com a Volkswagen dando apoio oficial a suas equipes, enquanto Ford e Fiat oferecem alguma assistência extra-oficial aos pilotos e a General Motors caiu fora da competição. Isso obriga um veterano como Ingo Hoffman, ex-Fórmula-1 na equipe Copersucar, 33 anos, a complementar a renda mensal com os lucros de sua oficina de preparação de motores.

A história também não ajuda. Tudo o que vem dela é o lendário circuito do Trampolim do Diabo, na Gávea, de onde saiu Chico Landi, primeiro brasileiro a forçar passagem na F-1, em 52, e escrever sozinho a fase pré-histórica do sucesso brasileiro na categoria.

"Se você for contar os pilotos que foram lá fora e não se deram bem, enche um Jumbo", diz o paulista Djalma Fogaça, 23 anos, vice-líder do Brasileiro de Fórmula Ford, que se prepara para uma invertida internacional.

A lembrança é boa: só na Fórmula-1 depois de Landi, estiveram por lá Hernando da Silva Ramos e Fritz d'Orey, na década de 50, abrindo uma lista de nomes apagados que depois de Emerson Fittipaldi seria ampliada por seu irmão Wilson, Luís Pereira Bueno, Ingo Hoffman, Alex Dias Ribeiro, Chico Serra e Raul Boesel. Todos sem vitórias. Mas quantos franceses, ingleses e italianos também passaram pela F-1 sem deixar marcas?

Se é assim, deve haver uma explicação. Emerson e Ayrton Senna gostam de apelar para o famoso "jeitinho" e falam em capacidade de improvisação, concordando com o tricampeão carioca de kart Augusto Ribas, 22 anos, que também já planeja seu salto no Exterior: "Nosso material aqui é tão ruim que precisamos fazer milagre para o carro funcionar. Aí você acaba se aprimorando tecnicamente. O que era o Emerson senão o próprio piloto de cabeça?", raciocina ele. O argumento pode ser válido, mas permanece vago: como colocar na mesma categoria de improvisadores o calculista Emerson e o **fominha** Senna?

Nélson Piquet vai por outro caminho. Primeiro sorri, dizendo que não acredita haver uma resposta que explique todos os casos de pilotos brasileiros vitoriosos, mas em seguida arrisca um caminho. "No meu primeiro ano na F-3, em 77, só comia sanduíche para não carregar o orçamento e sobrar mais para a equipe", lembra. "Ganhei uma gastrite." Mas ganhou também a certeza de que a dedicação dos brasileiros à carreira está voltas à frente dos pilotos da terra. Sem domínio da língua, sem amigos, o piloto brasileiro que tenta a sorte na Inglaterra mora geralmente nos povoados perto de Silverstone ou Snetterton, onde não há opções de lazer, e passa o dia na oficina aprimorando seu carro. "A vida toda do cara está jogada ali", diz Piquet. "Ele simplesmente tem que vencer."

Outro nome disso é "determinação", chave de todo o problema na opinião de um dos profissionais mais experientes da F-1, o mecânico Bob Dance, da Lotus. Com 27 anos de trabalho na categoria, Dance conheceu de perto Wilson Fittipaldi, José Carlos Pace, Roberto Pupo Moreno e Ayrton Senna. E afirma: "Não pode ser outra coisa senão muita determinação para fazer o cara ir morar numa pensão ou num pequeno hotel do interior da Inglaterra, longe da família e da praia. Eles são o que vocês chamam de cuca-fresca, sem deixar de ser sérios. Acabam sempre criando um bom ambiente de trabalho nas equipes por onde passam".

Para o atual campeão brasileiro de Fórmula Ford, o gaúcho Serge Buchrieser, 18 anos, que em vão percorreu algumas equipes inglesas na esperança de uma vaga na Fórmula Ford 1.600, este ano, o segredo dos brasileiros é exatamente este. "Estamos acostumados a nos dar mal", diz ele. "Não temos apoio das fábricas e somos obrigados a aprender, por exemplo, a fazer do ferro bruto uma obra de arte, só usando a talhadeira. Na Inglaterra a estrutura existe: piloto corre, mecânico mexe no carro. Essa é nossa vantagem."

Buchrieser nos põe diante de um paradoxo: da indigência nasce a riqueza. Talvez por isso mesmo seja o que mais se aproxima de esclarecer o mistério. Mais do que Peter Warr, que, após ser informado do verdadeiro estágio profissional do esporte no Brasil, apela para o humor: "Quem aprende a dirigir no trânsito das capitais brasileiras tem tudo para ser um grande piloto". O mistério permanece. Se em uma semana de reflexão você não conseguir solucioná-lo, relaxe: domingo que vem, em Estoril, Piquet e Senna não vão lhe deixar muito fôlego para essas especulações.

Emerson abre o caminho americano

Emerson Fittipaldi descobriu o mapa da mina em 69, quando vendeu seus carros de competição e de passeio para arriscar uma carreira na Inglaterra. Foi o primeiro brasileiro a vencer o Campeonato Inglês de Fórmula-3 e deixou a porta aberta: depois vieram José Carlos Pace, Nélson Piquet, Chico Serra, Ayrton Senna e, ano passado, Maurício Gugelmin — totalizando seis títulos ingleses para brasileiros em 16 anos de disputa. O paranaense Gugelmin não conseguiu, como seus predecessores, pular deste título para a Fórmula-1 — este ano milita, sem sorte, na F-3.000 — mas deixou em seu lugar na F-3 inglesa o paulista Maurízio Sala, que vem se alternando na liderança da competição com o inglês Andy Wallace. Outro que provavelmente correrá na categoria, ano que vem, é Paulo Carcasci, campeão europeu de Ford 1.600, ano passado, e hoje terceiro colocado no Campeonato Inglês de Ford 2.000.

Aos 39 anos, cabe a Emerson mais uma vez apontar o caminho da mina, outra mina: o automobilismo norte-americano, que já substitui a tradicional via inglesa nos planos dos pilotos brasileiros que pensam em tentar a sorte no exterior, como o paulista Djalma Fogaça, o gaúcho Serge Buchrieser e o carioca Augusto Ribas. Mas a que se deve a decadência do sonho britânico, exatamente quando a imprensa inglesa aprendeu a olhar com respeito para qualquer piloto vindo do Brasil? A resposta é simples: dinheiro.

O caminho europeu

Fórmula Ford 2.000	Paulo Carcasci
Fórmula-3	Maurízio Sala
Fórmula 3.000	Maurício Gugelmin
Fórmula-1	Ayrton Senna e Piquet

O caminho americano

Fórmula Super-Vê	Mauro Fauza
Fórmula Indy	Emerson Fittipaldi Raul Boesel e Roberto Moreno

"Vou atrás da grana", sintetiza Fogaça, que já entrou em contato com Giupponi França, paulista de 35 anos que, seguindo conselho de Emerson, montou este ano sua própria equipe de Fórmula Super-Vê, a GF Racing. Fogaça espera estar lá ano que vem, de olho na Fórmula Indy. A maioria das provas de Super-Vê é preliminar das corridas de Indy — ou Fórmula Cart — a categoria máxima do automobilismo de lá. Giupponi já tenta dar esse pulo e deixou em seu lugar na Super-Vê o também paulista Mauro Fauza."Lá, você faz uma **pole** e já garante o pé de meia", diz Fogaça. Nem precisa tanto: há prêmio em dinheiro até para o último colocado no **grid** de largada.

"A Fórmula Indy não perde em prestígio para a F-1", exagera Augusto Ribas, que está na Flórida para disputar o Campeonato Mudial de Kart e, quem sabe, preparar o terreno para uma investida no automobilismo norte-americano na próxima temporada. Se é verdade que a Indy atualmente mostra mais vitalidade, num momento em que fábricas como Pirelli, BMW, Porsche e Renault deixam ou ameaçam deixar a F-1, o problema de Ribas e do gaúcho Serge Buchrieser, campeão brasileiro de Fórmula Ford, não é exatamente esse: suas dificuldades começaram num degrau mais baixo da escadinha européia que conduz à F-1. Os dois estiveram este ano na Inglaterra para tentar uma vaga no campeonato local de Fórmula Ford 1.600 e foram direto conversar com Ralph Firman, diretor da Van Diemen. Foram bem recebidos e só no fim da conversa o inglês revelou o preço do sonho: 80 mil dólares (cerca de Cz$ 1 milhão) por uma temporada.

"Eu até poderia batalhar o dinheiro e ir, mas será que vale a pena fazer todo o caminho inglês?", reconsiderou o gaúcho, que prefere lutar pela criação de uma categoria de Ford 2.000 no Brasil e depois embarcar para os Estados Unidos. Aos 18 anos, não tem pressa. Augusto Ribas, aos 22, não está tão tranqüilo e espera decidir seu futuro ainda este mês, confirmando as informações recebidas de um amigo de que um kartista bem-sucedido nos Estados Uidos pode ganhar até 80 mil dólares por ano.

A prova de que o sonho inglês ainda não foi totalmente engolido pelo americano é dada pelo próprio Ribas, que de repente parece cair em si e descobrir que a cifra com que o kart americano lhe acena é exatamente a exigida pela Van Diemen. Ele abre um sorriso: "Fico um ano nos Estados Unidos e aí vou para a Inglaterra", planeja.

Participaram Martin Peinado, de Londres, e Carlos Pereira de Souza, de São Paulo.

Foto de Chiquito Chaves

Alberto, um dos destaques, lutou muito e procurou sempre as jogadas na área

Fluminense, vitória tranqüila

Até que poderia ser melhor. Mas o 1 a 0 sobre o Coritiba, ontem à tarde, serviu bem aos propósitos do Fluminense, que assumiu a liderança de seu grupo e praticamente garantiu sua passagem à segunda fase do Campeonato Brasileiro. Não foi um jogo bonito, emocionante. Pelo contrário. Em alguns momentos chegou mesmo a irritar os torcedores, que vaiaram.

O interessante é que as vaias mais intensas aconteceram pouco antes de o Fluminense fazer seu gol, quase no final do primeiro tempo. O estreante Alberto, um bom jogador, ganhou uma jogada praticamente perdida, driblou dois defensores do Coritiba e foi derrubado. Jandir bateu a falta com precisão, para a cabeçada indefensável de Ricardo. Uma jogada ensaiada e exaustivamente repetida pelo Fluminense.

A vitória parcial no primeiro tempo deu ao Fluminense a tranqüilidade que precisava para levar o jogo ao seu feitio. O Coritiba, em desvantagem, arriscou mais e lançou dois jogadores, Wilson Tadei e Anselmo, disposto a buscar o empate. Não conseguiu, já que o Fluminense soube bloquear a entrada da sua área, e ainda se expôs a alguns contra-ataques.

Precavido, o técnico Antônio Lopes preferiu não arriscar muito e quando ficou sem Paulinho, no início do segundo tempo, não teve dúvidas em lançar o lateral Renato na ponta-esquerda. Com isso, obstruiu uma das poucas jogadas do Coritiba, que aproveitava a velocidade de Geraldo e os avanços de Dida.

Guarnecido, o Fluminense foi levando. Não fosse a pouca experiência de Alberto, que insistia em resolver tudo sozinho, poderia até mesmo ter chegado ao segundo gol. Washington, por exemplo, teve uma excelente oportunidade no final do jogo, mas foi barrado por Rafael, um bom goleiro, responsável direto pelo placar reduzido.

Levando-se em conta a pouca inspiração de Renê e Washington, o resultado foi bom. Leomir, mais uma vez, destacou-se, explorando bem o setor direito e marcando com eficiência. O próximo adversário do Fluminense será o Remo, quinta-feira, em Belém.

1 Fluminense: Paulo Vitor, Leomir, Vica, Ricardo e Eduardo; Jandir, Edson Souza e Renê; Alberto, Washington e Paulinho (Renato). **Técnico:** Antônio Lopes.

0 Coritiba: Rafael, Dida, Newmar, André Luís e Élcio; Marildo (Anselmo), Almir e Suca (Wilson Tadei); Geraldo, Índio e Marco Aurélio. **Técnico:** Nicanor de Carvalho.

Gol: No primeiro tempo, Ricardo (42min). **Local:** Maracanã. **Renda:** Cz$ 163.875,00. **Público:** 6 mil 169 pagantes. **Juiz:** Manoel Serapião Filho. **Auxiliares:** Manoel Lima e Cláudio Falcão Seixas. **Cartões amarelos:** Suca, André Luís, Edson Souza, Renê, Vica e Leomir.

Por que os brasileiros são bons pilotos?

Sérgio Rodrigues

A primeira explicação encontrada pelo chefe de equipe da Lotus, o inglês Peter Warr, seria perfeita se não fosse falsa: ele imagina que o automobilismo no Brasil "é praticado dentro de uma estrutura profissional em que os jovens valores são apoiados e incentivados pelas empresas a migrar para a Europa". Posição oposta é a do projetista da Brabham, o sul-africano Gordon Murray, para quem "essas coisas não têm lógica". Entre as duas opiniões, fugindo das duas, deve trabalhar quem busca explicação para o fato gritante: os pilotos brasileiros são excelentes. Mas por quê?

Por trás de quatro títulos mundiais de Fórmula-1 — três a mais que a França e quatro à frente da Alemanha — o automobilismo brasileiro, com seus escassos sete auto-dromos, não explica nada. Pelo contrário, confunde. O Campeonato Brasileiro de Marcas e Pilotos, a categoria mais profissional, conta apenas com a Volkswagen dando apoio oficial a suas equipes, enquanto Ford e Fiat oferecem alguma assistência extra-oficial aos pilotos e a General Motors caiu fora da competição. Isso obriga um veterano como Ingo Hoffman, ex-Fórmula-1 na equipe Copersucar, 33 anos, a complementar a renda mensal com os lucros de sua oficina de preparação de motores.

A história também não ajuda. Tudo o que vem dela é o lendário circuito do Trampolim do Diabo, na Gávea, de onde saiu Chico Landi, primeiro brasileiro a forçar passagem na F-1, em 52, e escrever sozinho a fase pré-histórica do sucesso brasileiro na categoria.

"Se você for contar os pilotos que foram lá fora e não se deram bem, enche um Jumbo", diz o paulista Djalma Fogaça, 23 anos, vice-líder do Brasileiro de Fórmula Ford, que se prepara para uma invertida internacional.

A lembrança é boa: só na Fórmula-1 depois de Landi, estiveram por lá Hernando da Silva Ramos e Fritz d'Orey, na década de 50, abrindo uma lista de nomes apagados que depois de Emerson Fittipaldi seria ampliada por seu irmão Wilson, Luís Pereira Bueno, Ingo Hoffman, Alex Dias Ribeiro, Chico Serra e Raul Boesel. Todos sem vitórias. Mas quantos franceses, ingleses e italianos também passaram pela F-1 sem deixar marcas?

Se é assim, deve haver uma explicação. Emerson e Ayrton Senna gostam de apelar para o famoso "jeitinho" e falam em capacidade de improvisação, concordando com o tricampeão carioca de kart Augusto Ribas, 22 anos, que também já planeja seu salto no Exterior: "Nosso material aqui é tão ruim que precisamos fazer milagre para o carro funcionar. Aí você acaba se aprimorando tecnicamente. O que era o Emerson senão o próprio piloto de cabeça?", raciocina ele. O argumento pode ser válido, mas permanece vago: como colocar na mesma categoria de improvisadores o calculista Emerson e o **fominha** Senna?

Nélson Piquet vai por outro caminho. Primeiro sorri, dizendo que não acredita haver uma resposta que explique todos os casos de pilotos brasileiros vitoriosos, mas em seguida arrisca um caminho. "No meu primeiro ano na F-3, em 77, só comia sanduíche para não carregar o orçamento e sobrar mais para a equipe", lembra. "Ganhei uma gastrite." Mas ganhou também a certeza de que a dedicação dos brasileiros à carreira está voltas à frente dos pilotos da terra. Sem domínio da língua, sem amigos, o piloto brasileiro que tenta a sorte na Inglaterra mora geralmente nos povoados perto de Silverstone ou Snetterton, onde não há opções de lazer, e passa o dia na oficina aprimorando seu carro. "A vida toda do cara está jogada ali", diz Piquet. "Ele simplesmente tem que vencer."

Outro nome disso é "determinação", chave de todo o problema na opinião de um dos profissionais mais experientes da F-1, o mecânico Bob Dance, da Lotus. Com 27 anos de trabalho na categoria, Dance conheceu de perto Wilson Fittipaldi, José Carlos Pace, Roberto Pupo Moreno e Ayrton Senna. E afirma: "Não pode ser outra coisa senão muita determinação para fazer o cara ir morar numa pensão ou num pequeno hotel do interior da Inglaterra, longe da família e da praia. Eles são o que vocês chamam de cucafresca, sem deixar de ser sérios. Acabam sempre criando um bom ambiente de trabalho nas equipes por onde passam".

Para o atual campeão brasileiro de Fórmula Ford, o gaúcho Serge Buchrieser, 18 anos, que em vão percorreu algumas equipes inglesas na esperança de uma vaga na Fórmula Ford 1.600, este ano, o segredo dos brasileiros é exatamente este. "Estamos acostumados a nos dar mal", diz ele. "Não temos apoio das fábricas e somos obrigados a aprender, por exemplo, a fazer do ferro bruto uma obra de arte, só usando a talhadeira. Na Inglaterra a estrutura existe: piloto corre, mecânico mexe no carro. Essa é nossa vantagem."

Buchrieser nos põe diante de um paradoxo: da indigência nasce a riqueza. Talvez por isso mesmo seja o que mais se aproxima de esclarecer o mistério. Mais do que Peter Warr, que, após ser informado do verdadeiro estágio profissional do esporte no Brasil, apela para o humor: "Quem aprende a dirigir no trânsito das capitais brasileiras tem tudo para ser um grande piloto". O mistério permanece. Se em uma semana de reflexão você não conseguir solucioná-lo, relaxe: domingo que vem, em Estoril, Piquet e Senna não vão lhe deixar muito fôlego para essas especulações.

Emerson abre o caminho americano

Emerson Fittipaldi descobriu o mapa da mina em 69, quando vendeu seus carros de competição e de passeio para arriscar uma carreira na Inglaterra. Foi o primeiro brasileiro a vencer o Campeonato Inglês de Fórmula-3 e deixou a porta aberta: depois vieram José Carlos Pace, Nélson Piquet, Chico Serra, Ayrton Senna e, ano passado, Maurício Gugelmin — totalizando seis títulos ingleses para brasileiros em 16 anos de disputa. O paranaense Gugelmin não conseguiu, como seus predecessores, pular deste título para a Fórmula-1 — este ano milita, sem sorte, na F-3.000 — mas deixou em seu lugar na F-3 inglesa o paulista Maurízio Sala, que vem se alternando na liderança da competição com o inglês Andy Wallace. Outro que provavelmente correrá na categoria, ano que vem, é Paulo Carcasci, campeão europeu de Ford 1.600, ano passado, e hoje terceiro colocado no Campeonato Inglês de Ford 2.000.

Aos 39 anos, cabe a Emerson mais uma vez apontar o caminho da mina, outra mina: o automobilismo norte-americano, que já substitui a tradicional via inglesa nos planos dos pilotos brasileiros que pensam em tentar a sorte no exterior, como o paulista Djalma Fogaça, o gaúcho Serge Buchrieser e o carioca Augusto Ribas. Mas a que se deve a decadência do sonho britânico, exatamente quando a imprensa inglesa aprendeu a olhar com respeito para qualquer piloto vindo do Brasil? A resposta é simples: dinheiro.

O caminho europeu

Fórmula Ford 2.000	Paulo Carcasci
Fórmula-3	Maurízio Sala
Fórmula 3.000	Maurício Gugelmin
Fórmula-1	Ayrton Senna e Piquet

O caminho americano

Fórmula Super-Vê	Mauro Fauza
Fórmula Indy	Emerson Fittipaldi
	Raul Boesel
	e Roberto Moreno

"Vou atrás da grana", sintetiza Fogaça, que já entrou em contato com Giupponi França, paulista de 35 anos que, seguindo conselho de Emerson, montou este ano sua própria equipe de Fórmula Super-Vê, a GF Racing. Fogaça espera estar lá ano que vem, de olho na Fórmula Indy. A maioria das provas de Super-Vê é preliminar das corridas de Indy — ou Fórmula Cart — a categoria máxima do automobilismo de lá. Giupponi já tenta dar esse pulo e deixou em seu lugar na Super-Vê o também paulista Mauro Fauza. "Lá, você faz uma **pole** e já garante o pé de meia", diz Fogaça. Nem precisa tanto: há prêmio em dinheiro até para o último colocado no **grid** de largada.

"A Fórmula Indy não perde em prestígio para a F-1", exagera Augusto Ribas, que está na Flórida para disputar o Campeonato Mundial de Kart e, quem sabe, preparar o terreno para uma investida no automobilismo norte-americano na próxima temporada. Se é verdade que a Indy atualmente mostra mais vitalidade, num momento em que fábricas como Pirelli, BMW, Porsche e Renault deixam ou ameaçam deixar a F-1, o problema de Ribas e do gaúcho Serge Buchrieser, campeão brasileiro de Fórmula Ford, não é exatamente esse: suas dificuldades começaram num degrau mais baixo da escadinha européia que conduz à F-1. Os dois estiveram este ano na Inglaterra para tentar uma vaga no campeonato local de Fórmula Ford 1.600 e foram direto conversar com Ralph Firman, diretor da Van Diemen. Foram bem recebidos e só no fim da conversa o inglês revelou o preço do sonho: 80 mil dólares (cerca de Cz$ 1 milhão) por uma temporada.

"Eu até poderia batalhar o dinheiro e ir, mas será que vale a pena fazer todo o caminho inglês?", reconsiderou o gaúcho, que prefere lutar pela criação de uma categoria de Ford 2.000 no Brasil e depois embarcar para os Estados Unidos. Aos 18 anos, não tem pressa. Augusto Ribas, aos 22, não está tão tranqüilo e espera decidir seu futuro ainda este mês, confirmando as informações recebidas de um amigo de que um kartista bem-sucedido nos Estados Uidos pode ganhar até 80 mil dólares por ano.

A prova de que o sonho inglês ainda não foi totalmente engolido pelo americano é dada pelo próprio Ribas, que de repente parece cair em si e descobrir que a cifra com que o kart americano lhe acena é exatamente a exigida pela Van Diemen. Ele abre um sorriso: "Fico um ano nos Estados Unidos e aí vou para a Inglaterra", planeja.

Participaram Martin Peinado, de Londres, e Carlos Pereira de Souza, de São Paulo.

Foto de Chiquito Chaves

Alberto, um dos destaques, lutou muito e procurou sempre as jogadas na área

Fluminense, vitória tranqüila

Até que poderia ser melhor. Mas o 1 a 0 sobre o Coritiba, ontem à tarde, serviu bem aos propósitos do Fluminense, que assumiu a liderança de seu grupo e praticamente garantiu sua passagem à segunda fase do Campeonato Brasileiro. Não foi um jogo bonito, emocionante. Pelo contrário. Em alguns momentos chegou mesmo a irritar os torcedores, que vaiaram.

O interessante é que as vaias mais intensas aconteceram pouco antes de o Fluminense fazer seu gol, quase no final do primeiro tempo. O estreante Alberto, um bom jogador, ganhou uma jogada praticamente perdida, driblou dois defensores do Coritiba e foi derrubado. Jandir bateu a falta com precisão, para a cabeçada indefensável de Ricardo. Uma jogada ensaiada e exaustivamente repetida pelo Fluminense.

A vitória parcial no primeiro tempo deu ao Fluminense a tranqüilidade que precisava para levar o jogo ao seu feitio. O Coritiba, em desvantagem, arriscou mais e lançou dois jogadores, Wilson Tadei e Anselmo, disposto a buscar o empate. Não conseguiu, já que o Fluminense soube bloquear a entrada da sua área, e ainda se expôs a alguns contra-ataques.

Precavido, o técnico Antônio Lopes preferiu não arriscar muito e quando ficou sem Paulinho, no início do segundo tempo, ainda teve dúvidas em lançar o lateral Renato na ponta-esquerda. Com isso, obrigou uma das poucas jogadas do Coritiba, que aproveitava a velocidade de Geraldo e os avanços de Dida.

Guarnecido, o Fluminense foi levando. Não fosse a pouca experiência de Alberto, que insistia em resolver tudo sozinho, poderia até mesmo ter chegado ao segundo gol. Washington, por exemplo, teve uma excelente oportunidade no final do jogo, mas foi barrado por Rafael, um bom goleiro, responsável direto pelo placar reduzido.

Levando-se em conta a pouca inspiração de Renê e Washington, o resultado foi bom. Leomir, mais uma vez, destacou-se, explorando bem o setor direito e marcando com eficiência. O próximo adversário do Fluminense será o Remo, quinta-feira, em Belém.

1 Fluminense: Paulo Vitor, Leomir, Vica, Ricardo e Eduardo; Jandir, Édson Souza e Renê; Alberto, Washington e Paulinho (Renato).
Técnico: Antônio Lopes.

0 Coritiba: Rafael, Dida, Newmar, André Luís e Élcio; Marildo (Anselmo), Almir e Suca (Wilson Tadei); Geraldo, Índio e Marco Aurélio.
Técnico: Nicanor de Carvalho.

Gol: No primeiro tempo, Ricardo (42min). **Local:** Maracanã. **Renda:** Cz$ 163.875,00. **Público:** 6 mil 169 pagantes. **Juiz:** Manoel Serapião Filho. **Auxiliares:** Manoel Lima e Cláudio Falcão Seixas. **Cartões amarelos:** Suca, André Luís, Édson Souza, Renê, Vica e Leomir.

Botafogo empata com o Vitória

Jogando uma boa partida no primeiro tempo, e suportando uma reação do Vitória no segundo, o Botafogo conseguiu um bom resultado ontem à noite na Fonte Nova ao empatar em zero a zero.

A partida foi bastante movimentada e teve lances de emoção de parte a parte: se os primeiros 45 minutos mostraram um Botafogo mais confiante, o segundo tempo foi do Vitória que teve várias oportunidades de marcar o seu gol, só não conseguindo pela excelente exibição do goleiro Luís Carlos. Quando faltavam 10 minutos para terminar a partida, o meio-campo Alemão deixou o campo sentindo uma forte pancada no peito. A última grande oportunidade do jogo aconteceu aos 45 minutos, com um chute violento do ponta-esquerda Edu, que Luís Carlos salvou com grande defesa.

0 Botafogo: Luís Carlos, Josimar, Marinho, Leiz e Vagner; Lulinha, Alemão (Mário) e Luisinho; Teófilo, Macaé e Berg.
Técnico: Zagalo.

0 Vitória: Ademir Maria, Roberto Silva, Brasília, Alexandre e Luís, Bigu, Adilson e Ataíde; Heider (Ademir), Bira e Edu.
Técnico: Abel.

Local: Estádio da Fonte Nova. **Renda:** Cz$ 650.680,00. **Público:** 33 mil 027 pagantes. **Juiz:** Almir Laguna. **Cartões amarelos:** Josimar, Brasília, Bigu e Ataíde.

Agora é tudo ou nada. O drama que se arrasta desde o ano passado pode determinar o fim da carreira

A semana decisiva de Zico

Antônio Maria Filho e Tadeu de Aguiar

UMA semana decisiva na vida de Zico e marcante para o futebol brasileiro. Fatalmente, ele saberá nestes próximos dias se continua ou abandona a carreira. Se constatar que seu problema de joelho só será corrigido através de uma cirurgia (ficaria pelo menos um ano parado), está propenso a abandonar tudo.

Esta decisão não colocará por terra apenas o sonho de milhões de torcedores rubro-negros. Ela frustrará o esforço da agência de propaganda Estrutural, que, juntamente com o Flamengo, investiu cerca de Cz$ 17 milhões, reunindo seis grandes empresas para patrocinar a negociação.

De julho de 85 para cá, Zico disputou apenas 19 partidas. Nestes jogos, marcou 10 gols. Em nível de Brasil, um investimento demasiadamente alto, cujo retorno foi quase nenhum. Basta dizer que cada gol seu custou Cz$ 1 milhão e 700 mil, ou seja, 2 mil 115 salários mínimos. Cada minuto em campo valeu Cz$ 9 mil 941, igual a 12,3 salários mínimos. Mensalmente, custa ao Flamengo Cz$ 75 mil.

Pessoalmente, o presidente do Flamengo, George Helal, não se diz totalmente frustrado:

— Não posso negar uma certa frustração pelo que Zico poderia dar ao Flamengo e ao futebol brasileiro. Mas a transação valeu por vários aspectos. Trouxemos de volta um ídolo. Comprovamos a nossa capacidade financeira. Acho que Zico não vai parar. Saberei fazer a cabeça dele. Pelo profissional que é, mesmo ficando um ano parado, não tem importância. Não tenho dúvidas de que Zico pode jogar até os 37 anos.

O empresário Rogério Steinberg, dono da Estrutural, pensa igual a George Helal. Tem consciência de que a fatalidade fez com que o retorno ficasse longe do desejado, mas não está arrependido nem um pouco:

— Tenho orgulho deste projeto. Provamos que, com a união de empresas e de outros segmentos, podemos competir com qualquer um.

O começo

A idéia de trazer Zico de volta ao futebol brasileiro começou para Rogério Steinberg tão logo o então presidente do Flamengo, Antônio Augusto Dunshee de Abranches, não teve como impedir a venda do jogador para a Udinese. A partir daí, rubro-negro doente, Rogério passou a pensar em como fazer o negócio.

No final de 83, fez o primeiro contato com Zico e levou sua idéia a Helal, que, eleito, assumiria no início do ano seguinte. O plano inicial consistia em trazer Zico em março de 1985. No início de 1984, João Batista, procurador do atacante, viajou à Itália e começou a sondar a Udinese. O filme da volta, que custou 150 mil dólares (cerca de Cz$ 2 milhões 100 mil), começou a ser elaborado. A idéia de Rogério Steinberg era fazer um curta montagem, cujo enredo seria a volta do ídolo.

— Tudo correu perfeitamente. Mas tive de ficar seis meses em silêncio. Nós é que fixamos o preço do passe em 2 milhões de dólares (cerca de Cz$ 28 milhões), metade do que foi pago pela Udinese. Mostramos ao Lamberto Mazza, o presidente da Udinese, que o preço teria que ser reduzido porque Zico cumprira a metade do contrato e ele não poderia cobrar tudo o que gastou.

Nesta época, Zico voltou ao Brasil para classificar o Brasil para a Copa do Mundo. Os contatos com a Udinese foram estreitados. O filme começou a ser executado. Fecha-se também o **pool** de empresas. Mas, em março de 1985, houve o problema de Zico com o fisco italiano.

— As empresas recuaram e ficamos com medo. Voltamos à Itália e renegociamos tudo. Fizemos a Udinese baixar o preço. De 2 milhões de dólares, Zico passaria a custar 1 milhão de dólares (Cz$ 14 milhões) e mais 10 amistosos, a serem marcados pela Udinese. Destes jogos, o Flamengo disputou apenas dois.

— Não sei como ficará esta questão — diz Helal, preocupado. Mas teremos que renegociar com a Udinese.

Com a redução do preço, ficou mais fácil para a Estrutural. No início de julho de 1985, Zico chegava ao Brasil, recebido por centenas de torcedores. A empresa de propaganda e o Flamengo prepararam uma grande festa. O filme, dirigido por Carlos Manga e que contou com a participação de 25 atores, começou a ser exibido na televisão.

Zico desembarcou no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro no dia 5 de julho de 1985. Ele não quis desfilar em carro aberto. Foi realmente uma grande festa na Gávea. Maratonistas se revezaram durante o percurso aeroporto — Gávea carregando a camisa 10. Criou-se o personagem "Uruba", aproveitando a identificação da torcida do Flamengo com o urubu.

O sonho, de início impossível e tão contestado pela imprensa, tornara-se realidade. Zico estava no Flamengo. Seu primeiro jogo foi realizado no dia 12 de julho de 1985, um amistoso que reuniu várias estrelas, entre elas Maradona. O Flamengo venceu por 3 a 1 e Zico deixou sua marca com um belo gol. A torcida rubronegra sonhava com os muitos títulos a serem conquistados. De fato, Zico exibia um futebol de alto nível. Seu futebol era irrepreensível.

Mas a vinda de Zico não levou o Flamengo ao título de campeão brasileiro. A equipe perdeu para o Brasil, em Pelotas, e saiu após o empate com o Ceará. De qualquer forma, os torcedores estavam em festa. Mesmo porque o Flamengo ganhara prestígio com a volta de um dos maiores ídolos de sua história.

Esforço em vão

Não foi fácil para a Estrutural fechar o **pool** de empresas. Rogério Steimberg reuniu a Sul-América Seguros, a Coca Cola, a Adidas, a Mesbla, a cadeia Othon Hotéis e a Rede Manchete. Ele assegura que todos os contratos publicitários foram cumpridos. Apresenta até recortes de jornais, mostrando as publicidades feitas pelo jogador.

A TV Manchete iniciou uma programação em série, na qual Zico ensinava meninos a jogar futebol. Mas foram tantos os problemas enfrentados por Zico que a programação não foi adiante — mesmo porque acabou interrompida pelo próprio Campeonato Mundial. Outra empresa que não obteve retorno foi a Mesbla: colocou à venda quatro modelos de camisa, dois **joggings**, bolas de encher, canetas, blocos, cintos, chaveiros, adesivos, bolsas e sacolas. De início, a venda foi boa, mas os produtos acabaram nas prateleiras.

Culpar Zico? Ninguém pode. Ele não teve culpa da entrada desleal de Márcio numa partida contra o Bangu, disputada no dia 29 de agosto de 1985, válida pelo Campeonato Estadual, quando então começou o seu drama. Desde então, a vida de Zico se resume a uma sala de musculação para reforçar a musculatura da coxa esquerda.

Atingido violentamente no joelho, tendo o ligamento cruzado afetado, Zico vem tentando desesperadamente recuperar sua condição. Ele chegou ao ponto de treinar até mesmo nos dias dos jogos para que a musculatura se apresentasse firme. Mesmo nas férias, durante o Carnaval, compareceu diariamente à Gávea para não perder o tônus muscular. Porém, seu esforço tem sido em vão. Nada disso tem dado certo. É bem verdade que disputou o Campeonato Mundial, mas bem distante do que poderia produzir.

Para seu azar, teve a infelicidade de perder um pênalti contra a França. O gol, no tempo regulamentar, daria a vitória ao Brasil, que acabou desclassificado na disputa por pênaltis, ocasião em que aproveitou sua chance, mas Sócrates e Júlio César perderam.

Com tudo isso, não desanimou. Mesmo achando que por tudo o que fez pelo futebol brasileiro não merecia perder aquele pênalti, conseguir se conformar:

— Felizmente, quem perdeu o pênalti foi um jogador com estrutura para suportar todas as pressões. Estou triste, mas com a consciência tranqüila. Para mim, um pênalti perdido é como uma oportunidade de gol desperdiçada num lance normal de jogo — diz Zico.

Este tranqüilidade, no entanto, já começa a desaparecer. Ele sente que sua carreira está seriamente ameaçada e que seu esforço tem sido em vão. Como última tentativa, buscou o preparador José Roberto Francalacci, responsável pelo seu fortalecimento muscular. Se não der certo, Zico fará uma artroscopia no joelho esquerdo. Um exame que exige anestesia geral e muito sacrifício. Zico só parece hesitar se constatarem que haverá necessidade de uma cirurgia. Uma operação que o deixará mais um ano afastado dos campos de futebol. Mais este sacrifício ele, realmente, não está disposto a suportar. Aí, será o fim de uma brilhante carreira, sem que se possa, ao menos, fazer um jogo de despedida.

Opiniões

Tostão — *"Continuar jogando apenas com o nome, entrando e saindo das partidas, sem condições de render o que todos sabem o que ele pode, não faz nenhum sentido. Só parei com o futebol poR causa do problema médiCo. Infelizmente, parece que o mesmo está acontecendo com Zico. A diferença é que eu tinha 26 anos, e Zico está bem mais próximo de encerrar a carreira, o que de certa forma minimiza o choque, embora abandonar o futebol por contusão seja sempre duro. O ideal seria que todos parassem por opção."*

Ademir Marques de Menezes — *"Zico é um jogador de muita personalidade e consciência. Deve procurar sempre preservar a sua imagem, não denegri-la agora, jogando sem condição. Imagino seu sofrimento. Tive um problema de joelho que me forçou a abandonar o futebol. Sei o que é isso. Até hoje não me recuperei. Acho que ele deve tentar continuar jogando. Claro, para jogar o que sabe. Seja como for, tenho certeza de que a solução que encontrar será boa para ele."*

Oldemário Touguinhó — *"A decisão pertence a ele e aos médicos. Infelizmente, é um triste fim de carreira. Perdeu a Copa do Mundo e, agora, fica na incerteza de jogar. Não merecia isso."*

Dina Stat — *"Por mais difícil que seja a decisão, tenho certeza de que será a melhor para ele. Essa tentativa do Zico em continuar jogando é corajosa. Mas todo mundo tem um limite. Só posso lhe desejar muita felicidade por tudo o que já fez".*

Jacqueline, do vôlei — *"É uma decisão que só o Zico pode tomar. Se continuar jogando representar um sacrifício, ele deve parar. É uma decisão dele e o mais importante é que ele fique feliz ao tomá-la. E não vejo como um fim de carreira melancólico, porque o Zico teve uma carreira brilhante, cheia de sucessos".*

Arnaldo César Coelho — *"Seria bom se Zico parasse por vontade própria. Acho que ele não deve tentar uma nova cirurgia no joelho. Sua vida inteira foi de sacrifício, à base de muito treino e musculação. Sempre provando seu valor. Se operar, quanto tempo continuará jogando? Valeria mais esse sacrifício? Acho que não. Nem se fosse para jogar uma temporada inteira".*

Paulinho da Viola — *"Ele deve fazer tudo o que for possível para voltar a jogar. Só em caso extremo, parar. Nem a idade deve desmotivá-lo. Que opere se for para voltar aos campos".*

Rogério Steinberg — *"Acho que deve fazer todo esforço para continuar. O futebol ainda precisa do seu talento. Mas temos de respeitá-lo como ser humano. Se concluir que o melhor é parar, devemos aceitar e compreender".*

Flamengo arma o contra-ataque

Porto Alegre — O Flamengo teve duas preocupações nos treinamentos de ontem: armar a defesa, que não contará com Mozer, expulso no jogo com a Ponte Preta, e exercitar as jogadas do ataque, pronto a explorar os espaços que o Grêmio, empurrado pela sua torcida, certamente deixará.

Há, no entanto, a consciência de que o empate não será um mau resultado. O próprio técnico Sebastião Lazaroni reconheceu que não será uma partida qualquer, e sim um clássico "com um dos grandes times brasileiros". Outro adversário, o frio, temido por Bebeto, não assusta. A temperatura média em Porto Alegre tem sido de 30 graus.

Júlio César, que já jogou no Grêmio, se disse especialmente motivado. Ele procurou saber como anda o adversário e ficou satisfeito com as notícias de que a defesa não tem acertado. Bebeto, poupado nos minutos finais da partida com a Ponte Preta, está melhor do resfriado e quase sem febre.

Gaúchos frustrados

O Grêmio vem enfrentando problemas na organização da sua equipe e a frustração da torcida com os resultados fracos do time — empatou em 1 a 1 com o Goiás e perdeu (1 a 0) para o Paisandu. O time precisa de uma vitória, em casa frente ao Flamengo, do contrário será o caos.

Valdir Espinosa fez modificações para enfrentar o Flamengo, afastando os titulares do meio campo. Bonamigo, que deu o lugar a Luís Carlos, e Caio Júnior, que havia perdido a posição para Osvaldo improvisado no ataque, volta a jogar. Renato Gaúcho, que andava calmo, voltou a ter crises disciplinares — faltou a um treino e tem negligenciado o preparo físico. Foi até advertido pelos dirigentes.

— É um jogo difícil, mas o time está preparado para uma boa atuação e, certamente, teremos a vitória que todos estão querendo e precisando para levantar o moral — disse Espinosa, embora saiba que o Flamengo está numa posição bem mais cômoda para a partida. Se perder, o Grêmio se envolverá num conflito interno de proporções imprevisíveis.

GRÊMIO	FLAMENGO
Mazaropi	Zé Carlos
Raul	Jorginho
Baidek	Aldair
Luís Eduardo	Guto
Casemiro	Adalberto
China	Andrade
Osvaldo	Ailton
Luís Carlos	Júlio César
Renato	Bebeto
Caio Júnior	Vinícius
Valdo	Zinho
Técnico: Valdir Espinosa	Técnico: Lazaroni

Local: Estádio Olímpico. **Horário**: 16h. **Juiz**: Tito Rodrigues. **Auxiliares**: Valdir Fortunado e Valdemar Henrique dos Santos.

Bangu apresenta sua constelação

Um time de estrelas. É a promessa que o Bangu faz ao torcedor que vai acompanhar o jogo com o Operário, em Moça Bonita, pela quinta rodada do Campeonato Brasileiro. Mauro Galvão e Neto vieram somar os seus talentos ao time que na temporada passada tinha em Marinho o seu grande nome. Os três têm tudo para dar ao Bangu um potencial que o coloca numa boa situação na competição. Galvão já é um líder entre companheiros e ficou com o encargo de comandar a defesa. Neto — que só deve jogar 45 minutos — é apontado como um jogador de grande futuro (tem 20 anos). Todos no Bangu estão encantados com o seu futebol fino e objetivo. Quanto a Marinho, o melhor jogador do Campeonato na temporada passada — está voltando à sua melhor forma técnica aos poucos.

O técnico Paulo César Carpegiani acha que com mais duas rodadas seu time deve conseguir o equilíbrio técnico que está faltando e partir para grandes vitórias:

— Talento o nosso time tem de sobra. Agora a preocupação é garantir o entrosamento das linhas. Eu já percebi que não será difícil. Estou trabalhando com um grupo de jogadores de nível técnico elevado e tenho confiança que vamos alcançar o melhor pique em pouco tempo. O Neto chegou de Campinas — estava sem treinar há mais de 15 dias — com alguns quilos de sobra e nos treinamentos ja perdeu parte deles. Na próxima semana deve ter condições para suportar uma partida enteira. Com ele em forma, o time do Bangu pode enfrentar qualquer adversário sem medo.

Depois de dois bons resultados fora do Rio — 1 a 1 com o São Paulo e 1 a 1 com o Internacional — o time de Carpegiani luta pela primeira vitória no Campeonato, que o colocaria em excelente situação na tabela.

Quanto ao Operário, deve jogar cautelosamente e tentar surpreender o adversário nos contra-ataques.

Bangu	Operário(MS)
Gilmar	Paulão
Jacimar	Anchieta
Márcio Rossini	Santos
Oliveira	Deda
Márcio Nunes	Assis
Mauro Galvão	Garcia
Israel	Charles
Nando	Wilsinho
Marinho	Cido
João Cláudio	Fernando Roberto
Ado	Guina
Técnico: Carpegiani	Técnico: Fidelis

Local: Moça Bonita. **Horário**: 17h. **Juiz**: Edson Alcântara Amorim. **Auxiliares**: Perácio da Silveira e José Floriano Contijo.

Flávio Costa 80 anos

Foto de Ari Gomes

***Flávio Costa**, o primeiro treinador no Brasil a ter a responsabilidade de comandar um time de futebol, faz hoje 80 anos. E muito feliz com as diversas homenagens. Sua vida está diretamente ligada à história do futebol, desde 1923, quando abandonou o Colégio Militar, como estudante, para entrar em campo com a camisa do modesto Neves, de Niterói. Daí para frente, no meio de campo ou na lateral, passou a viver intensamente as emoções do esporte. Não era um clássico. Jogava no peito e na raça. Ganhou o apelido de* Alicate *pela maneira dura de marcar e também por suas pernas arqueadas. Numa autocrítica, confessa que, pelo futebol, não merecia mais do que uma nota* seis, *com louvor. Mas em coração, era 10. Assim, chegou a campeão carioca pelo Flamengo, em 1927.*

FOI a partir de 34, ao assumir a direção técnica do time, que passou a viver os grandes momentos da carreira. Até aquela data, os técnicos não mandavam nas equipes. Quem escalava os jogadores era o diretor de futebol. O treinador não era importante.

Tanto que o Flamengo tinha no cargo um ex-boxer, o argentino Di Lorenzo, que também atuava como segurança de vários granfinos do Rio, entre eles alguns dirigentes do Flamengo. Um dia Flávio fez um trabalho abordando a desorganização do futebol e acabou sendo indicado para assumir como técnico. Decisão que não agradou os **cartolas**, que viam nele um líder entre os jogadores e tinham medo de seu comportamento como treinador. E, de fato, estavam certos. Em poucas semanas Flávio mostrou que só ele comandava os jogadores. Os dirigentes não entravam mais em campo para falar. O técnico passou a ser respeitado.

Sua década de sucesso foi a de 40. Talvez, a mais vitoriosa de todos os treinadores, pois foi campeão carioca pelo Flamengo em 42,43,44 e pelo Vasco em 45,47,49, além de 1950. Flávio confessa que foi o ano de sua maior decepção, a derrota de 2 a 1 para o Uruguai, a perda da Copa do Mundo. O que ele mais lamenta foi a falta de solidariedade dos dirigentes após o jogo. Diz que o time não tinha erros. Só falhou na final e não se podia corrigir a infelicidade de alguns jogadores, como "o genial Barbosa". Flávio conta que saiu atordoado do Maracanã. Via as pessoas chorando e não podia fazer nada. Foi para casa e, mais uma vez, sua mulher Florita estava ao seu lado, como sempre, nos bons e maus momentos. Ele também não esquece os médicos Amílcar Gifoni e Paes Barreto, que foram para sua casa, com medo de ele sofrer algum problema no coração.

Flávio Costa garante que teve mais momentos de alegria do que de decepção. Por isso, não se arrepende do dia em que deixou a carreira no Exército para se entregar ao futebol.

— Duvido que algum militar tenha viajado pelo Mundo tanto quanto eu (Flávio tem um irmão que é General, o Faustino). A felicidade do tricampeonato pelo meu Flamengo não tem preço. A alegria de conviver com ídolos como Zizinho, Domingos da Guia, Ademir e tantos outros realiza qualquer profissional. E quer saber de mais uma coisa? A minha Florita, que morreu há três anos, ainda continua ao meu lado. Eu a sinto aqui dentro de casa constantemente. Ela vai comemorar comigo os 80 anos. Assim como o futebol, ela está sempre dentro de mim — afirma o bisavô Flávio, sempre de cabeça erguida e peito aberto, apesar da gota que o vem atacando ultimamente, incapaz, no entanto, de derrubar seu porte de grande líder.

E tudo começou em 1923

Oldemário Touguinhó

Quando começou a gostar do futebol?
— Desde criança. Nasci no Estácio (14/9/1906), na Rua Maia Lacerda, e estava sempre jogando pelos terrenos da área, pois só havia duas grandes construções, a Escola Normal e a Igreja do Espírito Santo. O resto, sobrava para as crianças brincarem e eu só pensava no futebol.

Em que clubes você jogou?
— O primeiro foi o Neves, depois o Helênico e Flamengo. O começo foi duro, pos não queriam me liberar do Colégio Militar. Um dia, fugi para jogar e fui ameaçado de prisão. Por isso faltei seguidamente 18 dias e tiveram que me mandar embora. O pior é que passei de estudante a soldado e fui servir em Juiz de Fora. Houve a revolução no Paraná e me mandaram nas tropas. Foi um ano horrível.

Quando chegou no Flamengo?
— Em 1925. Fui campeão no segundo time. Em 26 passei para o principal, ainda no meio-de-campo. Depois veio o Seabrinha e fui ser lateral. Ele era melhor do que eu. No ano seguinte fomos campeos cariocas. Joguei até 33.

Como passou a técnico?
— Sempre gostei muito de falar sobre armação de equipe, só que não tinha com quem debater, pois o técnico do Flamengo não sabia nada de futebol, era umm ex-boxer, o Di Lorenzo. Naquele tempo só o diretor de futebol escalava o time. O treinador era mais para encher a bola, que tinha que ser costurada, além de colocar o bico para dentro. Dava um grande trabalho e exigia força. Muitos técnicos só sabiam fazer isso, assim como o nosso. Um dia um amigo me pediu para fazer um plano sobre o futebol, apresentando os erros, e acabaram me indicando para ser técnico, no próprio Flamengo. Fiquei preocupado, mas confiante. No mesmo ano vencemos um torneio de classificação e entramos no Rio-São Paulo, isto em 34. Daí para frente os treinadores passaram a ser respeitados nos clubes.

O que mudou do amadorismo para o profissionalismo?
— Os dirigentes gostavam de pagar aos jogadores mais importantes, mas não queriam que se falasse nisso. O Arnaldo Guinle, do Fluminense, passou a liderar uma campanha pelo futebol profissional. Antônio Avelar, do América, e Bastos Padilha, do Flamengo, passaram a apoiá-lo. Nisso, o Alberto Borgeth, do Flamengo, que era um dos homens fortes do clube (Flávio diz que havia em todos times vários dirigentes de peso e eles mandavam, independente de diretoria concordar ou não), lançou o Profissional Educativo, que nada mais era do que pagar ao jogador uma colaboração mensal para seus estudos. Aos poucos todo mundo foi se profissionalizando. O ruim é que os dirigentes antigos só protegiam os amigos. Os jogadores que eles não traziam para o clube ficavam meio abandonados.

Como eram armadas taticamente as equipes?
— Havia dois zagueiros dentro da área. Quando um saía para dar combate a um extrema, o outro ficava na cobertura, no meio da área. Eles se revezavam, ou seja, sempre que um ia para a lateral cercar o adversário o outro ocupava a área. O meio-de-campo tinha três homens. Normalmente para cercar o ataque adversário, que era formado por cinco jogadores. Não havia marcadores de pontas, como hoje o Flamengo tem o Jorginho e o Adalberto. Quem saía nas laterais, como disse, eram os zagueiros de área.

Quando o sistema começou a ser mudado?
— Com a chegada de Dori Kruschener, em 37 (Dori era húngaro de nascimento mas trabalhava no Grasshopper, da Suíça), para o Flamengo. Ela começou a mudar o sistema defensivo, recuando um homem do meio do campo para ajudar na armação tática do WM. Só que isso custou a acertar, porque ele tinha muitos conhecimentos mas não falava português e não sabia convencer os jogadores da eficácia do seu sistema. Naquela época, o jogador não se ligava muito em esquema de jogo. Tudo era igual. O Dori chegou até mesmo a ter um sério problema com o genial Fausto, que era o chamado Pivô, que só jogava pelo meio, entre a nossa intermediária e a do adversário. O pivô corria quase em linha reta. Fausto não aceitou ser recuado e foi ruim para o técnico. Também chegaram a dizer que eu, como seu auxiliar, não o ajudava, mas não era verdade. O problema foi mesmo a sua falta de diálogo com o grupo, por não falar nosso idioma.

E os casos com Heleno e Ipojucan?
— O Heleno era um excelente jogador, mas criava problemas. Um dia, numa partida do Vasco, recebeu um lateral batido pelo Alfredo, matou a bola com muita classe, largou no chão e saiu de campo, protestando contra a torcida que o chamava de **Gilda**. Em outra ocasião, coloquei na seleção carioca o ataque titular com Tesourinha, Zizinho, Ademir, Jair e Chico e os reservas com Nestor, Maneca, Heleno, Lima e Mário. Os titulares goleavam. No intervalo, o Heleno foi para o vestiário e não voltou. Ele apontou para Lima, Mário e Maneca e disse: "Estes, não me dão a bola porque não querem. E este — apontando para Nestor —, porque não sabe."

Ele era terrível, mas um dia tive que agredi-lo com um tapa em São Januário, pois andava me criticando pela imprensa. Ele chegou a puxar um revólver, mas não teve sorte. Com o Ipojucan, ele não queria voltar a campo numa decisão. Dei umas bolachas nele no vestiário e retornou a campo para ganharmos o título contra o América, em 50.

Já foi suspenso alguma vez?
— Por três meses. Naninho (Vasco) tinha sido agredido pelo Emílson Pessanha (Fluminense), este que foi auxiliar de Telê na Copa. Na porta do Edifício Cineac, onde era a Federação, encontrei o Ari Barroso, que era juiz do Tribunal, onde os jogadores tinham sido julgados. Logo que o Ari me viu, começou a esfregar as mãos, velho hábito, e me disse sorrindo: "Acabei de liquidar com o Vasco lá no Tribunal. Consegui absolver o Emílson e suspendi o Naninho de vocês, por dois jogos". Depois disso, declarei que os juízes usavam por baixo do paletó a camisa de seus clubes e que o Ari era mesmo fanático pelo Flamengo. Aí também me suspenderam.

E a Copa de 50?
— Não havia erros no nosso time. Vínhamos de goleadas. Houve infelicidade de Barbosa, goleiro maravilhoso, e Bigode, que era um excelente marcador. Hoje eu mandaria reforçar a marcação nas laterais, mas naquela ocasião não tinha o que corrigir. Triste foi a saída do estádio. A torcida não reagia a nada. Era silêncio total. Isto atingiu o time no campo e até na hora em que fomos embora. Passei por São Januário, apanhei meu carro e fui para casa. Nesta sala, aqui mesmo, tentávamos falar sobre outro assunto mas não adiantava. O jogo voltava a ser o tema. Só posso dizer que foi muito triste, só a Florita conseguia me reanimar.

Quais os clubes que dirigiu?
— Flamengo, Vasco, Porto, Colo-Colo, Portuguesa de Desportos, Portuguesa carioca, São Paulo, América, Bangu e Cruzeiro.

Quais os maiores craques que viu?
— Zizinho — "o Pelé de antigamente" —; Leônidas, Domingos da Guia, que não era muito habilidoso, mas tinha uma colocação fabulosa, ninguém passava por ele, Pelé e mais alguns.

E os violentos?
— Eu e Aragão.

E os goleadores?
— Pelé, Leônidas, Zico, Ademir e Pirilo.

Fez alguma injustiça como treinador?
— Acho que não. Sempre quis ser respeitado. Daí ter que ser honesto em minhas decisões. Um dia lancei o Zizinho na seleção carioca e o presidente da Federação, o tricolor Gastão Soares de Moura, foi me interpelar dizendo que eu havia barrado o seu ídolo, Romeu. Tive que explicar a ele que Romeu estava terminando e que o tal menino Zizinho seria um dos gênios do futebol. Só mais tarde é que Gastão reconheceu que eu estava certo.

Por que não se tem tantos craques hoje como antigamente?
— Antes, o futebol era mais bonito, mais artístico. O jogador se sentia feliz em fazer uma grande jogada. Hoje, a maioria só pensa em dinheiro. Poucos se dedicam com seriedade à profissão. Se a gente elogia um craque que está nascendo, no dia seguinte os **cartolas** aumentam seu contrato e o atleta vira artista e não se cuida mais. Culpo muito os treinadores, que não sabem orientar os mais jovens. O futebol é um esporte sério e não admite brincadeira. Não sou contra grandes contratos, mas é preciso que o jogador tenha a raça de um amador.

A sua frase "o futebol só melhorou da boca do túnel para dentro do campo" ainda é válida?
— Muito mais ainda. Os incompetentes estão sempre querendo se aproveitar do futebol. Como não sabem dirigir clubes, federações e confederações, tudo vai para baixo.

E os 80 anos?
— Só sinto mesmo a Florita não estar viva. Espiritualmente ela está dentro de mim. Vivo neste apartamento (em Botafogo) há 40 anos. Nunca troquei os móveis. Sei sempre onde ela está aqui em casa. Vamos festejar juntos mais este aniversário.

Sandro Moreyra

Não fustiguem os craques

Tempos passados, quando Pelé reinava nos estádios, o Santos jogava com o Vasco, no Maracanã e perdia por 1 a 0. Faltavam poucos minutos para terminar e a torcida vascaína, numa natural euforia, apupava Pelé, gritando: **"cadê o rei?, cadê o rei?".**

De repente Pelé cabeceia firme um centro de Pepe e empata o jogo; no minuto seguinte passa como um raio entre os zagueiros Brito e Fontana para fazer o gol da vitória, calando e deixando de queixo caído a ululante massa vascaína.

No dia seguinte, comentando o jogo, aqui no espaço desta coluna que, então, ocupava, Armando Nogueira escrevia a propósito das vaias: — Deus castiga a quem o craque fustiga.

Nada mais certo. A história do futebol está cheia de exemplos assim. Muito antes de Pelé, na década de 40, Heleno de Freitas, vaiado certa tarde pela torcida do Fluminense, que o chamava de "Gilda", silenciou a moçada tricolor com um gol de placa. Julinho, um ponta-direita do Palmeiras, num jogo da Seleção contra a Inglaterra, entrou vaiado no Maracanã e saiu debaixo de aplausos, depois de notável atuação.

Didi, nos treinos para a Copa do Mundo de 58, onde se consagraria como campeão, acabou com os gritos da torcida do Flamengo, exigindo a sua troca por Moacir, marcando um gol de curva e colocando Zagalo e Dida soltos em frente ao gol, em passes perfeitos. Reinaldo, mancando e chamado de "bichado" pela mesma torcida, assustou a todos eles com dois belos gols.

E não foram poucas as vezes em que Garrincha, por preguiça, tédio ou mesmo uma noite maldormida, se deixava dominar, levando as torcidas adversárias a pensar que, finalmente, alguém estava conseguindo marcá-lo. Até que um lampejo, um despertar, e logo Mané aparecia dando no infeliz marcador quantos dribles quisesse.

Deus castiga a quem o craque fustiga.

Os exemplos não acabam nunca. Ainda agora, na Copa do Mundo do México, o Villas-Boas Corrêa e eu gostávamos de ficar assistindo na televisão do hotel, em Guadalajara, a um programa esportivo, **Los Protagonistas** — creio que era assim que se chamava. Era um programa movimentado, cobrindo todos os grupos da Copa, com imagens fartas e comentários bem-feitos e onde havia um velho cronista mexicano para quem nunca um lance era bonito, nunca um gol era de classe. Ríamos do homem que tinha cara de vítima crônica da maldição de Montezuma.

Num dos programas, véspera do jogo da Argentina com a Inglaterra, Maradona já vinha pintando como dono absoluto da Copa e o tema era uma enquete entre os jornalistas que cobriam o grupo para saber quem era melhor, se ele, Maradona, ou Platini.

Um a um foram os entrevistados desfilando as respostas e Maradona ia recebendo a unanimidade das opiniões. Até que chegou a vez do brasileiro, que arrasou com Maradona. Que era baixinho, que só chutava com um pé, que não sabia cabecear, e foi desancando até terminar afirmando que Maradona ainda teria muito a aprender para chegar aos pés de Zico, Platini e Rummenigge.

Não sei se Maradona viu o programa. Mas no outro dia, contra os ingleses, ele, só para contrariar, marcou um gol de cabeça e outro driblando tanto e tão bem que mereceu uma placa de bronze no estádio Azteca. Dois dias depois, enquanto Maradona repetia o gol espetacular contra a Bélgica, Zico e Platini perdiam pênaltis numa mesma partida e, no jogo final, na decisão do campeonato, Maradona, já consagrado pelo mundo do futebol como o Rei da Copa, ganhou o título de campeão em cima da Alemanha de Rummenigge.

Mais uma vez funcionara a máxima de Armando Nogueira: — Deus castiga a quem o craque fustiga.

□

Histórias: Leio no JB que a visita do Presidente Sarney ao Congresso americano acabou numa encenação. Pouco antes de começar a cerimônia, menos de 20 deputados e senadores estavam presentes no plenário. Para evitar o fiasco e o feio espetáculo das cadeiras vazias, os organizadores encheram o recinto com funcionários, visitantes, pessoal da segurança, contínuos e até um rapaz que tinha ido lá apenas levar um telegrama. Não ficou cadeira livre.

Está aí uma boa idéia para ser aproveitada nos jogos vazios do Campeonato Brasileiro. Como ninguém comparece, os clubes deviam encher o Maracanã pegando quem passasse na rua. E se mesmo de graça alguém resistisse, poderiam **formar** piquetes. Só que piquetes ao contrário, isto é, para botar gente para dentro à força. Assim não teríamos aquelas arquibancadas desanimadoramente vazias.

Tem que dar certo...

Vasco só tem um caminho hoje, o da vitória

Ainda sem vencer no Campeonato Brasileiro e com um ataque que está há 660 minutos sem fazer gol em jogos oficiais, o Vasco enfrenta esta tarde, no Maracanã, o Cruzeiro, só podendo chegar a um resultado: a vitória. Até o empate, na atual circunstância — o time é o último colocado do grupo C, com apenas um ponto ganho —, é um mau resultado, já que precisa acumular, pelo menos, mais sete pontos em seis jogos.

O técnico Cláudio Garcia está otimista. Acredita que os jogadores recuperaram a confiança no empate (0 a 0) com o Santos. O mesmo, porém, não pode se falar em relação ao presidente Antônio Soares Calçada, que, após severas críticas ao time, reuniu-se ontem com o vice-presidente de futebol Eurico Miranda e comissão técnica. Objetivo: tentar encontrar uma solução para atuações poucos convincentes e resultados tão ruins.

— Acho que nesse jogo contra o Cruzeiro entraremos como se partíssemos do zero — discorda Garcia. — Há uma evolução. Aumentou a confiança e isso nos dá tranqüilidade. Os jogadores vão arriscar mais.

Cláudio Garcia afirmou que a falta de gol será resolvida "com muito carinho".

— Com confiança e tranqüilidade, o gol vai acabar saindo. Sei que precisamos também de um pouco mais de treino para melhorar a finalização e a movimentação. É necessário criar mais opções. Ter mais gente na área para concluir. Não podemos ficar limitados a dois ou três jogadores para chegar ao gol.

A confiança de Garcia é compartilhada também por Roberto. Segundo ele, a questão se resume numa palavra: fase.

— Não ficamos preocupados em fazer gol de qualquer maneira. Na realidade, só nos ligamos que mais uma vez não fizemos gol quando o jogo acaba. É difícil justificar o que está acontecendo. As jogadas saem, os chutes são certos, mas as bolas não entram. Como há fases em que a gente faz gol até virando de costas para a bola, há essas em que a bola não entra de jeito algum. Precisamos manter a calma. Quem sabe não desencabulamos contra o Cruzeiro?

Para o próximo jogo, domingo, em Vitória, com o Rio Branco, Cláudio Garcia já poderá contar com dois reforços. Zé Sérgio, comprado por Cz$ 900 mil, e Juninho, emprestado até o final do ano, chegaram ontem à tarde e se apresentam definitivamente amanhã. Os dois foram indicados por Candinho, técnico do Juventus que dirigiu a Seleção Paulista em alguns amistosos no Japão.

VASCO	CRUZEIRO
Acácio	Gomes
Paulo Roberto	Balu
Carlos Augusto	Geraldão
Fernando	Gilmar Francisco
Pedrinho	Genilson
Donato	Douglas (Andrade)
Mazinho	Ernani
Geovani	Eduardo
Mauricinho	Robson (Gil)
Roberto	Hamilton (Vanderlei)
Romário	Édson
Técnico: C Garcia	Técnico: C Alberto Silva

Local: Maracanã. **Horário:** 17 horas. **Juiz:** Dulcídio Wanderley Boschilia. **Auxiliares** Antônio de Paula e Silva e Euclides Peres Rodrigues.

João Saldanha

A Rua do Siriri

Ontem escrevíamos sobre a questão levantada por Vasco da Gama e Flamengo, digo, por dirigentes do Vasco e do Flamengo. Obviamente os clubes nada têm a ver com as tolices de seus dirigentes. De qualquer maneira, é saudável que eles se engalfinhem por questões de classificações. No caso do Vasco, agora é somente por causa dos resultados. Fosse ele o vencedor e tudo estaria "maravilhosamente bem". Já cansei de proclamar que entendo por que o futebol do Brasil é esta mixórdia. É evidente, é claro, que isto acontece porque é altamente lucrativo, para alguns tipos. Não posso entender é porque há tanto tempo os grandes clubes aceitam isto. Quer dizer, não posso entender, em parte. De uns tempos para cá, o Governo central entrou nesse negócio. Na época da ditadura chegou quase a oficializar o futebol. Em cada clube ou entidade importante havia — ainda há em vários — um militar mandão. Na CBF foi quase uma intervenção. Em outros segmentos do futebol, o negócio é o mesmo. O próprio Governo atual, o do senhor Sarney, embarcou nessa canoa furada. Deu e dá nosso dinheiro para o esbanjamento dos dirigentes do futebol. O Governo, pendurado no futebol através da Loteria Esportiva, pensa que está fazendo um grande benefício. Pois se os homens do Governo pensassem um pouco ou controlassem melhor as verbas e favores que prestam a um grupo de espertalhões, estou certo de que a Nova República no mínimo cairia fora dessa barca que, fatalmente, vai afundar.

Quando? Não sei, pois o futebol está completamente controlado, no momento, por homens que não têm a ver com o esporte. E o Governo Sarney, como anjinho, voando nessas nuvens, quase parece a ingenuidade do querubim. O diabo é que é um querubim excessivamente liberal, que abre facilmente as portas do cofre. Lembro até de um conto, creio que foi "A Rua do Siriri", do Armando Fontes. Em certa altura, a dona do bordel dizia com aquele ar da experiência de 40 anos de janela:"Aquela moreninha é bonita, promete... vai longe. Mas veja só... Já está aqui há mais de um mês e nunca chega na frente para pegar o bidê. O jeito é só pegar a torneira do tanque. O sabonete então nem se fala, só pega sabão de coco". E suspirando: "Coitada... é boba... um dia vai aprender". Espero que os homens do Governo, que não têm 40 anos de janela, entendam isto, rápido. Os clubes se organizariam de novo em ligas, por conta própria. Tocariam fogo nos 5 mil decretos sobre o futebol, que apareceram de 1937 até hoje. Decretos que só servem para acobertar bandalheiras e atrasar mais a nossa vida. E sabem de uma coisa? Assim, nem na Itália em 1990 a gente recupera. Hoje, mais 30 jogos da rodada.

Campeonato Brasileiro

Hoje (5ª rodada)

Grupo A
São Paulo x Ceará .... Morumbi, 16h
Sport x Internacional .... Recife, 17h
Sobradinho x Remo .... Brasília, 17h
Bangu x Operário-MS .... Moça Bonita, 17h

Grupo B
Corintians x Sergipe .... Pacaembu, 16h
Goiás x Atlético-PR .... Goiânia, 17h
Grêmio x **Flamengo** .... Porto Alegre, 16h
Botafogo-PB x Joinville .... João Pessoa, 17h
Ponte Preta x Paissandu .... Campinas, 16h

Grupo C
Náutico x Operário-MT .... Recife, 17h
Bahia x Santos .... Salvador, 17h
Tuna Luso x Rio Branco .... Belém, 17h
Vasco x Cruzeiro .... Maracanã, 17h

Grupo D
Alecrim x Santa Cruz .... Natal, 16h30m
Fortaleza x Comercial .... Fortaleza, 17h
Atlético-MG x Palmeiras
.... Belo Horizonte, 17h
Portuguesa x Nacional .... Canindé, 16h

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 14 de setembro de 1986

O assassinato da ética

Augusto Nunes

A fitalhada que narra as origens do escândalo Coroa-Brastel, em boa hora resgatada pelo JORNAL DO BRASIL, confirma uma antiga suspeita: a parte mais malcheirosa do espólio deixado pelo regime de 1964 está na desagregação moral patrocinada por vestais que caíram na vida já balzaquianas, seduzidas por velhos caftens do poder. Sim, o legado político foi quase insuportável — quase, porque apesar de tudo temos percorrido o caminho da transição para a democracia sem convulsões fratricidas, sem choro nem ranger de dentes. Tampouco foi fácil agüentar o peso da herança econômica, resumida na maior dívida externa do planeta e numa inflação de dimensões bolivianas. Mas dificilmente o desmoronamento político e o naufrágio econômico terão sido mais traumáticos para o país que o assassinato da ética.

É sempre arriscado comparar tragédias; todas, afinal, são tragédias. O legado político, por exemplo, incluiu vinte anos de arbítrio e intolerância, a liquidação de partidos que começavam a engatinhar e o aborto de novas lideranças, a fraude das eleições indiretas, a ressurreição da censura, a sacramentação da tortura, a polarização ideológica e o desencadear de uma falsa guerra civil que produziu um dos capítulos mais terríveis da história republicana. Da mesma forma, a herança econômica incluiu a falácia do milagre, o exílio de milhões de brasileiros nos limites da miséria absoluta, o empobrecimento da classe média, a substituição de atividades produtivas pela especulação despudorada, a manipulação da semântica para rebatizar com expressões mais refinadas — overnight, por exemplo — expedientes que os brasileiros comuns sempre chamaram de ladroeira. Pois ainda assim nada foi pior que a decadência moral operada nestes vinte anos.

Basta ler a transcrição das fitas para captar o clima de deboche, a atmosfera de fim de feira, a institucionalização das comissões, das porcentagens, das gorjetas, do cada um por si e Deus contra. A fitalhada sugere o roteiro de um filme em que não há heróis, só bandidos. Como seus similares da máfia americana que nos divertem nas telas, porém, todos terão bons álibis. O ministro que inspirou a compra da corretora Laureano, por exemplo, sempre poderá dizer que agiu como pai extremoso — se permitisse que o filho perdesse emprego tão interessante, estaria exposto a uma versão da pergunta famosa de Francelino Pereira: que pai é esse? Outro ministro dirá que terceiros invocaram levianamente seu santo nome (ou o apelido profano). E o próprio Assis Paim poderá continuar a apresentar-se como vítima de tecnocratas e politiqueiros inescrupulosos, omitindo a evidência de que entrou na jogada para bajular os princípes do momento e depois receber favores do Banco Central.

A verdade é que ninguém se poupava de meter a mão na massa. A bandalheira começava por ministros e pais da Pátria, passava por empresários amigos, engordava intermediários e, claro, excitava a imaginação do guarda da esquina. Um sargento do SNI encarregado de ouvir as conversas de Assis Paim e seus comparsas certamente achava muito justo também levar algum, por que não? Por que só os outros deveriam levar vantagem? E assim o Brasil foi transformado no paraíso dos espertos.

Ladrões são ladrões em qualquer parte do mundo, mas o Brasil nunca foi uma parte qualquer do mundo — as coisas aqui são bem mais complexas. Ladrões originários da alta classe média, por exemplo, não são ladrões: sofrem de cleptomania, uma doença que só assola quem recebe acima de quinze salários mínimos. Nos registros médicos, não se conhece um único caso de pobre cleptomaníaco; pobre ladrão é ladrão e ponto final. Se larápios da classe média são apenas doentes, empresários que furtam devem ser tratados como vítimas de maus ventos econômicos, forçados pelo destino a atropelar fronteiras éticas. E viva o Brasil.

Num país que não estivesse abalado por duas décadas de desintegração moral, os protagonistas das conversas gravadas pelo SNI, tão logo as vissem reveladas, tratariam de fazer rapidamente as malas, colocar nos bolsos alguns maços de dólares e correr ao aeroporto mais próximo, antes que a polícia chegasse. No Brasil, tais cenas de suspense são dispensáveis. Tão dispensáveis que o advogado Maurício Cibulares pôde dar-se o requinte de confirmar que disse tudo o que se viu — e não disse pouco —, argumentando já estar demasiado velho para desmentidos do gênero.

Meter na cadeia alguns desses aventureiros envolvidos no escândalo da Coroa-Brastel faria muito bem à nação, mas aparentemente ainda não estamos preparados para a Justiça. Como também já não estamos no tempo dos grandes crimes sem castigo, subscrevo a sugestão do jornalista Villas-Boas Corrêa: punir o contínuo Zé Maria, por ter recebido presentinhos oferecidos por Gabriel Rechaid. Milhões de dólares circularam sob as barbas de Zé Maria, e ele, em pleno Brasil-81, se contentou com migalhas.

Merece cadeia.

De volta

• Depois de três meses preso na cama, vítima de uma queda em casa que lhe custou a fratura da coluna, o teatrólogo e escritor Bráulio Pedroso está de volta à atividade.

• É o entrevistado de amanhã no programa **Advogado do Diabo**, da TV E.

• Promete contar tudo.

■ ■ ■

Mau começo

• **Já se sabe por onde começará o racionamento de energia no próximo verão devido à sobrecarga das redes no Brasil inteiro.**

• **Pela restrição do uso de aparelhos de ar condicionado.**

■ ■ ■

Tudo cheio

• Não havia esta semana um só quarto de hotel disponível em São Paulo.

• A ocupação foi tão maciça que muitos participantes de um congresso internacional de gastroenterologia, realizado na capital paulista, tiveram que recorrer, para dormir, a hotéis no Rio.

• Tomavam a Ponte-Aérea de manhã cedo para São Paulo, participavam ao longo do dia das reuniões e voltavam à tardinha para dormir no Rio.

* * *

• Esqueceram de recomendar-lhes os motéis paulistanos.

• São os melhores e mais luxuosos do país.

ZÓZIMO

Ponto-de-vista

• **Do professor Helio Jaguaribe (foto), no encerramento do 3º Encontro dos Economistas do Rio de Janeiro:**

— O Brasil não pode continuar a ser ao mesmo tempo Grã-Bretanha e Bangladesh.

• **Jaguaribe, hoje envolvido até o pescoço na campanha Moreira Franco, falava para uma platéia predominantemente pedetista.**

■ ■ ■

Mal-entendido

• O **restaurateur** Florentino Prieto, que dá seu nome a seus restaurantes, atribui a um mal-entendido a notícia de que estava comprando com ágio as carnes dos frigoríficos Wessel que seus clientes consomem.

• Realmente, a Wessel vende mais caras as suas carnes, mas com autorização da Sunab.

• É que, sendo carnes de 1ª, são entregues cortadas, limpas e prontas para servir.

ZÓZIMO

É fato

• O Palácio do Planalto pode negar o quanto quiser a notícia desta coluna de que, ao partir para os Estados Unidos, o Presidente José Sarney deixou pronto um decreto estabelecendo no país o estado de emergência caso a greve da última quinta-feira se alastrasse.

• Pode também negar que durante a reunião que decidiu a medida houve pelo menos um confronto mais tenso entre dois Ministros de Estado, um a favor e outro contra.

• Contra, era o Ministro Marco Maciel, para quem a adoção da medida traria inevitavelmente para o Governo grandes prejuízos eleitorais; a favor, o Ministro Leônidas Pires Gonçalves, que ganhou a discussão com a seguinte e curta sentença:

— O importante é não perder a autoridade.

• Desmentir notícias é sempre muito mais fácil do que apurá-las.

■ ■ ■

Surpresa

• Há dias, no elegante jantar com que Ana Luiza e Gustavo Afonso Capanema festejaram suas Bodas de Prata, alguém teve a idéia de promover uma pesquisa entre os **socialites** presentes para saber das preferências eleitorais dos convidados.

• Deu, disparado, Gabeira na cabeça.

■ ■ ■

"Revival"

• *Para comemorar os 20 anos de lançamento do LP* Sergeant pepper's Lonely Hearts Club Band, *com que os Beatles modificaram o comportamento do* rock, *um grupo de cineastas do primeiríssimo time vai realizar uma série de video-clips das músicas do álbum.*

• *Estão reunidos na empreitada nada menos que Steven Spielberg, Robert Altman, Ken Russell, Susan Seidelman, Lawrence Kasdan, Nicolas Roeg, Francis Ford Coppola, Steve Barron, George Miller e John Landis.*

• *Já escolheram suas músicas os diretores Nicolas Roeg* (A Day in the Life), *Ken Russell* (When I'm Sixty-Four), *George Miller* (Within You, Without You) *e Steven Spielberg* (For the Benefit of Mr. Kite).

• • •

• *Paralelamente a esse projeto, Paul McCartney, Steven Spielberg e Martin Scorsese vão rodar um documentário sobre os Beatles que já ganhou título* — The Long and Winding Road.

Rubens Monteiro

Celia Portela e o chef José Hugo Celidônio chez *Bocuse*

Indenização

• *Chega à Justiça nos próximos dias uma ação de indenização movida pelo Embaixador Edmundo Barbosa da Silva contra o grupo Caemi.*

• *O diplomata pretende ser ressarcido por ter saído da direção do projeto Jari e cedido seu lugar ao ex-Ministro Costa Cavalcanti.*

• *É assunto para dar panos para mangas.*

Mais uma

• A revista **Isto É** está publicando esta semana um novo testemunho que desmonta a versão oficial da morte do Deputado Rubens Paiva.

• É do ex-preso político José Roberto Rezende, que garante que o Volks de onde teria fugido Paiva depois de um tiroteio não poderia estar rodando na época.

• Simplesmente, Rezende tinha pessoalmente incendiado o carro antes de Paiva ser preso.

■ ■ ■

VAI MUDAR

• O plano existe, mas não é para já: o Fed, Banco Central dos Estados Unidos, estuda a troca de todos os dólares físicos por novas cédulas — desta vez azuis.

• Com a substituição, calcula o Governo norte-americano, os cofres públicos ganhariam de 10 a 15% em cima de toda a circulação de dólares do mundo com a saída do circuito dos dólares falsos, perdidos, esquecidos, etc.

• A medida resultaria também numa valorização da moeda americana.

De vento em popa

• *O anúncio de duas páginas que a McCann-Erickson faz publicar na revista* Time *na semana da visita do Presidente José Sarney aos Estados Unidos saiu melhor que a encomenda.*

• *Endossando a declaração de fé nesses novos tempos do Brasil, estão os líderes de nove grandes empresas multinacionais, todas clientes da agência — Bank of Boston, Coca-Cola, GM, Gillette, Lego, L'Oréal, McDonald's, Nestlé, Union Carbide, além da própria McCann-Erickson.*

• *Pelo entusiasmo demonstrado no anúncio, o país — pelo menos para os dez anunciantes — vai de vento em popa.*

Roda-Viva

• O grande movimento da sexta-feira ficou por conta da festa de aniversário de Rosinha Fernandes.

• **Dando uma circulada rápida no Rio o Governador e Sra José Aparecido de Oliveira.**

• A nova atração do bar Vaticano todas as terças e quartas-feiras é um **pocket-show**. Depois de amanhã, exibe-se Maria Lucia Dahl, e no dia seguinte, Leiloca.

• **Leda Maria e Davino Pontual reuniram um pequeno grupo de amigos para jantar.**

• O Itamarati vai comemorar amanhã o Dia Nacional da Paz.

• **Estourou a bilheteria no fim de semana a peça** Lily e Lily, **em cartaz no Teatro Copacabana.**

• Mesa elegante no almoço do Gourmet: Embaixatriz Gilda Sarmanho, Evinha Monteiro de Carvalho, Maria Roberto e Ângela Mallmann.

• **Mitzi e Renato Bonjean receberam ontem para almoço em sua fazenda do Estado do Rio.**

• Depois de 30 anos dedicado ao **design** de jóias, Caio Mourão está de volta à pintura.

Historinha

• Circula entre os empresários e banqueiros de São Paulo a historinha de que está restrita atualmente a um exemplar por dia a venda em todo o território nacional do livro Inflação Zero, **do economista Chico Lopes.**

• Quem o compra diariamente é o Ministro Dilson Funaro.

• Para se convencer.

■ ■ ■

Conselho sábio

• *Conselho do Presidente Reagan a um jornalista que lhe perguntou que ensinamento daria a seus sucessores na Casa Branca com relação ao* affair *Watergate:*

— Não se esqueçam nunca de destruir todas as fitas gravadas!

■ ■ ■

Calma, professor

• Se realmente, como promete, o professor Darcy Ribeiro fizer sua estréia no horário do TRE na televisão deblaterando contra o Tribunal Superior Eleitoral, pode se dar mal.

• Pode ser retirado do ar e pode até ganhar um processo.

Rainha Midas

• *Quem está na crista da onda é a Princesa Stephanie, de Mônaco (foto), atualmente tocando com sucesso vários instrumentos ao mesmo tempo.*

• *Da música popular à moda é com ela mesmo.*

• *Acaba, por exemplo, de lançar seu novo disco,* Flash, *com o qual ela promete repetir a extraordinária vendagem do anterior,* Ouragan *— 1 milhão 300 mil cópias.*

• *Além disso, os colunistas da moda receberam com os maiores elogios a nova coleção de sua própria* griffe *Pool Position, recentemente lançada.*

• *Diz a imprensa francesa que Stephanie é o Rei Midas de saias: tudo o que ela toca vira ouro.*

Zózimo Barrozo do Amaral

Carlos Eduardo Novaes

Da série: Vale a pena ler de novo?

As praias cariocas (1973)

EIS aqui, modéstia muito à parte, uma preciosidade histórica: vocês vão ler uma condensação do meu primeiro texto de humor, publicado pelo JB no verão de 1973.

A verdade é que nossa população cresce em progressão geométrica enquanto nossas praias crescem em poluição aritmética, deixando em todos a certeza de que, quando se confirmar a teoria de Malthus sobre o desequilíbrio demográfico a explosão se dará na praia. A densidade demográfica da praia do Flamengo aos domingos é superior à da rua do Ouvidor durante a semana. Em Copacabana acotovelam-se 4 mil pessoas por quilômetro quadrado. No Leblon são 3 mil 200 e nas Dunas da Curtição os índices são inferiores somente porque substituiu-se o quilômetro quadrado pelo quilômetro hippie. Aliás, muito mais maneiro.

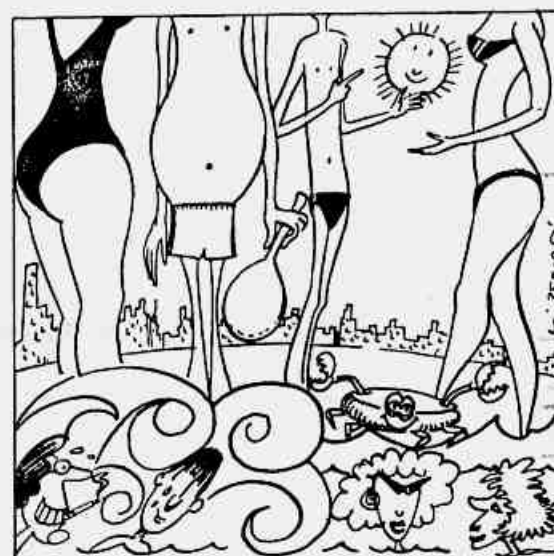
Daí, aportar na praia de Ipanema de carro ao meio-dia de um domingo de verão ter se tornado um excelente exercício para quem deseja emagrecer. Como não bastasse o trânsito naturalmente atravancado, as vagas estão sempre do outro lado. Quando se avança pela Vieira Souto, na pista interna, a vaga aparece na externa. Faz-se a volta e quando se chega — surpresa! — a vaga passou para o outro lado. Sem alternativa, aguarda-se paciente que aquela numerosa família abra o carro, arrume a tralha, limpe os pés e ajeite as crianças. Operação que leva em média 10 minutos mas parece uma eternidade de quando somos nós que estamos esperando.

Segunda-feira as manchetes dos jornais anunciam, cheias de imaginação: "Milhares de pessoas acorreram às praias para fugir ao calor." O que em outras palavras significa: "Milhares de pessoas vão ao encontro do Sol para se refrescar." Onde já se viu fugir ao calor instalando-se exatamente no lugar onde o Sol faz ponto? Ninguém vai à praia para fugir ao calor. Ao contrário, quanto mais quente melhor, mais gente na praia. Estão todos ávidos por se queimar, queimar muito nem que para isso tenham que passar o resto do dia se queixando ou a noite em claro. As pessoas estão interessadas mesmo é em pegar uma cor. E devem dar graças a Deus que a distância entre a Terra e o Sol é de 149 680 mil quilômetros: fosse um pouquinho mais — uns 200 km — as fábricas de óleo para bronzear teriam falido há tempos.

A grande virtude da praia é a sua capacidade de nivelamento social. Uma das poucas áreas do mundo onde o modelo de democracia da Grécia (antiga) se impõe com toda plenitude. Assim, a praia abriga o mais variado tipo de gente. Os primeiros tipos aparecem pouco depois do Sol nascer (no verão às 5h18min): são os ativistas do Cooper, ou se quiserem, os cooperativistas. Em grupos ou isolados, nos mais diferentes estilos e uniformes, idades e barrigas, são os únicos que não procuram a praia para fugir ao calor: fogem ao enfarte.

Seguem-se, pela ordem de entrada, as mamaês. Elas chegam com um longo séquito composto de babá, barraca, seus filhos, os filhos da vizinha que não pode ir, bóia, prancha, brinquedos, às vezes sogra e aos domingos o marido. Sentam-se na fila A de onde podem vigiar melhor as manobras dos infantes. Como todas as mamaês ocupam a mesma faixa da praia em pouco tempo já formaram sua chacrinha onde trocam idéias e discutem sobre os mais variados temas, desde que incluam crianças, maridos e empregadas.

Depois chegam os turistas, facilmente reconhecíveis. Os nacionais pelo sem jeito que chegam e o mau jeito que permanecem. Quase todos ostentam roupas e adereços especialmente comprados para a ocasião. Os estrangeiros podem ser identificados pela cor, como os paulistas. Para tirar as dúvidas faça o teste do primo de São Tomé: pegue um punhado de areia e jogue em cima dos dois — o que disse o palavrão em portugues é o paulista. Logo vêm os atletas, tipos olimpianos sem qualquer vestígio de barriga. Surgem elásticos, carregando uma sumária sunga e com três saltos atravessam toda a extensão da areia. Vivem permanentemente bronzeados em qualquer época do ano. É um mistério insondavel como essas figuras apolíneas no primeiro dia de praia da temporada já estão com uma côr que a maioria dos mortais leva 15 dias para adquirir.

Os suburbanos surgem aos bandos, despejados pelos coletivos nos terminais. Domingo passado eu vi: saíram 365 de um ônibus com capacidade para 70. Ao contrário das mamaês se instalam nas últimas filas e aproveitam para tomar dois banhos: um de mar e outro de areia. Alguns solitários chegam de roupa, colocam-na num montinho e vão para a água. Na volta não encontram nem o montinho. Os intelectuais chegam sempre meio desajeitados e contraídos porque a praia não é seu habitat natural. Camisa xadrez, corpo franzino, cor indefinida esforçam-se por parecerem à vontade. Ao lado dos intelectuais há os pseudos, que como não são autenticos têm o hábito de levar livros, para fingir que são.

Os galãs podem ser divididos em vários subtipos. O mais comum é o galã classe média que ao estacionar o carro refaz toda a maquilagem no espelho retrovisor. Pára no calçadão, se contorce de charme, finge procurar alguem e desce sacudindo o chaveiro para que não haja dúvidas sobre suas posses. Com a toalha cuidadosamente colocada sobre o ombro, consegue desenvolver sobre a areia quente o mesmo andar Gary Cooper a caminho do duelo com Burt Lancaster no filme Vera Cruz. *Há ainda vários outros tipos, como as gran-finas plastificadas que aparecem sacolejando quilos de metal espalhados pelo corpo. Grã-fina só toma banho no raso porque, com aqueles metais todos, se for para o fundo, afunda.*

Há os milionários com aquela permanente expressão de quem acabou de acordar, tomar banho e fazer a barba. Chegam sempre tarde — como convém aos milionários — contando os melhores lances da noite da véspera. Há os boêmios que freqüentam a praia por questões terapeuticas, alternando suas ressacas com a do mar. Há também os salva-vidas, mas esses pouca gente percebe. Ou quando percebe, às vezes, já não dá mais tempo.

Affonso Romano de Sant'Anna

As duas cenas: a TV e a vida

Já começar esta crônica dizendo assim: amanhã, quando vocês ligarem a TV para assistir ao Encontro Marcado *da Danusa Leão, na Record, vão ver uma cena tocante e imprevisível: Cristina Aché, no ar, de repente, revela que aos 16 anos também foi estuprada.*

Mas não queria que isto fosse uma frase escandalosa, porque a cena foi emocionante e Cristina cresceu ainda mais como atriz e ser humano ao fazer aquela revelação com seu jeitinho meigo, luminoso e contagiante. E a idéia, além disto, era nesta crônica falar do frágil limite entre a televisão e a realidade, não só porque Cristina fez esse depoimento súbito na hora em que falava sobre sua personagem, que sofre também uma cena de violência na novela Novo Amor, *mas porque no domingo passado aqui no BE, uma menor, também de 16 anos, contou como foi violentada lá em Brasília, e que as pessoas que sabiam que aquilo estava ocorrendo preferiram aguardar o fim do* Jornal Nacional *para, então, chamar a polícia.*

Em ambos os casos há uma cena real e uma cena na TV. No caso da menor de Brasília é sintomático que a cena da TV tenha retido os espectadores mais que a cena real. É alarmante que a notícia projetada de longe interesse mais que a cena concreta ao lado. E aí o paradoxo: as pessoas vendo a TV para não ver a vida como ela é. As pessoas preferindo ignorar a cena ao lado na expectativa, quem sabe? de que a veriam no dia seguinte na TV de maneira mais indolor. É a fuga imaginária. Nos acostumamos a ver o noticiário como uma novela. E ver a vida com esse "distanciamento brechtiano" é uma forma dramática e triste de se proteger da crueldade da própria vida.

Mas acontece que a vida costuma misturar as duas cenas. Não se pode ficar o tempo todo dormente diante da TV. E, por outro lado, como no caso de Cristina, a personagem é encarnada pela própria atriz, e a sua vida real e a sua coragem passam a representar mais para nós.

Vinícius de Morais tem um poema ("Desde Sempre") onde fala dessas duas cenas. Ele está no cinema assistindo a um filme de amor. Mas atrás dele um casal de carne e osso se amando entre ruídos e suspiros, começa a incomodá-lo. Ele quer viver o amor na tela e, atrás, a carne rugindo, atrapalhando-lhe a fantasia. Entre o imaginário na tela e os ruídos do real, ele diz: "eu me angustio".

Pois no programa da Danusa ali estávamos, mais ou menos no reino da fantasia. Sérgio Weissman inventou uma fórmula onde Danusa ganha para conversar gostosamente com os amigos. Somos atores, músicos e escritores que tentam articular o real e o imaginário. Lá dentro, Gonzaguinha e Dias Gomes terminam a gravação de suas entrevistas e, cá fora, José Wilker, Cristina Aché e eu aguardamos nossa vez.

Quando eu e Cristina entramos para gravar pensávamos em falar de nossos trabalhos imaginários. Ela de sua novela e da peça Amizade de Rua *e eu do livro* A Mulher Madura, *que lanço terça-feira. Mas seja porque tenho tratado da violência à mulher em crônicas, seja porque na novela de Cristina há uma cena de estupro, de repente, as duas cenas se misturaram. No intervalo comercial ela nos revela: "eu já fui estuprada". Zapt! Corte para real. Jornalisticamente Danusa pergunta se ela toparia falar isto no ar. Cristina corajosamente concorda. E ela conta. Com o rosto lindo, sereno, maduro, ela conta. Vocês vão ver amanhã. E eu pensando: estamos melhorando. Quando ela sofreu isto vivíamos na ditadura, e como se sabe, ninguém era violentado no país. O máximo que ocorria era algum jornalista ou operário amanhecer enforcado nas celas da repressão. Naquele tempo não havia "lobo" no país, só "cordeiros". Uma garota era violentada num jardim público e nem sabia que podia e devia protestar também publicamente. Mas as garotas de 16 anos agora já sabem. E dão força às adultas de hoje, assim como as Ana Coragem se aliam às adolescentes para que saibamos viver o imaginário como aperfeiçoamento do real. E nisto a TV que tantas vezes nos aliena pode realizar a sutura entre as duas cenas. E vivê-las com coragem e arte é a maneira melhor de enfrentar a violência dos homens e regimes.*

EM QUESTÃO / **Dr. Amílcar Lobo**

A psicanálise

Zuenir Ventura

□ Com a colaboração de Jorge Antônio Barros e Susana Schild
□ Diagramação: Antoninho de Paula

A crônica da tortura no Brasil dos anos 70, que tem sido escrita apenas pelos torturados — até porque, por dever de ofício, torturador faz falar, não fala — ganha a partir de hoje um narrador especial: Amílcar Lobo, 47 anos. Como tenente do Exército e médico lotado no quartel da PE da Barão de Mesquita, o dr. Lobo ou ***dr. Carneiro****, como era conhecido lá, conviveu intimamente com a tortura durante mais de três anos, de 1969 a 1973. Lobo nega tê-la praticado, mas admite ter sido conivente com ela, o que lhe dava uma posição privilegiada: não participava das sessões mas, como militar, sabia quem as promovia e, como médico, tratava dos que as sofriam. O seu relato tem assim a isenção de um testemunho, digamos, neutro. Os torturadores precisavam dele para continuar torturando e os torturados não raro necessitavam de seus cuidados para sobreviver. Não se pode acusar as suas confissões de revanchistas ou ressentidas como se costuma fazer com as denúncias de ex-torturados. É um depoimento histórico diante do qual se fica dividido entre a admiração e a repulsão. É difícil não admirar a sua corajosa atitude hoje, como é impossível não rejeitar, como respulsiva, a sua criminosa cumplicidade de ontem.*

Durante mais de duas horas segunda-feira à noite, acompanhado de Maria Helena, 28 anos, sua secretária naquele período e sua mulher há três anos, Amílcar Lobo falou ao BE. Às vezes reticente, hesitante, às vezes angustiado, ora decidido, quase sempre aliviado e pelo menos uma vez profundamente emocionado. Foi quando, ao resolver as possíveis causas do seu comportamento, teve que interromper a entrevista chorando. "Conheço Amílcar há uns 14 anos e foi a segunda vez que o vi chorar", surpreendeu-se Maria Helena. A primeira foi quando ele perdeu a filha de 15 anos num acidente de moto. Os outros três filhos têm hoje 23, 19 e 17 anos. Com medo de represálias — um chegou a ser raptado e Lobo sofreu um sério atentado, além de ameaças e perseguições — nenhum deles queria que o pai falasse. Nem eles, nem Maria Helena.

Desobedecendo a todos e obedecendo a uma misteriosa pulsão que a psicanálise tanto gosta de estudar, esse homem que ficou calado durante mais de 15 anos resolveu abrir a boca. Ao expiar a sua culpa, Lobo coloca em questão duas respeitáveis instituições, que de uma maneira ou de outra acobertavam sua conivência criminosa. Como militar, o 2º tenente Amílcar Lobo cumpria ordens, em última instância do I Exército; como psicanalista em formação, ele era membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, cujo presidente na época, dr. Leão Cabernite, era seu analista e confidente. Se Freud tinha razão ao ensinar que a cura vem pela fala, o paciente Lobo começou o seu processo. Até agora só ele. O próprio Lobo talvez nunca tenha sonhado que um dia seria um bom exemplo.

JB — Como é que o sr. recebeu as declarações de Marcelo, filho de Rubens Paiva, dizendo que o cumprimentava pela sua coragem?
Lobo — Emocionou-me muito, tocou-me muito.
JB — Por que o sr. demorou tanto tempo para botar tudo isso para fora?
Lobo — Como eu não fiz o serviço militar aos 18 anos, fui convocado após a conclusão da Faculdade. Terminei o curso em 69 e em janeiro de 70 comecei o meu serviço militar ou, como chamavam, estágio de instrução no Forte de Copacabana. Fiz o estágio de janeiro até 15 de março. No dia em que terminei o estágio, houve uma reunião no QG do I Exército e fui então designado para a Polícia do Exército.
JB — Por quê?
Lobo — Porque eu havia tirado uma sexta colocação numa turma de 42 médicos. Fui então designado para a PE.
JB — E como foi lá?
Lobo — O primeiro contato na PE já foi uma coisa massacrante. Cheguei, o coronel-comandante, coronel Nei Fernandes Antunes, recebeu-me, fez uma preleção contra o comunismo e em seguida mandou-me examinar um preso. Dirigi-me ao chamado PIC, Pelotão de Investigações Criminais, que era o presídio, cheguei numa sala e encontrei um homem com uns 60 e poucos anos, deitado no chão nu, com fios enrolados pelo corpo. Ao primeiro contato, esse homem parecia-me simplesmente nas últimas. Mas o oficial à paisana que o acompanhava virou-se para mim e disse: "Mandaram você examinar esse fulano, mas para mim esse fulano não tem nada. Você quer ver?" Aí rodou uma manivela num aparelho, provavelmente um aparelho para choque, o senhor sentou-se e o oficial disse: "Quer ver como ele não tem nada?" Vestiu então uma luva, que me pareceu de ferro ou de chumbo, não testei, e ficou dando socos nas costas da pessoa, que permaneceu sentada. "Tá vendo? Se ele estivesse realmente ruim, teria morrido agora. Portanto, o sr. pode ir embora, está tudo bem".
JB — Qual foi a sua reação?
Lobo — Eu saí e a primeira reação que tive foi vomitar. Eu tinha conhecimento de que realmente se prendiam pessoas. Agora, eu não tinha conhecimento do que faziam com essas pessoas.
JB — O sr. sabe precisar a época em que isso aconteceu?
Lobo — Foi em abril de 70. Mas acontecimentos como esse se repetiram. Nessa ocasião existia mais um médico lá, o dr. Ricardo Agnésio Fayad. Eu trabalhava na parte da manhã e ele na parte da tarde. Inúmeros atendimentos foram feitos a presos que haviam sofrido os chamados interrogatórios, que, na verdade, nada mais eram do que torturas: eletrochoques, pau-de-arara, afogamentos.
JB — Por que o sr. não denunciou na época?
Lobo — A quem? A quem? (silêncio)
JB — Ao Conselho Regional de Medicina, por exemplo.
Lobo — Nem ao CRM era possível. Mas tentei me transferir. Na primeira tentativa, a transferência foi severamente rejeitada. Havia lá um capitão... deixa eu me lembrar o nome desse cara, porque esse cara foi uma peça terrível lá...
Maria Helena — Conta a história do cara, mas não precisa dar o nome...
Lobo — ...Carneiro? Não, o nome não era Carneiro, não.
Maria Helena (rindo) — Carneiro era você...
Lobo — (não se lembrando)...
JB — O sr. o conhecia pelo nome ou pelo codinome?
Lobo — Pelo nome, provavelmente. Esse capitão um dia virou-se para mim e disse: "Olha, eu soube que você tem quatro filhos, você é casado. Se você tentar sair daqui, esses quatro filhos provavelmente vão sofrer com isso. Eles podem ser mortos pelos subversivos. Eu te garanto isso". É evidente que se isso acontecesse não partiria de subversivos. Era uma ameaça da própria comunidade, pode-se dizer. Fiz outras tentativas de transferência e as respostas foram sempre agressivas. Numa das vezes, um filho meu foi raptado. Chegou uma pessoa na minha casa e disse para minha ex-sogra: "O dr. Lobo mandou pegar o aparelho de som". E pediu meu filho para ajudá-lo. Pegou o meu filho, levou para a Cidade de Deus e trancou-o num apartamento. Meu filho esperou algum tempo e depois começou a gritar. Foi então lá um pessoal, arrombou a porta, ele saiu e voltou para casa. Mas eu vi isso realmente como um recado. Acho que respondo ao que você me perguntou sobre por que demorei tanto para falar.
JB — O sr. dividia esse segredo com alguém?
Lobo — Na ocasião, eu fazia minha formação psicanalítica. Nós tínhamos um grupo de estudos que se reunia semanalmente numa casa de saúde em Santa Teresa, Casa de Saúde Saint-Roman. Eu contei aos colegas o que eu presenciava.
JB — Eles eram analistas?
Lobo — Em formação, estudando. Eu contei várias passagens que me ocorreram.
JB — E eles guardaram sigilo sobre isso?
Lobo — Guardaram.
JB — Aconselharam o sr. a fazer alguma coisa?
Lobo — Aconselhamento, não.
JB — Quem eram essas pessoas?
Lobo — O dr. Jorge Ernesto Cunha, o Luís Antônio, a dra. Guita, todos analistas hoje.
JB — Nessa época o sr. também fazia análise. Com quem?
Lobo — Eu comecei a fazer análise com o dr. Antônio Dutra Júnior. Quando ele viajou para a Inglaterra, eu passei para o dr. Leão Cabernite.
JB — Com quem o sr. também dividia o segredo?
Lobo — Digamos que dividia.
JB — Sabe-se que o dr. Leão o aconselhava a deixar o Exército. Mas não se colocava nem para o sr. nem para ele o problema ético?
Lobo — Ético não, não.
JB — A psicanálise é a teoria e a prática da liberação dos conflitos das emoções; a tortura é a forma mais torpe e abjeta da opressão. Como é que o sr. conciliava essas duas atividades? Como é que, como analista, conseguiu resolver essa esquizofrenia?
Lobo — De fato, eu pensei que ia ficar esquizofrênico mesmo. Uma vez, acordei de madrugada sentindo-me mal, fui para a sala, sentei, olhei para uma garrafa de uísque nacional que estava num móvel e ela quebrou-se. "Quebrou-se" na minha cabeça, claro. De repente, a garrafa de uísque se transformou numa mamadeira. Tive receio de voltar para o quarto onde estava minha mulher dormindo. Na ocasião, fiquei muito assustado e cheguei a debater isso na minha terapia com o dr. Leão.
JB — O sr. comentava em casa também?
Lobo — Comentava, mas não tudo. Mas comentava muita coisa. Com a minha primeira mulher comentei muito.
JB — E isso afetou a sua relação?
Lobo — Um pouco. A separação foi por isso. Em 1973, uma revista de psicanálise argentina, **Questionamos**, reproduziu o trecho de uma revista brasileira de esquerda, em que eu era citado como participante da tortura. Isso me deprimiu muito e eu levava essa depressão para casa.
JB — Seus filhos tomaram conhecimento?
Lobo — Eles têm conhecimento, mas isso não complicou minha relação com eles. Acho que eles entendem.
JB — Algum dia eles pediram para o sr. falar?
Lobo — Pelo contrário. Pediram para que eu não falasse.
JB — Com medo de represália? Quando é que surgiu a sua decisão de contar?
Maria Helena — Há dois anos ele já queria falar. Levei-o então a uma pessoa mais esclarecida, um jornalista, que o convenceu a esperar mais um pouco. Foi difícil convencê-lo porque ele estava muito revoltado com isso tudo. Mas eu temia, temia que acontecesse alguma coisa. Não sentia segurança da parte do governo para a gente fazer uma declaração dessa.
JB — Quer dizer que a sra. deu força para que ele mantivesse o silêncio?
Maria Helena — Claro. Tanto que ele não me comunicou que tinha falado à **Veja**. Eu soube depois. Eu vivi muito nos dois últimos anos essses problemas, esses atentados. Eu acredito, tenho quase certeza de que foram atentados.
Lobo — Não se pode dizer quem praticou, que foi fulano, nem de onde partiram, mas que foram atentados, não há dúvida.
JB — Como analista, como o sr. diagnosticaria esse seu processo de expiação, de exercização? A quê o sr. atribui?
Lobo — A um sentimento de culpa. A meu ver, eu poderia ter tomado outra atitude, eu poderia ter tido outro comportamento naquela época. Inclusive, até o dr. Leão, numa ocasião, depois de 73, me ofereceu uma fuga para os Estados Unidos. Ele me disse que eu lá teria um emprego. Eu recusei.
JB — Por que?
Lobo — ...
JB — O sr. não queria fugir, é isso? O sr. acha que tinha necessidade de expiar a sua culpa?
Lobo — Exato.
JB — O que o levou a isso: a sua condição de analista ou a sua consciência?
Lobo — As duas coisas.
JB — Esse processo a que o sr. se entregou é admirável, porque doloroso, arriscado, a gente sabe quanto contém de risco. Presume-se que o sr. esteja comprometido com a verdade, a contar toda a verdade, até porque nesse caso a meia verdade é meia mentira.
Lobo — Claro.
JB — Mas então é hora do sr. esclarecer alguns episódios meio nebulosos. Há pelo menos duas pessoas que o acusam de ter participado diretamente das torturas. Uma é Abigail Paranhos e outra, Rômulo Noronha de Albuquerque. Ela diz que recebeu choques elétricos do sr. e ele teve um ferimento suturado sem anestia.
Lobo — A essas pessoas eu dei o atendimento médico que achei mais próprio. Na Abigail eu fiz dois eletrochoques porque ela tinha uma paralisia que, a meu ver, seria uma coisa histérica. No segundo eletrochoque ela estava bem. Fiz dois eletrochoques terapêuticos, como ainda se usa em clínicas psiquiátricas, e, em conseqüência, ela realmente passou a andar. Ela estava totalmente paralítica, nem sentava. O Rômulo pediu-me quase de joelhos que não aplicasse nenhum medicamento nele. Como ele já estava com uma ferida no couro cabeludo, eu sabia que aquilo não seria tão doloroso, eu dei quatro pontos sem anestesia. Ele me pediu de joelhos. Eu disse tudo isso diante dele e na frente de repórteres, não sei quando, mas sei que não foi publicado.
JB — Consta que o sr. usou método semelhante com Cid Queirós Benjamin, em quem o sr. teria dado 14 pontos sem anestesia...
Lobo — Eu nem conheço essa pessoa.
JB — Inês Etienne Romeu o sr. conhece.

Os torturados falam

Amílcar Lobo nega ter participado de torturas e desmente que se aplicasse o medicamento Pentotal, o chamado "soro da verdade", para fazer as pessoas falarem. Num trecho da entrevista, não publicado, há o seguinte diálogo:
JB — O sr. aplicava o Pentotal, o soro da verdade?
Lobo — Em linguagem médica o soro da verdade não existe, é uma besteira.
JB — E o Pentotal, é um anestésico?
Lobo — É um anestésico que faz a pessoa dormir profundamente sem poder falar.
A seguir, a reação de alguns presos que tiveram contato com o dr. Lobo na PE:

Dalva

■ O nome do ex-tenente médico Amílcar Lobo lembra uma longa, violenta e triste história para a ex-presa política Maria Dalva Leite de Castro, 40 anos. Uma história que ela faz questão de remontar, de tempos em tempos, para não esquecer — sofre de amnésia parcial em conseqüência de torturas — e como resgate de um período da História do Brasil. Presa no dia 28 de janeiro de 70, uma semana após o sumiço de Rubens Paiva, Dalva foi vítima de torturas sexuais, nas quais sugere ter existido a orientação de um psicanalista.

— Se ele está tão arrependido como diz, gostaria que ele tivesse a coragem de me explicar o que fez comigo nos momentos em que perdia a consciência, após a aplicação de eletrochoque. Isso talvez explique muita coisa que aconteceu na minha vida, diz Dalva, ressentida pelas "piores torturas" de que foi vítima no DOI-CODI. De acordo com Dalva — submetida a três sessões de eletrochoque dadas por Lobo, em dias alternados — Amílcar Lobo tinha livre trânsito no DOI, mesmo em 1972 — quando "os oficiais da PE já não mais cruzavam com facilidade por lá".

De calça verde-oliva e jaleco branco — com esparadrapo no nome — ou a paisana, Lobo estava sempre acompanhado dos torturadores — segundo Dalva — que, inclusive, o ajudavam a segurá-la para o eletrochoque (ela sofreu paralisia dos braços e pernas). A ex-presa sugere, ainda, que Lobo era o responsável pela orientação psicológica aos torturadores.

da tortura

Ela não chega a acusá-lo de tê-la torturado...
Lobo — E nem poderia.
JB — Mas o sr. tratou dela
Lobo — Até hoje não entendo como consegui fazer aquela plástica. Ela estava com perda de tecido na coxa. Arranjei uma tela, fiz a cirurgia plástica, uns enxertos...
Maria Helena — Mas conta os detalhes: quem era o anestesista, quem era o instrumentador, quem fez tudo, onde, em que condições?
Lobo — Fiz tudo numa salinha, no chão, sem as mínimas condições de se fazer uma cirurgia. Ou ela realmente se curaria ou então morreria. Aliás, isso foi colocado pelos torturadores.
JB — Quer dizer que o sr também fez isso quase que obrigado, não?
Lobo — É. Quase que obrigado. Durou umas três horas. Depois voltei lá, fiz um curativo. Fui uma terceira vez, troquei o curativo. Depois não tive mais contato com ela.
JB — Quando o sr saiu de lá, quando enfim saía dessas sessões, como é que o sr se sentia? Como era a sua cabeça?
Lobo — Não sei, realmente não sei. Eu saía do quartel e ia para o consultório.
JB — Ia atender doentes?
Lobo — E muitos.
JB — Naquela época o aparelho de repressão conseguia não apenas atingir os diretamente envolvidos na subversão, como espalhar uma paranóia entre quase todas as pessoas. O sr tinha clientes com essa paranóia?
Lobo — Tinha realmente uma cliente que era doente, que tinha essa paranóia.
JB — E o sr não podia dizer que era uma fantasia persecutória...
Lobo — Não dizia. Eu dizia realmente a verdade para ela. Inclusive ela sabia que eu era médico do Exército.
JB — Mas não sabia a extensão do seu envolvimento, ou sabia?
Lobo — Não, a extensão não. Sabia que eu era médico do Exército.
JB — E o sr pensa que conseguiu fazer bem à cabeça dela?
Lobo — Penso.
JB — Ela pertencia a alguma organização de esquerda?
Lobo — Pertencia.
Maria Helena — Eu tenho certeza que ele fez muito bem a ela. Falo isso porque tenho várias cartas dela lá em casa, agradecendo a ele. Ela devia muito a ele.
Lobo — Inúmeras cartas.
JB — Qual é o nome dela?
Lobo — Sônia.
JB — De quê?
Lobo —...
Maria Helena — É bom não citar. (mudando de assunto) Amílcar, eu te conheci em 74 e você vai me desculpar, mas não era assim esse mar de rosas. Você saía de lá muito deprimido. Eu o conheci quando ele estava saindo da **PE**. O tempo que convivi com ele no consultório, como sua secretária, eu sentia nele uma grande depressão.
JB — A sra. sabia de todos esses detalhes?
Maria Helena — Não. Tinha dias que ele chegava ao consultório e me pedia que não fizesse barulho, que não entrasse lá dentro, que ele queria dormir. "Eu quero dormir, eu quero dormir", ele dizia. Mas ele não dormia. Hoje eu entendo por que aquele comportamento depressivo.
JB — A sra. ficou chocada quando soube do envolvimento dele?
Maria Helena — Nem tanto, porque a gente quando conhece uma pessoa, lida com ela no dia-a-dia, é capaz de saber se é torturador ou não. Eu sempre tive a certeza absoluta de que ele não fazia parte disso. Inclusive ele era taxado lá dentro de um may oficial. Soube que o comandante da PE o classificou como insubordinado.
JB — O sr. sofria?
Lobo — Muito
JB — Mas o sofrimento não era mais forte do que a inércia de manter-se lá, não?
Lobo (mudo)
Maria Helena — Ele não teria escolha...
JB — Se o sr. sofria tanto por que não abandonava aquilo?
Nessa altura, o dr. Amílcar Lobo começa a chorar. Maria Helena se abraça com ele, chora também, pergunta se ele não está passando bem, se quer um copo d'água e diz: "dói muito reviver essa história". Depois de alguns minutos Lobo retoma a entrevista e responde à pergunta:
Lobo — Eu nunca fui uma pessoa de fugir de situações de vida...
JB — Nem de situações que pareciam o inferno?
Lobo — Realmente, nunca fui de fugir de certas situações de vida e isso está ligado, digamos, ao meu passado. Então, eu creio que a minha permanência lá se deveu em parte a isso. Eu poderia realmente ter me exilado ou ter tido um outro comportamento.
JB — O sr. não acha que naquele comportamento havia também — a palavra pode ser dura, mas estou falando com um analista — um componente sádico?
Lobo — (pensando longamente)...
Maria Helena — Ele não teria outra escolha. Depois de ter sofrido uma tentativa de seqüestro de um filho, tomar uma decisão, ir contra todo um sistema, é muito difícil.
Lobo — (com dificuldade) — A presença de oficiais, aquelas pressões... adotei um comportamento que realmente não sei... não sei se repetiria isso hoje.
JB — O sr. admite que foi pelo menos conivente com a tortura?
Lobo — (com dificuldade) — Fui.
Maria Helena — Amílcar, você não tinha outra escolha. Você está se culpando, se martirizando com uma coisa que não tinha outra saída.
Lobo — Outras escolhas eu teria, Maria Helena, acontece que...
Maria Helena — Você não estava arriscando só a sua vida. Você envolveria pelo menos nós quatro, no mínimo.
JB — Enfim, o sr., como analista, como classificaria esse comportamento, se fosse de um cliente?
Lobo — Eu diria a esse cliente que várias situações podem levar a esse comportamento, inclusive a situação sádica.
JB — Era essa a situação do dr Lobo?
Lobo — O do comportamento sádico, não?
JB — Era então o quê? Medo?
Lobo — Também não. O medo contribuiu muito, mas eu tenho a impressão de que foi esse componente de personalidade que realmente não me permitia escapar. Isso está ligado à minha história. Eu sei onde isso está ligado.
JB — A algum trauma?
Lobo — É (longa pausa).
JB — Inconfessável?
Lobo — Não seria o momento...
Maria Helena — (quase ao mesmo tempo) — Não seria conveniente. Envolveria nomes de pessoas.
Lobo — Não competiria realmente contar isso agora.
Maria Helena — Não numa entrevista.
Lobo — (hesitante) — Realmente foi esse componente que me levou a permanecer ligado àquela situação. Há outras tantas coisas que me levaram a permanecer até o final, lutando, porque não foi assim uma coisa tão passiva. Lutei para sair (pausa).
JB — O sr não queria ter a sensação de que estava fugindo, é isso?
Lobo — Exato. Numa das vezes que tentei sair fui chamado pelo coronel, que disse: "Olha, o seu requerimento está na sexta seção." Eu me espantei: "Como, coronel, o Exército só tem cinco! A sexta eu não conheco." "Conhece, sim. O seu requerimento está na cesta do lixo."
JB — Esse tal componente o sr o considera patológico?
Lobo — De certa forma, sim. Seria patológico.
JB — Por quê?
Lobo — Mas aí eu teria que entrar... (pára, pensa)
Maria Helena — A personalidade dele não permite que ele saia de situações, sabe?
JB — Como é que o sr. classificaria essa personalidade? Neurótica?
Lobo — Bom, não deixaria de ser. Psicótica é que não.
JB — Por que não?
Lobo — Psicose é bem pior do que a neurose.
JB — O sr. estava num estágio menos grave...
Lobo (rindo) — Menos grave. Não, realmente, aí eu teria que entrar...
Maria Helena (cortando) — Não deve, maridão.
Lobo (decidido) — Eu vou entrar um pouquinho.
Maria Helena — Era tão bom que você me ouvisse uma vez na vida.
Lobo — Não, vou entrar, decidi. Eu tive duas mães...
Maria Helena (apelando) — Ah, meu amor, essa história não, dona Zulina vai ficar uma fera.
Lobo — Não, é uma coisa cultural. Houve uma situação, social, em que a minha mãe mesmo, minha mãe biológica, teve que realmente se ausentar por um período e esse período — exatamente quando eu tinha seis meses — esse afastamento durou muito tempo, durante o qual eu fiquei com uma outra pessoa. Depois, houve o retorno e eu fui tirado dessa pessoa. Então, todas as situações em que possam ocorrer mudanças que implicariam numa suposta, pelo menos, situação de vida, uma mudança externa, realmente me afeta muito, me impede de executar essa mudança, entende?
JB — Não.
Lobo — Isso realmente nem chegou a ser devidamente analisado. Isso seria responsável por aquele meu comportamento.
JB — Dr. Lobo: o sr. tinha seis meses e hoje está com 47 anos. O sr. acha que o trauma permanece e que seria responsável pelo seu comportamento? O sr. está falando como pessoa ou como analista?
Lobo — As duas coisas.
JB — O seu analista concordava com isso também?
Lobo — Eu criei um laço afetivo muito grande com essa outra pessoa. Na verdade, não chegou a se dar uma real separação. Durante muito tempo eu só me alimentava na presença dessa outra pessoa. Sem ela, eu não comia.
JB — Durante quantos anos?
Lobo — Uns cinco, seis anos. Mas mesmo depois dessa idade eu a procurava continuamente, quase que diariamente. Ela realmente me fazia muita falta.
JB — Os afetados pelo seu depoimento vão dizer que o sr. não está bom de cabeça, quando, parece, o sr. não estava é antes, não? O sr. tinha consciência na época de que não estava em pleno gozo de sua saúde mental?
Lobo — Tinha.
JB — E hoje o sr. acha que está bem?
Lobo — Nunca estive tão bem, tão sereno, tão tranqüilo.
JB — O sr. deve ter meditado muito sobre o tema da tortura. O que leva o homem a torturar?
Lobo — Realmente pensei muito sobre o tema e não encontrei uma explicação. Uma vez fui atender um preso que tinha levado uma coronhada na cabeça. Tinha que fazer uma sutura que nunca cheguei a fazer porque havia um vidro que separava uma sala da outra. Enquanto eu estava preparando o material, ele descobriu o vidro disfarçado, meteu a cabeça no vidro e tentou cortar o pescoço. Chegou a rodar a cabeça no vidro para ver se se degolava.
JB — O sr. sabe o nome dele?
Lobo — Eu quase não tinha conhecimento do nome dos presos porque a ordem era não perguntar. Eles diziam: preso da cela um, da cela dois, não diziam o nome.
JB — Os torturadores eram pessoas aparantemente normais, bons pais de família, não?
Lobo — Aparentemente normais. Numa ocasião, cheguei, uma pessoa estava torturando alguém numa sala. Essa pessoa saiu não sei para quê, me viu e disse: "Que bom você aparecer! Estou com uma filha que está vomitando desde cedo". Eu fiquei olhando, nem conseguia responder. O cara estava torturando, sai, fecha a porta e diz: "Êh, que bom você aparecer". O que é isso?
JB — Pois é, dr. Lobo, o que é isso? O sr. não perguntou a ele? O que se passava na cabeça do sr. nesses momentos?
Lobo — Eu entrava em parafuso.
JB — E não tinha vontade de reagir, não dizia nada?
Lobo — Para esse cara eu até disse, mas depois.
JB — E ele disse o quê?
Lobo — "Ora, rapaz, nós temos que trabalhar." Para ele era uma coisa normal, estava trabalhando, como você está aqui, trabalhando.
JB — O sr. chegou a presenciar outras mortes, como a de Rubens Paiva?
Lobo — Isso eu prefiro não falar agora.
JB — Parece que houve um momento em que a tortura na PE, digamos, se sofisticou, não?
Lobo — Realmente, numa época houve uma tentativa de mudança na forma de tortura. Disseram-me que seria uma fórmula inglesa copiada da **Scotland Yard**. Consistia numa cela totalmente escura e numa cela pintada de branco. Nas duas não havia janelas. A pessoa era trancada na cela escura e lhe era dado um medicamento sonífero, provavelmente um barbitúrico de ação rápida — eu não conheci o medicamento — que a fazia dormir por algum tempo, duas ou três horas. Antes lhe davam o almoço. Em seguida, a pessoa era acordada por alguém: "Olha o almoço outra vez". Era para dar a impressão de que já se tinha passado um dia, quando na verdade tinham se passado apenas duas ou três horas. Aí, novamente ela era interrogada. Se resistisse, era de novo trancada na sala escura, sem coisa nenhuma, com um som forte, durante algumas horas debaixo dessa tensão. E novamente era interrogada. Se resistisse, era levada para a cela toda pintada de branco, cheia de luzes fortes, e novamente interrogada. Ficavam nesse jogo. Era mais tortura mental, psicológica. Eu não sei se foi obtido algum sucesso com esse método.
JB — Os torturadores perguntavam ao sr. se um preso estava em condições de ser torturado ou se corria risco de vida?
Lobo — Não, nunca me dirigiram essa pergunta. Eu só atendia a um preso depois que ele era torturado. Eu ia lá, medicava, geralmente dores musculares. Eu só medicava.
JB — Havia algum colega seu que assistia à tortura?
Lobo — Um deles pelo menos participou, o já citado dr. Fayad. Ele admitia abertamente.
JB — Como é o homem diante da tortura? O sr. chegou a pensar que pudesse ser torturado?
Lobo — Hoje mesmo eu pensei nisso. O homem diante da tortura? Eu assisti a vários quadros que não se assemelhavam. Houve o caso desse rapaz que meteu a cabeça no vidro.
JB — O sr. viu alguma cena de resistência à tortura que o impressionou?
Lobo — Eu nunca vi, mas soube de um velho, um senhor de uns 60 e poucos anos que era torturado quase diariamente durante uns 15 dias. Eles iam buscá-lo para as sessões de tortura e ele dizia: "Cumpram com o seu dever que eu vou cumprir com o meu." O dele era se manter em silêncio. Sofria toda espécie de tortura possível e não dizia nem ai. Não sei que fim levou essa pessoa e nem quem era. Acho até que era militar, um ex-militar, reformado.
JB — Qual era a reação dos torturadores?
Lobo — De satisfação. Eles diziam: "Esse cara realmente é incrível, mas a gente chega lá." E no dia seguinte começava tudo de novo.
JB — Das cenas de horror, qual a que mais o impressionou?
Lobo — A do Rubens Paiva realmente me impressionou muito, porque eu nunca havia assistido a uma pessoa tão machucada, tão combalida.
JB — Foi esse fantasma que o levou a tomar a decisão?
Lobo — Não, não foi um caso específico que me levou a essa decisão. Foi todo um sistema de que compartilhei.
JB — Em que momento o sr. se decidiu a falar?
Lobo — Quando eu vi na televisão que iam reabrir o caso Rubens Paiva, eu disse: "Não, agora eu vou falar".
Maria Helena — Estávamos vendo o **Fantástico**, quando tocaram no caso. Ele parou, ficou olhando e de repente disse: "Eu vou falar, vou dar o meu testemunho, eu vi esse cara morrer". Aí eu disse: "Não vai falar nada". E morreu aí, ele não tocou mais no assunto. Na sexta-feira, ele chegou em casa, contou que tinha falado, deitou e dormiu. Fiquei apavorada com medo de que lhe acontecesse alguma coisa. Passei a noite toda tomando conta dele. Acho que ele nunca na vida dormiu tão bem.
JB — O sr. acha que a sua culpa será expiada só com o fato de ter assumido o seu passado ou o sr. admite que tem que pagar por isso?
Lobo — Pagar, não. Mas eu não totalizei ainda (reticente)...
JB — Não totalizou a expiação? O que o sr. acha que deve fazer mais?
Lobo — Ih, aí teríamos que ficar aqui duas noites falando. Vou guardar um pouco. Estou testando de certa forma possíveis reações.
JB — O sr. não tem medo de morrer?
Lobo — Se tivesse não estaria falando.

Abigail

■ A advogada Abigail Paranhos, 41 anos — que no final de janeiro de 70 acabou numa cela do DOI-CODI, por integrar o PCBR — nega que tenha sido imediatamente curada da paralisia nas pernas (conseqüência de choques elétricos), após as três sessões de "eletrochoques terapêuticos" — como disse Lobo. "Só fiquei boa meses depois, na PE da Vila Militar, quando meu pai conseguiu autorização para me dar uma bicicleta, na qual fiz muito exercício", conta Abigail.

— Para mim, ele não tinha diferença alguma em relação aos outros torturadores. Se o eletrochoque era tratamento, não fui informada e fizeram contra a minha vontade — afirma Abigail, para quem é importante o depoimento de Lobo sobre Rubens Paiva, mas duvida da sinceridade da "autocrítica" do médico: "Ele deveria ter dito isso na época. Não tinha o direito de guardar um segredo como esse, durante 15 anos. Isso não o redime da conivência com a repressão", dispara Abigail.

Rômulo

■ Acho realmente importante o fato de Amílcar Lobo estar reconhecendo que participou do processo de torturas, porque sempre se disse que tortura nunca existiu no país, já que a história oficial é sempre escrita pelos assassinos e vencedores. Mas não é só Lobo o culpado, mas todo um processo político em que a responsabilidade não pode ser imputada somente aos torturadores.

A declaração é da primeira pessoa que denunciou no país, publicamente, as atividades de Amílcar Lobo: o técnico de Natação do Flamengo Rômulo Noronha de Albuquerque, 40 anos, que em Simpósio sobre **Psicanálise e Política**, na PUC, em 80, contou ter conhecido no cárcere do DOI-CODI um médico que fazia parte do esquema da tortura. Rômulo foi da ALN.

Cid Benjamim

■ Procurado pelos órgãos de repressão, na década de 70, o então militante do MR-8 Cid Queiroz Benjamim — hoje com 37 anos — conta que, mesmo depois de ter a cabeça suturada a frio pelo médico Amílcar Lobo, tomou injeção de pentotal ("o soro da verdade"), aplicada por Lobo, no intervalo de uma sessão de torturas no DOI-CODI. Cid nega que tenha implorado "de joelhos" — como disse Lobo — para não tomar anestesia, com receio do pentotal.

Para Cid — que levou os 13 pontos na cabeça — Lobo "concretamente não é o inocente que parece", mas integrava a equipe da tortura". Mas Cid garante não ter "o menor sentimento de vingança", pois Lobo ",e um pobre diabo que não pode conviver com seu passado". Candidato a Deputado Estadual pelo PT, Cid acha, ainda, válida a atitude do psicanalista em contar o que viu no cárcere, embora — segundo Cid — ele jamais tenha demonstrado contrariedade diante do trabalho na PE.

A reação da psicanálise à fala de Amílcar Lobo

A psicanálise da tortura

Se Freud pudesse dar uma espiada no que alguns de seus seguidores andaram aprontando nessa última década no Brasil, diria: "Já vi esse filme na Alemanha nazista." E certamente hesitaria em entrar para qualquer das duas sociedades vinculadas ao órgão internacional que ele criou em 1908, a IPA. Ambas estão em dificuldades. Uma, a SPRJ, é acusada de acobertar as atividades criminosas de um de seus membros, o psicanalista Amílcar Lobo. A outra, a SBP-RJ, ainda não disse por que puniu um de seus associados, a psicanalista Helena Besserman Vianna, por ter denunciado aquelas atividades.

Nenhuma das duas pode alegar falta de informação. Em 1971, um documento da Anistia Internacional já arrolava Lobo como médico ligado à tortura. Em 73, a revista argentina **Questionamos** *reforçou a denúncia, se é que ela precisava de reforço. Em 75, como estranha resposta a essas acusações, a dra Helena sofreu um verdadeiro inquérito psicopolicial e foi condenada por "grave falta ética e moral". Era o sinal dos tempos: condenava-se não a tortura, mas a denúncia da tortura. Como punição, ela foi impedida de se candidatar a membro titular da SBP-RJ. Em 80, Amílcar Lobo foi finalmente desligado da SPRJ, mas por ter interrompido a análise didática e não por suas atividades. Por isso, até hoje ele tem justas queixas: "Nunca fui ouvido, nem mesmo para que me dissessem que eu exercia atividades criminosas."*

Um ano depois, Hélio Pellegrino — que havia alertado a SPRJ sobre as ligações de Lobo com a tortura — era desligado da Sociedade juntamente com seu colega Eduardo Mascarenhas.

Como se vê, uma queixa une o acusado Lobo e seus acusadores: a recusa das duas sociedades em ouvi-los. Para uma atividade que vive de ouvir a **fala** *dos outros, essa é uma falta que talvez o próprio Freud tivesse dificuldade de explicar.*

Abaixo, a fala de alguns psicanalistas:

Que ela se cure, que fale

A dra. Helena Besserman Vianna fala de sua participação no caso Lobo:

"Nesse momento em que há uma revivência do caso Rubens Paiva acho primordial saber o que aconteceu com ele — um deputado eleito pelo povo, um cidadão brasileiro, nacionalista, um combatente democrático, que foi assassinado supostamente por tortura como denuncia agora Amilcar Lobo. Se ele se arrependeu agora e resolveu falar é bom, mas insuficiente. Não se trata de revanchismo — sou contra matar os assassinos de Rubens Paiva — mas para esclarecer.

A segunda questão do momento me parece ainda mais grave: a existência da tortura, velada ou não, adoece toda uma sociedade — indivíduo, família, instituições. Quando há doença, a cura vem da dissecação, no caso, do esclarecimento. Não falar representa o risco do germe embrionário da doença permanecer vivo e eclodir a qualquer momento. Não se pode tratar apenas das conseqüências — os fatos devem ser esclarecidos.

Quanto ao meu caso. Em março de 1975 solicitei ao Conselho da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro o pedido de apresentação de um trabalho para ser aceita como membro-titular da Sociedade. Para minha surpresa, recebi como resposta a informação de que eu fora enquadrada no artigo 13 do antigo estatuto da Sociedade, "por grave falta ética e moral" e impedida portanto de candidatar-me a membro-titular.

Durante dois meses eu e o Conselho trocamos oito cartas e alguns bilhetes, e eu insistia que me dissessem, por escrito, meus pecados éticos e morais, colocandome à disposição para qualquer esclarecimento. Minha conduta ética e moral estava à prova de qualquer suspeita. Finalmente, em junho, o Conselho concordou em me informar as minhas faltas. Fui obrigada a entrar sem minha bolsa e, ao sentar, atônita, pedi que pelo menos me deixassem pegar cigarros, óculos e uma caneta. Fui acompanhada e observada enquanto abria a minha bolsa. Eu era médica, mãe de filhos, tinha um certo renome dentro da Sociedade. Mas era condenada sem direito de defesa e sem saber qual o meu crime.

O "tribunal" arrolou várias faltas até chegar à mais grave: eu teria escrito no rodapé do jornal clandestino **A Voz Operária** denunciando Lobo, que era candidato à SPRJ. A conclusão do Conselho foi obtida através de exame grafológico de todas as fichas dos membros das duas sociedades. Além disso, uma ficha do DOPS sobre a mesa registrava minha participação política.

Helena Vianna

Senti medo, mas também indignação. Estavamos em 1975, um ano duríssimo da repressão. Uma sociedade psicanalítica tinha a minha ficha do DOPS sobre a mesa. O que me aconteceria quando eu saísse dali?

Dois meses depois fui ao congresso da IPA em Londres, onde informei aos dirigentes o meu "julgamento". Lá, várias vezes, fui acordada de madrugada pelo telefone. A voz, de homem, era sempre a mesma. Dizia: "Procure saber o que aconteceu com seus filhos no Brasil" ou "espere para ver o que vai te acontecer quando voltar". Ao final do congresso, fui informada que poderia inscrever-me como membro-titular. E aqui, eu e a Sociedade fizemos um pacto de incinerar todos os documentos. O que eu não fiz".

Lembro-me também que em abril de 1974, o Dr. Bion fez uma conferência no Instituto de Psiquiatria e lhe perguntei: "o que o sr. faria se fosse procurado por um cliente que quisesse ser psicanalista e tivesse envolvido com tortura"? Amilcar Lobo estava na sala e, na saída, quando me dirigia ao carro, ele colocou o pé na minha frente e disse: "Se continuar vai morrer".

Há quem arrole ética para não revelar que um cliente era ligado à tortura. Mas pergunto se há ética em mandar fazer exames grafológicos. Meu testemunho podia ser de qualquer outra pessoa. É ingenuidade achar que apenas a Sociedade de Psicanalítica adoeceu durante aquele período. Mas pode-se perguntar como se deixou adoecer tanto. E para que ela se cure, é preciso que ela fale, que assuma suas responsabilidades.

Respeito à ética

O dr. Leão Cabernite, que é citado na entrevista de Lobo, deu o seguinte depoimento:

"Há muito tempo tornou-se evidente o propósito do Dr. Hélio Pellegrino de me atingir pessoalmente. Tem usado o caso Amilcar Lobo sistematicamente como instrumento para seus ataques, tirando partido da aparente evidência de estar afirmando verdades, e beneficiando-se do fato de eu estar impedido de falar amplamente sobre o assunto em decorrência do respeito à ética psicanalítica.

Embora não possa em curto espaço esclarecer todos os fatos, os que farei na próxima semana, conforme promessa do JB, gostaria de adiantar aqueles fatos que me parecerem mais sérios. Afirma o Dr. Pellegrino em seu artigo de 12 do corrente que minto ao afirmar que o meu candidato "nada tinha a ver com a tortura".

Na verdade, nunca o disse, nem qualquer outra coisa que pudesse romper o sigilo. O fac-símile da **Voz Operária** me foi enviado pelo então presidente da COPAL (Confederação Psicanalítica da América Latina), Dr. David Zimmerman de Porto Alegre, que o recebeu da Doutora E. Kestemberg, presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris.

A luta dos dirigentes da Sociedade pela preservação da Psicanálise, que sempre tem sido alvo dos mais diversos ataques, foi um móvel de fato para a busca da identidade da denunciadora do assunto que era de amplo conhecimento de todos que militavam na psicanálise no Rio. Isto é, que o Dr. Amilcar Lobo era médico da PE onde atendia presos políticos, fato que foi discutido até em seminário do curso de formação psicanalítica na turma a que pertencia o Dr. Lobo.

A atitude da colega, que ao invés de discutir o assunto entre colegas levou-o sob a forma de denúncia anônima a órgão internacional (**Questionamos**), que então questionava abertamente a Psicanálise, foi interpretada em consenso pelos órgãos dirigentes das duas sociedades do Rio (SPRJ e SBP-RJ) como ataque à Psicanálise.

Discorrerei detalhadamente sobre esses e outros fatos no JB."

■ Em seu depoimento, Amílcar Lobo citou três psicanalistas, além do Dr. Cabernite, como cientes de sua atividade como médico ligado de alguma forma à tortura na PE: Jorge Ernesto Cunha, Luís Antônio e Guitta.

Jorge Ernesto disse ao JB: "Acredito que deve haver algum mal-entendido. Essa declaração não corresponde à realidade. Eu, o Amílcar e os outros participávamos de uma reunião científica, mas não tínhamos uma convivência particular e nunca soube de nenhuma atividade na PE. Soube depois, quando todos souberam."

A dra. Guitta Wegbrayt está internada em um hospital dos Estados Unidos com câncer, acompanhada de seu filho Beni. Ele transmitiu à mãe as declarações de Amílcar Lobo e obteve como resposta o que disse ao JB: "Amílcar só falou que trabalhava no Exército."

O único Luís Antônio da SPRJ tem como sobrenome Telles de Miranda. Ele está na Europa, onde não pôde ser localizado.

■ Trecho de uma carta de 17 de dezembro de 1973 assinada por Serge Lebovici, presidente da International Psycho-Analytical Association ao Dr. Leão Cabernite, presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro:

"...A propósito de um fato que me foi assinalado por vários membros de sociedades psicanalíticas pertencentes à IPA a respeito do Dr. Lobo Moreira da Silva acusado de ser um torturador. O Senhor dirigiu uma carta ao Dr. Zimmermann para explicar-lhe a situação. Penso que posso, em conseqüência, utilizar seu testemunho para responder aos colegas que se dirigiram a mim que o Dr. Lobo Moreira da Silva foi caluniado".

Cana dura

Hélio Pellegrino

No dia 5/9/86, pela tarde, Amilcar Lobo me telefonou pedindo um encontro. Perguntei-lhe qual seria o assunto. Ele me disse que queria conversar comigo sobre o velho problema da SPRJ, de cujo quadro de candidatos fizera parte, de 1969 a 1980. Disse-lhe que, se o encontro se realizasse teria que ser com uma testemunha por mim escolhida. No sábado, 6/9/86, telefonei para o número que me havia sido dado e combinei o encontro em meu consultório, às três horas. Chamei para acompanhar-me o dr. Carlos Alberto Barreto, psicanalista, membro da SPRJ, a quem me ligam laços fraternais de confiança e amizade.

Amilcar chegou pontualmente, vestido com certo apuro. Achei sua cara menos devastada do que na televisão. Pareceu-me mais moço, muito bem barbeado. O estrabismo que, segundo ele, lhe adveio de um atentado que sofreu, em 1982, quando, de motocicleta, foi abalroado por um Opala preto, é visível a olho nu.

Conversamos com surpreendente naturalidade. De início, reproduziu os relatos que fizera na imprensa. Falou do seu encontro com Rubens Paiva, agonizando numa cela do presídio do DOI, na PE do Exército. Relatou de que maneira fora levado ao atendimento de presos políticos torturados, buscando sempre eximir-se de responsabilidade, na medida em que, segundo ele, era submetido a ameaças que o coagiam.

Disse-lhe que, de minha parte, não aceitava de maneira alguma essa versão. Os órgãos de segurança jamais integrariam numa equipe de tortura um médico que não fosse de sua estrita confiança, identificado com a ideologia política, deformada e deformante, da qual decorria a tortura. Disse-lhe que a Doutrina de Segurança representa, a meu ver, uma visão sociopática e esquizoparanóide da realidade nacional, equiparando qualquer movimento social de protesto ao próprio demônio. Lobo me ouviu em silêncio, e não respondeu.

Depois, falamos da denúncia a ele feita, em 1973, por Marie Langer e Armando Bauleo, na revista argentina **Questionamos**. Está provado hoje, por suas próprias declarações, que a denúncia era verdadeira. Lobo nos disse que, na análise didática feita com o dr. Cabernite, a tortura não era encarada como manifestação psicopatológica, a ser trabalhada analiticamente. Em verdade, ela seria uma prática de guerra, adequada ao momento político que o país estava vivendo. Perguntei-lhe se hoje sua opinião era essa. Disse-me que não, e que gostaria de ter sido alertado para os aspectos éticos e psíquicos do problema, que lhe escaparam na ocasião. Indaguei-lhe sobre a acusação que, a partir de uma pesquisa grafológica, liderada pelo Dr. Cabernite, apontou a psicanalista Helena Vianna como autora de denúncia publicada na Argentina. Lobo respondeu que não se lembrava. Refresquei-lhe a memória: na edição da **Folha de S. Paulo**, de 8/2/80, ele havia declarado ter pleno conhecimento do assunto.

Falamos de suas relações com a SPRJ. Iniciou lá sua análise, como candidato à formação psicanalítica, com o dr. Antônio Dutra, de 1969 até 1970. Tendo o dr. Dutra viajado, passou-se para o dr. Cabernite, então presidente da SPRJ. Com ele se analisou até 1973, quando sobreveio o episódio da denúncia. A partir daí, interrompeu a análise com o dr. Cabernite, por ter havido **contaminação** do campo analítico. Buscou outro didata e não encontrou, até que fez uma análise com o dr. Oswaldo Domingues de Morais, que, na época, não era analista didata. Foi aconselhado, pela Comissão de Ensino, a deixar essa análise buscando uma outra, com um didata. Não teve êxito e vagou, como alma penada, de consultório em consultório, sem poder reiniciar seu tratamento. Da parte da dra. Galina Schneider, teve o oferecimento de hora, desde que não fosse na condição de candidato. O dr. Leão Cabernite recomendou-lhe, com ênfase, que não o fizesse, pois perderia sua chance de formação.

Perguntei-lhe por sua situação estatutariamente irregular durante anos, na SPRJ, uma vez que a ausência de análise didática, por seis meses, o levaria a perder a condição de candidato. Indaguei-lhe como explicava isso, e se não interessou a ele manter, com a conivência da SPRJ, seu título de candidato, como prova da falsidade da acusação que lhe fora feita. Lembrei-lhe ter afirmado que o dr. Lebovici, presidente da IPA, viera ao Brasil para investigar o seu caso, nada encontrando. Disse-lhe que eu havia escrito, em 1980, uma carta ao dr. Lebovici, recebendo, como resposta, um desmentido cabal a essa afirmação. Lobo não se lembrava do episódio.

Indaguei-lhe se o interesse da SPRJ em mantê-lo como candidato, mesmo em situação irregular, não se deveria ao medo de ofender a Comunidade de Informações, para quem o desligamento dele poderia significar um juízo condenatório sobre suas atividades como membro da equipe de tortura. Lobo achou a hipótese admissível. Disse ainda que foi desligado da SPRJ em outubro de 1980, sem sequer ter sido ouvido — ou consultado. Manifestou grande mágoa do dr. Victor Manoel Andrade, seu colega de turma na formação e, naquela época, presidente da SPRJ. Lembrei-lhe que a 2 de outubro de 1980 havia eu enviado uma carta à Sociedade, na qual narrava uma denúncia pública a ele feita por um jovem ex-preso político, torturado na PE do Exército do início da década de 70. O jovem, Rômulo Noronha de Albuquerque, num debate na PUC, disse tê-lo visto na equipe de tortura. Essa carta — continuei — jamais foi respondida pela SPRJ, que a sepultou sem dar-lhe qualquer tipo de conseqüência, a não ser o desligamento de Lobo, cuja presença se tornara insuportavelmente perigosa, uma vez que lavrava uma crise violenta no espaço institucional da SPRJ. Lobo não tinha lembrança — ou conhecimento — desses fatos.

Por fim, contou-me um episódio edificante. Tinha consultório no mesmo andar e no mesmo prédio que o dr. Leão Cabernite, que havia sido seu analista didata. Era o tempo da crise, e os libelos por mim escritos deveriam incomodar os burocratas da SPRJ. Um dia, encontrou o dr. Cabernite no corredor. Começaram a conversar sobre a tempestade que sacudia a SPRJ, até que o dr. Cabernite lhe perguntou: "Ó Lobo, você não tem algum amigo militar que possa dar uma cana dura nesse Hélio Pellegrino? Esse sujeito é insuportável, e anda precisando."

CINEMA | *Wilson Cunha*

Em Brasília

Sem se contar, ainda, com todos os boletins de inscrição — espalhados pelas mais diversas capitais — já é possível ter uma idéia do que o Festival de Brasília, em termos de filmes, poderá oferecer. Até agora, estão inscritos **As Sete Vampiras** (foto), **A Dança dos Bonecos**, **Chico Rey**, **Eu Quero Ser Feliz**, **Filme Demência**, além de **A Igreja dos Oprimidos**, **A Guerra do Pente** e **Quebrando a Cara**. O panorama será completo por 10 médias-metragens (8 do Rio e 2 de São Paulo) as além de 28 curtas distribuídos entre Rio (16), Bahia (3), Rio Grande do Sul (1) e São Paulo (8). Todos com encontro marcado para outubro, com direito a muito debate.

Petrópolis side story

Banana Split. Este será o título com que Paulo Sérgio (**Beijo na Boca**) Almeida contará a história de um certo verão de 64, em Petrópolis. Ali, os grupos de cariocas que sobem a serra para veranear vai se defrontar com os petrolitanos e **Banana Split** assume, numa boa, sua condição de **o West Side Story** — o clássico de Robert Wise e Jerome Robbins — em versão **made in** Petrópolis. Com roteiro de Gilberto Loureiro, Mario Prata e Flavio Moreira da Costa, **Banana** tem filmagens com início previsto para outubro e Miriam Rios, Paulo Cesar Pereio e Danielle Daumerie no elenco. Tudo em Petrópolis, claro, com direito a muito D'Angelo — enquanto existe.

■ Para a tribo dos **cult-movies** que ainda não tenham ido nessa: em 1976, o americano David K. Lynch — o de **Homem Elefante**, claro — realizou pequena obra-prima no gênero bizarro, **Eraserhead**. De rebuscada tessitura formal, **Eraserhead** é tremenda curtição. Um plano abaixo, mas igualmente palatável: **Foreplay**. Este vem em episódios, entre os quais o irreverente perde **Inaugural Ball** onde o irrefreável Zero Mostel, como Presidente dos EUA, vive situação hilária. Na direção, John G. Avildsen — o de **Karate Kid**, claro — quando ainda achava que fazer bobagem só para faturar não valia a pena. Tudo em vídeo, natural. No telão, mesmices...

Linha geral

■ Tudo em São Paulo: lá, o carioca Miguel Falabella se entrega à direção de Guilherme de Almeida Prado, realizador de **Flor do Desejo** para um curioso **A Dama do Cine Shangai**.

■ Depois de **Shangai Express**, Madonna e o maridinho Sean Penn estarão novamente juntos em **Dead End Streets**. Na direção, Leo Penn, papai de Sean.

■ Jeff Daniels — o galã de **Rosa Púrpura do Cairo** e corrupto em **Marie** — ganha dia 26, em Nova Iorque, o título de "astro do futuro." Estas coisas ainda existem, pode?

■ Será de Durval Gomes Garcia a direção de **O Cobrador**, esperado roteiro que Rubem Fonseca apronta a partir de seu original.

■ Uma adaptação livre de **O Visconde de Bragelone** de Alexandre Dumas nos planos de poeta russo Yevtushenko com Jean-Paul Belmondo como um D'Artagnan envelhecido.

■ Adriano Celentano continua firme. Está em Florença filmando **Il Burbero** — algo assim como resmungão. Há quem goste...

Diane Keaton rindo com o circo: curtam na Ponte

■ Tudo em São Paulo (II): Não bastasse a batelada de filmes em produção, Leon Cakoff já está esnobando com a lista de atrações da Mostra Internacional. Em outubro.

■ Em Paris, **Jean de Florette**, com Yves Montand e Gerard Dépardieu, quebrando bilheterias. Voltando de lá, Thereza Aragão maravilhada com a contínua condição parisiense de capital do cinema. Em abril, Aragão, em abril...

■ Australianos fazendo história. Venderam à CBS a série **The Last Frontier**, com Linda Evans e Jason Robards. É a primeira vez que uma cadeia americana entra nessa.

■ Chegando às mãos de Luiz Carlos Barreto um projeto para a filmagem da vida de Gabriela Bezançon Lage...

■ David Bowie e seu **Absolute Beginners**, ainda sem título em português mas já com exibição garantida aqui. Boa.

■ Expansão nacional: A Dinamarca vivendo 60 dias de filme brasileiro...

■ Quando viu Liza Minnelli arrastando seu troféu, olheiro não acreditou. Mais assustado ficou Volker Schlondorf engolfado por Regine e o Moiseyev Dance Co. enquanto Tony Curtis procurava a peruca roubada por Charles Pierce, transformista que mais parecia Joan Crawford. Diane Keaton e Andrew Mc Carthy curtiam o circo enquanto Tina Louise e Jean-Pierre Aumont relembravam os tempos do Constellation. Tudo na Ponte L.A.-Nova Iorque — tão 25% mais longe.

Viva o bafômetro

Silvio Ferraz

SEXTA-FEIRA, 11 horas da noite. Local: Wisconsin Avenue, uma das mais movimentadas avenidas de Washington. O carro-patrulha faz parou um Pontiac esporte branco, em óbvio excesso de velocidade. A patrulheira loura, com um 38 à cintura, discretamente começa a testar sua suspeita de que o Fitipaldi noturno possa estar de pileque. Após uma série de perguntas aparentemente inocentes, ela vai direto ao ponto: manda que o suspeito ande em linha reta, sobre a junção das pedras da calçada. No Brasil, ele seria incapaz de levantar uma perna e fazer o quatro, mas tudo bem. Nos Estados Unidos, ele é acusado de um crime grave: de ser um **drunk driver**. E pode perder a carteira e, até mesmo, cumprir pena de prisão.

A cena, inusitada para um brasileiro, é corriqueira no cotidiano americano. Afinal, 38% dos cidadãos deste país consideram o álcool o inimigo público número 1 da sociedade. Daí qualquer casal, quando sai à noite, já combina de antemão quem vai beber, para que o outro dirija. No **revéillon**, a polícia põe-se à disposição dos festeiros: basta discar 911 que, em poucos minutos, um carro policial apanha e entrega a domicílio quem bebeu além da conta. Trata-se não de punir excessos, mas de evitar que haja menos um bêbado ao volante. De evitar, enfim, que menos um criminoso potencial esteja à solta nas ruas.

A possibilidade de autocontrole está ao alcance de qualquer um. Nas farmácias e **drugstores** estão à venda bafômetros para que o próprio motorista possa verificar se está apto a dirigir. Uma tabela do Departamento de Trânsito, distribuída gratuitamente, lhe ensina a fazer as contas do perigo. Considerando o peso e quantos **drinks** foram ingeridos, pode-se estabelecer em quanto tempo, sem consumo, você estará apto a dirigir de novo. Enfim, não será por falta de mecanismos preventivos que um **drunk driver** irá para as ruas. E tampouco por falta de aviso. Anúncios na televisão são contundentes: um bêbado ao volante é um assassino. Steve Wonder, estrela da música popular americana, engajado na campanha, adverte: quem bebe e pega um carro está na mesma situação que eu: é cego. Por isso mesmo, os juízes não esmorecem na aplicação da lei. Recentemente, a pena imposta por um juiz a um produtor de filmes de televisão embriagado que atropelou um transeunte é um primor sob o aspecto educativo: o rapaz foi condenado a fazer um documentário sobre os riscos do **drunk driver**, e o filme foi exibido por várias emissoras públicas de televisão.

Estas medidas dão bem a conta da seriedade com que a sociedade americana está combatendo um crime que vinha ceifando milhares de vidas anualmente. Não há números para medir os acidentes fatais que deixaram de acontecer por conta dos motoristas embriagados, mas as autoridades podem afiançar que o número de desastres onde a **causa mortis** é o álcool diminuiu sensivelmente.

Neste caso específico, o que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil. O bafômetro por si só não é solução. Afinal, ele não é um piloto automático. O que ele simboliza é uma sociedade que, ao comprá-lo nas farmácias, mostra-se disposta a deixar seu carro na rua e voltar para casa de táxi, caso tenha ultrapassado os limites de um consumo razoável de álcool. Trata-se de construir, no menor tempo possível, uma consciência coletiva de que a vida humana vale mais do que a altura da torre de bolachas de chope nas mesas da boemia.

Artistas, salvem os críticos!

Mauricio Stycer

HOUVE uma vez no Brasil uma importante atividade intelectual chamada **crítica**. Pode parecer estranho hoje em dia, mas naquela época, início dos anos 60, foi encarado com naturalidade o fato de um crítico de cinema, Paulo Perdigão, escrever 10 críticas consecutivas sobre um mesmo filme, **Deus e Diabo na Terra do Sol**. O filme de Glauber Rocha, é bom dizer, ou lembrar, dividiu a história do cinema brasileiro em duas partes: a dos filmes feitos antes e depois da história de Corisco e Antônio das Mortes.

Quando **Deus e Diabo** foi exibido pela primeira vez (1964), vários críticos confessaram em suas críticas, publicadas nos cinco principais jornais do Rio, que sentiram-se espantados, surpresos, quase incapazes de julgar o filme. Essas inéditas sensações têm apenas uma explicação: o filme de Glauber Rocha mostrou aos críticos que os seus parâmetros de julgamento (de crítica) não davam conta da complexidade e inovação da obra. Os críticos, e Paulo Perdigão com especial dedicação, foram obrigados a se **desarticular** para, em seguida, se rearticular.

Se falta hoje emoção aos críticos de cinema, literatura, teatro, artes plásticas, música ou dança, todos eles sem apetite para escrever sequer duas vezes sobre uma mesma obra, a culpa não é deles. Embora espere-se sempre do crítico sensibilidade para intuir novas tendências culturais, de um modo geral a sua atividade está condicionada pelas obras expostas nos cinemas, teatros, livrarias e galerias da cidade. Esta é uma regra elementar, sintetizada pelo Aurélio, que define crítica como "a arte de julgar espetáculos".

Em crise, frustrado com a falta de novidades no panorama cultural, o crítico só consegue encontrar prazer revisitando os clássicos, as obras-primas que desarticularam outros críticos, em outras épocas. Os **revivals** são, por definição, sintomas evidentes de uma década que está à procura de suas particularidades culturais, mas não consegue encontrá-las. Uma década, enfim, pós-moderna, efêmera, cuja expressão artística mais significativa, além da televisão, é a **performance**: um artista performático não consegue repetir duas vezes, da mesma maneira, uma performance. (Talvez já seja tempo, até, de os suplementos culturais dos jornais e revistas criarem um novo cargo: o crítico de performance.)

Antes de ser um problema, o **revival** pode ser uma genial solução tanto para o crítico quanto para o público, ambos famintos por assuntos diferentes. Esgotadas, porém, suas doces nostalgias, crítico e público voltam à estaca zero. Sobre o que escrever agora, deve se perguntar o primeiro. Como nem sempre está no vento, a resposta pode ser dada num tom amargo. Foi o que aconteceu recentemente com Felipe Fortuna, crítico de literatura do JORNAL DO BRASIL, que resolveu responder a seguinte pergunta: **O que ficou da poesia marginal?** (BEspecial, 7/9/86). Uma de suas respostas, "a prática poética da geração 70 é um elogio ao anacronismo", se aplica a seu artigo como um todo.

Apesar de muito bem argumentado, **O que ficou da poesia marginal?** é um elogio ao anacronismo porque repete, sem tirar nem pôr, os mesmos argumentos que, há quase uma década, os mais diversos críticos, das mais diversas escolas e gerações, vêm gastando para mostrar o quanto de anacronismo existe na prática poética da geração mimeógrafo. Na falta de uma poesia melhor na praça, parece de bom tom a todo crítico, iniciante ou não, denunciar o anacronismo de uma poética em boa parte já impressa em obras completas.

O mais interessante, embora não inédito (mas o que há de inédito nesta década?), no artigo de Felipe Fortuna é a constatação de que "naquela década (a de 70), contudo, a poesia estava sendo salva pela estréia salutar de Adélia Prado, pela laboriosa anarquia de Roberto Piva, e ainda por Antônio Carlos Secchin e Armando Freitas Filho". Por que não escrever sobre esses poetas, já que está faltando assunto, ao invés de ficar repetindo (pela enésima vez) a mesma argumentação sobre a poesia marginal? Por que exorcizar fantasmas, se há anjos sobrevoando o crítico?

O último equívoco de Felipe Fortuna está no pé da página, na sua apresentação. Lá, o autor adverte que "publicará em breve seu livro de poemas", e que "ainda não tem geração". Felipe, você tem geração, sim. Você pertence à geração que amadureceu sob o signo da dispersão das idéias, uma geração sem causas, uma geração que repetidamente comete o equívoco de sentir saudades do que não viveu. Seu futuro livro, **Ou Vice-Versa**, o título já fala por ele, também será incluído entre as obras que essa geração criou. Espero que os críticos não saibam como criticá-lo.

Mistérios militares

André Gustavo Stumpfl

O professor Alfredo Stepan levanta em seu mais recente livro sobre política brasileira (**Os Militares: da Abertura à Nova República**, editora Paz e Terra) uma séria questão, ao indagar por que os brasileiros produziram tão poucos estudos sobre as forças armadas nos últimos anos. É possível que tenha ocorrido uma mistura de temor à repressão e de repúdio ao fato de o país ter-se submetido a uma tutela militar da qual só se livrou depois da eleição de Tancredo Neves para presidência da República. Mas o fato é que, por mais paradoxal que possa ser, a produção intelectual sobre essa tema foi escassa nos últimos anos.

Por essa razão, o livro do professor americano, da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, é o primeiro ensaio que tenta, já no cenario da Nova República, organizar os procedimentos militares no Brasil de maneira a hierarquizá-los na ação política. Por exemplo: em todos os estudos sobre o papel dos militares no Brasil, a Escola Superior de Guerra aparece como uma espécie de centro ideológico do regime. Segundo Stepan, a importância relativa da ESG foi substancialmente reduzida. Hoje, o centro ideológico do regime é a Escola do Serviço Nacional de Informações — ESNI — localizada em Brasília, a poucos quilômetros do Palácio do Planalto.

Esse fenômeno não ocorre por acaso. A Escola Superior de Guerra mantém seus cursos teóricos em pleno funcionamento na Praia Vermelha, e convoca ministros e autoridades a discutir com seus alunos. Mas são discussões de teses, e não de realidades efetivas. A ESNI, ao contrário, organiza cursos com fundamento, em estudos de situação, e busca ultrapassar os problemas a que o país está submetido. Essa escola foi criada em 1971 e passou a funcionar em 1973, quando foram desativados todos os cursos de informação existentes nos centros militares brasileiros, inclusive os da ESG, que foi-se transformando numa espécie de escola de pós-graduação. A ESNI, sua concorrente direta, trabalhou para ser uma escola profissional, de quatro graus, com a incumbência de formar os candidatos ao sistema nacional de informações. Paralelamente, mantém cursos de inglês, espanhol, russo, alemão, francês, italiano e, eventualmente, árabe.

O surgimento desta escola, que é a base do sistema de informações, permitiu que o SNI desenvolvesse uma estrutura de poder sem paralelo, se comparado com outros órgãos de informação no mundo, incluindo a KGB e a CIA. Stepan enumera as prerrogativas do sistema: o SNI é o único sistema de informações dentro e fora do país; seu chefe é um ministro de estado; detém o monopólio do treinamento avançado da inteligência; dispõe de independência e tem seus próprios agentes; mantinha ou ainda mantém um oficial em cada universidade, empresa estatal e ministério; as agências regionais mantinham ou ainda mantêm postos similares nas organizações estaduais; a agência central do SNI era responsável pela segurança interna, informações estratégicas e operações especiais. Coordenava, portanto, não só as atividades de inteligência externa de outros setores, particularmente os das Forças Armadas, e, por último, não havia, nem há nenhum controle legislativo ou executivo sobre o SNI.

O autor compara essas prerrogativas com as de outros organismos de informação no mundo e não encontra paralelo em tamanha concentração de poder. Além disso, a idéia inicial de criar um serviço compartilhado entre civis e militares, que exigia que os oficiais na ativa tivessem uma participação minoritária na atividade, não prosperou. No final dos anos 70, as seis principais posições do SNI eram ocupadas por oficiais generais que poderiam ser promovidos, embora estivessem fora da carreira. Não é difícil concluir que boa parte da condução política do regime de 1964 foi de responsabilidade do serviço de informação, que se transformou, na realidade, numa força autônoma. O general Golbery do Couto e Silva criou o SNI, ainda no governo Castello Branco. O general Médici, que havia sido chefe do SNI, assumiu a presidência da República, e o general João Figueiredo, também após ter sido o chefe do serviço durante o governo Geisel, chegou a chefe do Governo.

Ninguém ignora que houve uma série de gestões no sentido de colocar o general Otávio Medeiros, então chefe do SNI, na presidência da República. Esse golpe falhou.

A transição do regime não foi ainda contada com rigor de apuração pelos contemporâneos. Há relatos excepcionalmente minuciosos a respeito da ascensão de Tancredo Neves e José Sarney sob a ótica civil e partidária, mas não existe nenhum estudo organizado sobre o confronto que se estabeleceu entre o Exército e o SNI — de que resultou um discreto, porém eficientíssimo, apoio ao regime civil, menos por ideologia e mais por razões práticas. O regime dos generais, monitorado pelo SNI, entregou ao serviço de informação notável capacidade de desenvolvimento e modernização, enquanto as Forças Armadas persistiam vivendo no seu histórico atraso tecnológico. Os ganhos de tecnologia na informática e no setor nuclear foram patrocinados pelo Conselho de Segurança Nacional, fora, portanto, do controle estritamente militar.

Essa é a história que ainda não foi contada. A Nova República mexeu pouco no sistema de informações de uma maneira formal e pública. Seu novo chefe, o general Ivan de Sousa Mendes, vem da tropa e conseguiu impor um ato oficial do presidente da República segundo o qual nenhum oficial da ativa pode permanecer mais de dois anos fora de sua carreira. Essa medida faz com que o SNI perdesse, em parte, sua expectativa de vir a ser a quarta força militar. E o governo dos civis está permitindo que Exército, Marinha e Aeronáutica promovam um notável desenvolvimento tecnológico. O Exército incorpora helicópteros à sua força, a Marinha projeta submarinos nucleares, e a Aeronáutica constrói uma base aeroespacial em Alcântara, no Maranhão, para servir de pouso alternativo para as naves Columbia e Challenger e testar seu míssil balístico de alcance médio, o Sonda IV. Além disto, as Forças Armadas estão implantando um sistema de comunicação militar por satélite, chamado de Siscomis, que permitirá, em caso de guerra ou convulsão interna, o contato de todos os quartéis-generais do país entre si e com o exterior.

A modernização das Forças Armadas é um fruto talvez até inesperado da redução da ação político-partidária do SNI. O general Ivan de Sousa Mendes está reformulando de maneira discretíssima o serviço, mas não gosta de falar sobre o assunto, e desestimula a publicação de trabalhos produzidos por dissidentes do sistema. Mas ainda há muito por ser discutido e conhecido na trajetória desta singular redemocratização brasileira, mesmo porque os militares conheciam todos os planos e projetos de Tancredo Neves e seus aliados. Tancredo Neves, aliás, com muita sabedoria, adiantou-se ao trabalho dos serviços de informação e, numa longa conversa com o general Danilo Venturini, em dezembro de 1983, em Belo Horizonte, no início da campanha pelas diretas, previu que a emenda Dante de Oliveira não seria aprovada, mas a candidatura Maluf seria o desastre do governo Figueiredo. Só não disse, mas insinuou, que seria ele o candidato. O general, que era chefe do Conselho de Segurança Nacional, ouviu tudo e transmitiu aquele precioso informe ao presidente da República.

TEATRO | *Macksen Luiz*

Maria Fernanda em 1948 no Teatro do Estudante

O Teatro Duse e o Teatro do Estudante do Brasil, duas criações do primeiro e inesquecível animador cultural brasileiro, Paschoal Carlos Magno, serão objeto do debate, na terça-feira, às 18h30min, no Teatro Glauce Rocha. Participantes desses dois grupos, como Othon Bastos, Lafayette Galvão, B. de Paiva, Moacyr Deriquém, José Maria Monteiro, Miriam Carmem e Orlando Miranda, darão seu depoimento sobre os primeiros movimentos da renovação do teatro brasileiro contemporâneo.

Negócios pelo Brasil

Os elencos que excursionam pelo país não escondem o entusiasmo pelo florescente mercado para o teatro que encontram em suas andanças. Depois de Domingos de Oliveira e Bibi Ferreira, agora é a vez do ator e empresário Perry Salles demonstrar a sua euforia com a excursão de Negócios de Estado, na montagem de Flávio Rangel. Há dois anos em cartaz, a peça que estreou em São Paulo percorre até o final do ano várias cidades até voltar à origem, a capital paulista, onde pretende comemorar os 3 anos de sucesso e as 900 representações. "Sem qualquer ajuda do Estado, apenas da iniciativa privada, afirma Perry, mostramos às platéias do Brasil o mesmo espetáculo visto no Rio e em São Paulo. O público não aceita mais o improviso, não quer ser desrespeitado por montagens precárias". Perry pretende reunir em livro toda a experiência deste giro brasileiro, possibilitando, assim, que outros grupos aproveitem sua experiência.

Imaculada, *com Yara Amaral e o prêmio de Ana Virgínia*

Luz premiada

No monólogo **Imaculada**, interpretado por Yara Amaral e que o Teatro dos Quatro apresentou no início do ano, havia um desenho de iluminação assinado pela artista plástica Ana Virgínia. Projetando no fundo do palco efeitos de luz e de movimento que criavam uma ambientação para a peça escrita pelo italiano Franco Scaglia, "a pintura com luz", como denomina a artista a sua criação, produzia-se a partir de caixas de madeiras com lâmpadas coloridas de 40 watts. Cada uma delas, feita artesanalmente, teve custo de 400 dólares. Esse projeto de iluminação para **Imaculada** recebeu o **award of excellence** da Illuminating Engineering Society of North America, destacando-se entre projetos de alta tecnologia e de custo altíssimo.

Em um ato

■ **Estér Góes assumiu o papel de Sandra Bréa em Larga do Meu Pé, enquanto Ciça Guimarães substitui Cláudia Gimenez em Férias Extraconjugais. Paulo Castelli deixa o elenco de Sábado, Domingo, Segunda até o final do mês, mas ainda não foi escolhido quem ocupará seu lugar.**

■ **No ciclo Os Anos do Silêncio** esta semana promessas de grandes leituras. Amanhã, José Celso Martinez Correa, ao lado dos atores da versão original de 1967 (Ítala Nandi, Renato Borghi e Fernando Peixoto), apresenta **O Rei da Vela**, de Oswald de Andrade. Um reencontro histórico. E na terça será a vez de **Arena Conta Zumbi**, de Guarnieri, Boal e Edu Lobo com direção de Paulo José e as presenças no elenco de Milton Gonçalves, Dina Sfat, Paulo José, Marília Medalha, Francisco Milani e Vera Gertel.

■ Mais uma oportunidade para os autores. Estão abertas as inscrições do Concurso Paraense de Textos Para Teatro nas categorias adulto, juvenil e infantil que distribuirá prêmios no valor de Cz$ 24 mil. O prazo de inscrição se encerra no dia 26 e as informações podem ser obtidas na Fundação Teatro Guaíra, Rua 15 de novembro s/nº, 80060, Curitiba, Paraná ou pelo telefone (041) 2254311.

■ A partir de terça-feira se realiza em Brasília o II Encontro Nacional de Escolas de Teatro. Com a participação de 35 escolas, o encontro tem na sua pauta, debates sobre currículo, legislação e mercado de trabalho. Aguardam-se resoluções práticas.

■ **Amizade de Rua** estendeu sua temporada por mais um mês no Teatro Cândido Mendes, às segundas, terças e quartas às 21h30min. E neste fim de semana se apresenta no Teatro da UFF em Niterói. **Pedra** que ocupa os demais dias do mesmo teatro, devido a grande afluência de público, acrescentou mais uma sessão aos sábados, à meia-noite, "a sessão maldita", segundo a atriz Thelma Reston.

Diário do tempo imóvel

Vivian Wyler

Cristo parou em Eboli, Carlo Levi. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Editora Nova Fronteira, 314 páginas, Cz$ 165,90.

QUANDO o **doublé** de médico e pintor Carlo Levi, de notórias convicções políticas, foi banido pelo fascismo para uma pequena vila da Lucânia, no sul da Itália, encarou o fato como uma bênção. Corria o ano de 1935 e Levi temia ficar encarcerado mais tempo na prisão de Regina Coeli, em Roma. A perspectiva do ar livre e da vida junto aos camponeses era, no mínimo, mais aceitável. O que ninguém poderia esperar é que um refinado esteta se encantasse com aquela civilização parada no tempo, a ponto de passar a limpo algumas de suas teorias a respeito dessa "outra" Itália, tão distante da tirania romana e tão alheia à noção jurídica e abstrata de Estado. E que desse encantamento surgisse uma obra singular: **Cristo parou em Eboli**, publicada originalmente em 1945 (no Brasil, na década de 50 pela Editora Mérito) e agora retraduzida e relançada pela Nova Fronteira.

Observador sem preconceitos, Carlo Levi aproximou-se da comunidade de Grassano e, logo depois, de Gagliano, querendo tudo ver e entender. Seu livro espelha essa contemplação quase amorosa — uma experiência tão profunda que ele mesmo se preocupa em situá-la, no prefácio a uma segunda edição tirada 18 anos após a primeira, como ponto de partida para suas concepções posteriores. Obrigado a clinicar devido às (sub)condições sanitárias da região, onde as cidades tinham dois ou nenhum médico, Levi entra e sai de casebres que são pouco mais do que aberturas na rocha, divide refeições constituídas unicamente de azeitonas e figos secos e deplora a pequena burguesia que se serve de biscoitos e burocracia, em dose iguais. Gordo e bonito, ele é adorado por uma população magra, impregnada de malária e magnânima em relação ao sexo, admitido sempre, até quando o resultado possa ser 17 gestações de 15 pais diferentes. Matriarcais, as aldeias de Grassano e Gagliano oferecem um quadro político rudimentar, por um lado, e um manancial antropológico e sociológico riquíssimo, por outro. Levi se deixa fascinar por ambos e pincela com suas cores uma narrativa densa e lírica, em que diário, impressões de viagem e descrições romanceadas formam um tecido único, coeso.

O quadro que vai surgindo aos olhos do leitor é, simultaneamente, belo e terrível. Encravada nas montanhas e no tempo, a Lucânia de Levi cultua a terra miserável, a Madona de rosto negro, tão implacável quanto o clima, os duendes — crianças mortas sem batismo — e os tesouros escondidos por legendários bandidos, heróis de um passado invocado sempre que possível, até como contraponto de uma existência marcada pela resignação. Para os habitantes da região, Cristo e os benefícios da religião cristã não chegaram até eles. Tampouco a Itália de Garibaldi ou de Mussolini. Seus contatos com o mundo distante do norte são os impostos, cobrados com regularidade inversamente proporcional aos benefícios, os monumentos freqüentados pelos porcos e cabras e os **confinati** como Levi, alguns dignos de pena, outros, amados pela comunidade. Profético, Levi altera o tom de sua narrativa quando explicita suas idéias políticas: para ele, integrar as duas Itálias é tarefa impossível se não se tentar entender o mundo em que vivem esses camponeses, proprietários de coisa alguma, mas conscios de sua ligação com a terra. Na década de 40, ele não via nenhuma saída. Filmes como os dos irmãos Taviani continuam mostrando, hoje, o mesmo agreste e imóvel quadro. Ali, no sul da "bota", na Lucânia, na Calábria ou pouco além, na Sicília de Vittorini, o dia-a-dia recupera a dimensão grega do trágico.

Breves cartas portuguesas

Luciano Trigo Teixeira

Lusitânia, Almeida Faria. Editora Difel, 144 páginas, Cz$ 67.

QUANDO, em 1962, Almeida Faria publicou **Rumor branco**, foi justamente saudado pela crítica como uma das maiores promessas da nova geração de escritores portugueses. Tinha então 19 anos, e seu romance de estréia logo ganhou o prêmio de revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores. Três anos depois, com o lançamento de **A paixão**, Almeida Faria confirmava as expectativas mais otimistas, instaurando com seu ímpeto criador uma das mais ousadas aventuras verbais da literatura portuguesa do século XX. **Lusitânia**, escrito em 1975, se não representa um avanço qualitativo em relação aos seus dois primeiros livros, tampouco lhes é inferior; se a maturidade atenuou no autor a audácia na ruptura com a sintaxe convencional — que valeu a **Rumor branco** a classificação de anti-romance, no melhor estilo de Nathalie Sarraute — em compensação conferiu maior equilíbrio e comedimento à sua obra.

Na realidade os três romances têm vários elementos em comum. Em primeiro lugar, a utilização de elementos estruturais e lingüísticos próprios à ficção de Almeida Faria: a criação de palavras-síntese ("estavas deitada sob-sobre mim deitado"), a descontinuidade e a descentralização do foco narrativo, que rompem com a unidade habitual do romance, aproximando-o de uma polivalência verbal vizinha à da poesia. A forma escolhida para a narrativa de **Lusitânia** — cartas trocadas entre os vários personagens em três períodos (abril de 74, quando estoura a Revolução dos Cravos que pôs fim ao regime salazarista; setembro de 74, quando renuncia o general Antônio de Spínola; e abril de 75, quando fracassa um golpe do mesmo Spínola) — permite a Almeida Faria apresentar retratos de personagens e situações que de outro modo não seriam compatíveis entre si. Os fragmentos epistolares se agrupam obedecendo a uma forma particular de fluência, como se toda uma ficção repousasse nos intervalos entre as cartas. O segundo ponto em comum entre os três romances é a identidade temática: através de tramas até certo ponto banais, Almeida Faria não só elabora uma fina análise dos sentimentos humanos como também, e primordialmente, das diferenças entre as classes sociais, evidente no confronto de indivíduos pertencentes a camadas opostas — tema reforçado em **Lusitânia** por contingências históricas.

Curiosamente, porém, a visão que Almeida Faria passa da Revolução através de seus personagens — João Carlos, que ama Marta, que ama as 12 mil barcas de Veneza; André, irmão de João Carlos e de Arminda, amiga de Sônia, que mora em Luanda; Estela, mãe de João Carlos, pobre e viúva — é um tanto cética. Estela lamenta não ter vendido sua dispendiosa herdade, "onde o sindicato quer colocar ainda mais trabalhadores, a ver se nos rebenta de vez; João Carlos considera tudo uma barafunda de politicagem barata, "onde se muda de partido como quem muda de camisa" (qualquer semelhança é mera coincidência), "uma mera conjura de compadres que se catapultam entre si, com bênção do sindicato das putas e dos polícias"; Marta, por sua vez, assiste a tudo de Veneza com indiferença e tédio, acreditando ligeiramente no feminismo e nas "leis primitivas, mais ligadas ao mistérios, aos instintos que não erram". Como não há começo, meio e fim, mas apenas captura casual da realidade, esse ceticismo só redunda em incertezas e ambigüidades, principais ingredientes do caótico universo humano. Mas isso faz parte do projeto literário de Almeida Faria, que impõe uma nova forma de compreensão do mundo, orientada para a observação e a ligação de detalhes esparsos no tempo e no espaço.

Certas referências e artistas contemporâneos — como o escritor austríaco Peter Handke ("isto que a custo descrevo, confuso do esforço de o ordenar na mente antes de o passar à caneta, poderia ser matéria doutra **breve missiva para um longo adeus**") e o cineasta Woody Allen ("acho que a nossa ridícula realidade ultrapassa em tragicómico a ficção de **Bananas**") — dão ao romance um agradável sabor de modernidade. A única restrição fica por conta do rocambolesco seqüestro relatado nas duas primeiras cartas, que sai um pouco do tom. De resto, é um livro impecável, que deve deixar o leitor brasileiro ansioso pelo lançamento de outras obras de Almeida Faria.

Imaginação patrulhada

Italo Moriconi Jr.

Sociedade e discurso ficcional, Luiz Costa Lima. Editora Guanabara, 424 páginas, Cz$ 170.

"A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser **contra** a História", escreveu Guimarães Rosa num dos quatro prefácios de **Tutaméia**. E deste antagonismo entre produtos artísticos da imaginação e verdades estabelecidas pelo discurso da História que se nutre a matéria de Luiz Costa Lima em **Sociedade e discurso ficcional**. Porém, para defender a ficção, Costa Lima faz história também. Só que o tipo de indagação, pesquisa e interpretação empreendido por ele, inspirando-se nas lições legadas pelas obras de Claude Lévi-Strauss e Michel Foucault, é tão avesso à noção de uma História detentora de verdades totalizantes quanto o conceito de ficção expresso por Guimarães.

Seguindo a trilha iniciada em **Mimesis e Modernidade** (1980) e desenvolvendo as idéias expostas em **O controle do Imaginário** (1984), do qual **Sociedade** se apresenta como continuação, Costa Lima propõe-se a fazer história enquanto **arqueologia** de uma questão. Isto significa examinar a incidência de tal questão em determinados momentos, descontínuos, dados como pertinentes para sua demonstração. No caso, trata-se do problema da **domesticação do imaginário** pela cultura ocidental, da forma como esta estruturou-se desde as primeiras manifestações — já no século XII — do processo que se convencionou chamar de **modernidade**.

O traço decisivo do moderno é a afirmação da subjetividade como valor. No mundo secularizado, o indivíduo já não tem seu lugar previamente definido por algum esquema de vida homogêneo, imutável, legado pela tradição ou legitimado pela religião. A dimensão interior do indivíduo é a nova força dinâmica que impulsiona a superação da mentalidade medieval, articulando-se com o desenvolvimento da razão científica e da lógica do mercado capitalista. O imaginário renascentista traduziu esse processo através da lenda de Fausto, indivíduo que troca Deus pelo diabo para dar curso ao seu enorme desejo de saber e de fazer.

Costa Lima trabalha a partir da idéia de que a afirmação da liberdade do indivíduo frente às crenças e tradições comunitárias traz como conseqüência a legitimação da **autonomia** do discurso ficcional: discurso governado pelo jogo livre da imaginação, distinto do mero fingimento enganador. Entretanto, este jogo livre do **eu**, ao mesmo tempo em que nasce, é visto como ameaçador para o novo regime secular, não religioso, das verdades agora instituídas pelos discursos científico e histórico. A ficção será permitida apenas na medida em que corrobore ou ilustre verdades prévias: versão renovada do banimento platônico. Torna-se dominante uma política cultural voltada para controlar o potencial subversivo inerente às noções de liberdade individual e de produção imaginativa como forma independente de conhecimento crítico.

Configurado assim, **o veto à ficção** é examinado no contexto do Novo Mundo. Comparando a situação cultural pós-independência no Brasil à de diferentes países hispano-americanos, Costa Lima mostra como foi geral a incorporação de um Romantismo integrado e normativo. Se no contexto europeu o Romantismo foi, de início, uma reação contra controles e vetos, na América Latina ele levou à dominância de uma concepção **documentalista** de literatura: ficção aceita desde que ilustrasse a realidade, a qual seria sempre definida em termos ideológicos (o nacionalismo) ou egóticos (a expressão direta de sentimentos, sem auto-reflexão).

Na América hispânica, o modelo documentalista foi abalado por obras como as de Rulfo, Borges e vários outros. No Brasil, obras como as de Machado, Guimarães, Clarice não chegaram a quebrar sua hegemonia. O ambiente literário brasileiro continua saturado de realismo primário. Mas Costa Lima acentua que lá, como aqui, a crítica não soube armar-se de conceitos alternativos. Pois, por fazer teoria, Costa Lima tem por alvo não tanto a prática artístico-literária, quanto a prática **crítica** que a ela se conjuga. Seu inimigo intelectual é o patrulheiro do imaginário: aquele que só se interessa por ficção se puder encontrar nela o que a História e a Sociologia já lhe ensinaram de antemão.

Amor fatal

Ida Vicenzia

Um amor na Alemanha, Rolf Hochhuth. Tradução de Marija Mendes Bezerra. Editora Record, 248 páginas.

NUM domingo, 22 de junho de 1941, um dia depois de Hitler ter iniciado sua marcha sobre a Rússia, um poderoso alemão anotou em seu diário: "Ando impaciente e pelo quarto. Ouve-se a respiração da História, instante maravilhoso em que nasce um novo Reich". O todo-poderoso era o Ministro Goebbels, sobre quem o autor de **Um amor na Alemanha**, Rolf Hochhuth, faz a seguinte observação: "ele estava, sem saber, anotando uma frase bem semelhante à que já lemos em Heródoto, quando um oráculo diz a um rei que ele destruiria um grande império se atacasse os gregos, mas o deslumbrado Xerxes não compreendeu o que isso significava: o seu próprio império".

Enquanto Hitler tecia seu plano de supremacia européia, o povo alemão debatia-se na tragédia individual que é ser carrasco e vítima de si mesmo. É essa a visão da guerra privilegiada por Rolf Hoch huth. Baseada em fato real — o amor proibido de Stanislaw Zasada, prisioneiro de guerra polonês, e Pauline, uma alemã — sua narrativa é entremeada de depoimentos, excertos de diários, documentos oficiais. Ao mesmo tempo que o filho e o neto de Pauline refazem, trinta anos depois, o caminho onde ocorreu a tragédia, o leitor atravessa um caudaloso depoimento sobre um grandioso espetáculo da barbárie humana.

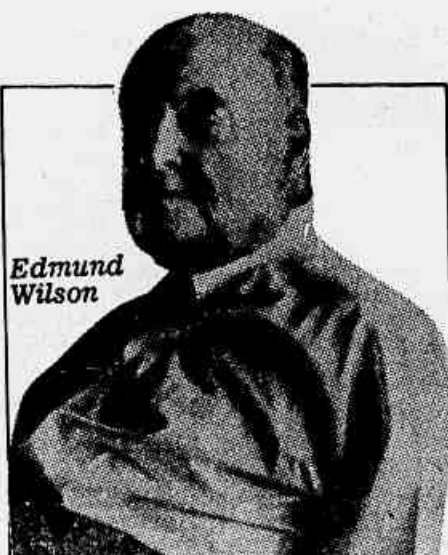
Escritor polêmico, que em **O vigário** denunciou a participação de Pio XII na ocultação de nazistas no Vaticano, Hochhuth relata em um amor na Alemanha não só a grotesca reação de um povo a um caso de amor. Aproveita para denunciar os ingleses, por exemplo, que libertaram prisioneiros alemães do segundo escalão, condenados à prisão perpétua. Uma vez de volta à pátria, os prisioneiros receberam aposentadorias computadas entre os mais altos salários do pós-guerra. Essa mistura de loucura nazista e aliada, mais o povo alemão entrevisto no seu dia-a-dia, fascinou o cineasta Andrzej Wajda, levando-o a transpor para a tela o romance de Hochhuth, obra escrita com indignação, ironia e muita amargura. Mas, os vencidos estão falando. Mas não com a mesma voz do filme de Wajda. Hochhuth mostra um Zasada obstinado em manter vivo, a qualquer preço, não tivesse ele 18 anos. Wajda preferiu mostrá-lo heróico, renunciando à cidadania alemã.

O romance todo transpira absurdo, característica de todo regime de força, em que a burocracia toma o poder. Uma amostra: a mesma lei que mandava para a forca um prisioneiro estrangeiro que tivesse relação sexual com uma alemã meses depois premiava com a cidadania quem tivesse incorrido exatamente nessa infração. Zasada chegou cedo demais. Essa é mais uma triste história de luta entre Eros e Tanatos, em que Tanatos leva a melhor.

ESTANTE

Vivian Wyler

Vocação: crítico

"Crítico por vocação da mesma forma que certos escritores são por vocação poetas." Assim um resenhista do **Time** definiu, certa vez, o americano Edmund Wilson, sem favor algum, a figura de proa da crítica literária de seu país por várias décadas e inspirador de fervores críticos tupiniquins. Jornalista de formação, poeta, dramaturgo e romancista, foi como analista social e literário que ele se firmou no cenário do entreguerras. **O castelo de Axel**, reeditado aqui recentemente, é uma prova do seu talento. **Rumo à estação Finlândia** é tido como o outro ponto alto de sua produção. É justamente este último o grande lançamento da Companhia das Letras para a segunda quinzena de outubro.

Edmund Wilson

Arte maquiavélica

• O escritor Rubem Fonseca está vivendo uma fase de sua carreira, no mínimo, gloriosa. Não bastasse o sucesso de vendas de **Bufo & Spallanzani** (seu último livro), **A grande arte**, o penúltimo, acaba de merecer uma crítica de página inteira no **The New York Times Book Review**, com direito à chamada especial na capa. O desenhista é nada menos que Mário Vargas Lhosa, um entusiasta do estilo de Fonseca. Comparando-o a Umberto Eco na habilidade em colocar uma vasta cultura a serviço de um gênero rasgadamente popular — o policial — Vargas Lhosa conta com detalhes as investigações do advogado Mandrake, "cínico e sexualmente promíscuo, amoral e amorável". A conclusão é sublime: "talvez seja essa a "grande arte" do título: contar uma história tão inacreditável e excessiva quanto esta com o maquiavelismo necessário para fazer-nos acreditar em tudo e achar tudo bem anormal."

• João Antônio não cabe em si de satisfação: acaba de ser convidado para ser jurado do Prêmio Casa de Las Américas, em Havana. A ocasião não podia ser mais propícia: o seu conto **Afinação da arte de chutar tampinhas**, escrito quando ele tinha 21 anos e incluído no famoso **Malagueta, Perus e Bacanaço** está sendo traduzido precisamente em Cuba.

Rubem Fonseca

• Amanhã, na livraria Dazibao, Leda Miranda Hühne autografa o livro **Fim de um juízo**. A partir das 20h.

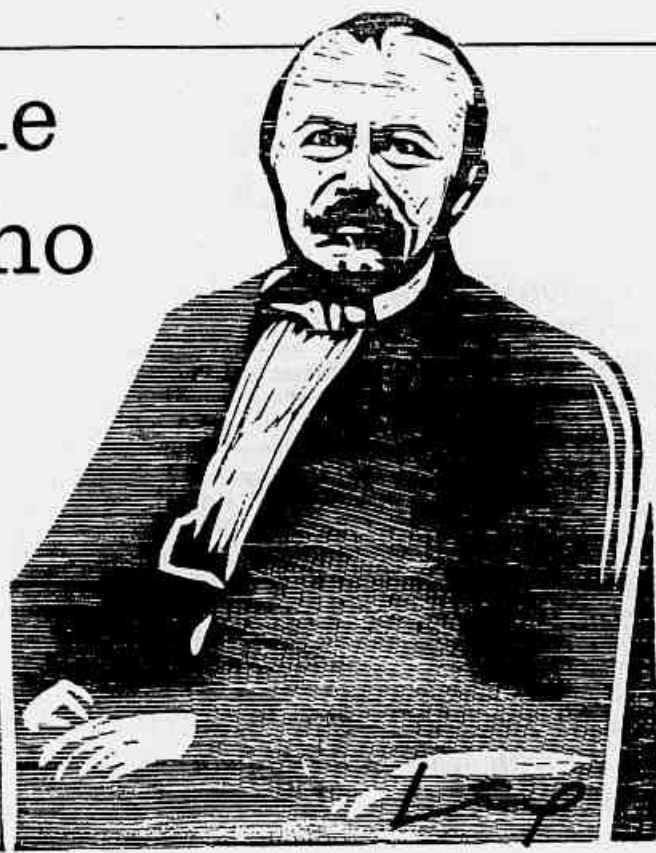
• Terça-feira, na Casa de Cultura Laura Alvim, o poeta e cronista Affonso Romano de Sant'Anna mostra o seu **A mulher madura**, publicado recentemente pela Rocco. A partir das 20h30min.

• A Casa de Rui Barbosa promove o lançamento, na quinta-feira, dos livros **Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro** e **Idéias políticas de Quintino Bocaiúva**, ambos de textos selecionados por Eduardo Silva. A oartir das 18h, na rua São Clemente, 134. •• No mesmo dia, um pouco mais tarde, às 21h, Edgar Ribeiro declama poemas de D. H. Lawrence em tradução de Leonardo Fróes no **Espaço Novo** — rua Jornalista Orlando Dantas nº 2.

Sonho de um sonho

Ângela Maria Dias

Silvia, Gerárd Nerval. Tradução de Luis de Lima. Editora Rocco, 84 páginas, Cz$ 33,60.

TALVEZ a dramática estória da vida de Gerárd Nerval (1807-1855) repita a dolorosa pergunta do narrador de **Silvia**: "onde está o amor, então?" Provavelmente bem longe das quimeras que "encantam e alucinam", mas habitam, apenas, a"torre de marfim dos poetas" exilados. Filho de tradiconal família, este intelecutual rico, boêmio e ilustrado constitui um autêntico personagem de época. Corre o mundo em fatáticas excursões, apaixona-se por atriz famosa, sofre de profundas crises de depressão nervosa e , por fim, num gélida madrugada parisiense, aparece, misteriosamente, enforcado. Mas, enquanto vive, jamais se perde da via literária. Escreve novelas, poemas, teatro, ensaio, notas de viagem, correspondência e como se não bastasse, faz a primeira e festejada tradução do **Fausto** de Goethe para o francês.

Silvia (1853), uma de suas novelas mais importantes, é um relato intimista em que o narrador, doublé do autor, desdobra pela espiral da memória, sua melancólica estória de amores ideais e não consumados. No rastro de luz de **Aurélia**, a atriz, o poeta, apaixonado, surpreende a imagem de Adriana, na dança campestre, sob a lua da infância. Pelo fio do sonho ele resgata, em seguida, o vulto de Silvia — a doce primeira namorada. Mas não se pense que a teia impalpável das reminiscências deste solitário vai derramar-se como lamúria piegas de afetos x impossíveis. Ao contrário, o espelho mágico de correspondências e superposições, será sempre desencadeado pelo impulso da razão. Não é à toa que Proust, entusiasmado, já prevenia: "Esta estória, que se considera ingênua pintura, é o sonho de um sonho, lembrem-se!" E, de fato, a aventura romanesca deste cruzamento de imagens platônicas, não se faz sem muita ironia.

O palco bucólico de florestas, castelos e lagos de Ermenonville é natureza, mas como travo da cultura. Espaço de meditação e morte de Rousseau, a aldeia é o lugar saturado de História e Filosofia em que "o natural era a afetação". Seus caminhos conduzem ao "Templo da Filosofia", suas rochas guardam, no flanco, versos de Roucher. Neste cenário, comprometido com o artifício da razão, como pode aflorar o ímpeto da paixão? Adriana, a musa pálida e loura, recupera, na roda da dança pastoril, a Beatriz de Dante. Por sua vez, Silvia, "tinha lago de ateniense" e por isso é amada. Finalmente, Aurélia, nas luzes do espetáculo parisiense, pela própria inserção teatral atualiza, com ênfase, a quimera da emoção contaminada, em excesso, de fingimento literário. Sonhador que não dispensa a crítica do sonho que acalenta, ele adverte, entre irônico e consternado: "as ilusões caem, uma após outra, como cascas de um fruto: e o fruto é a experiência. Seu sabor é amargo e, no entanto, tem qualquer coisa de ácido que fortifica.

Morno moralismo

Jorge de Sá

O cego e a dançarina, João Gilberto Noll. L & PM editores, 135 páginas, Cz$ 53.
Rastros de verão, João Gilberto Noll. L & PM editores, 94 páginas, Cz$ 40.

DESENHANDO o contorno da vida com a ponta dos dedos ou sentido a vertigem do mundo no rodopio dos pés, dois personagens simbolizam o difícil equilíbrio entre a realidade e o sonho — a reedição de **O cego e a dançarina**, traz de volta as 25 narrativas curtas que bem representam o estilo de João Gilberto Noll. Um estilo que se filia à tradição dos questionamentos, como o leitor pode perceber na cena final do conto que dá nome ao livro: "mas agora eram os meus olhos que não viam mais, não viam os olhos da Loura para que eu pudesse obter a resposta". E quem diz isso é um narrador seduzido pelo cinema. Porque aqui tudo funciona como se estivéssemos numa sala escura, olhando na tela imagens que por si mesmas contém música e falam a linguagem dos sentidos despertados pelo tato. Assim, em todas as histórias é como se estivessemos cumplices dos atores, prestes a fazer algo. Mas a cena fica congelada na tela do texto, no último parágrafo. O impasse não se resolve. Pois a partir desse ponto, cabe a cada um de nós resolver, não o destino do personagem, mas o nosso próprio.

É esse lado da solidão humana — a impossibilidade de os outros agirem por nós — que João Gilberto Noll procura alcançar também em seu novo livro **Rastros do verão**. Um homem maduro chega a Porto Alegre no fim do carvaval, encontra um rapaz solitário "que deveria andar nos 17, no máximo nos 18 anos". Uma rápida empatia se estabelece entre os dois e, embalados pelo chope, logo estarão no apartamento em que mora o garoto. Tomam banho, olhando-se, conversam como velhos amigos, tudo na maior pureza. É claro que acontecerá o desejo, desviado para a mulher que entrará em cena mais cedo do que eles possam esperar. Como acontecerá, também, o inevitável instante em que o adolescente masturba o outro, num gesto de solidariedade. E ainda a viagem sonora de Pink Floyd e os vôos nas asas liberadas pela maconha. Mas não acontece o aprofundamento da construção ficcional, que encontra uma saída na aparente quebra de lógica que introduz outros personagens, onde se incluem uma garota e seu pai tatuado — perfeitamente dispensáveis. Tudo muito ingênuo, conforme convém ao mais antigo moralismo, o que faz dessa narrativa longa (conto esticado ou novela?) um simples rastro do escritor sensível. Morno verão que não alcança o calor de **O cego e a dançarina**.

De corpo e alma

Felipe Fortuna

O Baphomet, Pierre Klossowski. Tradução de João Moura Jr. Editora Max Limonad, 160 páginas, Cz$ 98,00.

KLOSSOWSKI deve ser um dos últimos cristãos torturados de nossa época — porém, cristão da linhagem de Santa Teresa d'Avila, entre angústias místicas e delírios sexuais. O cerne de suas preocupações filosóficas é a relação, extrema e intensa, entre a linguagem das palavras e o corpo, e igualmente uma análise radical das qualidades de perversão. Desde **Sade Mon Prochain** (1947), em que analisou a natureza transcendente da pornografia, seus livros vêm sendo escritos com admirável coerência. Seus romances apresentam, com rigor, um cenário de teses filosóficas e históricas que desembocam sempre nas questões da identidade de Deus e da dissolução da pessoa.

Le Baphomet (1965) é um ponto de chegada na obra ficcional de Klossowski. Aqui, ele arremata com mestria personagens e conflitos que tiveram lugar em romances anteriores. Ambientado na França do início do século XIV, relata a extinção da Ordem do Templo, que abrigava monges nobres e rituais pouco ortodoxos. Ensinava-se, por exemplo, que a prática da sodomia não era um vício, mas uma virtude; e que, quando da aceitação de algum novo discípulo, seu preceptor o beijava no sexo, no umbigo e na boca. Baphomet é a forma iniciática de se referir a Maomé, e no romance é a um só tempo a encarnação de Cristo e do Anticristo, ou melhor, de todas as modificações possíveis de um corpo, de sexo mutante e sempre ambíguo.

As imagens de muitos episódios sugerem a atmosfera surrealista, mas é preciso estar atento para o fato de que a enumeração caótica, marca registrada daquele movimento, não está jamais presente, e que, pelo contrário, existe um apuro formal que se encaminha muito mais para um uso anacrônico da linguagem e uma construção clássica dos capítulos. Nada disso diminui, contudo, a intensidade mágica e delirante que percorre o romance do início ao fim: há alguém que se deixa levar "pela corrente de ar que assobiava na escada em caracol". Mais tarde, Nietzsche é introduzido na fortaleza sob a aparência de um tamanduá, e o espírito de **Santa Teresa**, por sua vez, é insuflado no corpo de alguém por via anal. As metáforas inesperadas de Klossowski realizam com êxito o realce à eroticidade e aos conflitos místicos, que elevam o enredo à dimensão de um sistema de idéias moralizantes.

A preocupação fundamental do pensamento de Klossowski reside na contestação à morte de Deus decretada por Nietzsche — anos antes de lhe dedicar um vigoroso ensaio, **Nietzsche et le Cercle Vicieux** (1969). Para o romancista francês, a existência de Deus está intimamente relacionada à sobrevivência do sujeito, e a morte de um implicaria a anulação do outro. Klossowski — nascido em 1905, e que por quase dez anos levou vida religiosa como noviço dominicano — teve como bons leitores de sua obra Michel Foucault (a quem **O Baphomet** é, justamente, consagrado) e Gilles Deleuze. O último deles, num artigo publicado em **Logique du Sens** (1969), define este livro como um "romance de Teologia" e interpreta de que modo a idéia do eterno retorno abre campo para uma relação bizarra entre o corpo e a linguagem: "O corpo oculta, encerra uma linguagem esquecida; a linguagem forma um corpo glorioso." E ainda: "Ou nos lembramos das palavras, mas seu sentido permanece obscuro; ou então o sentido aparece, quando desaparece a memória das palavras."

Atualmente, o corpo é um dos temas mais explorados por linhas de sociologia — que analisam desde a prática do **jogging** ou o uso das calças **jeans** até a rigidez cadavérica —, e de resto pelas demais ciências humanas. O romance de Klossowski é, nesse sentido, um romance corporal — mas de uma sensibilidade para além do epidérmico. Algo assim como a tradição erótica do primeiro Gide, ou como as questões igualmente cristãs e sexuais de Bataille: o corpo humano exposto numa nudez sem limites. Ou, para não fugir aos mandamentos, a demonstração mais atual de um Verbo que se fez carne.

Leitura de poesia

Wilson Martins

A emoção e a sensibilidade sendo, por convenção e gramática, características fundamentalmente "femininas" — e atributos "masculinos" o vigor de expressão e o sentimento de domínio sobre o mundo — segue-se que todo grande poeta deve ter algumas nervuras femininas, assim como não haverá grande poetisa sem as correspondentes enervações masculinas. Nessas perspectivas, a teoria platônica dos andróginos abre vistas inesperadas e enriquecedoras para a compreensão do fenômeno poético, ao mesmo tempo em que desautoriza os excessos polêmicos e os simplismos correntes da guerra dos sexos, justificando, ainda por cima, a adoção de uma palavra única para designar, no vocabulário crítico, o criador da poesia. Nesse sentido, são poetas, e grandes poetas, embora desiguais no interior da própria obra e ainda a caminho do pleno amadurecimento, tanto Renata Pallottini (**Ao inventor das Aves**, São Paulo: EDICON/Scortecci, 1985) quanto Marly de Oliveira (**Retrato/Vertigem/Viagem a Portugal**. Rio: Francisco Alves, 1986), esta mais "feminina" no tom de voz e na tonalidade de inspiração, aquela mais "masculina" na visão do mundo e na filigrana de estoicismo que lhe percorre os poemas.

Tomemos com o indispensável grão de sal toda essa terminologia e as linhas fronteiriças que pretende demarcar e não a façamos dizer mais do que desejaria; resta que estamos diante de duas vozes poéticas mais complexas e cambiantes do que a crítica brasileira se revelou até agora capaz de compreender, interpretar e aceitar (para além dos elogios convencionais que dissimulam uma real indiferença). E já não é sem tempo que o fizesse, pois Renata Pallottini estreou em 1952, com **Acalanto**, e Marly de Oliveira com **Cerco da primavera**, em 1957; aquela surgiu desde logo na plena posse dos seus dons e evidenciando excepcionais virtualidades sem possibilidade de engano; a segunda, de seu lado, vem avançando lentamente para o outono poético, tendo surgido com o sabor acre dos frutos verdes em suas possibilidades de expressão e na abertura limitada do compasso emocional.

Marly de Oliveira

Renata Pallottini

Isso significa que somente agora Marly de Oliveira é o poeta que devia ser e explica que haja sentido a necessidade interior de reescrever a sua obra, de "reescrever-se" enquanto poeta: dir-se-ia estar finalmente percebendo quem é Marly de Oliveira. Alberto da Costa e Silva observa, com finura e... sensibilidade, que este livro é "a releitura de um itinerário poético", a reescrita de poemas que tinham sido apenas redigidos em sua primeira destilação:"o retorno aos versos antigos, que são ou não são o que podiam ter sido, se faz num plano distinto: a da nova criação poética. Não se tem aqui uma abordagem puramente crítica da obra que, para o público, principia com **Cerco da primavera**, mas uma investigação poética, um julgamento poético. O poeta relê-se; e da releitura faz novos poemas. Reescrevendo alguns. Juntando partes de outros para formar um novo todo. Comentando. Discordando. Acrescentando os sonhos de hoje a experiências de ontem, ou as experiências de hoje aos sonhos de ontem".

Claro, são a palavra e a noção existencial de **experiência** (mais no singular que no plural) o elemento definidor do processo, porque experiência é maturidade, é o recurso orgânico que nos permite o distanciamento poético, a "neutralidade" literária, a objetividade de visão — circunstâncias todas que contrariam os lugares-comuns implícita ou explicitamente aceitos sobre a arte e que, justamente, diferenciam o poeta do não-poeta, a poesia da não-poesia. É assim que o próprio poeta se torna capaz de distinguir entre, por um lado, o sentimento poético da realidade e, por outro, a poesia **literária**, que é coisa completamente diversa: são muitos os que receberam a poesia sem terem recebido o verso, verdade melancólica que não se restringe unicamente aos leitores comuns.

Marly de Oliveira e Renata Pallottini ainda recaem; aqui e ali, nessa contaminação insuficiente depurada e escrevem muitas composições sobre **idéias** supostamente poéticas, quero dizer, sobre um raciocínio de ordem lógica, sem lhes dar a expressão metafórica, a **tradução** emocional que constitui a poesia. Aqui também é com os bons sentimentos que se faz a má literatura, segundo o perverso aforismo de André Gide, o que não significa, bem entendido, que a boa literatura se faça com os maus sentimentos: é justamente na passagem desse vocabulário moral para o vocabulário estético que a poesia encontra as suas possibilidades específicas de expressão.

Ambas são poetas autobiográficos no sentido "côncavo" da palavra, se assim me posso exprimir: é o mundo exterior que as amolga, em lugar de sobre ele projetarem a marca da sua personalidade. Isso é particularmente sensível, em Marly de Oliveira, nos poemas que Portugal lhe inspirou (condenados, por definição, às limitações e aos perigos da poesia descritiva, se não turística): se todos revelam as suas emoções pessoais ao contacto com o país mitológico dos nossos antepassados pessoais e nacionais, nenhum deles faz com que Portugal provoque no leitor emoções correspondentes (mesmo e sobretudo no leitor que não o conheça). É, ao contrário, a incomparável expressão incoativa que Camões resumiu num único verso no momento em que Vasco da Gama, dirigindo-se ao rei de Melinde, **distingue** de todos os outros o seu próprio país: "Esta é a ditosa pátria, minha amada (...)" — no qual, bem entendido, é a vírgula que abre a "quarta dimensão", a dimensão poética.

Renata Pallottini é o poeta para quem o mundo exterior existe, se quisermos relembrar a famosa expressão, mas não é o mundo exterior da realidade concreta e limitada; é, ao contrário, o "convite à viagem", à libertação de não se sabe que asfixiantes fronteiras. É o poeta do mar, evocado sob as espécies dos barcos que flutuam e das gaivotas que deslizam como outras tantas sugestões de liberdade, não as águas descritivas do "belo mar selvagem" de Vicente de Carvalho; o título do livro e o poema inicial abrem essas portas invisíveis para as amplidões que estão além de janelas igualmente imaginárias e dos portos misteriosos; e, superando a autobiografia, digamos, psicológica (como em Marly de Oliveira); é também um poeta para quem o Brasil existe, para que as canoas têm nomes sentimentais e os heróis nativos se apresentam na sua espontaneidade rústica. Tudo isso nos reconduz a "dados" poéticos que haviam desaparecido de nossa literatura, seja nas abstrações apátridas e assexuadas de 45, seja na geometria vazia e laboriosa do Concretismo, seja no racionalismo descritivo de João Cabral (que Marly de Oliveira, por inesperado, encara como um dos seus mestres).

Esta última aproximação indica as distâncias que as separam entre elas, e que, de resto, não são menores, apesar de tudo, entre os dois últimos. Na verdade, enquanto leitora de João Cabral a autora do **Retrato** aceita aprisionar-se na poesia livresca, deliberada e, em certa medida, artificial, ao contrário de Renata Pallottini, para quem escrever poesia é libertar-se de si mesma para se integrar na condição humana.

MÚSICA POPULAR

Tárik de Souza

Madonna dispara

True Blue, o terceiro Lp da namoradinha da América, já foi mais longe que o petardo anterior, **Like a Virgin**. Em um ano as vendas passadas chegaram a seis milhões de cópias. Nas seis semanas iniciais de **True Blue**, Madonna, de cabelos tosados, vestindo couro azul, já foi para casa embaixo dos braços de dois milhões de compradores. Em 17 países, o Lp lidera a parada, o que já significa um certificado de platina no Canadá, Austrália, Holanda, Nova Zelândia e Inglaterra. Ouro duplo no Japão e simples na Bélgica, França, Alemanha, Itália, Filipinas, Irlanda, Espanha, Suécia e por fim, mas mas não por último, no Brasil. Ninguém segura.

Madonna

O relax de Chico e Caetano

Quarta, começam as temporadas de Nana Caymmi (People), Gonzaguinha (Asa Branca) e da ex-Frenética Leiloca, no Vaticano, solo com os teclados de José Lourenço. Mas a semana sonora começa amanhã com a segunda etapa da Copa People de música instrumental: concorrem aos votos dos clientes da casa os grupos Jazz Brasil e Lobato Acarahyba. Na sexta, o ingresso oficial da música cubana de Pablo Milanés na tevê brasileira, via Chico & Caetano (TV-Globo, 22h30min). O espetáculo é aberto, com muito humor, pela dupla básica do programa, cantando Bancarrota Blues deitados no palco do teatro Phoenix. "Resolvemos cantar assim para atender aos críticos que dizem que eu devo me apresentar mais relaxado", ironiza Chico.

Nana Caymmi

■ Benson na estrada — o nono disco de George Benson para a WEA (**While The City Sleeps**) já saiu nos EUA. O guitarrista, que esteve no Brasil via **Rock in Rio** (e não **Free Jazz**), contou com a produção associada dos ases de estúdio Narada, Michael Walden, Kashif, Tommy LiPuma e Robbie Buchanan. A faixa de trabalho do novo Lp é **Kisses in the Moonlight**, e o criador dos anteriores sucessos **This Masquerade**, **On Broadway** e **Give Me The Night** já está na estrada apoiado na divulgação por um vídeo de **While the City Sleeps**.

Ray e Rivers para fãs

Nostálgicos insaciados com a mal-ajambrada exibição de Johnny Rivers no Scala, corram às lojas. No LP Grandes sucessos (Disco Ban/Amazon), um versão 80 do cantor, "incluindo sensacional poster", estampa dos bons tempos. O repertório mescla novos e antigos, com predomínio de Poor Side of Town, Baby I Need Your Lovin' e The Trancks of My Tears. Palmas, gritos e assovios compõem o clima "a go go", indispensável. Para os mais arrebatados, a contracapa fornece o endereço do Johnny Rivers Fan Club: 13025 Ventura Blvd. Studio City. Mas quem quiser um resumo mais completo de tudo que o cantor gravou de mais significativo, de **Do You Wanna Dance** a **Look To Your Soul**, ausentes da outra seleção, a pedida são as 26 faixas do duplo **O talento de Johnny Rivers**.

Já os por acaso descontentes com o Ray Charles-86 presenciado no **II Free Jazz**, que preparem os bolsos para o duplo **Ray Charles Live** (WEA), reedição, 12 anos depois, das **performances** do gênio no Festival de Newport de julho de 58, complementadas por gravações no Herndon Studio de Atlanta, em maio de 59. Além de piano acústico e elétrico, Ray Charles pode ser ouvido numa rara exibição de sax-alto. O repertório explosivo, vai de **I Got a Woman**, **What'd I Say**, **Yes Indeed** e **Tell The Truth** a notáveis latinidades (**Frenesi**, **In a Little Spanish Town**). Devastador.

Ray Charles

Estou esperando por Priscila

César Pinho

O que faz um jovem apaixonado pela namorada ao ser impedido de ver seu amor por pais irredutíveis? Na maioria das vezes, depois de algumas tentativas frustradas, desiste. O caso do professor de educação física, Wagner Fiuza Lima Carrilho, 30 anos, foi diferente. Ao ver a namorada Priscila Sobral Pinto, 19 anos, internada numa clínica psiquiátrica — segundo ele sem motivo — ele tentou tudo. Até a justiça. Depois de uma verdadeira maratona Wagner se diz arrasado com a última declaração da namorada, que assegura não querer mais vê-lo, tachando-o de egoísta, demoníaco. Uma história que faria corar de inveja Romeu e Julieta e que, provavelmente, só terá fim semana que vem, quando Priscila confirmar (ou não) em juízo tudo o que declarou aos jornais. Wagner é um sapo ou um príncipe? Cabe a Priscila a resposta final.

O começo

Priscila passou, olhou para mim, convidei-a para uma cerveja. Aí você pega a mão, o cotovelo, e começa o namoro

JB — Quantas namoradas você teve?

W — Namorada firme eu tive poucas, mas flertava bastante.

JB — Todas elas tinham interesse em casar contigo?

W — Não, mas duas vezes pensei em casamento.

JB — E por que não casou? Você gostava e não amava?

W — Como é que eu vou poder dizer isso? Às vezes a gente gosta mas não dá certo. Então a culpa é dos dois.

JB — Quando você conheceu Priscila tinha alguma outra namorada?

W — Não, eu estava sem namorada há muito tempo. Me dedicava só ao caratê.

JB — Como é que você conheceu a Priscila?

W — Numa rua de Ipanema, onde eu tomava cerveja. Gosto muito de Ipanema, minha turma é de lá. Priscila passou, olhou para mim, eu olhei para ela e a convidei para tomar uma cerveja. Ela aceitou e nós começamos a comer bolinho de bacalhau.

JB — E aí?

W — Aí você pega a mão, o antebraço, pega o cotovelo, daqui a pouco faz um carinho na mão, começa a namorar.

JB — Quanto tempo namoraram antes de viver juntos?

W — Um mês.

JB — Você tinha certeza que gostava dela?

W — Absoluta. Ela também.

JB — Você acredita que essas duas ou três tentativas de fuga dela tenha sido uma forma que ela encontrou de dizer que gosta de você?

W — Sim.

JB — Mas você tem mesmo certeza que Priscila gosta de você?

W — Depois da declaração aos jornais e da mãe dela, não posso dizer mais nada. Acho que a cabeça dela não está boa.

JB — Você diz que a mãe de Priscila proibiu o namoro depois de saber que você não tinha bens, como foi isso?

W — Todos me tratavam muito bem até que a Priscila e sua avó começaram a dizer que a mãe não estava aprovando o namoro. Dizia que eu era muito velho, muito grande e Priscila muito pequenininha. Também que eu ganhava pouco. Ela reclamava que a mãe estava querendo mandá-la para outro Estado. Um dia a mãe telefonou e disse: "Escuta aqui, cara, como é que você com 30 anos ainda não comprou um apartamento próprio? Você é um fracassado na profissão. Nunca vai ter condições de dar conforto a minha filha. Se você é homem, vai lá em casa me enfrentar hoje à noite.

Idade

A mãe dela me telefonou e disse: "Escuta aqui, cara, como é que você aos 30 anos ainda não comprou apartamento?"

JB — E o que você disse?

W — A senhora vai me desculpar mas vou conversar com seu marido. Ela disse então que quem mandava na filha era ela e começou a me xingar de um monte de nomes. E eu disse com toda educação: Dona Naide, se a senhora vai continuar me insultando vou desligar o telefone. Então a Priscila tomou o telefone e eu lhe disse que fosse me encontrar à noite na Praça São Salvador para quando o pai dela chegar bater um papo com ele. Nessa noite então eu fui para lá.

JB — Mas por que as coisas tomaram esse rumo? Foi de graça?

W — Nunca tratei os pais de Priscila mal. Nunca. Sempre com o maior respeito.

JB — E essa história de que você abriu a braguilha?

W — Esse foi o argumento que a mãe dela usou para colocar o pai contra mim. Até então ele era a meu favor.

JB — Então ele aprovava o namoro, ela não?

W — É isso mesmo. Uma vez ela começou a gritar, escandalizando a rua, que eu tinha que provar que era homem. Então eu disse que não tinha de provar nada a ela além das boas intenções que demonstrei pela filha. Foi aí que ela começou a espalhar que eu tinha aberto a braguilha no meio da rua. Imagina se eu ia fazer uma coisa dessas. Seria uma falta de classe. Sou de uma família que só tem gente, vamos dizer assim, intelectual. Todos são formados, médicos, dentistas. Meu avô foi ministro, papai era empresário de artista...

Braguilha

Imagina se eu ia abrir a braguilha no meio da rua. Seria uma falta de classe

JB — E a avó, aprovava?

W — A avó aprovava, mas, quando a mãe começou a envenenar, dizendo que eu era traficante, toxicômano, suicida, homossexual, ladrão e, recentemente, assassino, começou a desaprovar. Toda a família ficou contra.

JB — E o que é você, afinal?

W — Eu não sou nada disso. Tanto que abri uma queixa na 16ª DP por difamação e calúnia porque não podia mais tolerar escândalos em frente ao meu prédio.

JB — Você nunca usou tóxico?

W — Acho que esta pergunta não cabe agora. Você sabe que muita gente de nossa geração já experimentou. Todo mundo experimenta. O que posso te assegurar é que abomino o uso de tóxico porque estabelece um vínculo com a marginalidade. Seu uso prejudica até o feto e a minha intenção era ter filhos com Priscila.

JB — A Priscila usa tóxico?

W — Comigo nunca usou. A mãe dela dizia para mim que Priscila era maconheira, que já havia se prostituído. E eu disse que o que Priscila fez no passado não me interessava. O importante é que ela está sendo correta comigo. Eu queria esclarecer também que nunca farei uso de tóxico também porque isso causa impotência sexual. E afinal de contas você pode ver que sou um amante apaixonado. Sou um atleta, educador, trabalho com crianças, não posso viver fazendo uso disso.

JB — Você já fez tráfico de entorpecentes?

W — Jamais. Nunca fiz tráfico. De maneira nenhuma.

JB — O que você acha do homossexualidade?

W — Acho o homossexualismo a coisa mais abominável que existe na face da Terra. Contraria todas as leis de Deus. Tanto que acho que o vírus da Aids é um vírus divino. Depois de milhões de anos Deus resolveu tomar uma providência, a nível de vírus, para acabar com essa pouca vergonha.

JB — Como era seu relacionamento com Priscila enquanto vocês viveram juntos?

W — Ah, ela me acompanhava como um carrapato a todos os lugares. Até ao meu trabalho. Eu tinha muito prazer que ela fosse comigo. Só não sei como Priscila tinha paciência.

JB — Priscila é a mulher de sua vida?

W — Amo Priscila mais do que a mim mesmo. E acho que uma das provas disto é que suportei inúmeras ameaças de morte de seus pais e jamais a abandonei.

JB — Depois que a mãe dela começou a implicar com você, como reagiu o pai dela?

W — Eu pedi ao pai dela que intercedesse a meu favor e ele disse que achava difícil. Disse que a mulher era capaz de passar por cima do cadáver dele para conseguir tudo o que quisesse.

JB — E como vocês foram morar juntos?

W — Primeiro eu perguntei a um advogado amigo meu, o Marcos Giovenko, se podíamos morar juntos. E ele disse que com 19 anos podia. Não satisfeito fui à 16ª delegacia e perguntei ao delegado Cládio — acho que o sobrenome dele é Waibel — e ele também disse que sim. Então passamos a viver juntos.

JB — Depois houve uma reconciliação entre você e os pais dela?

W — Depois de eles terem dado queixa na delegacia de desaparecimento, depois que a mãe disse que la deserdá-la, eles acabaram propondo uma reconciliação marcando um encontro na pizzaria Guanabara.

JB — Como foi?

W — Eles propuseram que ela voltasse para casa. E tendo em vista que parecia ser verdadeiro o meu amor por ela propuseram a preparação de um enxoval para o casamento. Eu dei a maior força apesar de Priscila não querer deixar de dormir comigo de jeito nenhum. Eu ainda falei para ela que sua família tinha tradição de álbum de casamento. Ela acabou indo mas sempre que voltava à minha casa estava toda arranhada, machucada.

JB — Por quê?

W — Ela brigava com a mãe. Até que um dia, nesse bar onde ela disse que eu ia abrir a braguilha, a mãe falou: "Agora as coisas vão piorar para você. Não vou deixar você se encontrar com ele nem dia de semana, só fim de semana. Aí a Priscila voltou para a minha casa e eu a assumi. Foi aí que a mãe começou a me acusar de rapto consensual quando a Priscila passou a dizer que estava morando na casa de uma família amiga para tirar a minha responsabilidade. Mas na realidade ela dormia comigo todas as noites.

JB — Como é que foi esse negócio de ela ir na casa da mãe e ser internada, vocês brigaram?

W — De jeito nenhum. Uma tia dela morreu de derrame cerebral e apesar de não ter querido ir ao enterro Priscila resolveu passar uma segunda-feira com a mãe. Eu dei força. Assim que ela entrou em casa a mãe trancou a porta, disse que ela não ia mais sair de lá e começou a espancá-la.

JB — O pai dela reconheceu que bateu em Priscila?

W — Ele disse que ela foi drogada ver a mãe. Isso é um absurdo, uma mentira. Ela trancou a porta, começou a bater em Priscila, ligou para o trabalho do pai que veio para casa e também lhe deu uma surra. Ela foi atirada nas paredes, na direção da janela, que se quebrou. Priscila teve a mão cortada pelos vidros e os pais então chamaram a Patamo alegando que a janela quebrada havia sido por tentativa de suicídio. Botaram a menina na Patamo e foram de carro para a 9ª DP.

JB — E o que aconteceu na delegacia?

W — Priscila disse que havia sido espancada; os pais negaram e disseram que ela chegou enlouquecida, drogada, que havia tentado suicídio. Priscila então disse que ia ao banheiro, retirou-se da 9ª DP e veio ao meu encontro na oficina onde eu estava consertando a moto. Estava toda machucada, com hematomas no corpo, o dedo cortado. Teve de levar quatro pontos. Foi medicada no INAMPS da Henrique Valadares, onde a levei.

JB — Como você reagiu com o desaparecimento de Priscila?

W — Fiquei desesperado, mas só nove dias depois descobri que ela estava internado numa clínica. Foi Dona Lenita, uma senhora que a Priscila dormia na casa dela de vez em quando quem contou. Telefonei para o médico dela e ele autorizou-me a visitá-la. Disse que estava proibido pelos pais de fazer isso mas que achava errado. Foi afastado do caso por causa disso. Ele disse que a família armou um escândalo na porta da clínica. Disse também que Priscila só falava em mim.

AIDS

Acho que a Aids é um vírus divino. Depois de milhões de anos Deus resolveu tomar uma providência para acabar com a pouca vergonha

JB — Você ligou para a clínica?

W — Liguei e ela pediu-me que a tirasse dali. Falou que a estavam dopando, dando calmantes fortíssimos. No dia seguinte fui lá e ela me disse que não agüentava ficar ali nem mais um minuto. Os pais dela chegaram começaram a vociferar dizendo que ela ia ficar lá o tempo necessário para me esquecer.

JB — Wagner, como é que você se vê?

W — Com um desportista, que tem pretensões de ser um intelectual, um cara que ama a vida, gosta da natureza, é cristão. Uma pessoa que gosta de ser feliz e nunca foi odiada, que não tem inimigos. Não sei mais o que dizer.

JB — E Priscila como é?

W — Para mim é a esposa ideal. Amiga, dedicada, um pouquinho ciumenta, muito alegre, adora passear, adora participar de tudo o que eu faço. Uma pessoa que gosta muito da minha mãe que também gosta muito dela. Uma jovem maravilhosa, vaidosa, gosta de se pintar, se vestir bem.

Surras

A mãe trancou a porta, bateu em Priscila e chamou o pai que também deu uma surra. Priscila foi atirada nas paredes

JB — Como Priscila vê o pai e a mãe?

W — Ela diz que o pai é bom mas que bate muito nela. Da mãe sempre reclamou que quer dominá-la, decidir tudo por ela, tomar conta de sua vida. Ela diz que gosta dos pais mas que tem um péssimo relacionamento com eles. Ela tem medo deles.

JB — E como você vê a mãe de Priscila?

W — Uma pessoa sem iluminação espiritual. Acho que toda maldade provém de uma única fonte: o demônio.

JB — Você acha que Priscila, o pai e a mãe se amam?

W — Se existe amor é um amor doentio. Para botar a menina numa clínica, incomunicável... A Priscila já me disse uma vez que o pai e a mãe a odeiam.

JB — E ela nunca te disse o por que desse ódio?

W — Ela disse que os pais a culpam de tudo. Do mau relacionamento entre eles, inclusive. Dizem que ela só cria problemas para eles. Ela se sente muito rejeitada.

JB — O pai e a mãe de Priscila não têm uma boa relação?

W — Não, vivem se espancando mutuamente. Se ameaçam de morte.

Amor

Botar a menina numa clínica, incomunicável... Se eles amam a filha, só pode ser um amor doentio

JB — Os pais dela dizem que você tem braços e tornozelos tatuados.

W — Tenho. Priscila tem duas tatuagens também. Uma na perna e outra no pulso. A minha geração acha bonito.

JB — Os pais de Priscila dizem que ela tentou o suicídio. Você acha que Priscila quer morrer?

W — Priscila não quer morrer de jeito nenhum. Ela ama a vida.

JB — Você já traiu Priscila?

W — Nunca.

JB — Como têm sido esses 40 dias para você?

W — Os piores da minha vida.

JB — Você pretende procurar Priscila?

W — Ela declarou que não me quer. Então não tenho porque procurá-la. Tenho que respeitar sua vontade. Mas acredito que ela volte a me procurar. O que eu mais quero hoje é casar com ela.

JB — Como é viver uma paixão destas em pleno século XX?

W — O amor é eterno. Podemos estar na era atômica mas o amor continua o mesmo. Deus continua o mesmo.

JB — O que você pretende fazer?

W — Não sei, não entendo mais nada o que Priscila está falando. Acho tudo muito estranho. Só sei que vou morrer amando Priscila.

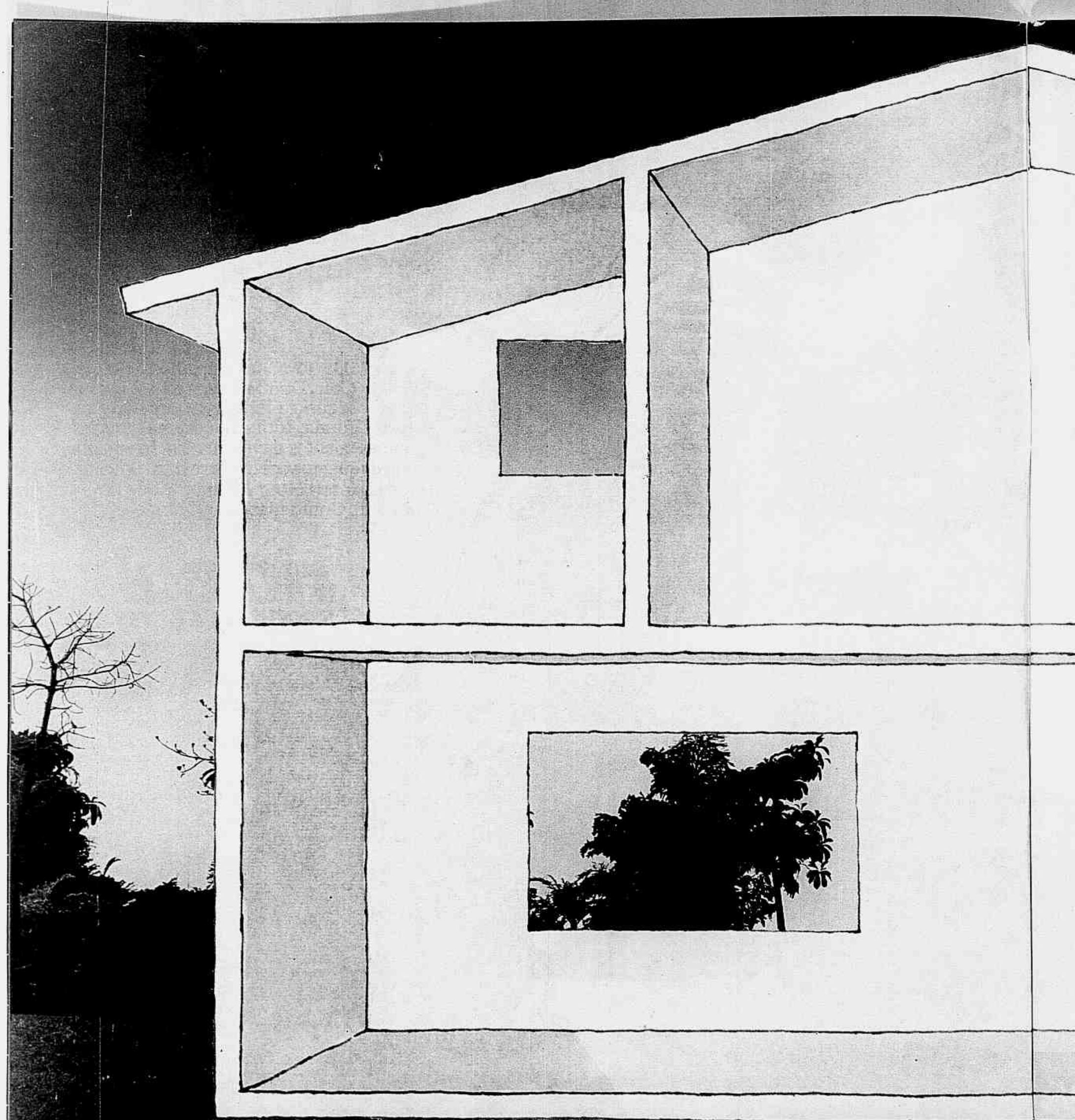
Ano 11, nº 541, 14 de setembro de 1986. Não pode ser vendida separadamente

DOMINGO
[JOR]NAL DO BRASIL

A GERAÇÃO ESTAÇÃO BOTAFOGO

5 x 660,00
5 VEZES
5 x 660,00
5 x 260,00
5 x 1.220,00
Aceitamos cheque Especial Fininvest
use center
R. Nicaraguá, 224 • Penha • 270-8493
Trav. Almerinda Freitas, 21 • Madureira • 390-3531

Happy
Hour
Também
É Happy
Moda.
Música E
Primavera-
Verão
No
Rio Sul.

MERCHAND
Prepare o seu corpinho que
o Rio Sul está lançando
moda. Alegre, sofisticada,
jovem, muito "in".
Alta moda Primavera-
Verão com a assi-
natura das me-
lhores griffes.
E como se não
bastasse, tem
também Happy
Hour no Rio Sul.
De novo, nos finzinhos de tarde.
Com Don Harris, Victor Biglione,
Maurício Einhorn, Garganta Pro-
funda, Idriss Boudrioua e outros
grandes talentos da música dando a maior
canja enquanto você drinka e entra no clima da
moda. Happy Hour é Happy Moda no
Rio Sul. Como manda o figurino.
rio sul
shopping center
Patrocínio
do Happy Hour:
Moda Infantil
Baby Inn - 2º piso
Beijo Melado - 2º piso
Bonita - 2º piso
Bué - 2º piso
Giroflê-Giroflá - 3º piso
Local - 3º piso
Philippe Martin - 3º piso
Pituca - 3º piso
Pop Corn - 2º e 4º piso
Smuggler - 4º piso
Moda Masculina
Adonis - 3º piso
Bill Brothers - 2º piso
Borelli - 1º piso
Estilo - 1º piso
Fillipo - 2º piso
Forli - 1º piso
Giotto - 2º piso
Montferrat - 1º piso
Oliver - 1º piso
Public House - 3º piso
Saint James - 3º piso
Sandpiper - 4º piso
Toulon - 4º piso
Van Cleef - 1º piso
Moda Feminina
Andrea Saletto - 2º piso
Aspargus - 2º piso
Blu 4 - 3º piso
Boys and Girls - 2º piso
Cabana - 3º piso
Chocolate - 2º piso
Cribb - 2º e 3º piso
Dakar Collection - 1º piso
Festa - 1º e 3º piso
Folic - 2º piso
Gang - 3º piso
Green Grass - 4º piso
Krishna - 2º piso
Le Cotton - 1º piso
Mamy Blue - 4º piso
Mariazinha - 3º piso
Mil Folhas - 2º piso
Muleka - 3º piso
New Gipsy - 1º piso
Piu Bella - 1º piso
Rip - 4º piso
Roupeiro da Nicinha - 1º piso
Shop 126 - 2º piso
Smuggler - 2º piso
Station - 2º piso
Ultra Violeta - 2º piso
Xica Dona - 3º piso
Zoomp - 2º piso
Acessórios
Le Gadget - 4º piso
Les Cadeaux - 2º piso
Plus - 1º piso
Waterproof - 4º piso
Moda Unissex
Beltrami - 2º piso
Cantão 4 - 2º piso
Captain Gull - 4º piso
Chomp - 4º piso
Corpo & Alma - 2º piso
Dimpus - 3º e 4º piso
Fiorucci - 3º e 4º piso
Ki-Tanga - 4º piso
Maranatha - 4º piso
New Splan - 3º piso
Opção Levis - 1º e 3º piso
Pantshop's - 3º piso
Pé do Atleta - 2º piso
Philippe Martin - 3º piso
Pier - 4º piso
Polo By Kim - 3º piso
Posto C - 4º piso
Quebra-Mar - 4º piso
Redgreen - 2º piso
Rediey - 4º piso
Side Walk - 2º piso
Smuggler - 4º piso
Touch - 1º piso
Tshock Elétrico - 4º piso
Wrangler - 3º piso
Cama e Mesa
Casa Moysés - 1º piso
Casa Veneza - 2º piso
Catran - 3º piso
Moda Esportiva
Armazém do Esporte - 3º e 4º piso
Hang Loose - 4º piso
Ocean Pacific - 2º e 4º piso
Quadra I - 2º piso
Calçados e Bolsas
Beltrami - 2º piso
Cia dos Pés - 2º e 4º piso
Mon Chateau - 1º piso
Pé e Pé - 4º piso
Sagaró - 1º piso
Soft Shoes - 4º piso
Presentes em Geral
Abusa - 1º piso
Gabier - 1º piso
Nirvana - 1º piso
Sack's - 2º piso
Smell - 3º piso
Perfumes
Água de Cheiro - 3º piso
L'Aqua di Fiori - 3º piso
Maçã Verde - 3º piso
Terra do Sol - 3º piso
Restaurantes
Batata Inglesa - 2º piso
Casa do Chocolate - 3º piso
Chicken In - 3º piso
Kopenhagen - 2º piso
Mister Pizza - 2º piso
Papa Giovanni - 2º piso
Seu Nacib - 2º piso
(abertos aos domingos)
Cine Foto e Som
Colorcenter - 1º piso
Hi-Fi - 3º piso
One Hour Photo - 1º piso
Jóias
F & E Joalheiros - 2º piso
Frank Jóias - 3º piso
Frankel Jóias - 1º piso
H. Stern - 3º piso
Tabacaria
Galaxy - 1º piso
Floricultura
Florália - G 2
Ótica
Tânia & Wolf - 2º piso
Brinquedos
Hobbylândia - 2º piso
Rei das Mágicas - 3º piso
Livraria
Studio Livros - 4º piso
Acessórios Promocionais
Parrot - 1º e 3º piso

Sabe on
tudo o qu
esta casa não te

Casa shopping

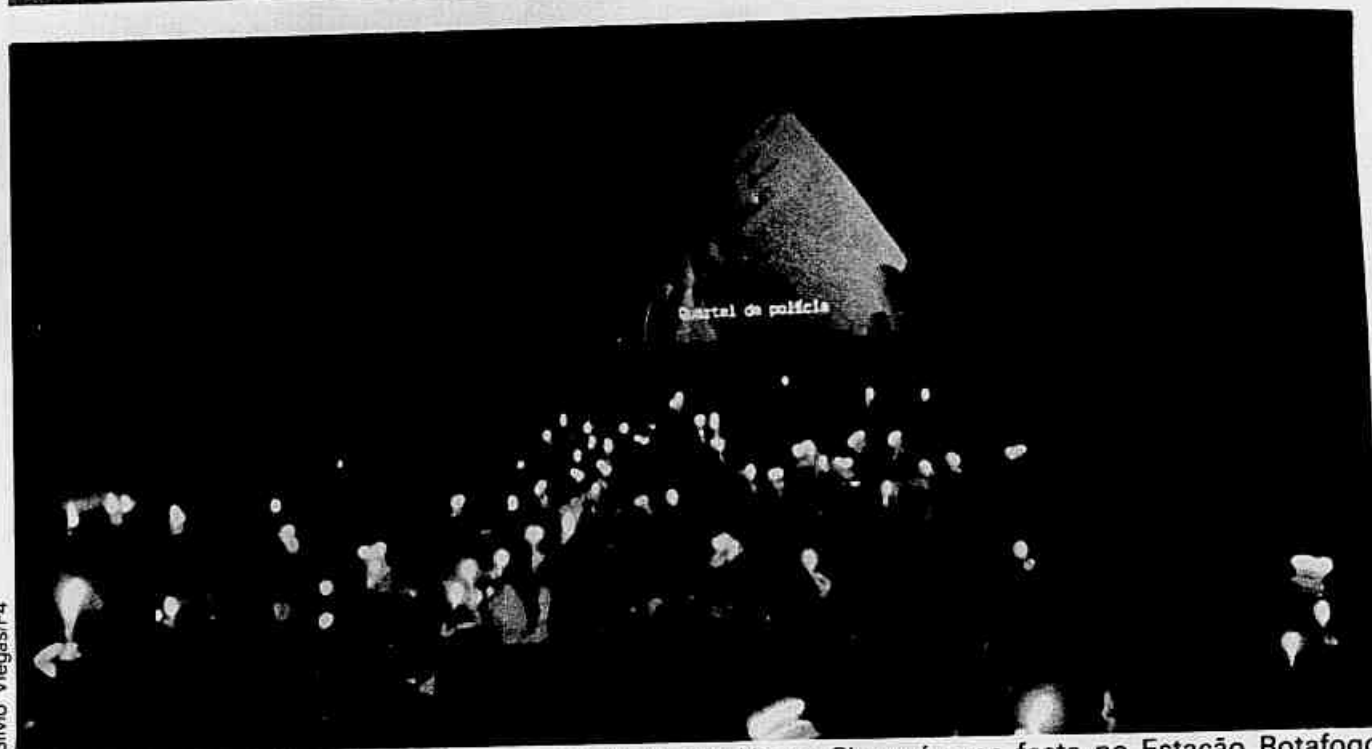
Av. Alvorada, 2150. Barra. Entre o Carrefour e o Makro.
Estacionamento amplo e gratuito. Aberto até as 10 da noite.

CASA DA CRIAÇÃO

Nº 541, 14 de setembro de 1986

Capa: Ilustração de Benício

Diretora
Maria Regina Brito
Editor
Artur Xexéo
Subeditor
Alfredo Ribeiro
Fotografia
Agência F4
Moda
Regina Martelli
Guiga Soares (produção)
Repórteres
Antônio José Mendes
Cláudio Figueiredo, Helena Carone
Helena Tavares, Lúcia Rito
Maria Silvia Camargo
Rose Esquenazi
Diagramadores
David Lacerda, Eliana Krajcsi
João Carlos Guedes
Laerte Moraes Gomes
Colaboradores
Dulce Caldeira
Elaine Uzêda
Liliana Schwob
Secretário gráfico
José Hildemar
Chefe de publicidade
Roy Taylor
Redação
Av. Brasil, 500/6º andar
Tel.: 264-4422/Ram. 610
Publicidade
Tel.: 264-4422/Ram.: 322
Gerente comercial em São Paulo
Tille Avelaira — Tel.: (011) 284-8133
Composição e fotolito
JORNAL DO BRASIL
Impressão
JB Indústrias Gráficas S/A
Av. Suburbana, 301
Uma publicação da Editora JB

sumário

Sílvio Viegas/F4

À meia-noite, a sessão de Rocky Horror Show é uma festa no Estação Botafogo

O cineclube do prazer

Houve um tempo em que cineclube era sinônimo de precariedade. Uma sala escura que só satisfazia e alimentava o ranço e a postura amargurada dos cinéfilos dos anos 70. Mas o prazer está a salvo, redescoberto pelas platéias jovens que freqüentam o Cineclube Estação Botafogo, o templo da Rua Voluntários da Pátria que sustenta com orgulho o rótulo de alternativo e promove o encontro de militantes estudantis, darks, pré-surfistas e pós-hippies. Uma turma que elegeu François Truffaut para ídolo das gatinhas e não tem nenhum receio de falar mal de Julio Bressane. Basta não gosta. de seus filmes. Sem angústias cinéfilas, a Geração Estação Botafogo mostra sua identidade na reportagem de capa que começa na página 28.

Apicius	Ele está com saudades dos secos e molhados	10
nomes	Luiza Brunet, Antonio Guerreiro, Lauretta...	12
profissões	A batalha dos produtores executivos	14
mania	Os colecionadores de cartões postais	20
perfil	Juca de Oliveira nos palcos cariocas	26
rádio	No ar, a Frivola City, uma estação pirata	34
moda	Grafismo também é estilo	36
usos e costumes	Os biquínis da Rio Fashion Fair	40
horóscopo	Seja mais carinhoso, canceriano	45

MERIDIONAL
em roberto simões

LANÇAMENTO
FAQUEIRO FINO 54 PEÇAS:

6 Colheres de mesa
6 Garfos de mesa
6 Facas de mesa
6 Colheres de sobremesa
6 Garfos de sobremesa
6 Facas de sobremesa
6 Colheres de chá
6 Colheres de café
1 Concha para terrina
1 Par Talher p/salada
1 Concha p/molho
1 Colher de açúcar

PREÇO PROMOCIONAL DE LANÇAMENTO:

LOUVRE **Cz$ 2.400,00 c/estojo**
PALACE **Cz$ 2.350,00 c/estojo**
TRIANON **Cz$ 2.500,00 c/estojo**
GUANABARA **Cz$ 2.100,00 c/estojo**

Em ROBERTO SIMÕES você encontra Baixelas e Talheres combinando, uma exclusividade MERIDIONAL!

BAIXELA LOUVRE - 9 PÇS.

1 Sopeira
1 Molheira
1 Prato - 25cm
1 Prato - 29cm
1 Travessa - 33cm
1 Travessa - 38cm
1 Travessa - 42cm
1 Prato fundo - 27cm.
1 Concha p/molho

Cz$ 2.500,00

TUDO EM 4 VEZES SEM ACRÉSCIMO!
ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO: NACIONAL, AMERICAN EXPRESS, DINERS, ELO, CREDICARD E FININVEST.

Coleção
MERIDIONAL
em roberto simões

r.

LOJ

Apicius

Secos e molhados

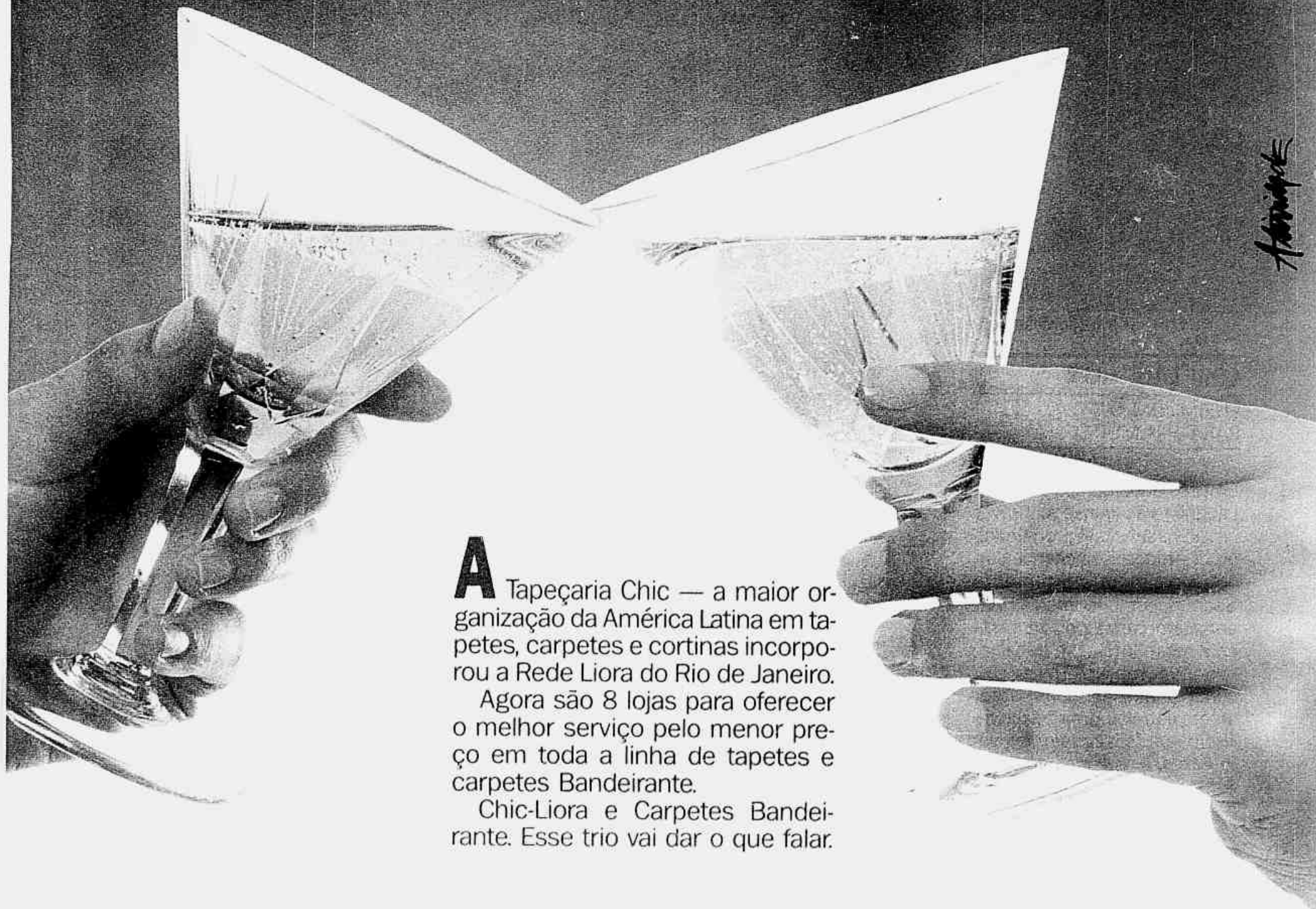
PICCADILLY

Rua Vigário Correas, 57. Correas

Gosto da história que contou-me, há tempos, já não sei quem. Não sei onde — preciso: sei que era aqui no Rio, o endereço é que me escapa, aliás nunca o tive — havia aqui uma excelente casa de secos e molhados. Mas eram secos e molhados completos, tais como hoje já não se os encontra — **champagnes** variados, vinhos bons, **patês** com trufas (trufas de verdade e não aquela essência diluída em imprecisos óleos), bacalhaus como os de antigamente. Pois era, então, antigamente. O Rio ainda não tinha perdido seu confuso encanto de capital misturado com porto e muito calor. (Só sobrou o calor.) As gentes mais sonhavam com Paris que com a boba Nova Iorque, que nada tem a ver conosco. (Aliás Paris também não tinha.) Logo (gostei da lógica impecável deste meu raciocínio) casas como esta da qual falo tinham serragem no chão, pois eram simples. E serviam bebidas em mesinhas.

Delas o freguês mais assíduo era o representante de certa companhia de navegação — cujo nome, por coerência, olvido. Certa noite, já tarde, ele acordou, por telefone, o dono do armazém, que jazia em casa. "A que horas abrem?" "Às 8", respondeu o português. (Pois era português, imagino.) Dez minutos depois, o telefone repete a mesma pergunta. E segue assim até alta madrugada. Então, o paciente que atendia, pergunta ao importuno freguês que ânsias repentinas o impeliam a sair de casa a tais horas. Ao que responde o infeliz que só pensava em voltar para casa. Mas tinha escorregado para baixo da mesa, adormecera atrás de um caixote e ficara fechado no armazém junto com os secos.

Lembrei-me desse senhor, no outro fim de semana, tomando uma **Bohemia** no **Piccadilly** de Correas. Que a casa retoma, talvez sem o saber, a tradição dos velhos importadores do Rio: servir bebida e algumas coisinhas no meio de seus secos e molhados. É o ambiente ideal. Há queijos nacionais (coisa, hoje em dia, raríssima), salmões (às vezes, um inteiro, defumado) latas inteligentes, vinhos, frios. Enfim: um armazém como os de outrora. Só que mais caro, mais arrumadinho, menor. Lá, creio, ninguém dormiria atrás de um caixote. (São pequenos.) Pouco importa. O lugar é adorável. Que para encontrar-se a alma do Rio antigo, leitor curioso, só saindo do Rio.

Enfim Juntas

A Tapeçaria Chic — a maior organização da América Latina em tapetes, carpetes e cortinas incorporou a Rede Liora do Rio de Janeiro.

Agora são 8 lojas para oferecer o melhor serviço pelo menor preço em toda a linha de tapetes e carpetes Bandeirante.

Chic-Liora e Carpetes Bandeirante. Esse trio vai dar o que falar.

MADUREIRA
Trav. Almerinda Freitas, 37 A
Fone: 350-2055

JACAREPAGUÁ
R. Pedro Telles, 648 A
Fones: 350-6160 / 350-6662

FLAMENGO
R. Marquês de Abrantes, 27 A
Fones: 265-1249 / 265-1398

COPACABANA
R. Barata Ribeiro, 87 A e 194
Fones: 541-5545 / 275-6446

tapetes e carpetes
BANDEIRANTE
fez o primeiro...faz o melhor!

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 131 A
Fones: 264-8616 / 264-8315

MEIER
R. Ana Barbosa, 16
Fone: 594-3242

BARRA
Av. Alvorada, 2.150 Casa Shopping
Fones: 325-5081 / 325-3812

20th Century Fox

Lori: admiradora secreta

LORI LAUGHLIN

ENFIM, UM MOTIVO PARA RIR MUITO

Em três anos de carreira, Lori Laughlin não conseguiu viver um só papel suave, romântico ou divertido. Essa chance surge agora com **Admiradora Secreta**, uma comédia que entra em cartaz no Rio ainda este mês. "Até esse trabalho, não tive motivos para rir", conta a atriz. E com razão: antes, estrelou uma telenovela em que foi seqüestrada sete vezes, e os filmes de terror **Amityville** e **The New Kids**, de arrepiar o cabelo.

Há pouco mais de seis meses, quando atuava como recepcionista na Fenit, em São Paulo, a manequim Vanessa Oliveira não podia imaginar o que a esperava: ser a modelo exclusiva da Dijon. Gaúcha, com apenas 17 aninhos, ela mostrou segurança absoluta na missão de suceder duas musas da moda — Luiza Brunet e Monique Evans. "É a manequim mais completa que já conheci", diz de sua nova pupila o empresário Humberto Saade. Vanessa já estreou com as cores da Dijon na nova campanha da griffe. Um sucesso.

ROBERTO D'ÁVILA

UM PERFIL INTEGRAL DO DITADOR FIDEL

Esse paulista de 37 anos formado em História pela Sorbonne, ex-correspondente na França, empresário da televisão e candidato a uma cadeira em Brasília nas eleições de novembro, está chegando ao livro. Chama-se **Fidel em Pessoa** e reúne em 200 páginas a íntegra da entrevista concedida a D'Ávila pelo ditador cubano. "Das seis horas de gravação muita coisa não foi mostrada na TV", conta. "Entre elas, as opiniões de Fidel sobre De Gaulle, Churchill, Kennedy, Mao e Lênin". Os cubanófilos vão ter com que curtir.

D'Ávila: um Fidel inédito

Schmidt: de galã a cinéfilo

CARLOS SCHMIDT

DE ORSON WELLES A LIBERTAD LAMARQUE

Quando menino, o sonho do gaúcho Carlos Schmidt era ser galã do cinema, mas, ao invés disso, o tempo fez com que se transformasse num arqueólogo cinematográfico, como ele próprio se define. Com um acervo particular de quase 600 títulos de todos os gêneros e épocas, está inaugurando o Ponto de Cinema, uma sala confortável em Porto Alegre. Mas não assistirá à sua estréia: está partindo para novas aventuras em busca do filme perdido, desta vez, rumo ao Oriente. "O rato cinéfilo não pára", conclui.

JEANNETTE PRIOLLI

SENSUALIDADE ELEGANTE SEM PASSIVIDADE

Depois de ter exposto com sucesso em Paris e Bruxelas, de ter suas obras incluídas no acervo do MAM de São Paulo, Jeannette Priolli inaugura depois de amanhã, na galeria Paulo Klabin, sua primeira exposição carioca. Formada pela Fundação Armando Alvares Penteado e a École de Beaux-Arts de Paris, a artista inaugura também um novo estilo — o anterior, Labirintos, era tão complexo que nunca chegou a ser mostrado ao público. Nesta exposição que leva apenas a sua assinatura, Jeannette Priolli mostra seis telas enormes — uma delas mede cinco metros de comprimento por dois de altura — retratando o exercício do movimento do corpo. "É uma sensualidade ambígua, agressiva e elegante que recusa contemplação e passividade", explica.

Jeannette: o corpo na tela

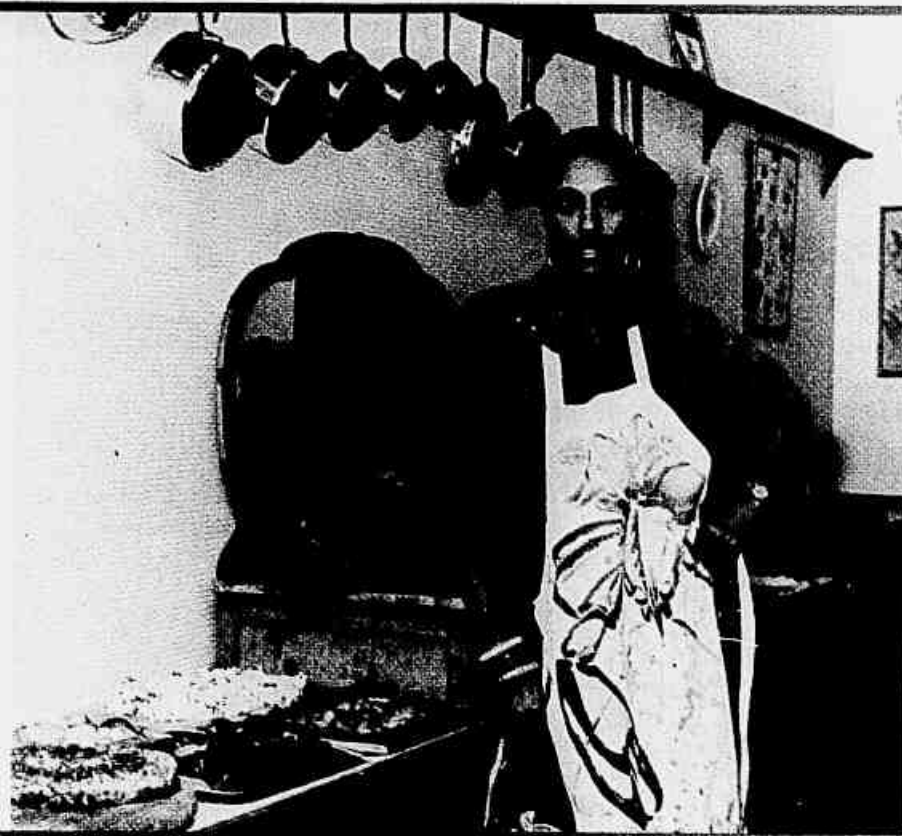
Luiz Carlos David/F4

Luiza e Antonio: sucesso garantido

LUIZA BRUNET E ANTONIO GUERREIRO

UMA DUPLA EM LIVRO

Promete ser o livro do ano. Aproveitando sua excelente forma física e a guinada profissional que deu em sua carreira — desfilou para Saint-Laurent em Paris e desde a semana passada seu rosto invadiu os Estados Unidos na campanha de lançamento dos **jeans** Calvin Klein — Luiza Brunet já está fotografando com Antonio Guerreiro para **Um Século de Mulher**. O livro terá 120 fotos e mostrará a manequim com trajes que passeiam pelas décadas de 1910 ao ano 2000 em climas e situações diversas, até mesmo debaixo dágua. Os textos virão assinados por personalidades como Carlos Drummond de Andrade enaltecendo a beleza da morena que na opinião de Guerreiro "é atualmente a mulher mais cobiçada no país." A tiragem inicial do livro é de 400 mil exemplares e a dupla aposta no sucesso da empreitada. "Luiza é uma revelação", diz Guerreiro.

A culinária afrodisíaca e a literatura mantêm entre si uma relação secular. Comer e Amar, **o livro que Lauretta escreveu com Okky de Souza, é a prova disso. "Não fui eu quem inventou a cozinha afrodisíaca", diz Lauretta. "Na verdade, quero apenas transmitir uma filosofia do paladar". O livro é leve, bem temperado e transmite uma agradável sensação de bem-estar, recomendável não só aos amantes da culinária como também àqueles que queiram despertar novos amores — ou reaquecer amores antigos. "Depois de ler o livro fica mais fácil que as coisas aconteçam", garante Lauretta.**

Há brilho atrás dos refletores

Rose Esquenazi

Produzir é uma arte que exige talento e só aparece quando alguma coisa dá errado

Lewy Moraes/F4

Lelé já arrumou até guindaste em Angola

O trabalho delas costuma saltar aos olhos quando alguma coisa dá errado. Aí então alguém fica vermelho de raiva e manda chamar a produtora executiva, essa especialista em quebra-galhos que cuida de todos os detalhes para que o artista possa criar na música, na televisão, no cinema, na publicidade e, mais recentemente, até no jornalismo. Coisas da profissão. É preciso rapidez, eficiência e criatividade para se dedicar a este mercado em expansão e que tem sido mais procurado pelas mulheres, quase sempre mais pacientes e detalhistas do que os homens. Não é uma exclusividade feminina. Que o diga Luis Carlos Pereira Filho, o Lelé, produtor de discos que se assume como "babá de músicos". É para ele e para outras quatro produtoras — Miriam Lemos, Rita Moreno, Kiki Weissenberg e Betty Faria (estreando no setor) — que **Domingo** acende seus refletores. Uma chance rara para quem quase sempre está do outro lado do brilho.

A PIADA É UMA ARMA — A produtora de publicidade Miriam Lemos, 28 anos, encontra tempo para comprar quilos de prego, cola e madeira, comida para uma trupe, alugar caminhões e refletores. Difícil para ela é arranjar um minuto para levar o seu fusquinha 64 — parado na porta de sua casa — na oficina do outro lado da rua.

Ricardo Azoury/F4

Arroz e feijão ou salada. A receita de Míriam para agradar gregos e troianos

"Produção de um comercial de 15 ou 30 segundos é na verdade um mini-mini-longa-metragem e a gente tem que fazer uma verdadeira gincana para conseguir tudo em tempo", explica. A maratona começa com um telefonema das agências e produtoras de publicidade pedindo para que Miriam "vá para lá voando". Formada há dois anos e meio em Comunicação, Miriam Lemos, mineira de Cataguases, larga o **Cocker Spaniel** Carolina, os vasos de planta por aguar e "voa" para a reunião. Dos diretores executivo e fotográfico, assim como do cenógrafo e figurinista, Miriam recebe uma enorme lista do que deve comprar para aquele comercial.

Daí para frente, virar a noite trabalhando passa a ser uma coisa corriqueira. "Às vezes, durante uma noite a equipe começa a ficar irritada e então é preciso que se conte uma piada ou que se faça uma brincadeira para que o humor volte ao estúdio", conta Miriam. O truque resolve mesmo quando a bruxa anda solta e tudo sai errado da iluminação ao cenário. "A produtora é a grande mãe que tem que agradar a gregos e troianos", admite. Mais difícil é agradar a todos os apetites. Mas Mirian já sabe que o pessoal da técnica não passa sem um arroz, feijão, farofa e bife com batata frita enquanto os diretores e atores ficam mais felizes com uma salada caprichada, mesmo que a fome bata às quatro da manhã. Se algum prato não estiver do agrado geral, a culpa sempre é da produtora.

Levy Moraes/F4

Betty chegou a chorar na beira do rio

NA PRAIA CERTA — Muitas vezes o produtor musical Luiz Carlos Pereira Filho, o Lelé, 28 anos, se considera uma verdadeira babá dos músicos. Principalmente quando viaja para algum **show** e tem que resolver problemas loucos e variados. Num espetáculo de música popular em Lobito, Angola, em 1980, Lelé precisou fazer companhia para a mulher de um músico com medo do escuro — havia falta de energia por lá — e arrumar um guindaste de uma hora para outra. A missão quase impossível, segundo ele, era passar um piano por cima de uma porta numa praça de touros.

Mais estimulante para Lelé é participar da escolha de estilo de um novo disco — determinar "a praia", segundo a gíria de estúdio — chamar músicos para uma gravação e até encomendar músicas novas para grandes estrelas. No novo disco de Ney Matogrosso, **Ensaio de Amor,** de Leoni, e **Fratura (não) Exposta,** de Cazuza, foram conseguidas por Lelé. O próximo

disco de Simone também terá o dedo do produtor. "Somos os soldados da batalha e nossa função é preservar o artista", explica Lelé, que freqüenta as casas noturnas com música ao vivo para conhecer as novas safras de composições. Amigo de Erasmo Carlos, João Bosco e Milton Nascimento — "ele foi o meu padrinho" —, Lelé pensa às vezes em mudar de profissão. Mas depois de pesar os sete anos de experiência, curtir ver seu nome na capas dos discos e ainda poder circular livremente entre os grandes da música popular, Luiz Carlos descobre que caminha na praia certa.

CASACO DE JEGUE — O cineasta Nelson Pereira dos Santos achou que a atriz Betty Faria, 44 anos, estava brincando quando pediu para trabalhar como produtora executiva no seu filme **Jubiabá**, ainda inédito. "Eu estava falando sério e acabei caindo de boca numa produção de época, bem no sertão da Bahia", conta. Betty queria experimentar o cinema por trás dos refletores e acha que depois disso mudou sua atitude no trabalho. "Todo ator deveria experimentar uma produção pelo menos uma vez na vida", aconselha.

Não foi fácil encomendar polainas e vestidos da década de 30 nas pequenas cidades de Cachoeiro e Muritiba, a duas horas de Salvador. Às vezes tinha que viajar horas para encontrar um determinado tecido ou botão. Os artesãos, na tranqüilidade comum baiana, pediam calma. "Mas como ter calma se o Nelson precisava daquilo naquela mesma noite?", pensava, nervosa, a produtora. Muitas vezes ia para a beira do rio chorar sozinha e se perguntar por que decidira virar saco de pancada de todo mundo. "Porque ser produtora é isso mesmo", encontrou a resposta.

Ser chamada de membro do Exército de Brancaleone — o exército que fazia tudo errado no filme de Mário Monicelli — também deixava Betty decepcionada. Mas o esforço valeu. Na primeira vez que viu seu trabalho projetado na tela, ela chorou. Estava encerrado um dos ciclos mais complicados de sua carreira. Uma temporada de situações insólitas. Decepção maior ela teve na produção de um casaco para um jegue e que exigiu idas e vindas pela cidade levando o animal para provar a roupa. Na hora de filmar, o jegue ficou nervoso e o diretor desistiu de incluir a sua participação. No final das filmagens, com menos cinco quilos, desidratada e estressada, Betty conclui que quer fazer muito cinema, mas, por enquanto, na frente das câmeras.

CONTRA OS BEIJOS — A profissão é nova na televisão brasileira mas Kiki Weissenberg, 30 anos, já é uma **expert** como produtora de reportagens. Há oito anos na Globo, Kiki começou como estagiária no jornalismo e assumiu novas funções no **Globinho** e no **Bom Dia Rio**, onde tinha que convencer os entrevistados de que era "ótimo tomar café da manhã às seis horas com toda a equipe de produção em volta". Marcar entrevistas difíceis é apenas uma das atividades do produtor de reportagem. "Isso facilita a vida do repórter e do editor que têm muito pouco tempo para aprontar as matérias que vão entrar nos telejornais", explica.

Com o material gravado, a produtora também providencia o que falta em sonorização e imagens para que aquela reporta-

Luis Carlos David/F4

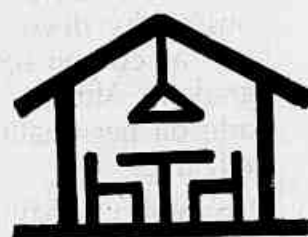
Para que a imagem saia perfeita, Kiki já levou até bolsada no meio da rua

gem seja finalizada. O que mais se exige de um produtor, entretanto, são as coordenadorias ao vivo quando sai à rua junto com a equipe da Globo. Através de um áudio Kiki recebe orientação do estúdio e informa ao repórter, através de gestos, se ele deve correr ou andar mais devagar na sua entrevista ou ainda se deve falar mais alto ou mais baixo no microfone. "A Leila Cordeiro e eu nos entendemos perfeitamente", orgulha-se Kiki. Difícil mesmo é conter a população que quer aparecer a todo custo na tela da Globo. Certa vez, uma velhinha resolveu beijar o repórter Carlos Nascimento durante a cobertura da internação do Presidente Tancredo Neves. "No primeiro dia consegui que ela beijasse o Carlos depois da gravação", conta Kiki. "Mas no segundo dia, a velhinha cismou de beijá-lo ao vivo." Kiki foi mais enérgica e acabou levando com a bolsa da senhora na cabeça.

TRABALHO DE LOUCO — Na frente, o vestido está impecável, mas atrás está todo apertado com pedaços de fita crepe, já que o tamanho da roupa é muito maior que o número da manequim. O truque é velho, mas muito eficaz numa produção de moda para jornal. Há três anos Rita Moreno, 32 anos, trabalha nessa função ao lado de Iesa Rodrigues, a editora de moda do Caderno B, do JORNAL DO BRASIL. Sua experiência começou quando ainda era casada com o fotógrafo de moda Márcio Madeira e com ele ia cobrir os desfiles parisienses. Num caderno de telefone, Rita mantém números de 100 modelos adultos e, em outro, quase o mesmo número de modelos infantis.

"É um trabalho louco", sintetiza Rita

"É um trabalho de louco, que não acaba nunca", analisa. Tanto faz estar na rua ou em casa que as sugestões de pauta continuam a ser feitas. Depois de estabelecer com a editora de moda que matéria deve ser realizada, Rita sai em campo contratando manequins, recolhendo os figurinos, que são devolvidos depois das fotos prontas, e decidindo o melhor cenário. Com tudo isso pronto e arrumado, é preciso rezar para que não chova — se a foto vai ser ao ar livre.

Os amigos de Rita já se acostumaram a vê-la em cima de um palco de uma gafieira trabalhando na criação de um clima real para as fotos junto a um músico ou na praia, às seis da manhã, para uma produção de biquinis. Ali na areia, Rita Moreno ajuda a manequim a trocar de roupa, improvisando um roupão como um eficaz biombo humano. Coisas que não aparecem nos jornais.

A Arte de Degustar e Combinar Queijos e Vinhos

É notável a evolução dos vinhos e queijos nacionais. A cada ano novos produtos, cada vez mais sofisticados, são colocados à disposição dos consumidores. Nomes como Cabernet Sauvignon e Port-Salut soam cada vez mais familiares aos brasileiros e observa-se um grande interesse em aprender a degustar bem esses dois nobres produtos. Degustar bem significa combinar bem. É uma verdade universal que não existe nada mais adequado para acompanhar um bom vinho, que um bom queijo e vice-versa. Mas a coisa começa a se complicar quando chega o momento de escolher qual o vinho que combina melhor com determinado queijo. Sobre este assunto existem milhares de tratados. Especialistas de toda a Europa dedicaram anos de estudo sobre as mais diversas combinações. Uns partem dos vinhos para escolherem os queijos, outros iniciam os estudos com os queijos para selecionarem os vinhos mais apropriados. Os resultados, é evidente, são os mais diversos possíveis, embora algumas combinações, ao longo do tempo, tenham se consagrado universalmente, como o casamento perfeito do famoso queijo inglês Blue Stilton com o vinho do Porto ou dos tintos de Bordeaux com o célebre Brie, que foi considerado o "Rei dos Queijos" no Congresso de Viena, em 1814, após a derrota de Napoleão.

Mas, e nós brasileiros, como é que ficamos nesta história toda? De que adianta tomar conhecimento das mais diversas combinações, se os queijos e vinhos citados não se encontram à venda normalmente em nosso mercado? Para Jair Leandro, especialista em queijos e Gerente de Marketing dos Queijos Finos Luna e Dana, a questão se resume em adaptar as combinações existentes com os produtos nacionais . Nossos queijos e vinhos já alcançaram um nível elevado, com padrões internacionais, ressalta Leandro, portanto nada mais adequado que estudar as combinações possíveis entre eles. Respeitando os parâmetros observados pelos especialistas de todo o mundo chegamos a resultados surpreendentes que nos permitem obter o máximo aproveitamento das características de cada produto, diz Leandro, embora destaque que cada consumidor deve, primeiramente, fazer as combinações que mais lhe agradem. Afinal, o gosto próprio faz parte da personalidade de cada indivíduo.

O primeiro trabalho divulgado sobre combinações de queijos e vinhos brasileiros foi uma iniciativa dos Queijos Finos Luna e Dana em conjunto com a Almadén, empresa que tem se destacado na produção, comercialização e divulgação de vinhos finos, com um esforço mercadológico que resultou na conquista do Top de Marketing em 1985, culminando com a obtenção do Super-Top de Marketing, em seguida.

Giuseppe Nahaissi, Gerente Geral da Almadén, foi um dos incentivadores do trabalho de combinações técnicas elaborado pelos técnicos da Almadén e dos Queijos Finos Luna, e está bastante animado com os resultados obtidos até o momento e otimista com relação ao futuro. Para ele, o importante é oferecer várias opções aos consumidores. "Se nós sabemos que o brasileiro em geral demonstra preferência por vinhos brancos, por que não abrir o leque nessa direção?" enfatiza Giuseppe.

A Almadén possui a maior linha de vinhos do Brasil, todos finos, obtidos de vitiviníferas superiores. A combinação desses vinhos com a variada linha de queijos finos Luna e Dana resultou em um casamento perfeito, conclui Mauricio Arruda, gerente de propaganda da Almadén, outro dos envolvidos no processo de combinações de queijos e vinhos.

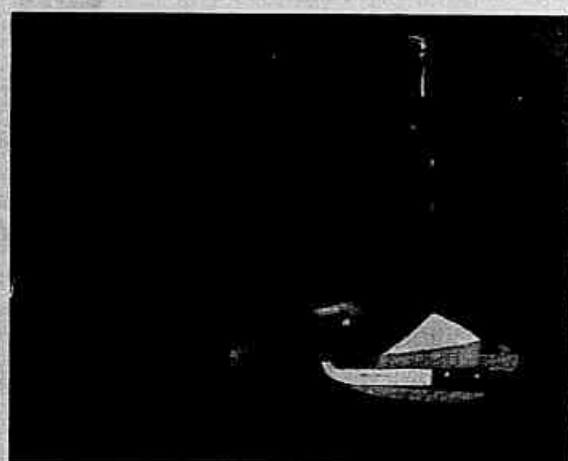
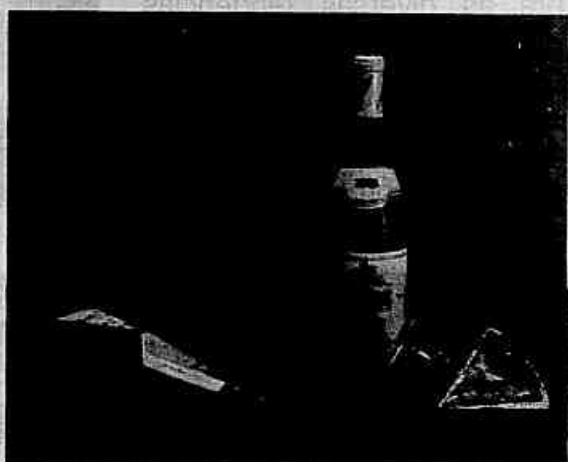
Uma mesa de queijos e vinhos reúne sofisticação e **charme** e incentiva a degustação.

Brie	Cabernet Sauvignon, Cabernet, Merlot e Rouge de Palomas
Camembert	Semillon Blanc, Chardonnay, Blanc de Palomas e Pinot Noir
Cheddar	Pinot Noir e Rouge de Palomas
Colônia	Riesling, Chenin Blanc, Saint-Emillion, Sauvignon Blanc e Rosé de Palomas
Estepe	Saint-Emillion, Rosé de Palomas e Cabernet
Fondue	Semillon Blanc e Chardonnay
Gorgonzola	Cabernet Sauvignon, Cabernet, Merlot e Rouge de Palomas
Gouda (jovem)	Pinot Noir, Merlot e Rosé de Palomas
Gouda (maturado)	Cabernet Sauvignon e Rouge de Palomas
Gruyére	Pinot Noir, Merlot, Chardonnay e Semillon Blanc
Itálico	Sauvignon Blanc e Semillon Blanc
Port-Salut	Cabernet e Merlot
Prato	Saint-Emillion e Rosé de Palomas
Saint-Paulin	Pinot Noir e Rouge de Palomas
Tilsit	Saint-Emillion, Riesling, Sauvignon Blanc e Blanc de Palomas
Festa de Queijos e Vinhos	Cabernet Riesling ou Rouge de Palomas e Blanc de Palomas

Além do queijo e do vinho, outros elementos podem integrar a degustação, como pães e frutas. Jair Leandro lembra que um Camembert se completa com fatias de maçã verde e recomenda a degustação do Gorgonzola acompanhado de pêra. O resultado é surpreendente, conclui.

Jair Leandro e Maurício Arruda: resultados surpreendentes, graças ao nível atual dos queijos e vinhos nacionais

Foto: Silvio Gasparini

Chardonnay e camembert: uma combinação clássica ao alcance dos brasileiros

Brie, o rei dos queijos, e Cabernet Sauvignon, a rainha das uvas: casamento real

Rouge de Palomas com gorgonzola: combinação com sabor secular

Algumas Dicas para Aproveitar Melhor a Degustação

- Os queijos devem ser retirados da geladeira cerca de uma hora antes da degustação.
- Os vinhos devem ser servidos nas temperaturas indicadas para cada tipo. Os brancos entre 6° e 8° C e os tintos até 18° C. Portanto, em dias de muito calor, convém resfriar um pouco também os vinhos tintos.
- Utilize tábuas, facas e cálices apropriados. O cálice "Tulipa", por exemplo, serve para vinhos tintos, rosés e brancos e possibilita uma apreciação melhor do "bouquet" do vinho.

Os caçadores de raridades

Lucia Rito

Colecionar cartões-postais virou mania entre cariocas

Era o meio de comunicação mais eficiente do início do século. Para driblar a falta de telefone as pessoas se comunicavam através de cartões-postais. O hábito era tão difundido que era comum as famílias colecionarem em álbuns os cartões recebidos, e dezenas de ilustradores ficaram famosos graças aos cartões que criaram. Os costumes, a política e a vida, tudo era diferente. E é na tentativa de resgatar o colorido romântico deste tempo que muita gente voltou a colecionar cartões-postais. No Rio de Janeiro existem atualmente dezenas de apaixonados caçadores destes tesouros e foi com uma ínfima parcela do acervo de 33 deles que a Associação de Cartofilia carioca montou a exposição **Fascínio e Memória**, no Solar Grandjean de Montiginy na PUC, até o dia 27.

Os 600 cartões da Belle-Époque cuidadosamente selecionados para a exposição estão divididos em 52 temas e formam um curioso painel sobre as diversas tendências que frutificaram pelo mundo. Desde que o Império Austro-Húngaro decidiu aceitar, em 1869, correspondências sem o envelope protetor do sigilo, pagando uma taxa inferior à normal quando escritas em cartões próprios, a mania dos postais virou uma paixão que só arrefeceu depois da guerra, quando a vida e os meios de comunicação mudaram. Atualmente, na Europa, o número de colecionadores de cartões só perde para os apreciadores da filatelia. "O que aconteceu foi uma espécie de recolecionamento a partir dos anos 80, quando o cartão-postal comemorou seu centenário", explica Yolanda Roberto, 57 anos, uma das maiores colecionadoras cariocas. "Hoje o colecionador se interessa por tipos e temas diferentes". Ela viaja anualmente para visitar os salões de cartões-postais na França e na Inglaterra, indica sem hesitar uma bibliografia de até 180 livros sobre o assunto e seus 20 mil cartões são tão valiosos que seu nome já foi citado até no catálogo de Noëlle et Gerard Neudin, uma espécie de bíblia francesa para os aficcionados.

A.C. e D.C. — Colecionar cartões-postais exige um envolvimento tal que Yolanda Roberto chega a dizer que divide sua vida em A.C. e D.C., ou seja, antes e depois dos cartões despertarem sua atenção.

Luis Carlos David/F4

Marcelo prefere os de teatro

Levy Moraes/F4

Yolanda montou uma barraca na Praça 15 para trocar duplicatas

João R. Ripper/4

Belchior tem 45 mil cartões

"Não é só a beleza plástica, mas um mundo de informações sobre a política, hábitos e costumes de vários países que passamos a conhecer", maravilha-se. "O que eu sabia sobre a 1ª Grande Guerra não era nada, depois é que aprendi a decifrá-la através dos cartões." Até os anos 80, Yolanda Roberto pouco sabia sobre cartofilia até que comprou uma coleção da Baronesa de São Joaquim. "Era tão preciosa que me abriu os olhos e não parei mais." Hoje a colecionadora tem uma barraca na feira de antigüidades na Praça 15, onde se reúnem outros especialistas para repassar as duplicatas dos seus cartões, e é vice-presidente da Associação de Cartofilia do Rio, fundada em novembro do ano passado.

Como Yolanda Roberto, o maior colecionador carioca Elysio de Oliveira Belchior, que calcula ter entre 45 e 50 mil cartões, prefere os brasileiros. Ele coleciona há 20 anos e entre suas raridades destaca-se um cartão fazendo propaganda do chocolate Suchard, de 1876, impresso na Suíça. Belchior preside a Associação de Cartofilia que tem 53 associados e acha que a mania já está se proliferando por todo o país, apesar de ainda ser impossível definir o número de aficcionados. Para ele, colecionar cartões é aprender a conhecer o passado. "Tudo está gravado neles", raciocina. "O espírito da sociedade, os ideais de beleza, a guerra, a paz, o rei, o plebeu, o povo em seu trabalho, o transitório e o permanente, tudo foi registrado e eternizado às vezes num gesto fugaz e corriqueiro."

MOSAICO INACABADO — Passear pela exposição **Fascínio e Memória** é penetrar na intimidade de um mundo dividido em temas e por isso mesmo um mosaico inacabado. O primeiro deles são os inteiros postais, cartões oficiais encontrados no início do século em todos os países apenas com o selo já impresso e lugar para a mensagem. Há cartões deste tipo de 12 países diferentes, assim como os que mostram selos, moedas, cédulas e bônus. Noutra etapa, a família imperial brasileira, os primeiros papas, os caçadores de autógrafos e tudo o que se possa imaginar retratado num cartão. Há ainda o **Gruss Aus**, diminutivo alemão de lembrança, impresso por vários países, como também uma curiosa seleção de cartões editados pelos principais jornais cariocas.

Também os jovens se interessam em colecionar cartões-postais, e Marcelo del Cima, 22 anos, um dos organizadores da exposição, é um dos mais apaixonados. Ele chegou a organizar no ano passado uma pequena exposição no Cassino Atlântico com cartões de Sara Bernhardt e fotos de Marisa Álvares de Lima. E apesar de colecionar apenas há três anos, já possui 4 mil cartões, incluindo preciosidades como dois postais de Olavo Bilac, um deles com o verso "as horas de amor deveriam ter 60 séculos em vez de 60 minutos". Estes dois ▷

O Último Minuto do Ano, **homenagem à obra de Raffaello**

Anna Held, uma das musas da Belle-Époque, atriz de musicais

As Tagarelas, inspiradas na marchinha de Ari Barroso, em 1930

cartões Marcelo comprou num leilão há quatro anos por um preço que equivaleria hoje a Cz$ 10 mil, mas a maior parte de sua coleção é de cartões de teatro. Para descobrir novidades, ele freqüenta leilões, antiquários, feiras e se corresponde com outros colecionadores no estrangeiro. Marcelo não sabe precisar quanto vale hoje um bom cartão. "É muito raro, mas ainda se consegue bons exemplares até por Cz$ 10, embora os de cotação internacional, como os de ilustradores famosos como Henri Meunier e Alphonse Mucha, chegam a valer 300 dólares".

A variedade de temas e cartões é tão grande que o grupo de colecionadores que pertencem à Associação de Cartofilia demorou quatro meses para selecionar os 600 que enfeitam as paredes do Solar. Para a montagem da exposição eles conseguiram o patrocínio de cinco empresas: a Argos, Brahma, Citibank, Fiat Lux e Souza Cruz e puderam editar um belo catálogo. A idéia é continuar fazendo mostras periódicas para atrair novos colecionadores. Até hoje só o MAM e a Casa de Rui Barbosa se interessaram em programar exposições sobre o assunto, embora o tema desperte atenção de um público cada vez mais numeroso, que tem comparecido em massa à PUC. Para os colecionadores, o importante são os cartões do início do século. Eles desprezam cópias e cartões recentes, embora os mais jovens não sejam tão radicais. "O problema é encontrar cartões recentes de qualidade", ensina Marcelo del Cima. "Os do início do século até hoje são incomparáveis". ●

Sugestões Em Foco Tel. 293-0203

SÓ CHARM ARTE CERÂMICA LTDA

Professoras — Decoradoras — Lojistas

Fabricamos cerâmica em Biscoito, abajour's kit's para bonecas, leques, bustos e artigos para presentes, além de possuirmos peças já decoradas conforme a foto.
R. Alice Tibiriçá — 112 — Vila da Penha   Estr. do Campinho — 369 — Campo Grande

Fone: 351-5278

ANTECIPE AS COMPRAS DE NATAL

A FRICOTE preparou para você muitas novidades em bonecas, bebês e pierrots porcelanizados, vestidos com riquíssimos tecidos ou mesmo bonecas simples de pano, uma criação original, única e sem repetição. **Preços especiais para lojistas.** Vale a pena conferir. A **FRICOTE** fica na R. Visconde de Rio Branco, 633 — Gr. 903/904 — Niterói-RJ. Tel. 717-8703 — Cep. 24030.

OFICINA DE BRILHO

(Bijouterias)

PRONTA ENTREGA

ATACADO/VAREJO

LOJISTAS E REVENDEDORES

Tel.: (021) 226-2163 — RJ.

CURSOS

- Decoração
- Perspectiva
- Paisag. — Jardin.
- Desenho Mobiliário
- Hist. Arte
- Pintura
- Fotografia
- Culinária Natural
- Andamento e Postura
- Etiqueta Social
- Mod. Manequim (sindicalizado)
- Secretária (espec.)
- Atualização Cultural
- Desenho Modas
- Modelagem Industrial

Novas turmas

Instituto Internacional de Cultura

R. Visconde de Pirajá, 580/219

Tels. 259-1898, 259-5348 — Ipanema

SECRETÁRIA (Especialização)

Devido a grande procura, o **INEP** está com inscrições abertas para o **curso de Atualização para Secretária**, aos sábados das 8 às 12h ou das 14 às 18h. O curso abrange Etiqueta, Arquivo, Administração, Psicologia, Português, Redação, etc. Com professores universitários de comprovada experiência. Certificado ao término do curso. O **INEP** também oferece **cursos intensivos de Idiomas, Teatro, Modelo, Fotografia, Pintura Guia de Turismo e Palestra de Medicina Natural.** Travessa Angrense, 14/ 4º andar — Copacabana. Tel: 255-0999

DE UBIRAJARA FIDALGO UM "TOP" PARA NOVOS MODELISTAS

Gente de toda parte do Brasil e exterior também descobriu a forma de crescer na indústria do vestuário, fazendo o curso de **Modelagem Industrial** com o método moderno de **Ubirajara Fidalgo**, cuja técnica é rápida, prática e econômica, até para quem não entende de costura. Abrangente para tecido, malha e lycra. O curso é intensivo de apenas 10 aulas com 4 hs, de duração, manhã, tarde e noite. Próximas turmas 15/09 e 29/09. Infs. R. Siqueira Campos, 143 Lj. 118 — Térreo — Shopping Center de Copacabana Tel. 275-4641.

Vestidos longos, curtos e de paetê, luvas, sapatos, bolsas, chapéus e arranjos. 2ª, 4ª e 5ª das 8:30 às 18h. 3ª e 6ª das 8:30 às 20h. Rua Cd. de Bonfim, 236 S/103. Tel. 264-8855 — Tijuca.

TEMPO DO RONCA

Conheça o que há de melhor em Artesanato Brasileiro e móveis antigos. Lindas peças para decoração. Vale a pena conferir. R. do Catete, 187 (entrada pela R. Ferreira Viana, s/nº)

Tel.: 225-7360.

Scotchgard

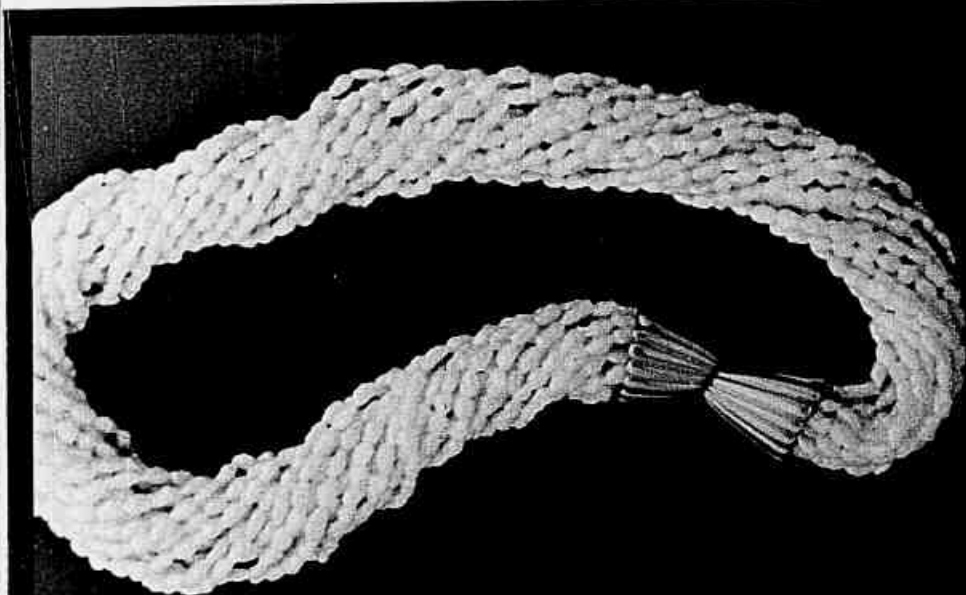
ANTI-MANCHAS

A CASA FRAM com tradição de 35 anos em lidar com estofados, há mais de 10 anos especializou-se na aplicação de impermeabilizantes anti-manchas SCOTCHGARD. Serviço de qualidade com garantia e ótimas preços. Confira! Rua Ataulfo de Paiva, 944-B - Leblon - Tels.: 294-2399 e 239-0644 e em VITÓRIA, ES. Tel.: 226-1365.

ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Inscrições ao Exame de Seleção poderão ser feitas até o dia 19/09/86, na Secretaria da EBAP, na Praia de Botafogo, nº 190, 5º andar, no horário de 9h30min às 12h00min e de 13h30min às 16h00min.

Ano 2, nº 76, 14 de setembro de 1986

DOMINGO

PROGRAMA

O Free Jazz agora na TV

leia na pag. 2

Ray Charles

Fotos de Gilson Barreto

Gerry Mulligan

Foto de Mabel Arthou

Stanley Jordan

BOLSA DE CONSUMO CULTURAL 8
CINEMA 9
O DIA DA CRIANÇA 14
SHOW 16
O BARATO DO DOMINGO 18
DOMINGO SEM LEI 19
TEATRO 20
ROTEIRO DA SEMANA 22

O melhor do jazz na Manchete

As grandes feras do Free Jazz continuam na órbita da cidade

José Carlos Brasil

Na Manchete, uma nova chance para conhecer o simpático Manhattan Transfer

Quem perdeu o II Free Jazz Festival pode parar de resmungar. Os que ficarem em casa hoje à noite vão poder ver pela TV Manchete o que durante uma semana foi o privilégio de uns poucos felizardos. Vai estar tudo lá no programa que vai ao ar às 19h, o primeiro da série de cinco especiais sobre o festival: a interpretação de **Georgia on My Mind** por Ray Charles, Stanley Jordan tocando à sua maneira **Eleanor Rigby** e Gerry Mulligan homenageando seu "irmão", como disse no festival, em **Tema para Jobim**. O espectador só não verá exatamente **todo** o Free Jazz devido às exigências dos empresários dos artistas que, pelo acordo com a Dueto, a empresa que produziu o festival, permitiram a gravação de um número limitado de músicas por artista. Assim, se o de Ray Charles foi mais generoso (liberou seis músicas), os fãs de Stanley Jordan vão ter de se contentar com apenas duas. Por isso, a cada domingo vai ao ar um programa que combina atrações de shows diferentes, com uma média de uma música por artista. Para Gregório Rubim, o diretor geral da série, essa acabou sendo mesmo a fórmula ideal. "Para o público mais amplo que não é fanático por jazz é melhor apresentar um programa mais variado, com muitas opções", explica ele.

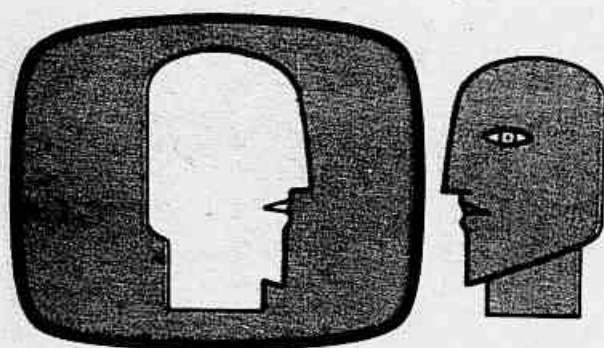
Um programa com todo o calor e emoção das apresentações ao vivo. É o que Rubim promete para esse especial. As câmeras vão acompanhar de pertinho Ray Charles e outros artistas saindo de trás dos bastidores direto para o palco e os aplausos da platéia. O público, aliás, também vai aparecer com destaque e as duas enormes gruas que a Manchete instalou no Hotel Nacional vão mostrar a que vieram. Duas câmeras no palco registraram detalhes das apresentações dos artistas e, para isso, tiveram alguns atritos com os **managers** americanos que zelavam o tempo todo para que o tal acordo sobre o número de músicas fosse cumprido. A série será apresentada por Scarlet Moon que entrevistou todos os artistas do festival. Hoje, no primeiro especial, Scarlet bate um papo com Ray Charles que foge das perguntas sobre seu envolvimento com drogas no passado e revela que se não fosse músico teria certamente seguido a carreira de advogado. Stanley Jordan é o outro entrevistado do programa de hoje e vai falar com mais detalhes sobre os tempos de vacas magras quando era obrigado a tocar nas ruas de Nova Iorque para arrumar uns trocados.

José Carlos Brasil

Mabel Arthou

Ray Charles e Egberto Gismonti estão no especial de hoje

Além dos músicos já citados, vai ser possível assistir ainda Egberto Gismonti e seu **Trenzinho Caipira**, o esfuziante Manhattan Transfer cantando **Rambo**, Leny Andrade interpretando **Adeus América** e um segundo número de Ray Charles encerrando o programa com **What I'd Say**. Agora não tem desculpa, é sentar e assistir. Domingo que vem tem mais.

Cláudio Figueiredo

crítica

Marília Martins

FLASH, DE SEGUNDA A SÁBADO, À 1H05MIN, NA REDE BANDEIRANTES

Quando estreou, o novo programa jornalístico da TV Bandeirantes parecia ter encontrado um rico filão, praticamente inexplorado no vídeo, a não ser pelas ótimas intervenções de Zózimo no semanário **Dia D**. A idéia era transformar **Flash** numa versão televisiva das colunas sociais impressas. Com uma equipe reduzida ao mínimo, muita rapidez e agilidade, o paulista Amaury Jr prometia imagens da vida noturna em ambientes sofisticados. Depois de quase um mês, no entanto, o resultado deixa muito a desejar. Pra início de conversa, a pauta continua paulistana demais, num programa de transmissão nacional. E isto no momento em que se produziu no Rio um dos maiores acontecimentos sociais do ano: a festa de aniversário de Guilherme Araújo, no Copacabana Palace. Além disto, as curtas entrevistas não saem do óbvio: fulana lança um livro, beltrano uma peça. Nada de perguntas surpreendentes, de entrevistados inusuais. Fica-se muito mais próximo de um **merchandising** pouco sutil do que do colunismo social oportuno realmente capaz de misturar a crônica divertida aos furos jornalísticos das informações de salão. Daí as intermináveis entrevistas promocionais, na festa de lançamento dos novos produtos da Embracom, um dos patrocinadores de **Flash**. O que se via nos intervalos comerciais se repetia nos segmentos do programa, beirando o insuportável. E agora, no prazo de uma semana, reprisam-se entrevistas já datadas, que também vão ao ar na seleção dos melhores momentos, feita aos sábados. Faltam portanto volume e eficiência de produção para um projeto tão ambicioso como manter um programa diário. Isto sem falar na precariedade do último segmento, dedicado exclusivamente às tradições e às últimas novidades orientais. Houve alguns bons **tapes**, como o que mostrava incríveis marionetes japonesas, construídas com um emaranhado interno de fios, ou o que narrava as regras do sumô, tradicional luta japonesa. Mas também aqui se repetem até as chatíssimas entrevistas feitas por Soraya. Raros foram os instantes em que se despertou o interesse pelo inusitado, como na conversa com Nice, ex-mulher de Roberto Carlos. **Flash** tem-se marcado bem mais pela redundância, pelo atraso, pela desinformação.

Atenção:

Se você tem por hábito assistir aos programas dominicais da TV, é bom conferir os horários (veja na pág. 6) para não ter surpresas desagradáveis. É que a partir de hoje começa a vigorar o horário gratuito do TRE para os partidos políticos que concorrem às eleições de 15 de novembro e, em função disso, as emissoras alteraram suas programações.

A seção perfil da Revista Domingo mostra na intimidade as pessoas que são notícia

FILMES DE HOJE NA TV

José Ferrer em Moulin Rouge: a vida de Toulouse Lautrec segundo John Huston

Moulin Rouge na Manchete

A Manchete está dando as cartas neste domingo, com três filmes na sua programação. Já na hora do almoço (13h), será exibido digestivo musical: a biografia (um tanto ou quanto romanceada) de Cole Porter: **Canção Inesquecível**. A homenagem foi longe: o casal Porter acompanhou e deu palpites em tudo, escolheu o elenco, refez o roteiro. Neste filme, pela primeira e última vez, ouviremos Cary Grant cantando. Como resultado de tudo isto, a única coisa inesquecível, no filme, é mesmo a bela música de Cole Porter.

Mais sorte teve Toulouse-Lautrec, biografado em **Moulin Rouge**, realizado em 1952 pelo mestre John Huston que, através dos cenários, figurinos e da própria fotografia, tentou captar o universo transposto pelo sofrido artista para suas telas e **posters**. Para fazer Lautrec, José Ferrer teve que filmar de joelhos, com as pernas amarradas. Indicado para sete Oscars, o filme ficou com dois: cenários e figurinos.

Fechando a noite, a Globo apresenta, à 1h15min da madrugada **Marcado pela Sarjeta**, com Paul Newman na pele de outro biografado: o lutador de boxe Rocky Grazziano, que partiu dos bairros pobres do East Side de Nova Iorque para se tornar o campeão mundial dos pesos-médios. Ainda na trilha de filmes como **Juventude Transviada**, que falavam da delinqüência juvenil dos anos 50, **Marcado pela Sarjeta** é um bom momento na carreira de Newman e de Robert Wise.

Paulo A. Fortes

CANÇÃO INESQUECÍVEL
TV Manchete — 13h
(Night and Day) produção americana de 1946, dirigida por Michael Curtiz. Elenco: Cary Grant, Alexis Smith, Monty Wooley, Jane Wyman. **Cor**(128min)
Biografia musical do compositor Cole Porter (Cary Grant), que fracassa na sua primeira tentativa de montar um musical, se alista no Exército francês, onde sofre grave ferimento, durante a Guerra. De volta aos Estados Unidos, conhece o sucesso na Broadway e no cinema.

OS REIS DO SOL
TV Manchete — 17h
(Kings of the Sun) Produção americana de 1963, dirigida por J. Lee Thompson. Elenco: Yul Brynner, George Chakiris, Shirley Anne Field, Brad Dexter.**Cor** (107 min)
Aventura. Rei dos Maias é morto por tribos inimigas e novo chefe (Chakiris) lidera a fuga para o litoral. Quando tudo parece normalizado, surge selvagem guerreiro (Brynner) do norte da América, que trava violento duelo com o líder dos maias.

MOULIN ROUGE
TV Manchete — 1h
(Moulin Rouge) Produção americana de 1952, dirigida por John Huston. Elenco: José Ferrer, Zsa Zsa Gabor, Suzanne Flon, Christopher Lee. **Cor** (119 min)
Biografia de Toulouse-Lautrec (Ferrer), que freqüenta, todas as noites, o **Moulin Rouge**, onde recolhe motivos para sua pintura. Apaixona-se por bela mulher (Collete Marchand), mas o romance não dá certo. De volta ao cabaré, ele aceita desenhar os **posters** com as atrações do local.

MARCADO PELA SARJETA
TV Globo — 1h15min
(Somebody Up There Likes Me) Produção americana de 1956, dirigida por Robert Wise. Elenco: Paul Newman, Pier Angeli, Everett Sloane. **Preto e Branco** (113 min)
Romance. Pobre filho (Newman) de imigrante italiano (Sloane) é um jovem delinqüente, até que começa a descarregar no boxe toda sua agressividade. Com a ajuda da namorada (Angeli), segue a carreira de boxeador mas, para isto, tem que enfrentar o sórdido mundo que cerca as lutas de boxe.

FILMES DA SEMANA NA TV

dia	hora	filme	sinopse
seg 15	Canal 4 14h15min	OS HOMENS PREFEREM AS LOURAS (Gentlemen Prefer Blondes) amer. 1953, cor, 91min, dir. Howard Hawks. Com Marilyn Monroe, Jane Russell.	Comédia. Duas americanas, uma loura e a outra morena, vão fazer shows em Paris, dispostas a conseguir maridos ricos.
	Canal 9 21h30min	COLOSSUS amer, cor, dir. Joseph Sargent. Com Eric Braeden e Susan Clark.	Suspense. Colossus, supercomputador ligado à Defesa americana, perde o controle e começa a dominar a Humanidade.
	Canal 4 0h05min	A VINGANÇA DOS 12 bras, 1970, cir, dir. Marcos Farias. Com Maurício do Valle, Jorge Gomes, Rejane Medeiros, Samuka, Rubens Teixeira.	Ação. Capangas de um "coronel" matam filho de outro "coronel", que foge para as montanhas com o neto, e jura vingança.
ter 16	Canal 4 14h20min	A GAROTA DE LAS VEGAS (Las Vegas Lady) amer, 1976, cor, 85min, dir. Noel Nosseck. Com Stella Stevens, Stuart Whitman.	Ação. Homem convence funcionária de cassino de Las Vegas a ajudá-lo a roubar dinheiro, ganho ilegalmente pelo dono do lugar.
	Canal 9 21h30min	WILLIE BOY (Willie Boy) amer, cor, dir. Abraham Polonsky. Com Robert Blake, Robert Redford, Katharine Ross, John Vernon.	Wenstern. Índio volta à terra natal para casar, mas mata o pai da noiva e é perseguido pelo xerife e habitantes do lugar.
	Canal 4 0h05min	OPERAÇÃO FRANÇA (The French Connection) amer, 1971, cor, 101 min, dir. William Friedkin. Com Gene Hackman, Fernando Rey, Roy Scheider.	Ação. Dois detetives de Nova Iorque descobrem a chegada de grande remessa de cocaína e se metem em perigosa trama.
qua 17	Canal 4 14h20min	OS VIÚVOS TAMBÉM SONHAM (A Hole in the Head) amer, 1959, cor, 110 min, dir. Frank Capra. Com Frank Sinatra, Eleanor Parker.	Comédia. Viúvo tenta salvar seu hotel da falência e ainda tem problemas com o filho adolescente.
	Canal 9 21h30min	TRILHA SANGRENTA amer, cor, dir. Jack Starrett. Com Joel McCrea, Jody McCrea, Marie Cahua, Jack Starrett.	Western. Bandidos matam família apache e o guerreiro-chefe segue o bando, matando um a um os malfeitores.
	Canal 4 0h05min	CHÁ E SIMPATIA (Tea and Sympathy) amer, 1956, cor, 122min, dir. Vincente Minnelli. Com Deborah Kerr, John Kerr, Leif Erickson.	Drama. Estudante, com tendências homossexuais, acaba tendo um romance com a mulher de seu professor.
qui 18	Canal 4 14h20min	O ESPIÃO DE NARIZ FRIO (The Spy with a Cold Nose) ingl, 1968, cor, 93min, dir. Daniel Petrie. Com Lionel Jeffries, Laurence Harvey.	Espionagem. Espião coloca rádio num buldogue, presenteado a ministro soviético, e capta valiosas informações.
	Canal 9 21h30min	MONTANHAS EM FOGO amer, cor, com Natalie Wood e Tab Hunter.	Western. Jovem fazendeiro encontra seu irmão morto por pistoleiro e parte em busca do assassino.
	Canal 4 0h05min	HOMENS EM REVOLTA (Untamed Frontier) amer, 1952, cor, dir. Hugo Fregonese. Com Joseph Cotten, Shelley Winters, Scott Brady.	Western. Filho de poderoso rancheiro mata um homem e tenta seduzir a única testemunha do crime, apaixonada por seu primo.
sex 19	Canal 4 14h20min	A VIDA SECRETA DE JOHN CHAPMAN (The Secret Life of John Chapman) amer, 1976, cor, dir. David Rich. Com Ralph Waite, Susan Anspach.	Melodrama. Rico dono de colégio vai para o interior onde, incógnito, vive de pequenos empregos, de forma simples e pobre.
	Canal 6 00h	O PESADELO DE SARA SCOTT (Missing Pieces) amer, 1982, cor, 96min, dir. Mike Hodges. Com Elizabeth Montgomery, Ron Karabatsos.	Drama. Mulher-detetive assiste ao assassinato do marido e resolve desvendar o crime, custe o que custar. Legendado.
	Canal 4 0h05min	OS ESTRANHOS ESTÃO CHEGANDO (The Alliens Are Coming) amer, 1980, cor, dir. Harvey Hart. Com Tom Mason, Melinda Fee, Eric Braeden.	Ficção científica. Habitantes de planeta em extinção resolvem dominar a Terra, para aqui criar um novo mundo para eles.
	Canal 4 1h45min	NASCE UMA ESTRELA (A Star Is Born) amer, 1954, cor, 154min, dir. George Cukor. Com Judy Garland, James Mason, Charles Bickford.	Melodrama. Ator conhece cantora, que fica famosa, enquanto ele entra em declínio e torna-se um alcoólatra. Legendado.
	Canal 4 3h25min	HOOPER, O HOMEM DAS MIL FAÇANHAS (Hooper) amer, 1978, cor, 99min, dir. Hal Needham. Com Burt Reynolds, Jan-Michael Vincent, Sally Field.	Ação. Dublê, prestes a se aposentar, sente-se desafiado com a chegada de jovem stuntman, que realiza grandes proezas.
sab 20	Canal 2 21h30min	O FANTASMA DA ÓPERA (Phantom of the Opera) amer, 1943, cor, 92min, dir. Artur Lubin. Com Nelson Eddy, Susanne Foster, Claude Rains.	Drama. Enlouquecido pela morte da mulher, compositor vaga pelas catacumbas da Ópera de Paris.
	Canal 4 21h30min	FALCÕES DA NOITE (Nighthawks) amer, 1981, cor, dir. Bruce Malmuth. Com Sylvester Stallone, Rutger Hauer, Billy Dee Williams.	Ação. Dois policiais de Nova Iorque tentam capturar terrorista que quer fazer um atentado na cidade.
	Canal 4 23h55min	JOANNA (Joanna) ingl, 1968, cor, dir. Michael Sarne. Com Genevieve Waite, Christian Doermer, Calvin Lockhart, Donald Sutherland.	Ação. Jovem inglesa viaja para Tanger com o namorado e seus alegres amigos, mas descobre que o rapaz está com leucemia.
	Canal 6 1h20min	O ROLLS-ROYCE AMARELO (The Yellow Rolls-Royce) ingl, 1965, cor, dir. Anthony Asquith. Com Rex Harrison, Jeanne Moreau, Shirley McLaine.	Romance. Histórias que aconteceram com os proprietários de um belo e aristocrático Rolls-Royce amarelo.
	Canal 4 1h45min	EL DORADO (El Dorado) amer, 1968, cor, dir. Howard Hawks. Com John Wayne, Robert Mitchum, James Caan, Charlene Holt.	Western. Pistoleiro chega a El Dorado, contratado por fazendeiro para expulsar família e se apossar de suas terras.
	Canal 7 2h30min	UM TÁXI ROXO (Un Taxi Mauve) fran, 1977, cor, 125min, dir. Yves Boisset. Com Philipe Noiret, Charlotte Rampling, Peter Ustinov.	Romance. Senhor idoso vive muitas aventuras nas estradas da Irlanda, a bordo de seu estranho táxi roxo.
	Canal 4 3h25min	CAPITÃO BLOOD (Captain Blood) amer, 1935, p.b., 99min, dir. Michael Curtiz. Com Errol Flynn, Olivia De Havilland, Lionel Atwill.	Aventura. Jovem médico inglês é condenado injustamente por ajudar rebeldes, é vendido como escravo, foge e vira pirata.
dom 21	Canal 6 00h	DOIS AMORES (Two Loves) amer, cor, 1961, dir. Charles Walters. Com Shirley McLaine, Laurence Harvey, Jack Hawkins.	Comédia. Na Nova Zelândia, professora não consegue se decidir entre os dois homens que por ela estão apaixonados.
	Canal 4 0h05min	AMAR E MORRER (A Time to Love and a Time to Die) amer, 1957, cor, 133min, dir. Douglas Sirk. Com John Gavin, Lilo Pulver.	Guerra. Soldado alemão volta ao lar e se apaixona por moça cujo pai está num campo de concentração nazista.

A programação acima está sujeita a alteração de última hora.

Recomendações

televisão

manhã

7:00 (6) PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA
(7) TERRA VIVA
7:05 (4) SANTA MISSA EM SEU LAR
7:15 (11) PATATI PATATÁ — Educativo infantil
7:30 (11) GAGUINHO — Desenho
8:00 (2, 4, 6, 7, 9 e 11) PROPAGANDA ELEITORAL
9:00 (2) VIAGENS — Documentário. Hoje: Holanda
(4) GLOBO RURAL — Informativo sobre o campo.
(6) SESSÃO ANIMADA — Desenhos
(7) SHOWBIS — Musicais e variedades.
(9) COMUNIDADE NA TV
(11) A PANTERA COR-DE-ROSA — Desenho
9:30 (11) SHOW DE WALT DISNEY — Desenho
9:50 (7) SHOW DE TURISMO
10:00 (2) PALAVRAS DE VIDA — Mensagem com D. Eugênio
(9) POSSO CRER NO AMANHÃ — Programa religioso
(11) PICA-PAU — Desenho
10:10 (4) SOM BRASIL
10:30 (2) TELECURSO 2º GRAU
(11) TOM E JERRY — Desenho
10:50 (7) SHOW DO ESPORTE — Atualidades esportivas.
11:00 (9) SESSÃO DESENHO — Seleção de desenhos animados
(11) TARZAN — Seriado. Episódio de hoje: O Puma
11:15 (4) FESTIVAL DE DESENHOS
11:50 (4) DISNEYLÂNDIA

tarde

12:00 (2) ESPAÇO COMUNITÁRIO — Notícias, informações
(6) CLIP SHOW — Clips nacionais e internacionais.
(11) CAMPEONATO INTERNACIONAL DE LUTA LIVRE
12:50 (4) THUNDERCATS — Desenho.
13:00 (2) FUTEBOL — VT completo do jogo Fluminense x Coritiba
(6) DOMINGO NO CINEMA — Filme: Canção Inesquecível
(9) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório.
(11) PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório.
13:20 (4) TRANSFORMERS — Desenho.
13:50 (4) COMANDOS EM AÇÃO — Desenho.
14:20 (4) VÍDEO-SHOW
14:30 (2) STADIUM — Esportes.
15:00 (6) VÍDEO EM MANCHETE —Imagens de arquivo.
15:05 (4) ÁGUIA DE FOGO — Seriado
15:30 (2) ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA — Documentário.
16:00 (2) REINO SELVAGEM — Documentário.
(6) SHOCK — Programa jovem.
16:25 (4) DURO NA QUEDA — Seriado com Lee Majors.
16:30 (6) M.P.B CONTRALUZ — Musical.
17:00 (2) SESSÃO DE DOMINGO EXTRA
17:25 (4) FARO FINO — Seriado
17:30 (4) EXPEDIÇÃO SÉCULO XX — Documentário.

noite

18:25 (4) PROFISSÃO PERIGO — Seriado.
18:30 (2) EU SOU O SHOW — Trajetória de um artista.
19:00 (6) FREE JAZZ FESTIVAL
19:25 (4) OS TRAPALHÕES — Programa humorístico
19:30 (2) SETE DIAS — Revista dominical com variedades.
20:00 (6) PROGRAMA DE DOMINGO — Programa de variedades
20:30 (2, 4, 6, 7, 9 e 11)PROPAGANDA ELEITORAL
21:30 (2) ESPECIAL MAGDA TAGLIAFERRO — Musical
(4) FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA
(6) PROGRAMA DE DOMINGO — Continuação
(4) AÇÃO E INVESTIMENTO
22:00 (7) DIA D — Jornalístico com Belisa Ribeiro.
(9) CAMISA 9 — Debate esportivo.
(11) SESSÃO DAS DEZ — Filme: a programar
22:30 (2) SHOW DE FUTEBOL
23:00 (6) AVENTURA — Programa de variedades
(7) SETE MINUTOS — Indicadores econômicos.
23:07 (7) CRÍTICA E AUTOCRÍTICA — Jornalístico de entrevistas
23:40 (4) OS GOLS DO FANTÁSTICO
23:55 (11) IDÉIA NOVA — Jornalístico com entrevistas.
00:00 (4)ELEIÇÕES 86
(6) DEBATE EM MANCHETE — Programa de entrevistas
00:30 (2) BOA NOITE COM JONAS REZENDE
01:00 (4) MELHORES MOMENTOS
(6) SALA VIP — Filme: Moulin Rouge
(11) VOCÊ É CONSTITUINTE — Jornalístico com entrevistas.
01:20 (4) CLASSE A — Filme: Marcado Pela Sarjeta

rádio JB

FM estéreo — 99,7MHz

10h — **Reproduções a raio laser: Abertura da opereta La Belle Hélène**, de Offenbach (Karajan — 9:16); **Asturias e Sevilla**, de Albéniz (Williams — 10:41); **Concertos em Sol maior e mi menor, para violino, cordas e contínuo, op. 3/3 e 4**, de Vivaldi (Musici — 14:14); **Rapsody in blue**, de Gershwin (Bernstein — 17:07); **Abertura da ópera La Forza del Destino**, de Verdi (Chailly — 7:31). **Reproduções convencionais: Sonatina em sol menor, para violino e piano**, de Schubert (Suk e Buchbinder — 12:50); **Sinfonia nº 3, em Ré maior, op. 29**, de Tchaikovsky (Rozhdestvensky — 44:45); **Rondo capriccioso, op. 14**, e **3 Fantasias, op. 16**, de Mendelssohn (Alpenheim — 16:27); **Abertura sobre temas bascos**, de Pierné (Jean-Baptiste Mari — 8:9); **Serenata nº 12, em dó menor, K 338**, de Mozart (Collegium Aureum — 25:20

21h — **Reproduções a raio laser: Fêtes**, de Debussy (Tilson-Thomas — 6:20); **Sonata em Lá**, de Francisco Courcelle (Galvez — 2:02); **Suíte instrumental**, de Morley, Holborne, Simpson e Dowland (American Brass — 5:00); **Concerto em ré menor, para três cravos, cordas e contínuo**, de Bach (Trevor Pinnock — 13:50); **Sinfonia em Ré maior**, de Juan Crisóstomo Arriaga (Lopez Cobos — 27:25). **Reproduções convencionais: Prelúdios, op. 28, op. 25 e op. 45**, de Chopin (Arrau — 46:40); **Sinfonia nº 6, em Ré maior, op. 60**, de Dvorak (Kubelik — 45:10); **Noturno nº 5**, de Fauré (Collard — 8:26); **Quinteto em forma de choros**, de Villa-Lobos (New York Quintet— 11:06).

AM 940KHz

A partir de amanhã e até quarta-feira o programa Encontro com a Imprensa entrará no ar entre 10h e 11h30min com debates entre os candidatos a Governador do Estado. Amanhã será a vez de Darcy Ribeiro (PDT), Fernando Gabeira (PT) e Wellington Moreira Franco (PMDB); na terça, entram em cena Agnaldo Timóteo (PDS), Sinval Palmeira (PSB) e Aarão Steinbruch (Pasart); na quarta-feira, Américo Camargo (PL), Wagner Cavalcante (PND) e Elizabeth Ázaro (PSC). Desde já, os ouvintes podem fazer perguntas para qualquer candidato pelo telefone 234-1091 e 234-7566.

LÁ & CÁ

- **Brilhando a SKY Turismo com o Sucesso de sua Disney.**
- **Na entrega do Trofeu Socimpro, registramos presenças importantes como a do Min. Marco Maciel, na organização da Festa de Luiz Vieira e João Dias.**
- **Um dos maiores atrativos do nosso Turismo interno é sem dúvida o Scala, do empreendedor Chico Recarey.**
- **Grantur Operadora prometendo um sensacional lançamento para a próxima semana.**
- **O turista brasileiro cada vez mais se conscientiza, quando viajando ao exterior, da importância de adquirir a garantia de um cartão Assist Card.**
- **No "show de Carnes" do Carretão a presença do cirurgião plástico José Badim.**
- **"USA Compras de Natal" é o novo lançamento da Creditur.**

Garcia & R. Kathar

GUIA DO TURISMO

OS MELHORES ROTEIROS EXCURSÕES E HOTÉIS

Para anunciar: Tels. 262-5973 – 262-5603

ACONTECENDO...

● Oscar Dalsenter, presidente da ABAV-RJ e diretor da **RHS TURISMO**, considera como grande vantagem do Passaporte Brasil, o despertar no público a importância de realizar sua viagem, através de agência de viagens por ser mais econômico, prático e seguro.

● Em recente coquetel no salão de Honra da **Airinternational**, o deputado Marcio Braga, reiterou da importância de ser investido, no próprio turismo, o compulsório cobrado nas passagens e compra de dólares.

● **Verona Viagens** oferecendo aos seus passageiros, como presente, uma fita videocassete gravada com todos os momentos de sua excursão a Disney.

● Almir Costa, comunica o 1º aniversário do **Rio Happy Hours** dos agentes de viagens, no próximo dia 2 de outubro, que será comemorado com jantar-show no Morro da Urca.

● **O Museu Arqueológico de Itaipu** (RJ) está franqueando a visitação pública de 4ª a domingo, das 13 às 17 horas. Vale a pena visitar.

● Agora os turistas em Foz do Iguaçu já podem passear durante 3 horas pelo Lago de Itaipu, a bordo do **"Água Viva"** um barco especial com capacidade para 300 pessoas.

LÁ & CÁ

● Dória Jr., é sem dúvida, a grande esperança do nosso Turismo.

● Vale a pena ver o **show Folclórico Árabe** do Chez Yunes no Leblon.

● **A Equipe Turismo** lançando seu programa para USA, "Fly and Drive" para Disney.

● Indo a N. York não deixe de assistir a peça **"Big River"** um sucesso atual da Brodway.

● Parabéns aos dirigentes da **LAB** — Linhas Aéreas Bolivianas, que durante a greve na Empresa, todos os passageiros foram 100% bem atendidos.

Garcia & R. Kathar

BOLSA DE CONSUMO CULTURAL

teatro

campeões de bilheteria

1. **De Braços Abertos** (Teatro Tereza Rachel). Público: 3 mil 686 espectadores em sete apresentações.

2. **Sábado, Domingo, Segunda** (Teatro dos Quatro). Público: 2 mil 453 espectadores em sete apresentações.

3. **Trair E Coçar É Só Começar** (Teatro Princesa Isabel). Público: 2 mil 190 espectadores em sete apresentações.

4. **O Peru** (Teatro Ginástico). Público: 2 mil 123 espectadores em sete apresentações.

5. **Mulher, O Melhor Investimento** (Teatro Vanucci). Público: 1 mil 674 espectadores em sete apresentações

Fonte: SBAT, referente à semana de 27 a 31 de agosto.

cinema

campeões de bilheteria

1. **Stallone Cobra** (Lido-1, Art-Casashoping, Art-São Conrado-1 e circuito)
Público: 766 mil 40 espectadores. Renda: Cz$ 11 milhões 2 mil 515 na quinta semana.
2. E.T. — **O Extraterrestre Em Sua Aventura Na Terra** (Largo do Machado-1, Baronesa, Art-Méier) Público: 243 mil 989 espectadores. Renda: Cz$ 3 milhões 728 mil 922 na terceira semana.

3. **O Homem da Capa Preta** (São Luiz-2, Copacabana, Barra-2) Público: 209 mil 950 espectadores. Renda: Cz$ 3 milhões 94 mil 147 na terceira semana.

4. **Karatê Kid II — A Hora da Verdade Continua** (Pathé, Art-Copacabana, Art-São Conrado e circuito). Público: 141 mil 75 espectadores. Renda: Cz$ 2 milhões 243 mil 598 na primeira semana.

5. **O Fio da Suspeita** (Jóia) Público: 137 mil 103 espectadores. Renda: Cz$ 2 milhões 722 mil 776 na 13ª semana.

Fontes: Fox, Colúmbia-Warner, Condor, UIP, Embrafilme, Art-filmes, Paris Filmes e Franco-Brasileira.

rádio

as mais tocadas

RÁDIO CIDADE
nacionais
1. **Música Urbana**, com Capital Inicial
2. **Eduardo e Mônica**, com Legião Urbana
3. **Casa**, com Lulu Santos
4. **Pra Começar**, com Marina
5. **Alvorada Voraz**, com RPM

estrangeiras
1. **Ballerina Girl**, com Lionel Richie
2. **I Can't Wait**, com Nu Shooz
3. **Papa Don't Preach**, com Madonna
4. **Friends Will Be Friends**, com Queen
5. **Oh People**, com Patti La Belle

FM 105
1. **Yes**, com Tim Moore
2. **London London**, com RPM
3. **Papa Don't Preach**, com Madonna
4. **Linda Demais**, com Roupa Nova
5. **Searching for Love**, com Midnight Star
6. **Nem Morta**, com Alcione
7. **Cry to Heaven**, com Elton John
8. **Mel na Boca**, com Almir Guineto
9. **Dancing on the Ceiling**, com Lionel Richie
10. **Tempo Perdido**, com Legião Urbana

discos

parada de sucessos

1. **Almir Guineto** — Almir Guineto (2/6)
2. **Cambalacho Internacional** — Vários (3/3)
3. **Rádio Pirata ao Vivo** — RPM (1/6)
4. **Xou da Xuxa** — Xuxa (10/1)
5. **Zeca Pagodinho** — Zeca Pagodinho (9/19)
6. **Alô Malandragem, Maloca o Flagrante** — Bezerra da Silva (6/13)
7. **Grandes Sucessos de Ray Charles** — Ray Charles (5/1)
8. **Selva de Pedra Internacional** — Vários (4/10)
9. **Roupa Nova** — Roupa Nova (0/14)
10. **Dois** — Legião Urbana (8/1)

Fonte: Nopen. O primeiro número entre parênteses indica a posição do LP na semana passada. O segundo há quantas semanas o LP está na lista, mesmo que não seguidamente. Saiu da lista: **True Blue**, com Madonna.

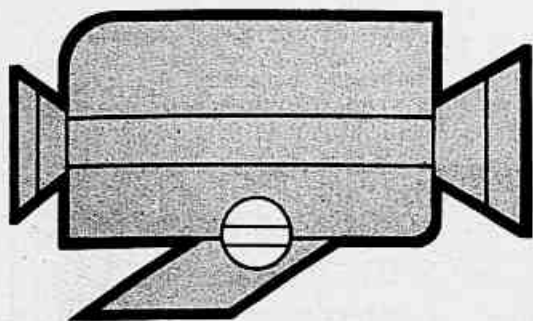
livros

best-sellers

FICÇÃO
1. **O Amor nos Tempos do Cólera**, de Gabriel García Marquez (Record, 429 pp, Cz$ 129,90)(1/6).
2. **A Brincadeira**, de Milan Kundera (Nova Fronteira, 402 pp, Cz$ 160,90) (0/0).
3. **As Brumas de Avalon**, de Marion Zimmer Bradley (Imago, 280 pp, Cz$ 67,80) (2/6).
4. **A Insustentável Leveza do Ser**, de Milan Kundera (Nova Fronteira, 316 pp, Cz$ 87,90)(3/82).
5. **Blecaute**, de Marcelo Rubens Paiva (Brasiliense, 198 pp, Cz$ 65) (0/0).

NÃO FICÇÃO
1. **Só É Gordo Quem Quer**, de João Uchoa Jr. (Guanabara, 101 pp, Cz$ 49) (1/25).
2. **A Costela de Adão**, de Eduardo Mascarenhas (Guanabara, 278 pp, Cz$ 85) (4/5).
3. **Mulheres Inteligentes, Escolhas Insensatas**, de Connel Cowan e Malvyn Kinder (Rocco, 187 pp, Cz$ 73) (3/6).
4. **Olga**, de Fernando Morais (Alfa-Omega, 314 pp, Cz$ 120) (2/44).
5. **Iacocca, uma Autobiografia**, de Lee Iacocca e William Novak (Cultura, 399 pp, Cz$ 120) (5/36).

Fontes: Livrarias Argumento, Tempos Modernos, Dazibao, Siciliano, Unilivros, Eu e Você, Riomarket, Eldorado, Timbre Xanam, Paisagem, Ponto de Encontro, Gutenberg (Niterói). O primeiro número que aparece entre parênteses indica a posição do livro na semana passada. O segundo, a quantidade de semanas em que aparece na lista, mesmo não seguidamente.

CINEMA

lançamentos

AQUELES DOIS (Brasileiro), de Sergio Amon. Com Pedro Wayne, Beto Ruas, Suzana Saldanha e Maria Inês Falcão. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 227-9882): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).
Dois amigos, pessoas simples, sensíveis e solitárias, sofrem o preconceito dos colegas de trabalho que acreditam numa relação homossexual entre os dois. Produção de 1985.

LOLA (Lola), de Rainer-Werner Fassbinder. Com Barbara Sukowa, Armin Mueller-Stahl e Mario Adorf. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (14 anos).
Uma instigante história íntima que serve de biombo para alguns conchavos políticos. Produção alemã.

KAOS (Kaos), de Paolo e Vittorio Taviani. Com Margarita Lozano, Claudio Bigagli, Omero Antonutti, Massimo Bonetti e Franco Franchi. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 14h, 17h15min e 20h30min. (14 anos).
Filme baseado em cinco contos de Luigi Pirandello, descrevendo a vida dos camponeses italianos na Sicília. Produção italiana de 1984.

INIMIGO MEU (Enemy Mine), de Wolfgang Petersen. Com Dennis Quaid, Louis Gossett Jr., Brion James, Richard Marcus, Carolyn McCormick e Bumper Robinson. **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Barra-3** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **São Luiz 1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246), **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835): 13h40m, 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. Com som **dolby-stereo**: (10 anos).
Filme de ficção científica. Um terráqueo e um habitante do planeta Dracon estão lutando quando suas naves caem num planeta hostil, onde têm que superar seu ódio inato para tentar sobreviver. Produção americana de 1986.

KARATÊ KID II — A HORA DA VERDADE CONTINUA (The Karate Kid Part II), de John G. Avildsen. Com Noriyuki Pat Morita, Ralph Macchio, Yuji Okumoto, Danny Kamerona e Tamlyn Tomita. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), **Art-São Conrado 2** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258) **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578), **Art-Casashopping 2** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 15h, 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 15h, 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 13h. (10 anos).
Na segunda parte da história, Miyagi volta a sua terra natal junto com Daniel e reencontra seu amor da juventude. Mas encontra também o ódio de um ex-amigo de infância. Produção americana de 1985.

O HOMEM DA CAPA PRETA (Brasileiro), de Sérgio Resende. Com José Wilker, Marieta Severo, Jonas Bloch, Carlos Gregório, Guilherme Karan, Paulo Vilaça. **São Luiz 2** (Rua do Catete, 307, 285-2296), **Copacabana** (Av. Copacabana, 801, 255-0953), **Barra 2** (Av. das Américas, 4.666, 325-6487): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. **Palácio I** (Rua do Passeio, 40, 240-6541): 14h, 16h10min, 18h20min, 20h30min. **Olaria** (Rua Uranos, 1.474, 230-2666). **América** (Rua Conde de Bonfim, 334, 264-4246): **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. **Palácio** (Campo Grande): 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos).
A violência, o jogo político e os atentados cotidianos pontuam a trajetória de Tenório Cavalcanti, líder populista em Duque de Caxias, nas décadas de 40 e 50. Produção de 1986.

A MARVADA CARNE (Brasileiro), de André Klotzel. Com Adilson Barros, Fernanda Torres, Lucélia Machiavelli, Nelson Triunfo, Paco Sanches, Dionísio Azevedo, Genny Prado, Regina Casé e Tonico e Tinoco. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 13h30min, 15h, 16h30min, 18h, 19h30min, 21h. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048); **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178); **Studio Catete** (Rua do Catete, 228, 205-7194): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. **Ramos** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 15h, 16h30min, 18h, 19h30min, 21h. (Livre).
Comédia caipira sobre uma moça à procura de marido e um rapaz que deseja apenas duas coisas na vida: casar e comer carne de boi. Produção de 1985.

A COR PÚRPURA (The Color Purple), de Steven Spielberg. Com Danny Glover, Whoopi Goldberg, Adolph Caesar, Margaret Avery, Rae Dawn Chong e Oprah Winfrey. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), **Barra-1** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 13h, 15h45min, 18h30min, 21h15min **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): de 2ª a 6ª, às 15h, 17h45min, 20h30min. Sábado e domingo, às 13h, 15h45min, 18h30min, 21h15min. (14 anos).
A história de uma mulher a quem é negado tudo e que, lentamente, vai tomando consciência de sua identidade, a partir da amizade com uma cantora de blues. Produção americana de 1985, baseada no livro homônimo de Alice Walker.

O ROMANCE DE MURPHY (Murphy's Romance), de Martin Ritt. Com Sally Field, Jamer Garner e Brian Kerwin. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690), **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Casashopping 1** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).
Uma mulher desquitada vai para uma pequena cidade do interior para trabalhar como treinadora de cavalos. Ela conta com a ajuda de um farmacêutico viúvo por quem acaba se apaixonando. Produção americana de 1985.

MARIE (Marie, a True Story), de Roger Donaldson. Com Sissy Spacek, Jeff Daniels, Keith Szarabajka, Morgan Freeman e Trey Wilson. **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).
Filme baseado em história real narrada no livro de Peter Maas. Uma mulher corajosa arrisca sua segurança, sua reputação e sua carreira, ao travar uma luta que culmina com a destruição da máquina governamental do estado do Tennessee e a prisão de seu governador. Produção americana de 1985.

VIVA LA VIE (Viva la Vie), de Claude Lelouch. Com Charlotte Rampling, Michel Piccoli, Jean-Louis Trintignant, Charles Aznavour e Anouk Aimée. **Cinema 1** (Av. Prado Júnior, 281): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
A investigação policial sobre um estranho caso. Um homem e uma mulher, que não se conhecem, desaparecem no mesmo dia e na mesma hora em circunstâncias semelhantes. Produção francesa de 1984.

URGÊNCIA PARA MATAR (Urgence), de Gilles Béhart. Com Bernard-Pierre Donadieu, Richard Berry, Jean-François Balmer, Fanny Bastier e Nathalie Courval. **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945), **Tijuca-Palace 1** (Rua Conde de ▷

Bonfim, 214 — 228-4610): 14h30min, 16h20min, 18h10min, 20h, 21h50min. (14 anos).
Um jornalista infiltra-se em um grupo terrorista para descobrir a verdade sobre um atentado racista. Mas é assassinado e deixa para a irmã a missão de descobrir o alvo do atentado. Produção francesa.

STALLONE COBRA (Cobra), de George P. Cosmatos. Com Sylvester Stallone, Brigitte Nielsen, Reni Santoni, Andrew Robinson e Brian Thompson. Lido-1 (Praia do Flamengo, 72): 15h, 16h40min, 18h20min, 20h, 21h40min. **Art-Casashopping 3** (Av. Alvorada, 2.150 — 325-0746): 14h40min, 16h20min, 18h, 19h40min, 21h20min. **Art São Conrado 1** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min, 22h. **Ilha Auto-Cine**: de 2ª a 6ª, às 20h30min, 22h30min. Sábado e domingo, às 18h30min, 20h30min, 22h30min. Até dia 23 no **Ilha Auto-Cine**. (18 anos).
Saindo das peles do lutador de boxe **Rocky** e do veterano de guerra **Rambo**, Sylvester Stallone encarna agora o papel de um policial durão acostumado a executar tarefas impossíveis. Por seus métodos poucos ortodoxos, ele foi escolhido pelo chefe de polícia para encontrar um assassino louco que vem matando a esmo. Produção americana de 1986.

reprises

O FIO DA SUSPEITA (Jagged Edge), de Richard Marquand. Com Glenn Close, Jeff Bridges, Peter Coyote, Robert Loggia, John Dehner, Leigh-Taylor Young e Michael Dorn. **Jóia** (Av. Copacabana, 680): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
Uma jovem e rica herdeira é encontrada brutalmente assassinada e o suspeito é o marido, embora ele também tivesse sido atacado. Para defendê-lo é escolhida uma advogada que abandonara a promotoria. Produção americana de 1985.

CINEMA

O CAMPEÃO (The Champ), de King Vidor. Com Wallace Beery, Jackie Cooper, Irene Rich, Roscoe Ates e Edward Brophy: **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 16h40min, 18h20min, 20h, 21h40min. (Livre).
Um ex-campeão de boxe, alcoólatra, cuida do filho e vive em conflito com a mulher de quem está separado. Ele tenta voltar a lutar mas todas as suas tentativas acabam em fracasso. Produção americana de 1931.

E.T. — O EXTRATERRESTRE EM SUA AVENTURA NA TERRA (E.T. — The Extra-Terrestrial in His Adventure on Earth), de Steven Spielberg. Com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, Robert MacNaughton, Drew Barrymore e Sean Frye. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 - 240-1291), **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 - 255-2610), **Largo do Machado I** (Largo do Machado, 29 205-6842): 13h35m, 15h40m, 17h45m, 19h50m, 21h55m. **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745): 14h45min, 16h50min, 18h55min, 21h. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 - 249-4544); de 2ª a 6ª às 15h, 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 - 254-8975) **Bristol** (Av. Ministro Edgard Romero, 460 — 391-4822): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).
Como um conto de fadas da era espacial, o filme narra a história de um ser espacial que chega à Terra e é encontrado por um menino de 10 anos. Produção americana.

UM DIA NAS CORRIDAS (A Day at the Races), de Sam Wood. Com os Irmãos Marx (Groucho, Chico e Harpo), Allan Jones, Maureen O'Sullivan, Margaret Dumont, Leonard Ceeley e Douglas Dumbrille. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (Livre).
Comédia maluca tendo como centro da ação a tentativa de salvar um sanatório da falência. O namorado da proprietária tenta salvá-lo apostando nos cavalos mas não leva muita sorte até que, com a ajuda dos irmãos Marx, consegue desmascarar o chefe de uma gang que atua no prado roubando e enganando os apostadores. Produção americana de 1937.

A PROMETIDA (The Bride), de Franc Roddam. Com Sting, Jennifer Beals, Anthony Higgins, Clancy Brow e David Rappaport. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (14 anos).
Nova versão da clássica história do Dr. Frankestein. Depois de criar um homem, desajeitado e tolo, o jovem médico resolve dar vida a uma bela e frágil mulher. Produção americana.

CONQUISTA SANGRENTA (Flesh + Blood), de Paul Verhoeven, com Rutger Hauer, Jennifer Jason Leigh, Tom Burlinson, Susan Tyrrell e Ronald Lacey. **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. (18 anos).
Na Idade Média um mercenário comanda o exército de um nobre, que fica sozinho com o produto de um saque. Para vingar-se, o mercenário rouba-lhe a noiva e o dote oferecido. Produção americana de 1986.

CIDADE CORROMPIDA (Blue City), de Michelle Manning. Com Judd Nelson, Ally Sheedy, David Caruso, Paul Winfield e Anita Morris. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min, 22h. (14 anos).
Um jovem volta a sua cidade para tentar uma reconciliação com o pai mas descobre que ele foi assassinado. Lutando contra a corrupção, ele parte em busca do assassino. Produção americana de 1986.

ENTRE DOIS AMORES (Out of Africa), de Sydney Pollack. Com Meryl Streep, Robert Redford, Klaus Maria Brandauer, Michael Kitchen e Malick Bowens. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h, 22h30min. Até quarta. (Livre).
Uma jovem herdeira casa-se e vai morar na África onde compra uma fazenda. Depois de se separar do marido apaixona-se por um aventureiro mas logo é obrigada a voltar para sua terra. Baseado no livro de Isak Dinesen. Produção americana de 1985. Ganhador do Oscar em sete categorias: filme, diretor, fotografia, roteiro adaptado, trilha sonora, direção de arte e som.

COMANDO PARA MATAR (Commando), de Mark Lester. Com Arnold Schwarzenegger, Rae Dawn Chong, Dan Hedaya, Vernon Wells e James Olson. **Jacarepaguá Auto-Cine** (Rua Cândido Benício, 2.973 — 392-6186): 20h, 22h. Até terça (14 anos).
O ex-líder de uma força de ataque especial vive pacificamente no campo quando o ditador deposto de um país da América do Sul seqüestra sua filha e ele é obrigado a lutar novamente. Produção americana.

extra

UMA MULHER DE NEGÓCIOS (Liberdade em Bremen), de Rainer Werner Fassbinder. Hoje, às 18h, na **Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Produção alemã, com legendas em português.

MATO ELES? (Brasileiro), documentário de média-metragem de Sérgio Bianchi. Hoje, às 20h, na Aliança Francesa do Méier, Rua Jacinto, 7.
O filme fala sobre a exterminação dos últimos índios da reserva de Mangueirinha, no Sudoeste do Paraná.

CINEMA

OS CURTAS VOLTAM A ATACAR — Exibição de Fuzarca no Paraíso, de Regina Rheda, **Folguedos no Firmamento**, de Regina Rheda, **A Bicharada da Doutora Schwartz**, de Regina Rheda, **Tzubra Tzuma**, desenho de Flávio del Carlo e The Masp Movie, desenho de Hamilton Zini Jr. **Cineclube Estação Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): hoje, às 17h, 18h, 19h.

DANIEL SCHMID, O CINEASTA SUÍÇO — Hoje: O Beijo da Tosca (Il Bacio di Tosca), de Daniel Schmid. Com Sara Scuderi, Giovanni Puligheddu e Leonilda Bellon. **Cineclube Estação Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 20h. Com legendas em espanhol.
Documentário sobre o asilo para cantores de ópera que o compositor Giuseppe Verdi criou em sua casa na Itália. Produção suíça de 1984.

DANIEL SCHMID, O CINEASTA SUÍÇO — Hoje: A Sombra do Anjo (Schatten der Engel), de Daniel Schmid. Com Rainer Werner Fassbinder, Ingrid Caven e Klaus Lowitsch. Cineclube Estação **Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 22h. Com legendas em italiano.
História de uma prostituta muito bonita à procura de clientes, até que alguém faz-lhe uma proposta diferente. As debilidades humanas aparecem como centro desta história que foi co-escrita por Fassbinder. Produção suíça de 1976.

O ANJO DA MORTE — De Jan Kadar e Elmar Klos. Com Jan Kadar, Eva Novakova e Otto Lachivic. Hoje, às 19h30min e 21h30min, na **Sala Dezesseis**, Rua Voluntários da Pátria, 88. Drama de guerra, à época da ocupação nazista na Tchecoslováquia, mostrando as esperanças e paixões de dois jovens. Produção tcheca de 1963.

pornô

MULHERES TARADAS POR ANIMAIS — (Brasileiro), de Johannes Frayer. Com Lia Soul, Solange Dumont, Camila Gordon e Walter Gabarron. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): de 2ª a 6ª, às 12h, 13h25m, 14h50m, 16h15m, 17h40m, 19h05m, 20h30m. Sábado e domingo, às 13h25m, 14h50m, 16h15m, 17h40m, 19h05m, 20h30m. **Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 35 — 266-4491): 13h30m, 15h55m, 18h20m, 19h45m. (18 anos).

BANQUETE DO SEXO — De Werner Hedman, com Anna Bergman, Ole Soltoff e Judy Gringer. **Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2ª a 6ª, às 10h, 13h05m, 16h10m, 19h15m. Sábado e domingo, às 13h30m, 16h35m, 19h40m. (18 anos).

HOJE É FESTA PARA MINHA B... (Taboo Americano Style — Part 3 — The Exciting Conclusion), de Henri Pachard. Com Raven, Gloria Leonard, Kelly Nichols, Sharon Kane e Sarah Bernard. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 6ª, às 10h, 11h30m, 13h, 14h30m, 16h, 17h30m, 19h, 20h30. Sábado e domingo, a partir das 14h30m. **Scala** (Praia do Flamengo, 72): 14h, 15h30m, 17h, 18h30m, 20h, 21h30m. **Tijuca-Palace 1** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610), **Astor** (Av. Ministro Edgard Romero, 236 — 390-2036): 15h, 16h30m, 18h, 19h30m, 21h. (18 anos).

Niterói

ARTE-UFF — Me Beija, com Nina de Pádua. Curta: As Cobras, de Otto Guerra e José Maia. Às 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m (18 anos).

CINEMA-1 (711-9330) — Karatê Kid II — A Hora da Verdade Continua, com Ralph Macchio. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (10 anos).

NITERÓI (717-9322) — Inimigo Meu, com Dennis Quaid. Às 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min (10 anos).

CENTER (711-6909) — Marie, com Sissy Spacek. Às 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (14 anos).

ICARAÍ (717-0120) — A Cor Púrpura, com Whoopi Goldberg. Às 13h, 15h45min, 18h30min, 21h15min. Com som dolby-stereo. (14 anos).

CENTRAL (717-0367) — O Homem da Capa Preta, com José Wilker. Às 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (10 anos).

WINDSOR (717-6289) — E. T. — Extraterrestre em Sua Aventura na Terra, com Dee Wallace. Às 15h, 17h, 19h, 21h (Livre).

Cinematográfica F. J. Lucas Netto Ltda.
cooperativa brasileira de cinema

O CASAMENTO PERFEITO DA LITERATURA COM O CINEMA!

Sucesso Absoluto de Crítica e Público!

1ª GRANDE APRESENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE 1986

KAOS

KAOS I — KAOS II

O CINEMA PAIXÃO • O CINEMA AMOR
O CINEMA LUTA • O CINEMA SENTIMENTO

A DIREÇÃO: PAOLO e VITTORIO TAVIANI — Recordistas de Prêmios Mundiais

O AUTOR: LUIGI PIRANDELLO — Prêmio Nobel de Literatura

O ELENCO:
MARGARITA LOZANO – CLAUDIO BIGAGLI – E. M. MODUGNO
FRANCO FRANCHI – CICCIO INGRASSIA – OMERO ANTONUTTI

HOJE — RICAMAR COPACABANA — Exclusivamente

HORÁRIO 2,00 - 5,15 - 8,30 hs. — 14 ANOS

A CRÍTICA APLAUDE, O PÚBLICO VIBRA!

"UM FILME MUITO BONITO, EMOCIONANTE, DO GRANDE CINEASTA KING VIDOR" Carlos Fonseca (O GLOBO)

"UM FILME QUE CONTINUA ATUAL E MERECE A DEFINIÇÃO RARA DE CLÁSSICO" - Salviano Cavalcanti de Paiva.

"AINDA HOJE FAZ A PLATÉIA VIBRAR E MOSTRA VALORES QUE OS ANOS NÃO APAGARAM". Luiz Alípio de Barros (Última Hora)

"MAGNIFICAMENTE CONSERVADO E PARA SER DEGUSTADO COMO UMA AUTÊNTICA CURTIÇÃO" Flávio Manso Vieira (O GLOBO)

"KING VIDOR, O MELHOR QUE SE PODIA ESPERAR DO CINEMA AMERICANO, SEMPRE TÃO PERFEITO E INIGUALÁVEL. WALLACE BEERY E JACKIE COOPER COMPÕEM UMA DUPLA SENSACIONAL, INESQUECÍVEL. Clóvis Ramon (Jornal dos Sports)

"OSCAR" DE MELHOR ROTEIRO (FRANCIS MARION)

2ª semana

O CAMPEÃO

(The Champ) — DIRIGIDO POR KING VIDOR

Wallace BEERY — Jackie COOPER

Versão inédita e integral de 1931

HOJE EXCLUSIVAMENTE no PAISSANDU Nostalgia — censura LIVRE

3.00-4.40-6.20-8.00-9.40

HOJE OPERA 1 — AMANHÃ TIJUCA PALACE

URGENCE PARA MATAR

RICHARD BERRY, FANNY BASTIEN — UM FILME DE GILLES BÉHAT — TECHNICOLOR — 3ª SEMANA — 14 anos

2.30.4.20.6.10.8.9.50 hs

36 HORAS DE TERROR PARA SE DESVENDAR UM TERRÍVEL CRIME DE VINGANÇA!

HOJE EXCLUSIVAMENTE no CINEMA I — AV. PRADO JUNIOR 281 — 3-5-7-9 hs.

3ª SEMANA — 14 ANOS

CLAUDE LELOUCH

VIVA LA VIE

OUTRO PROVOCADOR E ALUCINANTE FILME DO MAIS APLAUDIDO CINEASTA DO MUNDO!

AMANHÃ LIDO 1 — 2-4-6-8-10

UM DIA NAS CORRIDAS

13ª SEMANA — IRMÃOS MARX — direção de SAM WOOD — ALLAN JONES, MAUREEN O'SULLIVAN — CENSURA LIVRE

AMANHÃ JOIA — 3.00-5.00-7.00-9.00

UM SONHO DE Domingo

uma obra-prima de BERTRAND TAVERNIER — CENSURA LIVRE — 16ª SEMANA

GRUPO SEVERIANO RIBEIRO

Do realizador de "O BARCO, inferno no mar" e "A HISTÓRIA SEM FIM"

INIMIGO MEU

TWENTIETH CENTURY FOX — KINGS ROAD ENTERTAINMENT — WOLFGANG PETERSEN
DENNIS QUAID — LOUIS GOSSETT JR. — "ENEMY MINE" — MAURICE JARRE — TONY IMI — STANLEY O'TOOLE
ROTEIRO DE EDWARD KHMARA — BARRY LONGYEAR — STEPHEN FRIEDMAN — WOLFGANG PETERSEN

HOJE

SÃO LUIZ 2 — PALÁCIO 1 — COPACABANA — BARRA 2
AMÉRICA — MADUREIRA 1 — OLARIA — CENTRAL
PETRÓPOLIS — PAZ CAXIAS — PALÁCIO CAMPO GRANDE — HORÁRIOS DIVERSOS

JOSÉ WILKER MARIETA SEVERO em

O HOMEM DA CAPA PRETA

Um filme de SERGIO REZENDE

5ª SEMANA

COM JONAS BLOCH
CARLOS GREGÓRIO
PAULO VILAÇA
TONICO PEREIRA

Uma Produção: Morena Filmes - Mariza Leão
Censura: 10 ANOS
Distribuição EMBRAFILME

CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO

C. Granato

Zezé Polessa e Guida Vianna contracenam com o elenco de As Minas do Rei Aurino

Uma peça como você gosta

Não é sempre que se encontra nos palcos do teatro infantil um trabalho profissional que justifique o preço dos ingressos. Mas nem tudo na atual temporada carioca é sinônimo de caça-níqueis ou de amadorismo. Em **As Minas do Rei Aurino**, por exemplo, entram em cena Guida Vianna, Zezé Polessa, José Lavigne e João Brandão, atores experientes em outros palcos infantis e adultos. Eles contracenam com um elenco jovem, numa montagem bem cuidada que dá roupagem ao texto de Mário Pontes. Para quem quiser conferir, **As Minas do Rei Aurino** está em cartaz no Teatro Cacilda Becker e a sessão de hoje começa às 17h.

Um espetáculo interplanetário

Que tal passear pelo espaço de uma forma simples e imaginária? Basta embarcar num helicóptero pilotado por brinquedos que ganham vida. É só chegar aos domingos, à sala de projeção do Planetário da Cidade, na Gávea, às 18h30min em ponto para assistir ao audiovisual **Caixinha de Brinquedos**, produzido pelos astrônomos do local.

Na chegada, a garotada fica eufórica para entrar rapidamente na Cúpula Nicolau Copérnico, com capacidade para 133 pessoas. As cadeiras são reclinadas, para se ter um visual melhor. Na tela hemisférica, o primeiro personagem da história convida todo mundo para uma viagem espacial, mas o suspense maior acontece na hora em que o local escurece e o céu surge cheio de estrelas, reproduzido pelo projetor Spacemaster. Durante a viagem, o pequeno personagem faz contato através do rádio do helicóptero com uma equipe de brinquedos de uma loja no Japão. Esse contato serve para que as crianças compreendam a diferença de fuso horário entre os dois países. Em seguida, os personagens encontram uma boneca de trapo que, usando um pozinho mágico, segue pelo espaço com eles e lhes ensina a conhecer estrelas, constelações, planetas, satélites e um cometa.

Para montar a história de **Caixinha de Brinquedos**, cinco astrônomos elaboraram o projeto durante dois meses. Primeiro foi criado o texto e, aos poucos, foi-se adaptando os recursos dos projetores para ilustrar. "Na verdade, pretendemos dar informações de astronomia com um caráter de espetáculo", diz Ormis Durval Rossi, umdos astrônomos.

Na opinião das crianças, a idéia foi aprovada. Marcelo Abramoff Continentino, de seis anos, já viu quatro vezes o mesmo programa. "Adoro computadores e tudo do céu. Achei um barato.". Mais do que isso, Vanessa Silveira de Carvalho, 10 anos, acha que "deu para aprender com as ilustrações o que eu não tinha aprendido na escola". O Planetário da Cidade fica na Av. Padre Leonel Franca, 240 — Gávea. Os ingressos custam Cz$ 7,40 (adultos) e Cz$ 3,70 (crianças).

Helena Tavares

karaokê

A KARA DO KARAOKÊ — Hoje às 15h, danceteria e vídeos. Apresentação de Kiko Fiore. Ingressos a Cz$ 20,00. Manhattan, Av. Menezes Cortes, 3020 (392-8757).

VIVA A INFÂNCIA — Brincadeiras e karaokê com João Soncini e Vera Macedo. Hoje às 17h, no Calabar, Rua Dr. Satamini, 244. **Couvert** a Cz$ 10,00.

KARAOKÊ DO VOVÔ JEREMIAS — Karaokê com sorteios, brincadeiras de mágicas, com o ator Walter Jeremias. Hoje às 17h30min, no **Al Pashá**, Rua Visc. de Pirajá, 276 (247-0961). Ingressos a Cz$ 30,00, com direito a lanche. Lotação esgotada.

matinês

SESSÃO COCA-COLA — A Gata Borralheira — Lagoa Drive-In: 18h30min (Livre).

OS TRAPALHÕES NAS MINAS DO REI SALOMÃO — Jacarepaguá Auto-Cine: 18h30min (Livre).

planetário

PLANETÁRIO — Programação: sáb e dom às 17h, Carrinho Feliz, sáb, às 18h30m, **Até Que o Sol se Apague**; dom, às 18h30m, **Caixinha de Brinquedos**. Ingressos a Cz$ 7,40 e Cz$ 3,70, crianças até 12 anos, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096).

show

O PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Programação: palhaço Melancia, Mauro Menezes e Lu Maia, acrobacias de Dalmo e Daniela e malabarismo com Luís Carlos e Ulisses e discoteca. Sáb e dom, às 16h, no **Morro da Urca**, Av. Pasteur, 520. Ingressos só do bondinho a Cz$ 12,00 e Cz$ 6,00, crianças de quatro a 10 anos.

teatro

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00.

A BELA BORBOLETA — Texto de Ziraldo. Direção de Carlo Arruda. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 50,00.

BOM DIA ALEGRIA — Musical de Pauline Luise Milek. Direção de Cacá Silveira. Músicas de Caique Botkay. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Com o grupo Carrossel. Hoje às 17h30min, no **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292), ingressos a Cz$ 30,00.

BRINCANDO DE ROMEU E JULIETA — Musical de Neyde Lyra e Fátima Gabriel. Direção de Neyde Lyra. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230 (212-5695). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

A CASA DE CHOCOLATE — Texto de Nazareth Rocha. Direção de Wagner Lima. **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

A CASA DO BODE — Texto de Carlos Lisboa. Direção de Elisa Simões. **UNE**, Rua do Catete, 243, hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 20,00.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto e direção de Walter Costa. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Teatro de Brigitte Blair. Direção de João Soncini e Dylmo Elias. **Teatro do Clube Monte Sinai**, Rua S. Francisco Xavier, 104 (248-8448). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 15,00.

A FADA BENFAZEJA PROTETORA DAS CRIANÇAS — Texto de João Carlos Rodrigues. Direção de Luna Brum. **Teatro do Tijuca Tênis Clube**, Rua Cde. de Bonfim, 451 (268-1012). Hoje às 17h30min. Ingressos a Cz$ 20,00.

Menino do Egito no Teatro Glauce Rocha

FADA DO LAGO AZUL II — Texto de Limachem Cherem. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. Hoje às 17h30min. Ingressos a Cz$ 20,00. Acompanhante não paga.

A FEITICEIRA QUE GOSTAVA DE CONTAR HISTÓRIAS — Texto de Jorge Paulo. Direção de Jorge Paulo e Conrado de Freitas. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

A GATA BORRALHEIRA — Musical de Maria Clara Machado. Teatro Ipanema, Rua Prudente Direção de Carlos Wilson. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00. Até dia 28.

A GEMA DO OVO DA EMA — Texto de Sylvia Orthoff. Direção de Tuninho Rocha. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Hoje às 10h30min. Ingressos a Cz$ 20,00.

GONÇALINHO E GONÇALÃO? ... QUE CONFUSÃO — Texto de Zenaider Rios. Direção de João Soncini e Dylmo Elias. **Teatro do Clube Monte Sinai**, Rua S. Francisco Xavier, 104 (248-8448). Hoje às 17h30min. Ingressos a Cz$ 25,00.

O GUARDA-CHUVA MÁGICO — Texto e direção de Paulo Afonso de Lima. **Oba Oba**, Rua do Humaitá, 110 (286-9848). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 70,00, com direito a refrigerante.

HEP E REG — Espetáculo de atores e bonecos com texto de Arnaldo Miranda. Direção de Ivan Merlino e bonecos de Marcílio Barroco. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00.

HISTÓRIA DE LENÇOS E VENTOS — Texto de Ilo Krugli. Direção de Maria Luísa Prates. Com o grupo Chá com Mel. **Teatro Isa Prates**, Rua Francisco Otaviano, 131 (287-0563). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 20,00.

ILUSÕES CÔMICAS — Show de humor e teatro de bonecos com texto e direção de Gilvan Javarini. **Shopping Rio-Sul**, 3º piso. Hoje às 15h e 17h. Entrada franca. Até dia 28.

JOÃOZINHO E MARIA NA FLORESTA MÁGICA — Direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

KATIBUM EM BUSCA DE PEDRA MÁGICA — Texto e direção de Mauro dos Anjos. **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal Cordeiro de Faria, 511. Hoje às 15h. Ingressos a Cz$ 15,00.

O MÁGICO DE OZ — Original de Lyman Franl Baum. Adaptação de Nelson Wagner e Francis Mayer. Direção de Waldez Ludwig. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). Hoje às 17h30min. Ingressos a Cz$ 40,00.

MENINO DO EGITO — Texto de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Carlos Wilson. Figurinos de Kalma Murtinho. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 25,00.

O MENINO E O SONHO — Texto e direção de Humberto Abrantes. **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). Hoje às 17h30min. Ingressos a Cz$ 30,00.

MICKEY E PATETA EM APUROS — Com o grupo Carrossel. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

AS MINAS DO REI AURINO — Texto de Mário Pontes. Direção de José Lavigne. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 25,00.

NO MUNDO DOS SONS — Musical de Fernanda Quinderê e Luiz Eça. Direção de Antônio Grassi. **Teatro Villa Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 50,00.

O OVO DE COLOMBO — Texto de Marília Gama Monteiro. Direção de Marcelo Barreto. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350 (295-3448). Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00.

OS PALHACINHOS TRAPALHÕES — Texto e direção de Procópio Mariano. Núcleo Experimental de Cultura, **Rua do Catete, 243**, hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

PASSA, PASSA, PASSARÁ — Musical de Ana Luiz Job. Direção de Roberto Frota. Músicas de Antônio Adolfo, Paulinho Tapajós e Xico Chaves. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52. Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00.

PEDRO E O LOBO — Adaptação de Denise Crispun. Direção de Beto Crispum. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

PRENDAS DE AMOR — Conto de fadas, encenado por bonecos, com texto e direção de Zé Carlos Meirelles. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa de Isabel, 440 (275-6695). Hoje às 17. Ingressos a Cz$ 30,00.

PLUFT, O FANTASMINHA — Texto e direção de Maria Clara Machado. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Hoje às 16h e 17h30min. Ingressos a Cz$ 15,00.

PUXA, QUE BRUXA — Texto de Sônia Prazeres. Direção de Beto Crispun. **Teatro do Planetário**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). Hoje às 17h30m. Ingressos a Cz$ 30,00

SIMBAD DE BAGDAD — Texto de Lenita Plonczynski e Claudio Tovar. Direção de Cláudio Tovar. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230 (212-5695). Hoje às 17h30min. Ingressos a Cz$ 30,00. Até dia 28.

O SUPER GATÃO — Texto e direção de Walter Costa. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00.

VAMOS BRINCAR DE CIRCO? — Texto e direção de Sallo Tchê. **Teatro A.S.A.**, Rua S. Clemente, 155. Hoje às 17h. Ingressos a Cz$ 30,00. Estacionamento próprio.

VAMOS JOGAR O JOGO DO JOGO — Comédia musical com texto de Antônio Fernando Bezerra. Direção de Marco Miranda. **Teatro Gay Lussac**, Rua Cel. João Brandão, 95 (719-7474), Niterói. Hoje às 16h30min. Ingressos a Cz$ 30,00. Até dia 28.

VERDE QUE TE QUERO VER — Musical de Paulinho Tapajós e Edmundo Souto. **Teatro Tereza Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 40,00.

A VIAGEM DE UM BARQUINHO — Texto de Silva Orthoff. Adaptação do grupo Grite/Corpo Vivo. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 30,00. Até dia 28 de setembro.

A VOLTA DO CAMALEÃO ALFACE — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Toninho Lopes. Com o grupo Ponto de Partida. **Teatro do Planetário da Gávea**, Rua Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). Hoje às 16h. Ingressos a Cz$ 20,00. Estacionamento próprio. Até dia 28.

SHOW

show

JOHNNY RIVERS — Show do cantor, compositor e guitarrista. **Scala 1**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). Dom, às 21h. Ingressos a Cz$ 350,00. Último dia.

CELSO BLUES BOY — Show de lançamento do LP **Marginal Blues** do cantor e guitarrista acompanhado de conjunto. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 21h. Ingressos a Cz$ 80,00. Último dia.

SIMONE — Show da cantora acompanhada da banda Amorosa. Direção e iluminação de Flávio Rangel. Cenário de Mário Monteiro. Direção musical de Cristóvão Bastos. **Scala 2**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). De 5ª a sáb., às 22h; dom., às 20h. Ingressos a Cz$ 200,00 (mesa) e Cz$ 100,00 (poltrona). O espetáculo começa rigorosamente no horário.

DONA DE MIM — Show da cantora Tânia Alves acompanhada de banda. Roteiro e direção de Wolf Maia. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046). De 4ª a sáb, às 21h30min; dom, às 20h. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 100,00 e de 6ª a dom a Cz$ 120,00.

PALCO SOBRE RODAS — A partir das 14h, com oficinas de criatividade, teatro infantil, Ballet Corpo e Dança, Ballet do Terceiro Mundo, orquestra Ases de Ouro e outros. Pça. Bete Quadros Coimbra, Acari. Entrada franca.

WEBER WERNECK — Show do cantor acompanhado de conjunto. A partir das 14h, no 3º piso do Rio-Sul. Entrada franca.

PROJETO NELSON CAVAQUINHO — Apresentação de Delcio Carvalho e Wilson Moreira. Hoje, às 18h30min, no **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal. Cordeiro de Faria, 511. Ingressos a Cz$ 20,00.

FRUTA BOA — Show do grupo Versão Brasileira. **Teatro Arthur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454. Hoje, às 21h. Ingressos a Cz$ 30,00.

EU SOU UM ESPETÁCULO — Show do humorista José Vasconcelos. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb, às 20h e 22h30min e dom, às 20h. Ingressos a Cz$ 80,00 e Cz$ 50,00, estudantes (só na 4ª, 5ª e dom).

Mabel Arthou

Celso Blues Boy toca no Teatro Ipanema

DESCULPEM A NOSSA FILHA... PERDÃO A NOSSA FALHA II — Texto, direção e interpretação do humorista Geraldo Alves. Teatro do Ibam, Lgo do Ibam, 1 (266-6622). 5ª e 6ª, às 21h30min; sáb. às 20h e 22h e dom. às 18h e 20h30min. Ingressos 5ª e dom a Cz$ 30,00; 6ª e sáb. a Cz$ 40,00. Estacionamento próprio.

SERGIO RABELLO — O NOVO HUMOR — Espetáculo do humorista. Teatro da lagoa, Av. Borges de Medeiros, 1426 (274-7999). De 5ª, às 21h30min; 6ª e sáb., às 22h; dom, às 20h. Ingressos a Cz$ 70,00 (16 anos)

RI MELHOR QUEM RI BEMVINDO — Show de humor com texto, direção e interpretação de Bemvindo Sequeira. Direção musical de Caique Botkay. **Sobrado do Viro da Ipiranga**, Rua Ipiranga, 54 (225-4762). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb e dom, às 20h e 21h30min. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 60,00; 6ª e dom a Cz$ 80,00 e sáb a Cz$ 100,00.

A GARGALHADA DO PERU — Texto de Gugu Olimecha, Edy Star e José Fernando Bastos. Direção de Edy Star. Com Edy Star, Leda Lucia, Jorge Laffond e Roberto Pallu. **Teatro do América**, Rua Campos Salles, 118 (234-2060). De 5ª a sáb., às 21h15min; dom., às 20h. Ingressos 5ª, 6ª e dom. a Cz$ 60,00, sáb. a Cz$ 70,00.

revista

ELAS QUEREM O QUE ELE TEM — Texto e direção de Ankito. Com Ankito, Denise Casais, Regina Pimentel e outros. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 4ª a dom., às 21h. Ingressos de 4ª a 6ª a Cz$ 60,00 e sáb. a dom. a Cz$ 70,00.

DANÇANDO NA AMIZADE (ELE E SEUS DOIS MARIDOS) — Com Alex Mattos, Walter Costa, Kaique Vieira, Sílvia Avelis e outros. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). De 4ª a dom. às 21h30min. Ingressos de 4ª a 6ª a Cz$ 40,00, sáb e dom. a Cz$ 50,00.

ELAS DÃO CERTO — Revista de Carlos Nobre, José Sampaio e Colé. Com Colé, Nick Nicola, Henriqueta Brieba e outros. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 3ª a 6ª, às 21h; sáb, às 20h e 22h30min; dom, às 18h e 20h30min. Ingressos de 3ª a 5ª e dom a Cz$ 60,00; 6ª e sáb a Cz$ 70,00.

GOLDEN RIO — Show musical com a cantora Watusi e o ator Grande Otelo à frente de um elenco de bailarinos. Direção de Maurício Sherman, Coreografia Juan Carlo Berardi. Orquestra do maestro Guio de Moraes. **Scala-Rio**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). De 2ª a dom, às 23h. **Couvert** a Cz$ 200,00.

SONHO SONHADO DE UM BRASIL DOURADO II — Musical com arranjos e regência de Silvio Barbosa. Coreografia de Walter Ribeiro. **Plataforma**, Rua Adalberto Ferreira, 32 (274-4022). Diariamente, às 23h. Consumação a Cz$ 250,00, com direito a salgadinhos e bebidas nacionais.

OBA OBA BRASIL — Show apresentado por Luiz Cesar. Com Glória Cristal, Dario Filho, Vera Benévolo, As Mulatas Que Não Estão no Mapa e a orquestra do maestro Fraga. Rua Humaitá, 110 (286-9848). Diariamente jantar dançante às 20h30min e **show** às 23h. **Couvert** a Cz$ 200,00.

pagode

PAGODE, A NOVA FORÇA DO SAMBA — Fundo de quintal com Almir Guineto, Zeca Pagodinho, Jovelina Pérola Negra, Fundo de Quintal e Samba Som Sete. **Gafieira Asa Branca**, Av. Mem de Sá, 17 (252-4428). Hoje, às 23h. Ingressos a Cz$ 150,00. Último dia.

DOMINGUEIRA VOADORA — Baile-show com a Orquestra Tabajara e mostra da coleção de Bebel Moulin. Hoje, às 22h30min, no **Circo Voador**, Lapa. Ingressos a Cz$ 25,00.

MANGA ROSA — Hoje às 18h pagode com o grupo Nova Era. **Couvert** a Cz$ 30,00. Consumação a Cz$ 50,00. Rua 19 de Fevereiro, 94 (266-4996).

BOTECOTECO — Hoje, às 20h, baile-**show** com Zeca do Trombone e banda. Av. 28 de Setembro, 205 (284-8631). **Couvert** de 5ª a sáb. a Cz$ 100,00 e dom. a Cz$ 30,00.

karaokê

KARAOKÊ DO VOGUE — Diariamente, a partir das 22h, o cantor e guitarrista Guto Angelicci e às 23h30min, karaokê

Ari Gomes

Zeca comanda o Pagode no Asa Branca

com música ao vivo apresentado por Rinaldo Genes e Mario Jorge. Couvert e consumação a Cz$ 50,00. Rua Cupertino Durão, 173 (274-4145).

CANJA — Hoje, às 20h30min; karaokê, onde o cliente canta acompanhado de 950 **play-backs** (músicas nacionais e internacionais, além de uma coleção de tangos e boleros) ou de Armando Martinez (órgão). Apresentação dos cantores Ernesto Pires e Mario Jorge. Cz$ 50,00 (consumação); Av. Ataulfo de Paiva, 375 (511-0484).

KARAOKÊ CARIOCA — Karaokê com apresentação de Marco Cinelly e Henrique Vasconcelos. **Play-backs**, brincadeiras e música para dançar. Hoje, às 21h. Consumação a Cz$ 30,00. Rua Xavier da Silveira, 112 (255-3320).

casas noturnas

STUDIO MISTURA FINA — Hoje, a performance **Comício de Tudo**, com o poeta Chacal e Mimi Lessa. Às 23h **Couvert** a Cz$ 50,00. Consumação a Cz$ 30,00. Rua Garcia D'Ávila, 15 (259-9394).

PEOPLE — Hoje, às 22h30min, Terra Molhada; Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). **Couvert** a partir das 22h30min, a Cz$ 75,00.

ALÔ ALÔ — Às 22h30min, Bruce Henry (baixo) e Quarteto. **Couvert** a Cz$ 120,00. Rua Barão da Torre, 368 (521-1460).

O VIRO DA IPIRANGA — Hoje, às 22h Guilherme Brício e grupo, às 23h, grupo Gávea. **Couvert** a Cz$ 30,00. Rua da Ipiranga, 54 (225-4762).

LET IT BE — Hoje, grupo Viúva Negra. A casa abre às 21h. Ingressos a Cz$ 30,00. Rua Siqueira Campos, 206.

BARBAS — Hoje, às 21h **Flor do Caribe**, **show** com Gilberto Benvindo. Ingressos a Cz$ 25,00. Rua Álvaro Ramos, 408 (541-8396).

ROND POINT — Hoje, a partir de 17h, Rio Dixieland jazz band. **Couvert** a Cz$ 40,00. **Rond Point Hotel Meridien**, Av. Atlântica, 1020 (275-1122).

CHIKO'S BAR — Piano-bar com música ao vivo a partir das 21h. Às 21h30 min Wilson Nunes (piano), Tibério (contrabaixo) e Fátima Regina (vocal); Aberto diariamente a partir das 18h, com música de fita. Sem **couvert**, sem consumação mínima. Av. Epitácio Pessoa, 1.560 (267-0113 e 287-3514).

CALÍGOLA — Diariamente, às 19h., conjunto de Francisco Botelho (piano) Moacir Luz (violão) e a cantora Ana Isaura. **Couvert** a Cz$ 50,00 e consumação a Cz$ 150,00. Anexo discoteca diariamente, às 22h, comandada por Bernard de Castejá e Marcelo Maia. Consumação a Cz$ 150,00. Rua Prudente de Morais, 129 (287-1369).

VINICIUS — Diariamente, às 21h, a orquestra de Celinho do Piston e os cantores Vitor Hugo, Roberto Santos, Leona. Av. Copacabana, 1 144 (267-1497). **Couvert**, a Cz$ 25,00.

SOBRE AS ONDAS — Diariamente, a partir das 20h, o pianista Miguel Nobre e a cantora Consuelo. Depois o conjunto de Osmar Milito e os cantores Nethy e Beto. Av. Atlântica, 3 432 (521-1296).

ALBATROZ — **Show** do conjunto de **rock**. Hoje, às 21h, no **Made in Brazil**, Av. Armando Lombardi, 1000. **Couvert** a Cz$ 30,00.

MÚSICA

DUO DE GAITA E VIOLÃO — Apresentação de José Luiz Staneck e Paulo Rogério Vaiana. Hoje, às 15h30min, no **Museu da Chácara do Céu**, Rua Murtinho Nobre, 93, S. Teresa. (224-8981). Ingressos a Cz$ 10,00.

LUIZ ANTÔNIO PEREZ — Recital do violonista interpretando peças de Villa-Lobos, Manuel Ponce, Francisco Tarrega, Joaquim Turina e outros. Hoje, às 19h30min, na **Corrente da Paz Universal**, Rua Senador Dantas, 117, cob. 03. Entrada franca.

VÍDEO

ROBÔS EFÊMEROS — Performance com Fausto Fawcett, Lena Brito e participação de Regina Casé e Luiz Zerbini. Às 22h, no **TV Bar Club** (Rua Teresa Guimarães, 92). Antes e depois do espetáculo, vídeos de rock.

THE BEATLES — Às 21h, **Let It Be**; às 23h, **The Tokyo Concert**, no **Video Bar Ciúme** (Rua Dias Ferreira, 259).

ROCK É ROCK MESMO — Concerto do Led Zepellin. Sessões às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, no **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63).

ARTISTAS POPULARES — Exibição de **Ulisses — Vale do Jequitinhonha**, de Lélia Cotelho Frota, e **Quincas-Albertino**, da Fundação Cultural do Distrito Federal. Hoje, às 16h, no **Museu do Folclore**, Rua do Catete, 181.

VÍDEOS NO CAVERNA 4 — Exibição de vídeos com **Marillion, Dio e Kis**. Hoje, às 17h, na Rua Bento Lisboa, 64.

VÍDEOS NO MANHATTAN — Hoje, às 16h: **Dr. Silvana e Cia e Lobão**. No **Manhattan**, Av. Menezes Cortes, 3.020 — Jacarepaguá.

VÍDEOS NO URBI UM — Exibição de **Live-Flesh**, com **Flesh For Lulu** e **Ghost Sonata**, vídeo-performance com Tuxedo Moon. Hoje, às 21h, no **Urbi Um**, Rua Paulino Fernandes, 13.

DANCETERIA

LA DOLCE VITA — Disco-clube com os discotecários Amândio da Hora e Walmor. Diariamente, às 22h, na Av. Ministro Ivan Lins, 80, Barra (399-0105). Ingressos a Cz$ 100,00.

METRÓPOLIS — Hoje, as bandas Algo Incomum, Tchenobil, D-Cor e Legítima Defesa. A casa abre às 19h. Ingressos a Cz$ 30,00. Estrada do Joá, 150 (322-3911).

DANCETERIA MISTURA FINA — Hoje, às 17h A Trilha e às 22h, som e vídeos. Ingressos às 22h, a Cz$ 45,00, homem e Cz$ 30,00, mulher; às 17h a Cz$ 40,00, homem e Cz$ 25,00, mulher. Estrada da Barra da Tijuca, 1636 (399-3460).

DANÇA

MOMENTOS — Apresentação do grupo Vacilou Dançou. Programa: **Uma Dança Para Todos e Ninguém**, coreografia de Carlota Portela e roteiro de Paulo Cesar Coutinho e **Do Fundo do Meu Coração**, coreografia de Renato Vieira e coreiro de Paulo Cesar Coutinho. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350 (295-3448). De 4ª a 6ª, às 21h15min; sáb. às 21h30min e dom. as 19h30min. Ingressos 5ª, 6ª e dom a Cz$ 70,00 e Cz$ 50,00, estudantes; sáb a Cz$ 70,00.

CUMBRE FLAMENCA — Espetáculo de canto e dança espanhóis sob a direção de Francisco Sanches. Com os dançarinos Antonio Canales, Carmem Cortes, Cristobal Reyes, La Tati e La Tolea; o guitarrista Gerardo Nunez; os cantores Alfonso El Veneno, Gabriel Cortes, Pedro Montoya e Talegon de Cordoba entre outros. **Sala Cecília Meirelles**, Lgo da Lapa, 47. Hoje, às 18h. Ingressos a Cz$ 350,00, platéia e balcão simples a Cz$ 250,00, (1ªs filas) e Cz$ 150,00 (últimas filas). Último dia.

DOM QUIXOTE — Apresentação da música de L. Minkus. Coreografia de Dalal Achcar. Cenários e figurinos de José Varona. Artistas convidados: Fernando Bujones e Lazaro Carreño. Participação de Desmond Doyle, Dennis Gray, Alain Leroy, José Maria, Hugo Travers, Loracy Setragni e Alberto Nogueira. Com Ana Botafogo, Nora Esteves, Cecília Kerche, Heliana Pantoja, Paulo Rodrigues, Francisco Timbó e Antônio Gaspar. **Teatro Municipal**, Cinelândia. Dias 20 e 25, às 21h. Hoje e dias 21, 27 e 28, às 17h. Dias 17, 26, às 14h. Dias 18, 23 e 30, às 18h30min. Dias 19 e 24, às 10h30min. Ingressos dias 18, 20, 23 e 28 a Cz$ 400,00, platéia e balcão nobre; a Cz$ 250,00, balcão simples; a Cz$ 150,00, galeria e a Cz$ 3 mil frisa e camarote. Nos demais dias a Cz$ 280,00, platéia e balcão nobre; a Cz$ 160,00, balcão simples; a Cz$ 80,00, galeria e a Cz$ 2 mil, frisa e camarote.

EXPOSIÇÃO

ORQUÍDEA COLLECTION 86 — Exposição de orquídeas dos Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro. **Rio Design Center**, Av. Ataulfo de Paiva, 270. Das 10h às 22h. Último dia.

JULIO DE FREITAS — Artesanato em macramê. **Planetário da Cidade do Rio de Janeiro**, Av. Padre Leonel Franca, 240. Das 16h às 20h. Último dia.

EXPOSIÇÃO RELEITURA — Cerâmica inspirada em acervo do Museu Histórico Nacional, produzida por Clara Fonseca, Graciela Pascual, Mariana Canepa e outros. **Museu Histórico Nacional**, Praça Marechal Âncora, s/nº. Das 14h30min às 17h30min. Último dia.

ALUÍSIO CARVÃO — Pinturas. **Galeria de Arte do Centro Empresarial Rio**, Praia de Botafogo, 228. Das 13h às 18h. Até dia 21.

ERNST BARLACH — Gravuras. **Sala Bernardelli do MNBA**, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Até dia 21.

QUATRO QUADROS — Painéis de Analu Cunha, Inês de Araújo, Jorge Guinle e Mario Azevedo. **Corredor do Centro Cultural Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Das 9h às 24h. Até o final do ano.

FUGAZ — Esculturas de Carlos Alberto Guedes Falcão. **Foyer do Teatro Municipal** — Cinelândia. Hoje, no horário do balé. Até dia 5.

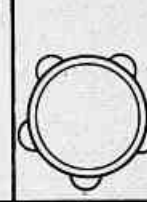
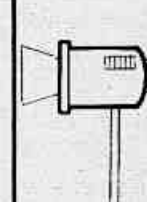
A HISTÓRIA DA GRAVURA BRASILEIRA — Exposição de litografias de vários artistas entre eles Aldo Bonadei, Carlos Scliar, Livio Abramo e outros. **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. Das 16h às 19h. Até dia 9 de outubro.

ARQUITETURA DA CASA — Projetos para residências. **Pavilhão Victor Brecheret**, Av. Epitácio Pessoa, 3 300 — Parque da Catacumba. Das 16h às 20h. Promoção da Rioarte. Até 12 de outubro.

ELETROPOESIA — Apresentação de poesia Eletri/CIDADE, de Leila Miccolis, em **display**. **Centro Cultural Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Das 9h à meia-noite. Até dia 30.

URBANO — Pinturas. **People**, Rua Bartolomeu Mitre, 370. A partir das 19h. Até amanhã.

ROSA MARIA BAHIANNA E YARA SIMÕES — Tapeçarias e pinturas. **Galeria de Arte do Hotel Nacional**, Av. Niemeyer, 769. Das 9h às 22h. Até amanhã.

MAURÍCIO ALVAREZ — Desenhos e aquarelas. **Michelangelo Galeria de arte**, Rua Tavares de Macedo, 128 — Icaraí. Das 10h às 20h. Até dia 16.

MODA PRIMAVERA/VERÃO — Exposição com fotos da moda de vanguarda dos principais estilistas brasileiros. **BarraShopping**, Av. das Américas, 4 666. Das 10h às 22h. Até dia 27.

JOSÉ ANTONIO FILIPAK — Pinturas. **Galeria SESC Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Das 10h às 22h. Até dia 28.

PERPETU ARTE — Obras de Ching San, R. Marcelo Tichauer e Max Vila K. **Galeria Roberto Alves**, Av. Princesa Isabel, 186 — Loja E. Das 15h às 22h. Até dia 30.

ARTE DO ADORNO — Exposição de arte indígena em plumas e couro. **Ricamar**, Av. Copacabana, 360 — saguão. Das 14h às 22h. Até dia 31 de outubro.

o barato do domingo

manhã

8h • Mostre seu dote artístico participando do Concurso de Pintura e Desenho, que será realizado no Passeio Público (Centro da Cidade). O tema é o próprio local. É só chegar e se inscrever. O pessoal fica por lá até as 15h. **DE GRAÇA.**

9h • Passe pela rua Martins Pena nº 9 (Tijuca) e participe dos festejos do segundo aniversário do Encontrarte Espaço Cultural. A manhã vai ser toda dedicada à criatividade. Tem brincadeira pra todas as idades. O programa é **DE GRAÇA.**

10h • Dê uma chegada no Jardim Botânico e se inspire curtindo o Dia da Poesia. É um verdadeiro **show** de poesia e música, onde, até as 17h, o espaço estará aberto para artistas que vão expor e autografar seus livros. Você paga apenas Cz$ 1,70.

10h30 • Mate sua curiosidade e observe de perto várias experiências científicas. Basta ir ao Castelo da Fundação Oswaldo Cruz (Av. Brasil, 4365). Dá até para saber como se processa a fotossíntese. É o projeto Ciência e arte Viva. **DE GRAÇA.**

almoço

• Na falta de carne, o cozido pega bem. O Barbas (Rua Álvaro Ramos, 408 — Botafogo) oferece o prato por Cz$ 60. O peixe à espanhola (duas postas de badejo, batata cozida e molho de tomate) é o mesmo preço. Bem servidos.

• Não se trata de um filé grande e tenro, mas sim do Picadinho, prato de criança (ovo, batata frita, arroz, farofa e carne picadinha): Tudo isso por apenas Cz$ 28, servido no bar Botequim 184 (Rua Visconde de Caravelas, 184).

• Não precisa ir muito longe para saborear um suculento prato de bife de caçarola com espaguete. Basta passar pelo Café Lamas (Rua Marquês de Abrantes, 18-A — Flamengo). O preço é de dar água na boca. Apenas Cz$ 20.

tarde

14h • Você já foi a Acari? Não? pois então vá. O Palco Sobre Rodas estará lá, na Praça Bete Quadros Coimbra. A programação é variada e inclui oficina de criatividade, música e dança na rua. A animação dura até as 19h. **DE GRAÇA.**

15h • Enquanto os pais passeiam e observam as lojas do Rio Sul, as crianças assistem ao **show** Ilusões Cômicas, num improviso criado pelo teatro de bonecos. Chegue cedo ao 3º piso do Shopping. **DE GRAÇA.**

15h30 • Aproveite a oportunidade para mostrar à garotada um pouco da história da fauna e flora brasileiras e da convivência de grupos indígenas com a natureza. O tema é debatido hoje no Museu do Índio (Rua das Palmeiras, 55 Botafogo). **DE GRAÇA.**

16h • Visite a exposição Arquitetura da Casa I, no Pavilhão Victor Brecheret (Parque da Catacumba, Lagoa) e fique boquiaberto com os projetos de vários arquitetos famosos sobre moradia. O objetivo é ampliar a discussão sobre o tema "casa". **DE GRAÇA.**

Noite

18h • Um pouco de nostalgia não faz mal a ninguém. Que tal recordar o passado do Leme? É só apreciar a exposição de fotografias que a Ama-Leme está promovendo no calçadão da praia do bairro. **DE GRAÇA.**

18h30 • Aproveite o clima da Primavera para observar a Exposição de Orquídeas dos Orquidófilos Associados do RJ. Está no Rio Design Center (Av. Ataulfo de Paiva, 270-Leblon). Hoje é o último dia. Até as 20h. **DE GRAÇA.**

20h • Pagode é bom, melhor ainda se for **DE GRAÇA.** Ele acontece hoje no Setor 1 do Sambódromo (Marquês de Sapucaí). O ritmo rola solto e pagodeiro que se preza vai chegando e se misturando ao pessoal. Só paga a cerveja e os aperitivos.

20h30 • O grupo Baba de Moça convida para o espetáculo teatral **Aqui Sax um Berro.** É no Teatro Zaquias Jorge (praça Armando Cruz, 120 — Shopping Center Tem-Tudo — Madureira). A intenção do pessoal é reativar aquele espaço cultural. **DE GRAÇA.**

Quer saber de uma coisa? ☆#✔♂

Tutty Vasques

Tudo seria diferente se o Brossard gostasse de moela

Esse negócio de pedir socorro ao espectador não tem nada de novo, vem de outros debates. Mas cá entre nós: Socooorrooo! A dor da gente agora sai no jornal, esse almanaque tragicômico que ainda acaba transformando o Planeta Diário no órgão oficial da nação. Acredite: domingo passado eu ouvi um alto funcionário da Embrafilme cantando um broto para "ir lá em casa ler umas fitas de ∅☎●§ do Gordo com o Velho". Na conversa reservada entre os chefes de Estado, Sarney mandou o Reagan ∅☎●§não sem antes saber que o adorável ianque estava ∅☎●§ para o Brasil. O Pelé não se meteu na conversa.

Lendo, a gente fica sabendo que o Exército não está de prontidão por causa da falta de alimentos para o povo. Os comerciantes vão continuar amanhecendo sem ver o dia nascer cruzado. Não é isso que deixa o ministro Brossard nervoso. Ele não deve gostar de moela, coxa, açúcar, carne e ovo, assim como não simpatiza com Stallone e muito menos com os bancários. Gente! Para acabar com a especulação do rango é só botar meia dúzia na cadeia. Tem que usar chumbo grosso, porque gente ruim não desiste facilmente. Tanto assim que o Pinochet está vivo. Quer saber o que o povo pensa disso tudo: ☆#✔♂∅☎●§☆#✔♂

Lê mais uma página só pra você ver! A mãe da Priscila, que achava o Wagner um ∅☎●§☆#✔♂ pra felicidade da filha e a internou num hospício. A gente fica acompanhando essa ☆#✔♂ como se fosse uma novela. Vivemos num país estranho. Muito estranho. As providências são equivocadas, as idéias pobres. Que pobreza este último debate eleitoral. Terminou 0 x 0. Que ∅☎●§ ! As melhores notícias da semana vêm do mundo soviético. Imagine, leitor esperto, que os astrônomos da Academia de Ciências do Kazaquistão descobriram que a cauda do cometa Halley, ao passar perto do sol, tomou a forma de uma trança. Genial. Melhor ainda foi a invenção dos cientistas da Academia de Ciências da Ucrânia: um refrigerador que produz a temperatura de 273,13 graus centígrados negativos. Os feitos foram comemorados aqui no Rio por um grupo de velhos comunistas. Foi um festão na casa do Cheiraldão.

Sabe aquela dublê de cantora e astróloga? Pois é, a moça conseguiu tomar champanhe com Miles Davis no camarim do Canecão. Papo vai, papo vem, ela perguntou porque o astro não tirava os óculos. Queria ver seus olhos. E ouviu de Miles "só tiro os óculos na cama". Não era uma cantada, pois a moça esticou com um baterista no People. Nem sempre cola né? Veja só o caso do Teatro do Oprimido, a invenção de Augusto Boal que se transformou num dos quadros do programa **Aventura,** que vai ao ar hoje, às 22h, na TV Manchete. Muito melhor é a câmera indiscreta do Silvio Santos, mais cedo na tela da emissora do próprio. Aliás, virou moda esse negócio de simular situações para o registro de uma câmera escondida. Tem isso também no Programa **Dia D,** hoje às 22h, na Bandeirantes. A repórter-personagem Stela Miranda se traveste de prostituta e as cantadas que recebe foram registradas pela câmera do Candinho, escondido em cima de uma árvore.

Agora, se neste domingo sem lei você está mais a fim de subir nas tamancas e botar pra fora toda essa ☆#✔♂ enrustida no seu peito, vá às 21h ao **Live-Flesh,** show do grupo Flesh For Lulu, no Urbi Um (Rua Paulino Fernandes, 13 — Botafogo). Parece que é um bar gay que virou dark.

Amanhã, eu tenho um encontro com uma velha amiga. Há quanto tempo, hein broto? Vamos a São Paulo ver se por lá a gente encontra **Talvez Um Beijo Na Boca,** performance que Fábio Cimino e Gustavo Suarez fazem no Madame Satã. Dia seguinte (terça-feira), a gente volta para esta cidade estranha. Aquele meu amigo adorável está dando pulinhos de alegria. Fez três programas para aquela noite: às 19h, se inicia no Seminário de Ufologia Avançada no auditório da Academia Brasileira de Letras. Com a ajuda de seu incrível OVNI ele chegará a tempo do coquetel de lançamento do **A Mulher Madrugada,** livro de Affonso Romano de Sat'Anna, às 20h30min, na Casa de Cultura Laura Alvim. E o bichinho ainda termina a noite no Botanic (∅☎●§), para ver a sua amiga Glória Horta, às 22h, na peça **Alto Risco.** É arriscado demais para a gente, periquita! Nada de pessoal com a Glória ou com o Affonsinho. Valeu, adorável amigo?

A gente fica lá pelo Faro e só mesmo na quarta-feira damos um pulo no Crepúsculo para lembrar dos tempos da loura-gata (que saudades do ☆#✔♂!) e ver o vídeo Ziggy Stardust And The Spiders From Mars, do David Bowie.

P.S. Senti sua falta.

TEATRO

ÁLBUM DE FAMÍLIA — Texto de Nelson Rodrigues. Direção de Rider Santos. Com o Teatro Pagupratar. **Teatro Leopoldo Froes**, Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói (717-1600). Sáb. e dom., às 21h. Ingressos a Cz$ 60,00 e Cz$ 50,00, estudantes. Até dia 21.

ALTO RISCO — Texto de Maria Lucia Vidal e Glória Horta. Direção de Maria Lucia Vidal. Com Maria Lucia Vidal, Glória Horta e Anatilde Julião. **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. 6ª a dom., às 21h30min. Ingressos a Cz$ 50,00.

AMIZADE DE RUA — Texto de Fausto Fawcett e Hamilton Vaz Pereira. Direção de Hamilton Vaz Pereira. Com Lena Britto, Cristina Aché, Patrícia Pillar, Luiz Nicolau, Rodolfo Bottino e outros. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. De 2ª a 4ª, às 21h30min. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. 6ª e sáb., às 21h; dom., às 19h e 21h. Ingressos a Cz$ 60,00.

AQUI SAX UM BERRO — Texto de Roberto Kleber. Direção coletiva do grupo Baba de Moça. Com Rosane Pastana, Renato Jorge e Roberto Kleber. **Teatro Zaquias Jorge**, Pça. Armando da Cruz, 120, Shopping Center Tem-Tudo, Madureira. De 6ª a dom., às 20h30min. Entrada franca.

DE BRAÇOS ABERTOS — Texto de Maria Adelaide Amaral. Direção de José Possi Neto. Com Juca de Oliveira e Irene Ravache. **Teatro Teresa Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). De 4ª a 6ª, às 21h; vesp. de 5ª, às 17h; sáb., às 20h e 22h15min e dom., às 19h. Ingressos 4ª, 5ª e dom., a Cz$ 100,00; vesp. de 5ª, a Cz$ 80,00; 6ª e sáb., a Cz$ 120,00. Duração: 1h45min (14 anos).

O DESPERTAR DA PRIMAVERA — Texto de F. Wedeking. Tradução de Luiz Antônio Martinez Correa. Direção de Cacá Mourthé. Com os alunos do Tablado. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb às 21h e dom às 20h. Ingressos a Cz$ 50.

UM DIA MUITO ESPECIAL — Texto de Ettore Scola. Adaptação de Ruggero Maccari e Gigliola Fantone. Direção de José Possi Neto. Com Tarcísio Meira, Glória Menezes, Vinícius Salvatore, Rejane Marquez e outros. **Teatro João Caetano**, Pça. Tiradentes, s/nº (221-0305). 5ª e 6ª, às 21h; sáb. às 20h e 22h; dom. às 18h e 20h. Ingressos a Cz$ 80,00, platéia e balcão nobre e a Cz$ 40,00, 2º balcão. (16 anos).

DIREITA, VOLVER — Comédia de Lauro César Muniz. Direção de Roberto Frota. Com Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho, Priscila Camargo, Elcio Romar e Ana Maria Nascimento Silva. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42 (240-6141). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30min e dom., às 18h e 20h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 60,00; 6ª e dom., a Cz$ 80,00 e sáb., a Cz$ 100,00. Duração: 1h45min (18 anos).

O DRAMA DAS CAMÉLIAS — Texto de Alfredo Neto, Américo Barreto, Fábio Costa e Gladis Farah. Direção de Américo Barreto. Com o grupo Panacéia e Haja Teatro, de Pernambuco. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (220-2059). De 4ª a dom. às 21h. Ingressos a Cz$ 50,00. Até dia 21.

...E MORREM AS FLORESTAS — Texto de Lui Alberto de Abreu e Kaj Nissen. Direção de Wolker Quandt. Com Ana Maria de Souza, Bennye Austring, Cacá Amaral, Dorrit Lillese e outros. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). 4ª, 6ª e sáb, às 21h; 5ª, às 17h e 21h; dom. às 19h. Ingressos de 4ª a 6ª e dom a Cz$ 80,00 e Cz$ 60,00, estudantes; vesp de 5ª a Cz$ 40,00 e sáb a Cz$ 80,00. Até dia 21.

O FALCÃO PEREGRINO — Texto de Vicente Pereira. Direção de Naum Alves de Souza. Com Yoná Magalhães, Betina Vianny, Walney Costa. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). De 4ª a sáb, às 21h15min; dom às 18hs e 21h15min. Ingressos a Cz$ 60,00 (4ª e 5ª); Cz$ 80,00 (dom.); Cz$ 90,00 (6ª e sáb). Duração: 1h20min. (16 anos). Até dia 28.

FEDRA — Texto de Racine. Tradução de Millor Fernandes. Direção de Augusto Boal. Com Fernanda Montenegro, Jonas Mello, Edson Celulari, Cassia Kiss e outros. **Teatro Abel**, Rua Mário Alves, s/nº, Niterói (719-5711). De 5ª a sáb, às 21h30m; dom, às 18h. Ingressos 5ª, 6ª e dom a Cz$ 100,00; sáb a Cz$ 120,00. (10 anos). Até dia 21.

FÉRIAS EXTRACONJUGAIS — Comédia de Donald Churchill e Peter Yeldham. Direção de Attilio Riccó. Com Ewerton de Castro, Tamara Taxman, Cissa Guimarães, Mario Cardoso, Solange Couto, Adele Fatima e Henrique Taxman. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). De 4ª a 6ª e dom, as 21h15min sáb, às 20h e 22h30min e vesp de dom, às 18h. Ingressos 4ª a Cz$ 80,00; 5ª e dom. a Cz$ 100,00 e 6ª e sáb. a Cz$ 120,00. Duração: 2h. (16 anos).

LARGA DO MEU PÉ — Vaudeville musical de Georges Feydeau. Tradução, adaptação e direção de Luís de Lima. Com Ester Goes, Jonas Bloch, Luiz de Lima, Rosita Thomás Lopes, Claudio Mamberti, Nadia Nardini e outros. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a 6ª, às 21h sáb. às 20h e 22h30min; dom. às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 80,00; sáb a Cz$ 120,00; 6ª e dom a Cz$ 100,00.

LILY, LILY — Texto de Barillet e Grédy. Tradução, adaptação e direção de João Bethencourt. Com Eva Todor, Milton Carneiro, Helio Ary, Ida Gomes e outros. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 291 (255-7070). 4ª, 6ª e sáb., às 21h30min; 5ª, às 17h e 21h30min; dom., às 18h e 21h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cz$ 100,00; 6ª e sáb. a Cz$ 120,00.

MAX GERICKE OU PAREILLE AU MÊME OU IGUAL AO MESMO — Texto de Manfred Karge. Direção de André Bauer. Interpretação em francês e português por Jandira Bauer. **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730 (286-4248). De 4ª a sáb, às 21h e dom, às 18h. Entrada franca.

MEMÓRIAS DE UMA CAFETINA — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Alex Mattos, Jair Pinheiro, Walter Costa, Patrícia Blair e outros. **Teatro Serrador**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 4ª a dom, às 18h30m. Ingressos de 4ª a 6ª a Cz$ 60,00 e sáb e dom, a Cz$ 80,00.

MULHER, MELHOR INVESTIMENTO — Comédia de Ray Cooney. Adaptação de João Bethencourt. Direção de José Renato. Com Otávio Augusto, Maria Isabel de Lizandra, Cristina Mullins, Rogério Cardoso e outros. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (239-8545) De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb, às 20h e 22h30min e dom, às 19h e 21h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cz$ 80,00 e 6ª a Cz$ 100,00 e sáb a Cz$ 120,00. Duração: 2h. (16 anos).

NEILA TAVARES, EU SOU UMA MULHER — Coletânea de textos sobre 19 personagens femininos, de autores brasileiros e estrangeiros, apresentados por Neila Tavares. **Sobrado do Viro do Ipiranga**, Rua Ipiranga, 54 (225-4762). de 3ª a dom, às 17h30min. Ingressos a Cz$ 120,00. Duração: 1h30min (14 anos).

O PERU — Comédia de George Feydeau. Adaptação de Juca de Oliveira. Direção de José Renato. Com John Hebert, Edwin Luisi, Angela Vieira, Francisco Milani, Djenane Machado, Felipe Carone e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb, às 20h e 22h30min; dom. às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 40,00; 6ª e dom a Cz$ 50,00; sáb a Cz$ 60,00. Duração: 2h (18 anos).

QUARTETT — Texto de Heiner Muller. Tradução de Millor Fernandes. Direção de Gerald Thomas. Com Tônia Carrero e Sérgio Britto. **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176 (227-2444/ 247-6946)). De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb, às 20h e 22h e dom, às 21h Ingressos de 4ª a 6ª e dom a Cz$ 100,00 e Cz$ 80,00, estudantes; sáb a Cz$ 100,00. Duração: 1h20min (16 anos).

RAPAZES — Texto de Ronaldo Reis. Direção de Yvone Hoffman. Com Rubens Araújo, Lurdes Moraes, Samantha, Sergio Maia e outros. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). De 4ª a 6ª e dom às 21h30min; sáb, às 22h e dom, às 19h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cz$ 70,00; 6ª a Cz$ 80,00; sáb a Cz$ 100,00.

SÁBADO, DOMINGO, SEGUNDA — Texto de Eduardo di Fillipo. Tradução de Millor Fernandes. Direção de José Wilker. Com Paulo Gracindo, Yara Amaral, Ary Fontoura, Renata Fronzi, Paulo Goulart e outros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (239-1095). De 4ª a sáb, às 21h e dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cz$ 100,00 e Cz$ 80,00, estudantes; 6ª a Cz$ 100,00 e sáb e feriados a Cz$ 120,00. Duração: 2h30min (Livre)

SHAKESPEARE? QUE SHAKESPEARE? — Texto e direção de Luiz Zaga. Com Cauby Costa, Ciça Fontes, Claudia Medeiros, Emanoel de Oliveira e Luiz Zaga. **Teatro do Clube Monte Sinai**, Rua S. Francisco Xavier, 104 (248-8448). De 5ª a sáb, às 21h e dom, às 20h. Ingressos a Cz$ 60,00 e Cz$ 30,00, estudantes.

TODO CUIDADO É POUCO — Textos de Celso Luiz Paulini. Direção de Sérgio Mamberti. Com Débora Duarte, Luiz Armando Queiroz, Eduardo Tornaghi e Claudia Borioni. **Teatro do Planetário**, Rua Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). 5ª e 6ª às 21h; sáb às 20h e 22h30min e dom às 20h. Ingressos 5ª e dom a Cz$ 80 e Cz$ 60, estudantes; 6ª e sáb a Cz$ 80.

TRAIR E COÇAR... É SÓ COMEÇAR — Texto de Marcos Caruso. Direção de Attílio Ricco. Com Angela Leal, Marilu Bueno, Elisângela, Fátima Freire, Adriano Reys e outros. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186. De 4ª a 6ª e dom, às 21h15min; sáb, às 20h e 22h30min; vesp de dom, às 18h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cz$ 80,00; 6ª e sáb a Cz$ 90,00. Duração: 2h (16 anos).

A VERDADEIRA VIDA DE JONAS WENKA — Texto de Bertold Brecht. Direção de Peter Palitzsch. Com André Valli, Lidia Brondi e o grupo TAPA. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5533). De 4ª a sáb., às 21h30min; dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 80,00; 6ª e dom, a Cz$ 100,00 e sáb e feriados a Cz$ 120,00. Estacionamento próprio no hotel.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA — Poemas de Manuel Bandeira. Roteiro e direção de José Maria Rodrigues e Rosyane Trotta. **Teatro do Centro Cultural Cândido Mendes**, Rua da Assembléia, 10 (224-8622, ramal 56). 6ª e dom., às 18h30min, e sáb., às 20h. Ingressos a Cz$ 60,00 e Cz$ 40,00, estudantes. Até dia 28. Hoje, sessão para a classe teatral.

O poder da imprensa

Artimanhas de um repórter a serviço da ideologia do Estado e contra o cidadão

Salomon Cytrynowicz/F4

Juliana Carneiro da Cunha (C) é Katharina Blum na peça de Heinrich Böll

Nos anos 70, quando a Alemanha era sacudida pelos atentados planejados por Andreas Baader e Ulrike Meinhof, os jornais do empresário conservador Axel Springer desencadearam uma grande campanha antiterrorista. Percebendo nesses ataques uma grande dose de sensacionalismo, o escritor Heinrich Böll protestou contra o que considerava meias-verdades e distorções publicadas nos jornais. A partir daí o próprio escritor tornou-se durante meses o alvo de uma campanha de difamação através da imprensa. O episódio levou Böll a escrever a novela **A Honra Perdida de Katharina Blum**, mais tarde adaptada para o teatro por Margarethe von Trotta. É esta versão que os cariocas vão poder ver a partir de quarta-feira, quando a peça estréia no Teatro Glaucio Gill, sob a direção de Luis Carlos Ripper.

Como conseguir manter-se fiel a valores individuais e autênticos diante da manipulação de forças tão poderosas quanto a imprensa e o Estado? Para Ripper, essa é a principal questão que a peça vai colocar para o espectador. O mesmo desafio que Katharina Blum, uma governanta simples e correta, enfrenta a partir do momento em que se envolve com um suposto terrorista perseguido pela polícia. "A imprensa e a polícia começam a inventar tantas histórias sobre essa mulher que acabam inventando um personagem que não existe", explica Ripper. E Katharina acaba reagindo a isso de maneira violenta. "Ela que era uma mulher alienada chega ao fim da peça quase como uma revolucionária", conta o diretor. Para Juliana Carneiro da Cunha, que interpreta Katharina, o que mais a atraiu foi justamente a possibilidade de representar o papel "dessa mulher íntegra que tem sua vida certinha completamente destruída pela imprensa". No elenco estão também Herson Capri, Carlos Gregório, Ivone Hoffman, Ada Chaseliov, Eduardo Lago, Flavio Antonio, Jitman Vibranovski, Heleno Prestes e Paulo Villaça.

Apesar de ser uma peça localizada na Alemanha daqueles anos, o diretor Luis Carlos Ripper acredita que o público brasileiro não vai ter dificuldade para se envolver com a história, já que ela aborda também os efeitos do progresso acelerado sobre as pessoas. "Para construir o chamado milagre alemão", explica Ripper, "eles sacrificaram muitos valores e acabaram perdendo a capacidade de ver no outro um ser ímpar, com uma história única, que não se repete. Em relação aos brasileiros, a peça funciona como um alerta", acredita.

ROTEIRO DA SEMANA

música

Luiz Paulo Horta

A Primavera Musical do Rio

Semana brilhante. A **Primavera Musical** promovida pela Aliança Francesa, que começa amanhã, é um desfile de bons programas: o Quatuor Messiaen, um programa Satie que abrange um **Cabaret Concert** e uma miniópera (**Geneviève de Brabant**), uma vencedora do Concurso Internacional de Piano de Munique (Thérèse Dussaut), e o nosso excelente compositor Almeida Prado, que entra nesse programa "francês" como membro importante da "Escola Messiaen" (e da confraria de ex-alunos de Nadia Boulanger). Terça-feira (às 18h30m), a Orquestra Sinfônica Brasileira está tocando no Museu de Arte Moderna, sob a regência de Isaac Karabtchevsky — um denso e variado programa "contemporâneo" que tem a **Bachianas Brasileiras** nº 1, de Villa-Lobos, uma **Tocata** de Carlos Chavez para instrumentos de percussão, a **Sinfonia op. 21** de Webern e um **Divertissement** de Ibert. Amanhã, na Sala Cecília Meireles (às 18h30min), outro programa que promete é o recital Liszt da pianista Fany Solter, catedrática de piano na Escola Superior de Música de Karlsruhe: **São Francisco sobre as ondas**, as Variações sobre **Weinen, Klagen, Sorgen** (tema de Bach), dois **Sonetos de Petrarca** e a sonata **D'Après une Lecture du Dante** (sucesso recente do pianista Heitor Alimonda). Ótimo programa também é o do IBAM (terça-feira): apresentação do trio composto por Norton Morozowicz (flauta), José Botelho (clarinete) e Noel Devos (fagote), em peças de Mozart, Rameau, Clementi, Guerra Peixe e outros. Quarta-feira, a Casa de Ruy Barbosa apresenta o pianista Eduardo Hubert, argentino radicado na Itália, onde aperfeiçoou-se com Carlo Zecchi e Guido Agosti. E de terça a sábado, por duas semanas, a Sala Funarte-Sidney Miller está apresentando o duo Claudio Menandro (violão) e João Carlos Assis Brasil (piano), em repertório eclético.

Três perguntas para Rique Pantoja

O tecladista Rique Pantoja, 30 anos, passou sete anos correndo a Europa e os EUA, acompanhando grandes feras do jazz internacional. Voltou ao Brasil há quatro anos, participou dos dois Free Jazz Festival e agora vai lançar um disco no Jazzmania, de quarta a domingo.

1 — Você já tocou na banda do trompetista Chet Baker e na Sururu de Capote de Djavan. É o jazz que permite essa elasticidade musical?

R — Para se tocar bem jazz, é preciso possuir uma série de ingredientes e harmonias, que permitem a improvisação. Esses ingredientes permitem ao músico tocar praticamente todo tipo de música popular, de Gilberto Gil a Tom Jobim. São músicas que usam o mesmo tipo de acordes dissonantes. O tratamento do improviso é que vai ser outro.

2 — Como define o tipo de som que está fazendo agora?

R — Além de ser instrumentista, componho músicas já há 15 anos. São composições de todos os tipos: samba, baião, temas jazzísticos. Além disso, já toquei muita bossa nova, Beatles, James Taylor, Steve Wonder, o que me leva a ter facilidade para compor música **pop**. Bebi nestas fontes todas, e o meu som reflete isso tudo.

3 — Você se formou em música em Berkeley, nos EUA, e já correu o mundo acompanhando músicos de vanguarda. Por que voltou ao Brasil, que tem um mercado restrito para músicos de seu gênero?

R — Chega uma hora em que a terra da gente é insubstituível — a comida, os amigos antigos. E também achei que podia fazer alguma coisa de útil para quem está aprendendo música aqui. No meu tempo, quando quis estudar improvisação no Brasil, mandavam eu ouvir discos estrangeiros e copiar o que se tocava.

show

Diana Aragão

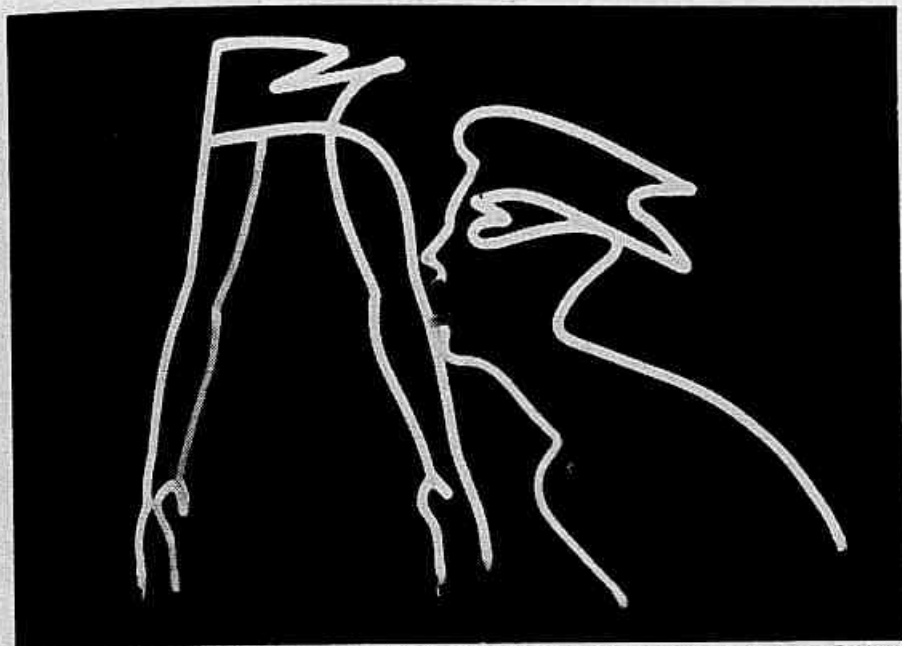
Demais: Caetano na Apoteose

Depois da **overdose de jazz** das semanas passadas, a paz volta ao balneário até a chegada de Paco de Lucia, Jose Feliciano e James Taylor, os próximos internacionais já confirmados para outubro. Mas o produto nacional não fica atrás brilhando em vários locais. A começar pelo "totalmente demais" Caetano Veloso fazendo, sábado, única apresentação na Praça da Apoteose a preços populares. Ótima oportunidade para ver ou rever um dos melhores **shows** deste ano e, se o tempo não fizer uma desfeita (bate na madeira), o local será moldura audaciosa para o recital de Veloso.

O Internacional Turíbio Santos também é atração especialíssima nas apresentações de sexta e sábado no Circo Voador junto ao seu quinteto de violões. Agora, tremei corações, porque Nana Caymmi estará presente no People a partir de quarta-feira fazendo temporada de duas semanas. Se você ganhar o suficiente, reserve mesa todos os dias.

Outro que também "explode corações" é Gonzaguinha, de volta ao Rio, estreando quarta-feira temporada no Asa Branca. Com banda inteiramente nova, ele realizará temporada de três semanas. Mas tem mais, muito mais. Como a delícia dos sambas de Dona Ivone Lara e Jorge Aragão (não é parente) fazendo, de segunda a sexta-feira, o Seis e Meia do Carlos Gomes. Depois pode-se esticar, a partir de terça-feira, na Sala Funarte escutando o piano de João Carlos Assis Brasil e o violão de Claudio Menandro tocando de Chopin a Luiz Gonzaga no recital dirigido por Paulo Afonso de Lima. No roteiro dos hotéis, destaque para o Skylab, do Othon, apresentando Fátima Guedes no **show Sétima Arte** e, em termos de casa noturna, o Jazzmania entra no roteiro com Yana Purim, terça-feira, seguida de Rique Pantoja e banda lançando novo disco, de quarta-feira a sábado. Tunai com seu canto e violão é presença do Botecoteco, de quinta a sábado, enquanto Teca Calazans e Sebastião Tapajós unem voz e violão de quinta-feira a domingo no Teatro da UFF.

A tribo roqueira tem seu programa garantido com a estréia, quarta-feira, do Roupa Nova, no Canecão, e o vídeo do The Cure no telão da Mistura Fina. E ainda tem o grupo Titãs lançando seu ótimo LP **Cabeça Dinossauro**, sexta e sábado no Morro da Urca.

Quer mais? Pois na quarta tem o popularíssimo Paulo Moura apresentando-se de graça no centro da cidade dentro do Projeto Meio-Dia na Casa de Cultura Cândido Mendes (Rua da Assembléia, 10). É ao meio dia e meia. E para o Rio não se desacostumar das atrações internacionais, Jose **Light My Fire** Feliciano estréia, também na quarta, minitemporada no Scala.

As pernas de Tina e o perfil de Madonna em exposição na Pólen

As pernas de Tina em neon de Jimmy

A inspiração veio "das novas deusas da música popular" que povoam a imaginação do arquiteto e artista plástico Jimmy Bastian Pinto nos últimos meses. De Tina Turner ele retratou as pernas em neon, "pernas para uma senhora de 50 anos". De Madonna, o perfil sensual. Elas estarão expostas em neon colorido e em tamanhos variados a partir da próxima quinta-feira na Pólen do Itanhangá Art Center, com preços a partir de Cz$ 2 mil 800. Fazem parte das 15 peças que o artista vai expor, como parte da sua obsessão de "incorporar o visual do homem moderno com o neon, dando uma dimensão luminosa às figuras que vemos na noite e com as quais convivemos através da música". Jimmy desenha suas deusas num escritório no Leblon, mas precisa correr os subúrbios para encontrar vidreiros capazes de transformar seus projetos em neons funcionais. "É preciso criar uma relação afetiva com eles, porque são pouquíssimos os vidreiros que existem no Rio com capacidade de fazer esse trabalho", descobriu. Por isso ele precisa ir a Nova Iguaçu e a São João de Meriti semanalmente para finalizar suas peças.

Jimmy Bastian Pinto tem 32 anos, já fez arte conceitual nos anos 70, performances do MAM e descobriu o neon há sete anos, quando começou a pensar em atualizar a casa moderna, incorporando ao espaço elementos visuais que chamavam sua atenção nos shows de música e no vestuário noturno. Ele desenha sofás, mesas e estranhos robôs que servem de base para aparelhos de TV. E possui um variado catálogo de figuras em neon que comercializa na Neon Shop no Leblon e vende em dezenas de lojas cariocas.

ROTEIRO DA SEMANA

artes plásticas

Reynaldo Roels Jr

Foto surpresa

Na terça-feira, a partir de 10h, a Galeria de Fotografia da FUNARTE apresenta uma exposição de trabalhos de Andreas Müller Pohle, alemão que emprega o processo fotográfico às cegas, disparando a câmera sem controlar, através do visor, a imagem que está sendo fixada. O mínimo que se pode dizer a respeito é que o método desperta a curiosidade, e Andreas explica seu trabalho como uma reação à estandardização da fotografia. A mostra fica aberta apenas até sexta-feira, e o artista dará uma palestra sobre fotografia européia contemporânea no mesmo local, às 18h30min do dia 22.

Ainda na terça às 21h, a Paulo Klabin inaugura uma mostra de pinturas de Jeannette Priolli, paulista de 38 anos que iniciou sua formação artística com Darel, Aldo Bonadei e Marcelo Grassman. Depois de receber uma bolsa de estudos do governo francês, foi estudar em Paris, na Escola de Belas Artes, e lá realizou uma individual, além de se apresentar em uma coletiva em Bruxelas. De volta ao Brasil, mostrou seus trabalhos no MASP, em 1975. Entre 1976 e 1983, realizou um trabalho de pesquisa, **Labirintos**, que não mostrou ao público por se tratar de estudo. A mostra da Paulo Klabin reúne elementos da **pop art** e do desenho de história em quadrinhos em seis telas recentes, de grande formato, que representam a artista em sua primeira individual no Rio.

Na quarta, às 21h, a Galeria de Arte do IBEU inaugura uma mostra de pinturas de Jarbas Medeiros, Orlando Rafael e Yolanda Freire. É uma exposição que pretende ser, não uma coletiva, mas três individuais montadas em um mesmo espaço. Os artistas, todos abstratos, passam por caminhos visuais bastante diversos e que vão da gestualidade às formas simplesmente decorativas. Na Arte Maior, no mesmo horário, individual de Mário Rönelt, gaúcho de 35 anos que mostra pinturas e desenhos onde ele alia uma figuração linear a sólidos geométricos, superpondo os primeiros aos últimos.

Às 18h30min da mesma quarta, a Escola Superior de Desenho Industrial inaugura uma exposição de trabalhos gráficos (capas de disco) de Geraldo Alves Pinto.

Na quinta a Bonino estará mostrando a partir de 21h30min uma individual de Fang, artista formado na China.

ROTEIRO DA SEMANA

cinema

Wilson Cunha

Ases, gatinhas e prisioneiras

Depois de uma semana parado para realizar os lucros dos últimos lançamentos, o circuitão volta a uma agitação doidona. E promete, de cara, um novo campeão de bilheteria — **Top Gun/Ases Indomáveis**. Os fãs de Goldie Hawn não terão do que se queixar, ela é a estrela máxima de **Wildcats— Gatinha Boa de Bola**. A turma das catástrofes nucleares ganha **Sinal de Perigo**; os nostálgicos de Alain Delon poderão reencontrá-lo em **Quartos Separados**. Como alternativa, o Estação Botafogo oferece uma realidade sem fantasia: **Prisão Mulher**, a reunião de dois médias-metragens — **Fala Só de Malandragem** e **Nós de Valor... Nós de Fato** — assinados por Denoy de Oliveira.

O mundo dos supersônicos, que deu o extraordinário **Os Eleitos** — de péssimo lançamento no Brasil, mais parecendo **Os Indesejados** — e mais recentemente o fascistóide Águias de Aço, volta em tons menos guerreiros. Aqui o sistema competitivo está no alto. Ele não queria ser um dos melhores, sua meta era ser o melhor dos melhores", avisa-se — e nessa o garoto Tom Cruise estourou as bilheterias. **Ases Indomáveis** deixou Stallone e seu Cobra bufando, sem freguesia. E sem censura. Sem qualquer autocensura, Goldie Hawn faz o que quer na comédia quase sempre deliciosa **Wildcats — Gatinha Boa de Bola**, onde se vira como treinadora de futebol americano. Tremendo saque. Goldie, deixada solta pela direção de Michael Richtie, tem todos os numeritos que seus seguidores esperam — e alguns inesperados. Uma daquelas comédias para toda a família que não fazem mal a ninguém. Pois é.

Tom Cruise em Ases Indomáveis

Mais emoção e aventura prometem **Sinal de Perigo** e **Quartos Separados**. No primeiro, o bom ator Sam Waterston alerta para as possibilidades da contaminação nuclear; no segundo, Alain Delon está às voltas com o excelente Michel Galabru em tramas complicadas pela direção de Bertrand Blier. Duas opções de razoável interesse.

Já com **Prisão Mulher** a barra pesa — intencionalmente. Flagrando "o sonho, a revolta, o pensamento da mulher encarcerada", **Prisão** foi filmado com as presas e o grupo de teatro da Penitenciária Feminina de São Paulo; o trabalho de Denoy de Oliveira se transformou em uma das grandes consagrações do II Rio-Cine Festival. Vale prestigiar para conferir. Ou vice-versa?

teatro

Macksen Luiz

Dramas e ilusões cômicas

Dois textos alemães, densos e de extrema dramaticidade, dividem com uma ingênua história interpretada por bonecos a oferta teatral desta semana. Na quarta-feira, no Teatro Glaucio Gill, estréia **A Honra Perdida de Katharina Blum**, adaptação da novela de Heinrich Böll feita por Margarethe von Trotta, com direção de Luís Carlos Ripper. Com o significativo subtítulo de **Como pode nascer a violência e até onde ela pode levar**, a peça conta a história de uma mulher comum, despolitizada, que em menos de uma semana se transforma numa assassina. Além dos aspectos psicológicos que provocam tão radical mudança de atitude, o texto de Böll discute o papel da imprensa, a extensão de seus poderes e a interferência na vida pessoal do cidadão. **A Honra Perdida de Katharina Blum** tem uma versão cinematográfica dirigida por Volker Schlöndorff. O elenco carioca está formado por Juliana Carneiro da Cunha, Herson Capri, Carlos Gregório, Ada Chaseliov, Jitman Vibranovsky, Eduardo Lago, Flávio Antônio, Ivone Hoffmann, Heleno Prestes e Paulo Villaça.

Ainda na quarta-feira, mas no Teatro da Aliança Francesa de Botafogo, inicia temporada, de apenas quatro dias, **Max Gericke ou Igual ao Mesmo**, do alemão Manfred Karge, mas que já teve uma versão assinada por Bertold Brecht e Anna Seghers, ambas baseadas em contos de Grimm, Kleist e Goethe. Este monólogo, interpretado por Jandira Bauer, tem direção de Andre Bauer.

Ilusões Cômicas resume as idéias de Gilvan Javarini para essa montagem com bonecos e atores e que poderá ser vista, a partir de sexta-feira, na Aliança Francesa de Copacabana. O texto, a direção e os bonecos são de Javarini, que participa do elenco ao lado de Fátima Queiroz e Regina Saleiro.

classe & mídia

Marco

J. R. Duran
Paulo Sabugosa
Bob Wolfenson
Luis Crispino
Chico Aragão
Marcia Ramalho
Isabel Garcia
BarraShopping Shopping Moda revela para você os melhores fotógrafos de Moda do Brasil na Exposição Verão 87.
E, ao vivo, a maior e melhor vitrine de moda da cidade, produzida especialmente para você.
Venha ver, vestir e viver agora as tendências de amanhã, num só lugar. E ganhe um lindo poster fotográfico, de Cláudia Moda, em suas compras de moda.
Diariamente, de 10:00 h às 22:00 h
MODA VERÃO 87
BarraShopping
Quem não está lá, não está na moda.
apoio:
KLICK
FILMES · CÂMERAS · REVELAÇÕES
CONTEMPORANEA

Um caipira faz sucesso no Rio

Maria Silvia Camargo

Há sete anos ele não vinha ao Rio e não aparecia na televisão. Por estas e outras é que José de Oliveira Santos, 51 anos, o ator Juca de Oliveira há pelo menos 24, teve receio em trazer para a cidade a premiada peça **De Braços Abertos**, de Maria Adelaide Amaral, que ele encena há um mês no Teatro Tereza Rachel, ao lado de Irene Ravache. "Tínhamos muitas dúvidas", conta Juca, sorridente, "e por isso programamos ficar só um mês". A surpresa do ator diante do público que lota o teatro só é maior quando ele escuta elogios e aplausos em cena aberta ao seu desempenho.

Ele mesmo não sabe explicar o fenômeno que o consagra como se estivéssemos em 1970, quando todas as noites ele fazia sucesso na TV Tupi com sua interpretação de **Nino, O Italianinho**. "Acho que ele ficou no inconsciente coletivo das pessoas", analisa o amigo Ney Latorraca. "Caso contrário ele poderia chegar aqui com a peça que não ia acontecer nada". Em cena, Juca representa Sérgio, um jornalista hipócrita que se divide entre mulher e amante, mas consegue arrancar risos e compaixão da platéia justamente pelo seu lado extremamente humano. "Eu acho que só posso representar um personagem se estiver apaixonado por ele", revela o ator. Talvez isto explique sua empatia imediata com o público que o identifica como ator em qualquer personagem que interpreta. Algo facilmente é reconhecível no seu sotaque e nos gestos fortes e italianos, herdados da mãe, daqueles que fazem o sangue subir rapidamente à cabeça. "A preservação destas características são propositais", explica Juca a todos que questionam seu ar bem paulista. "Sou contra esta padronização que a TV leva a fundo. Acho trágico um locutor cearense imitando sotaque e maneiras cariocas. Acho fundamental preservar minha história, minha individualidade. Quando você destrói isto, se sente abandonado, perdido, sozinho", explica ele.

É no teatro que Juca de Oliveira se reencontra com o público carioca

TEMPOS DE FOME — Nascido em São Roque, interior de São Paulo, Juca viveu uma história realmente difícil de ser esquecida. O pai tinha uma vida errante e em pouco tempo morou em mais de 20 ruas da pequena cidade. "Muitas vezes não tinha o que comer, onde morar ou o que calçar. Por isso quando fui tentar a sorte em São Paulo, tinha um desejo de afirmação social brutal", conta Juca. Seu desejo de afirmação esbarrou em várias injustiças e realidades que o chocaram. Logo no primeiro emprego como bancário, Juca se torna líder sindical e militante do Partido Comunista. E foi apenas na primeira demissão que pensou em ser ator. "Assim que subi no palco, tive certeza de que encontrara a vocação."

"Eu me lembro dele chegando para o vestibular da Escola de Arte Dramática", conta sua ex-colega de turma, Aracy Balabanian. "Ele era um caipira, coisa que, aliás, é até hoje. Nós tínhamos uma vontade de aprender muito grande e disputamos os primeiros lugares", lembra ela. De personalidade inquieta, Juca liderou seminários, grupos de estudo e debates sem fim, numa corrida louca pela instrução perdida nos tempos de São Roque. Logo o bom aluno demonstrava também ser bom ator. Em **A Morte do Caixeiro Viajante**, sua segunda montagem profissional, ele ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante. Desde então, nunca mais deixou de ficar um só ano sem pisar no palco.

TV SEM PRAZER — O golpe militar em 64 o dividiu por uns tempos. Ele costuma dizer que procurou exílio na televisão. Foram 14 anos de TV Tupi e Globo nos principais papéis de novelas como **O Semideus, Fogo Sobre Terra, Nino** e **Saramandaia**, mas nada que fascinasse o espírito do ator. "O nível de solicitação industrial da TV compele a um trabalho mecânico. Ouvi muito, como parâmetro de qualificação de um ator na TV, o fato de ele decorar rápida ou lentamente um texto. Ora, isto é a coisa menos importante para o ator, justamente porque qualquer um pode decorar. Mas na TV até o mínimo vira o máximo", comenta. Profundamente convicto do caráter social de seu trabalho, Juca acredita que é no palco que se dá o maior processo de amor entre ator e público. "O teatro é um abraço, um toque em busca de maior tolerância humana", analisa.

E foi em busca de melhores condições para esta "troca" que Juca também começou a trabalhar pelo ator fora dos palcos. "Nestes 20 anos de ditadura devo ter passado uns seis em assem-

bléias", conta. Exageros à parte, em seus nove anos como Presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de São Paulo, Juca, juntamente com Gianfrancesco Guarnieri, Aracy e Oswaldo Loureiro, foi o responsável pelas leis básicas que regem a profissão, como a da carga horária. "Juca foi um batalhador, mesmo na fase maior de repressão, de 68 a 77", diz Latorraca.

Não bastassem tantos trabalhos, em 78, Juca começou a encarar seus primeiros textos, rabiscados desde o tempo de São Roque. "Agora, quando voltar para São Paulo, monto **A Colisão**, minha quarta obra, e com ela pretendo encerrar um ciclo", fala como autor. Para a nova fase ele promete um texto sobre memórias da infância e outro sobre atrizes. O primeiro, fruto de mais brigas saudáveis com o diretor e amigo Antunes Filho. "O Juca tem medo da sua infância e muitas vezes faz concessões ao fácil. Ora, ele é um tremendo ator e um grande autor, por que não ir mais fundo? Vivo perturbando ele para escrever sobre sua infância. Agora acho que vai dar certo", conta Antunes Filho. O texto sobre atrizes parece um projeto menos doloroso, apesar de seus traços também estarem ainda bastante indefinidos. "Sinto que efetivamente quem está fazendo as coisas em teatro, se arriscando, são as mulheres", explica Juca, envolvido em leituras que vão de Sarah Bernardt a Dercy Gonçalves. Procurando espaços vagos para os dois projetos entre inúmeros outros planos, Juca anseia passar mais tempo em sua fazenda na cidade de Itapira, interior paulista. É lá que ele encontra a mulher Maria Luísa e a filha Isabella, de 12 anos, para cuidar dos bichos e descansar. E é lá também que Juca faz uma das coisas que mais gosta na vida: beber pinga e comer torresmo. "Taí, **pra** isto tenho um tremendo talento", brinca.

Ricardo Malta /F4

Juca quer discutir teatro: "Temos que ser responsáveis. Não há tempo para brincar."

No escurinho do cinema

Helena Carone

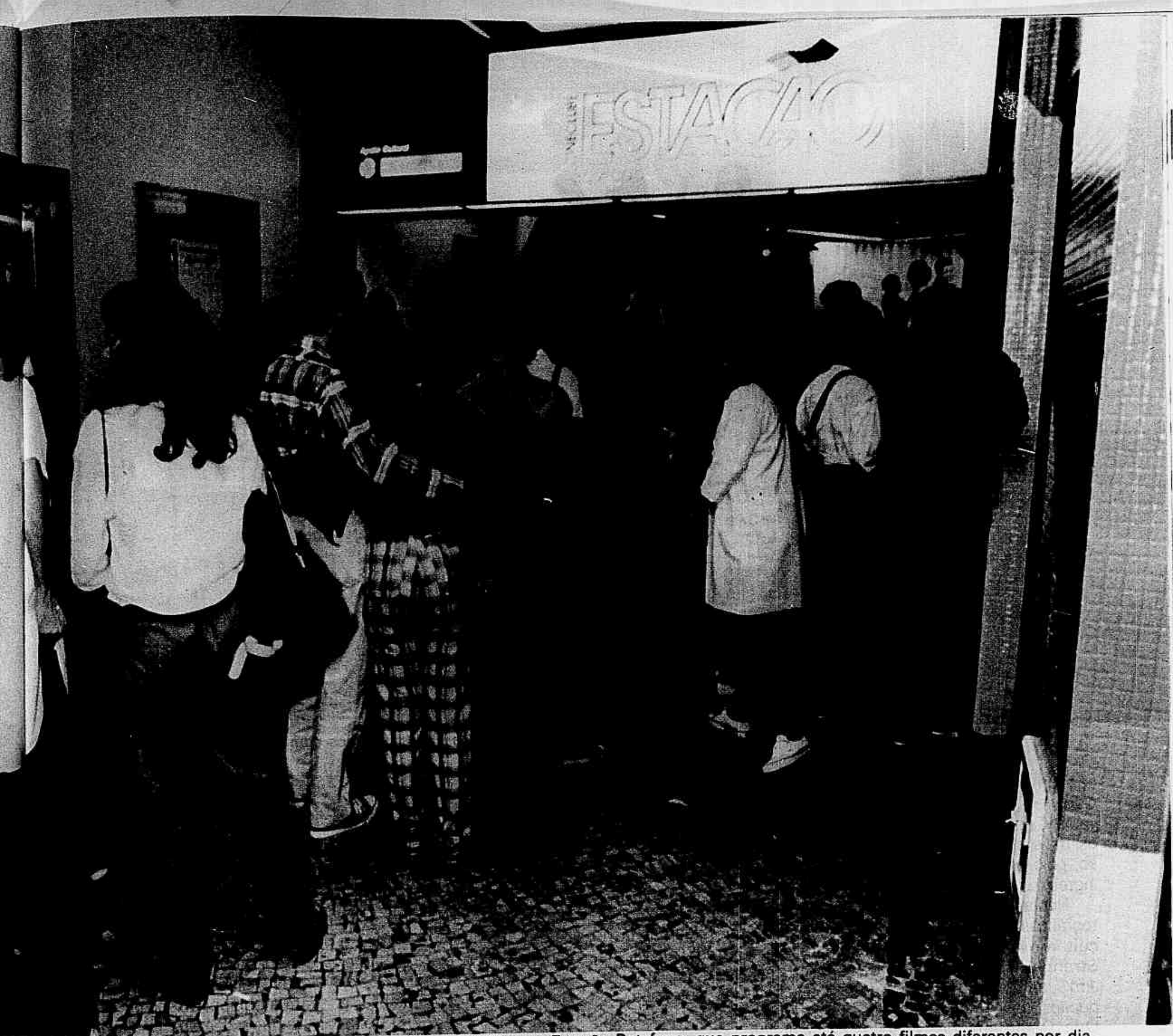
Um cineclube de Botafogo forma geração de cinéfilos

Estão pacificadas as tribos urbanas. Um mesmo templo da cidade abriga militantes estudantis, **darks**, velhos e criancinhas, pré-surfistas e pós-hippies em celebração e reverência a uma religião do prazer: o cinema. Cineclube Estação Botafogo, Rua Voluntários da Pátria, 88, é o endereço. Para lá dirigem-se, em média, 5 mil pessoas por mês — um número que levaria à falência qualquer cinema comercial mas que sustenta e alimenta o orgulho de uma sala alternativa que chega a exibir quase 60 filmes por mês, arriscando reconhecidos fracassos e apostando sempre no chamado cinema de arte. Sem acanhamento, em menos de um ano de existência, o Estação conquistou um quadro de 300 sócios, entrou definitivamente no circuito do internacional Fest-Rio e do doméstico Rio Cine; resgatou com sucesso as sessões de meia-noite; criou um jornal; abriu uma sala de 16mm, ocupou os horários ociosos e foi visitado por nomes como Werner Herzog, Gian Maria Volonté e Miguel Littin. "Lá, pode-se assistir cinema como antigamente: em silêncio e em boa companhia, coisas que não se encontram em outros lugares", declara o ator José Lewgoy, 64 anos, um dos primeiros freqüentadores do novo espaço. Veterano cinéfilo e cineclubista, Lewgoy surpreendeu-se com a exibição dos curtas-metragens premiados em Gramado e descobriu ali o cinema finlandês. "A gente deve prestigiar aquele Cineclube porque ele está dando o que a gente quer", sugere. A rapaziada que dirige o Estação parece saber exatamente como fazê-lo. Sem mistério, com sensibilidade.

A programação segue dois princípios. "Primeiro, o contato direto com o público e um livro de sugestões dão idéia da carência que existe. Segundo, a gente testa os filmes de qualidade que não são exibidos e que sabemos onde encontrar a cópia", revela Adhemar Oliveira, 30 anos, um dos diretores e coordenador de programação. Na verdade, tem muito mais. Com um ingresso de Cz$ 15, o espectador tem acesso não só a um cinema refrigerado de 300 lugares, som e projeção bons como também a uma sala de espera que é um verdadeiro acontecimento cultural, por si só. Naquele pequeno espaço funciona um bar, com venda de refrigerantes e cerveja em lata, e uma minilivraria onde se encontram cartazes de filmes estrangeiros (Cz$ 140) e cartões postais (Cz$ 8 e Cz$ 10). Vendidos a preço de tabela, os livros com maior saída são aqueles ligados a cinema, mas também estão em alta **Povo Cigano**, de Cristina da Costa Pereira, e **Movimento Punk na Cidade** de Janice Caiafa. Muita gente começa a ler ali mesmo, quando não se liga nos vídeos de produção independente que um monitor de TV revela aos que se ajeitam na aquibancada sob o painel de Oscarito e Grande Otelo. Nesse ambiente de multimídia comenta-se o cinema e a vida, cultivam-se abobrinhas e define-se o contorno de um ponto de encontro. "Somos freqüentados por quem está e quem não está atrás de sexo, drogas e **rock'n roll**. Vai de Jean Gabin a **Blade Runner**", diz David França Mendes, 24 anos, do jornal **Tabu**, o informativo do Cineclube, que traz a programação mensal.

CHEGA DE MÁGOA — O Estação tem profundas raízes no movimento cineclubista. Nelson Krumholz, 31 anos, diretor, foi presidente do Conselho Nacional de Cineclubes. Adhemar Oliveira foi um dos fundadores do Cineclube Bexiga, em São Paulo, e durante três anos programou o Macunaíma, na Associação Brasileira de Imprensa. Nenhum deles — assim como muitas das mais de 20 pessoas que formam o **staff** do Estação e têm a mesma procedência — guardou o ranço e a postura amargurada que dominou os cineclubes nos anos 70, quando a resistência cultural confundia-se com a resistência política. Mudaram também os cineclubeiros. Livres da pressão da ditadura que embotou a alegria, agora rompem a ortodoxia e vêem a arte como fonte de reflexão e também de prazer. Descobriram, por exemplo, que Truffaut é o ídolo das gatinhas, pouco interessadas no cinema do Leste Europeu. "É ótimo para paquerar", afirma André Barcinski, 18 anos, secretário da Federação Carioca de Cineclubes e empresário da banda **heavy metal Attica**. Ele é um dos que não perdem a Maratona, ou Noitão — uma invenção daquele cinema para a primeira sexta-feira de cada mês. Começa com a sessão da meia-noite, segue com um filme-surpresa às 2h e termina às 6h, depois do último filme. ▷

Sílvio Viegas/F4

Fotos de Zeka Araújo/F4

Há sempre filas no Estação Botafogo, que programa até quatro filmes diferentes por dia

De manhã, filmes infantis

À tarde, sessão para normalistas

À meia-noite, a festa do Rocky Horror Picture Show

Sílvio Viegas/F4

A turma que administra o Estação aceita sugestões do público e caça filmes perdidos com disposição de arqueólogos

com um café da manhã oferecido pelo Estação. Nos intervalos, é servido cafezinho para os mais sonolentos. Tudo isso, pelo preço de apenas um ingresso.

Nestas maratonas cinematográficas, já foram exibidos **cult movies** recentes como **Stranger Than Paradise**, de Jim Jamursch; relíquias da década de 40, como **Cinzas Que Qeuimam**, de Nicholas Ray; filmes pouco conhecidos no Brasil, como **Buffet Froid**, de Bertrand Blier; e inéditos como **O Selvagem da Motocicleta** (Rumble Fish), de Francis Ford Coppola.

Assim como o final dos anos 60 foi marcado pela agitação da Geração Paissandu, os 80 perigam formar sua Geração Estação Botafogo. Graças ao cineclube, Ivan Capeller, 16 anos, conheceu os primeiros filmes de Ingmar Bergman e soube da existência de Andrzej Wajda e Buñuel. "Meu horizonte cinematográfico está-se ampliando consideravelmente", avalia. Eduardo Nahum, 15 anos, não suporta "toda essa gente saudável" que lota as praias cariocas. Mas não dispensa o escurinho do cinema. "Acho que estou descobrindo tudo", diz ele. Assim, apaixonou-se por **Querelle**, de Fassbinder, e **Prazer Selvagem**, de Serge Gainsbourg. Deixou de achar o cinema brasileiro uma mistura de pornô e Trapalhões mas ainda tem algumas dúvidas. "Vi o **Brás Cubas**, de Júlio Bressane e detestei. Todos os filmes dele são assim?", desconfia. Do folclore privado do Estação faz parte um garotinho de 11 anos. Todos os dias ele liga perguntando a censura do filme. Se for 14 anos, ele vai levando o pai, para ver não importa o quê. O pessoal do cinema dá a maior força. É assim que se começa.

Folclore, aliás, é o que não falta a este cinema de Botafogo. Como o da gata Gatum. Encontrada quando os cineclubistas fizeram a reforma, a gata foi conservada como mascote e como a garantia de que o Estação nunca teria ratos. O problema é que ela teima em procriar e, hoje, o cinema convive com uma interminável ninhada que insiste em miar durante as sessões.

Embora tenha a aparência de um cinema de verdade, o Estação Botafogo não perde as principais características de um cineclube, como a confusão na conta bancária. Há 15 dias, alugaram de uma distribuidora americana o filme **Rocky Horror Show** para descobrir, algumas horas antes da sessão, que tinham um débito de Cz$ 10 com a companhia e não poderiam exibir o filme. Anunciado nos jornais, **Rocky Horror** levou ao Estação a platéia fantasiada e armazenada de velas e arroz que costuma assistir ao filme. Foi no mínimo insólito ver na Voluntários da Pátria aquela trupe preparada para uma **performance** que não aconteceria. No fim de semana passado, enfim, **Rocky Horror** foi exibido. Com o carnaval de sempre.

ADORÁVEL SEDUTOR — Não foram poucos os dispositivos acionados para transformar uma idéia num bem sucedido empreendimento cultural. "A necessidade de criar um cineclube em moldes mais profissionais, é uma gênese que começou há muito tempo", conta Nelson Krumholz. O grupo, encabeçado por Nelson, Adhemar Oliveira e Adriana Rattes (a presidente do Estação), chegou até a propor ao Severiano Ribeiro a cessão da parte superior do Roxy, sem sucesso. Acabaram fazendo um contrato para organizar a programação do antigo Coper Botafogo, da Cooperativa Brasileira de Cineastas. Encontraram um cinema alagado, sujo, encravado numa galeria malcheirosa. Convocaram a equipe, arregaçaram as mangas e fizeram uma faxina, lavando até o carpete. "Todo mundo trouxe suas faxineiras de casa", lembra Ilda Santiago. Com o nome de Cineclube Coper Botafogo, continuou feio, mas limpo. "Começamos a atrair gente bonita e era dantesco o contraste com aquele espaço mal iluminado", diverte-se Adhemar, citando o dia em que Christiane Torloni parou no boteco da galeria para tomar uma coca-cola a caminho do cinema. A garrafa vazia foi disputada a tapas pela freguesia.

Depois de três meses, conseguiram comprar a cessão do contrato, à prestação. Foi então feita a reforma que levou 45 dias e consumiu Cz$ 200 milhões, dos quais 90% financiados pelo Banco Nacional. "É a primeira vez que uma empresa privada confia numa

organização com o nome de cineclube", garante Adhemar. Em novembro do ano passado, o agora sedutor Cineclube Estação Botafogo inaugurava com a pré-estréia de **Eu Sei Que Vou Te Amar**, de Arnaldo Jabor. Depois dele já realizaram ali sua **avant-première** os filmes **Com Licença, Eu Vou à Luta**, **Igreja da Libertação**, **Sonho Sem Fim**, e os curtas premiados em Gramado. Os espectadores ficam felizes quando são brindados com música ao vivo durante a exibição de um curta-metragem mudo, como aconteceu com Norma Bengell:"O pessoal agita mesmo. É um Paissandu modernizado." E como agita. Para conseguir a cópia de um filme recorre a locadora para navios (**Maldição do Sangue da Pantera**), perturba a mulher de Cacá Diegues (dona da cópia de **Stranger Than Paradise**) e empreende viagens pelo Brasil afora. Para exibir **Os Corações Loucos**, de Bertrand Blier, o programador teve que usar duas cópias para montar uma. No momento, a caça ao tesouro leva a um padeiro na Zona Norte da cidade, proprietário de cópias das década de 30, 40 e 50. Estão em conversações.

OLHO NO ANO 2000— O primeiro resultado prático do sucesso do Cineclube Estação Botafogo chegou com a abertura da sala de 16mm, inaugurada no dia 31 de julho com **Limite**, de Humberto Mauro. E trouxe a novidade de reserva pelo telefone (286-6149), com lugar marcado. A sala de 57 lugares custou ao Estação o aluguel de duas lojas, um pedaço do cinema e Cz$ 100 mil em obras. "Vai ser uma lançadora de um mercado restrito, com exibição de médias e curtas metragens e a realização de cursos", diz Adhemar Oliveira. O ingresso para esta sala custa também Cz$ 15.

Um projeto que tem recebido especial atenção é o Escola no Cinema, encabeçado pelas professoras Patrícia Durães, 29 anos, e Eliane Monteiro, 29. Preenchendo o horário ocioso da sala de projeção, elas convidam escolas a levarem seus alunos numa programação integrada ao currículo escolar. O colégio arca com a despesa de bilheteria e o Estação faz o resto. "Queremos mudar essa mentalidade de que cinema não é perda de tempo, não é só lazer e pode desenvolver um lado pedagógico", diz Eliane. "Aqui não separamos educação de cultura", observa Patrícia. O Estação leva a sério o público do ano 2000. Tanto que já está se inteirando de um moderno equipamento de vídeo que permite a precisão de imagens que tem a película de 35mm. "Esse é um multicinema num cinema só. Essa é a nossa estratégia de agora", declara Adhemar Oliveira. Ninguém perde por esperar o amanhã.

Levy Moraes/F4

Murilo conheceu o cinema na Geração Paissandu

A geração anterior era mais angustiada

Era tudo codificado. Na enorme fila destacavam-se dois grupos. Um vestia calças Lee branca, cinto de couro preto e camisa azul clara social. Os mais militantes iam de **jeans**, camisa de marinheiro e **bute** verde do exército. Embaralhando a turma, tinha de tudo: os preocupados com a vanguarda, os estruturalistas, os drogados e os precursores da onda psicanalítica. Era a Geração Paissandu, na visão do cineastra Murilo Salles, 35 anos, um "protótipo perfeito daquela turma". Foi na adolescência, e naquela sala que ele descobriu que cinema também era uma forma de expressão autoral. "Lá eu via a maior parte dos filmes mais importantes para minha formação, que me encantaram e me levaram a fazer cinema", conta ele.

Enquanto não veio o AI-5 para acabar com a grande festa da vida, os jovens cinéfilos reverenciavam Godard, a **nouvelle vague** e Glauber Rocha. No Restaurante Americana (esquina da Rua Paissandu com Senador Vergueiro), os mais duros rachavam uma pizza grande; no Lamas, um filé à francesa, quando a grana permitia — sempre regados a chope, entre uma e outra sessão. Nessas horas, comentava-se o cinema no mundo, o marxismo e Levy Strauss. "Quem não tivesse lido **Tristes Trópicos** e **Pensamento Selvagem** não podia opinar sobre nada e nem namorar ninguém, porque não era digno", lembra Murilo Salles, que em 1967 chegou a ver mais de 400 filmes. Os festivais estavam na moda. Assim como os da canção popular faziam transbordar os ginásios e auditórios, o de Cinema Amador promovido pelo JORNAL DO BRASIL era "o maior agito" do Paissandu. Revelou-se ali bom número de talentos, como o próprio Murilo.

A sessão da meia-noite, no sábado, era o **must**. Enquanto na música, a Tropicália e Os Mutantes tratavam de quebrar a rotina; na tela, **A Chinesa**, de Godard, provocava polêmicas; **Cinzas e Diamentes** apresentava o diretor polonês Andrej Wajda; e **Pierrot Le Fou**, também de Godard se cravaria na memória de muitos. Hoje, essa mesma filmografia desvenda um novo mundo para milhares de jovens, mas eles não são os mesmos. "A época da Geração Paissandu era de radicalizão; as discussões, de vida ou morte. Acho que para os cinéfilos do Estação Botafogo essa descoberta deve ser mais aberta, menos angustiante." Palavra do diretor de **Nunca Fomos Tão Felizes**.

Arquivo

Cinéfilos de 20 anos atrás

capa

Fotos de Lewy Moraes/F4

João Luiz Vieira, do Arte UFF

Veja em breve

Com o ritmo alucinante de exibir quatro filmes por dia, o Estação Botafogo lançou no Rio a voga do cinema de repertório. Ainda para este mês, ele programou dois ciclos, **Amor na Sala Escura** e **O Cinema Húngaro Atual**. No primeiro, serão exibidos 11 filmes, entre eles, **Amor aos 20 Anos**, em cinco episódios e no qual François Truffaut conta a primeira aventura amorosa de Antoine Doinel; **A Filha de Minha Mulher** (Beau Pere), de Bertrand Blier com o cult-ator Patrick Dewaere; **Os Corações Loucos** (Les Valseuses), também de Blier, o filme que lançou Gerard Depardieu; e o mitológico **Gilda**, de Charles Vidor, com Rita Hayworth. Na mostra húngara, são oito produções recentes com, pelo menos, uma imperdível: **Diário Para Meus Filhos** (Napló Gyermekeimnek), de Marta Meszaros.

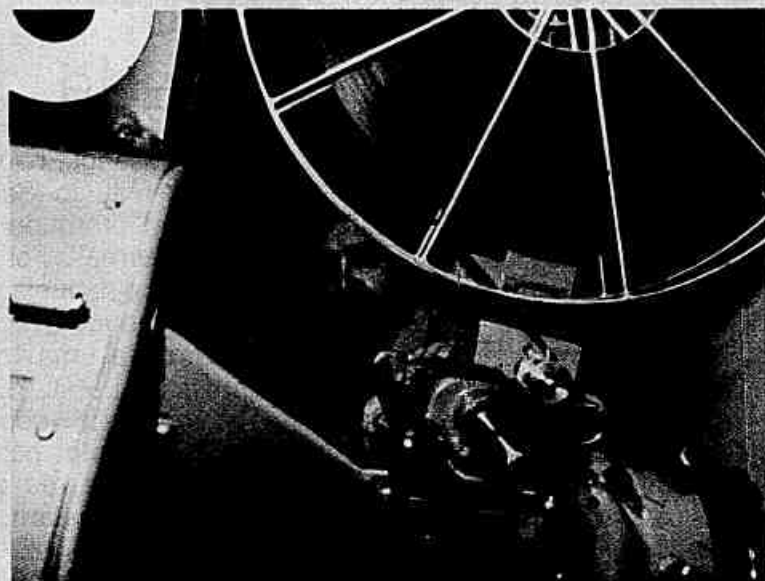
Mas ele não está sozinho no circuito cinematográfico do Rio que tenta promover uma programação inteligente. Já possui três competidores: o tradicional Paissandu, o Arte UFF de Niterói e o remodelado Ricamar.

Foi uma batalha. Mas finalmente Clóvis Ramon, 60 anos, diretor de publicidade da distribuidora Franco-Brasileira e programador do cinema Paissandu, conseguiu convencer os diretores da empresa de que a tendência do mercado era favorável ao cinema de repertório. Em dezembro do ano passado, após uma reforma, o Paissandu se travestiu de Nostalgia, reabriu com **Casablanca** e optou por exibir apenas filmes americanos das décadas de 30 a 50. "Tem sido um sucesso surpreendente, acima da expectativa, com uma média de público de oito mil espectadores por semana", diz Ramon. **O Tesouro de Sierra Madre**, de John Huston; **Ninotchka**, de Ernst Lubitsch, com Greta Garbo; e **O Tempo é Uma Ilusão**, de René Clair são filmes programados até o fim do ano.

Para atender a esse público que parece estar sabendo das coisas, também o Ricamar passou por uma reforma. Ele pretende, na medida do possível, seguir a linha de exibição do chamado cinema de arte. O espectador que para lá se dirigir nos próximos meses encontrará **Cuco na Floresta**, de Antonin Moskalyk (exibido no Fest-Rio do ano passado); **Malpertius**, filme belga de Harry Kumel, com Orson Welles como ator; **Rumble Fish** ou **O Selvagem da Motocicleta**, de Francis Ford Coppola; e o argentino **Camila**.

Niterói também tem do que se orgulhar nessa área. O Cine Arte Uff, com seus 600 lugares e som **dolby** estéreo, anda fazendo bonito. Segundo o coordenador e professor da Universidade João Luiz Vieira, 37 anos, como uma sala aternativa que serve a um curso de cinema, o Arte Uff "quer formar um novo espectador, resgatar um tipo de programação que jamais cruzaria a baía por outras vias, e ser um campo de experimentação para os alunos". Criou-se a sessão de meia-noite, aos sábados, assim como a infantil, aos domingos. E a programação segue uma linha semelhante à do Estação Botafogo, de ciclos e mostras. Com previsão mais curta que o cinema comercial, o Cine Arte Uff vai comemorar seu 18º aniversário brindando o público, até o final do mês, com uma retrospectiva Andrzej Wajda. De 16 a 21: **Cinzas e Diamantes**, **A Terra Prometida**, **Sem Anestesia**, **O Maestro**, **Danton** e **Um Amor na Alemanha**. Em seguida, entra em cartaz **Até Certo Ponto**, do cubano Tomás Gutierrez Allea. Muito o que ver e rever por aí.

Rogério Reis/F4 — Arquivo

Clóvis, do Paissandu

Nelson Moura é o programador do Ricamar

O Rio já tem a sua rádio pirata

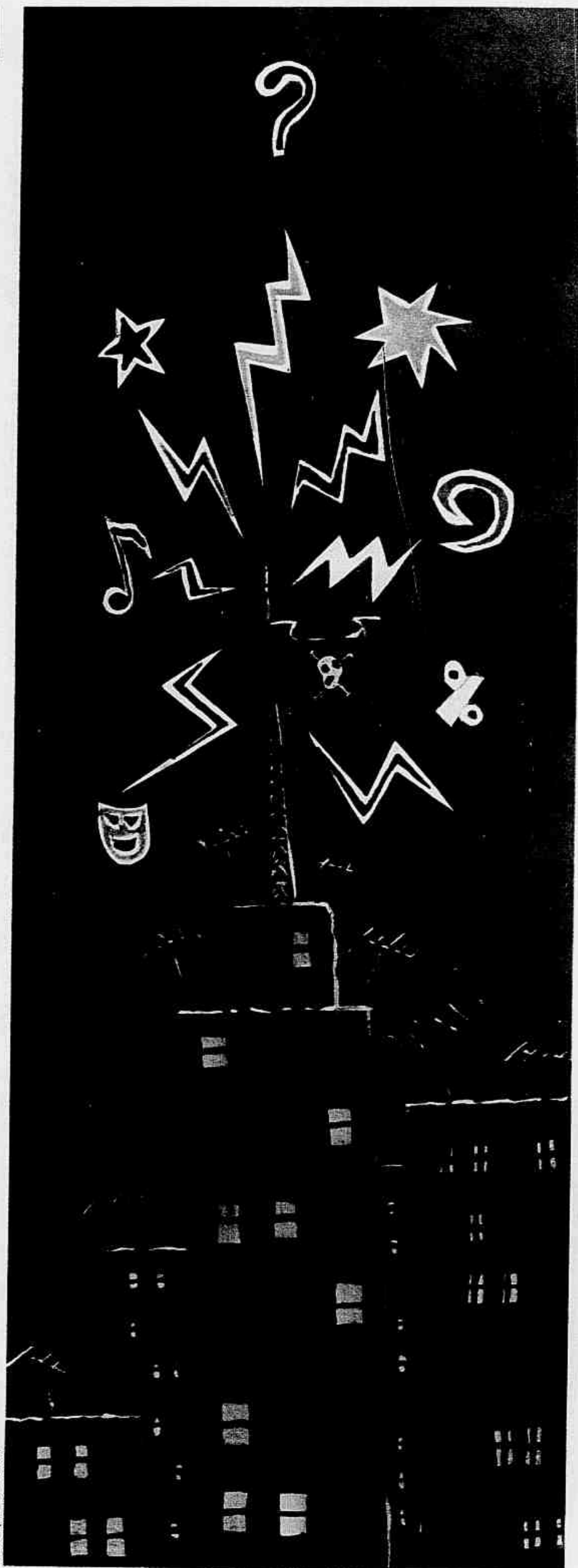
Antônio José Mendes

A Frívola City invade o dial sem pedir licença a ninguém

"Pega leve, bicho, pega leve que esse negócio pode dar dois anos de cadeia", disse a voz nervosa do outro lado do telefone. A voz era de **C**, comunicando à redação de **Domingo** que um repórter poderia estar presente no momento da entrada no ar da primeira rádio pirata do Rio de Janeiro, a Frívola City. **C** tinha motivos para estar nervoso. O Código Nacional de Telecomunicações determina detenção de um a dois anos para quem pratica pirataria eletrônica — ou seja, entrar no ar sem obter a concessão do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel). Apesar disso, várias destas rádios rebeldes voam livres pelo país, principalmente em São Paulo. São chamadas também de rádios livres ou rádios de quarteirão. No Rio, as tentativas anteriores de entrar no ar sem pedir licença foram inexpressivas. A pioneira Frívola City invadiria o ar com sua programação, pela primeira vez, no sábado, dia 30 de agosto, às 19h. Foi acertado que não seriam permitidas fotos, apenas iniciais de nomes seriam usadas na reportagem e os locais de instalação da rádio não seriam identificados. O repórter seria pego às 12h por um "pirata", em frente ao Bob's do Largo do Machado.

O primeiro contato com **Domingo** havia sido feito um mês antes, no Crepúsculo de Cubatão. Uma promessa ficara no ar, e estava para ser cumprida. Às 12h em ponto, em frente ao Bob's, o repórter, que não conhecia o contato, passou pela embaraçosa experiência de encarar todos os motoristas que passavam pelo local. Que cara teria um pirata eletrônico? De qualquer maneira, a pontualidade não parece ser uma qualidade pirata, porque às 12h30min ninguém havia aparecido. Às 12h40min, finalmente, um sorriso jovem e barbudo identificou o contato. Era **C**, e o repórter foi levado para um bar das proximidades, para uma conversa prévia com os piratas **C**, **D** e **P**.

SEM RÓTULOS — "É um atentado no bom sentido", definiu **C**, 25 anos, publicitário. "Existem opiniões, músicas e idéias que não fazem parte do **status quo**, e não são transmitidas pelas rádios convencionais. Na televisão e no rádio não existem departamentos de novas linguagens. Todo mundo imita a **Rádio Cidade**. E isso não é bom para ninguém, nem para a **Rádio Cidade**. A gente adora política, mas busca um passo para além da esquerda e da direita, sem rótulos". Outro pirata, **D**, 25 anos, tem uma empresa de gravação de vídeos e nos momentos de contagem regressiva para a estréia da Frívola City, que ocupa o 92.0 do dial FM, lembrou que as discussões do grupo foram difíceis — "cada um tinha uma rádio na cabeça". A maior parte dos 11 fundadores da Frívola City havia se conhecido em maio passado, durante um encon-

ilustração de Gabor

tro sobre rádios livres no Museu da Imagem e do Som. Tinham um ponto em comum: queriam concretizar a primeira rádio pirata do Rio.

Como P, um fotógrafo carioca de 27 anos, que largou tudo e se mudou para a Europa. Lá batalhou durante três anos e conseguiu o que queria: trabalhar em rádios livres, participando durante um ano da Rádio Nova, da Revista Actuel, a mais criativa rádio pirata francesa. "Hoje, quem provar que tem competência para colocar uma rádio de quarteirão no ar, obtém permissão do governo francês. Lá, atualmente, existem rádios gays, de direita, de esquerda, de jornais, de **hit parade**", conta P. Mas aqui, as coisas são diferentes. Das 13h em diante, o repórter teve que esperar dentro de um carro na portaria de um prédio no Flamengo — onde fica a residência do Sr. X, o mais reservado do grupo. O Sr. X é um gênio em eletrônica que conseguiu fabricar sozinho um transmissor de FM a partir de esquemas de transmissores franceses e americanos, inadequados às nossas condições. Pouco antes de 19h — hora oficial do lançamento — veio o anticlímax: uma bobina e um transistor "pifaram" e obrigaram o adiamento da transmissão.

> "Existem opiniões, músicas e idéias que não fazem parte do status quo, e não são transmitidas pelas rádios convencionais".

DE GLAUBER A PESSOA — No dia seguinte, o conserto não pôde ser feito, e os piratas aguardaram na casa de J. C. sociólogo e jornalista, numa das subidas para Santa Teresa, sede provisória da Frívola City. Finalmente, na terça-feira, 2 de setembro, D e o Sr. X aprumaram uma antena de 1,50 metro no telhado do prédio de J. C. O transmissor foi ligado e uma fita com um programa gravado "por favor" em estúdios de amigos entrou no ar. A FM carioca nunca viu coisa igual: depoimentos gravados por Glauber Rocha, vinhetas da francesa Rádio Nova e de uma rádio pirata paulista, a Xilik; leitura de crônica de João do Rio (de onde foi tirado o nome da rádio, Frívola City); saxofonistas africanos, grupos de música senegaleses, uma música censurada do grupo Capital Inicial, leituras de Fernando Pessoa, trechos de programas humorísticos antigos como a PRK-30 tomaram de assalto o dial dos rádios do Rio. O "estúdio" provisório da rádio, na casa de J. C, começou a receber telefonemas que indicavam boa recepção em residências de Copacabana e outros bairros. Os próprios piratas começaram a correr a cidade para checar a recepção nos rádios de seus carros. A Frívola City custou Cz$ 12 mil ao grupo pirata e, por enquanto, irá ao ar diariamente no momento de transmissão da **A Voz do Brasil**. É como diz a música **Rádio Pirata**, do RPM: "Toquem meu coração, façam a revolução que está no ar, nas ondas do rádio". Sintonize a 92.0 e confira. Ⓓ

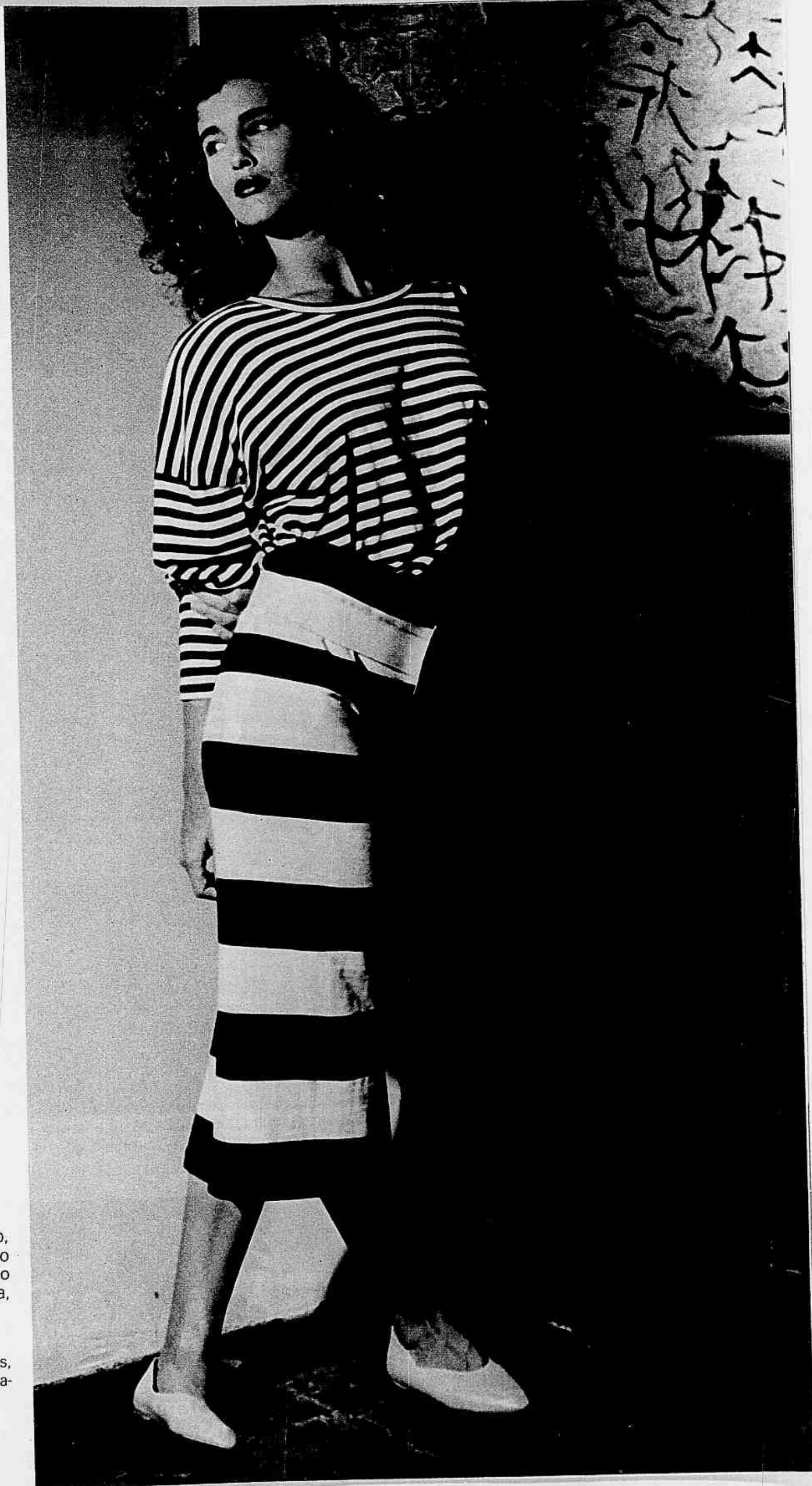
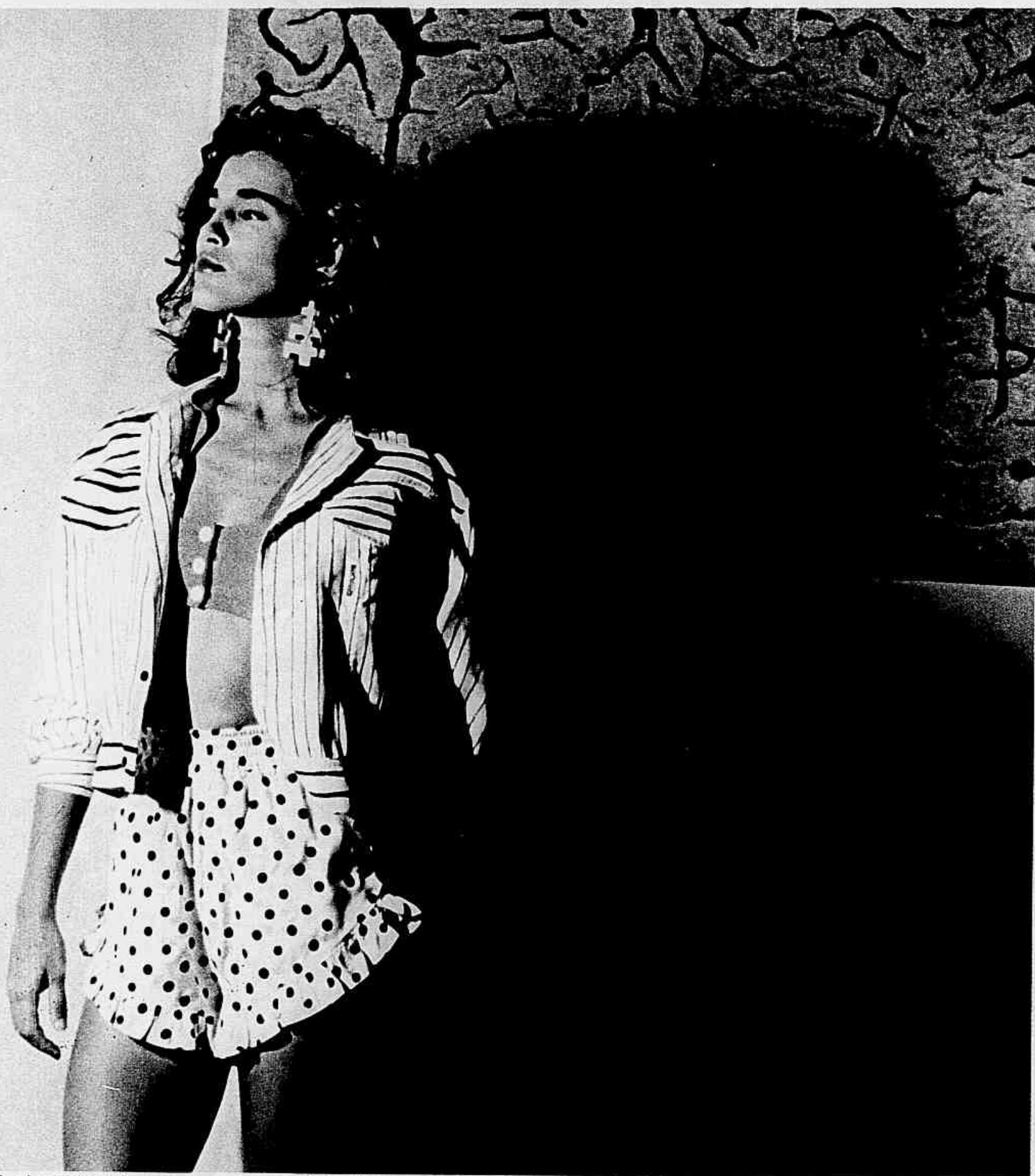
CHOQUES GRÁFICOS

Regina Martelli
Fotos de Rogério Reis F4

moda

Listras, bolas, rabiscos e grafismos inesperados brincam entre si. Não há regras, apenas uma harmonia visual baseada no ritmo das linhas. Em malha leve ou seda javanesa todas as combinações são válidas, dentro de um estilo videoclip. A cor faz contraponto ao preto e branco e as formas dançam ao gosto da criatividade. Ao fundo, a arte de Paulo Gomes Garcez na Galeria Saramenha. Até dia 20, as 12 "escritas pictográficas", em óleo sobre tela, falam de um erotismo sutil.

As listras, um **hit** da estação, recriam um clima gráfico bem distante do velho estilo marinheiro. Camiseta e saia, **Malha e Companhia**

Sapatilhas, **Ivone R.** e bijuterias, **Escândalo**. Maquilagem e cabelos de **Ronald Pimentel**

O short tipo **boxeur** perde o ar infantil e ganha sofisticação no jogo coordenado com as listras irregulares. A harmonia se completa com a miniblusa em malha. **Troppo**

O DESTAQUE NA
BRASIL FASHION FAIR

Gisela Bello
Fotos de Chiara

QUESTION BRAZIL

Rua Rafael Antonio Andréa 15 sala 307
Tel.: (0243)543603
RESENDE — RJ

No Stand da Question, Márcia Demambro e Cristina Britto, da Leon Modelos

Além das novidades quanto às roupas, bolsas, sapatos e acessórios que vão ser usados no próximo verão, os últimos lançamentos confirmaram uma nova tendência para o visual, tanto o feminino quanto o masculino. Foi na Brasil Fashion Fair que a QUESTION BRAZIL se destacou. Com modelos exclusivos e arrojados. Criada há três anos por Franklin de Oliveira e Ruth de Souza, com sede em Resende, Estado do Rio, a QUESTION BRAZIL trabalha exclusivamente com malharia. Suas estampas enfocam a fauna e a flora Amazônica, onde os destaques são para as camisetas e vestidos estampados em onze cores que explodem em arco-íris sucessivos. A novidade fica por conta do "double face", um vestido que se pode usar dos dois lados. Além de camisetas regatas, conjunto de blusas com capuz e bermuda, calças fuseau ... O que nos chamou a atenção, foi o lindíssimo conjunto de saia e blusa. A saia pode ser usada de diversas maneiras.
A coleção mostrada na Brasil Fashion Fair teve como participação a estilista Magda, esposa de Franklin. A decoração do stand ficou por conta de Odylo Franco. A QUESTION BRAZIL tem representantes em todo o Brasil. E atendem com eficiência pelo endereço acima.

Franklin e seus representantes:
Ronaldo, José Carlos e Paulo Roberto

Franklin e Ruth, no centro a estilista Magda

O alto verão em pré-estréia

O que vem substituir o fio dental no verão-86? Mesmo sem responder, a Brasil Fashion Fair trouxe algumas dicas sobre a moda-praia que vem por aí. O triquíni é apenas uma estratégia de marketing. Um biquíni especial para **morey-boogie** tem suspensórios para a calça ficar firme.

O maiô da Porta do Sol e o **biquíni para morey-boogie**. Lémon

Fotos: Luís Carlos David/F4

Duas situações do triquíni. Na terceira, o bustiê é a faixa preta

A moda chega, também, aos lençóis

Na Brasil Fashion Fair, dois destaques. A bijuteria de Claudia Hersz com inspiração medieval ou em Chernobyl, com anjos e globos, e a linha de casa, lançada por Carla Roberto e Edgard Otávio

Pulseira medieval e brincos Chernobyl de Claudia Hersz. Na foto maior, a coordenação total de Carla Roberto: malas, sacolas, jogo americano, lençóis.

Beleza em novo tempo

Com a temporada de praia se aproximando, o rosto e o corpo devem se preparar para receber o sol e os novos biquínis. Cremes variados e pequenos objetos podem estar à mão para estimular os tecidos e cuidar da celulite.

Fotos de Lewy Moraes/F4

1

2

6

3

4

5

1 Tratamento à base de proteínas para cabelos ressecados (L'Oréal/Cz$ 32 e 36/à venda em drogarias e farmácias)

2 Abaixo a celulite! Massageador com recipiente para sabonete (Mesbla/Cz$ 88 — Rua do Passeio, 53)

3 Massageador facial que também serve para espalhar o creme (Mesbla/Cz$ 80 — Rua do Passeio, 53)

4 Linha completa de tratamento Revita, com o exclusivo CRF, (Coty/a partir de Cz$ 80 — à venda em drogarias)

5 Pequeno rolo que ajuda a pele a eliminar naturalmente as impurezas (Mesbla/Cz$ 51 — Rua do Passeio, 53)

6 Escova facial para a limpeza profunda dos poros (Visage/Cz$ 44 — Shopping da Gávea)

O "truque"

descoberto acidentalmente por uma dona de casa suiça realmente funciona?

As últimas notícias a respeito da descoberta de Danielle Chevalier

***Eis os números de livros vendidos, em diversos países: França, 242.491; Canadá, 25.200; Argentina, 15.000; Portugal, 5.125; Grécia, 30.281; Holanda, 15.000; Itália, 61.200; Brasil, 18.723.**

Desde o mês de maio passado, 400.000 pessoas já o experimentaram. Eis aqui os primeiros resultados e uma entrevista exclusiva com a pessoa que fez a descoberta: Danielle Chevalier.

por JEAN CARPENTIER

Todas as mulheres que jamais conseguiram emagrecer — ou que sempre voltaram a engordar — podem agora voltar a ter esperanças, pois a descoberta para emagrecer, feita acidentalmente pela dona de casa suiça, parece ter tido êxito com a maioria das pessoas.

Podem ser assinaladas perdas de peso que atingem até 38 quilos, dos quais 6 já na primeira semana — sem regime, sem medicamentos nem exercício algum. Difícil de acreditar, e no entanto, o "milagre" se realiza a nível internacional. Em todo o mundo muitas mulheres hoje confirmam: "Havíamos experimentado dezenas de métodos e regimes para emagrecer. Mas este aqui é realmente o único que garante uma perda de peso radical e duradoura".

Como você constatará adiante o truque para emagrecer de Danielle Chevalier não tem nada a ver com um regime. Nem com um método. Você pode fazê-lo em casa. Pode inclusive fazê-lo mesmo que seja obrigado(a) a fazer suas refeições em restaurantes. Não há dificuldades de espécie alguma.

*** Qual é o segredo da dona de casa suiça?**

Eis aqui minha entrevista com Danielle Chevalier.

PERGUNTA: Sra. Chevalier, conte-nos como isto aconteceu.

RESPOSTA: Creio que eu era um caso típico como muitas mulheres hoje em dia. Gosto de comer e engordo facilmente. Muito facilmente. Meu problema: queria ser magra. Primeiramente por que faço questão de ter boa saúde, e depois, porque nos sentimos melhor quando somos magros. Além disso, porque somos mais bonitos, mais elegantes quando somos magros.

Creio ter experimentado todos os regimes. Às vezes, após 3 semanas de privações, torradas sem manteiga e legumes cozidos, perdia 3 ou 4 quilos, infelizes quilinhos. Mas assim que voltava a comer normalmente, eles voltavam. Tornara-me triste e irritadiça. Não sentia mais prazer em nada. Experimentei moderadores de apetite sob controle médico. Emagrecia, mas assim que parava de tomá-los, recuperava imediatamente os quilos que havia perdido. Depois numa quinta-feira de manhã, em um livro de homeopatia, li uma pequena frase de um médico. Este médico afirmava que se seu conselho fosse seguido (um conselho muito simples), não apenas poderíamos comer à vontade sem engordar, como também perderíamos os quilos excedentes. Isto parecia bom demais para ser verdade, ainda que não era preciso tomar nenhum medicamento! Parecia ser realmente muito simples.

PERGUNTA: E assim mesmo a senhora seguiu este conselho?

RESPOSTA: Não imediatamente. Eu não acreditava. Só mais tarde, ao ver que todos os métodos que experimentava, ou me impediam de comer o que eu tinha vontade, ou não faziam com que eu emagrecesse, é que disse a mim mesma: "Por que não experimentar o "truque" daquele médico, é fácil e ... nunca se sabe".

PERGUNTA: E a senhora começou a emagrecer?

RESPOSTA: Nos primeiros dias não notei nenhuma diferença. Foi apenas na manhã do quinto dia que percebi. Eu tinha uma calça que já não conseguia mais vestir pois me apertava demais. Naquele dia, consegui vesti-la facilmente. Jamais me esquecerei daquela manhã. ainda que não ousasse a acreditar, estava louca de alegria. Foi então que disse à amigas íntimas: "creio que descobri um "truque" para emagrecer comendo à vontade — sem fazer nenhum regime."

PERGUNTA: E o que elas lhe disseram?

RESPOSTA: Todas elas riram. Aparentemente não acreditavam em mim. Inclusive tive a impressão que elas pensavam que eu havia enlouquecido.

PERGUNTA: O que aconteceu então?

RESPOSTA: Continuei a seguir o "conselho" daquele médico ... e continuei a emagrecer. Nove quilos ao todo. como você pode ver, agora estou magra. Quando minhas amigas viram que eu perdia meus quilos excedentes um após o outro, custaram a acreditar. Minha vida mudou completamente. Posso novamente usar roupas que não mais ousava vestir. Meu marido acha que estou mais sedutora. Meus filhos estão orgulhosos de sua nova mãe. Sinto-me muito melhor. É realmente uma vida diferente.

PERGUNTA: Este "truque" funciona igualmente para outras pessoas?

RESPOSTA: Várias de minhas amigas, que como eu possuiam

O segredo de Danielle Chevalier conseguiu fazer com que milhares de mulheres, no mundo todo, emagrecessem.

*Levantamento feito em abril/86

para emagrecer ...

quilos à mais, o experimentaram. Assim como eu elas perderam entre 2,5 a 3 quilos por semana ... inclusive a que era gorda desde criança. Para ela foi um verdadeiro "milagre". Há um ano, inúmeras pessoas me escrevem diariamente. Contam que é a primeira vez que emagrecem sem regime, continuando a comer como sempre. Eis aqui alguns trechos de cartas:

"Sofri uma transformação total, sou alegre, bem disposta, durmo bem, estou de bem com o mundo. Enfim, em três meses perdi 12 kg, ou seja, 12 kg e 600 gr para ser mais exata. Estou sem flacidez exagerada, sem rugas, e com uma pele muito mais bonita. Diria até que rejuvenesci."

T.W.S. - Curitiba - PR

"Tive um resultado fantástico. Emagreci em média 2 kg por semana. Estou muito feliz."

J.S.N. - Maringá - PR

"Consegui emagrecer. Com esse método emagreci 16 kg. Hoje só estou conservando meu peso."

S.A.B. - Videira - SC

"Iniciei o método para emagrecimento e logo notei os resultados. Em 4 meses emagreci 15 kg. Hoje estou com um peso que achei ser ideal."

H.B. - Garibaldi - RS

"Emagreci 20 kg, ou seja, estava com 78 kg e agora estou com 58 kg."

L.A.C. - São João Del Rei - MG

"Este método é realmente nuito bom, pois permite que a própria pessoa coordene e verifique seus resultados, podendo aumentar ou diminuir sua dieta conforme a reação de seu organismo. Emagreci 10 kg em aproximadamente 30 dias."

A.J.A. - Nioaque - MS

*Você pode utilizá-lo imediatamente sem nenhum conhecimento específico

*Não há medicamentos nem drogas que precisam ser tomadas, nem exercícios a fazer.

*O processo é agradável, natural e excelente para a saúde.

*Permite que os alimentos sejam melhor digeridos (e talvez seja por isso que faz emagrecer).

*Você pode empregá-lo em casa ou no restaurante, mesmo que viaje para o exterior.

*Até uma criança poderia fazê-lo sem nenhuma dificuldade.

*Permite que se perca até 2,5 a 3 quilos por semana. Isto mesmo que você coma massas, molhos, doces, confeitos, enfim, tudo o que quiser. Não há absolutamente nenhuma restrição. Inclusive bebidas alcoolicas não são proibidas. Conforme já disse, antes de descobrir meu "truque" para emagrecer, havia praticamente experimentado todos os regimes, todos os métodos e todos os truques da moda para emagrecer: chás especiais, cápsulas de todo o tipo, lecitina de soja, abacaxi ... sim, creio realmente ter experimentado tudo pois emagrecer era para mim uma obsessão. Todos estes testes me ensinaram muito sobre o que não funciona, mas também me ensinaram muitas coisas que são úteis de se saber. Por exemplo, à respeito de determinados alimentos que - eu os experimentei pessoalmente - atuam como verdadeiros medicamentos sem no entanto possuírem inconvenientes. Faço questão de divulgá-los.

PERGUNTA: A senhora fala deles em seu relatório?

RESPOSTA: Sim, pois alguns regimes que segui me ensinaram muito a respeito da influência de determinados alimentos sobre a saúde. E ainda outras coisas que experimentei pessoalmente com êxito. Creio que minha experiência pode ser útil à inúmeras mulheres que precisam emagrecer.

PERGUNTA: Quanto custa seu relatório?

RESPOSTA: Se eu o vendesse ao preço que realmente ele vale, poucas pessoas poderiam adquiri-lo. Um processo para emagrecer, sem fazer regime, e que realmente funciona, não tem preço. Não exagero quando digo que não conheço - e que provalmente não exista - um outro sistema que permita emagrecer comendo e bebendo como de hábito. Pessoalmente, eu teria ficado feliz em pagar Cz$ 169,98 e até mais se pudesse encontrá-lo ... e acredito que muitas mulheres pagariam espontâneamente este preço.

*Experimente a descoberta de Danielle Chevalier inteiramente por minha conta

Jean Carpentier

... e decida DEPOIS de ter perdido seus quilos excedentes se deseja conservar seu Relatório.

*Eis minha proposta:

Você deve perder pelo menos 2 quilos por semana até atingir seu peso ideal, ou então devolverei todo o seu dinheiro (menos despesas postais e de reembolso). Isto sem condições e sem que nenhuma pergunta lhe seja feita. Este é um compromisso escrito e formal.

*Nenhum risco para você

Você pode então fazer este teste por simples curiosidade, pois não arrisca perder um só centavo.

*Por que ouso lhe fazer esta oferta

*Porque estou convencido que assim que você tiver perdido seus quilinhos excedentes, você vai querer conservar o Relatório de Danielle Chevalier.

*Porque encontrei amigas de Danielle Chevalier; vi em fotos como elas eram e pude constatar que elas realmente emagreceram.

*Porque fiz com que duas amigas experimentassem o "segredo". Ambas perderam 3 quilos a partir da primeira semana.

*Porque não há razão para que o que funciona com outros não funcione também para você. De qualquer maneira, eu aceito o risco.

*Leia isto apenas caso tenha decidido não fazer este teste.

1. Este teste é inteiramente por minha conta. Se você não perder pelo menos 2 quilos por semana, basta devolver o Ralatório de Danielle Chevalier antes de 90 dias. Neste caso, devolverei em cheque no volor de Cz$ 169,98 o mais tardar 8 dias após ter recebido sua devolução. Isto sem condições e sem que nenhuma pergunta seja feita.

2. Você come o que quiser. Não precisa mudar absolutamente nada em suas refeições.

3. É você quem decide se deseja conservar ou devolver o Relatório. Você pode inclusive devolvê-lo mesmo após ter perdido seus quilos. Entretanto, não acredito que você faça isto.

*Importante

Em virtude da natureza especial desta oferta inteiramente por minha conta, só posso garanti-la por tempo limitado.

Recorte e envie o cupom ao lado HOJE MESMO. Assim você não corre o risco de esquecer.

Jean Carpentier

---

*Garantia

Se você não perder todos os seus quilos supérfulos e não permanecer magra em seguida, devolva o Método de Danielle Chevalier antes de 3 meses, que me comprometo pessoalmente a devolver todo o seu dinheiro o mais tardar 8 dias após ter recebido sua devolução. Isto sem condições, e sem que nenhuma pergunta lhe seja feita.

Jean Carpentier

*Brinde surpresa

Se você enviar o cupom ao lado acompanhado de cheque ou vale postal, receberá um pequeno mas surpreendente brinde surpresa, que você poderá conservar mesmo que resolva devolver o método para ser reembolsado(a).

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor
R. Cardeal Arcoverde, 1557
CEP 05407, São Paulo, SP

CUPOM PARA UM TESTE SEM COMPROMISSO

da "descoberta" de Danielle Chevalier oferta garantida por tempo limitado. Este cupom deve ser recortado (ou copiado) e enviado ao:

RD 541

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor
Rua Cardeal Arcoverde 1557
CEP 05407
São Paulo - SP
ou peça pelo fone (011) 815-7822

A oferta para um teste gratuito, completamente por sua conta me interessa. Fica entendido que:

1) devo perder pelo menos 2 quilos por semana

2) devo perder todos os quilos a mais

3) não há absolutamente nenhum regime que deva ser seguido, e posso comer "à vontade".

4) disponho de 3 meses de garantia para constatar que todos os meus quilos extras desaparecem... e não voltam mais.

5) caso eu não fique 100% entusiasmado (a), devolverei a "descoberta" de Danielle Chevalier antes de 3 meses. Neste caso não terei que dar nenhuma explicação, nem preencher nenhuma condição - e vocês me enviarão um cheque no valor de Cz$ 169,98 no mais tardar 8 dias após terem recebido minha devolução, sem me fazer nenhuma pergunta. Sob esta garantia, queiram enviar-me com urgência, em embalagem discreta e sem marcas exteriores: ... "Meu truque para emagrecer sem fazer regime" pelo qual estou enviando:

☐ Cheque

☐ Vale postal (AG. CENTRAL - CÓD. 400009) no valor de Cz$ 169,98 + Cz$ 6,00 para as despesas postais, ou seja, um total de Cz$ 175,98

☐ prefiro pagar ao retirar no correio de minha cidade (reembolso postal), a quantia de Cz$ 193,60 mais o valor das despesas postais.

Nome: ....
Endereço: ....
Tel.: ....
Cidade: ....
CEP: .... Estado: ....

Indique aqui:
seu peso atual: ....
dt. nasc.: ....
sua altura: ....

ESTAMOS AGRADANDO

Gostaria de parabenizar a revista **Domingo** pela reportagem sobre **O garotão do rock'n'roll**, publicada no nº 539. Sou um dos milhões de órfãos da Blitz que estão espalhados por este Brasil e tenho certeza que esta reportagem foi um furo. Do túmulo da Blitz o Evandro vai ressuscitar? Sim! (...) E isso aí, Evandro. Solta este disco porque o seu público está a fim de voar nele. **Haroldo da Costa Mansur, Recife, PE.**

Achei sensacional a reportagem **À mesa, sem engordar** (**Domingo**, nº 538), pois acredito ser justamente o que faltava ser lançado. É sabido de todos que não existe nada mais saudável do que uma alimentação natural. O livro **Sugar Blues**, de William Dufty, é a constatação do quanto é fundamental a conscientização individual dos condicionamentos que regem nossos hábitos alimentares. Encontramos, geralmente, várias lojas que vendem produtos dietéticos, mas não como a Irmão Sol, onde os alimentos já são servidos prontos. Gostaria de deixar a sugestão para que fossem abertas novas casas de chá, em outras cidades, como aqui em Belo Horizonte. **Angela Maria de Abreu Faria, Belo Horizonte, MG.**

Foi excelente a reportagem da revista **Domingo** do dia 3 de agosto sobre as primeiras-damas, um dado dos mais importantes para a escolha do nosso governador. Num momento em que o elemento feminino está superatuante, este semanário correspondeu a nossos anseios de informação densa e sobretudo atraente. **Beatriz Barcellos, Rio de Janeiro, RJ.**

LOUCURAS DE ROLLA

Tomei conhecimento através de pessoas do meio artístico que conviveram com Joaquim Rolla (**A resistência de um sonho, Domingo** nº 535) de algumas curiosidades sobre este homem que sendo praticamente analfabeto, mas com uma superinteligência, tornou-se uma das maiores fortunas do Brasil.

Contaram-me que Rolla ganhou dinheiro apresentando em muitos lugares um burro, chamado Canário, que informava a idade das pessoas, batendo com uma das patas no chão tantas vezes quantas fossem necessárias para indicar o número desejado.

Dois acontecimentos muito conhecidos no meio artístico mostram a inocência desse homem para com fatos culturais do dia-a-dia. O primeiro nos conta que um amigo, admirado com a beleza do lago artificial em frente ao Quitandinha, perguntou se Rolla já havia pensado em colocar algumas gôndolas, como em Veneza. A resposta dele foi a seguinte: "Eu já coloquei um monte delas, mas morreram todas." O segundo acontecimento deu-se com o pedido de Dona Darcy Vargas para que Bing Crosby, cujo navio fazia escala no Rio, fizesse um show no Cassino da Urca em benefício da cidade das meninas pobres. Aceito o convite, Bing Crosby tratou de ir ensaiar. Sendo calvo e por não gostar de usar peruca fora das telas, Crosby optava por usar um chapéu. Ao chegar no ensaio, Rolla reclamou com um funcionário que achava um desrespeito aquele "sujeito" usar chapéu dentro de um recinto fechado. O funcionário explicou que "aquele sujeito" era o famoso Bing Crosby. Rolla respondeu que não interessava quem fosse e deu ordem para que o cantor tirasse o chapéu. É claro que ninguém teve coragem de cumprir a ordem. À noite, no final do show, com o cantor sendo aplaudido de pé, Rolla ficou admirado com o sucesso do "tal de Bing Crosby". Resolveu então gratificar o cantor que mais vendeu discos no mundo com um cheque de 50 contos. Rolla ficou mais admirado ainda quando viu Crosby doar o cheque às meninas pobres. Ouviu, então, de um amigo que Bing Crosby tinha dinheiro para comprar centenas de cassinos iguais àquele. "É, acho que dei um baixo", envergonhou-se. **Maria Lucia Freire Gomes, Rio de Janeiro, RJ.**

TEATRO MUNICIPAL

Costumo freqüentar, quando aparecem concertos com obras importantes, o Teatro Municipal. Aproveitando a carta que foi publicada em **Domingo** nº 535 da Sra Maria Apparecida, venho por meio desta fazer uma queixa sobre os ingressos do Teatro.

Quando fui assistir ao 5º Concerto da OSB, no dia 26 de julho, deparei-me com o vergonhoso problema de sempre. Mais de 30 cambistas perto da bilheteria do teatro, vendendo ingressos supermajorados: Cz$ 1 mil por um bilhete no valor de Cz$ 150. O resultado foi que, como eu tinha comprado o meu ingresso no primeiro dia de vendas, entrei. Mas a pessoa que estava do meu lado ficou de fora junto com dezenas de outras. Peço, então, às autoridades locais que tomem alguma providência a respeito.

Todos os ingressos da Orquestra Sinfônica Brasileira vendidos na bilheteria são apenas as sobras, ou seja, os piores lugares do teatro, pois os demais (os melhores) são vendidos para quem compra uma assinatura de 10 ou mais concertos. O público fica com duas opções: Compra a assinatura, sendo obrigado a pagar por concertos que não lhe interessa; ou compra ingressos separados da assinatura e senta nos piores lugares. **Luiz Bernardo A.F. Silva, Rio de Janeiro, RJ.**

Ferdinando Giaquinto

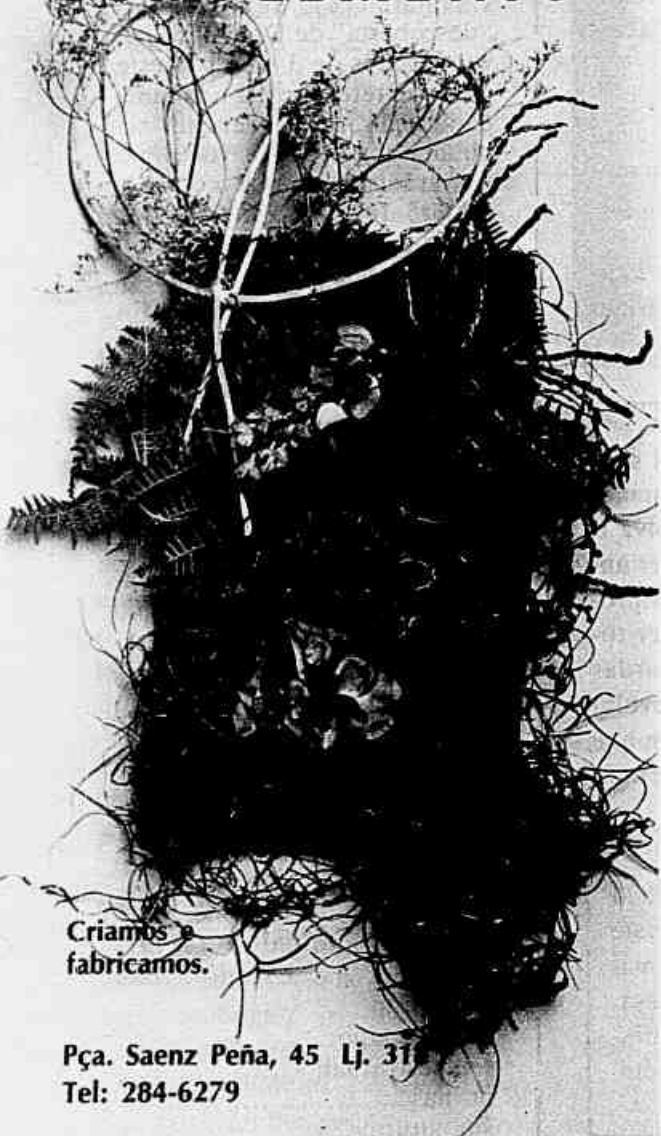
José Gomes da Silva

CORREÇÃO

As legendas das fotos publicadas na reportagem **Com o toque da sensibilidade** (**Domingo** nº 539) saíram trocadas. Identificados corretamente, então, são estes os afinadores de piano citados.

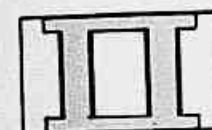
Guttemberg Padilha

horóscopo

Max Klim

áries
(21/3 a 20/4)

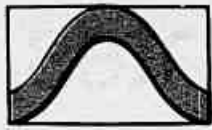
Momento que indica forte possibilidade de movimentação em sua rotina. Aspirações concretizadas. Boa disposição pessoal em clima que realça novidades no amor e para a vida em família. Compensação. Saúde boa.

touro
(21/4 a 20/5)

Dias de equilíbrio material e de bom posicionamento em relação a suas finanças e ganhos imprevistos. Evite mostrar-se excessivamente exigente durante a semana. Inquietação afetiva. Risco de problemas. Saúde mais estável.

gêmeos
(21/5 a 20/6)

Quadro que realça indicações de positividade em relação a sua rotina. Bons acontecimentos ligados à família. Momentos de inquietação no amor. Insegurança. Procure ser mais claro em seus objetivos. Saúde regular.

câncer
(21/6 a 21/7)

Semana que poderá lhe dar boas novidades em relação ao trabalho. Quadro de mudanças que afetará sua rotina. Sentimentos compensados por manifestações de apreço. Procure ser mais dado ao carinho. Saúde em dias instáveis.

leão
(22/7 a 22/8)

Dias que fortalecem seu prestígio pessoal e lhe darão boa oportunidade de crescimento patrimonial. Procure se motivar no trato em família. Amor em fase instável na qual podem ocorrer mudanças. Saúde ainda equilibrada.

virgem
(23/8 a 22/9)

Sua vivência no trabalho e em companhia de amigos terá excelentes momentos no passar da semana. Cuidado em seus gastos. Favorecimento em assuntos de família. Sensibilidade e romantismo. Saúde muito bem-disposta.

libra
(23/9 a 22/10)

Superação de problemas e confirmação de seus interesses no trato profissional. Novidades interessantes, embora o período não seja muito favorável para o amor. Busque mostrar-se mais carinhoso. Saúde em fase neutra.

escorpião
(23/10 a 21/11)

Indicações de vantagens financeiras e novos ganhos. Trabalho em fase de mudanças. Novidades que envolverão também parentes próximos. Indicações irregulares, com bons e maus momentos no amor. Saúde sem alterações.

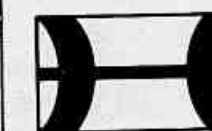
sagitário
(22/11 a 21/12)

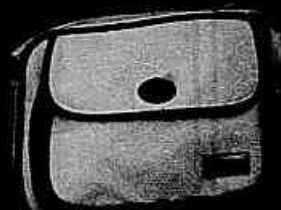
Você terá recompensadores momentos nesta semana em que os seus interesses estarão atendidos e toda a sua vivência afetiva passará por positivas mudanças. Novos acontecimentos no amor. Saúde que lhe exigirá atenção.

capricórnio
(22/12 a 20/1)

Beneficiado por um excelente quadro astrológico, você encontrará decisivo apoio para assuntos importantes. Terá vantagens e viverá um momento de realização afetiva muito intenso. Romantismo. Saúde bem equilibrada.

aquário
(21/1 a 19/2)

Afirmação profissional para o aquariano em uma semana de notável positividade material. Evite, após a terça-feira, deixar-se levar pelo pessimismo. Bom quadro em relação ao trato com o sexo oposto. Saúde mais estável.

peixes
(20/2 a 20/3)

Indicações de uma semana equilibrada, onde pontos de destaque serão sua forte intuição e acontecimentos novos ligados à família. Procure mostrar-se motivado e interessado pelos que o cercam. Saúde ainda irregular.

Aos estudantes, com carinho

A Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas (AMES) voltou. Voltou?

Difícil questionar um passado conturbado. Mais ainda julgar este personagem quando não se foi participante ativo de um processo, pelo qual passaram os estudantes.

Mas a AMES voltou e, se trouxe novas ou antigas bandeiras, só o tempo vai dizer. De qualquer forma, sua volta traz à tona o questionamento em torno do movimento estudantil e, principalmente, do seu núcleo-base: O GRÊMIO.

Este "cidadão" que está todos os dias na Escola, andando de um lado a outro. Pra uns, sempre com um convite tentador, pra outros, aquele "cara chato" que vive implorando a participação, que sempre oferece a oportunidade de atuar, promove um show de música e adora debater a Constituinte.

Mas que missão tem este "cidadão", o Grêmio? Que importância tem ele diante do vestibular que se aproxima, da recuperação e de tudo que anda nas cabeças desses jovens — na minha também — que os experientes chamam de "Futuro do Brasil"?

Mais difícil ainda é responder a esta pergunta sem falar naquelas palavras gastas que estão nos discursos dos políticos mais inflamados como **Participação, Conscientização, Integração**, que às vezes soam para nós muito mais como demagogia do que como necessidade.

Mas elas têm que ser usadas. Porque, me parece, que a onda febril de participação que tomou conta de todos através dos comícios pró-diretas e em tanto outros movimentos; enfim esta "síndrome de grupo" não assolou os secundaristas, que, por motivos que eu desconheço, têm se mantido à margem dos acontecimentos deste pequeno e importante grupo chamado ESCOLA.

A Escola está em crise; mas uma crise que vai além dos problemas de salários, de pouca conservação e de tudo que os jornais levam a nós todos os dias. A Escola está em crise também porque, como todos nós sabemos, tem dado poucas alternativas, ou poucas informações ao jovem, que sai dela sem perspectivas. **A crise de conscientização.**

É ligado a esta crise que reside a importância e a missão do Grêmio Estudantil.

Então, quando você, estudante, se perguntar sobre aquele "cara" que anda de um lado a outro, entenda que ele está ali porque acha que dando-lhe acesso ao lazer, ao esporte, ao debate contribui para que você entenda mais o seu mundo e se integre aos outros defendendo seus pontos de vista e participando; sem se importar se você é eleitor ou não. Quando você encontrar com esse "cara", e ele lhe fizer um convite para assistir a certa palestra sobre profissões, antes de lhe responder o seu costumeiro NÃO, pense um pouco porque este tal de Grêmio está tentando lhe ajudar a fazer uma escolha melhor.

Portanto, eu tento, aqui, deixar essa idéia de união que o Grêmio encerra. Ele nada vale sem seus estudantes e, muito embora a maioria não saiba, ele traz sempre um objetivo maior que é através daquelas palavrinhas de sempre, fazer um trabalho paralelo de conscientização (sem doutrinação, muito importante), informação e, principalmente, de vivência em grupo, tão importante em nossos e em todos os tempos.

Logo, as novas chapas que, nesse momento, devem estar começando a surgir em nossas escolas devem fazer de seus programas uma luta por um aluno mais participativo e consciente. Tentando abranger as necessidades do jovem sem, contudo, deixar que outras formas de Política (principalmente a partidária) e outros interesses que não sejam única e exclusiva o do seu estudante direcionem essa entidade, que, eu espero, ainda pura que é o Grêmio.

E os alunos que busquem a união nas suas escolas, participando nos esportes, nos debates, nos festivais de músicas, enfim valorizando tudo que é feito do estudante para o estudante.

É essa a nossa força. É essa a força de todo estudante, mesmo sem saber.

PS.: Todo mundo, dia 27, no SEMENTE (o nosso Festival).

João R. Ripper/F4

Elaine Palmer

A autora, 18 anos, é estudante secundarista e presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Santo Agostinho.

as cobras

Luís Fernando Veríssimo

E ESSA?

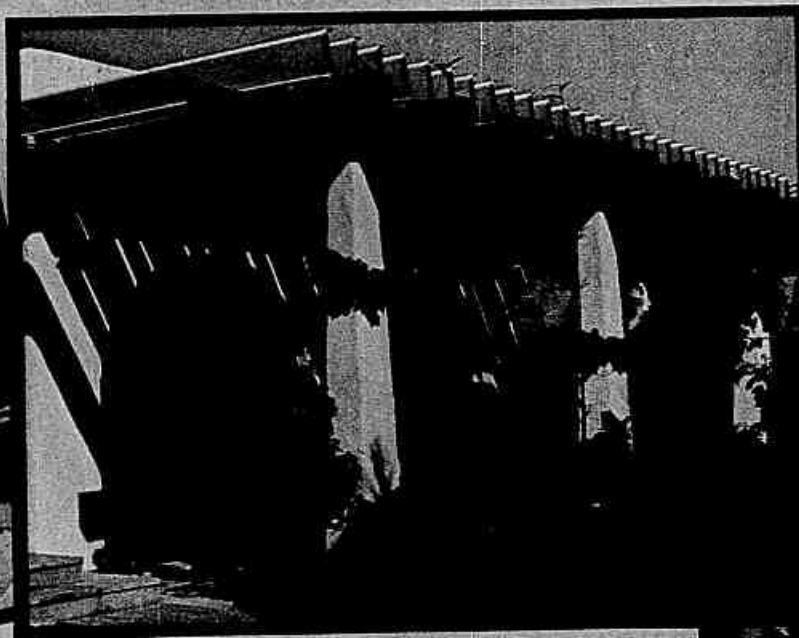
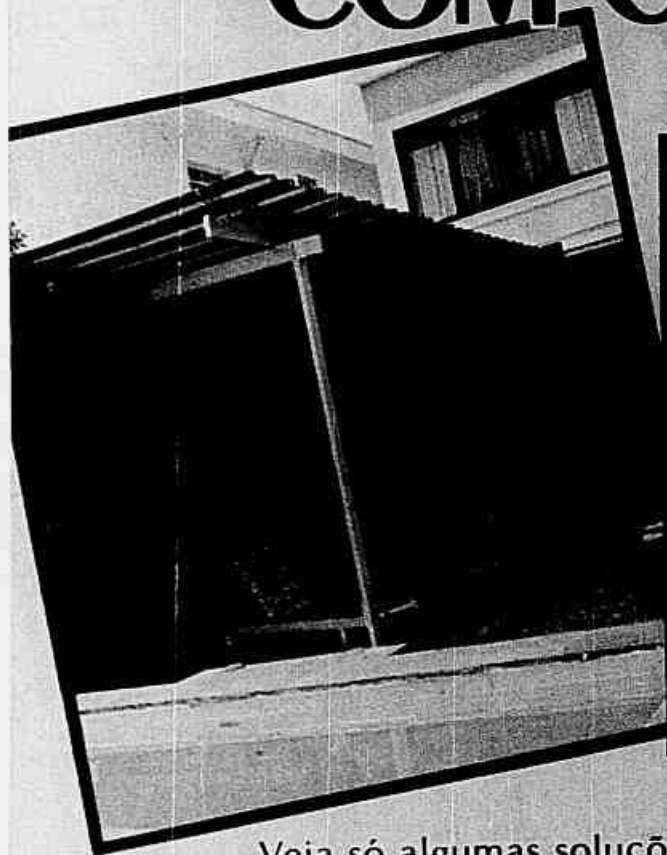
ZEBRA

ZEBRA?

"DARK" MAS COM DÚVIDAS

LFV 21-9

foto: Rogério Reis/F4

NOVA TRILHA
Respire conforto com o Aero-Teto Zetaflex.
A cobertura que abre e fecha.
Veja só algumas soluções que fizeram do Aero-Teto Zetaflex o maior sucesso em coberturas. Ao dar maior utilização e nova vida a qualquer recanto, só o Aero-Teto abre, fecha e para em qualquer posição, permitindo perfeito controle de luz e ar.
A Zetaflex estuda o seu caso, sem compromisso.
Basta telefonar e você poderá ter seu Aero-Teto em poucos dias, por muitos anos.
ZETAFLEX
Grande Rio e Niterói - Tel: 201-1822
VISITE NOSSA NOVA EXPOSIÇÃO
Rua Barão do Bom Retiro, 932
Interior e Outros Estados - DDD Grátis: (011) 800-8777

HABITAT. PONTO DE ENCONTRO.

Estar aberto a todas as tendências.
Do estilo barroco a Niemeyer, tudo
soma na construção do meu universo
e na realização do meu trabalho.
Isso é o meu estilo e é também Habitat.
Sane

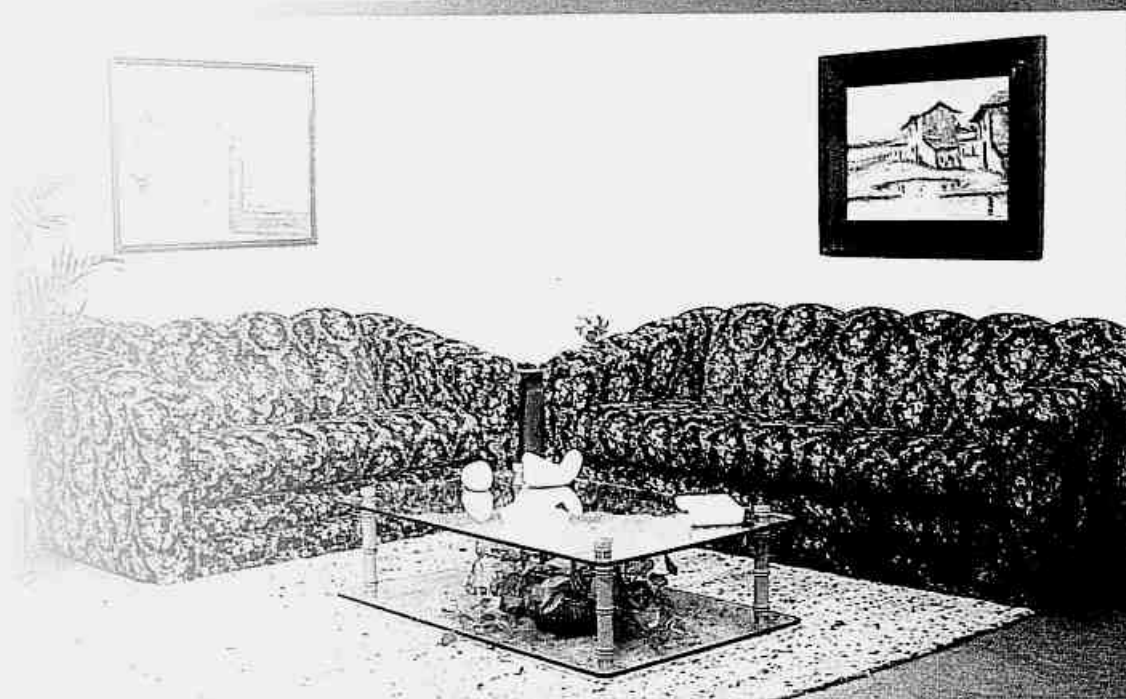
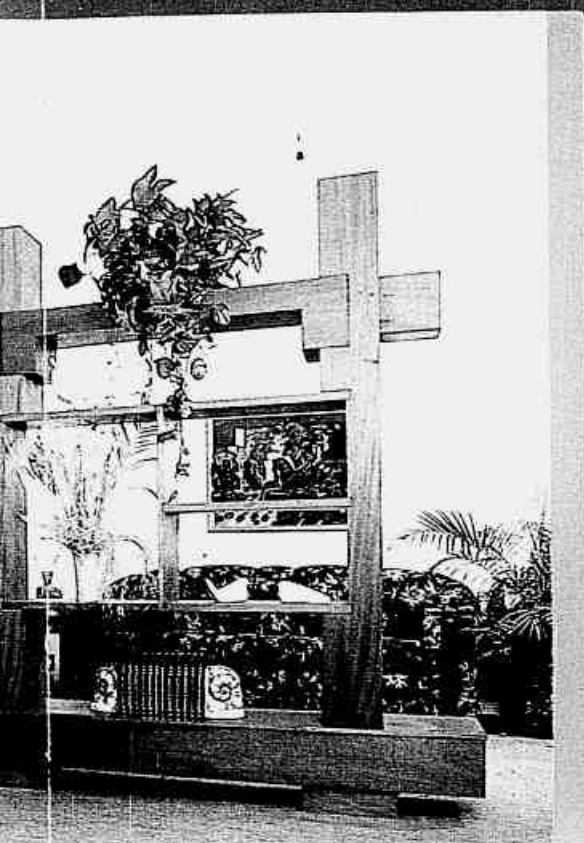
As experiências de vida não se chocam, se acrescentam. Desses encontros gera-se o novo, num ciclo eterno de criatividade. E surgem novíssimas tendências onde você se engaja.

O que importa é ter acesso ao belo e ao útil, e fazer disso o seu estímulo para novos trabalhos e projetos de vida.

Projetos da Habitat.

atual

BRICA
IDADE,
TUALIDADE

MESA DE 2 TONS
DETALHE EM LATÃO
A PARTIR DE **3 x 510,00**
OU 1.530,00 À VISTA

UMA PEÇA COM DUAS OPÇÕES:
ESTANTE DIVISÓRIA OU MÓVEL PARA SOM

OS:
TECIDO E PADRÃO
CAMOS

CADEIRAS A PARTIR DE
3 x 270,00
OU 810,00 À VISTA

MESAS EM VÁRIOS TAMANHOS
PARA TODOS OS MODELOS
DE CADEIRAS

EM VENDE MAIS BARATO

RODOVIA W. LUÍS, 4.000 a 4.002 RIO PETRÓPOLIS, Km 4 771-8917

1

2

6. Recomendada para casais apaixonados, assim é a nova colônia Tabac, com poderes afrodisíacos. Lançamento nacional. À venda na **Sunflower — Shopping da Gávea, 2º piso e São Conrado Fashion Mall, 2º piso.**

7. A calça em tecido sintético ciré preto, colada ao corpo com o spencer de viscosi maquinetada abobora, é a sugestão da **Tira e Põe** para a noite. A **Tira e Põe** tem lojas em Ipanema - Rua Visconde de Pirajá, 330 - 2º piso e no Norte Shopping - loja 1207 piso G.

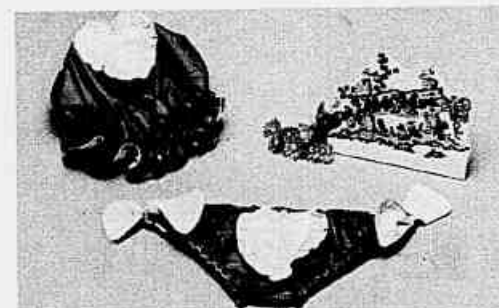
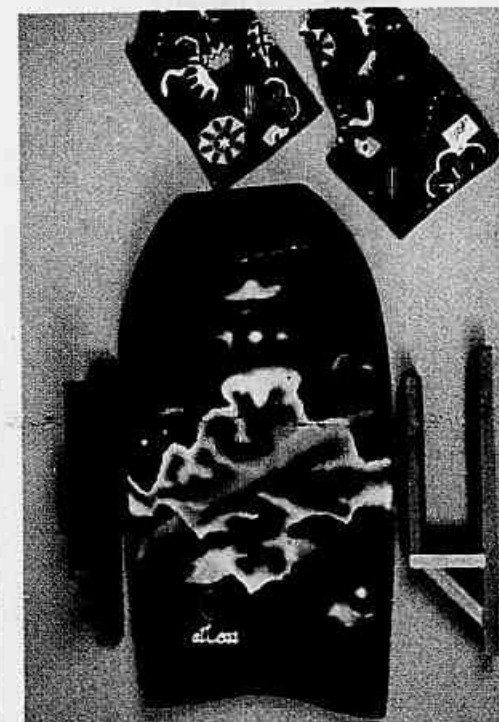
6

7

3

4

5

8

1. A Pro Surf já colocou à venda em suas lojas os lançamentos de verão. Mochilas e sacolões em tecido estampado com motivos florais, bermudas, camisões e camisetas de malha. A **Pro Surf** fica em **Ipanema à Visconde de Pirajá, 595/lj. 115; na Tijuca, no Off Shopping, sub-solo lj 111. A Pronta-Entrega no Arpoador à Rua Francisco Otaviano, 67 lj 41** e em **São Paulo à Alameda Nhambiquaras, 952 Moema — Telefone: 583-4353 (011) - Fábrica (021) 590-4593.**

2. Um quarto de bebê que é um sonho com muitos bonecos em pelúcia e cetim. Berço, cômoda em laca, sofá em matelassê, cortina romântica. Tudo em tons de rosa, amarelo e cinza. Além dos projetos de decoração a **Joana João** possui uma linha completa de roupinhas e acessórios para crianças de 0 a 10 anos. **Barra Shopping - Nível Legoa — Shopping da Gávea - 3º piso — Fórum de Ipanema - sobreloja — R. Aníbal de Mendonça, 55 loja C.**

3. A moda veio pra ficar. Quem não curte os papéis de carta decorados? A **Lerfa Mú** dispõe de uma linha com os mais variados padrões e cores, além de caixinhas, cartões, papeleiras e presentes em geral. **Rua Capitão Salomão, 11 - loja D.**

4. Seu bebê também merece andar bem vestido. Visite a **Mon Rêve** artigos finos para crianças de 0 a 12 anos. **Rua Voluntários da Pátria, 445 loja 108 esquina de Capitão Salomão - Botagofo.**

5. A **Boys'House** mais uma vez larga na frente e lança, para o próximo verão a prancha de body boarding com desenho exclusivo e rack para parede. Para depois da praia, o conjunto de bermuda e camisão preto em grafismo de côres luminosas. A **Boys'House** fica no **São Conrado Fashion Mall - 1º piso.**

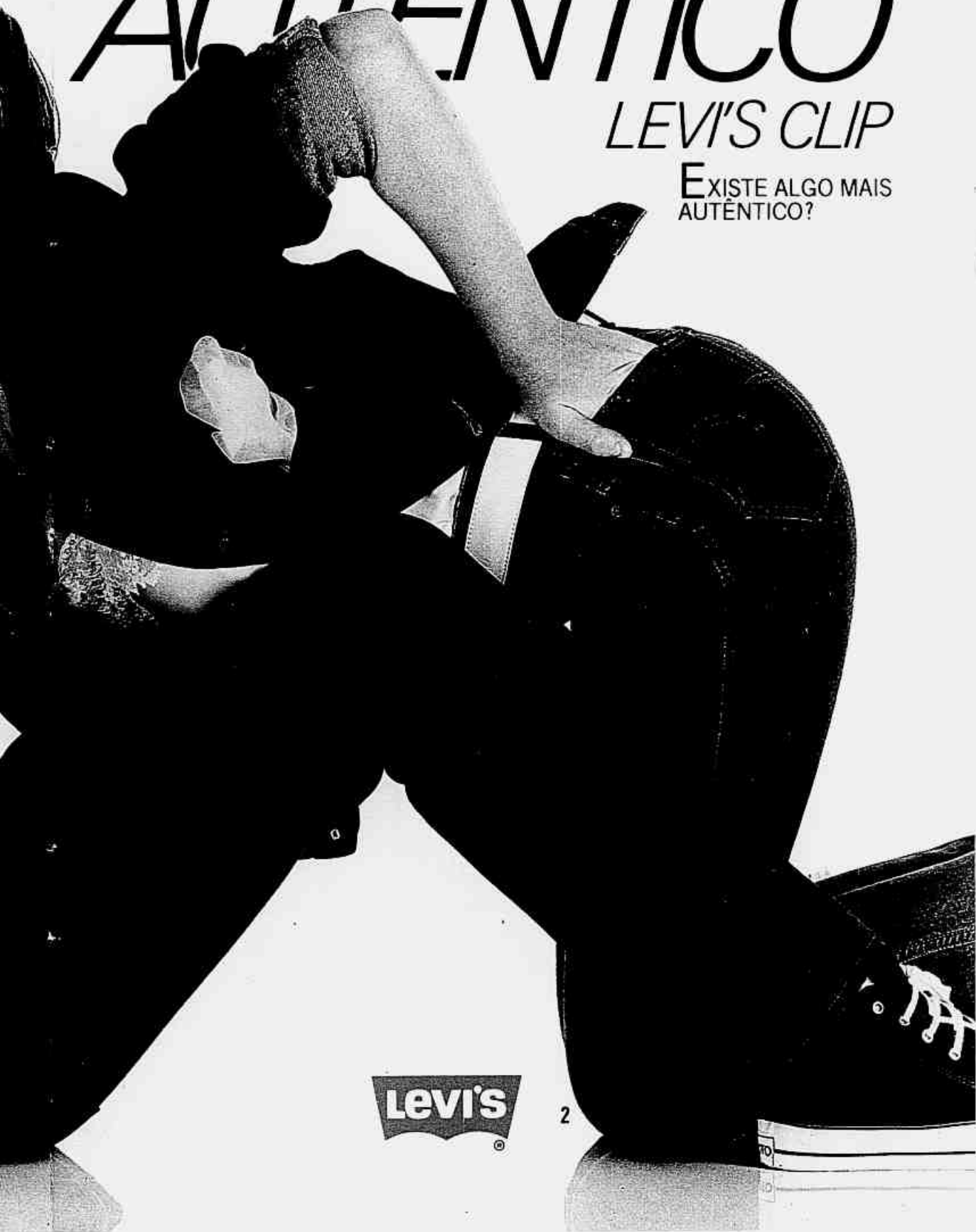
Aguardem
EDIÇÃO ALTO VERÃO.

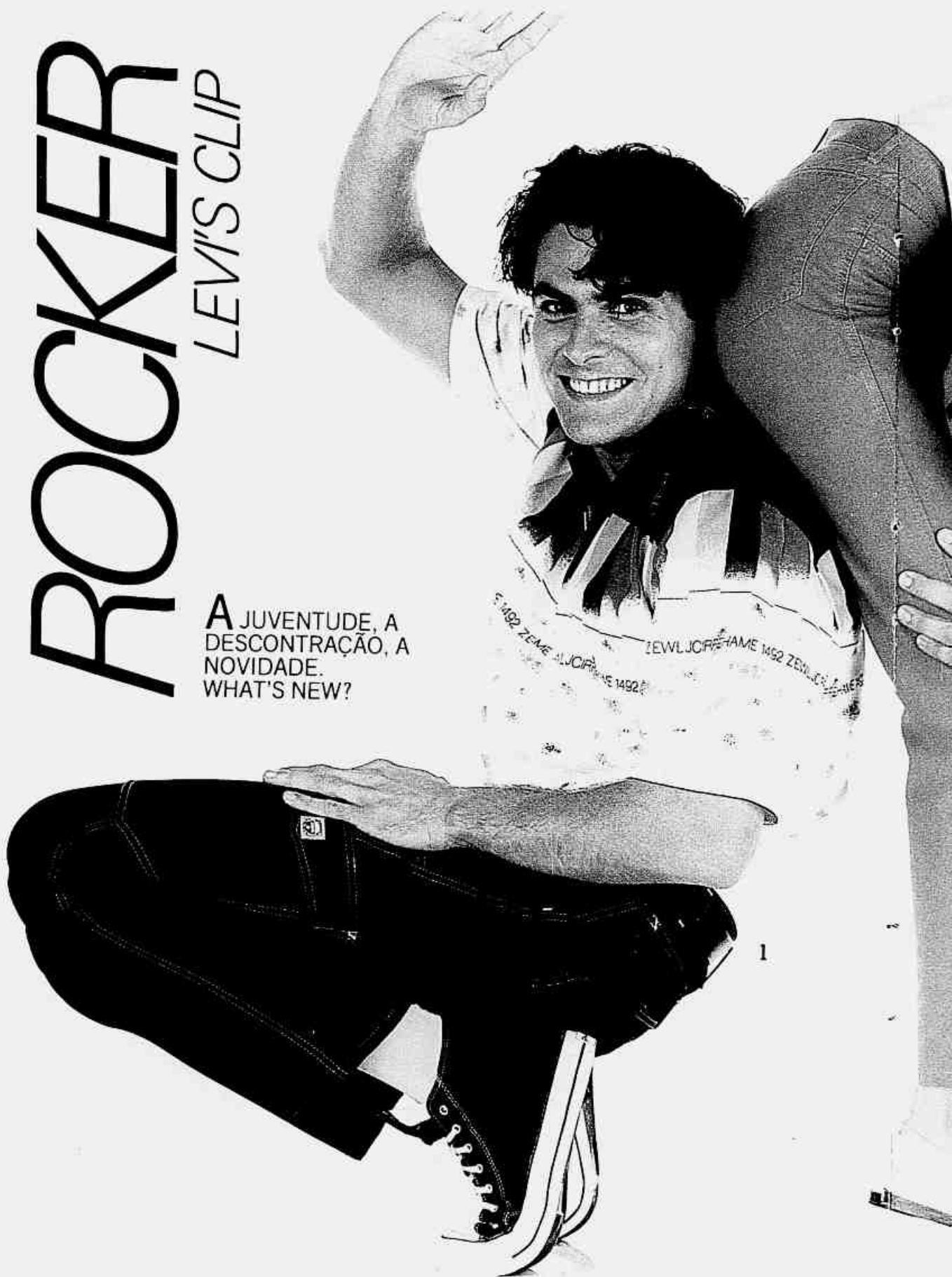
8. É da **Pluft** o conjunto de **jeans delavé** fabricado pela **Guêpe** em três peças: top, colete e sainha. A **Pluft** também possui uma linha fantástica de acessórios e bijouterias como óculos espelhados, cintos, lencinhos, etc... **Pluft Copacabana — Pluft BarraShopping.**

SUMMER CLIP

Levi's®

VERÃO 86/87

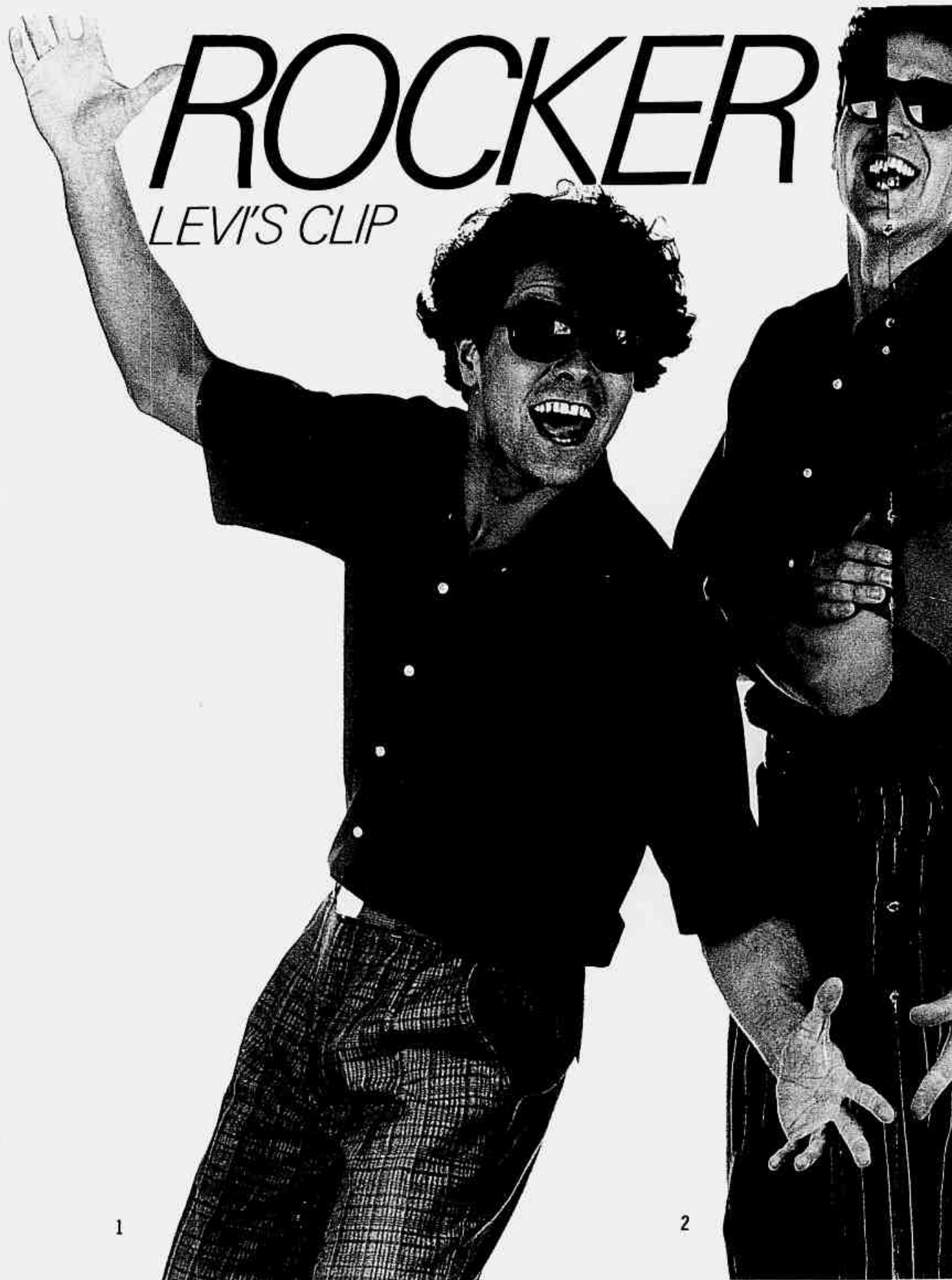
1 · Calça 546.03.
Camisa 60.610.30.
2 · Calça 30.546.03.
Jaqueta 60.707.03.

ROCKER
LEVI'S CLIP

A JUVENTUDE, A DESCONTRAÇÃO, A NOVIDADE. WHAT'S NEW?

1 Calça 582 20
Camisão 60 618 21
Meia 721 99
2 Calça 30 693 52
Camiseta 32 554 99
3 Calça 546 25
Cinto 896 22
Camisão
60 612 26
Levi's®
2
3

ROCKER

LEVI'S CLIP

1

2

A TATUAGEM, O BRILHO, A VOLTA AOS ANOS 70. ROCKMANIA.
1 - Calça 581 63 17
Cinto 836 12
Camisão 60 605 14
2 - Calça 546 64 18
Camisão 60 605 14
3 - Calça 581 63 18
Camisão 60 610 30
Levi's
3

ROCKER
LEVI'S CLIP
CARNABY STREET,
KING'S ROAD E
PICADILLY CIRCUS.
MUITO PRAZER,
MARY QUANT.
1
1 Minissaia 30 692 52
Cinto 836 12
Camisa 32 790 60 37
2 Minissaia 30 692 52
Cinto 893 15
T shirt 32 556 99

3 Minissaia 30 631 49 00
Cinto 836 12
T-shirt 32 576 99

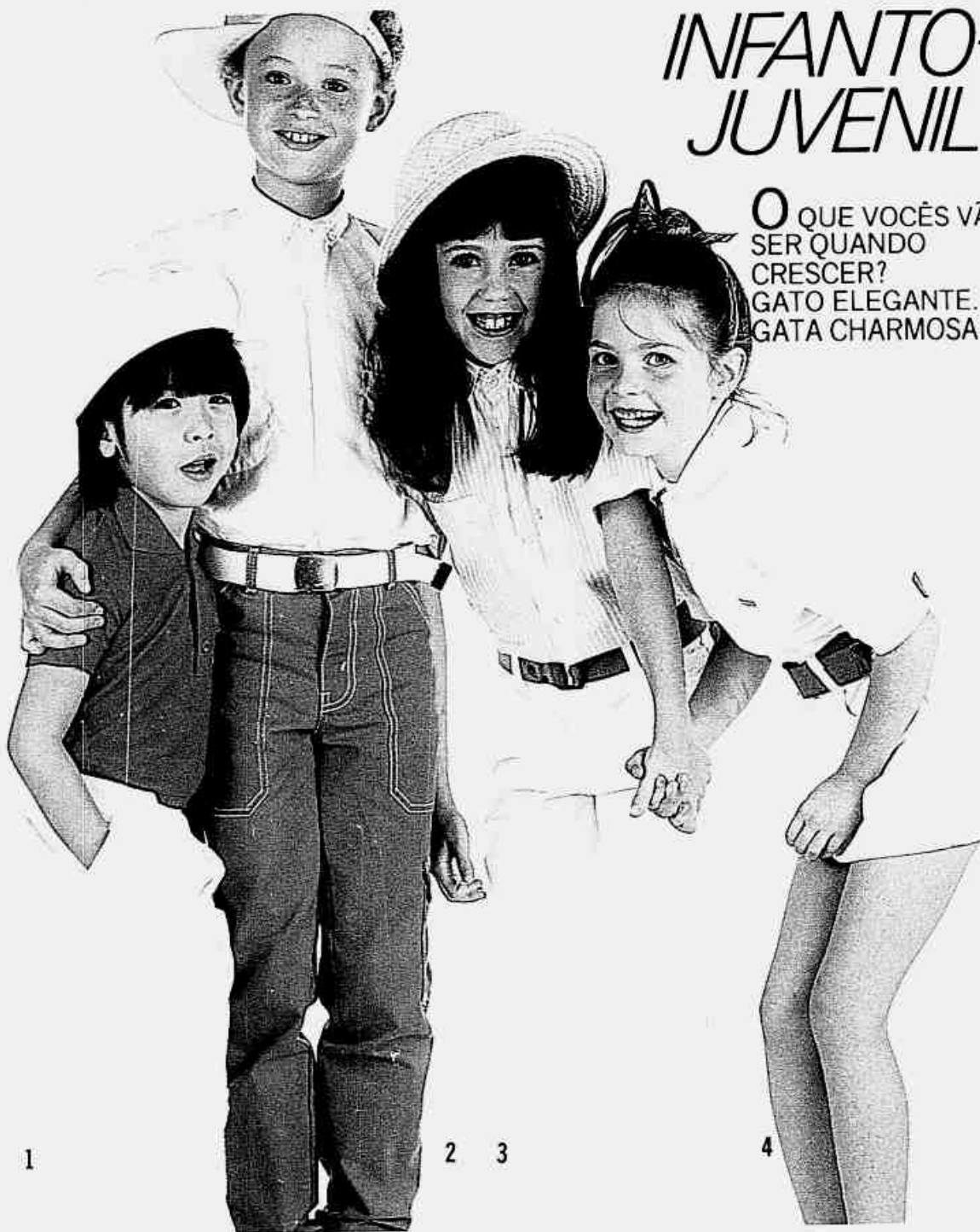
ETNO
LEVI'S CLIP
1
2

3
4
1 - Calça 564 30
Cinto 846 52
Camisão 60 618 17
2 - Calça 562 65
Cinto 846 52
Camisão 60 618 17
3 - Calça 561 71
Cinto 846 52
Camisão 60 618 17
4 - Conjunto malha
32 570 99
UM POUCO DE
ÁFRICA, DE EGITO,
DE AGITO.
E A TRIBO ESTÁ
VESTIDA.
Levi's
Levi's

COUNTRY
LEVI'S CLIP
A VIDA NO CAMPO
E ALGO MAIS: O
ROMANTISMO.

1 Calça 30 617 19
Camisa 32 700 57-80
Cinto 840 32
Suspensório 878 12
2 Jardineira 573 25 03
Camisão 60 611 28
3 Jardineira 30 691 19
Camisa 32 702 50
Cinto 844 36
2
3
Levi's ®

INFANTO-JUVENIL

O QUE VOCÊS VÃO SER QUANDO CRESCER?
GATO ELEGANTE.
GATA CHARMOSA.

1 2 3 4

1 - Calça 395 26
Polo 224 99

2 - Calça 425 20
Cinto 893 15
Camisa 161 50

3 - Calça 410 52
Camisa 161 83

4 - Minissaia 330 19
Cinto 893 15
Polo 224 99

QUALIDADE NUNCA SAI DE MODA.

CADERNO DE
QUADRINHOS
Nº 544 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 14 de setembro de 1986 Não pode ser vendido **separadamente**

PEANUTS
estrelando
Charlie Brown e sua patota

KID FAROFA

T.K. Ryan

BELINDA
de DEAN YOUNG

HA-HA... NINGUÉM VAI ME RECONHECER!

GARANTO QUE VENCEREI O CONCURSO DO BAILE DE FANTASIAS!

E ENTÃO? QUE ACHA?

FABULOSO! ADOREI SUA FANTASIA!

DEVEM SER PARENTES DO ADALBERTO...

EI, VEJAM AQUELE PALHAÇO!
© King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

QUEM É?
NÃO SEI...

ALGUÉM CONHECE ESSE PALHAÇO?
EU NÃO!
NEM
NEM EU!

QUEM É VOCÊ?

CALMA... O CONCURSO
FANTA-
SERÁ
POUCO!

VOU VENCER FÁCIL... NINGUÉM DESCOBRIU QUEM SOU!

EI, ADALBERTO! GOSTEI DA FANTASIA!

ZECA TATU
QUE É ISSO, ZECA? VOCÊ PODE ARRANJAR UM BOM EMPREGO!
AH, TAPIOCA, PRA ISSO EU DEVIA CONHECER MATEMÁTICA!

DEIXA COMIGO! NISSO EU SOU CRAQUE!
VOCÊ ME ENSINA MESMO?

VAMOS VER COMO VOCÊ ESTÁ NAS CONTAS, ZECA. RESPONDA: KIKO TEM 4 BALAS...

E DONA'NINHA TEM 3. KIKO PEGA AS BALAS DA MÃE E FICA COM...?

...COM...?
...TENTE!

HUM, DEIXA EU VER UMA MAIS FÁCIL... VOCÊ TEM 6 BATATAS...

E QUER DIVIDIR ENTRE TRÊS PESSOAS. O QUE É QUE VOCÊ FAZ?
UM PURÊ!

AHN... PARABÉNS...
VOCÊ TEM RAZÃO TAPIOCA! EU NÃO ESTOU TÃO MAL ASSIM!

O QUE É QUE VOCÊ TÁ OLHANDO? TINHA CORAGEM DE ESTRAGAR A ALEGRIA DELE?

ZEZÉ

CONTA...PROPAGANDA...CONTA... "VOCÊ ACABA DE GANHAR UM..." ETC.

ALGUMA CARTA BOA?
AS DE SEMPRE!

MAIS CATÁLOGOS!
ESTÃO FICANDO INCREMENTADOS!

CATÁLOGOS TÊM CADA PORCARIA!

OLHA SÓ: CÂMERAS, VÍDEOS, JÓIAS, SAUNAS, DIAMANTES...
TUDO MUITO CARO!

ESSES CATÁLOGOS SÃO DO TIPO "BRINQUEDOS PRA ADULTOS"!

POR QUE ESTAMOS RECEBENDO TANTOS DELES ULTIMAMENTE?
ENTRAMOS EM ALGUMA LISTAGEM!

COMO?
COMPREI UMA ESCOVA DE DENTES PELO REEMBOLSO POSTAL O MÊS PASSADO!
DIK BROWNE

MAURICIO
Cebolinha
PULA, FLOQUINHO!
635

MUITO BEM!

SENTADO!

DEITADO!

COLENDO!

POR HOJE, CHEGA!
CACHOLINHO INTELIGENTE!

FLOQUINHO

© 1986 MAURICIO DE SOUSA PROD.
FIM

MAURICIO
HORÁCIO
OI! SABE ME DIZER PRA QUE LADO FICA O LAGO?
1090

QUAL É A TUA, BICHO?

AH! VOCÊ TAMBÉM ME ESTRANHOU, É?
NÃO LIGUE, NÃO!...
ESSE MEU PESCOÇO EM FORMA DE CORAÇÃO TEM ME CUSTADO VÁRIOS PROBLEMAS!
© 1986 MAURICIO DE SOUSA PROD.

AS GAROTAS ACHAM QUE ESTOU COM OUTRAS INTENÇÕES!
VOCÊ ME ESTRANHOU!
E TUDO SÓ PORQUE MEU PESCOÇO É ASSIM!

NÃO DÁ PRA VOCÊ MUDAR O "DESENHO" DO PESCOÇO?
NUNCA?
NÃO!
NEM FAZENDO UMA FORCINHA?

AH, MUNDO ESQUISITO!
QUE ACEITA TANTOS SÍMBOLOS DA VIOLÊNCIA...
...E ESTRANHA UM SINAL DE AMOR!...
FIM

FRANK E ERNEST®

A ARCA DOS BICHOS

MAIS UMA SAIDEIRA!
SAIDEIRA MESMO!

HIC! VOU QUERER OUTRA SAIDEIRA!
É MESMO? EU TAMBÉM!

ESTÁ TARDE! VOU TER PROBLEMAS EM CASA DE NOVO!
NUM VAI NÃO! HIC!

SANTINHA DISSE QUE A PRÓXIMA QUE EU APRONTASSE IA LEVAR!
CASCATA DELA!
FRANK JOHNSON 9-14

JÁ VAMOS SABER.
Ó DE CASA!
É MEU DOCE DE COCO?

ACHO QUE TÁ TUDO BEM!

ZONK!

ELA BATEU NELE COM QUÊ?
UM VIDRO DE DOCE DE COCO!

FÊMUR
HECTOR SAPIA

E AQUI ESTAMOS NÓS, MAIS UMA VEZ, INICIANDO NOSSA HISTORINHA...
E COMO SEMPRE, NÃO NÃO IRÁ ACONTECER NADA DE NOVO...
NEM NESTE, NEM NO PRÓXIMO QUADRINHO.
O CURIOSO É QUE AINDA TEM GENTE QUE ACOMPANHA E ACHA GRAÇA NISSO!
SAPIA 424

GARFIELD
SE VOCÊ ESTÁ AQUI, ESTÁ PERDIDO!

EPA!
OLHA, TURMA! UM GATINHO INDEFESO!

AU! AU!
PERA AÍ! ELE LATE QUE NEM UM CACHORRO!

ARF! ARF! ARF!
E ELE FAZ ARF QUE NEM CACHORRO!

SALVE-SE QUEM PUDER! AÍ VEM A CARROCINHA!
GRAAAU! GRAAU!

PURRR
SCRATCH SCRATCH
MIAAAU!
NÃO HÁ JUSTIÇA NO MUNDO!
© 1986 United Feature Syndicate, Inc.
JIM DAVIS 9-14

MARVIN®
by Tom Armstrong

XI!

TEM ALGUMA COISA NO MEU QUARTO!

NÃO VEJO NADA, MAS ESCUTO SUA RESPIRAÇÃO!

DEVEM SER UM ASSASSINO!

GULP! OU ENTÃO DOIS ASSASSINOS!

AAAUUGH!!
9-14

VÊ SE PARAM DE ENTRAR DE FININHO NO MEU QUARTO PRA VER SE ESTOU DORMINDO!

POUPANÇA COR-DE-ROSA

Feijão Uberabinha Sendas kg **11,30**

Arroz Agulhinha Joãozinho kg **6,90**

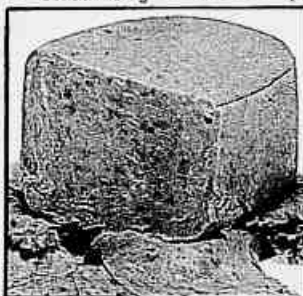
Arroz Macerado Q Rende kg **7,20**

Farinha Fina Neguinho kg **3,20**

Açúcar Cristal dR kg **3,56**

Farinha de Trigo Boa Sorte kg **2,68**

Café Canaan kg Oferta Filtro de Papel c/40 Unid. **84,00**

Apresuntado Campinas Especial kg **28,30**

Presunto Cozido Tradicional Pena Branca kg **52,50**

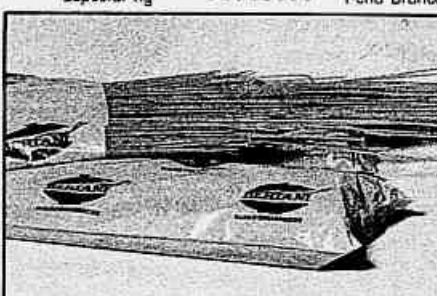
Queijo Parmezão Corte kg **[illegible]**

Margarina Flor pct. 400 g **5,24**

Moc Alimento Achocolatado 500 g **11,00**

Nescafé Tradição 200 g **58,00**

Creme de Leite Glória 300 g **7,10**

Espaguete Bertani Vitaminado 1 kg **4,80**

Azeite Castelo de Alvear 500 ml **21,00**
200 ml **10,40**

Óleo de Soja Violeta 900 ml **7,14**

Gelatina Dietética Sucaryl Leve 6 Pague 5 **14,90**

Puro Pure Etti 520 g **4,20**

Gelatina Royal 85 g (Todos Sabores) **2,10**

Mel de Abelhas Fazenda das Rosas 320 g **11,20**
420 g **13,60**

Leite de Coco Socôco 200 ml **4,90**

Palmito Fiesta Vidro 250 g **14,70**

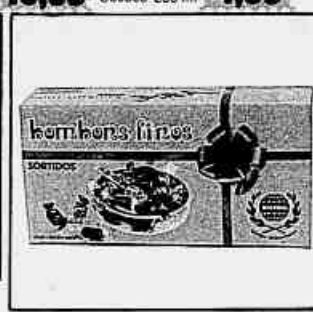
Extrato de Tomate Rosa Lata 370 g **4,70**

Salsicha Bordon Tipo Viena 180 g **5,90**

Ron Montilla Carta Prata e Carta Ouro **29,80**

Cominho em Pó Comendador 40 g **2,95**

Sardinha Pescador Lata 135 g **4,60**

Biscoitos Amanteigados James 500 g **6,20**

Bombons Finos Sortidos Bhering 500 g **28,60**

Supra Sumo Laranja Leve 4 Pague 2 **5,30**

Bala Topsy 1 kg **15,90**

Bombons Danny c/50 **13,40**

Delicado e Jujuba Q-Refresko c/50 **36,90**

COSME E DAMIÃO É NA SENDAS

CHEGOU O CONCURSO DA POUPANÇA COR DE ROSA

AGORA SEU TALÃO DE COMPRAS VALE O CARRO GIGANTE SENDAS CHEIO DE ALIMENTOS!
Ganhe um cupom p/cada 150,00 Cruzados de compras, preencha, coloque na urna em qualquer filial Sendas e concorra toda semana. Você pode ser um dos seis contemplados na semana. Entre nessa p'ra GANHAR!

Sorteio toda quarta-feira às 18:00 horas em rede de televisão

Vinho Dom Bosco Tinto Seco e Suave 900 ml **11,90**

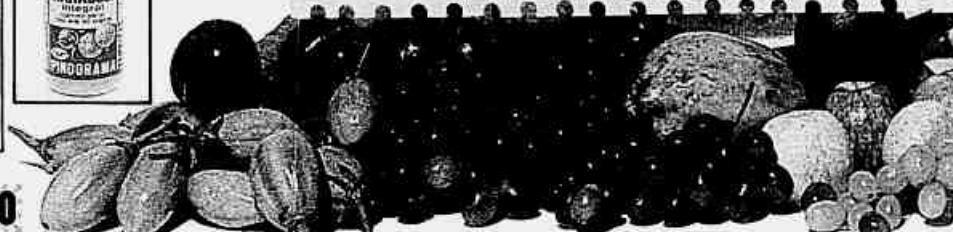
Conhaque Dreher 970 ml **22,20**

Aguardente 3 Fazendas 600 ml **4,90**

Vinho Schwarze Katz Fino Branco Suave 750 ml **22,00**

Suco de Maracujá Pindorama 500 ml **15,90**

Abóbora Corte kg	1,92	Beringela kg	5,80
Cebola Especial kg	4,50	Laranja Natal Dz.	5,40

Mamão Havaí Unid. Oferta Especial

ALIMENTO O MELHOR INVESTIMENTO PARA SUA FAMILIA.

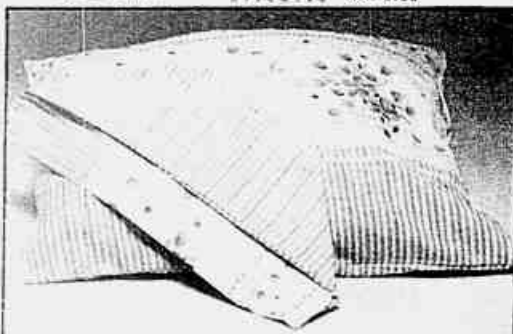
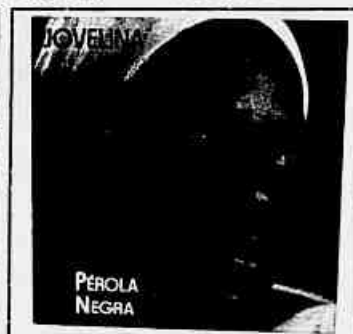
OFERTAS VÁLIDAS DE 15/09/86 À 20/09/86 OU ENQUANTO DURAREM NOSSOS ESTOQUE. APÓS ESSE PERÍODO OS PREÇOS VOLTARÃO AOS VALORES TABELADOS OU CONGELADOS

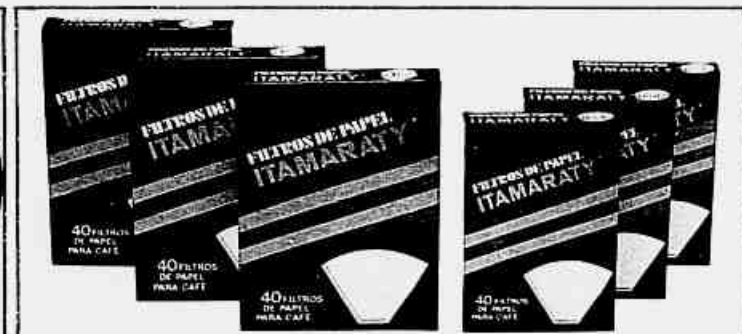
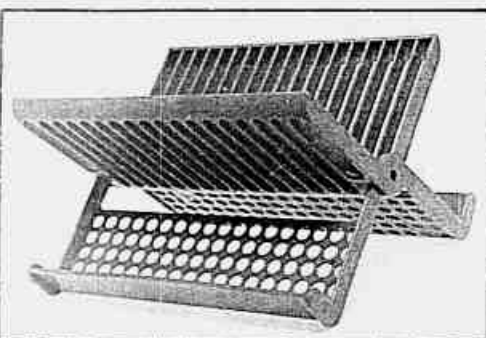
Este Encarte é Parte Integrante dos Jornais O Globo, Jornal do Brasil, O Dia e O Fluminense Edição de 14/09/86 Distribuído Internamente em todas as Filiais SENDAS.
BLOCH EDITORES S.A.

Soutien Anabel Jersey P.M.G. **20,50**

Biquini Anabel Jersey P.M.G. **20,50**

Cortina p/Box Brintécnica 1,40 x 1,60 Ref. 9100 **37,80** Ref. 9200 **42,50**

Meia Sok Penalty Sortida **11,50**

Fronha Teka Lisa/Est. c/2 **37,80**

LP Jovelina Perola Negra Ref. 3086107 **45,80**

LP Grandes Sucessos de Ray Charles Ref. 530042 **59,80**

Filtro Itamaraty Grande **6,00** Pequeno **3,90**

Secador de Pratos Ventura **59,80**

Balde Flex-A 10 Litros **19,80**

Saco Lixo Dover Roll Econômico 100 Litros c/5 **5,20**

60 Litros c/10 **5,20**

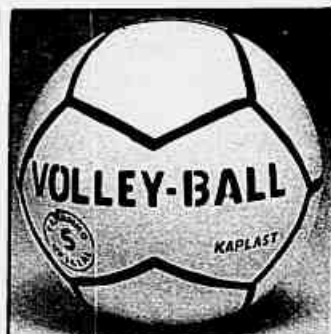
40 Litros c/10 **3,38**

20 Litros c/20 **3,38**

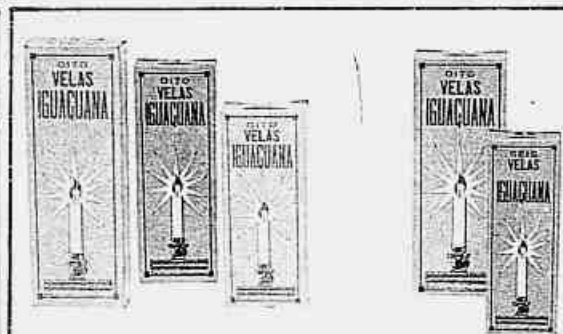
Pick-Up Cross Plastilindo Ref. 129 **29,00**

Fuscão Plastilindo Ref. 110 **13,40**

Barbie Hair Plus Estrela Ref. 105256 **315,00**

Boneca Estrela Bilu Bilu Ref. 109277 Ref. 109278 **959,00**

Bola Kaplast Volley Ref. 740 **27,30**

Boneca Kaplast Meu Amor c/Carrinho Ref. 5901 **192,00**

Toalhas de Papel Scottex Cores e Decorada **7,80**

Velas Iguaçuana

N. 1 **1,10**

N. 2 **1,50**

N. 3 **1,70**

N. 4 **2,20**

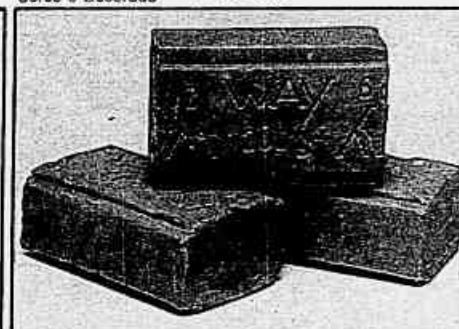
N. 5 **2,50**

Velas Redentor Votiva Grossa **5,50**

SOMENTE NAS LOJAS COM DROGARIA

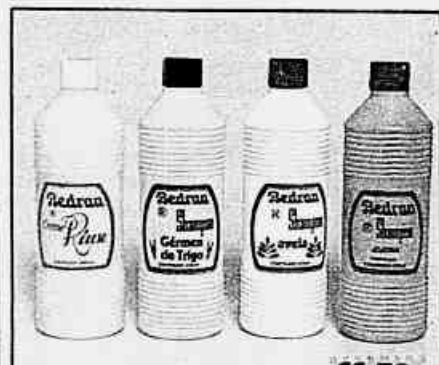
Naldecon Xarope 60 ml	4,30
Espasmo Silidron AD. Gotas	5,75
Espasmo Silidron Ped	6,15
Biotonico Fontoura 600 ml	9,95
Dermil Pomada 20 g	9,60
Dohl Gotas 10 ml	5,80
Pertonico 300 ml	11,35
Vitasay 10 mg	24,80
Isordil Subl. 5 mg 24 cp	4,10
Isordil 10 mg 24 cp	6,60
Propranolol 40 mg 40 cp	6,45
Propranolol 80 mg 20 cp	4,25
Stugeron 25 mg 30 cp	15,40
Stugeron 75 mg 30 cp	22,70

Papel Higiênico Solar c/4 **5,70**

Fósforos Olho Pct. c/10 **1,80**

Sabão Way Tablete 200 g **1,45**

Desinfetante White 500 ml **2,40**

Desodorante Mistral Spray 90 ml **3,15**

Talco Pom Pom 160 g **6,20**

Creme Rinse Bedran 500 ml **11,70**

Shampoo Bedran 470 ml **9,80**

Shampoo Karina 500 ml **7,50**

Colonia Contouré 100 ml Tradicional e Alfazema **11,95**

Sabonete Lux Comum 90 g **1,60**

Cotonetes Johnson c/150 Unid. **12,60**